COLLECÇÃO

DE

MONUMENTOS INEDITOS

PARA A HISTORIA DAS CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES,

EM AFRICA, ASIA E AMERICA.

PUBLICADA

DE ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS, E BELLAS LETTRAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

TOMO III.

1.ª Serie.

HISTORIA DA ASIA.

LENDAS DA INDIA

POR

GASPAR CORREA

PUBLICADAS

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

LIVRO TERCEIRO

QUE CONTA DOS FEITOS DE PERO MÁSCARENHAS, E LOPO VAZ DE SAMPAYO, E NUNO DA CUNHA.

EM QUE SE PASSARÃO 17 ANNOS.

TOMO III.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1862.

PO MAȜ CARE NHAS

PROLOGO.

JESUS.

Muy grande primor, e muy acertada cousa he os valerosos e grandes Principes e Reys terem loquentes cronistas em seus tempos, pera escreuerem, notarem testificando, os aquecimentos de males e bens, pera mór merecimento de suas grandezas; porque mandando escreuer os males se emendem os que depois vierem, e assy escreuendo as bondades tomem voluntario emxempro, cobiçando galardão dos louvores que achão dos passados. Do que os prudentes escriptores, verdadeiros cronistas, tomão tanto gosto de boas cousas escreuer, que com suas penas no papel as ajudão e aleuantão, quanto podem, com suas boas oratorias, em gostosos estilos e modos cordeaes de grandes louvores que sejão apraziues aos letores, pera milhor e mayor incitamento dos grandes animos das pessoas generosas, que lhe causão pungimento d'altos espritos, desejosos pera móres feitos, e de sy deixarem mais altos louvores. Do que se m'entolha, que nom faltará galardão de Deos aos que escreuerem as cousas alhèas, a este fim e tenção de auer de Deos este galardão. Ao qual desejo, e com muyta obrigação, mais que todolas nações do universo, s'encrinarão a nação portuguesa, com entranhauel desejo * de * sobrepujar a seus antepassados; e com este grande zelo, tomando grandes emprezas de muy perigosos trabalhos, assy como forão os de dom Vasco da Gama no descobrimento da India, por de seus feitos deixarem cobiçosas famas. Na qual enueja de tão altos merecimentos, muytos de nossos portugueses tanto

trabalharão, com arriscados perigosos yspirimentos de suas vidas, que indaque muyto fizerão sempre descontentes ficarão, por nom satisfazerem os grandes desejos da muyta valentia de seus corações, parecendolhe melhor o alheo, que o seu: do que obrigatorios á nobreza de suas linhagens sempre se hão por enuergonhados por nom alcançarem o desejo de suas vontades, *e* nom querem ouvir nem que outrem falle de seus feitos; e por isso em mór primor que os Romãos, que de muy somenos feitos se triumphauão e punhão estatuas e letras memoraues, tomando pera sy honras e louvores de seus feitos, que per ventura lhe nom forão per outrem julgados; o que tão estranhado he, na nossa patria, algum se gabar de seus feitos, por gloriosos que sejão.

Polo que, os gloriosos Reys de Portugal, auendo que nom fazião nada, nom fazião conta nem memoria de seus gloriosos feitos, porque lhe nom satisfazião os altos pensamentos de seus varonis corações; polo que nom ouverão por bem mandar escreuer e caronizar suas grandes cousas, tão milagrosas no querer de Deos, como se aquecerão em seus dias no principio do reynado de Portugal: polo que ficarão em esquecido, até o tempo d'ElRey dom Manuel de gloriosa memoria. O qual mandando renouar as sepulturas velhas dos gloriosos Reys seus antecessores, que estauão no mosteiro de santa cruz de Coimbra, desejoso *de* reçositar e memorar seus altos feitos, mandou a Duarte Galuão, seu cronista mór, que com muyto cuidado trabalhasse, buscando o tombo de seu antigo cartorio, e ajuntasse e fizesse cartorio nouo de breue sumario das vidas e feitos dos Reys seus antecessores. O qual nello trabalhando, com papés podres, velhos, e pedaços, ajuntou e fez huma breue lenda d'ElRey dom Afonso Anriques, que nom foy a deicima parte do que deuia ser, segundo forão grandes e muytos seus milagrosos feitos, pois mostrou sinaes de muytas feridas em seus peytos, na requesta que teue com o delegado, que elle foy tomar no caminho, que se tornaua pera Roma deixando escomungado Portugal; como se contém em sua lenda, em que se nom faz menção de pelejas em que fosse ferido, de que tinha os sinaes. O que Nosso Senhor acrecentou com seu grande poder, que mostrou no campo d'Ourique, onde se lhe mostrou posto n'aruore da cruz; dandolhe o vencimento dos cinqo Reys mouros, com mortindade de tantos infiés; de que tomou os cinqo escudos com os pontos dos trinta dinheiros, como se contém nas reaes quinas de Portugal. E por elle, o primeyro Rey de Por-

tugal, Nosso Senhor quis mostrar em pronosticos, videntes profecias, o que auia de ser. O qual fez na sé de Coimbra de seu poder osuluto, per Deos ispirado, hum bispo homem preto de nação; sinal em que Nosso Senhor mostrou que auia de ser, depois tantos annos, que do Reyno de Portugal no Reyno do Manicongo em gentes pretas fòsse sua santa fé enxalçada, com cesardotes letrados pregadores, gente preta, tão dotos e cientes em nossa santa fé; mostrando Nosso Senhor por elles estas outras tantas gentes christãs, tão ocultas, metidas na Tyopia, que tinha pera nos mostrar nas terras do Preste João, que por sua misericordia temos visto. E por seu querer, n'estas partes, per ensinança de Nosso Senhor, já temos dos naturaes gentios pagãos, alumiados do espiritu santo, letrados pregadores, que aos seus propios naturaes, em sua lingoa, lhe ensinão e mostrão suas erroneas seytas, acrarandolhe nossa santa fé.

No qual trabalho andando Duarte Galuão, em ajuntar e cronizar as ditas lendas, ElRey o enuiou por embaixador ao Preste João, em companhia d'outro embaixador que o mesmo Preste lhe mandára. Polo que fiqou seu encargo a Ruy de Pina, a que ElRey deu o cargo de Cronista mór, que tambem fez e ajuntou, per os papés velhos do tombo, algumas lendas dos ditos Reys, e de cada hum pouqa cousa, por tudo estar esquecido e perdido, por nom auerem costume de os Reys terem cronistas que escreuessem suas cousas; que forão tantas, como se passarião em tantos annos de reynados de tão famosos Reys.

E por assy estar em antigo costume em nossa patria portugueza, e terem que he ponto d'abatimento de alguem falar louvando seus feitos, por grandes que sejão, por tanto nom ouue alguem, [1] *que* tomasse por gloria escreuer e cronizar o descobrimento da India, tão milagroso, e [2] *depois suas* conquistas, feitas per tão illustres capitães, em tantos feitos dinos de muyto louvor, que se ficassem em esquecimento seria tirar a Nosso Senhor os tantos louvores como lhe por ysso somos deuedores, por tão milagrosos feitos, que cada dia parecem em nossas mãos acabados, por sua grande misericordia, em seu santo louvor, pola tão sublimada honra de Portugal; de que o nome dos portugueses com muy alta fama he notado por toda a redondeza do mundo, que já casy toda temos descuberta; começando o descobridor da India, então chamado Vasco

[1] *nem* Autogr. [2] *depois em suas* Id.

da Gama, homem de nobre geração, que depois n'ella acabou seus dias entitolado conde almirante do mar indico, Visorey d'ella, o qual, offerecendo a vida a tão grandes perigos, nauegou este descobrimento d'ella com olhos fechados, sem nenhuma ensinança nem saber, sómente o que lhe Nosso Senhor aprouve mostrar, nauegando os mares e ventos nunqua per nenhuma nação sabidos. Passando medonhos perigos da morte, aprouve a Nosso Senhor que deu cabo n'este tão alto feito; cousa de que esperaua Nosso Senhor seu santo seruiço. E o passou a estas pártes da India, que se nomeaua como por sonhos, a qual aprouve a Nosso Senhor nos otorgar pera seu santo louvor, como hoje em dia parece.

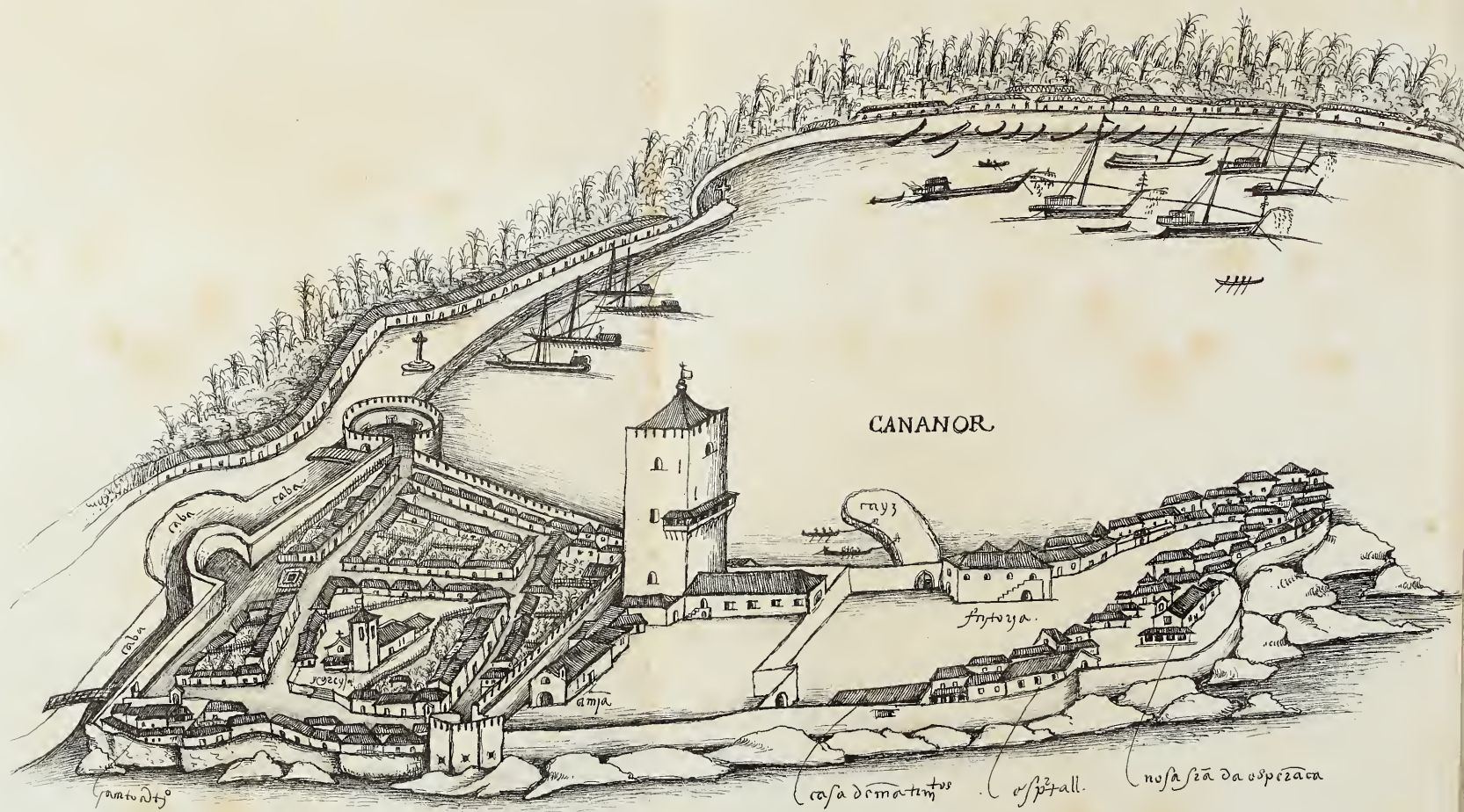
E por algum pouqo que meu rudo entendimento pôde alcançar, com vontade nacida em mim satisfazendo meu desejo, crecido de hum caderno que me veo ter ás mãos, que fez hum degredado que veo com dom Vasco da Gama no descobrimento, perguntando per os portugueses mais antigos na India e a muytos gentios em Cananor e em Cochym, fiz este breue sumario de lendas, em que entitoley o primeyro liuro do começo do descobrimento da India feito per dom Vasco da Gama, que aprouve a Nosso Senhor darlhe no coração forteleza que nom tiuesse temor á morte, porque muytas vezes passou em muy espantosos perigos do mar, e na terra antre infieis e gentios, até tornar a Portugal dar testimunho de seu tamanho feito, que ElRey dom Manuel lhe gratificou com as merces conformes [1] a tamanho seruiço, como em sua lenda he decrarado. O que ElRey logo ajudou e acrecentou com outras armadas em cada hum anno, com gentes nauegantes e capitães, que correrão polas carreiras do descobridor até o anno de 1505 que passou á India o primeyro Gouernador que [2] * estiuesse * na India, e assentasse os alicerces d'esta tamanha obra, que foy dom Francisco d'Almeida, intitulado o primeyro Visorey da India; homem muy perfeito pera tudo quanto compria ao seruiço de Deos e bem de Portugal.

Este dom Francisco fez os seruiços e obras que em sua lenda se contém, com que muyto glorifiqou o nome dos portugueses, cometendo os Reys e senhores das terras com amigauês pazes d'ElRey de Portugal;

[1] Na mesma lettra do original, mas com differente tinta, se acha escripta a palavra *nam* entre *merces* e *conforme*, ou *conformes*, segundo escreveram depois, accrescentando um *s*. [2] * estiue * Autogr.

o que elles nom querendo, e engeitando, os guerreaua e destroya a fogo e sangue: e fez os illustres feitos, que em sua lenda se recontão, em quatro annos que n'estas partes militou. E após elle gouernou a India Afonso d'Alboquerque, illustre barão, que muyto acrecentou a obra começada, tomando cidades e terras per força d'armas a fogo e sangue, fazendo e [1] *fortificando famosas* fortelezas, sogeitando grandes honras e proueitos ao senhorio de Portugal; e no dito seruiço acabou seus dias. E enteruco na gouernança da India, mandado por ElRey, Lopo Soares de Meneses [2], nobre fidalgo, que tres annos gouernou, e se tornou ao Reyno. Dos quaes tres Gouernadores seus feitos e socessos no dito liuro reconte y, e escreui seus feitos quanto côm verdade pude alcançar; e se ouve falta foy em dizer menos dos louvores de seus merecimentos, dos trabalhos, de suas forças e valentias, assy dos mayores como dos menores, assy dos naturaes, como estrangeiros que á India passarão em nossas armadas, cobiçosos de ganharem a fama que corria dos muy valerosos feitos da India, desejando ser parceiros [3] *e dizerem d'elles o que ouvião dos portugueses, de tamanhas honras, como todo largamente no dito liuro se contém; e como ora, com ajuda de Nosso Senhor, espero fazer n'este segundo liuro, postoque o trabalho, de tantas cousas de tantos auer d'escreuer seus bons feitos e defeitos, he perigoso trabalho que pera mim tomey. O que sómente faço com incrinação do louvor dos bons, e dos maos *recontar* seus merecimentos, obrigado ás sentenças e auêssos que darão os pareceres alheos, pedindome a rezão, que lhe nom saberey dar, *de* qual foy a causa d'este trabalho tomar, que com rezão se póde chamar ouciosidade, por a mim nom ser obrigação alguma pera tal trabalho emprender: o que tudo ponho nas mãos do meu Senhor Deos, com esta alma pecadora, que perdoe meus pecados; pois lh'aprouve padecer polos pecadores errados, d'esta minha alma pecadora se queira amercear, por sua grande misericordia. Amen.

[1] *fortificando com famosas* Autogr. [2] O verdadeiro nome d'este governador é Lopo Soares de Alvarenga. *Goes*, *Chron. delrei D. Man.*, P. III, cap. LXXVII, e P. IV, cap. II. Era filho de Ruy Gomes d'Alvarenga, chanceller mór d'elrei D. Affonso V, segundo *Barros*, *Dec.* I. Liv. VII, cap. IX. [3] Seria mais claro escrever **e que dissessem d'elles os tamanhos louvores que ouvião dar aos portugueses; como todo etc.*

CANANOR
caba
caba
caba
rayz
feitorya
ygreja
amja
casa de matim^tos
osp^ttall.
nosa sra da esperaça
santo ant^o

JESUS.

No segundo liuro é recontado os illustres feitos que fizerão os Gouernadores Afonso d'Alboquerque, Lopo Soares, que socedeo na socessão da gouernança, e após elle Diogo Lopes de Sequeira, e dom Duarte de Meneses, dom Vasco da Gama, conde almirante Visorey, e dom Anrique de Meneses, que foy o primeyro Gouernador feito na India per cartas de socessões. Com o qual he acabado o dito segundo liuro, começado no anno de 1509, acabado no anno de 1526, que são dezesete annos, como per elles parece.

CAPITULO I.

DE COMO LOPO VAZ DE SAMPAYO FOY FEITO GOUERNADOR, NA AUSENCIA DE PERO MASCARENHAS, PROUEO AS CAPITANIAS DE VARIAS FORTELEZAS, DESBARATOU OS MOUROS NO RIO DE BACALOR, E SE FOY ENUERNAR A ORMUZ [1].

Já contey como em Cananor, onde faleceo o Gouernador dom Anrique e foy aberta a primeyra socessão dos Gouernadores, foy achado Gouernador da India Pero Mascarenhas, que estaua por capitão na forteleza de Malaca. E porque a monção em que elle auia de vir era longe e a India

[1] Suppriu-se a falta do summario d'este capitulo e sua numeração.

nom podia estar sem Gouernador, ordenando os capitães e fidalgos enleger Gouernador per vozes, que gouernasse até vir Pero Mascarenhas, ouve antre elle deferenças e duvidas, com que se nom concordarão, e se partirão e forão a Cochym pera determinarem e auerem concrusão no que auião de fazer ; porque huns dizião que enlegessem Gouernador por vozes, o que era grande inconuiniente, polos debates e deferenças que auia antre os fidalgos, que cada hum queria e nomeaua os seus amigos ; outros, que tinhão confiança que podião estar nomeados na terceira socessão, querião que se abrisse, que [1] *erão* dom Simão de Meneses, Heytor da Silueira, Francisco Pereira Pestana, João da Silueira, Lopo Vaz de Sampayo. Polo que, passados muytos debates, foy assentado, que por escusar duvidas, se abrisse a terceira socessão, e que a pessoa que n'ella estiuesse nomeada gouernasse, pois era da vontade d'ElRey ; e gouernaria té vir de Malaca o Gouernador Pero Mascarenhas. E n'ysto assentado, se ajuntarão dentro na sé santa cruz todolos fidalgos e vereadores, e o secretario, e védor da fazenda, com todo o pouo da cidade ; onde foy apregoado e denunciado por Gouernador da India, e dello feito auto. O que acabado, tornarão os fidalgos a grandes debates sobre o abrir da socessão terceira ; o que muytos contrariauão, apontando muytas duvidas e deferenças, que podião soceder, pera a Pero Mascarenhas lhe nom entregar a gouernança este que ora saysse por Gouernador. Sobre o que muyto debaterão e todauia concordirão que a terceira socessão se abrisse, porque d'outra maneyra por vozes se nom auia de fazer, por se escusarem malles que podião soceder. No que todos acordarão, e assentarão que a socessão se abrisse. Onde o sacretario, sobido sobre hum banquo, que todos o vião e podião ouvir, em voz alta lhes falou per esta maneyra :

« Muyto honrados senhores fidalgos, caualleiros, criados d'ElRey »
« nosso senhor, e pouo, vassalos do dito senhor, que estaes presentes n'es- »
« ta santa casa de Deos. Já sabeys que, per falecimento do Gouernador »
« dom Anrique, na fortaleza de Cananor se abrio a segunda socessão, »
« que ElRey nosso senhor pera ysso ordenou, em a qual Sua Alteza »
« nomeou por Gouernador da India o muyto manifiqo senhor Pero Mas- »
« carenhas, que sem nenhuma contradição he nomeado, aleuantado, obe- »

[1] *era* Autogr.

«decido, perfeito Gouernador da India, que ora está em Malaca. E por-»
«que d'aquy até sua vinda he necessario de força termos quem nos»
«mande e gouerne, e tenha em direita justiça; e sobre este caso ouve»
«pareceres que por vozes se escolhesse tal pessoa que gouernasse até»
«vinda do senhor Gouernador; sobre o que ouve outros pareceres em»
«contrairo, no que socederão duvidas e [1] * deferenças, concordarão *»
«todos estes senhores, que são aquy presentes, que por melhor e mais»
«seruiço de Deos e de Sua Alteza se abra a terceira socessão, que aquy»
«está; e que a pessoa que n'ella Sua Alteza nomear, seja Gouernador,»
«em ausencia do senhor Gouernador Pero Mascarenhas. Polo que a to-»
«dos vos requeiro, da parte d'ElRey nosso senhor, que digaes se sois»
«contentes que se abra esta terceira socessão.» Ao que todos bradarão que si, que se abrisse.

Do que se fez logo aly hum auto pubrico, per hum tabellião, em que assinou o capitão Lopo Vaz, e védor da fazenda, e João do Soyro ouvidor geral da India, e até vinte fidalgos, os principaes que ally erão presentes, com os vereadores.

E todos assinados, então o sacretario tornou a dizer: «E pois, se-»
«nhores, assentaes, e affirmaes, que pera mais seruiço de Deos e do es-»
«tado da India, se abra esta terceira socessão?» Todos bradarão que si. O que todo se escreueo per auto. Então lhes disse: «Pois todos assy o»
«firmaes, compre que, * com * todo bom resguardo, e [2] * verdade, pri-»
«meyro * que se abra esta carta de socessão, aueys de dar e assinar»
«com juramento vossas menagens, que realmente, sem mais altercações»
«nem duvida alguma, todos e per todo, no alto e baixo, obedecereys á»
«pessoa que n'ella está nomeada.» Ao que todos responderão que de todo erão contentes, e era muyto bem feito, e que assy o compririão até vir o senhor Gouernador Pero Mascarenhas. Do que de todo se fez auto, em que todos tornarão 'assinar, e o secretario lhe tornou a fazer outra notificação que, sob os ditos juramentos e menages que tinhão feito, nada nom compririão nem guardarião ao Gouernador que agora saysse nomeado, sem primeyro elle, se [3] * quy estiuesse *, elle jurar e dar a menagem, sob pena de trédor aleuantado, que vindo o senhor Gouernador

[1] * deferenças que concordaram * Autogr. [2] * verdade que primeiro * Id.
[3] * quy estiuer * Id.

Pero Mascarenhas logo digistirá da dita gouernança autual, *e* pessoalmente de todo o mando lhe fará entrega e residencia, sem mais nenhuma cousa contra ysso poder alegar, nem falar, nem escreuer, nem ser ouvido de nenhuma rezão, nem demora nem cautela, sómente depois de ter assy feita a dita entrega da gouernança na hora que chegar o dito senhor Gouernador Pero Mascarenhas. «E que nom assinando, prometendo,» «jurando, com menagem em auto pubrico, que em nada lhe obedece-» «reys, e ficaes fóra de toda' obrigação pera em todo serdes contra elle» «como quem se aleuanta contra seu Rey e senhor; e que logo o pren-» «dereys em ferros, em que estará até a primeyra embarcação pera o» «Reyno; e esto todo fareys e comprirês em todo e per todo, muy en-» «teiramente. E sendo caso que vindo o senhor Gouernador Pero Mas-» «carenhas, áquelle que contra ysto for a ysso poreys todas vossas for-» «ças, com as armas e pessoas, a todo assy fazer enteiramente comprir.» O que per todos assy foy otorgado, e per auto escrito, em que todos os sobreditos assinarão.

Então, com estes izames e decrarações todo assy feito, como dito he, fazendose primeyro os izames e solinidades do abrir da socessão, como já disse, o secretario assy em pubrico abrio a terceira socessão, que era a derradeyra, que sómente forão tres. Na qual se achou nomeado por Gouernador da India Lopo Vaz de Sampayo, capitão de Cochym, que presente estaua. Onde logo aly se fez o assento e deu a menagem, com juramento em liuro missal, de tudo assy comprir ao pé da letra, como já estaua falado e ordenado; *e* o assinou em auto, que de nouo se fez, em que com elle assinarão todos os principaes fidalgos que estauão presentes: de que o secretario recolheo seus estormentos. O que tudo assy feito, o sacretario fez assento do juramento pera bem gouernar e mandar, guardando inteira justiça; e todo assy acabado e assinado fiqou Lopo Vaz de Sampayo obedecido por Gouernador, dizendo em seus aluarás e prouisões, que passaua: *Gouernador da India em ausencia do muyto manifiqo senhor Gouernador Pero Mascarenhas.* O que foi todo em 13 de feuereiro do anno de 1526.

Então o Gouernador nouo fez logo capitão da forteleza de Cochym a dom Vasco [1] *d'Eça* seu cunhado, e fez capitão mór do mar Anto-

[1] *de çaa* Autogr.

nio de Miranda, porque dom Simão se tornou pera' sua forteleza de Cananor; e a Heytor da Silueira ordenou, com tres galeões e duas carauellas, que fosse a Maçuha dentro ao Estreito buscar dom Rodrigo de Lima, embaixador que fòra ao Preste, (o que achou muyto encarregado por ElRey no regimento do Visorey dom Vasco), e lhe deu em regimento que fizesse alguma visitação 'Adem, polas falsas pazes que com elle assentára. O qual foy e trouxe o embaixador, como adiante direy. E assy mandou Jorge Cabral, com hum galeão e huma carauella e quatro fustas bem armadas, com que fosse andar ás prezas nas ilhas de Maldiua, e trabalhasse por auer as fazendas dos portugueses que lá matarão, e fizesse vigia no canal per que atrauessauão as naos que vinhão de Tanaçarim e passauão pera Meca, que leuauão grande riqueza, e fizesse vir muyto cairo a Cochym e Cananor. O qual Jorge Cabral foy, e tomou outro caminho, como adiante direy. E assy mandou Duarte Coelho em hum nauio a Malaca leuar ao Gouernador Pero Mascarenhas a carta de sua socessão, e estormentos de como era aleuantado e obedecido por Gouernador da India. E mandou por capitão e feitor pera estar nas ilhas de Maldiua hum Luiz Martins, que viera prouido por ElRey, com hum nauio e duas fustas e hum catur, e que quando se tornasse Jorge Cabral lhe deixasse duas fustas e a gente que quigesse ficar com elle. Despachou pera capitão da costa de Choramandel, Manuel da Gama, que lhe tinha dado dom Anrique, com hum nauio e quatro fustas bem armados e com gente, porque erão pera lá passados paráos de Calecut. E deu huma nao a Antonio da Silua de Menezes, com que fosse carregado a Malaca fazer seu proueito. E assy despachou Francisco de Sá com dous nauios pera hir fazer huma forteleza na Çunda. E despachou pera capitão de Maluco dom Jorge de Menezes em hum nauio, que lho tinha dado dom Anrique; e pera capitão mór do mar de Maluco Simão Galuão. Dos quaes de cada hum contarey o que fizerão. E assy despachou outras muytas cousas que comprião. E se fez prestes com armada pera hir a Goa, e se foy despedir d'ElRey de Cochym, e lhe fazer entrega da forteleza com as chaues, segundo costume.

E se partio de Cochym com toda a gente e grande armada, porque todos os que tinha despachados pera fóra nom auião de partir senão na monção, que era maio, sómente partirão os que forão pera as ilhas de Maldiua. E leuou o Gouernador muytos nauios miudos, e fustas e catu-

res, porque tinha noua que auia muytos paráos armados de Calecut; com que foy a Cananor, onde entendeo em renouar a forteleza que fizera dom Francisco de Almeida, que estaua velha e danificada, e * por * ser muyto pequena. A qual mandou derrubar, e fez n'ella huma só torre de menagem, muy forte, de tres sobrados, com varandas por fóra, e aposentos por dentro pera o capitão e seus homens; e fez huma cerqua de forte muro, com muy larga e funda caua que cortaua a ponta de mar a mar, em que dentro ficaua grande lugar pera grande pouoação. E foy a caua assy grande porque d'ella se cortaua a pedra que se punha no muro, que era de quinze pés de largo; e no meo d'este muro huma forte torre com artelharia que tudo guardaua; e no cabo d'este muro, sobre a baya, fez hum cubello redondo muy forte, com muyta artelharia que guardaua a baya; e per debaixo d'elle se fez a porta pera o raualde e pouoação dos mouros, com huma ponte de madeira sobre a caua, leuadiça. Onde assy da banda de fóra pola borda da caua se fez grande pouoação de casas de madeira, de portugueses e homens christãos da terra, com ortas; e se fez grande cordoaria, em que se fazião muytas amarras, que estauão feitas pera as naos do Reyno quando chegauão; que aquy em Cananor tomauão o gengiure e se partião pera Portugal. E tambem se fazião grandes tanques de madeira pera 'agoa pera viagem, e se fazia muyta cordoalha, porque aquy a este Cananor trazia Mamale, regedor de Cananor, cad'anno dous mil báres de cairo, á sua custa postos em terra, per contrato que com elle assentára Afonso d'Alboquerque, como já em sua lenda largamente contey.

Estas obras da forteleza assentou o Gouernador com empreiteiros, com que tudo assentou com regimento de tudo muyto concertado, com seus pagamentos de assaz pouqa despeza, porque Afonso Mexia muyto lh'encarregara que olhasse polas despezas d'ElRey que fossem pouqas, e lhe deu muytos conselhos e auisos do que auia de fazer, porque erão elles grandes amigos e * auia * antre ambos seus bons segredos, como adiante direy. E estando o Gouernador aquy em Cananor, ouve certa noua que no rio de Bacanor estauão muytos paráos carregando pimenta e mercadarias pera Cambaya, onde estauão mouros principaes de Calecut que os carregauão, e tinhão muyta gente, e estauão muy fortes se os nossos lá fossem. Ao que logo despedio dom Jorge Telo, e Manuel de Brito, e Antonio da Silua, que se fossem estar na barra do rio em guarda. O que

assy fizerão; com que os mouros, vendo que já a barra era tomada, se fortelecerão muyto pera sua defensão, atrauessando o rio com estacadas de grossa madeira, e estancias de longo do rio e sobre a barra. Onde chegado Lopo Vaz, Gouernador, dandolhe nouas de como os mouros estauão apercebidos, assentou de entrar o rio e o destroyr, e fez alardo da gente polos nauios e achou que sómente tinha setecentos homens, com que os fidalgos dizião que se nom se deuia de cometer o rio, que era muy demasiado o poder dos mouros. E ysto falauão os que querião mal ao Gouernador, e tinhão enueja de elle sayr por Gouernador, e lhe querião estoruar que nom ganhasse honra; mas o Gouernador, como queria acrecentar a honra que lhe ElRey dera, antemenhã se meteo em hum catur sem masto, e com elle alguns fidalgos seus amigos, e foy ver a entrada do rio e estancias. D'onde foy sentido, e lhe [1] * tirarão * com muytos pilouros, de que escapou por ser baixa mar e os tiros ficauão altos: com que se tornou á frota. N'esta noite chegarão dous nauios de Goa com muyta gente, em que vinhão Antonio da Silueira e Christouão de Sousa, que os deixarão e se forão em catures, com que chegarão ao Gouernador estando inda em Cananor.

Ao outro dia o Gouernador falou com os capitães todo o que vira aos mouros, e lhe dizendo que nom auia d'auer mais trabalho que em cometer, mas que entrando as estacadas, dando nas estancias dos mouros, tudo logo seria acabado, com ajuda de Nosso Senhor. Mas todauia foy contrariado de muytos que nom cometesse o rio, porque estaua certo lhe matarem muyta gente; que abastaua lhe tapar a barra e ficarem os mouros ençarrados até o inuerno, em que faria tanta perda; mas o Gouernador, que entendia suas falsas vontades, com muyta dessimulação lhes respondeo: «Depois que a India he descuberta nunqua os Gouer-»
«nadores, nem capitães que n'ella andarão, nom duvidarão * cometter * »
«os feitos trabalhosos pera acrecentar o estado da India. E pois ysto»
«assy he, má conta daremos de nós estarmos aquy tantos, com hum»
«nouo Gouernador de que ElRey confiou seu estado, e passarmos de»
«longo, e deixarmos aquy nossos imigos, com medo de suas tranquei-»
«ras; com que todos ficaremos desonrados. E polo que compre ao ser-»
«uiço d'ElRey nosso senhor, vossas mercês, os que quiserem hir co-»

[1] * tiram * Autogr.

«migo, se fação prestes com seus batés e catures, com arrombadas e» «gente prestes, porque sem duvida nós auemos de vencer estes nossos» «imigos, que aquy estão tão soberbos, que nom está em rezão d'ho-» «mens que os deixemos e vamos folgar polo mar feitos calaceiros.» Ao que nom ouve nenhum que ysto lhe contrariasse, por nom ficar falto de sua honra. E logo se ordenarão pera hir na dianteyra, Manuel de Brito, e Payo Rodrigues d'Araujo, e dom Vasco de Lima, Christouão de Sousa, Antonio da Silueira, Manuel de Macedo, todos em batés grandes, com mantas, e meos cameletes e falcões, com arrombadas d'estrens; e o Gouernador em hum catur, e toda a outra gente, que erão quasi mil homens, nos batés e catures e fustas; e todos, com trombetas e gritas, em amanhecendo, que a maré entraua pera dentro, todos remando a grã pressa entrarão o rio, que os mouros receberão com suas gritas e tangeres, e grão numero de pilouros e frechas, que entrárão os batés; com que ouve alguns feridos e mortos. Mas como a saluação do perigo era chegar aos imigos, remando com força chegarão á primeyra estancia, o primeyro Christouão de Sousa, e com elle Payo Rodrigues, e dom Vasco, que poyando em terra cometerão a tranqueira, que era muy alta e forte, com que logo cometerão os mouros com grande esforço, com que os tiros forão embaraçados, que nom tirarão. E chegando os outros batés, que a gente desembarqou, cometerão os mouros, que passauão de mil, muy armados, que pelejauão muy fortemente. No qual espaço o Gouernador passou áuante e foy dar nas estacadas do rio, onde negros remeiros, a nado, com segotes forão cortar os cabos, e com muyto trabalho os catures tirarão tres páos da estacada, com que fiqou grande aberta per que todos entrarão. Tambem na detença d'esta estacada forão alguns mortos e feridos dentro nas fustas, de huma estancia que estaua da outra banda do rio, que tiraua quatro bombardinhas. E entrando assy o Gouernador foy poyar em terra, nas costas da estancia em que os nossos pelejauão. Com que os mouros logo afrouxarão e largarão a tranqueira, pelejando fortemente com frechas, e espingardas, que tinhão muytas; mas sayndo a terra a gente das fustas e catures, que leuauão muytos espingardeiros, forão os mouros muyto apertados, ficando muytos mortos e feridos; com que forão d'arrancada acolhendose a outras tranqueiras e vallos, onde estaua a mór força d'elles, mostrandose muy fortes. Ao que o Gouernador ordenou a gente, * e * com sua bandeyra real diante foy cometer os mou-

ros, que nom ouve tiros de bombardas, senão frechas, espingardas dos mouros, e dos nossos espingardas e lanças. Onde Antonio da Silueira com dom Vasco tomarão a dianteyra, e após elles Christouão de Sousa, Manuel de Brito, Simão de Mello, Dinis de Mello, Diogo de Mesquita, Fernão Rodrigues Barba, Payo Rodrigues, Antonio de Lemos, João Pereira de Lacerda, Manuel de Crasto, Ruy Vaz Pereira. Antonio de Miranda fiqou acupado no mar com a fustalha, que foy aos paraos. Mas os fidalgos e caualleiros cometerão os vallados de tanta força que os entrarão, e puserão os mouros em fogida, que se colherão pera o lugar, que era grande. Ao que o Gouernador reteue a gente, * e * nom consentio que fossem dar no logar, nem o queimar, por ser d'ElRey de Bisnegá.

Antonio de Miranda deu nos paraos, em que pòs fogo, que estauão juntos encadeados com tranqueira, com muytos mouros, que determinauão de os defender, tirando muytos tiros que tinhão, e logo fogirão pera terra, vendo os outros fogir da tranqueira. E arderão setenta paraos, e huma grande casa d'almazem em que tinhão suas monições, que tambem estaua chea de pimenta e drogas pera carregar; de que os nossos nom souberão senão quando o virão arder. Forão aquy tomadas cento e trinta peças d'artelharia de ferro, grossas e miudas, que erão dos paraos; que a mais d'ella o Gouernador mandou deitar no mar, porque nos nossos nauios nom seruião.

Aquy forão mortos quatorze portugueses e feridos mais de cento de frechas e espingardas, e muytos negros remeiros. O que assy acabado, com ajuda de Nosso Senhor, o Gouernador esteue até tornar a encher a maré, fazendo muytos caualleiros que lho pedirão; e com a maré se tornou e recolheo n'armada, em que os feridos forão muyto prouidos do necessario: e depois foy sabido que aquy forão mortos passante de oitocentos mouros no campo, afóra os feridos, mas a perda dos paraos foy muy grande, e de suas artelharias, que lhe nom ficauão outras com que se tornassem 'armar. E com esto feito o Gouernador se foy caminho de Baticalá.

Aquy em Baticalá era já sabida a noua de Bacanor; com que o Rey logo lhe mandou grande presente de cousas de comer. Onde no lugar avia muyta fázenda, que carregauão naos de mouros pera Ormuz. O Gouernador era proue, e tinha muytos parentes a que nom podia fazer riqos,

e aconselhado de seu entendimento, nom sabendo quanto lhe duraria o mando, assentou de hir a Ormuz enuernar, pera fazer seu proueito; e ordenou doze nauios grossos, que repartio por esses fidalgos que sentio que erão seus amigos, e a seus parentes; e mandou fazer carregação, aquy em Baticalá, de arroz, açuquere, ferro; e mandou a Cochym ao védor da fazenda, em que lhe mandou pimenta e drogas d'ElRey pera leuar, e muyto gengiure; e deixou dando auiamento a esta carregação, e se foy a Goa pera d'ahy partir pera Ormuz, que era já tempo. Onde deu a capitania a Antonio da Siluelra, porque Francisco de Sá, capitão, elle tinha despachado pera hir fazer huma forteleza a Çunda; e porque Francisco de Sá lhe fez grandes honras e recebimentos, lhe deu mais nauios e gente pera hir fazer sua forteleza. E tambem despachou pera Bengala Ruy Vaz Pereira a hir fazer seu proueito. E estando o Gouernador assy em Goa, se apercebendo pera Ormuz, lhe foy muy contrariado sua hida por esses fidalgos que lhe tinhão má vontade, dizendo que nom se deuia hir da India estando Calecut de guerra, e com noua de vinda de rumes; que se deuia de concertar e ter 'armada prestes pera o que comprisse. O Gouernador nom tomaua estes conselhos d'estes homens, porque sabia que nom erão seus amigos, e profaçauão d'ElRey o fazer Gouernador; e lhes respondia que bem sabia o mal que Calecut podia fazer; que elle o deixaria prouido como compria. E quanto aos rumes elle tinha certeza d'elles que nom vinhão; e compria hir a Ormuz assentar ElRey e o pouo, que estaua diferente com Diogo de Mello, capitão, que era muyto seu parente; e que o queria hir assentar em paz com ElRey, porque vindo o Gouernador Pero Mascarenhas, e achandoo nas culpas de que ElRey d'Ormuz se queixára ao Gouernador dom Anrique, lhe daria grande castigo, segundo Pero Mascarenhas era isento e reguroso; e compria pera seruiço d'ElRey elle hir assentar estas cousas antes que viessem a mór mal.

Então mandou ao capitão do mar Antonio de Miranda que guardasse a costa com muyta armada de remo, que lhe deixou, e que se recolhesse a enuernar a Cochym. Com o qual ficarão muytos fidalgos, que nom quiserão hir com o Gouernador, que em março se partio de Goa na galé bastarda, com dom Vasco de Lima, e dom Afonso de Menezes, Diogo da Siluelra, Manuel de Brito, Manuel de Macedo, e Lopo de Mesquita, e Fernão Rodrigues Barba: estes em galeões e nauios grossos car-

regados e quatro fustas. E passando o golfam achou calmarias com que se ouvera de perder á sede, de que lhe morreo muyta gente; que com muyto trabalho chegou a Calayate, que estaua aleuantado contra os nossos, per mandado d'ElRey d'Ormuz [1] * e de Resxarafo *, polos males que lhe fazia Diogo de Mello, capitão, que tinha [2] * Resxarafo * preso, e assy estaua o xeque de Mascate; com que o Gouernador falou, e os assentou, dizendo que nom hia a Ormuz senão a castigar o capitão e desagrauar ElRey. Em Mascate estaua Francisco de Mendonça em hum galeão, que com temporal se apartára da companhia d'Heytor da Silueira, com que hia pera o Estreito; o qual tinha tomada huma nao de presa, em que tomou muyta fazenda, de que o Gouernador ouve suas partes.

Daquy foy a Ormuz, onde lhe fez Diogo de Mello grande recebimento, e elle, logo entendendo nas cousas, mandou soltar o Resxarafo, e foy visitar ElRey com muytas honras, e lhe dizendo que nom hia a Ormuz senão polos agrauos que elle escreuera ao Gouernador dom Anrique e ao Visorey; que elle vinha pera castigar Diogo de Mello, e que o auia de fazer muy enteiramente, indaque era muyto seu parente; que lhe fizesse seus apontamentos, que em todo faria direita justiça. Com que se despedio; mas alguns fidalgos contrairos do Gouernador falarão com o Resxarafo e com ElRey que nom demandasse nada ante o Gouernador, que nom auia de fazer direita justiça, porque era Diogo de Mello muyto seu parente; que dessimulassem e agardassem até que viesse o Gouernador Pero Mascarenhas. O que o Resxarafo tomou por bom conselho, e assy o concertou com ElRey, que disserão ao Gouernador que nom querião nada contra Diogo de Mello, nem o pedião; que elle fizesse o que era obrigado a ElRey de Portugal e suas justiças. Mas o Gouernador nada fez; mas ouve muyto dinheiro da soltura do Resxarafo, o qual lhe fez vender suas drogas e mercadarias em alto preço, com que fez muyto dinheiro e boas peças que lhe deu ElRey e mercadores; com que se tornou pera' India, como adiante direy.

[1] * e d'ElRey Xarafo * Autogr. [2] * Reyxarafo * Id.

CAPITULO II.

QUE CONTA DE TODOLAS COUSAS QUE NO INUERNO DE 526 SE PASSARÃO NA INDIA, E PER OUTRAS PARTES, ATÉ QUE VIERÃO AS NAOS DO REYNO.

Heytor da Silueira, com su' armada com bom auiamento, partio de Goa. Foy seu caminho do Estreito, fazendo algumas prezas. Foy ao porto d'Adem, onde achou pouqas naos, porque nom ousauão estar no porto n'este tempo, que já esperauão que nossa armada podia hir; e as naos que acharão forão logo queimadas, que nom tinhão nada; o que feito, se foy caminho das portas, e com bom vento foy ao porto de Maçuha, onde chegou em fim de março de 1526; onde no porto achou homens, com cartas de dom Rodrigo, esperando pola armada, em que dizia que estaua d'ahy jornada de quatro dias, pera partir como viesse seu recado. Com que todos folgarão, e Heytor da Silueira logo escreueo que viesse, que nom vinha senão ao buscar com aquella armada, de tanto gasto d'ElRey e trabalho da gente; e que agardaria até quinze dias d'abril; que portanto se désse a muyta pressa. Com o qual recado forão os caminheiros muy depressa, pola boa aluiçara que esperauão; que chegando a dom Rodrigo todos derão gritos de grande prazer, e louvores a Nosso Senhor, porque lhe derão a carta a primeyra oitaua da Pascoa, que logo dom Rodrigo quisera partir; mas o padre Francisco Aluares nom consentio, porque os da terra muyto guardauão os dias das festas de Christo e de Nossa Senhora. Polo que então dom Rodrigo se sofrio; mas logo despedio caminheiro com carta a Heytor da Silueira, dando lhe rezão que logo a grã pressa caminharia. E como foy a derradeyra oitaua partio, que já estauão prestes, e com elle o embaixador, e o barnegaes, que com dom Rodrigo mandou dous homens fidalgos, que o acompanhassem com cincoenta de cauallos e mulas, e elle vinha mais atrás, que os auia d'entregar ao capitão d'armada, que assy lho tinha mandado o Preste.

Caminharão os nossos que a cabo de tres dias chegarão á vista do mar e da armada, com que ouverão prazer sem conto com lagrimas d'alegria, e dom Rodrigo mandou recado a Heytor da Silueira que já estaua á sua vista, que agardaua que chegasse o barnegaes que os auia d'en-

tregar; o qual chegou ao outro dia, com seiscentos de cauallo e mulas e asnos, e com elles todos juntos decerão da serra, e forão a Maçuha, que sendo vistos que vinhão 'armada toda pôs bandeyras, e chegando tirou muyta artelharia. E Heytor da Silueira, com os capitães e gente, os foy receber na borda d'agoa, onde o prazer em todos foy muy grande, com lagrimas e abraços huns com outros, e Heytor da Silueira fazendo muytas honras ao barnegaes, e ao embaixador que hia ao Reyno com dom Rodrigo, que dixe a Heytor da Silueira: «Senhor, tanto este dia» «era de nós desejado, que já nos parecia que Deos se esquecia de nós» «tanto tempo esperando.»

Então se assentarão em cadeiras debaixo de hum toldo grande de huma vela, que pera ysso estaua feito por caso do sol que era grande, onde Heytor da Silueira mandou trazer dez fardos grandes de teadas cruas, que he a mór riqueza da terra, porque carece muyto de roupa, que des que a vestem nunqua a lauão, por se nom gastar na lauagem; e dous fardos pequenos de tafeciras de Cambaya, e outros pannos finos, e dez fardos de pimenta, de hum quintal cada hum, e mea peça de veludo cremisym e huma peça de grã, que tudo deu ao barnegaes de presente; de que lhe deu grandes agardecimentos. Com que se despedirão, e o barnegaes se aposentou no logar d'Arquiqo, donde ao outro dia mandou a Heytor da Silueira cincoenta vaquas, e cem carneiros, e cabras; de que lhe mandou seus agardecimentos, e todo mandou repartir polos capitães, e fidalgos que comião fóra das mesas dos capitães.

Auendo tres dias que os nossos erão partidos do lugar onde estauão esperando, chegou hy hum recado do Preste, que nom achando os nossos se foy logo a Maçuha, porque assy vinha mandado do Preste; onde chegando, que erão quatro messigeiros, por resguardo se [1] * cansassem, trouxerão * cartas a dom Rodrigo, e ao barnegaes, e ao embaixador, em que mandaua que se tornassem logo, o que lhe muyto rogaua, pera os tornar a prouer dos vestidos e do necessario, porque já tinhão gastado o que lhe dera, que os gastarão em sua terra, que já erão velhos, e nom era sua honra assy hirem de sua terra. Da qual sostancia tambem o Preste mandaua carta ao capitão d'armada, que lho muyto rogaua que agardasse no porto. Com o que Heytor da Silueira falou com

[1] * cansassem que trouxeram * Autogr.

os messigeiros e barnegaes, dizendo que os nossos nom podião tornar ao chamado do Preste, porque d'ahy a cinqo dias se auião de partir pera' India, que era o tempo da monção; e que ficando dom Rodrigo estaria muytos annos, porque nom se podião fazer tantas armadas pera o tornarem a buscar, que custauão a ElRey muyto dinheiro, e já tres armadas o forão buscar; e ElRey de Portugal a elle mandára que em toda maneyra os leuasse, porque estaua muy desejoso de ouvir reposta do Preste; que pois já aly estauão nom podião tornar ao Preste. O que assy pareceo ao barnegaes que era rezão.

Então Heytor da Silueira e dom Rodrigo escreuerão cartas ao Preste, de suas desculpas de nom poderem lá tornar; o que tambem o barnegaes escreueo. Então Heytor da Silueira mandou de presente ao Preste outros dez fardos de pimenta, e cinqo fardos de roupas finas, e vinte fardos de teadas, e vinte páos de sandolo, que de cada hum fizerão tres pedaços pera o poderem leuar; e hum fardo de veludos de Meca, e hum páo de beijoym. Com que despedirão os messigeiros, presente os quaes, o barnegaes entregou dom Rodrigo e todos os portuguesces a Heytor da Silueira, de que tomou seu assinado; com que logo todos se recolherão nos nauios, em que cada hum achou bom gasalhado; e dom Rodrigo com Heytor da Silueira, todos com muytos escrauos. E despedidos do barnegaes, porque já lhe ventaua bom vento, se partirão do porto de Maçuha a vinte e sete d'abril d'este anno de 526.

Partidos os nossos, foy Heytor da Silueira dar vista á ilha de Camarão, que assy o leuaua no regimento, onde lhes acalmou o vento e estiuerão tomando leynha e agoa; onde o padre Francisco Aluares teue bom cuidado, e foy onde enterrara Duarte Galuão, que lhe deixara bons sinaes, e tirou toda a ossada, que aly estaua do tempo que Lopo Soares fôra a Judá no anno de 519; e toda a ossada meteo em hum saqo secretamente, em que meteo roupa que lauara em terra, e a meteo em huma arqua, sem ser visto de ninguem.

E tornando logo a vir o vento se partirão da ilha, sayrão do Estreito, e tornarão a visitar o porto d'Adem, em que nom acharão nada em que fazer obra, e correrão seu caminho ao longo da costa de Fartaque, correndo com grande temporal de viagem, com que se apartarão huns dos outros; em que sendo na paragem do cabo de Roçalgate acharão calmaria, em que forão em muy grande estrelidade d'agoa, e mór-

mente no galeão de Heytor da Silueira, que com o trabalhar do galeão na tromenta se quebrou hum tanque d'agoa, e assy andou na calmaria, que foy o derradeyro que chegou a Mascate. No qual dia, e no outro d'antes, já nenhuma pessoa bebera agoa, bradando, Senhor Deos misericordia! E porque Heytor da Silueira se presaua de homem de muyto primor, como nom ouve agoa em todo o galeão senão em huma jarra sua, que tinha na camara, a mandou tirar fóra, que todos a vissem, e a mandaua vigiar aos quartos, que elle tinha a chaue, e ao meo dia abria a jarra, e tiraua elle por sua mão, com huma medida que leuaria tanta agoa como hum ouo, que daua a cada homem, e elle outro tanto derradeyro de todos, até nom ficar nada; que os homens adoecião e morrião á sede, e nom comião por nom auer sede. Com que toda a gente adoeceo, que nom auia quem marcasse as velas. No que Heytor da Silueira fez grandes bondades com quanto tinha aos doentes. Com que n'este trabalho chegando á vista de Mascate, que de terra ouverão vista do [1] * galeão, logo * lhe acodirão duas fustas com agoa e refresco, que chegando ao galeão, Heytor da Silueira teue muyto trabalho em defender 'agoa aos doentes, que se muyta beberão quanto querião todos forão mortos, e se deixou estar fóra do porto, e defendeo que a gente nom sayo a se desmandar na terra. Com que foy remedio de muytos nom morrerem, como morrerão dos outros nauios que primeyro chegarão ao porto com esta grande sede, com que os homens logo sayrão a terra e se fartarão d'agoa, com que muytos morrerão. E estando alguns dias, que tomou o que auia mester, se partio com sua armada, e foy a Ormuz, onde o Gouernador estaua e lhe fez honrado recebimento a todos, e assy ao embaixador, que foy aposentado com dom Rodrigo, onde lhe foy dado largamente sua despeza pera elle e seus criados, e a hum seu parceiro, que com elle vinha como segunda pessoa da embaixada; a todos o Gouernador fazendo muytas honras, ouvindo a dom Diogo as honras que lhe fizera o Preste.

[1] * galeam que logo * Autogr.

CAPITULO III.

AS COUSAS QUE OS NOSSOS CONTARÃO QUE PASSARÃO, DEPOIS QUE PARTIRÃO DE MAÇUHA, COM O PRESTE E TÉ QUE TORNARÃO A EMBARQAR NO MESMO MAÇUHA.

Vindo os nossos assy embarcados no galeão, contarão as cousas que passarão no Preste, que forão por esta maneyra seguinte, a saber: que [1] * partirão * elles de Maçuha em companhia de Matheus, embaixador do Preste, que fòra ao Reyno, e todos em poder do barnegaes, a que os entregára o Gouernador Diogo Lopes de Sequeira. O qual barnegaes he tio do Preste, e tem o senhorio em todas as terras do mar, com todo poderio; as quaes terras fiqão á mão esquerda hindo polo Estreito dentro; d'estas recolhe o barnegaes as rendas, com que acode ao Preste. O barnegaes por sua dinidade he segunda pessoa do Reyno. Ha nestas terras muytos mouros tratantes, porque a gente da terra nom he pera ysso, que são muyto mesquinhos, e nom sabem grangear nenhuma fazenda, sómente viuem nas terras por seus trabalhos das mãos.

E caminhando os nossos, em algumas terras que auia passagens os nom leixauão passar sem licença do senhorio da terra, e lhe pagauão alguma cousa. No que tiuerão muytas detenças, e o Matheus n'ysso nom podia fazer nada, porque são rendas do Preste, porque já hião fóra da jurdição do barnegaes, encaminhandoos o Matheus, que nom foy polo direito caminho, e se foy por humas grandes serranias, tão fragosas que hião a pé, porque nom podião hir nas encaualgaduras, que as leuauão polos cabrestos. E forão ter a hum grande mosteiro, onde o Matheus tinha seus parentes, a que deixára encarregado suas fazendas quando se partio, e esteue alguns dias sabendo de suas cousas, onde adoeceo e em poucos dias morreo, e foy enterrado no mosteiro.

Com que os nossos ficarão assy desuiados, e estiuerão dous meses sem ninguem os querer encaminhar. Então dom Rodrigo tornou a mandar atrás ao barnegaes recado como assy ficára desauiado, por falecer o Matheus. Ao que o barnegaes mandou quem os encaminhasse; mas os

[1] * partindo * Autogr.

frades do mosteiro os nom querião deixar hir, nem lhe querião dar as cousas que o Matheus leuaua pera o Preste; sómente lhe derão dous criados do Matheus, que com elle vierão do Reyno. Com o que se partirão, e caminhando tinhão muyto trabalho com tyranias que lhe fazião os da terra, que corrião por terras de muytos senhores, em que em algumas erão bem auiados. Caminhando, hum dia chegou a elles hum frade, com muyta gente de pé e de cauallo, mandado polo Preste a visitar nosso embaixador e dizer que fosse boa sua vinda, que estaua com grande desejo de sua chegada, pera ver o que muyto desejaua. Com o qual frade forão muyto bem auiados e abastados de todo o que auião mester, á custa do Preste, que os nossos nom gastauão nada, e forão passando polas terras de hum bispo, a que elles chamauão cabeça das igreijas; nas quaes terras os nossos forão muy auondados e bem agasalhados. N'estas terras virão huma igreija muy grande, em que jazia sepultado hum Rey do Preste; de que as portas da igreija erão forradas de pasta de latão, tão dourado que parecia proprio ouro. Toda a igreija armada de pannos de seda e veludos de Meca, que sempre assy estaua armada; e a sepultura do Rey estaua cuberta com hum panno de brocado; e por toda a igreija muytos perfumadores com encenço, de *que* muyto gastauão em todolas igreijas. N'estas terras as gentes erão mais brancas; terras de grandes campinas e aruoredos, e grandes ribeiras de boas agoas.

Sayndo d'estas terras, sobirão por huma serra, de caminho porque nom cabia mais que hum homem ante outro; o caminho cortado ao pição. O qual caminho seria huma legoa de sobir pera alto, e em cima, no alto da serra, tinha humas portas muy antigas, e sobre ellas huma forteleza com gente de guarda. Passando esta porta, tornarão a decer pera baixo, e entrarão em hum grande campo, na entrada do qual auia huma fremosa ribeira, que passarão a váo, e passado este campo sobirão outra tal serra assy com o caminho, e em cima sua porta por debaixo da forteleza; e passando a porta, no andar d'ella acharão hum grande campo espaço de vinte legoas. N'esta terra viuem as gerações do sangue real de que vem os Reys do Preste, que viuem apartados cada huns per sy, que aquy estão apartados de todolas outras gentes, e todos tem mantença da coroa real, a cada hum como lhe pertence. Os quaes homens nem molheres nunqua saem d'estas terras pera outras nenhumas partes, nem de fóra outra nenhuma gente entra com elles; sómente com licença

do Preste, pera cousa que se nom póde escusar. E quando o Preste morre elle nomea o que ha de ser Rey. No que nom ha nenhum debate; de que o Preste faz hum escrito per sua mão, em que nomea por Rey o mais antigo, e vertuoso e bem entendido, de quantos elle sabe, que d'ysso tem muyto cuidado de o ter sabido qual ha d'apresentar a Deos, por sua morte, pera reger e mandar o reyno que deixa: e tem elles n'ysto grandes boas engiminações. E feito o escrito, em que nomea o que ha de ser Preste, o ata no braço direito. E sendo morto o Preste o tem em grande segredo, e com muyta pressa e grande segredo vão a esta serra, e leuão o que achão nomeado, e o metem na tenda onde está o Preste morto, que inda se nom sabe da sua morte, e como o tem dentro o vestem nas vestiduras reaes. Então os da priuança aleuantão as alas da tenda e mostrão o Preste morto, e o nomeão por seu nome em altas vozes; o qual sendo visto polo pouo tornão a çarrar a tenda. E logo em muy breue espaço tornão outra vez a leuantar as alas da tenda, e a grandes vozes dizem os de dentro: « Alegraiuos, que foão he vosso Rey, que aquy vedes. » E o mostrão assentado em riqua cadeira em alto estrado, riquamente vestido; e logo muy prestesmente tornão a çarrar a tenda, que o nom vem mais; e o morto leuãono a enterrar onde elle mandou; e fazem elles testamento, que em todo lhe cumpre o Rey nouo com muyta presteza.

Sayndo os nossos d'esta terra do sangue real, decerão algumas grandes campinas, em que auia grandes sementeiras e lauoyras de trigo, ceuada, milho, grãos, fauas, e todolos legumes, como em Portugal, e muyto gado de todas sortes, e muyto crecido mais que o de Portugal; onde auia muytas manteigas muy boas, e mel o melhor que se póde nomear de cheiro e gosto. E caminhando por estes campos lhe sayo ao caminho, a lhe falar e abraçar, hum homem português, que auia trinta e cinco annos que estaua com o Preste, chamado Pero de Couilhã, hum dos dous moços da estribeira, que ElRey dom João, no anno de 487, mandára a buscar a India e saber do Preste, como no primeyro liuro no principio fica contado. E este Pero de Couilhã correo por muytas terras em trajos de mouro e de judeu, e andou na cidade do grão Cayro, e d'ahy, seruindo hum mercador em huma cafila foy ter a Ormuz, e d'ahy foy a Calecut, que então era imperio da India, e esteue em Cananor, e Goa: ysto primeyro dez annos que dom Vasco descobrisse a India. E de Goa s'embarqou com outro mercador, que seruia por soldada, com que passou ao Es-

treito e foy á casa' de Meca. E correrão polas terras do Estreito vendendo suas mercadarias, com que passarão ao Egypto, e por elle correrão e forão ter nas terras do Preste, que elle hia buscar. Onde se apartou dos mercadores, e se foy á corte do Preste, com que falou, e deu de sy conta, mostrando a chapa de cobre, em que hião talhadas letras do nome d'ElRey dom João e do Preste, em caldeu, como já disse. Com que o Preste ouve grande prazer, e lhe fez muytas honras, e deu muytas terras e rendas, como hum grande condado de muytos vassallos, com todo o mando como Rey; e nunqua o mais quis deixar hir a Portugal, mas mandou dous homens seus que fossem ao Cayro, e d'ahy trabalhassem por passar a Portugal. O que nom forão, nem nunqua mais tornarão; que parece que morrerão ou os matarão.

E o Preste dizia a Pero de Couilhã que como tiuesse filho ou filha, que lhe ficasse em penhor, então o mandaria com suas cartas. E assy fiqou, e depois morrendo aquelle Preste, que reynou [1] * outro, o * nom quis deixar hir, dizendo que já ElRey dom João seria morto. Onde assy fiqou, e sendo o anno de 508 foy lá ter com o Preste hum creligo, chamado João Gomes, a que o Preste fez muyta honra e mercês. O qual crelgo foy em trajos de mercador, e deu conta ao Preste como os nossos tinhão descuberta a nauegação da India, e n'ella tinhão feitas fortelezas, e hião tomando e senhoreando as terras dos mouros; e que Tristão da Cunha fôra com armada e tomára a ilha de Çacotora e huma forteleza que os mouros ahy tinhão feita, e n'ella deixára capitão e gente, e moesteiro e frades de são Francisco, e armada no mar, que auia de hir tomar a cidade d'Ormuz; e que elle, com vontade que lhe Deos dera, e licença que dera Tristão da Cunha, arriscára a vida, * e * se embarcára com mercadores em trajo de mouro, em que fora ter a Zeyla, e fora pola terra dentro, que os mercadores hião vendendo suas mercadarias. O que o Preste muyto folgára de o ouvir; e o crelgo inda ahy estaua, porque se nom atreuera a tornar á India; onde assy estando fôra d'ahy a tempo dado noua ao Preste que na India, em Cambaya, os portugueses, que erão christãos, tomarão huma armada do grão Soldão e matarão muytos turqos. Com que o Preste ouve grande prazer e mandou fazer festas. A qual noua correo com grã fama, e depois sempre os mercadores que corrião

[1] * outro que o * Autogr.

lhe derão outras muytas nouas das cousas: com que o Preste muyto folgaua, e logo a elles mandaua chamar, e com muyto prazer lhas contaua. Polo que sempre o Preste estaua esperando messagem dos portugueses que andauão na India, que auião de hir tomar a casa de Meca e fazer forteleza no Estreito, porque já lhe tinhão contado que huma nossa armada entrára o Estreito, que fòra a Judá, *e* nom pelejára, e outra que fòra pelejar na cidade d'Adem. E tudo dizião ao Preste porque elle muyto perguntaua por nossas cousas, esperando por messigeiro da India, e ora estaua com muy grande prazer, vendo cousa que tanto desejaua. Os nossos, ouvindo suas cousas, vendo o Pero de Couilhã ouverão muyto prazer, e dom Rodrigo, e todos, lhe fizerão muytas honras, e se foy em sua companhia, e deu a dom Rodrigo hum seu filho, já casy homem, que o seruisse, e o leuasse ao Reyno quando se fosse, pera pedir mercê a ElRey e satisfação de seus seruiços pera sua molher, se viua fòsse.

Pero de Couilhã mostrou a chapa de cobre, de que já faley. Dom Rodrigo lhe perguntou porque nom fòra na companhia de Matheus, que o Preste mandára a Portugal. Dixe que era burla quem tal dizia, que nunqua o Preste tal embaixador mandára; como de feito os nossos assy o souberão que o Preste o nom mandára, senão que o mandára, sem o saber o Preste, a Raynha Elena, como adiante será contado; porque Pero de Couilhã sabia muyto bem falar e escreuer a fala da terra, e tinha tudo escrito em lembranças, e daua rezão de todolas cousas que lhe os nossos perguntauão; e se foy com os nossos aonde estaua o Preste.

Os nossos caminhando leuauão bom tento no caminho, que sempre caminhauão pera o norte; e chegarão á corte em seis meses do dia que partirão de Maçuha. Onde assy chegando á corte, o frade que os acompanhaua se adiantou e foy falar com o Preste, e tornou ao caminho, e com elles entrou no arrayal, e os foy aposentar em huma grande tenda, que já pera elles estaua prestes, em que todos se agasalharão, e dentro apartados huns dos outros, que era ella grande, que o podião fazer, que estaua em hum grande campo debaixo de grandes aruores de sombra; que d'ally á tenda do Preste auia huma legoa, que estaua em hum campo junto de huma ribeira, com grande arrayal de tantas tendas que parecia huma grande cidade assenta em ruas arruadas. Onde os nossos assy estiuerão dous dias, em cabo dos quaes se aleuantou o Preste, e se foy

pera mais perto da tenda dos nossos; e esta foy a grande honra que o Preste fez aos nossos em os hir buscar onde estauão. E assentou sua tenda á vista dos nossos, que seria hum terço de mea legoa, que foy o mór gráo de honra que o Preste podia fazer aos nossos, segundo seus costumes.

E sendo o Preste assy assentado, logo mandou aos nossos hum grande senhor, acompanhado de muyta gente, o qual dom Rodrigo recebeo á porta da tenda, dizendo o Preste que sua vinda fosse muyto boa; que com muyto prazer daua graças ao alto Deos que os trouxera á sua vista, cousa por elle tão desejada ver embaixada de Rey de christãos que [1] *conquistaua* contra os infies de Christo; que descansassem muyto embora, e que elle queria estar n'aquelle lugar em que elles estauão, e que sua tenda d'elles lhe mandaria mudar pera outro lugar. O que Pero de Couilhã todo declaraua, que era lingoa, que este pousar ally sua tenda era muyto mór gráo d'honra que podia fazer o Preste.

Dom Rodrigo respondeo com grandes cortezias á visitação, dizendo que a elle fizera Nosso Senhor grande mercê, mayor do que fez a nenhum que saysse do Reyno de Portugal, pois o trouxera onde estaua diante do mais alto Rey, que era nomeado por todo o mundo; que [2] *do* prazer que por ysso tinha nom sabia se tinha alma no corpo; que o alto Deos dos ceos aleuantasse sua cadeira e poder sobre as cabeças de seus imigos, que todos ficassem debaixo de seus pés até os infernos. As quaes palauras respondeo dom Rodrigo, per conselho de Pero de Couilhã, que erão as grandezas dos louvores do Preste.

Com que se tornou o messigeiro, e logo veo o capitão do arrayal com muytos seruidores, e armarão outra tenda assy grande, em outro logar ahy perto, a que os nossos se passarão, e outra logo aleuantada, e no propio logar se armou a tenda do Preste, e derrador d'ella as tendas dos seus móres officiaes e de sua priuança.

Ao outro dia forão muytos senhores a cauallo á tenda dos nossos, e lhe dixerão que ElRey os chamaua. Ao que dom Rodrigo, e todos, se vestirão de seus bons vestidos, que leuauão, de veludos, damascos, e espadas douradas, e borzeguil, e calções de seda de cores; e todos caualgarão em mulas que lhe trouxerão; e *com* o presente, que os homens leuauão nos braços, e todo em sua ordem, forão pera a tenda do Preste,

[1] *conquista* Autogr. [2] *o* Id.

e chegando longe d'ella se decerão a pé. A qual tenda do Preste era de panno branco, que outrem ninguem a póde ter senão elle e a Raynha, e as tendas das igreijas; e todolas outras pessoas tem as tendas de pannos de cores, como querem. A tenda do Preste tinha derrador hum vallado, altura de hum homem, em que estaua uma porta grande, que se fechaua, que estaua dereita da porta da tenda do Preste.

Os nossos entrarão, e forão á porta da tenda do Preste; e chegando espaço de hum jogo de mancal, onde estiuerão quêdos, então os senhores que hião com elles bradarão em altas vozes, dizendo: «Aquy» «trazemos os embaixadores do Rey dos christãos.» E de dentro da tenda responderão em altas vozes: «Andai e chegai mais.» Pero de Couilhã hia junto de dom Rodrigo, que tudo lhe decraraua. Então os nossos andarão mais hum pouqo, e estiuerão quêdos. Estaua de fóra da porta da tenda hum duque, que era guarda mór d'ElRey, com outros grandes senhores. Então de dentro da tenda sayo hum grande prelado, como cardeal, que he o mestre que ensina ElRey, o qual falou com o guarda mór e lhe deu recado d'ElRey; o qual recado o guarda mór, o duque, deu aos nossos, que ElRey lhes perguntaua a que vinhão. Ao que dom Rodrigo respondeo, que era vassallo do grão Rey de Portugal, de que trazia messagem pera o muyto alto senhor o grão Preste João, nomeado pelo mundo; a qual messagem lhe diria a sua pessoa, se lhe aprouvesse. A qual reposta o duque deu ao cardeal; com que tornou dentro ao dizer ao Preste, e logo tornou a sayr e falou com o duque, e o duque falaua com os nossos, e dixe que mandaua ElRey que dessem sua embaixada. Ao que dom Rodrigo respondeo que da embaixada nada auia de falar senão em sua presença d'ElRey. Pero de Couilhã disse a dom Rodrigo que nenhum embaixador via a pessoa do Preste senão depois de dar a embaixada, e lhe dixe que désse o presente. O que dom Rodrigo assy o fez, e dando o presente dixe que as cartas daria na mão do Preste, quando o visse, que assy lhe era mandado.

O presente leuarão dentro, e tornarão com agardicimentos; e de dentro sayo o regedor da justiça, e se pôs á porta da tenda; onde derrador auia muyta gente; o qual, como pregão, em alta voz disse tres vezes: «Ouvide a palaura d'ElRey. Os christãos da Cristindade são apo-» «sentados todos. Com elles tende boa paz; e os caminhos e carreiras» «lhe são abertos e liures. Dai graças e louvores ao alto Deos, que em»

« vossos dias vedes tamanho milagre seu, que por sua bondade nos quis »
« ajuntar com nossos irmãos, que nos ajudarão, e os ajudaremos, con- »
« tra todos aquelles que nom tem a verdade de nossa santa fé. » E com ysto os nossos forão despedidos e se tornarão á sua tenda assy acompanhados como forão; e os leuarão a outra tenda que [1] * estaua * prestes pera elles, mais perto da tenda do Preste; a qual tenda era branqa, que lhe o Preste mandou dar das suas, por lhe dar mór honra. Onde logo lhe derão muyto pão, e carne muyto boa de vaqua e de carneiro, e vinho em barris de barro preto, e o vinho feito de paça, que de outro se nom usa em toda a terra, e cada hum o faz pera sy em sua casa.

Ao outro dia á noite vierão os senhores chamar dom Rodrigo, o qual logo foy com os portugueses, os quaes chegando diante da tenda d'ElRey tornarão a bradar como fizerão de primeyro, e assy da tenda lhe responderão; e á entrada da porta do vallado estauão de hum cabo e do outro os da guarda d'ElRey, postos em ordem, todos armados de cotas de malha luzentes, e laudés de veludo de Meca, e d'outras sedas, que lhe cobrião até meas coxas e braços até o cotouello, gornecidos de laminas e crauações douradas, e alguns capacetes e *gorryus* [2] compridos, e cofos, traçados, machadinhas, zagunchos, espadas compridas e largas; as quaes armas elles nom sabem fazer, mas trazemlhas a vender mercadores do Cayro por mercadaria. A qual gente da guarda passarião de mil homens. E assy d'ambas as partes auia muy grande numero de tochas, e cirios grossos como tochas, de cera alua; e antes de chegar á tenda, tanto como hum jogo de bola, estauão esteiras deitadas, e sobre ellas grã somma de vestidos feitos de pannos de veludo e seda á sua feição. Ao que da tenda d'ElRey sayo o cardeal, que disse a dom Rodrigo que mandaua ElRey que d'aquelles vestidos mandasse vestir os portugueses, cada hum como quigesse. Então dom Rodrigo mandou a Jorge d'Abreu que tomasse os melhores e se vestisse; o que elle fez, cuidando que tambem dom Rodrigo se auia de vestir, e sendo vestido mandou a todos que se vestissem; o que todos fizerão; o que todo via ElRey, e ninguem via a elle. Então mandarão os nossos andar mais áuante, e chegarão até hum jogo de mancal da porta da tenda, onde todos fizerão cortezia ao Preste, com mesuras, muyto abaixando os corpos e cabeças, pondo a mão direita

[1] * esta * Autogr. [2] Leitura duvidosa. Gorjays ou gorjaes?

no chão, e tornandose a leuantar [1] *a* puserão sobre as cabeças: o que o Preste todo via. Então da tenda sayo o cardeal, e tomou a dom Rodrigo pola mão e o leuou dentro á tenda d'ElRey. E porque dom Rodrigo nom leuou comsigo Jorge d'Abreu fiqou elle muy menencorio, fazendo modos d'homem agastado. E d'ahy a pouqo sayo o cardeal, e leuou todos dentro á tenda d'ElRey, onde já dom Rodrigo estaua vestido de vestidos da pessoa d'ElRey, e estaua ante elle com hum joelho no chão; e entrando todos tornarão a fazer a mesma cortezia, e dom Rodrigo lhes mandou que se pusessem como elle estaua, e se pusessem em ordem. O que todos fizerão senão Jorge d'Abreu, que se pôs diante de todos. E estando assy hum pouqo, ElRey mandou aleuantar dom Rodrigo: elle se leuantou, fazendo sua grande cortezia; o que nom agardou Jorge d'Abreu, que tambem se aleuantou, sem ElRey lho mandar. Então ElRey os mandou aleuantar a todos; e esteuerão em pé, afastados do estrado d'ElRey quatro passos. Então dom Rodrigo tirou as cartas, que leuaua enuoltas em hum panno de citim cremisym, e as beijou e aleuantou na mão quanto pôde. Então veo o cardeal com hum bacio de prata, e lhas pedio. Dom Rodrigo as tornou a beijar, e pôs no bacio, tornando a fazer sua cortezia. O cardeal chegou ao pé do estrado, e sayo hum page, que estaua detrás do estrado pegado na cadeira d'ElRey, e tomou o bacio da mão do cardeal, e foy apresentar as cartas a ElRey, e elle as tomou e teue na mão.

Esta casa, em que ElRey estaua, lhe fazião de estado pera recebimento d'embaixadores, ou pera dias em que se mostraua ao pouo; o qual o pouo nunqua via, sómente tres vezes no anno, a saber: dia de Pascoa, e de natal, e de santa cruz, que n'estes dias se põy assy em grande aparato d'estado n'esta casa, em que lhe fazem seu estrado ricamente paramentado, e per cima encortinado de pannos de riqo brocado. Derrador da tenda vem todo o pouo; então se aleuantão as fraldas da tenda toda em roda, que todos o vem espaço de huma aue Maria, e logo tornão a çarrar a tenda, e nunqua mais he visto senão n'estas tres festas. Então, acabada esta vista, ElRey se passa a outra tenda, e vem os crelgos e desfazem esta casa e estrado, que he feita de madeira de grandes lauores, que muyto custa, e a madeira e pannos gastão nas igreijas, com que gornecem os altares e fazem portas; que em outras obras o nom hão

[1] *ê* Autogr.

de gastar. A casa he feita d'esta maneyra : a tenda d'ElRey he muy grande, e dentro n'ella se arma esta casa de madeira, alta do chão ; os madeiramentos de grandes lauores, e toda armada de veludos e brocados.

ElRey estaua sentado em hum estrado de quatro degraos, de hum couodo d'alto cada hum, cubertos de pannos de seda grossos, e em cima d'elle hum sobreceo grande de brocado, encortinado todo ao redor, com corrediças de tafetá de cores, e debaixo dos pés huma almofada de panno de brocado ; e de hum cabo e do outro seus pagens, moços gentis homens, que tem nas mãos maças de cristal gornicidas de prata, postas aos hombros, e elles vestidos de pannos de seda de cores, e outros com espadas e treçados de muytas feições, e nas cabeças huns carapuções de guedelha compridos, vermelhos, ao modo de rumes ; e por diante do estrado d'ElRey estaua huma corrediça que atrauessaua toda a casa, a qual em os nossos entrando se correo, e pareceo a pessoa do Preste assentado em sua cadeira, vestido de pannos d'ouro, e na cabeça huma coroa d'ouro, d'altura d'hum palmo e meo. O Preste estaua rebuçado com hum tafetá atado detrás, e o rebuço abaixo do nariz, que cobria a boca e a barba. Os nossos assy estando olhando hum pouqo, lhe puserão hum panno d'ouro por diante, assy como bispo, que cobria da cinta pera baixo, e nenhum dos senhores entrou dentro com os nossos. E postoque o Preste estaua em presença dos nossos nom falaua com elles, sómente falaua com hum page, e o page falaua com o cardeal, e o [1] * cardeal falaua * com os nossos. Onde Pero de Couilhã estaua detrás de dom Rodrigo, que lhe dizia as cousas. E dixe o Preste que o embaixador Matheus que elle o nom mandára a Portugal, mas que Deos quisera que aquelle homem, da sua propia vontade, sem ninguem lho mandar, fizesse aquella viagem, com que, polo querer de Deos, viesse e trouxesse a elles que estauão presentes. Com que auia muyto prazer ; e que Matheus lhe trazia muytas cousas que lhe mandaua ElRey de Portugal ; que folgára com ellas, por serem de hum Rey christão tão grande senhor, de que tinha tão grande desejo de sua amizade. Dom Rodrigo disse que o que lhe dera o Gouernador ysso lhe apresentara, e que as cousas que trazia Matheus erão vestidos, armas, roupa, paramentos de cama, e ornamentos de missa ; e que por estarem muyto tempo na India se danarão e conromperão toda a rou-

[1] * cardeal que falaua * Autogr.

pa, e algumas cousas que ficarão boas as trazia o Gouernador na sua nao, que vindo pera o Estreito se perdera, porque já outro Gouernador, com grande armada, entrara no Estreito, em que trazia Matheus, e com elle embaixador que ElRey de Portugal mandaua, que trazia tudo pera lhe apresentar. E sendo o Gouernador dentro no Estreito, ouvera noua certa que os rumes estauão na cidade de Judá, e os fora lá buscar, que lhe dixerão que estauão com armada prestes pera sayr; e chegou ao porto de Judá e os achou metidos pola cidade dentro com suas galés metidas antre as casas; e nom foy queimar a cidade porque trazia regimento d'ElRey que nom pelejasse na terra. Com que se tornou a sayr do porto, e atrauessou o Estreito pera vir a Maçuha, pera desembarcar os embaixadores; e que nom póde chegar ao porto por lhe o vento ser contrairo, com que se meteo na ilha de Camarão, em que de doença lhe morreo muyta gente, e morreo o nosso embaixador, que vinha na companhia de Matheus. Com que o Gouernador, tornado á India, o screueo a ElRey a Portugal, o qual mandou este Gouernador, que agora veo, que trouxe mandado d'ElRey que a elle dom Rodrigo mandasse na companhia de Matheus, como ora vinha; que muytas cousas trazia, que se perderão na nao do Gouernador. E com ysto o Preste os despedio, e se tornarão á sua tenda, que era grande, em que todos estauão bem agasalhados; onde erão muy auondados do comer, e seus seruidores.

Estando assy na tenda, dom Rodrigo perguntou a Pero de Couilhã quem mandára a Portugal Matheus, pois o Preste dizia que o nom mandára. Pero de Couilhã lhe dixe que o Preste dizia verdade, que o nom mandára; porque quando Matheus passara pera' India o Preste era moço, e estaua doente, que nom mandaua nada, sómente a Raynha Elena, sua mãy, que regia e mandaua o Reyno, por ser molher muy entendida em todo o que compria ao bom regimento do Reyno, com que era muy amada do pouo; e inda era viva, muyto velha, molher de santa vida, e inda o Preste com ella tomaua seus conselhos nas grandes cousas; e que tendo ella muyta vontade de saber as cousas de Portugal, que lhe elle Pero de Couilhã contaua e ella muyto lhas perguntaua, dizia que auia de mandar a Portugal hum seu messigeiro, e mandára a este Matheus secretamente, que ninguem o soubera; e que pois o Preste já dizia que o nom mandára lhe nom falassem mais n'elle, se o Preste o nom falasse; porque nom parecesse desconfiança de sua palaura.

Ao outro dia o Preste mandou as cartas a dom Rodrigo que as treladasse em sua falla com Pero de Couilhã. O que logo se fez, e treladadas humas e outras as leuarão ao Preste: com que ouve muyto prazer, vendo as amigaues palauras que lhe ElRey falaua pera assentarem verdadeyra paz; e tambem as do Gouernador, que erão muy conformes ás d'ElRey. E sendo duas horas da noite mandou chamar os nossos, que logo forão todos, que entrarão com suas cirimonias de primeyro; que entrando, o Preste estaua com seu estado, com os da sua guarda, que tinhão acesos mais de trezentos cirios e tochas de cera branqua de sua propria natureza, porque o mel d'esta cera assy he branco e de muy marauilhoso cheiro e sabor, o melhor que se nunqua vio.

E sendo assy postos ante o Preste, per hum page seu lhe fez muytas perguntas, como homem de pouqo entender; perguntando per ElRey, e Raynha, e seus filhos quão grandes erão, e onde comião e estauão; e Portugal camanho era, e quantas fortelezas e gente tinha, e cantas pelejauão com mouros, e com quantos Reys tinha amizade, e quantas fortelezas tinha na India, e quanta gente n'ella andaua, e quanto lhe pagauão, e quanto pagauão aos que morrião. E perguntou outras muytas cousas muy perluxas; ao que todo lhe respondeo dom Rodrigo muy auisadamente, como lhe pareceo que mais compria ao estado d'ElRey de Portugal. No que muyto folgaua o Preste de praticar. Com que passou grã parte da noite, e os despedio já passada mea noite, que chegando á tenda parece que os moços dormirão, e lhe furtarão muyto do fato, e todauia, sentindo os ladrões, os moços tomarão dous, que tinhão atados, os quaes dom Rodrigo mandou leuar á justiça, e o juiz lhe mandou perguntar se queria d'elles alguma cousa. Dom Rodrigo disse que não; que lhos nom mandára senão por obedecer á justiça; que fizesse seu costume. Os quaes ladrões logo mandou soltar, dizendo que o ladrão nom roubaua senão quem tinha pouquo recado; que nom costumauão fazer justiça senão quando as partes a pedião. Do qual modo de suas justiças adiante contarey.

D'ahy a dous dias forão chamados do Preste, porque os nossos nom hião se nom quando erão chamados; e o Preste esteue com os nossos em muytas perguntas, e lhe mandou que corressem e saltassem, e jogassem com as armas como pelejauão, e cantassem e tangessem. O que tudo fizerão, e lhe tangerão viola, e crauo, e orgãos, e frautas, porque dom

Rodrigo leuou homens que tudo sabião fazer e leauão todolos aparelhos que compria ; com que tudo muyto folgou o Preste, e os seus que erão presentes.

O Preste falaua muyto com o creligo Francisco Aluares, fazendo lhe muytas perguntas, e muy catolicas, ácerqua nossa santa fe, e das cousas da missa, e cirimonias que se fazião. Do que o padre lhe deu toda rezão, porque era elle em tudo muyto entendido. E mandou que lhe dixesse missa : o que assy fez, em huma tenda que pera ysso logo se concertou junto da tenda do Preste, que bem via tudo o que o padre fazia ; o qual, sendo reuestido de todo, o chamou o Preste dentro á sua tenda, o qual lhe fez muytas perguntas muy miudamente por cada peça da vestimenta o que era, e que seneficaua. Do que de tudo o padre respondeo em muyto comprimento : ao que o Preste disse que tinhamos muyta perfeição e boa ordem de christãos. [1] * Esta * tenda, em que o padre auia de dizer missa, lhe deu o Preste, que sempre n'ella pousasse, pera n'ella dizer missa ; a qual era de brocado e veludos de Meca, forrada por dentro de capas de Cambaya pintadas. E o padre dise a missa, que vio o Preste da sua tenda ; e de fóra acodio muyta gente a ver. Dentro na tenda da missa estauão todos os nossos em joelhos rezando por seus liuros e contas nas mãos : o que tudo muyto folgarão de ver todos. E o padre disse a missa com muyta solenidade e repouso : do que de todo se muyto contentou o Preste, sómente que a missa se nom auia de dizer per hum só crelgo, senão por tres. Ao que lhe o padre respondeo que abastaua hum, que tudo solenisaua quanto se deuia fazer, e que sendo muytos em huma igreija, e cada huma missa acupasse tres, nom poderião todos celebrar em hum meo dia, que huns acupauão os outros. E lhe deu outras muytas rezões, com que o Preste ficou satisfeito.

Então dom Rodrigo falou ao Preste que o despachasse com breuidade, porque sendo despachado se auia de tornar á borda do mar, aguardar por embarcação d'armada que o Gouernador auia de mandar por elle ; que assy o tinha no regimento que lhe dera o Gouernador, porque 'armada vindo e os nom achando se tornaria debalde ; e compria estar perto do porto de Maçuha, porque quando 'armada ahy chegaua tinha pouquo tempo pera esperar, por caso dos ventos da monção pera entrar e tor-

[1] * nesta * Autogr.

nar a sayr do Estreito; em que se faria grande despeza do dinheiro, e gente que morria nas armadas. O Preste lhe disse que assy se faria como pedia; mas que elle muyto folgaria que primeyro que se fossem vissem parte de seu Reyno e terras, pera dello darem conta e rezão a ElRey que o mandára; e esperaua que o Gouernador da India viria a Maçuha, e hy faria huma fortaleza, ou em Zeyla, ou em Cuaquem; pera o que elle daria tudo o necessario, e mórmente mantimentos; que por tanto se nom agastassem, que elle teria cuidado de os despachar. Com que os despedio com suas honras.

Correndo a noua pola terra de os nossos assy estarem com o Preste, acodirão á corte muytos christãos do Reyno, de longes partes, e tambem veo o padre João Gomes, que partira de Çacotora, d'armada de Tristão da Cunha, de que já faley atrás.

Os nossos ficarão tristes com a reposta do Preste, porque lhe pareceo que lhe faria grande detença. Sobre o que todos praticando, Pero de Couilhã lhe dixe que se querião auer bom despacho dessem ao Preste algumas cousas, porque os da corte e priuança dizião que tudo quanto elles tinhão o trazião pera o Preste e lho nom dauão; e que tomarão esta sospeita porque quando derão o presente, os fardos da pimenta, que elles muyto estimão, virão que lhe ficarão na tenda mais fardos, que dom Rodrigo leuou pera seu gasto pera o caminho, quando se tornassem; do que os da corte mormurauão, e dizião ao Preste que os detiuesse até que viesse recado da India; dizendo Pero de Couilhã a dom Rodrigo, e a todos, que tiuessem muyto auiso que * de * todalas cousas que lhe mostrassem e vissem dixessem grandes bens e louvores, dizendo que nunqua tão boa cousa virão; e que pouquo ou muyto que lhe dessem mostrassem que o muyto estimauão, mostrando muyto contentamento; porque assy o nom fazendo entraria n'elles desconfiança que mostrauamos que eramos melhores e tinhamos mais que elles; e que quando vissem fazer algum mal sempre rogassem que o nom fizessem, e sempre se mostrassem contentes com todolas cousas; porque se assy o nom fizessem nunqua serião despachados.

Então os nossos ordenarão fazer presente ao Preste de seis fardos de pimenta, e quatro arquas encoiradas muyto louçãs, que se acharão na companhia, e hum punhal gornecido d'ouro d'esmalte, de dom Rodrigo. O qual presente lhe fez dom Rodrigo, com lhe pedir muytos perdões, por

nom ter cousa com que seruisse hum tão grande senhor como era; [1] * do que era causa nom * saber a desposição da terra, e lhe dizerem que o caminho era grande. O Preste mostrou muyto prazer com tudo, e mórmente com a pimenta, que em toda sua terra a nom ha, e com o punhal, que perguntou a dom Rodrigo como se auia de trazer.

Passando o tempo veo a festa do natal. O Preste perguntou ao padre se vinha perto alguma festa da igreija. Elle dixe que a igreija tinha duas festas de Christo, mayores que todas as outras; a saber huma que já era perto, que era do nacimento de Christo, e a outra da sua resurreição, em que primeyro se celebrauão os martyrios da sua santa paixão. Então lhe mandou o Preste que chegasse mais a sua tenda da igreija, porque queria ouvir a missa do natal, e que queria que a visse a Raynha sua mulher. O que o padre assy fez, e chegou sua tenda ao lugar que compria, em modo que o Preste e a Raynha tudo vissem da sua tenda onde estauão; e concertou o altar com bons ornamentos, que leuaua de todo o concerto do altar, até os ferros de fazer as ostias, que fez; e no altar hum retauolo da imagem de Nossa Senhora da Piadade, muyto bom, e orgãos frautados, e todo muyto concertado, e a tenda alcatifada. Então á bespera do natal as disserão cantadas com canto d'orgão, que os mais dos nossos sabião, de boas falas e officiadas com os [2] * orgãos *, tudo muyto concertado; que o Preste muyto folgou de ouvir, e todos os seus grandes, que todos ally se ajuntarão a ver. Então dos nossos todos se confessarão ao padre, e ao outro, João Gomes, que a tudo ajudaua; e toda a noite n'ysto passarão. Ao dia de natal o padre disse a missa, a que seruia o padre João Gomes; e a missa officiada com muyta solenidade; e commungarão todos, e tambem Pero de Couilhã. O que via o Preste e a Raynha, com muytos de dentro de sua casa, e de fóra muyto pouo, que todos folgarão de ver o modo de nosso sacreficio e adoração: o que todo o Preste muyto gabou, sómente que a missa se auia de dizer com tres secerdotes; ao que o padre lhe deu boas rezões.

Ao outro dia, nas oitauas, o Preste mandou vir cauallos muy bons, de sua estrebaria, selados e enfreados á bastarda; e mandou aos nossos que corressem e escaramuçassem, e fizessem batalha com lanças e adargas. O que tudo o Preste perguntaua e mandaua com muyto contenta-

[1] * o que era causa por nom * Autogr. [2] * orfãos * Id.

mento; o que vendo dom Rodrigo, mandou a dous homens que jogassem espada d'ambolas mãos; que o souberão bem fazer, que o Preste e todos muyto folgarão de ver. E dom Rodrigo disse ao Preste que quando os nossos pelejauão com os mouros, que cortauão com aquellas espadas, hum só homem pelejaua com dez. Disse o Preste que folgaria de ver como cortauão, e mandou trazer hum boy, e lhe disse que cortassem; e hum dos homens lhe deu hum reués, que lhe cortou huma perna por mea coxa, que cayo fóra; o outro deu hum golpe, assy em reués, que lhe cortou casy todo o pescoço e ossos: do que o Preste e todos ficarão muy espantados. Dizendo o Preste que cem homens com aquellas espadas bastauão pera pelejarem com dez mil mouros, disselhe dom Rodrigo: «Senhor, cem homens com estas espadas em hum campo fazemse» «todos em huma batalha çarrada, e pelejão com tal ordem que peleja-» «rão com hum campo cheo de mouros, sem nunqua os poderem apar-» «tar, nem entrar com elles, nem os poderão ferir, senão com tiros e» «cousas de remesso de longe.»

Então o Preste deu a Dom Rodrigo hum fremoso cauallo selado e enfreado com toda' gornição de prata, e lhe deu hum traçado * com * gornição d'ouro, e outras boas peças. Do que Jorge d'Abreu ouve muyta enueja, ficando muy agastado, queixandose com dom Rodrigo porque nom dizia ao Preste quem elle era e que hia por segunda pessoa da embaixada; e que nom auia de falar com o Preste senão estando elle presente, e igual com elle. E porque elle ysto nom tinha dito ao Preste lhe nom fazia as mercês como a elle; que n'ysto se ordenasse, senão que elle per sy se poeria na honra que era sua.

Dom Rodrigo era homem manso, e muyto sisudo, e lhe respondeo: «He verdade que vós sois após mym n'esta embaixada, e nom pera» «nenhuma cousa das que dizeys; sómente que se eu morrer ficarês em» «meu lugar, pera acabardes o que eu tiuer começado, e se nom perder» «a embaixada. E se vós morrerdes farey outro em vosso lugar, que» «este he o regimento dos embaixadores, e a principal cousa que a se-» «gunda pessoa vá muy dessimulada e secreta; assy que, em quanto eu» «som viuo, vos nom podeys tomar nada do que dizeys. Abasta que» «vós tudo vedes, e eu nada faço secreto de vós, e com vosquo pratico» «e fallo tudo o que me parece que he rezão.» Jorge d'Abreu era homem esquivoso e soberbo; acendeose em tantas palauras que remeterão

a tomar lanças, a que os outros se meterão em meo e os apartarão. O que o padre muyto lhe reprendeo, e mórmente o Pero de Couilhã, dizendo que sem duvida, se viessem a tal rompimento, todos se perderião, porque o Preste os aueria por homens que nom tem temor a seu Rey, que he o mór primor que guardão os vassalos do Preste; polo que, o Preste, vendo taes cousas antre homens que lhe ElRey de Portugal manda com embaixada, que hão de ser dos bons de seu Reyno, cuidará que os outros são piores, e de todo o preço da embaixada será perdido, e nunqua mais o Preste os despacharia, até lhe nom vir outra embaixada. E postoque todos erão contra o Jorge d'Abreu nom deixou de leuar sua teima áuante, e nunqua depois esteuerão ambos bem; mas comtudo o soube o Preste, porque os nossos mandaua sempre espiar o que fazião, e ouve pesar d'ysto de Jorge d'Abreu, e lhe mandou dizer que fossem amigos, que os bons homens, criados em huma casa, nom deuião pelejar estando em terra alheia.

N'este dia de natal foy o Preste mostrado ao pouo, segundo seu costume, em seu grande pontifical, como já atrás disse. Então mostrou o rostro, que o vissem, decendo o tafetá do rebuço. Estaua em seu grande estrado, vestido com opa de brocado riqo de Leuante, debaixo huma camisa de seda rôxa, comprida e mangas largas, e per diante seu panno de brocado, como bispo, que lhe tinhão dous pages polas pontas, e os outros pages assy derrador d'elle, e a sua guarda assy posta em ordem, com suas armas, e loução de vestidos. Elle era homem que lhe começaua a pongir a barba preta: elle mais branco que pera parda; homem de bom parecer, bem assombrado de parecer, até vinte e tres annos, do rostro redondo, o nariz hum pouqo alto no meo. Em toda sua presença bem parecia de alto estado.

Os nossos estarião d'elle duas braças, e todolos grandes derrador mais afastados, e derrador todo o pouo; e assy esteue que todos o virão espaço de terço de mea hora, que a gente do pouo corria de longo da tenda a ver. Então correrão as correditas, e abaixarão as abas da tenda, e ficou çarrada, como sempre estaua todo o outro tempo.

O Preste fiqou falando com os nossos, e dixe a dom Rodrigo que aueria muyto prazer, e seu contentamento de todo comprido, se em Maçuha visse feita nossa forteleza, ou em Çuaquem, ou em Zeyla, que erão suas terras mais cercanas a seus Reynos, e mórmente em Zeyla, que era

lugar mais perto de sua corte e o principal porto de mór escala de mantimentos que carregauão os mouros, com que bastecião todolos lugares do Estreito; que se esta escala lhe tomassem lhe farião grande mal; que se elle ysto visse em seus dias elle seria mayor que todos seus antepassados; pera o que elle daria quanto lhe pedissem. Dom Rodrigo lhe respondeo: « Senhor, ysso será feito, tanto que me despachares, que eu »
« leue tuas cartas a ElRey meu senhor; que pera elle será grande pra- »
« zer com a certeza de tua amizade, e que has prazer que mande fa- »
« zer as fortelezas em tuas terras; que fará quantas for tua vontade, por- »
« que muytos annos ha que os Reys de Portugal tanto desejão d'auer »
« teu conhecimento e amizade, por tu seres tão alto senhor, de que »
« corre teu nome por todo o mundo. E ysto terás bem sabido pela vin- »
« da de Pero de Couilhã, per que te mandou buscar, correndo o mun- »
« do tantos annos primeyro que em Portugal soubessem a que parte era »
« a India. » Com que o Preste mostrou muyto prazer ouvindo a dom Rodrigo taes cousas, e lhe fazendo muytas perguntas, dizendo que o despacharia muy cedo no tempo que comprisse. Com que o despedio.

Assy estiuerão os nossos na corte com muyta paz e amor de todos, os quaes os mais dos dias o Preste falaua com elles, perguntando polas cousas de Portugal e da India, e mórmente com o padre Francisco Aluares, com que sempre praticaua nas cousas da fé e ordenança da ygreija. E mandou que lhe traladassem o frosantorum e lendas de santos do auangeliorum, porque o padre já sabia bem a fala da terra, que muyto lha ensinou Pero de Couilhã, que a sabia ler e escreuer.

Passandose alguns dias, o Preste mandou a dom Rodrigo cinqoenta mullas e trinta escrauos de mercê, que elle partisse por todos, e que se fizessem prestes pera caminhar, porque elle se mudaua pera outro lugar. Do que dom Rodrigo lhe mandou seus agardecimentos com grandes louvores, como lhe aconselhaua Pero de Couilhã. Dom Rodrigo partio per todos as mullas e escrauos, e com Jorge d'Abreu melhor que a todos; mas elle de nada se contentou: sobre o que casy que outra vez ouverão brigas.

Ao outro dia se tangeo per todo o arrayal huma trombeta comprida de tres braças, direita, da grossura de huma lança, e a boca larga, que se bem ouvia em todo o arrayal, que fazia hum muy temeroso som, que dizia que se leuantasse o arrayal, que logo se aleuantou, e começarão a

caminhar; em que aueria passante de cincoenta mil de cauallo, e mulas e sindeiros, que esta he a somenos gente que he cotidiana na corte, que toda se pôs em ordem pera caminhar por esta maneyra.

Hia diante de toda a gente o capitão do campo, que manda armar as tendas do Preste, e derrador todas as dos officiaes e priuados da casa, e assy todas as outras, que as manda assentar, que ficão em ruas feitas, muyto bem ordenadas, que nenhuma tenda se assenta sem seu mandado, que são tão grande numero de tendas que assentadas parece huma grande cidade; e as tendas de pannos de muytas côres, pannos muy tapados feitos pera ysso, sómente as tendas do Preste que são brancas, e da Raynha, e das ygreijas que em cima dos esteos tem cruzes. E n'ysto ha tal ordem que já quando chega a gente cada hum tem certo seu aposento; e ruas apartadas de todas as cousas de comer e todo outro mester, em muyta auondança.

Toda a gente vai em dous esquadrões, hum diante e outro muyto atrás, casy mea legoa, e o Preste fiqua no meo, e das bandas vão dous capitães da guarda, cada hum com quatro mil de cauallo, que tambem vão assy muyto afastados do Preste huma grande vista. Vão diante do Preste hum tiro de bésta quatro liões muy grandes, com colares de ferro nos pescoços, em que vão metidas quatro cadeas de ferro delgadas, de quatro braças de comprido: duas vão pera diante, e duas ficão pera trás, e cada cadêa leuão quatro homens, que tirão polas cadêas, que nom deixão o lião hir pera nenhuma parte. Dous liões d'estes vão diante, e dous detrás; que estes liões fazem afastar a gente, que vai muyto longe toda huma vista; e se a gente se chega muyto ao Preste os homens das cadêas tirão polos liões, com que os fazem bramir, de que os cauallos vão fogindo. E se o caminho he estreito então os capitães da guarda, que vão das bandas, o capitão da mão direita se mete no caminho diante, e o outro fiqua atrás antre o Preste e a gente, e muy afastados dos liões, e assy fica o Preste em meo, que de todos vai muy apartado, com que nom vão senão os de dentro da casa.

A pessoa do Preste vai metido em humas cortinas branqas, que leuão homens em humas varas compridas como piques; as cortinas todas çarradas em roda, sómente, pouqa cousa, abertura por diante, que o Preste veja o caminho. Elle vai em huma mula com a sella e freo com toda a gornição d'ouro; em cima do freo leua hum cabresto assy d'ouro gor-

necido, que tem dous cabos que leuão dous pages, cada hum de sua parte. E em cada estribo vão pegados dous pages: os dous dianteyros leuão as mãos na sella e comas da mula; e os dous pages trazeyros leuão os braços sobre as ancas da mula, em tal maneyra que se a mula ouver algum espanto elles a terão por força, porque nom perigue a pessoa do Preste.

Vão diante da cortina seis mulas da mesma pessoa do Preste, assy gornecidas como a em que elle vai, e com seus cabrestos, e pagens que vão a destro. Diante d'estas mulas vão seis cauallos assy agezados, riquamente gornecidos d'ouro nas sellas e freos, cabrestos e pages n'elles pegados da propia maneyra que vai o Preste pera assy auerem de ser costumados. Diante d'estes cauallos hião vinte fidalgos bem atauiados, em bons cauallos, todos vestidos de bedens. Diante d'estes fidalgos mandou o Preste que fossem os nossos; e dom Rodrigo e Jorge d'Abreu hião antre estes fidalgos dos bedens, e a fardagem dos nossos hião diante com a gente do arrayal. E adiante, nem atrás, nem das ilhargas, nom hia outra nenhuma pessoa n'estes espaços que disse; e pera fazer afastar a gente hião a tiro d'espingarda homens de cauallo, que corrião prestesmente a fazer afastar, se alguma pessoa se chegaua. E atrás da cortina do Preste, hum tiro d'espingarda, vinhão cem com jarras de vinho, cada huma de meo almude, de barro preto lustroso como aziuichy, e as jarras com seus cobertoiros atados e assellados; e outros cem homens atrás das jarras com cestos de verga, muyto pintados, assy fechados e assellados, cheos de pães: no qual pão e vinho ninguem toqa, sô pena de morte. Dos quaes vão em guarda vinte homens de cauallo; e vão estes homens todos de dous em dous, a saber huma jarra e hum cesto, e todos muy per ordem. Este vinho he feito de paças muyto doces deitadas em môlho até estarem muyto inchadas, e então as deitão hum pouqo ao sol a enxugar d'agoa, então as pisão, e lhe tirão o çumo, que he bom mosto, que se faz muy crareficado, que he muyto gostoso; e d'esta maneyra fazem o vinho do sacramento os sacerdotes com suas mãos a paça amassada, porque lhe nom quebrão o bagulho.

Chegando ao pouso já o arrayal estaua assentado como huma grande cidade, muy per ordem, com ruas e praças em muyta ordem, e cada hum se vai aposentar em sua tenda, que já tem assentada em seus deuidos lugares; e a tenda dos nossos assy junto do Preste, como estaua.

Onde logo derão aos nossos muyto pão e vinho, e carne e outras cousas de comer, e lhe mandou perguntar o Preste se lhe derão as cincoenta mulas e trinta escrauos, que lhe mandára no outro lugar. Dom Rodrigo lhe respondeo que si, por ysso lhe beijauão as mãos a sua grandeza, que nenhum Principe fazia tamanhas mercês, porque elle era mór que todos; que Deos o leuantasse sobre seus imigos tão alto como o ceo. Respondeo Jorge d'Abreu, que já sabia alguma cousa da fala, que todos trabalhauão por saber, e disse ao messigeiro que dixesse ao Preste que *a* elle derão mulas tortas e negros velhos, que os melhores dom Rodrigo os tomára.

Desto dom Rodrigo se muyto afrontou, e dixe a Pero de Couilhã que dixesse ao messigeiro que tal cousa nom falasse ao Preste; que aquelle homem falaua como doudo; dizendo mais, que se algum dos seus alguma cousa falasse em desfazimento de tamanhas mercês, como lhe o Preste fazia, que elle lhe mandaria cortar a cabeça, e esquartejar por trédor a ElRey de Portugal. Com que se foy o messigeiro, e dom Rodrigo com Jorge d'Abreu ficarão armandose em palauras, em que muyto sofreo dom Rodrigo com muyto siso, por nom fazer cousa que danasse seu credito; o que lhe muyto aconselhaua Pero de Couilhã. E fazia dom Rodrigo requerimento a Jorge d'Abreu que nom fizesse taes cousas, por serem tão erradas, e tão vergonhosas ao estado d'ElRey de Portugal; e o padre, e todos lho dizião, e nom aproueitaua nada, por Jorge d'Abreu assy ser soberbo e aleuantado, que a todos respondeo com descortezes palauras; ao que dom Rodrigo nom teue paciencia e arremeteo a elle com huma espada pera o matar, e certo que o matára, se os padres e Pero de Couilhã se nom puserão diante; e todauia dom Rodrigo o ferio, pouqa cousa. O que logo todo foy dito ao Preste, que logo mandou o cardeal a dom Rodrigo, lhe dizer, e a Jorge d'Abreu, que auia pesar de antre elles auer taes cousas; que folgaria que fossem amigos, e por amor d'elle o fossem, e se abraçassem. E o cardeal os fez abraçar, ficando amigos.

Estando n'este logar veo o tempo da pascoa, e o Preste mandou a nosso padre Francisco Aluares que fizesse o officio das endoenças; pera o que mandou o padre chegar a tenda da ygreija junto do Preste, o qual aly fez estar muytos dos seus crelgos, que vissem a ordem com que os nossos o fazião. O que o padre, com o padre João Gomes que a tudo ajudaua, fizerão os officios como milhor puderão, ajudados ao cantar de

todos os nossos que o sabião fazer, que todos se confessarão e comungarão ao dia de pascoa, com missa cantada e officiada com seus orgãos frautados, com todas as mais cerimonias que puderão. O que todo vio o Preste, e Raynha, e todolos seus móres senhores do arrayal; que todo o Preste muyto gabou, dizendo que muyto mais sabião os nossos padres que os seus, e tinhamos mais perfeição na ordem do seruiço do altar. Estaua dom Rodrigo sempre na tenda do Preste, que a tudo lhe daua rezão; ao que lhe perguntaua muytas miudezas do que ElRey e Raynha fazião n'estes dias.

N'este dia de pascoa, acabada a missa, o Preste foy mostrado ao pouo, como já atrás contey, com suas cerimonias; e çarradas as cortinas, que os nossos ficarão dentro, o Preste mandou a todos dar outros vestidos, como outra vez fizera, muyto melhores, por ser dia de festa. Em que logo veo vestido apartado pera Jorge d'Abreu, melhorado dos outros, que o Preste dizia que Jorge d'Abreu era homem brauo como cauallo sem freo. E porque n'este dia o Preste muyto falou e folgou com os nossos, dom Rodrigo lhe falou que o despachasse, porque 'armada que viesse aos buscar a Maçuha se nom tornasse debalde, que cuidarião que erão mortos, e nom os tornarião nunqua a buscar; porque quando o Gouernador os mandára o barnegaes concertára e ficára que nom passaria mais tempo que até a monção, que assy em Maçuha os acharião já despachados, que até chegar á corte nom auia mais que hum mês de caminho, e que nom aueria mais detença em seu despacho que até monção, que era n'este tempo da pascoa. Ao que o Preste disse que logo os despacharia, e logo n'ysso entendeo.

E ordenou mandar a Portugal com os nossos dous embaixadores, que erão dous condes em sua terra; hum pera hir a ElRey, e o outro com messagem ao Gouernador pera lhe tornar com reposta; e ordenou presente pera mandar a ElRey, huma coroa d'ouro assy comprida como a sua, com muyta pedraria; e lhe escreueo sua carta, e outra pera o Gouernador, que adiante são escritas. E deu a dom Rodrigo hum riqo vestido de sua pessoa, que tiuera vestido em dia de pascoa, e lhe deu trinta onças d'ouro, e cinquoenta pera dom Rodrigo repartir polos outros, e trinta mulas pera carregarem fato, e com ellas trinta homens pera com ellas seruirem até se embarcarem, pagos á custa do Preste; e lhe ordenou o gasto pera os caminhos que auião d'andar; e tudo muyto bem or-

denado os despedio, dandolhe as cartas, e dizendo a dom Rodrigo que lhe désse bom auiamento a seus messigeiros, e fossem d'elle bem tratados. Com que o Preste a todos despedio com muytas honras e gasalhados a todos.

Ao tempo que Lopo Soares foy a Judá fogirão de Judá dezaseis christãos leuantiscos, que andauão catiuos nas galés, os quaes, vendo nossa armada entrada no porto de Judá, todos os christãos, que erão muytos que andauão nas galés, se ordenarão pera que os nossos sayndo a terra elles se aleuantarem, e darem nos rumes. Erão os catiuos mais de tresentos, de muytas nações; e d'ysso mandarão recado ao Gouernador per hum d'elles que fogio de noite a nado; mas Lopo Soares, como nom tinha em vontade de sayr a terra, mostrou que lhe nom daua credito a esta cousa, dizendo que erão enganos que os rumes buscauão pera saber da gente d'armada. Os que estauão em terra, vendo tornar a sayr nossa armada sem fazer nada, alguns d'elles se arriscarão e meterão em huma gelua e fogirão de Judá, que erão mais de trinta, com algumas armas que puderão auer, e sayrão do porto, e correrão polo mar buscando a nossa armada, a qual nom achando atrauessarão e forão ao porto de Maçuha, e se forão ao Preste, que sabendo que erão christãos que assy hião fogidos os recolheo, e lhe mandou dar o necessario, que erão janoezes e italianos, e d'outras nações, que todos falauão espanhol castelhano; de que alguns falecerão, e dezoito d'elles, que andauão na corte, vendo que os nossos hião assy despachados, forão todos pedir licença ao Preste pera se hirem com os nossos. Do que aprouve ao Preste, e os encomendou a dom Rodrigo que os leuasse á India, pera se hirem pera suas terras. N'esta cousa d'estes catiuos o Preste ouve muyto prazer, porque tinha sabido que elles o tinhão pedido a dom Rodrigo que os leuasse, e elle lhe respondeo que sem licença do Preste o nom fazia, indaque forão seus proprios filhos: do que muyto folgou o Preste, sabendo que dom Rodrigo gardaua tanto o que deuia. Então o Preste lhes mandou a todos dar vestidos de pannos de seda, e corenta onças d'ouro, que repartirão antre sy. Com que ainda alguns folgarão de ficar, e outros d'estes, caminhando com os nossos, vendo que fazião muytas detenças, se enfadarão, e se forão pola terra a buscar sua vida, que nom ficarão com os nossos mais que hum castelhano e dous biscaynhos. E contauão muytas auenturas que tinhão corrido por muytas terras do Turquo; que

auia mais de corent'annos que andauão antre elles. Hum d'estes fogio de Çuez, e por terra se veo atrauessando o Egyto, e se colheo ás terras do Preste; o qual contaua muytas cousas do prouimento das cousas das galés.

Quando dom Rodrigo se despedio do Preste se lhe apresentou com todos os nossos, e os estrangeiros que com elle se hião, a que o Preste fez muytas honras; e inda ficarão alguns dias os seus embaixadores se acabando de auiar, que fizerão detença. E o Preste deu a dom Rodrigo carta pera o barnegaes, em que lhe dizia o gasto que auia de dar aos nossos até se embarcarem. E os nossos partirão da corte do Preste em junho de 1521; com que depois se ajuntarão os embaixadores do Preste, e todos juntos caminharão, e polas terras porque passauão lhe fazião muytas honras e gasalhados; e ás duas jornadas Pero de Couilhã se despedio de dom Rodrigo, a que todos derão muytas peças, e nom quis vir com os nossos, porque era já muyto velho e viuia muy descançado em muytas terras que tinha, e sómente mandou com dom Rodrigo hum filho que tinha, homem de vinte e tres annos, preto como pera parda, gentil homem, o qual pedio a dom Rodrigo que o leuasse em sua companhia a Portugal, e o apresentasse a ElRey, e por elle lhe pedisse que lho fizesse honrado em satisfação de seus seruiços, e que ouvesse d'ElRey que o deixasse tornar, pera contar ao Preste as cousas que visse em Portugal, porque sua mãy e parentes que tinha na terra do Preste ouvessem prazer; e que se de sua molher, que ficara em Couilhã, ouvesse algum filho ou filha, que lhe désse vinte onças d'ouro, que seu filho daria. De que Pero de Couilhã deu a dom Rodrigo cem onças pera o gasto de seu filho, e deu ao filho huma carta pera ElRey, com a chapa de cobre que lhe dera ElRey dom João quando o mandára, porque ElRey, vendo a chapa, lhe désse credito. Mas este filho, de doença, faleceo no caminho; de que dom Rodrigo tornou a mandar a Pero de Couilhã [1] *o* muyto ouro que leuaua o filho.

Os nossos andarão seu caminho polas terras do Preste até a derradeyra cidade, que foy jornada de sete dias, e se aposentarão pera passar o inuerno e esperar recado da embarcação. Aquy n'esta cidade lhe derão o mantimento que lhe mandaua dar o Preste, que foy farinha de trigo,

[1] *e*

mel muyto bom, manteiga, vaqas, carneiros, e na terra auia tudo muyto barato. Onde assy passarão o tempo, muyto a seu prazer, em pescar em ribeiras, e á caça d'alimarias com laços. N'esta cidade faleceo o filho de Pero de Couilhã de sua enfermidade.

E sendo quinze dias d'abril do anno de 522, lhe chegou recado como em Maçuha estaua dom Luiz; o qual recado lhe trouxerão homens que dom Rodrigo lá tinha mandado, que lhe trouxessem a noua quando 'armada chegasse; o que já atrás fiqa recontado na lenda de dom Duarte, Gouernador. Nas quaes cartas lhe dom Luiz dizia que era aly chegado a Maçuha, e o vinha buscar, e que agardaria por elle até quinze d'abril, e mais não porque os pilotos lhe nom dauão mais tempo; que logo passados quinze dias d'abril se partia, e que se dentro n'este termo podessem hir a Maçuha que o acharião, e senão que nom tomassem trabalho em vão, que o nom acharião passados os quinze d'abril. E lhe daua nouas da morte d'ElRey dom Manuel, e que reinaua o Principe dom João seu filho. Os nossos ouverão muyto nojo e pesar, vendo que o prazo da embarcação se acabaua no dia que lhe derão a carta; mas comtudo, parecendolhe que dom Luiz faria alguma detença, logo a grã pressa partirão pera Maçuha. Sendo perto de Maçuha duas jornadas, lhe derão outras cartas de dom Luiz, em que lhe dizia que se partia com os ventos da monção; que mais nom pudera agardar com requerimentos dos pilotos e mestres; que em Arquiquo lhe deixaua certos fardos de pimenta, e outros de teadas, e huma arqua com vestidos, que tudo mandasse arrecadar. E lhe dizia que em Arquiquo lhe matarão tres grometes que estauão fazendo agoada, e que o xeque d'Arquiquo prendera os mouros que os matarão, e os soltára por dinheiro que lhe derão; que d'ysso se mandasse queixar ao Preste. Com as quaes cartas os nossos ouverão muyta paixão, e se aposentarão, e dom Rodrigo mandou trazer d'Arquiquo o que dom Luiz dizia, e ouverão conselho do que deuião fazer, e acordarão de se tornar á cidade onde estauão, e assy o fizerão; onde chegados ouverão conselho que era bem que tornassem ao Preste darlhe as nouas da morte d'ElRey, e se queixar do xeque d'Arquiquo, porque soltára os mouros que matarão os portugueses. E porque era grande trabalho tornarem todos, acordarão que nom tornasse ao Preste sómente dom Rodrigo e o padre Francisco Aluares e João Gonçalues lingoa e hum que seruisse dom Rodrigo, que por todos forão quatro, e os outros ficassem sob o mando de Jorge

d'Abreu; e acordarão leuar ao Preste alguns fardos de pimenta e das teadas: o que assy assentado, todos juntos fizerão o pranto d'ElRey e se vestirão de dó.

Então logo se partirão, e forão onde estaua o Preste, que os recebeo com honra, e se mostrou muy anojado pola morte d'ElRey, e se ençarrou muytos dias, e çarradas todas as tendas, que nada se vendeo tres dias, nem nenhuma pessoa trabalhou: o que assy se costumaua fazer polas mortes dos Reys. Em cabo d'estes dias mandou chamar os nossos, e dom Rodrigo mandou diante João Gonçalues, lingoa, que leuou oito fardos de pimenta, e dez de teadas, e quatro fardos de tafeciras e pannos pintados de Cambaya, e lhe mandou dizer que aquillo lhe deixára o capitão d'armada que o vinha buscar, e com ysto folgára pera lhe fazer seruiço; que bem via que era pobreza pera seruir hum tão alto senhor como elle era, mas que o senhor dos ceos dos pobres tomaua a vontade. Do que o Preste mostrou muyto contentamento, e chegando dom Rodrigo lhe fez muyta honra, e falando algumas cousas dom Rodrigo se lhe queixou do xeque d'Arquiquo o que fizera, consentindo que os mouros matassem os portugueses, e os tomou e soltou; e que o capitão d'armada o dixera ao xeque, que lhe nom queimaua o lugar porque era de Sua Alteza, mas que mandaria queixar d'elle; mas o xeque nada estimára. O Preste dixe que lhe pesaua, e logo mandou carta ao barnegaes que castigasse o xeque d'Arquiquo; o que o barnegaes fez, que o mandou trazer preso, e o teue assy alguns dias, e o tornou a soltar, porque elles tem por costume nom matar homem por cousa que faça, sómente por huma só que adiante contarey quando falar de suas justiças, que são muy fraqas.

O Preste falou com dom Rodrigo, lhe perguntando como estauão lá onde estauão, e se lhe dauão tudo o que lhe compria; o que dom Rodrigo lhe disse que si, dandolhe muytos louvores á sua grandeza. Falou com elle ácerqua da morte d'ElRey; do que tudo dom Rodrigo lhe deu rezão, e de como reynaua o Principe seu filho, que era homem muy perfeito; sobre o que o Preste lhe fez muytas perguntas, que muyto folgaua de saber ácerqua do herdamento e regimento que auia quando o Principe era menino. Do que tudo lhe deu rezão, e o Preste disse: « Bom era » « o pay, bom será o filho. » E pedio a dom Rodrigo as cartas que lhe tinha dadas, pera escreuer outras, e dom Rodrigo disse que as tinha onde

estaua o fato, que as nòm trouxera; que outras erão escusadas, porque d'antre o pay ao filho nom auia deferença mais que o nome. O que pareceo bem ao Preste, mas disse que compria falar ao filho palauras do pay morto. Então escreueo outra carta a ElRey de palauras de consolação do pay morto, e fez grande apontamento de cousas, e lhe deu carta pera *que*, onde quer que estiuessem, lhe dessem todo o que ouvessem mester pera seu gasto; e *mandou que* quando se partissem pera o caminho do mar lhe dessem quinhentas cargas de trigo, e cem vaquas, e cem carneiros, e cem panelas de mel, e cento de manteiga, e cem jarras de vinho. E com este despacho se partirão da corte e tornarão á cidade, onde os outros estauão muyto á sua vontade, e estiuerão sempre até este anno que Heytor da Silueira os foy buscar, que foy este presente de 1526.

CARTA QUE O PRESTE ESCREUIA A ELREY DOM MANUEL [1].

«Em nome de Deos Padre todo poderoso, creador do ceo e da terra, e de todolas cousas que som feitas per elle, visiuês, e inuisiuês; em nome de Deos Filho, vontade e conselho, e profeta do Padre; em nome do Espiritu Santo paraclito, Deos viuo, igual ao Padre e ao Filho, que falou pola boca do profeta, espirando sobre os Apostolos pera que dessem

[1] As tres cartas seguintes foram primeiramente publicadas em portuguez pelo padre Francisco Alvares na *Verdadeira informaçam das terras do Preste Joam*, f. 129 v. 131 v. e 132, com imperfeições que denunciam a impericia do interprete, aggravada por descuidos do impressor. Paulo Jovio traduziu em latim as dirigidas aos reis de Portugal D. Manuel e D. João III, com outras para o Papa, como se lêem na *Hispaniæ*, *Lusitaniæ*, *Æthiopiæ et Indiæ scriptores varii*, Tom. II, pag. 1293 a 1297.

Comparadas aquellas versões com a das Lendas da India, conheceu-se que esta, melhorada no estylo, desdiz das outras, não só por isso, mas pelos augmentos, ou suppressões, de cousas importantes; e tambem porque, segundo nos quiz parecer, a troca de lettras, em nomes proprios que vem na obra de Alvares, tornou alguns d'elles desconhecidos quando os passaram para as Lendas. Remediaram-se estes defeitos, quanto foi possivel, apontando-se as alterações principaes; e se o resultado não corresponder ao nosso desejo, não será por falta de diligencia e trabalho.

graça e louvor á Trindade no ceo, e na terra, e no mar e no profundo, pera sempre. Amen [1].

«Manda esta carta e embaixada Encenso da Virgem, cujo nome seu he de bautismo, e em a hora que foy feito Rey se chamou Rey [2] * Dauid *, cabeça de seus Reynos, amado de Deos, esteo da fé prantado da linhagem de Judá, filho de Dauid, filho de [3] * Salamão *, filho da Coluna de Syão, filho da Semente de Jacó, [4] * filho da Mão de Maria *, filho de Nehu per carne, Emperador da Tiopia e de grandes reynos e senhorios de terras, Rey de Xoa, e de Cafate, e de Fatigar, Rey de [5] * Baruu *, e de [6] * Hadea *, e de [7] * Baliganje *, Rey de Amara e de [8] * Bagamidri *, e de [9] * Vage *, [10] * Dambea * e de [11] * Tigrimahon *, e de [12] * Sabaym *, donde foy a Raynha Sabá, e de [13] * Barnagais * até o Egypto. Esta letra vá ao muyto poderoso e muy encelentissimo Rey dom Manuel, vencedor que sempre vence, e está no amor de Deos, firme na

[1] * Lê-se na *Verdadeira informaçam* do padre Alvares: «Em nome de deos padre como sempre foi a ho qual nam achamos principio. Em nome de deos filho hum soo, ho qual he assi como elle sẽ ser visto, lume das estrellas de primeiro antes que fũdasse hos fũdamẽtos do mar oceano, em outro tempo foi concebido no ventre da virgem sem semente de varã: e sẽ fazer vodas, assi era ho saber de seu officio. Em nome do paraclito espirito da sanctidade sabedor de todolos secretos donde era primeiro nas alturas do ceo ho q̃l se sostem sem esteos nem põtões e alargou ha terra sẽ ho ella ser de primeiro, nem ser sabida nem criada de leuante a poẽte: e de norte a sul. Nam he este ho primeiro nẽ ho segundo, mas he ha trĩdade jũta em hũ criador de todolas cousas pera sẽpre per hũ soo cõselho e hũa palaura pera secula seculorũ amen.» [2] Faltava nas Lendas. V.e Alvar. [3] * Saluaçam * G. Correa. [4] * filho de Damão de Maria * G. Correa. *Ludolfo*, *Historia Æthiopica* Lib. II, Cap. I, n.º 43, rectifica os titulos que o imperador da Abessinia tomou, ou os nossos lhe deram, ao escrever estas cartas: «Eu Etana Denghel (isto he, Encenso da Virgem..... filho de David, filho de Salomão, filho da Columna de Sião (Amda Tzeon), filho da Semente de Jacob (Zar-a-Jacob), filho da Mão de Maria (Bœda Mariam), filho de Nahu (Naod).... rei de Shoa, Gafate, Fategar, Angote, Davara, Hadea, Bali, Ganze, Vange, Gojam, Amhara, Bagemder, Dembea Vagne, Tigré, Sabaim, Midre-Baher etc. Coteje-se esta passagem com o Cap. III, Lib. I da mesma *Historia*. [5] * Brame * G. Corr. [6] * Cadea * Id. [7] * Galigange * Id. Primeiro exemplo da troca do *B* gothico pelo *G*. [8] * Gagamidre * G. Corr. [9] * Vague * Alvar. [10] * Dambera * G. Corr. [11] * Tergimonia * G. Corr. Tigrimahõ segundo Alvar. e Jov., e verdadeiramente Tigré. [12] * Sabyam * G. Corr. [13] * Barnecaes * Id.

fé catholica, filho de Pedro e Paulo, Rey de Portugal e dos Algarues, amigo bom dos christãos, imigo dos mouros e gentios, senhor d'Africa, e de Guiné, e dos montes e ilhas da lumha, e do mar Roxo, e d'Arabia, Persia, e d'Ormuz, e das grandes Indias, e de todolos lugares d'ellas e suas ilhas, julgador e conquistador dos mouros e fortes pagãos, senhor de [1] * montes e serras * muy altas. Paz seja comuosco, Rey Manuel, forte na fé, ajudado por Nosso Senhor Jesu Christo pera matardes os mouros, que sem lança e sem cutello os empuxaes e deitaes fóra como cães. Paz seja com vossa molher, amiga de Jesu Christo, seruidora de Nossa Senhora Virgem Maria madre do Saluador do mundo. Paz seja com vossos filhos n'esta hora, [2] * assy como * em * orta lyrio nouo, á vossa meza *. Paz a vossas filhas, que são ornadas de roupas assy como bons paços. Paz seja nos vossos parentes, sementes de santos, assy como diz a Escritura : os filhos dos santos som beatos e grandes e de graças. Paz dentro em vossa casa e vosso conselho, e senhores e julgadores, e officiaes do vosso bem. Paz aos vossos grandes capitães dos campos e estremos de todolas cousas fortes. Paz a todolas gentes, vossos pouos que são fieis em Christo. Paz a vossas cidades, lugares, e aos que dentro d'ellas são nas freguezias dos templos de Deos. Amen.

Ouvi dizer, senhor grande Rey [3] * meu * padre, que quando fôra á vossa noticia * a fama do meu nome * per o homem per nome Matheus, chamastes bispos e arcebispos, e o engrandecestes ; polo que eu som muy alegre com muytas graças a Deos, e não eu só, mas todo meu [4] * pouo he muyto alegre ; e me affligi quando * pergunley e me disserão que era morto Matheus, entrado no começo de minhas terras, no mosteiro de Bisão. Eu nom mandey tal messigeiro, mas foy enuiado pola Raynha Elena, que a mim gouernaua, e regia meu reyno como mãy, porque n'aquelle tempo eu auia onze annos, orfão por falecimento de meu padre, quando assy socedi sua coroa de meu reynado. Matheus era mercador, chamado Abrahão, e troqou o nome a Matheus quando lá foy, andou por terras d'in-

[1] * mouros e terras * se lê em Alvar. São erros. Jovio traduziu : *domino arcium et altorum castellorum*, lembrado de que as altas serras, ou ambás, são as fortalezas da Abessinia. [2] * assy como orta lyrio nouo paz seja a vossa mesa * G. Corr. Veja-se esta passagem em Alvar. e Jovio. [3] * seu * G. Corr. [4] * pouo, e muyto alegre quando * G. Corr., Jovio, com razão, escreveu : « *Dolui autem cum ab his intellexi ipsum Mathæum etc.* »

fiés com mercadarias, por passar como mercador, com que foy ter a Dabul; o que sabido que era christão o prenderão, metido em huma coua, donde elle enuiou recado a vosso capitão da India, noteficandolhe que leuaua minha embaixada pera vós, grande Rey de Portugal, que o mandasse tirar donde o tinhão metido os mouros [1]. O que ouvido polo vosso bom capitão, logo, com seu forte coração no amor da fé de Christo, mandou armada e gente pera matarem os mouros que o tinhão, do que elles com muyto medo logo o entregarão em paz, e lho leuarão. O qual recebeo com beninidade, e lhe perguntou que leuaua e ao que hia. Matheus lhe disse que a só vossa pessoa o diria [2]; polo que o tornou, e concertado o enuiou a vosso Reyno. O qual, ante vós chegado, dixe que leuaua a cruz de Christo [3], que vola deu, e de sy mesmo disse muytas palauras, como entendeo que seria bem ante Rey tão poderoso, segundo as perguntas. E polo que dixe o enxaltastes, e fizestes grande como sois, polas letras que mostrou que leuaua. O qual pera mim tornado [4], antes que ante mim viesse faleceo da vida, e os vossos portugueses, que com elle vinhão, forão encaminhados a mim e [5] * chegados, me * derão vossas letras e embaixada, a mim tão praziuel como o sol, de que dey muytas graças a Deos, e agardecimentos á sua vinda e trabalhos: e são muyto alegre em vós e vossos pouos, e muyto alegre * foy * minha alma quando vi as cruzes sobre suas cabeças e nos seus peitos [6], e quando lhe pergunte pela fé, que n'elles achey, que minha alma muyto se alegrou, que achey a proua como * erão * fiés christãos, e me disserão que [7] * me nunqua virão * e tinhão achado o caminho da minha Tiopia; que nom o achando se quiserão tornar pera os mares da India, e que milagrosamente virão huma cruz roxa no ceo [8] * femencada *(sic)* de estrellas *, que de todos foy adorada, per que conhecerão que erão per Deos nauegados: o que a mim fez grande marauilha, e certo que o sinal veo da

[1] Alvar. accrescenta que Matheus fôra em Dabul roubado do que tinha. [2] De tal repulsa nada dizem Alvares, nem Jovio. [3] Circumstancia omittida por Jovio. [4] Jovio faz aqui expressa menção da vinda da armada de Diogo Lopes de Sequeira, e da morte de Duarte Galvão. [5] * chegados que me derão * G. Corr. [6] * assi como nas mãos *, accrescenta Alvares. Jovio falla sómente das cruzes que os portugueses traziam no peito. [7] * nũca vierão a mi * Alvar. [8] A cruz, segundo Alvar. foi vista de noite, « e sinal da vontade de Deos, e não obra do diabo. » Jov. diz unicamente que appareceu ao amanhecer. G. Corr. accrescentou que era de estrellas.

vontade de Deos pera a mim mandardes embaixada. O que assy foy primeyro profetizado na vida de são Vitor, no liuro dos Santos Padres, que se acharia Rey frangue com Rey da Tiopia, e se darião paz hum ao outro.

Eu nom sabia se ysto seria nos meus dias, e pois foy, Deos seja louvado, que vos foy minha embaixada que abrio caminho, e me veo a vossa pera enuiar a vós, como a meu padre e amigo, que somos juntos em huma fé e verdade. Atégora nunqua quá foy visto embaixador de Rey christão, agora somos ambos perto hum do outro, e d'antes o erão pagãos e mouros, sujos filhos de Mafamede nefando, e outros escrauos do diabo que nom conhecem a Deos, e outros que adorão os páos, e fogo, e sol, e as serpentes. Eu nom estaua em paz, nem descansaua porque nom querião crer a verdade. Sempre eu [1] * debalde * pregaua a fé; agora estou descansado, que Deos me descansou d'elles, nossos imigos. Em todos meus estremos vou encontrar com elles e me nom tem rostro direito, e os meus capitães hão d'elles vitoria no campo [2]. * Nom me anoja Deos com a sua ira *, como diz o Salteyro. Deos com o vosso poder se alegrou, e pera vós, pay, deu Deos o mundo e a terra dos gentios até o principio da Tiopia. Deos me trouxe ás mãos muytos mundos, polo que lhe dou muytas graças e louvores, esperando do seu grande poder que os filhos seus, que hão de vir, serão no conhecimento de sua verdade. Agora nom cesseys de fazer vossa oração até que Deos vos dê em vossas mãos a santa casa de Jerusalem, que está em mãos de reués contra Christo, mouros, hereges, e pagãos; e quando ysto assy for quem será mayor que vós? e vosso nome será singular, e vossa cabeça será chea de louvor dos homens.

Ouvi que com Matheus vinhão embaixadores que trazião vossa palaura a mim, e morrerão [3], e nom chegarão. O capitão cabeça mór dos vossos veo até Maçuha, terra minha, e falou com o barnegaes, Rey a mim sojeito, e lh'entregou embaixadores, com que a mim muyto alegrou ouvir vossa ouvida, e de todolos tysouros do mundo, pedras preciosas, o vosso nome a mim he melhor, e sobre todo reluzente; e os ouvi com o meu coração muy contente. Agora vamos buscar cousas que tomemos.

[1] Falta nas Lendas e em Alvar. Em Jovio vem: «*et frustra his prædicabam fidem.* [2] Aindaque Alvar. e G. Corr. escreveram ambos: «Não me anoja Deos com sua graça» preferimos a lição de Jovio: «*Neque mihi Deus irascitur*» [3] Tres, segundo Alvar. e Jov.

Eu darey duzentos milhões d'ouro ; e com amizade nos cheguemos [1] por comprir as palauras de Christo, e vereys como pera ysso som prestes, como fizerão os Apostolos de Christo, que todos erão hum coração e vontade. Nom menos me fizestes alegre, ó meu pay, Rey Manuel ; hum só Deos vos guarde e sostenha, o senhor dos ceos, que sempre he huma sostancia, sem ser mais moço nem mais velho. A palaura que me mandou o vosso capitão das Indias é boa, e bons os que ma trouxerão, de que he cabeça dom Rodrigo de Lima, bom homem. Ao padre Francisco Aluares eu lhe fiz bom amor, porque o achey homem justo, e verdadeyro em todo o que toqua a fé : vós o acrecentay e o fazey conuertedor de Maçuha, Dalaqua, Zeyla, e de todas as ilhas do mar Roxo, que são nos fins de minhas e vossas terras ; e nós lhe otorgámos cruz e cajado em sua mão em sinal de senhorio, e vós lho day, e seja bispo n'aquellas terras e ilhas, que elle he muyto pera ysso ; e a vós faça Deos muyto forte contra vossos imigos, que se sometão sô vossos pés ; e vos faça comprida a vida e dê parte nos ceos, assy como eu peço pera mim. Eu ouvia cousas boas e nom as via ; agora virão meus olhos o que meu sentido nom cuidou. Deos vos dê do bom o milhor na morada dos santos. Amen.

[2] * Mandouos minha embaixada per o meu Lycacanate, que vos dirá o meu querer e vontade, e mando o padre Francisco Aluares ao Papa com minha obediencia, do que ajaes prazer, porque faz muyto a mim *.

Assy a vós mandarey, como o filho pequeno manda ao pay que o fez, e farey quanto me mandardes. Sempre a mim enuiai pera que nos ajudemos da vida que Deos dá, e d'esta vinda de Maçuha, e das que mais mandardes, e a Dalaqua e aos outros portos, eu lhe farey tudo o que mandardes, com nossas almas juntas ; e como o estiuerem vossas gentes eu serey lá, porque são terras minhas, e n'ellas nom ha christãos nem igreijas, e n'ellas estão mouros tratantes. Folgaria contente que ahy assentassem vossos pouos, e comprisses o começado per vós. [3] * pois que já em Maçuha se celebrou ostia sagrada *. Hey mester e muyto folgaria

[1] Alvares traz aqui uma passagem, mais explicada em Jovio, pela qual o imperador David dá a entender que era contra os seus costumes, e dignidade, ser elle o primeiro a fazer propostas de paz. [2] Tudo que está entre asteriscos falta na versão de Paulo Jovio. [3] Nem Alvares, nem Jovio, mencionam esta circumstancia.

com mestres que fação feguras d'ouro, prata, cobre, ferro [1], chumbo, e pasta d'elle pera cobrir igreijas, [2] * mestres pera a fòrma de liuros *, mestres pera fazer folha d'ouro e prata pera dourar e pratear, mestres pera laurar pedra, madeira [3]; e ysto logo, pera comprimento do que meu coração deseja. E os taes officiaes estarão comigo quanto forem suas vontades, e querendose tornar liuremente o poderão fazer, e nom serão reteúdos, nem hirão descontentes: o que assy será por Deos viuo. Ysto peço á vossa vontade, e nom por minha obra merecida, e o espero polo bem que vi em Matheus, que me esforça, e mais que quando o filho pede ao pay nom lhe póde dizer não, sendo pera bem de Deos. Eu são filho que peço a vós, pay, que me dareys, e n'esta conta fiquo [4]. Assy somos juntos como as pedras nas paredes e os corações no amor de Christo, de que elle he o secreto do saber, que todo ante elle Deos he manifesto, e nada occulto, e sabe o como fiqa meu coração [5]. O Pero de Couilhã achey quando reiney que meu pay nom encaminhara até ver cousa que o mais certificara; o que Deos a mim fez e não a elle, e sabe como fica meu coração até ver vossa reposta que muyto desejo.»

Esta carta tinha o Preste escrita pera ElRey dom Manuel, que sabendo que era morto escreueo esta pera seu filho, ElRey dom João, que socedeo o Reyno.

«Em nome de Deos Padre todo poderoso, criador do mundo, ceo, e terra, e do centro, tudo por elle feito e criado, visiues e inuisiues. Em nome de Deos Filho, vontade e conselho, e profeta do padre. Em nome de Deos Espiritu santo paraclyto, Deos viuo, igual ao Padre e ao filho, que falou pola boca dos profetas, espirando sobre os Apostolos pera que dessem graça e louvor á Trindade, no ceo, e na terra, e no mar, e no profundo, pera sempre. Amen.

Mandauos esta carta e embaixada Encenso da Virgem, filho de Nahu per carne, Rey d'Etiopia, [6] * filho da Mão de Maria * filho da Semente de Jacó, os que nacerão da casa de Dauid, e Salamão, que forão Reys

[1] «e estanho» Alv. e Jov. [2] «mestres de forma pera fazer liuros de nossa letra» diz Alv.; isto he, fundidores de typos, para estabelecer imprensas na Ethiopia. [3] Não tractam d'este pedido as versões de Alv. e de Jov. [4] Accrescenta Alvar.: «e nã me ajaes isto ẽ vergonha q̃ eu ho pagarei.» [5] O que se segue, até o fim da carta, não vem na traducção de Alvares, nem na de Jovio. [6] * filho del Rey Damão * G. Corr.

de Jerusalem. Vá esta carta a ElRey dom João de Portugal, filho d'El-Rey dom Manuel. Paz seja comuosco, com a graça de Jesu Christo, pera sempre. Amen.

Quando ouvi nouas dos poderes d'ElRey vosso bom pay, como quebraua os poderes da mourama, filhos do nefando Mafamede, dey graças ao senhor dos ceos polo aleuantamento, e tanta grandeza, e coroa de saluamento na casa da christanidade; e muyto folguey quando a mim chegou a fala da sua embaixada que me trouxe amor, amisade e conhecimento antre ambos, pera que arranquemos os mouros e maluados judeos e gentios d'antre nossos Reynos. Estando com este prazer me veo noua que ElRey vosso pay era hido a Deos antes que seus messigeiros de minhas terras fossem partidos; polo que meu prazer foy tornado em pezar e tristeza, e me crecerão dores no meu coração, lembrado do trespassamento d'esta vida de vento, que assy será das nossas; com o que entristeceo todo meu Reyno e chorarão comigo, e os ecclesiasticos celebrarão nos mosteiros e igreijas. O prazer da primeyra noua dobrou a paixão da segunda. Senhor meu irmão, do principio de meus Reynos atégora nom se vio embaixador de Rey christão de Portugal; sómente * d'elle se sabia * por ouvidas de peregrinos de Jerusalem e Roma que correm o mundo, e nunqua * se * teue certeza [1] * senão depois da embaixada enuiada pelo vosso bom pay, que me mandou seus capitães, e fidalgos, com clerigos e diáconos, que trouxerão os ornamentos * pera dizer missa; que me muyto alegrou, e recebi com amor, e os despachey com amor e paz. E depois de caminharem polo mar Roxo, com que comárcão minhas terras, nom acharão o capitão que mandara vosso padre, que nom esperou que chegassem, que hião andando; e porque por vossa ordem cada tres annos fazeys nouo capitão este de primeyro nom tornou, o que causou mais detença a vossos embaixadores, que ora vos vão, e os enuiaua a vosso e meu padre, que vos darão minha embaixada e a que mando ao Papa [2]. O senhor Rey meu irmão, compri o amor e amizade que a mim

[1] * senam enuiada pelo vosso bom pay enuiada pelo seu capitão embaixador oramentado (sic) * G. Corr. Valemo-nos da traducção de Paulo Jovio para tornar intelligivel esta passagem. [2] Explica Jovio na sua versão, que David mandava por embaixador a Portugal a frei Christovam, cujo nome de baptismo era ZagaZabo, e Francisco Alvares ao Papa, para que, em seu nome, lhe prestasse obediencia « como era justo. »

enuiou ElRey vosso bom pay, fazendo a primeyra carreira em que fez largo caminho; pera o que sempre me enuiai vossos embaixadores e messagens, que desejo com muyta rezão, pois somos da seruidão de Deos, fieis em sua fé; e os mouros sujos sejão confundidos em sua má seita. Agora engeitarey messagens do Rey do Egyto, que me mandauão; que agora nom quero senão as vossas, que eu muyto quero e desejo pola fé que creo; que dos Reys mouros [1] * nom som amigo, sómente polos tratos de meus pouos comarcãos com minhas terras, porque de todo são auondadas; do que elles são muyto amigos, e eu d'elles imigo *. E ysto nom defendo e aparto por assy estar em costume antigo de meus antepassados, e se d'estes imigos nom tomo vinganças he porque elles nom fação mal á casa santa de Jerusalem, e sepultura de Christo, que os meus vão visitar, e tendo com elles contendas destroyrão as casas santas e igreijas que estão no Egyto e na Suria; do que meu coração he muy agastado por nom ser comarcão a Rey christão, que me ajude. Eu nom som contente [2] * dos Reys da Franquia *; que sendo christãos não são em hum coração, antes huns com outros pelejão; que se hum tiuesse por visinho nunqua me d'elle apartaria huma só hora; ao que nom posso valer, pois o Deos consente.

Senhor bom Rey irmão, sempre com vossas cartas e embaixada me fazey alegre, porque me parecerá que vejo vossa face, porque amor de longe he milhor que do perto, polos desejos da vista que carece, com que o coração se não farta. Assy he o meu, que deseja este que he o mór tisouro do mundo. Christo o dixe, que onde he o tisouro he o coração; assy he o meu coração, que vós sois o meu tisouro; assy folgaria eu que eu fosse o vosso tisouro em vosso coração. Ajuntai o vosso coração com o meu, e gardai minhas palauras em vosso saber, que me dizem que tendes mór que os dias; que por ysso dou graças a Deos. Passai o pesar do trespassamento de vosso pay, e tornai a vosso prazer; cobriuos de sua benção, que digão: bento o filho do bom Rey dom Manuel, que se assentou na [3] * cadeira * de seus Reynos. Nom canseys na

[1] « nam me tem por amigo por amor da fe, senam por amor dos seus tratos e mercadorias de que se lhes segue de mĩ muito proueito: e leuam de meus reinos muito ouro de q̃ elles são muito amigos e de mim pouco » Alv. [2] * dos Reys d'Africania * G. Corr. « De *Christianis Europæis Regibus* » Jov. Preferimos a lição de Alv. [3] Alvar. Em G. Correa lia-se * cabeça *

perseguição dos mouros polas forças grandes que herdastes do vosso bom padre, porque Deos seja vosso ajudoyro. Eu tenho ouro, gentes, mantimentos como as areas do mar [1]; ambos destruamos as mouramas. Nom quero mais que vossas armadas e homens pera armarem e ordenarem os meus. ElRey Salamão reynou * de * doze annos; teue mór força e saber que seu pay; eu, quando meu padre faleceo, fiquey menino em sua cadeira. Deos me deu móres forças que meu pay; todos meus reynos são na minha obediencia, e estou descansado. Auia mester que me mandasseys homens [2] * que me fizessem imagens, liuros, e me fizessem armadas ás minhas gentes pera pelejarem; carpinteiros, pedreiros, mestres de ouro, prata pera fazerem boas obras, e que saibão conhecer e o tirar de muytas minas que ha em minhas terras, e que fação pasta de chumbo e cobre pera cobrir as igreijas, e as fazer abobadadas sem madeira, e mestres pera fazer artelharia e suas pertenças *. Ysto hey mester pera seruiço de Deos, e o peço a vós, meu irmão. Deos nos ouvirá nossos petitorios e sacreficios, como os de Abel, e Noé, que andou n'arqa sobre as irosas agoas de Deos, e d'Abrão quando foy pela terra de Madiam, e de Isaque quando partio da coua do juramento, e de Jacob na casa [3] * de Belem *, e de Mouses no Egypto, e de Arão na Montanha, e de [4] * Josué filho de Nun em Galgala *, e de Gedeom sobre a praya [5], e de Samsão quando ouve sede na terra sequa, de [6] * Jephte * dentro na batalha, e de

[1] * e as estrellas do ceo * Alv. e Jov. [2] «officiaes de fazer imagẽes e liuros de molde e de fazer espadas e armas de todo costume de peleja, e assi pedreiros e carpinteiros e homẽes que façã mezinhas e fissicos e çurujaẽs pera curarẽ doẽças: e assi officiaes pera bater ouro e assentalo e ouriuez douro e prata, e homẽes q̃ saibã tirar ouro e prata das veas e assi cobre, e homẽes q̃ façam telha de chumbo e de barro: e mestres de quaesquer officios que necessarios sã nos reinos: e assi mestres despĩgardas.» Alvar. A versão latina concorda com a de Alvares, e não com a das Lendas. [3] Alv. e Jov. Nas Lendas lia-se * Abel * [4] V.e *Numeros* Cap. XIV, v. 6; e o Liv. do mesmo *Josué*. Nas Lendas estava * Jasom filho de Ahuu *; em Alv. vem «Jasom filho de Hu, e de Galgala» e na versão do bispo Paulo Jovio, que fugio ao trabalho de verificar estes nomes, e os saltou quando de todo os não entendeu, lê-se: «*Jeson filii Nau in Galgala.*» [5] «e de Manuhe e sua molher.» E' isto o que se segue em Alv., saltado nas Lendas e por Jovio. V.e a respeito de Manue o *Liv. dos Juizes* Cap. XIII, v. 20. [6] Nas Lendas estava escripto * bept *, e em Alvar., Gepte. Na versão latina saltaram-no. V.e o *Liv. dos Juizes* Cap. XI, v. 30 a 32.

[1] *Barac e Debbora quando forão sobre Sisara capitão do monte Tabor*, e de [2] Dauid na eira, e de Elias no monte Carmelo quando resusitou o filho da viuva, [3] *e de Rachel sobre o poço*, e de Josafá na batalha [4], e [5] *Daniel* da coua dos liões, e Jonas do ventre do pexe e dos tres moços do forno ardente [6] *e de Matatias com seus filhos sobre o quarto do mundo, e de [7] *Esau* sobre a benção. Assy, meu irmão receberá Deos vossos sacreficios e orações [8] *e vos ajudará contra vossos imigos*. Em todo tempo dias e horas paz seja comvosco. Abracemonos com braços de santidade. Eu abraço os vossos conselhos, e de todo vosso Reyno e estado ecclesiastico abraço a todo vosso pouo. A benção de Deos, a graça de Nossa Senhora, sua santa madre, seja comuosco, e ponha em nossos corações contentamentos e vos dê minhas palauras. Amen.»

Esta carta mandou o Preste a Diogo Lopes de Sequeira, Gouernador, em resposta da que lhe mandou per dom Rodrigo, embaixador que elle mandou [9].

«Em nome de Deos Padre, como sempre foy, que nom tem principio nem fim; em nome do Filho, hum só, o qual he assy como elle, sem ser visto, lume das estrellas, de principio antes dos fundamentos do mar oceano. Em outro tempo foy concebido da Virgem, sem semente de ba-

[1] Jovio supprimiu a passagem; nas Lendas lia-se: *Byrom Dalbora quando forão sobre Ceycera &c.*; Alvar. escreveu: «Barõ e Delbora quãdo forã sobre cincera etc.» V.e o *Liv. dos Juizes* Cap. IV. [2] Falta nas Lendas *de Samuel propheta em Ramatha*, e não «de Samoel, e de Rama profeta» como se lê em Alvar. V.e I *dos Reis*, Cap. VIII. A's palavras *e de David na eira*, que na traducção latina corromperão em «David *Nacira*» segue-se em Alvares, «e de Arbana», nome que nos é desconhecido; e «de Salamã em Gabõ (Gabaon) cidade». [3] V.e *Genesis*, Cap. XXIX. Nas Lendas estava: *e de Rabequa sobre o poço*; e na versão latina acha-se: «*et Heliæ in monte Carmelo, quando suscitauit filium viduæ Mulieris è Richa supra puteum*». Tal foi o escrupulo com que Jovio fez este trabalho, se é que os impressores lho não estragaram. [4] Devia aqui seguir-se: «e de Manassé depois que peccou e se tornou a Deos» V.e Alvar. e Jov. Em Alvar., mas não em Jov. segue-se ainda: «e de Josias bepaca (sic) depois q̃ tornou». [5] *David* G. Correa. [6] «e de Anna dẽtro da tẽda do altar, e de Neemias que fez os muros cõm Zorobabel» Alvar. e Jov. [7] *Asalm* G. Correa. [8] *em ajuda de vossos imigos* G. Correa. [9] Não trasladou Jovio esta carta, a qual, cotejada com a que publicou Alvares, fol. 122 v, se vê que passou para as Lendas muito alterada, e quasi outra.

rão, *e* sem fazer vodas, assy como era o seu saber. Em nome do paraclyto Espiritu da santidade, sabedor de todolos segredos, donde era primeyro nas alturas do ceo, o qual se sostem no esteo da vontade de Deos: Elle alargou a terra, sem o ella ser de primeyro, nem ser sabida nem criada, de leuante a ponente e do norte ao sul. Nem he este o primeyro, nem o segundo, mas he a Trindade junto em hum criador de todolas cousas pera sempre, per hum só conselho e huma só palaura pera secula seculorum. Amen.

Manda esta escritura e embaixada ElRey da cidade grande e da muy alta Tiopia, Rey Encenso da Virgem, cujo nome seu de bautismo he: na ora que se fez Rey se chamou Dauid, cabeça de seus Reynos, amado de Deos, esteo da fé, parente da linhagem [1] *de Jacob* filho [2] *da Mão de Maria*, filho de Nahu, per carne.

Esta carta vá a Diogo Lopes de Sequeira, capitão das Indias.

Tenho entendido que sois abaixo de Rey, conquistador, vencedor de todolas cousas que vos som encomendadas, e sem temor dos mouros andaes armado com a fé da verdade do auangelho; trazeys por bordão a bandeyra da cruz. Graças a Christo, que comprio minha alegria na vinda que ao mar Roxo viestes, e na embaixada que me enviastes do bom senhor vosso Rey dom Manuel, com vosso presente e boa paz. Mandaes vossas naos per onde quereys, cousa milagrosa, contra ventos e fortunas do mar, per tão longos caminhos que a todos nos faz marauilhar; guerreaes o mar e terra, noite e dia sem descançar. O dia fez Deos pera o trabalho e a noite pera o descanço; o lião, as feras, de noite guerreão e de dia dormem em suas couas, e repousão; e vós, bom capitão, tudo fazeys, a dos homens e das feras, por amor da justa fé de Christo, a qual nom largaes per trabalhos, fome, doença, guerra, nem crueza d'espada nem cutello, que vos faça apartar da fé de Christo e amor a vosso senhor. Deos cumpra vossa vontade, leuando ante vós vossos imigos vencidos, com seus despojos aos apresentar ante vosso bom Rey e senhor; a saber, os infieis de Christo. Vossas gentes ajudadoras sejão bentas, porque acabando a vida som martyres por Christo, e lidão com os infiés, por calmas, frios, com fomes, sedes, feridas, com dores.

Ouvindo que chegáreys a minha terra ouve prazer como que acha-

[1] «de Juda, filho de dauid: filho de salamam: filho da columna de siõ, filho da semente de jacob» Alvar. [2] *de Damão de Maria* G. Corr.

ua grande tisouro, polo desejo de meu coração; e de vos tornardes tive desprazer, por *que* folgara que hy assentáreys e fizereys vossas obras. Com o embaixador que me enuiastes dou graças a Christo saluador do mundo que o ordenou; elle vos mantenha e sostenha. Muyto prazer aueria que com boa amisade me mandasseis mestres [1] *que fação espingardas, armas de todas feições, e muytos pera laurar madeira e pedras, fazer casas, laurar ouro, prata, metaes, fazer ortas d'uvas e fruytas, e mestres pera me fazerem todolas cousas que comprem, *e que* cosão panos, vestidos pera os ecclesiasticos, e mórmente pera cobrimento das igreijas; porque a esta falta som cubertas de palha, do que tenho desprazer*. Fiz huma igreija da Trindade [2], em que sepultey meu padre, que está cuberta com palha. Pera Deos, e pera meu prazer, folgaria que pera tudo me mandasseys muytos mestres [3] que outros vos nom mingoarão; os quaes eu terey quanto elles quigessem; com seus trabalhos pagos se tornarião. Com dom Rodrigo mando dous homens christãos [4], que a mim vierão fogidos dos turqos; elles tudo que lhe perguntardes sabem. Muyto me alegro que me dizeys que na ilha de Maçuha quereys fazer castello e igreija; do que tenho muyto prazer. Deixai tudo feito antes que vos torneys, e tudo assy acabado como se o fizesses na terra d'El-Rey vosso senhor: o que todo será grande meu prazer. E tomai todolos tratos que quiserdes em Maçuha e Zeyla, que *he* lugar mais perto de mim; porque tomeys tudo debaixo do pé, com os mantimentos tomados [5],

[1] «de laurar ouro e prata e de fazer espadas, e armas de ferro, e capacetes e pedreiros de fazer casas, mestres de fazer vinhas e hortas, e todos outros mestres que sam necessarios e de milhores artes das que sam nomeadas, e fazer chũbo pera cobrir igreijas e fazer telha de barro em nossas terras, pera que nã cubramos cõ erua has casas; e disto temos muita necessidade, e temos muito grãde menẽcorea de hos nam ter» Alv. [2] Em Alvar. accrescenta-se: «has suas paredes vos diram vossos embaixadores como sam boas». [3] «por amor de deos vos digo isto que me mãdeis ho cõto destes mestres q̃ sã dez de cada huã arte» Alvar. [4] «aquelles homẽes frangues que ca eram e andauam como mouros no cãpo do Cairo eu hos fiz christãos» Id. [5] «Aquelle lugar de Zeila he porto de grandes mantimentos pera Adem e pera todalas partes de Arabia e outras terras muitas e reinos, e aq̃lles reinos e terras nam tem outra graça senam ho que lhe vem de Zeila, Aq̃sto q̃ vos mãdo q̃ façaes sẽdo feito tẽdes ho reino de Adem na mão e toda Arabia e outros muitos reinos e terras sem guerra nem mortes de gentes porq̃ lhe tiraes todolos mãtimentos e serã esfaimados». Id.

que pera elles será grande mal. Mandaime dizer o que quereys, e desfaçamos os mouros; e de tudo deixai capitão dom Rodrigo; e sempre vossos recados vão e venhão a mim. Estes são os primeyros homens que a mim vierão com embaixada de Rey christão. São merecedores de bens per suas bondades [1]; sómente dom Rodrigo fala pouqo e he bom seruo. O padre Francisco Aluares he bom, dia e noite perfeito sacerdote. Dey lhe cruz e baculo na sua mão; dai lhe lá a senhoria, [2] * que elle quá a nom quis *; e lha dai ahy em Maçuha e Zeyla, e todolas comarquas nos fins de minhas terras no mar Roxo, que elle merecedor he de semelhante encargo. O escriuão João Escolar muyto seruio, e me escreueo cousas santas que eu nom tinha: elle tem merecimento de bondade. Vós fazey bem aos bons e a todos * que * per seus trabalhos merecem bem. A Trindade seja em vossa ajuda, e com todos os que com vosco são. Deos vos dê lume de claridade porque nauegueys com vossas naos, que vos guarde dos males do mar e da terra, e tenhaes saude e saber pera seu santo seruiço. Amen.»

Estando assy os nossos n'esta cidade agardando por embarcação, foy ter com elles o barnegaes, que hia a visitar correndo as terras, e d'ahy se foy pera contra Maçuha; polo que todos disserão a dom Rodrigo que se fossem com o barnegaes, que os aposentasse em algum lugar mais perto da embarcação, porque vindo armada fossem logo em breue espaço a Maçuha; mas n'ysto praticando assentarão nom se bolirem d'aly onde lhe dauão seu mantimento em abastança e estauão bem agasalhados, e que se fossem estar em outro lugar que auião de gastar á sua custa, e nom sabião quanto tardaria a embarcação. Polo que assentarão de se nom bolirem d'aly; mas assentarão todos de mandarem João Gonçalues, lingoa, de que nom tinhão necessidade, porque já todos entendião a fala da terra; que João Gonçalues fosse com o barnegaes a Maçuha, e que nom achando 'armada, se achasse embarcação segura em que pudesse hir, se fosse ao Gouernador, a lhe dizer como aly estauão já despachados agardando embarcação; e nom estauão muyto perto do mar porque nom auia lugar em que estiuessem seguros, como aly estauão da mão do

[1] Em Alvar. se diz que os da embaixada «sam grãdes e boôs, e se q̃rê muito bẽ hũus cõ outros e cõ todas suas tachas.» [2] D'esta rejeição não se tracta no traslado de Alvares.

Preste com seu mantimento ordenado. E dom Rodrigo escreueo ao Gouernador afincadamente por embarcação. Ao que se atreueo João Gonçalues, esperando de passar em trajos de mouro, porque sabia seus costumes e muytas falas; o que assy fez, que chegando a Maçuha e nom achando 'armada se demudou em trajos de mouro, e comprou algumas mercadarias da terra, e como mercador se embarqou em huma náo de mouros que hia pera Cambaya, e assy nauegando a náo se foy perder na costa de Fartaque em Curia Muria, em que sayrão a nado, donde em companhia dos mouros se foy per terra a Calayate, e d'ahy se foy a Ormuz, onde achou o Gouernador dom Duarte de Menezes, como já tenho contado em sua lenda.

Os nossos, estando assy n'esta cidade ociosos agardando embarcação, e assy em quanto andarão na corte, e mórmente depois que forão entendendo a lingoa da terra, muyto se trabalharão d'escreuer as cousas, pera d'ellas saberem contar e dar rezão quando lhas perguntassem; o que tudo escreuião cada hum quanto podia. Do que ouverão grande enformação de Pero de Couilhã e de seu filho, escreuendo o que vião e ouvião, que perguntauão. Do que me pareceo rezão que algumas escreuesse n'esta lenda, porque busquey as milhores de muytas que me contarão, que nom quis escreuer, porque n'este meu trabalho nom tomey sentido senão escreuer os feitos dos portugueses, e nada das terras.

Polo que digo que as terras do Preste são muy grandes, de muytos Reynos e prouincias, que segundo a estimação ha n'ellas passante de mil legoas de comprido, e casy tantas ao traués. Em todolas terras ha muytas igreijas, que nom são de grandes edificios, porque o nom sabem fazer nem tem artificios de laurar cantaria. As igreijas som grandes e de huma só naue, e per fóra tem acostados ás paredes esteos grossos de madeira, sobre que fazem cobrimento á igreija, que são cubertas com huns junqos compridos que durão vidas d'homens, e muyto vedado, que nom passa agoa das chuvas. Ha muytos mosteiros de frades por altas serras e fundos valles. Tem as igreijas e mosteiros grandes rendas derrador de sy, que casy todas as terras são de suas rendas, e elles propios são os arrecadadores. São muytos mosteiros da ordem de santo Antão hermitão, e tem grandes jurdições. Tem as igreijas á entrada da capella mór huma cortina de panno de seda, ou d'algodão branqo, que cobre d'alt'abaixo até o chão, que se nom póde ver nada do que está dentro,

e nas pontas do panno tem campainhas, que tangem quando o bolem. Na capella mór nom entra ninguem senão o sacerdote quando vai dizer missa. No meo da igreija está outra tal cortina que tudo cobre, tambem com as campainhas, a qual cortina toma de parede a parede. Pera dentro d'esta cortina nom entrão senão os sacerdotes e pessoas d'ordem; pola qual rezão as pessoas honradas, e fidalgos, os mais d'elles tomão ordem sómente pera entrarem n'esta cortina, e porque toda pessoa que nom tem ordens nom póde entrar dentro na igreija, que todos estão de fóra da porta, em pé, sem nunqua nenhum se assentar; e se algum cansa se encosta a cajado ou muletas, que pera ysso estão muyta soma d'elles de fóra da porta. Tem nas igreijas muytas pinturas de santos; a saber, Nosso Senhor, Nossa Senhora, ambos apostolos, e profetas, e em todolas igreijas são Jorge, assy como nós temos são Christouão. Nom tem imagens de vulto; em nenhum logar tem Christo crucificado; sómente tem a cruz: dizem elles que nom são dinos de vêr o vulto de Christo posto na cruz. Tem as igreijas grandes cerquas d'altas paredes. Ninguem entra nas igreijas com çapatos, nem fala hum com outro, nem cospem, nem se assoão, nem de dentro das cerquas nom entrão bestas, nem cães, nem outras nenhumas alimarias, nem aues que ninguem leue, porque nom fação sugidade. Tem ás igreijas grande acatamento e veneração; nenhum de dentro da cerqua ou adro, indaque nom tenha cerqua, nom mijará nem fará outra sugidade, indaque lhe chegue acidente de morte. Nom passão por diante das igreijas a cauallo; mas em as vendo se decem, e leuão os cauallos polas redias até passar, e se afastão quanto podem, com muyto acatamento; ysso assy de dia como de noite, em toda' parte.

Em todo o Reyno do Preste ha hum só religioso sobre todos maioral, como Papa, que se chama Byma, que dá ordens aos sacerdotes, e outro nenhum as dá. Nas igreijas nom ha mais que o altar mór, em que nom dizem mais que huma só missa cada dia, celebrada por tres sacerdotes, diácono e sodiácono, assy como nós. Fazem o sacramento com hum bolo, o qual dentro na sancrestia faz o padre que ha de dizer a missa, de farinha de trigo, sem nenhuma outra mistura; e o faz com muyta limpeza e sem leuedar o coze em hum tacho sobre brazas. E se reueste pera dizer missa, e elle o traz ao altar em hum bacio muyto limpo, enuolto em pannos brancos de linho. E o mesmo sacerdote faz o vinho pera o sacramento; que faz de paças d'uvas todas de huma casta,

sem mesturar outras; que elles tem escolhidas, e guardadas em suas sancristias. As quaes paças deitão n'agoa limpa, e jazem em môlho até que inchão; então as tirão e as põy a enxugar d'agoa; então as põy em huma pedra muyto limpa, que tem huma biqua, e as carregão com outra pedra; sem as pisar lhe tirão o çumo, que tomão em huma arredoma com muyta limpeza, e o leuão ao altar, assy coberto com panno branco. Dizem a missa os tres sacerdotes, e a 'pistola e o auangelho vão dizer á porta da igreja, o que rezão com muyta pressa. Nom mostrão o sacramento ao pouo. O bolo que sagrão he de boa grandura, em tal maneyra que abasta ao pouo da igreija. O sacerdote comunga no altar, tomando hum pouquo de bolo, que he consagrado com as propias palauras da sacra que dizem os nossos sacerdotes. Acabando o sacerdote de comungar, o que fica do bolo o traz á porta da igreija, e dá comunhão a todos, porque o homem que nom ha de comungar nom entra na igreija; e em logar de lauatorio dão agoa benta. Confessão e assoluem em pé, sem nenhum se assentar em joelhos. A vestimenta he feita como a nossa, e com mangas, aberta por diante, metida a estola pola cabeça como bentinho, sem outros mais petrechos que tem os nossos sacerdotes. Os finados leuão a enterrar os crelgos, com muyta pressa; nom vai com elles nenhuma companhia; leuão sua cruz alta diante, vão deitando agoa benta; aos que topão polo caminho vão encensando com encenso em tribolos. E logo ao outro dia do enterramento lhe leuão offerta de pão e vinho, e trigo, mel, manteiga, e outras cousas, que dão aos crelgos polo enterramento, e depois polas almas dos finados lhe nom fazem nenhuma esmola nem oração, nem beneficio. Dizem que se bem viueo que com Deos está, que nom tem necessidade de nada; e se em outra parte está lhe nom aproueita nada; e que se viuendo nom quis fazer bem a su'alma nom he rezão que outrem lho faça; que se mal viuerão lá o paguem. Os liuros som todos escritos em porgaminhos escritos á mão em lingoa tygya, que he da primeyra christindade que ouve no mundo. Em toda a terra nom ha papel, nem escreuem cousa nenhuma.

Os frades de todolos mosteiros são d'habitos branqos; os mosteiros muyto deuassos, e assy tambem os mosteiros das freiras, todas de huma ordem e habitos: ha bons e maos assy como em Portugal. Os frades e crelgos trazem as barbas e cabeças rapadas; os frades dizem missa com os capêllos nas cabeças. Os frades e crelgos vestem pannos de algodão

tintos d'amarello, e muytos trazem debaixo outros branqos. São vestiduras largas e compridas, e de mangas, a modo de balandraos. Todos os frades e crelgos trazem corninhos de cobre cheos d'agoa benta, que deitão a quem lha pede, com a benção, mórmente nas casas em que entrão ; e no que comem tambem a deitão. Os frades e conegos rezão per huma ordem ; e tem os frades as festas mudaues como nós, e nos propios dias e tempos do anno todo, o qual fazem de doze mezes, como nós, e fazem o começo do anno em dia da degolação de são João Bautista, que he em vinte e noue d'agosto. E fazem o mês de trinta dias justos, e acabado assy seu anno lhe sobejão cinqo dias, e no anno abiseisto lhe sobejão seis dias, a que elles chamão pagomen, que quer dizer comprimento do anno : com que seu anno fica tamanho como o nosso.

Os frades em seus mosteiros comem juntos em refertoyro, mal e sujamente, e em muytos logares ha mosteiros em *que* nom comem carne nem pescado, porque o nom tem ; que em todolas partes que a terra tem pera ysso disposição si comem tudo muy bem e abastadamente. Na coresma em toda a terra nenhuma pessoa come carne, nem leite, nem ouos, nem manteiga, per grande austinencia, aindaque estêm em artigo de morte ; sómente comem fruytas e lygumes ás quartafeyras, e á sexta jejuão toda' criatura per todo o anno, tirando do natal até purificação, e do pintycoste até trindade, em que então nom tem nenhum jejum. Os frades, crelgos, fidalgos, jejuão toda a somana, saluante o sabbado e domingo, e commumente toda a gente nom comem mais que huma vez no dia, já casy noite. Na coresma jejuão os religiosos muy estreitamente, em tal maneyra que muytos nom comem mais que tres dias na somana ; a saber, terça, e quarta, e sabbado : nom bebem vinho d'uvas, nem de mel, que elles usão muyto, e fazem hum beber conficionado, a que tambem chamão vinho, que he muyto bom e medicinal, e tambem outras beberages muyto somenos, que fazem de legumes. Na somana santa todos vestem preto e azul, e topandose nom falão hum ao outro, nem se saluão, e esto por grande dó, e em lembrança da salua e beijo com que Judas vendeo Christo. E assy tem outras sostancias em lembrança dos passos da paixão de Nosso Senhor, de muyto acatamento e auenerassão, n'aquelles dias de paixão.

Os fidalgos e frades, e conegos, e crelgos, todos andão vestidos ; e toda outra gente andão nús da cinta pera cima, e atada a tiracollo huma

pelle de qualquer alimaria, segundo cada hum tem a calidade; e todolas pessoas trazem cruz, a saber; os frades, crelgos, fidalgos, de pé e de cauallo, todos trazem cruzes na mão, d'ouro, e de prata, e de latão ou estanho, cada hum assy como podem; e a gente baixa, trabalhadores, trazem cruzes de páo em fio ao pescoço. Os frades nom podem casar, e os conegos são casados e os crelgos, e viuem e comem em suas casas apartados, que tem em circuitos fechados. As molheres estão apartadas sobre sy, onde elles as vão maridar quando querem. O filho do conego fiqua conego, e o do crelgo não se elle nom *quer*, e do conego si. As gentes nom pagão dizimos ás igreijas, porque lhe pagão grandes foros. Todolas gentes viuem per suas fazendas e propriedades. E fazem suas demandas os ecclesiasticos ante as justiças seculares. Guardão o sabbado e o domingo, e a coresma começão no propio dia da nossa pascoa, e fazem os officios das endoenças como os nossos. E do dia de pascoa por diante. outros tantos dias como os da coresma, comem sempre carne, sem guardar sextafeira nem sabbado. Nom tem antre sy regimento algum de matrimonio. [1] *Circumcisãose* aos corenta dias de seu nacimento. Nom comem porquo, lebre, ádem, nem pato, nem peixe de coyro; toda cousa viua que matão pera comer degolão; comem carne cozida, assada, e crua, e assada com poucas voltas nas brazas, e as brazas de bosta sequa, de que se muyto seruem, porque em outros lugares nom se seruem de outra leynha. Tem muyta e muy boa cêra, que gastão em candeas, muyto branca de sua natureza; tem muyto azeite de humas heruas que são como pampilhos, o qual he muyto amarello, e nom tem nenhum cheiro, e faz boa claridade, e o nom comem. Nom ha pescado senão muyto pouqo, perto d'alguns rios em que o tomão, e todauia muy pouqo e miudo, porque a terra carece muyto de chuvas. Tem grandes colmeaes em seus circuitos todas as gentes, e os mosteiros e igreijas, e fazem a seruentia pera as abelhas per baixo, e per todolos ha muytas abelheiras, que fazem tão bom mel como nos cortiços, que são de páo, e vão com elles ao mato, em que recolhem as abelhas, e os trazem pera suas casas, e sempre das colmeas tirão mel, e nom tem monção certa de crestar.

O Preste se chama antre elles cege, que quer dizer [2] *Rey, e lhe chamão* Emperador. Anda sempre com sua corte polos campos, com

[1] *Circumdamse* Autogr. [2] *Rey anda sempre e lhe chamão* Id. Acegue, segundo Alvar.

grande arrayal de tendas, como já disse, em que continuu os somenos que traz são cincoenta mil de cauallos e mullas. As gentes nom tem muyta estremidade d'antre grandes a pequenos, nem os grandes são muy atabiados; gente sem lustro nem aparato, e por assy viuerem sempre nos campos nom ha em todas as terras do Preste cidades nem grandes lugares, que os móres que ha nom chegão a mil e quinhentos visinhos. Nom tem nenhum lugar cerquado, nem castellos; tudo são aldeas sem conto; as casas de pedra, barro, redondas, terreâs, cubertas de palha; nom tem nenhuma casa de sobrado, nem acostumão; nom tem ruas arruadas; as madeirações e palha com que cobrem as casas durão vidas d'homens. Tem derrador das casas grandes curraes de fortes estacadas, a que recolhem de noite seu gado e alimarias de seruiço; e de noite tem muyta vigia, porque per todas as terras ha muytas onças e liões, e tigres, que vão buscar os gados aos curraes. Nom tem nenhum modo de armadilhas, nem arteficios pera matar estas alimarias do monte. O mais da gente do pouo dormem no chão, sobre pelles de bois e d'alimarias que trazem a seus tiracollos, sem nada á cabeceira. Comem juntos os de huma casa em grandes bandejas de páo, sem toalhas, todos no chão assentados. Seruemse de hum barro preto, que luze como azeuiche, que ha em toda a terra. Nom tem nenhuma perminencia de seruidores, aindaque sejão grandes senhores, nem tem preminencia de manjares em nenhuns dias.

O Preste, como disse, anda sempre polos campos em tendas, e nom se alonga por longes terras; em tendas trás suas igreijas. Ha capitão de assentar as tendas, como aposentador mór, que a cada hum assenta sua tenda em seu lugar ordenado; o que todo se faz com muyta ordem. Quando o Preste anda caminho os sacerdotes leuão ás costas todas pertenças do altar, postas em pauiolas aos hombros, e com cada altar vão oito crelgos, quatro diante e quatro detrás, rezando, e diante hum com hum tribolo e encenso defumando e encensando, e outro tangendo huma campainha: do que se afasta toda' pessoa, e lhe dão o caminho estando quêdos até que passem com a igreija, e lhe fazem muyto acatamento.

Em casa do Preste, * e * do patriarca se faz vinho de paça, e nom se faz em outra nenhuma casa. Andando assy o arrayal caminho, a cozinha do Preste vai afastada atrás hum tiro de bésta; á qual leuão homens em panellas o comer, e jarros de barro preto, que já dixe, que se laura muy

delgado. Estes homens, que assy lhe leuão o comer, tambem vão metidos debaixo de hum paleo ou sobreceo, posto em varas altas, e çarrados dentro em cortinas, que ninguem vê o que leuão.

O Preste tem grandes reguengos, donde lhe dão muyto trigo, que todo se gasta em esmolas que dá a pessoas honradas; que todo se gasta, que nada sobeja de hum anno pera outro. A terra he muy fertil de grandes nouidades, e tem grandes sementeiras de trigo, ceuada, milho, grãos, fauas, e todolos legumes, como ha em nossas partes; a terra muy creauel de todolas criações de gados. Os grandes senhores das terras som grandes tyranos, que tomão aos pobres tudo o que querem; polo que os lauradores nom semeão mais que com quanto paguem as terras e seu sostimento, sem venderem nada, porque tudo lhe tomão os senhores das terras. Ninguem póde matar vaqa nem nenhuma rêz sem licença do senhor da terra, sómente vindo a corte ter á terra, que então póde matar, e vender o que quiserem na praça. He gente sem vergonha e de muy pouqa verdade, porêm nom dizem mentira jurando, ou esconjurando pola cabeça d'ElRey. Tem muyto temor á escomunhão; que sendo amoestados d'escomunhão consentirão antes perder quanto tiuerem, e sofrirão todolos males do mundo. Tomãose os juramentos com ambas as mãos postas, na porta da igreija, e lho tomão dous crelgos, e aly tem encenso nas brazas defumando, e o crelgo lhe requere que diga verdade tres vezes, e se a disser sua vida seja longa e sã, e su'alma va ao parayso, onde vão os bons; e elle responde amen; e que se nom disser verdade que sua alma seja comida no inferno, assy como o lião come o que caça, e assy como o trigo he quebrantado antre as pedras, que o fazem em pó, assy seus ossos sejão moydos e no fogo do inferno feitos em pó; e assy como o fogo gasta a manteiga que lhe deitão, assy su'alma seja gastada dos diabos. Elle diz amen; e então dá seu testimunho, que he crido em verdade, e achandose que jurou falsidade he queimado viuo; e fazem jurar o imigo e he crido per tal juramento.

Suas armas são azegayas, zagunchos, sayas de malha, roys espadas pouqas, largas e compridas, que lhe vem da Turquia, e arcos, e frechas que nom tem penas, capacetes, cascos compridos, pouquos, que tambem lhe trazem por mercadaria que vem da Turquia, que lhe vendem por muyto dinheiro, e os usão depois que virão os nossos. Tem muytas adargas redondas e fortes, de coiros de alimarias forradas. Nom

tem tiros de fogo, sómente dous berços que lhe os nossos leuarão; de que forão muyto espantados do grande mal que auerá na guerra onde ouver bombardas. Em toda a corte nom auia trinta espingardas, de que os nossos tambem lhe derão algumas, e as que tinhão ouverão dos mouros, que lhas assy vendem por muyto dinheiro; e os nossos os ensinarão a tirar com ellas, porque auião medo de as pôr ao rostro.

Tem pouqos tangeres, e royns trombetas, muytos atabaques de cobre que lhe trazem do Cayro, e outros que fazem de páo, de dous fundos tem más frautas, e pandeiros com adufes; tangem bacias grandes e pequenas, e tambem algumas arpas quadradas de muytas cordas, que tangem sobre os joelhos, a que elles chamão tanger de Dauid. Nenhum modo tem d'escreuer; tudo se passa de palaura; sómente se escreuem liuros das igreijas á mão em porgaminhos, como já disse, e tambem se faz liuro da fazenda do Preste quando morre.

Nenhuma pessoa morre por justiça, sómente queimados viuos os que jurão falso, como já disse; todos os outros crimes pagão com tormentos d'açoutes. Quebrarlhe os olhos he a mór pena, ou lhe cortão hum pé ou huma mão, e se faz dous furtos na igreija o queimão viuo, porque ao primeiro he amoestado e ao segundo executado. E se algum accusa outro, e o faz prender, o accusador em quanto lhe faz a demanda lhe dá de comer, e paga os homens que o guardão na prisão, que são quantos homens elle quer; e sendo o preso condenado então paga todos estes gastos, e se o accusador he condenado perde o que assy tem gastado com o preso e mais outro tanto que dá ao preso; e se a justiça acusa o preso faz os gastos até se liurar, e nom lhe achando culpa, que saya solto liure, da bolsa da justiça lhe pagão custas e perdas, e se say condenado outro tanto paga pera a bolsa da justiça, e tudo com muyta ordem e bom regimento.

Nom tem nenhum modo de medicina, nem fysyqos nem soreligiões pera nenhuma doença que seja; sómente onde lhe doy põy botão de fogo ou sangrão. E porque a geral doença do mundo he dor de cabeça, elles per seu costume, cuidando que pera sempre serão sãos, se sangrão nas fontes sobre os narizes, antre ambos os olhos fazendo grandes feridas, de que lhe ficão os sinaes que tem os abexis, que são d'estas sangrias; e tambem alguns o fazem por gentileza. E quando lhe doy per outras partes tambem deitão ventosas com que tirão sangue, e sequas. A ma-

neyra que tem do sangrar he com huma ponta de faqua ou naualha, e a põy no lugar onde lhe doy e dãolhe em cima pancada com hum páo, até que abrem a ferida e tirão o sangue quanto querem.

E pera remedio de sayr o ventre ha humas heruas que deitão n'agoa, e as cozem e bebem 'agoa, com que purgão quanto querem, e * de * muyto melhor digistão que quantas purgas ha no mundo. Os doentes gafos nom os apartão de sy ; antes com deuação alguns os tem em casa, e os curão e lhe lauão as chagas.

A terra toda he muy fertil e criauel de todolas cousas e legumes, como já disse ; e em huns cabos mais que outros ha muytas e boas canas d'açuquere, de que nom sabem fazer açuquere. Tem todolas fruitas, como em nossas partes, e nos propios tempos, e muy perfeitas em doçura, porque a terra nom tem agoa. Tem huns pecegos grandes, muy saborosos, que começão em feuereiro e acabão em abril ; laranjas doces, agras, limões, cidras, fremosa cousa de ver. Tem poucas ortalyças, porque as nom costumão ; mas a terra he muyto desposta pera ysso. Em toda a terra * ha * muytos aciprestes polos matos, e pinheiros, muytos [1] * urmieiros *, mangericões, muytas heruas muy cheirosas. E assy * como * nom costumão policia de casas assy nom tem ortas nem jardís, e se os fizessem tem aruores, heruas, agoas muyto pera ysso. Ha muyto linho de que fazem pannos, e tambem d'algodão, que ha muyto na terra. Ha muytos pannos de lã grosseiros, de muytas cores : usão d'elles nas terras frias. Os trabalhadores vestem burel. Nom ha na terra rábãos, pipinos, melões.

Ha per toda a terra muytas agoas de fontes nadiués, mas nom lhe fazem nenhum concerto de fontes, nem chafarizes, nem pontes de pedra nem de madeira, pera passar nenhuma agoa nem rios ; e os rios grandes se passão em grandes cestos feitos de canas forrados de coiros per fóra, e per dentro abotumados. Na terra donde foy a Raynha Sabá a Salamão he hum Reyno sobre sy apartado, sodito ao Preste. He assy terra muy nobre ; ha n'ella muytos poços e tanques d'agoa nadiuel feitos de cantaria laurada de lauores romanos, e grandes edificios antigos, muyto caydos, em que se vem fremosos lauores e imagens em corpos de muytas historias antigas ; cousa pera muyto folgar de ver.

[1] Leitura duvidosa. Talvez * vimieiros *

N'esta terra se fez christã huma Raynha per ensinança de hum seu escrauo, que se fizera christão pola ensinança do apostolo são Felipe, per graça do Espiritu Santo. N'esta terra em muytos lugares [1] * ha * minas e vieiros d'ouro, porque se acha muyto nos rios, grosso e miudo, á feição de grãos d'encenso, e na terra nom sabem cauar as minas nem o buscão; e tambem ha vieiros de prata, chumbo, cobre, estanho, que nada tirão, porque o nom sabem tirar, porque nom he defeso que o nom tirem.

Em todolas terras do Preste se nom usa de nenhuma moeda d'ouro nem prata, nem outro algum metal, sómente troqão fazendas por fazendas * e * dão ouro per pesos. Em algumas partes se fazem alguns pães de sal muyto branqo, e forte que se nom desfaz, que são da grandura de hum ladrilho, os quaes correm per toda a terra do Preste por moeda; os quaes são marcados, porque se saiba que são do peso, e ha meos, e quartos, e meos quartos.

Ha na terra roys cauallos, como sindeiros galegos. Leuãolhe alguns d'Arabia muyto bons, que lhe vem por muyto dinheiro, e tambem lhe vão muytos da terra do Egyto, e egoas pera criação; os quaes, com cobiça de auerem muytos cauallos, tanto que as egoas parem d'ahy a oito dias lhe tirão os filhos, e os crião com leite de vaquas, com que os fazem muyto fremosos, mas são fraqos; e as egoas tornão a deitar aos cauallos, pera tornarem a emprenhar pera criação.

Ha na terra todolas alimarias feras do mundo que nós sabemos e muytas mais que nós nunqua vimos, e assy todolas aues que sabemos e outras muytas que nunqua vimos; sómente nom ha pegas, cuqus, nem ussos, nem coelhos. Ha cinqo nações de perdizes da feição das nossas; em que ha humas d'ellas que são como grandes galinhas, e todas são semsabores no comer, porque todas são carne do mato: ha d'ellas grande numero per todolas terras.

Em algumas terras ha tantos bugios que no tempo que os pães estão maduros se ajuntão quadrilhas do pouo, que com arqos e fundas vão pelejar com elles porque lhe nom comão a nouidade, e os correm dos campos até os fazerem recolher ás serras, onde os bugios nom podem entrar senão polas portas que pera ysso lhe tem abertas, e como são dentro metidos lhe tomão as portas, com que os bugios nom podem tornar

[1] * de * Autogr.

ao campo, e assy os tem presos até que acabão de recolher os campos; e os homens do campo recolhem os pães aos que estão gardando as portas aos bugios, que muytas vezes pelejão com estes guardadores pera decer ao campo, porque nom podem decer ao campo per outras partes da serra, que he tão alta como as nuvens.

Dentro no centro das terras do Preste, em hum Reyno que se chama [1] * Gojame, nace * o rio Nilo, que mana de huma grande alaguna a que se nom vê o cabo, e corre per muytas partes, e se torna a juntar e entra nas terras do Egyto; o qual sem chuvas, sómente per curso de natureza per Deos ordenado, enche cad'anno de quinze de setembro até fim d'outubro, que n'este espaço de tempo vai crecendo tanto que alaga quanto acha; pola qual causa toda a terra de longo d'este rio d'ambas as partes he muy despouoada: e desque começa a encher vai crecendo sempre per hum compasso, sem mais pressa hum dia que outro. Querem alguns dizer que a causa d'esta enchente * he * o inuerno da Tyopia, que começa meado junho e perseuera até meado setembro, o qual inuerno nunqua se muda, que sempre he n'este tempo, com que lá no Egyto faz grandes enchentes, por ser a terra toda de grandes campinas. E per toda a terra do Preste, e per todo o Egyto nom entra outro nenhum rio n'este Nilo. Tem as agoas muy eicilentes quando está em seu proprio descurso; tem muytos pescados de muy differentes feições, que nós nunqua vimos em nossas partes.

Junto das terras do Preste ha hum Reyno a elle sogeito, em que ha hum grande trato d'ouro, que [2] * o vem * de fóra parte a resgatar; o qual ouro dizem que vem per muytas terras e rios, que se diz que vem da Mina e que o trazem cafres. Chama se este Reyno Maute. Ha n'elle humas molheres de grandes corpos e forças, e muy trabalhadoras, a que chamão pagodynis, que são como amazonas. Ellas tem a posse e mando do Reyno, em que nom tem nenhum homem; enlegem ellas antre sy quem as rege e gouerna como Rey, e quando querem conuersar com homens pedem licença á Raynha, que lha dá por certos dias e mezes, metidos em suas casas sem sayrem fóra, nem são vistos das outras, senão quando os despedem e os tornão a pôr donde os trouxerão; e se com ellas entra algum homem, sem licença, o matão, e se alguma molher mete

[1] * Gojame no qual nace * Autogr. [2] * auem * Id.

homem sem licença a matão, e estando com licença em casa de alguma molher, se say fóra da casa, o matão.

Pagão d'este Reyno grande tributo ao Preste em ouro muyto bom, que lhe assy vem polos rios, que, segundo dizia Pero de Couilhã, polo peso, cad'anno dauão ao Preste passante de hum conto d'ouro. Dão estas molheres, aos cafres que lhe trazem este ouro, em troquo [1] *d'elle outras mercadarias*, e mórmente pannos, e cousas pera trazer ao pescoço, e contas, tudo cousa de pouqo preço.

D'estas molheres, e dos seus costumes e regimento que tem antre sy, contou Pero de Couilhã cousas muy notaues ácerqua de sua muyta justiça e verdade; porque por huma só mentira em que huma só vez he tomada a queimão viua. Os filhos que lhe nacem dão a criar a cabras, e ouelhas, e outras alimarias, que pera ysso tem buscadas quando andão prenhes; e como os filhos sabem comer os leuão, e deitão fóra do Reyno em outras terras derrador onde ellas querem, e nunca os mais vem, nem conhecem a mãy ao filho nem o filho á mãy. Por este Reyno atrauessa hum grande rio per onde vem estes cafres que trazem o ouro, em que andão muytos homens e molheres marinhos, os quaes tomão em laços que lhe armão em algum faual verde, a que elles muyto acodem, e cayndo nos laços os tomão a braços. E d'esta terra contou ysto Pero de Couilhã, porque trouxerão ao Preste hum d'estes homens marinhos, e outro trouxerão estando lá os nossos, que o virão; e o Preste o mandou tornar ao rio. O qual nom falaua, comia heruas, e nom bebia. Tinha o corpo cuberto de coiro muy aspero e rijo, e o cabello grosso e pouqo, e os pés e mãos largos mais que de nenhum homem, e nom dormia senão muy pouqo, os olhos resgalados, sem pestenejar com as capellas dos olhos. Contou outras muytas cousas d'estes homens marinhos e das cousas d'esta terra, que são tantas, que farião grande leitura, e duvidosas de crer.

Tambem per este rio, per que vem estes cafres do ouro, vem em barqos humas gentes brancas, que trazem a vender os pannos que estas molheres vendem aos cafres, que são pannos pintados com agoas de cores, os quaes são largos e finos, e de suas pinturas polas pontas e bordas, e alguns d'elles per todo o panno, a mais estreme cousa que se póde

[1] *delle e d'outras mercadarias* Autogr.

ver em todo mundo. A molher do Preste veste estes pannos, e outra nenhuma pessoa não; e os leuão pera a Turquia, que os comprão por muyto dinheiro, e os cafres dão por elles muyto ouro; e estas molheres os comprão pera vender, que ellas os nom trazem senão á Raynha. Os quaes homens que trazem estes pannos são muyto branqos, e de rostos muy fremosos; e os antigos da terra do Preste dizem que estes homens vem do pé de humas serras d'ahy muy longe, que dizem que são tão altas que as pontas chegão ao ar do fogo do ceo, segundo os mesmos homens contão, e que além d'aquellas serras estão muytas gentes de suas gerações, em que ha grandes cidades e grandes terras; e que são taes as serras que nenhum póde sayr de lá pera qua, nem de qua entrar lá; que são gentes que tem toda a fremosura do mundo, e que tem os caldeus pera sy que estas gentes, que estão alêm das serras, são os pouos de Israel que Nosso Senhor liurou do Egyto, e os ençarrou n'esta terra, que he a da promissão.

Ha outro Reyno, comarcão com o d'estas molheres e com as terras do Preste, que he de humas gentes grandes guerreiras, que quando nom tem guerra com os visinhos huns com outros pelejão. Dentro n'este Reyno, per debaixo de humas serras say tanta agua que faz hum grande rio, e say com tão grande tom que soa mais de cinqo legoas, e he tão grande que por elle poderão nauegar nauios; o qual rio entra nas terras do Preste, e corre todo o Reyno em roda, e lhe dá huma volta, e say das terras do Preste e corre contra o grão Cayro. N'este rio se acha muyto ouro a lugares, que por rezão deue ser das propias terras por onde o achão, que he como arêa grossa. D'este rio se aparta hum braço antes que entre nas terras do Preste, que dizem que vai a Manicongo junto da Mina; o qual rio todo se naucga em barqos que trazem muyto ouro. E per as gentes que correm per este rio se affirma que o Rey dom João ouve noticia das cousas do Preste, que lho disserão as gentes do Manicongo; com a qual informação despedio o Pero de Couilhã e seu praceiro, como no principio do primeyro liuro he contado.

Junto d'esta terra da gente guerreira ha huma terra apartada sobre sy, de gentes pretas, homens de corpos meãos, os cabellos crespos, curtos. Assy homens como molheres andão nús; cobrem suas vergonhas com folhas grandes d'aruores, que são brandas e rijas como panno; gentes de grossos membros. Viuem em couas debaixo do chão, são de for-

ças muy grandes, e todos são trabalhadores, que das outras terras os vão buscar pera carretar e trabalhar. Tem rabos como cães, assy homens como molheres; gente robusta, e cada hum homem e molher carregão tanto como carregará huma boa azemola. Comem por quatro pessoas huma só vez á noite. Disse Pedro de Couilhã que os trouxerão a mostrar ao Preste, e elle os vio na corte.

Das quaes cousas, e d'outras muytas que cada hum dos nossos escreueo, cada hum assy como fazia as perguntas, o padre Francisco Aluares fez hum liuro que leuou ao Reyno, que se emprimio, em que recontou muy grandes cousas muy duvidosas de crer; mas eu estas tomey de muytas que os nossos trouxerão escritas em cadernos, de que estas tomey, que me parecerão que abastauão pera satisfazer a quem desejasse de saber da viagem de dom Rodrigo.

CAPITULO IV.

DE COMO JORGE CABRAL SE FOY A MALACA DAR A NOUA A PERO MASCARENHAS QUE ERA GOUERNADOR.

Tornando ao fio da estoria principal, digo que Jorge Cabral, que de Cochym sayo com armada em hum galeão e huma carauella e quatro fustas, pera que fosse andar ás presas nas ilhas de Maldiua, tanto que foy no mar ouve seu acordo da boa viagem que fazia em hir a Malaca dar a noua a Pero Mascarenhas de sua boa ventura, que era Gouernador da India; e assentado n'ysto, polo que Pero Mascarenhas lhe faria grossa mercê, deu o trelado de seu regimento a Gomes de Soutomayor, fidalgo mancebo que hia per capitão da carauella, com poder de capitão mór das fustas, dizendo que guardasse aquelle regimento e andasse com as fustas agardando as naos, porque elle com seu galeão se hia pòr em outro canal, 'agardar as naos na paragem de Ceylão; e depois se ajuntassem todos na ilha de Mafacalou. Com o que a carauella e fustas fizerão seu caminho, e Jorge Cabral foy o seu caminho de Malaca com bom tempo, que era de monção, onde chegou em pouqos dias e sorgio ante a forteleza, com muytas bandeyras e tirando muyta artelharia. Ao que logo de terra foy huma manchúa esquipada a saber. Jorge Cabral estaua prestes. Elle só com hum page se foy na manchúa a terra, e o recebeo

muyta gente na praya, e o Pero Mascarenhas, que estaua na ramada á porta da forteleza, o foy receber ao caminho, que chegando a elle se abraçarão, dizendo Jorge Cabral: «Beijo as mãos a vossa senhoria.» E lhe disse em presença de todos: «Senhor, vossa senhoria he Gouerna-»
«dor da India feito por ElRey nosso senhor na segunda socessão, per»
«falecimento do Gouernador dom Anrique; *e* porque eu sayndo de»
«Cochym n'aquelle galeão, com outra mais armada pera hir fazer pre-»
«sas ás ilhas de Maldiua, me lembrou que esta era melhor presa do»
«que podia fazer, trazer a vossa senhoria esta sua boa noua, deixey»
«'armada encarregada a Gomes de Soutomayor, em huma carauella de»
«que era capitão. Vossa senhoria he na India aleuantado, apregoado,»
«e obedecido por Gouernador; o que assy sendo, per a mingoa que»
«auia de quem gouernasse até hir vossa senhoria, per conselho dos fi-»
«dalgos e pouo, porque recrecerão debates querendo enleger Gouerna-»
«dor por vozes, foy aberta a terceira socessão, em que se achou no-»
«meado por Gouernador Lopo Vaz de Sampayo, que foy feito Gouer-»
«nador até chegada de vossa senhoria. Do que tudo aquy virão os pa-»
«pés que traz Duarte Coelho, que foy mandado que trouxesse este re-»
«cado a vossa senhoria; de que eu lhe quis furtar a benção.» Pero Mascarenhas aleuantou as mãos ao ceo, dizendo: «Senhor, tudo seja ao»
«teu santo seruiço». E tornou 'abraçar Jorge Cabral. Com que todos se forão á igreija dar louvores a Nosso Senhor de tamanha mercê como lhe *fizera*, repicando os sinos, e a forteleza tirando muyta artelharia, e a gente da cidadē fazendo festas e tangeres, e os mercadores honrados visitando o nouo Gouernador, lhe apresentando riqas peças, e por ganharem mais a graça do Gouernador tambem dauão presentes a Jorge Cabral. Onde o Gouernador, assy praticando com Jorge Cabral, disse que se espantaua muyto de tamanho erro como fizerão os fidalgos em abrirem outra socessão, em que todos quebrarão e desobedecerão o mandado d'ElRey nosso senhor, que tão estreitamente defende que nenhuma socessão se abra senão por morte do Gouernador que gouerna. «E pois»
«eu era obedecido Gouernador, e nom sendo morto, em abrirem outra»
«socessão todos errarão e forão contra o mandado d'ElRey. Praza a»
«Deos que nom seja pera algum trabalho meu!» Ao que Jorge Cabral lhe deu todas rezões, e sempre ambos passauão o tempo falando as cousas da India; que d'ahy a pouqos dias chegou Antonio da Silua de Me-

nezes, que hia em huma nao a fazer seu proueito, e logo tambem chegou Duarte Coelho, que o Gouernador recebeo com muyta honra, e tambem chegou Francisco de Sá, que hia despachado pera em Çunda fazer huma forteleza por mandado d'ElRey ; aos quaes todos Pero Mascarenhas recebeo com honras, porque era elle de nobre condição.

Tendo Pero Mascarenhas vistos todos os papés bem concertados, ao primeyro domingo, na igreija em se acabando a missa, que todo o pouo estaua junto, Pero Mascarenhas mandou a hum escriuão da feitoria que lêsse os papés, alto, que todos o ouvissem. O que assy se fez, que todos forão lidos. Ao que o ouvidor com o tabellião pubrico fez auto da pobricação, e o alcayde mór Ayres da Cunha apresentou ao Gouernador hum liuro missal, em que lhe tomou o juramento acostumado de bem e verdadeiramente gouernar e fazer inteira justiça. O que, com ambas mãos postas no liuro, jurou e affirmou com sua fé e menagem ; do que se fez auto pubrico que se deu na mão de Domingos de Seixas, a que tinha dado o cargo de sacretario até chegar á India. E fez ouvidor geral Simão Caeyro, e pagando a Jorge Cabral seu trabalho da boa noua que lhe leuára, lhe deu a capitania de Malaca, cometendo partido a Francisco de Sá que lhe daua Malaca, e elle largasse seu cargo e armada a Jorge Cabral pera hir fazer a forteleza de Çunda ; o que elle nom quis, porque Çunda era de mais proueito, e tinha tres annos por ElRey, e a Malaca podia vir logo outro capitão por ElRey. A esta dada da capitania a Jorge Cabral, Ayres da Cunha, alcayde mór e capitão mór do mar, veo com embargos, dizendo que a vagante da forteleza a capitania era sua e lhe pertencia por direito, segundo regimento que Afonso d'Alboquerque deixára em Malaca quando se foy pera' India ; deixara que, falecendo o capitão de Malaca, o capitão mór do mar socedesse na capitania da forteleza ; o qual regimento estaua firmado por aluará d'ElRey, que depois passara ; mostrando o trelado de tudo, requerendo a capitania da forteleza, que era sua. No que ouve requerimentos e protestos, a que Pero Mascarenhas respondeo que tudo que dizia Ayres da Cunha se comprira se a capitania da forteleza vagara por sua morte, conforme ao regimento que apresentaua ; mas que pois nom vagara por morte, elle, como Gouernador, a daua a Jorge Cabral. Com que o debate cessou.

Então Pero Mascarenhas se ordenou logo partir pera' India, e mandou bem concertar o galeão em que fora Jorge Cabral, e deu a Duarte

Coelho viagem que fosse a Çunda carregar de pimenta, e se fosse á China fazer seu proueito, que era boa paga de suas aluiçaras; e despachou Francisco de Sá que fosse sua viagem fazer Çunda, e assy dom Jorge de Menezes, que hia com elle pera capitão de Maluco per prouisão de dom Anrique, que lhe Pero Mascarenhas confirmou, e deu hum nauio em que fosse, que todos auião de partir em huma monção; e mais leuasse o nauio em que viera da India, e lhe deu gente e monições mais das que leuaua, que era pouqa cousa, e ordenou todo o que compria, e se partio de Malaca pera a India em agosto de 526, nauegando pera huma ilha chamada Pulupuar, e hy agardar a monção pequena, que he em setembro. Onde estando na ilha lhe deu hum temporal com que de todo esteue perdido, com o masto grande quebrado polo meo; com que forçadamente lhe conueo e se tornou a Malaca, onde já nom tinha monção pera' India senão d'ahy a seis mezes.

CAPITULO V.

CONTA DE COMO PERO MASCARENHAS TOMOU BINTÃO.

TORNANDO assy a Malaca o Gouernador Pero Mascarenhas, por se lhe nom passar o tempo ocioso e querer começar a fazer nouos seruiços a ElRey pola noua mercê que lhe fizera, determinou hir destroyr ElRey de Bintão, e apagar tamanho imigo, que tantos trabalhos daua a Malaca; no que se podia ajudar da gente e nauios de Francisco de Sá, que auia tempo pera tudo. E mandou varar e concertar 'armada, e fazer monições e mantimentos. Andando n'este trabalho se aconteceo hum caso, que me pareceo rezão nom ficar em esquecido.

Hum alifante d'ElRey fogio de Malaca pera o mato com a doudice de sua sazão que elles tem, e auia annos que andaua no mato e ás vezes vinha á pouoação fazer muyto mal, e andando assy o Gouernador nouo apercebendo su'armada, veo este alifante do mato e entrou na cidade, de que a gente fogia, e elle sem fazer mal se foy deitar á porta da forteleza, manso, sem bolir comsigo. D'ally o leuarão a casa, e o meterão com os outros, e o atarão, e lhe derão de comer, e d'ahy em diante nunqua endoudeceo. Fez ysto grande espanto, porque auia dez annos que andaua no mato assy brauo, e os feiticeiros da terra dizião que era si-

nal de algum grande Rey vir á obediencia de Malaca, e que auia de ser o Rey de Malaca, que auia tantos annos que andaua amontado fóra de Malaca, que agora auia de obedecer e ser tomado preso. Tendo Pero Mascarenhas prestes 'armada, fez alardo da gente, em que achou seis centos homens, gente limpa, em que forão capitães Aluaro de Brito no galeão de Pero Mascarenhas, e Fernão Serrão em huma galé, e Aluaro Ferreira e Lionel d'Atayde em galeotas, e João Moreno em hum galeão; e Antonio da Silua, e Duarte Coelho, Francisco de Vasconcellos, Ayres da Cunha, em nauios; Diogo Soares, João Pacheco, em fustas; e Simão Galuão, João Rodrigues Mousinho, em batés de camellos e mantas; e oito lancharas, em que hião quatro centos homens malaios moradores de Malaca, casados, que tinhão molheres e filhos em Malaca, de que hia capitão Tuão Mafamede, homem principal de Malaca, espirimentado caualleiro, nosso amigo. A armada muy artelhada, e de tudo auondada, com muytos mantimentos, e monições e arteficios de guerra. E se foy caminho da ilha de Bintão que he sessenta legoas de Malaca, deixando na forteleza tresentos homens.

A ilha de Bintão está junto da terra firme, e tem hum rio de muytas voltas. N'esta ilha de Bintão se recolheo o Rey de Malaca depois que Antonio Correa o deitou da forteleza do Pagó, que atrás fica contado; polo que n'esta ilha de Bintão se fez muy forte pera se defender dos nossos se lá fossem, porque elle tinha determinado guerrear Malaca em quanto viuesse; e fez no rio, que era em voltas, estacadas de grossos páos, a que chamão ferro, que nunqua apodrecem, e muyto fortes pera cortar, e os pés d'elles metidos nos olhos de grandes mós de pedra que hião assentar no fundo, que era de grande vaza, porque a terra he apaulada e a mór parte d'ella cobre a maré, com que toda fiqua em grande lamarão, com que as casas tem feitas em esteos altas do chão. E com este páos fez muytas estacadas per todo o rio, e tão estreitas que trabalhosamente podião entrar lancharas; e da ilha pera a terra firme, que era estreito, tinha pontes de madeira leuadiças, e de longo do rio tinha estancias com muyta artelharia. As casas d'ElRey, com grande pouoação, estauão sobre hum oiteiro, muy fortes de grandes cerquas, rodeadas de muytos esteiros em que estauão per todo muytos estrepes.

Os da terra, vendo sorgir na barra a nossa armada, ficarão espantados, e zombauão, nos chamando doudos que queriamos pelejar com o

inferno. Da boca do rio ao lugar auia tres legoas; onde a primeyra tranqueira tinha tanta artelharia que lhes parecia a elles que bastaua pera toda' armada meter no fundo, porque o rio ensequaua todo de baixa mar; e mórmente as grossas estacadas com que o rio estaua atrauessado, e per fóra do esteiro, d'ambas as bandas, tudo grandes lamarões em que atolaua hum homem até os peitos. E comtudo, indaque assy estauão apercebidos, ouve antre elles confusão, dizendo alguns: «Os portugueses» «nos vem buscar. Aquy hão de morrer todos ou nos hão de destroyr.» Então se fortificarão muyto mais, dobrando a gente nas tranqueiras. Os nossos concertarão os nauios d'arrombadas e entulhos pera defensão d'artelharia, forrando os nauios por fóra de repairos d'amarras e estrens velhos que pera ysso leuauão; e no galeão de João Moreno e de Duarte Coelho assentou * o Gouernador * cabrestantes nos conueses pera arranquar as estaquadas, e no seu galeão fez dois cabrestantes, que elle entrou diante de todos, que concertou com oito falcões pedreiros e seis camellos. E entrarão o rio huma menhã com a maré, que chegando á primeyra estacada, huma tranqueira que estaua junto d'ella tirou muyta artelharia, que era miuda como berços e a mais grossa como falcões; mas do nauio de Pero Mascarenhas os tiros grossos desfizerão a tranqueira, que fiqou raza, com muyta gente morta; a outra fogio deixando os tiros, a que logo foy Simão Galuão no seu batel, e a recolheo, que forão mais de vinte peças. Então os nossos se acuparão com a estacada, de que á força dos cabrestantes com muyto trabalho aleuantarão oito páos, a que tirarão as cunhas com que estauão metidos nos olhos das mós, que tornauão a largar n'agoa, que tambem os páos se hião ao fundo; no que gastarão toda a maré, e ficarão os nauios em sequo, assentados na vasa que era muy grande, e leuauão já escoras por de fóra, com que ficauão assentados direitos. Onde assy estando, os mouros d'outras estancias, que tinhão adiante, tirauão com muyta artelharia com que matauão e ferião dos nossos; mas das bandas nom auia quem lhes fizesse mal, porque tudo erão grandes lamarões em que hum homem atolaua até cinta. Vendo os mouros o proposito dos nossos e como lhe desfazião as estacadas, logo com muyta pressa, com muyta madeira e ramas e terra entulharão o rio em lugares que era mais estreito; mas a ysto a maré ajudaua os nossos, que entraua com tanta força que tudo desfazia. Mas como no rio auia muytas estacadas, que os nossos hião ar-

rancando e pelejando com artelharia, que sempre de dia e de noite tirauão, e com a maré trabalhauão em arranqar as estacadas, n'ysto ouve detença de dez dias, que já auia muytos mortos e feridos dos tiros, e toda a gente cansada dos cabrestantes com que arrancauão a estacada, que cada hum páo gastaua mea hora, e em cada estacada [1] * gastauão * huma maré. Com o qual trabalho em doze dias chegarão a huma ponte de muy grossa madeira, que estaua sobre o rio, que era muy alta, que ficaua por cima dos chapiteos dos nauios; além da qual hum tiro de falcão estaua a pouoação. D'ambas as bandas d'esta ponte auia estancias muy fortes, em que estaua muyta artelharia, e mais de seis mil homens de peleja. Das quaes estancias fizerão tanto mal aos nossos, de mortos e feridos, e mastos quebrados, e vergas e enxarcias espedaçadas, que os nossos forão muy duvidosos n'esta cousa; mas Pero Mascarenhas, que estaua na dianteyra, chamando a misericordia de Nosso Senhor, mandou tirar á ponte, que com dous tiros que acertarão foi feita em pedaços; com que as estancias ficando mais descobertas os nossos lhe tirarão com 'artelharia, que era grossa, que onde acertaua na gente, que era muyta junta, fazião grande mortindade. Com que muytos começarão a fogir; o que sendo visto dos nossos tomarão grandes esforços, tirando fortemente, com que as tranqueiras forão enxoradas, com que os nossos ficarão descansados, dando a Nosso Senhor muytos louvores, e curando muytos feridos, que n'este combate forão mortos mais de vinte homens.

O Rey de Pão, genro do Rey de Bintão, que era seu visinho, vendo passar nossa armada pera Bintão apercebeo a grã pressa trinta lancharas com muytos mantimentos e dous mil homens, que lhe mandou em soccorro, que chegarão sobre a barra de Bintão o dia que os nossos tinhão assy tomada esta ponte. O que vendo Pero Mascarenhas, mandou sayr fóra Francisco Vascogoncellos, que era o seu nauio o derradeyro que vinha polo rio, e com elle João Pacheco, e Diogo Soares, e Tuão Mafamede com as lancharas; que sayndo com a maré fóra da barra as fustas e lancharas forão diante do nauio, e forão dar nas lancharas d'El-Rey de Pão, com que logo forão postas em fogida, colhendose pera huma ilha que estaua d'ahy huma legoa, onde algumas vararão, outras passarão fogindo á vela e remo, e as que vararão, que forão dezoito, a gente

[1] * gastam * Autogr.

fogio pela ilha, que era grande, e os nossos tomarão as lancharas, que estauão carregadas de bons mantimentos, que trouxerão aonde os nossos estauão; com que todos ouverão muyto prazer, e Pero Mascarenhas mandou a Tuão Mafamede que com seus criados mandasse ter boa guarda nos mantimentos.

O lugar em que estaua ElRey de Bintão era grande, de casas rasas grandes e fortes, e o lugar cerquado de tres cerquas de valados muy altos, que nom parecião as casas de dentro; e de fóra os valados forrados com grossa madeira, pregados em altos páos, em modo que os valados por dentro ficauão como andaimo; cousa muy forte e defensauel. Dentro estaua ElRey muy descansado, com muyta gente, seguro de lhe parecer que os nossos podião lá chegar, nem sómente o ver dos olhos per força d'armas; e tinha em sua companhia outro Rey, seu visinho, com doze mil homens, que com os d'ElRey passauão de trinta mil, armados com lanças de canas compridas com ferros de crises, e muytas espingardas e espingardões, e arquos, e frechas, e zerauatanas de peçonha tão sotil que auentando sangue mataua; das quaes zerauatanas erão grandes guerreiros, e d'azegayas d'arremesso, e páos tostados com que fazião passada como uma lança, e elles muy denodados em pelejar.

E pois sendo os nossos assy apossados da ponte, o Rey foy muy agastado, muyto deshonrando os seus. Ao que Laquexemena se offereceo, e logo fez prestes vinte lancharas armadas, e com muy armados, homens valentes, que elle escolheo; e se pôs a ponto com a maré, que era chea. Então com a vasante, mansamente e sem remar, porque nom fossem sentidos dos nossos, como nom [1] * forão, as lancharas * se partirão per meo, e correrão pera os nossos nauios por ambas as partes, e chegarão ao primeyro, a João Moreno, e á galé de Fernão Serrão, que os abalroarão por ambas as partes, e tão de supito que casy os nossos nom tiuerão lugar pera tomar as armas; em que logo forão entrados de tantos mouros, que ganharão os nauios até os pés dos mastos, matando e ferindo; com que os nossos forão em muyto desbarato. Ao que se aleuantou grande aluoroço, e muyto tirar d'artelharia e espingardaria; o que ouvido de Tuão Mafamede, acodio com as lancharas onde estaua Pero Mascarenhas, que se meteo n'ellas com vinte homens,

[1] * foram e as lancharas * Autogr.

e João Pacheco na fusta, e Simão Galuão no batel; mas nom poderão hir áuante com a corrente d'agoa; polo que se meterão nas lancharas, e chegou Pero Mascarenhas a Fernão Serrão, que jazia caydo de feridas, e os portugueses se defendião no tendal da galé, e os do [1] * nauio somente * com João Moreno se defendião do chapiteo de popa. Mas chegando Pero Mascarenhas á galé, em que entrou com os vinte homens ás lançadas e com panellas de poluora que deitarão nos [2] * mouros, logo * se deitarão ao mar e se colhião ás lancharas, dando os nossos grandes gritas. O que sendo ouvido no nauio de João Moreno, os mouros logo afrouxarão a peleja. Mas Tuão Mafamede, e João Pacheco, e Simão Galuão, que com seus homens hião nas lancharas, abalroarão com as lancharas de Laquexemena, onde ás mãos foy a peleja tão ferida que dos nossos forão mortos seis, e Simão Galuão e todos feridos; mas como a galé foy despejada, que Pero Mascarenhas acodio ao nauio á força de remo com muyto trabalho, chegou o batel á vista das lancharas, que lhe fez hum tiro, que a todas abrangeo seu mal, que lhe matou muyta gente, e algumas quebradas. Acodio sobre ellas Pero Mascarenhas, e do nauio se acordarão das panellas de poluora, porque virão na galé resprandecer o fogo, e derão com ellas sobre as lancharas de que estauão abalroadas, de que os mouros todos se lançarão ao mar, e o Laquexemena, ferido, fogio polo rio dentro, e com elle sete lancharas, ficando treze quebradas e despouoadas, com mortos e aqueimados e afogados mais de trezentos mouros, e dos nossos mortos onze e muytos feridos. No que amanheceo e os feridos forão repairados. O que sabido do Rey o desbarato dos seus, sobre tão forte cometimento aos nossos que tão trabalhados estauão, foy em toda' confusão e muyto medo, vendo a fortidão dos nossos, e logo secretamente mandou algum de seu tisouro e molheres.

Os nossos n'este dia nom forão áuante, trabalhando todo em arrancarem huma grande estacada que estaua além da ponte, que atrauessaua o rio com grandes madeiros, até sobreuir a noite; na qual escondidamente veo ter á galé hum moço que fora de portuguezes, que andaua catiuo em poder dos mouros; o qual foy leuado a Pero Mascarenhas, que lhe contou de como estaua a terra e os mouros os apercebimentos

[1] * nauio que somente * Autogr. [2] * mouros com que logo * Id.

que tinhão, e lhe disse o melhor lugar que tinha pera entrar. Sobre o que Pero Mascarenhas tomou acordo com os capitães, e assentou hir por onde o moço dizia. E estando assy descansando esta noite, antemenhã veo hum portuguez, que andaua catiuo e fogio esta noite, e trazia huma braga de ferro, o qual veo atrauessando polas varzeas pola lama, de que nom podia sayr até a cinta; mas sendo perto dos nauios, que ouvio a vigia dos nossos, bradou grandes gritas, dizendo: « Ó Senhora Virgem » « Maria, valeyme! » dando gritos. O que foy ouvido dos nossos, ao que logo dous portuguezes marinheiros se deitarão a nado leuando huma ponta de huma corda delgada nas mãos, que forão ao tino dos brados, e o acharão e lhe derão a ponta da corda, a que todos tres se apegarão. Alando por ella com grande trabalho chegarão aos nauios. O qual falou com Pero Mascarenhas,. e lhe deu auiso de todo o que estaua na terra, assy como o negro contára, e o mesmo lugar per que melhor podia entrar e tomar o logar. Do que todos ouverão muyto prazer, porque nom estauão tão confiados como compria na entrada que lhe o moço dizia, sospeitando algum engano: o que todo bem praticado assentou Pero Mascarenhas entrar por onde lhe dizião. E pera ysto ser mais dessimulado, ao outro dia o Gouernador mandou fazer huma estancia com rama e madeira das tranqueiras, em que mandou assentar huns tiros que tomarão nas lancharas, com que tirauão a hum perto lugar, dando a entender aos mouros que por ally queria entrar; com que os mouros ally acodirão a se fazerem [1] * fortes, cuidando * que os nossos por ally querião entrar: e o Gouernador mandou que nos nauios fizessem aluoroços, tirando pera ally muytos tiros, fazendo cometimentos pera entrar por ally.

E tendo o Gouernador já assy todo bem ordenado, fez prestes trezentos homens, os melhor concertados que achou, com cem escrauos valentes homens, que leuauão espingardas, e dozentos homens malaios pera ajudarem a trabalhar, e cometeo o caminho, que era ametade de mea legoa, á mea noite, per muytas aguas e lamas, até chegar á entrada per que auia de cometer; o qual caminho lhe o moço hia mostrando, que o sabia melhor que o portuguez, que tambem ally hia; que chegando ao lugar da entrada, que era huma coiraça que hia ter em huma ponte que atrauessaua as cauas do [2] * logar, o Gouernador * repousou com a gente,

[1] * fortes que cuidando * Autogr. [2] * logar. § Onde chegando o gouernador * Id.

muy caladamente comendo cada hum o que leuaua, e cada hum se encomendando a Nosso Senhor, offerecendose a morrer per sua santa fé; e assy estiuerão até romper 'alua do dia. No qual tempo a gente dos nauios, com seus capitães, que o Gouernador deixou n'elles por ficarem a bom recado, todos derão gritas, fazendo grandes aluoroços desembarcando em terra. Ao que acodirão os mouros com muyta pressa, parecendolhe que ally era toda a gente pera entrar, e nom tiuerão sentido em outra nenhuma parte de todo o lugar, per maneyra que, esclarecendo 'alua, João Moreno, Antonio da Silua, Diogo Soares, João Rodrigues Mousinho, Lionel d'Atayde, e Tuão Mafamede com sua gente, todos com seus guiões e muyta espingardaria, fizerão grande cometimento d'entrar polo lugar a que tirauão. Ao que os mouros acodirão, fazendo zombaria dos nossos os quererem entrar; ao que se aleuantou grande peleja de muytas espingardadas, e azagayas, e zagunchos d'arremesso, do que os mouros tinhão o melhor, porque estauão mais emparados e os nossos mais descubertos; mas os nossos pelejauão com muyto esforço com o rebate que esperauão do Gouernador; o qual, estando prestes e com muyto concerto, cometeo entrar pola coiraça, e chegando sobre os valados, muytos mouros, que o sentirão, derão gritas; ao que o Gouernador mandou tanger as trombetas que leuaua, com grandes gritas, tirando muyta espingardaria, com sua bandeyra real diante chamando Santiago, deu nos mouros com grande animo. O que sendo ouvido dos nossos, que estauão no combate, derão gritas e * forão * com muyto esforço pelejando e sobindo polas cerquas; porque os mouros que pelejauão, sentindo a entrada das trombetas detrás, logo afrouxarão e forão acodir; ao que os nossos puderão entrar, dando nos mouros fortemente, os quaes hião dar com outros que hião fogindo do Gouernador, com que todos com grande medo forão fogindo pera o oiteiro onde estauão as casas d'ElRey. Ao que acodio o Laquexemena, que ElRey mandou com muytos mouros, vendo que os nossos erão tão poucos; onde se ajuntando com os nossos a peleja foy muy grande, mas a furia dos nossos, com que pelejauão parecendolhe que acabauão, foy tal que os mouros se forão retraendo, mas pelejando muy fortemente. Onde o Gouernador, por mostrar sua valentia e dar esforço á gente, se pôs na dianteyra, pelejando ás lançadas sem adarga; ao que foy ajudando Ayres da Cunha, Diogo Soares, Duarte Coelho, João Pacheco, Francisco de Vascogoncellos, Fernão Serrão, e to-

dolos outros, que fazião finezas vendo pelejar o Gouernador. Onde Aluaro Ferreira, e Lionel d'Atayde, chegarão de nouo com marinheiros das suas galeotas, que leuauão muytas panellas de poluora com que derão sobre os mouros; com que o fogo d'ellas escaldando muyto forão em desbarato; ao que os nossos, cobrando nouo esforço, os seguirão entrando polo lugar, em que os mouros nom fizerão detença, e sayrão fóra da outra banda fogindo pera as casas d'ElRey, o qual, vendo os seus hir assy fogindo em desbarato, por segurar sua vida sobio á pressa em cima de hum alifante, e se foy fogindo, e embrenhou no mato, onde já esta menhã tinha mandado sua molher e filhos, tanto que ouvio as trombetas e gritos da peleja, e com suas molheres, seu tisouro em caixões em cima d'alifantes, que pera ysso sempre teue prestes; e após elle seguio toda a gente da cidade; com que os nossos ficarão senhores da cidade. O que durou até meo dia; que este foy hum dos móres feitos da India que se póde contar, que tão pouqos portugueses, com tantos trabalhos e mortos e feridos, vencerão tanta moltidão de mouros tão fortes, com tranqueiras, estacadas, artelharia, e elles tão guerreiros, tão usados nas pelejas e vencimentos contra os nossos, que ficando assy apoderados da cidade, o Gouernador sayo pera fora d'ella contra as casas d'ElRey, com toda a gente junta, que nom consentio que se espalhassem à roubar; falando a todos que segurassem suas pessoas, que a preza da cidade segura estaua.

Onde assy estando, tres mercadores riqos da cidade se forão deitar aos pés do Gouernador, pedindolhe as vidas e fazendas, por serem estrangeiros e viuerem n'aquella terra forçadamente. Do que aprouve ao Gouernador, com condição que lhe dessem mantimentos em quanto ally estiuesse; o que assy prometerão. Com que o Gouernador lhe deu seguro, e lhe deu tres guiões dos capitães, que pusessem ás portas de suas casas porque fossem conhecidas, e defendeo a toda a gente que lhe nom fizessem mal. Então largou a gente, a que deu escala franqua; em que se achou muy grande despojo, que da cidade o Rey nom consentio que ninguem tirasse nada. O Gouernador muyto defendeo que se nom pusesse fogo, e tudo se aproueitasse; o que assy foy feito, com que os capitães, cada hum com sua gente, ajuntauão e guardauão em casas. Em que se gastou o dia, e com a maré os nauios todos se chegarão junto da cidade, em que o Gouernador mandou ter muyta vigia, e assy nos caminhos porque os mouros podião vir.

N'este dia chegou aquy á ilha ElRey de Linga, grande nosso amigo, com vinte lancharas com mantimentos e gente armada, e foy pera ajudar os nossos; a que o Gouernador fez muytas honras, e com elle se foy aposentar nas casas d'ElRey, em que se achou muyto despojo, que o Gouernador deu a Aluaro de Brito, capitão de seu galeão, e á sua gente.

Ao outro dia o Gouernador mandou Duarte Coelho e Ayres da Cunha, cada hum com cincoenta homens, e Tuão Mafamede com duzentos dos seus, que fossem correr o caminho que ElRey leuaua. Os quaes forão, e achauão alguns mouros que ficauão em vigia, que todos logo forão fogindo após ElRey, e se ajuntarão com hum capitão que ElRey deixara com gente em guarda do caminho; mas o mato era muyto çarrado e o caminho estreito, que os nossos nom podião hir juntos, e do mato d'ambas as bandas os ferião muyto com espingardas, e frechas de peçonha: ao que os capitães ouverão seus acordos, porque se nom podião valer ao mal que lhe os mouros fazião; polo que deixarão o mato e forão polo caminho, que era largo e direito, e forão até chegar a huma agoa que cerquaua a terra, que ficaua em ilha. A este passo chamauão elles agoa branca; onde os nossos acharão muyta gente d'ElRey, com muyto fato e molheres fremosas, que o Rey mandara diante que passassem á terra d'além, ficando inda nas suas casas; que estes nom sabião que ElRey era fogido pera os matos, e estauão descansados deuagar pera passarem; que os nossos todos catiuarão, com muytas moças fremosas e mininos, com muytas trouxas de bom fato, matando muytos mouros que nom poderão fogir. Com o qual despojo se tornarão ao Gouernador, que ouve muyto prazer, e tudo repartio com os capitães, e deu fremosas molheres ao Rey de Linga, e esteue de repouso quinze dias, concertando os nauios do que auião mester. O Rey que estaua embrenhado nos matos, que a fome apretaua, com muyto trabalho cortando caminhos, sayo á outra banda, e se saluou e se foy pera outro lugar chamado Hugentana, donde inda fez a guerra que pôde até que morreo.

O Gouernador, querendose partir, mandou á gente que recolhessem seu fato, que carregarão nos nauios, que foy muy grosso, com muytos catiuos, moços e moças de preço. Então o Gouernador mandou dar fogo na cidade e casas d'ElRey, que tudo fiqou por terra feito em cinza. O Rey d'esta ilha, que andaua desterrado depois que lha tomara o Rey, pe-

dio depois seguro ao Gouernador, e paz que assentou pera sempre, *e* fiqou amigo dos portugueses.

D'aquy de Bintão partido o Gouernador pera Malaca polo caminho foy despachando Francisco de Sá, que ficara doente em Malaca, porque era já tempo de monção; com que chegando a Malaca lhe foy feito grande recebimento como era rezão; e logo mandou partir Francisco de Sá, que já trazia suas cousas despachadas, e lhe deu trezentos homens e o seu nauio, e em outro Duarte Coelho, que hia por alcayde mór da forteleza que se auia de fazer e capitão mór do mar, com mais huma galeota e duas fustas. Com que logo partio, ficando Malaca com grande fama dos portugueses assy destroyrem o tamanho poder do Rey de Bintão; com que muytos Reys comarcãos assentarão muyta paz com os nossos *e* por muytos tempos Malaca esteue muy prospera.

E tambem o Gouernador despachou dom Jorge de Menezes pera Maluco em dous nauios com cem homens, e em hum junquo muytas roupas e monições pera' forteleza. Do qual contarey adiante em seu lugar. Mas Francisco de Sá, hindo seu caminho pera Çunda, lhe deu temporal com que se apartou da companhia, e Duarte Coelho em huma nao, com a galeota e huma fusta, foy ter na barra de Çunda, que he no cabo da ilha de Çamatra, em ilha apartada, grande, em que nace muyta pimenta e muy boa, que d'aquy tem grande escala pera' China, que he a mór mercadaria que se lá leua; e a terra muy auondada de mantimentos, e muy viçosa d'aruoredos e agoas muy boas, e pouoada de mouros que tem Rey mouro sobre sy. Ao tempo que assy os nossos chegarão era já morto o Rey nosso amigo, que queria dar a forteleza porque tinha guerra com este Rey que reynaua agora, que o outro matara na guerra, e estaua apossado da ilha com muyta gente d'assento na cidade; que era grande imigo dos nossos porque ajudauão a este Rey que elle matara, polo que chamaua os nossos que fizessem forteleza. Chegando Duarte Coelho assy com o temporal, sorgio, e a fusta por nom ter boas amarras foy á costa, que logo polos mouros foy queimada, e todolos portugueses mortos. O que vendo do nauio e da galeota nom ousarão sayr em terra, e agardarão até chegar Francisco de Sá, que fora ter em outras ilhas; o qual mandou a terra o esquife com bandeyra branca, pera auer fala e ver se podia assentar paz com o Rey e fazer forteleza; mas chegando o esquife, da terra lhe tirarão com frechas e berços; com que se tornou. Sobre

o que Francisco de Sá, auido seu conselho, que nom tinha forças pera hir a terra pelejar e com muyta gente doente, se tornou a Malaca, onde já nom achou o Gouernador Pero Mascarenhas, que era hido pera' India, nem o capitão Jorge Cabral nom teue gente que lhe dar, porque auia pouquo que mandara Gonçalues Gomes d'Azeuedo com soccorro a Maluco; de que adiante contarey. Polo que Francisco de Sá assy fiqou em Malaca até a monção que se foy pera India.

CAPITULO VI.

DE COMO LOPO VAZ RECEBEO EM ORMUZ HEYTOR DA SILUEIRA, COM DOM RODRIGO DE LIMA, E O TORNOU A MANDAR COM ARMADA PERA O ESTREITO, E A GUERREAR CAMBAYA; E COMO EM DABUL SOUBE QUE ERA FEITO GOUERNADOR [1].

Lopo Vaz de Sampayo foy recebido em Ormuz com honras como Gouernador, como já atrás contey; e postoque lhe forão feitos grandes cramores dos malles e roubos que tinha feitos o capitão Diogo de Mello, com tudo passou e temporizou, por ser seu cunhado e amigo; o que tudo vinha em seu proueito.

Onde assy estando, em fim de maio d'este anno de 526 chegou Heytor da Silueira, do Estreito, com o embaixador dom Rodrigo, onde estauão os outros nauios da su'armada. Lopo Vaz lhe fez honrado recebimento, com bandeyras e artelharia no mar na terra, e os recebeo á porta da forteleza com toda a gente, e mandou aposentar dom Rodrigo em grandes casas, e o embaixador com elle; e mandou dar ao embaixador e aos seus larga despeza de todo o necessario, e o visitando muytas vezes per sua pessoa; e lhe [2] * mandou dar * quinhentos xerafins de mercê, e outros a dom Rodrigo; e mandou varar e concertar os nauios, e fez toda' armada prestes, e em julho se partio d'Ormuz com tod'armada e se foy a Mascate, donde despedio Heytor da Silueira na entrada d'agosto, que se fosse agardar as naos do Estreito sobre a ponta de Dio. E com elle mandou quatro galeões: Antonio de Lemos, Manuel de Brito, Manuel de

[1] * Preencheu-se com este summario a lacuna do original. [2] * mandar * Autogr.

Macedo, Ruy Vaz Pereira, e João Pereira de Lacerda, Diogo Pereira, Diogo de Mesquita, e Payo Rodrigues d'Araujo em carauellas redondas; e que na costa agardasse até elle chegar. O que elle assy fez, que agardou as naos, e tomou tres e com outra deu a costa, e nas tomadas se tomarão muytas mercadarias e catiuos.

Lopo Vaz ficou em Mascate, e se partio em vinte d'agosto e foy demandar a costa de Dio, e errou onde estaua Heytor da Silueira, que o nom achou; e correo de longo cuidando que o acharia, até que foy á vista de Dio, que passou de longo, e se foy a Chaul agardar por Heytor da Silueira, o qual estaua na costa agardando que chegasse Lopo Vaz, e nom vindo até fim d'agosto pareceolhe que era passado de noite, se aleuantou e foy ao longo da costa e foy sorgir sobre Dio, e esteue todo o dia até noite sem lhe vir recado de dentro. E como anoitecco se fez á vela e se foy a Chaul, onde achou Lopo Vaz e se venderão as prezas, em que todos fizerão seus proueitos, e com os catiuos se gornecerão os nauios; e [1] * dos que * meterão nas galés antre os catiuos era hum homem velho, que hum português conheceo, que hindo elle com outros pola terra perdidos pera Mascate o agasalhou, e lhe deu dinheiro, e os encaminhou; polo que o português o disse a Lopo Vaz, que logo o mandou soltar, e lhe fez mercê, e deu hum seguro que onde fosse achado lhe fizessem honra: com que o mouro foy falando grandes louvores dos nossos por onde hia.

Vindo Lopo Vaz de Mascate atrauessando pera Dio, ficou atrás Anrique de Sousa em hum nauio que andaua mal á vela, o qual por acerto se achou huma menhã tão perto de huma nao de Meca, que nom pôde al fazer senão logo abalroar sem lhe tirar com artelharia; mas abalroando a nao pera entrarem pola proa, que era mais baixa, porque toda a nao era muy grande e muyto alta, a qual assy abalroando ficou o nauio de longo da nao, tão baixo que os mouros de cima, com pedras e zagunchos d'arremesso, matarão e ferirão tanto os nossos que os fizerão recolher debaixo do chapiteo; com que tiuerão coração d'entrar no nauio, onde se deitarão dentro muytos mouros com traçados e zagunchos, com que muyto pelejauão com os nossos, mas as pedras de cima era o mór mal, que já os nossos se entregauão á fortuna e se deitauão ao mar.

[1] * os * Autogr.

O que vendo hum marinheiro do nauio que o nauio [1] *estaua* prezo pola enxarcia do traquete em huma ancora da nao, tomou coração e com huma espada cortou hum cabo que estaua tomado na unha d'ancora da nao, o qual cabo cortando, o nauio logo se largou da nao; ao que o marinheiro deu grandes brados, dizendo: «Agora, matemos todos estes» «cães!» E elle e outros tres, que sayrão da escotilha de proa com lanças, derão nos mouros grandes lançadas. Os portugueses que estauão colhidos debaixo do chapiteo, vendo o nauio largado da nao, que nom ouverão medo ás pedras, sayrão a pelejar com os mouros; e os que andauão a nado, que se tornarão dentro ao nauio, cometerão os mouros com grande coração, os quaes vendose afastados da nao ouverão medo e se começarão a lançar a nado pera se acolher á nao, ficando alguns mortos. E sendo o nauio despejado, os marinheiros se meterão no esquife com dez homens, que andarão polo mar matando os mouros ás lançadas, porque a nao era longe; com que escaparão pouqos, e se tornou o batel ao nauio, e se fizerão prestes, e como chegou o vento forão após a nao, e indaque ella se rendeo hia já passada polo fundo com hum tiro, com que se foy ao fundo sem nada se saluar da nao.

Lopo Vaz, aquy em Chaul, ordenou huma armada de quinze velas, as melhores que tinha, de que fez capitão mór Heytor da Silueira, e o mandou que fosse guerrear Cambaya, e corresse a enseada; e lhe deu seiscentos homens, a que fez pagamentos, e lhe deixou em regimento que andasse na costa até ver seu recado, e se alguma cousa ouvesse mester pera su'armada viesse a Chaul, e per seus mandados o feitor lhe tudo désse. Do que Christouão de Sousa se agastou com Lopo Vaz, dizendo que nom mandando elle, que estaua em logo de Gouernador, outro nenhum auia de mandar sobre os officiaes de sua forteleza, senão elle, que era capitão, e faria a ElRey todo o seruiço que comprisse em suas armadas; e que elle deixasse logo ao feitor seu aluará geral que tudo désse a Heytor da Silueira todo o que comprisse pera sua armada. No que o Lopo Vaz o comprazeo, e deixou seu mandado geral ao feitor que pro-

[1] Ficam dadas exuberantes provas da incorrecção do autographo, pelo que respeita a syllabas omittidas no fim de verbos e d'outras palavras. Não notaremos pois, d'aqui em diante, lapsos d'esta natureza, todas as vezes que a emenda fôr obvia.

uesse 'armada de Heytor da Silueira em todo que lhe fosse pedido. O Heytor da Silueira, que soube d'esta cousa, como era muyto [1] * fumoso * e de grande openião, disse ao Lopo Vaz que nom deuera de contender com Christouão de Sousa sobre tão pouqa cousa, porque quando pera sua armada alguma cousa lhe comprira, antes a comprára do seu dinheiro que o pedir a ninguem. Então Lopo Vaz despedio tambem Francisco de Mendoça em huma carauella pera o Reyno, bem concertado, que em breue tempo chegou ao Reyno, por que Lopo Vaz escreueo a El-Rey dandolhe conta das cousas da India, apontando os seruiços que fazia, pedindolhe por ysso mercê, com esperança que ElRey lhe daria a gouernança na auagante de Pero Mascarenhas, e outras cousas de que ao diante falarey: e se foy Francisco de Mendoça em fim d'agosto.

E Lopo Vaz deixou Heytor da Silueira auiando sua armada, e elle se partio com sua armada ao longo da costa, com tenção de queimar Dabul, porque o tanadar trazia fustas ao salto polo mar e tambem recolhia paráos de Calecut carregados de pimenta; e assy chegando sobre o rio, o tanadar, que já estaua auisado da vontade que Lopo Vaz leuaua, logo sayo do rio em huma fusta carregada de refresco, e entrou no galeão, e se deitou a seus pés, dizendo que o tanadar que fazia os males era morto, e elle era nouo tanadar, que faria tudo quanto mandasse, porque queria viuer em paz. O que Lopo Vaz lhe recebeo, e mandou que lh'entregasse as fustas e que nom tiuesse outras, nem colhesse no rio paráos dos ladrões malauares, e lh'entregasse toda a pimenta que tiuesse. O que todo fez o tanadar, e entregou seis fustas, que nom erão boas. Lopo Vaz as mandou queimar, e descarregar huma nao de pimenta que estaua carregada pera partir pera Meca; e tirada a nao do rio tambem a mandou queimar, tirandolhe o masto, que era muyto bom, que mandou leuar a Goa. Onde assy Lopo Vaz esteue alguns dias fazendo detença, onde lhe chegou catur de Goa em fim de setembro com nouas que era elle feito Gouernador por noua carta d'ElRey, como adiante será contado.

[1] * fimoso * Autogr.

ARMADA

DO

ANNO DE 526.

CAPITULO VII.

N'ESTE anno partirão do Reyno cinqo naos sem capitão mór; a saber, Francisco d'Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, Vicente Gil, armador, que passarão á India, e Antonio d'Abreu pera capitão mór do mar de Malaca, que nom passou e enuernou em Moçambique, e assy Antonio Galuão, que veo per fóra da ilha de São Lourenço, e passou per antre as ilhas de Maldiua, e passou á India muy tarde, porque partio de Lisboa em maio, e passou á India nauegando contra a vontade do piloto, que fazia caminho errado. Chegarão a Goa as tres naos em fim d'agosto, e fazendo suas vendas se forão a Cochym.

Francisco d'Anhaya e Tristão da Veiga trazião as vias d'ElRey pera o Gouernador dom Anrique, de que ElRey estaua muy contente de seus seruiços, dandolhe a gouernança os tres annos, porque os filhos do Visorey, e capitães que forão aquelle anno, disserão a ElRey o bom primor com que dom Anrique começou a seruir sua gouernança, que era polos caminhos do Visorey; que tambem lho escreuera Afonso Mexia védor da fazenda, e Lopo Vaz de Sampayo, que mandauão em sua ausencia, como já atrás fiqua.

Estes capitães tiuerão duvida a entregar as vias que trazião ao vé-

dor da fazenda, porque achauão a dom Anrique morto, e o Gouernador Pero Mascarenhas, que o socedera, estaua em Malaca. O védor da fazenda lhe pedia as vias; elles dizião que ElRey lhas entregara e mandara que as entregassem na India a dom Anrique Gouernador, que era morto, e o Gouernador Pero Mascarenhas, a que as puderão entregar por ser Gouernador, estaua em Malaca. O védor da fazenda dizia que as entregarião a Lopo Vaz, que era Gouernador; elles dizião que não, porque Lopo Vaz nom era Gouernador senão até vir Pero Mascarenhas. No que tiuerão debates, porque alguns homens dizião a estes capitães que nom entregassem as vias senão ao Gouernador da India, porque farião erro se outra cousa fizessem. O védor da fazenda tinha cartas de seus amigos do Reyno, e mórmente do conde de Portalegre, que era elle sua feitura, em que todos lhe dizião que ElRey estaua muy contente de seus seruiços, como veria polas cartas que lhe escreuia, e que nas cousas que escreuera ácerqua de Pero Mascarenhas ElRey as entendera e prouera como quá veria. Com o qual contentamento d'Afonso Mexia muyto apertou com os capitães que lhe entregassem as vias. Elles o arreceauão, porque lhe parecia que errauão nom as entregando ao Gouernador da India; sobre o que, auidos muytos debates, o védor da fazenda lhe fez requerimentos que lhe entregassem as vias, pera ver o que ElRey mandaua nas cousas da carga, e cousas que vinhão na carta geral dos viadores da fazenda. E sobre muytos debates lhas entregarão, com seus protestos e requerimentos que as cartas que vinhão pera dom Anrique Gouernador as nom entregasse senão ao Gouernador Pero Mascarenhas, e não a Lopo Vaz, que nom era Gouernador perfeito pera lhe serem dadas.

Tudo concedeo Afonso Mexia, polo desejo que tinha de ver o que lhe ElRey escreuia; e abrindo as vias achou carta que lhe ElRey escreuia de grandes agardecimentos a seus bons seruiços, na muyta confiança que em tudo lhe falaua verdade, que lhe muyto agardecia. E achou nas vias hum aluará solto, em que ElRey dizia a dom Anrique, e a elle védor da fazenda, que as socessões dos Gouernadores que estauão na India se nom usasse d'ellas pouqo nem muyto, e assy çarradas, no segredo em que estauão, lhas mandassem, sem por ellas se fazer obra alguma, sómente polas nouas socessões que mandaua; e que sendo caso que as nouas socessões nom passassem á India, e dom Anrique falecesse, que

em tal caso todauia as velhas socessões se nom abrissem, que nom queria que fossem vistas; e que entanto que chegassem as socessões nouas, que n'esta armada mandaua, gouernasse a India Lopo Vaz de Sampayo capitão de Cochym, até as socessões chegarem; que então serião abertas, e seria Gouernador quem n'ellas era nomeado.

D'este aluará se dixe que fôra falsado, e metida n'elle esta parte de dizer que Lopo Vaz gouernasse até virem as socessões nouas. Na India auia hum homem, que se chamaua Nuno Redondo, que se dizia que sabia falsar sinaes. Este depois, quando forão as diferenças, dizia a quem o queria ouvir: «Se Lopo Vaz he Gouernador a mim o agardeça.»

E como quer que foy, vendo Afonso Mexia este aluará reynou em seu coração força de fazer a Lopo Vaz Gouernador, e que nom entregasse a gouernança a Pero Mascarenhas; e como homem que tinha esprito fortifero, atreuido no muyto fauor que achou nas cartas d'ElRey, e que tinha a fazenda d'ElRey na mão, tomou entendimento a querer abrir as nouas socessões, porque fosse Gouernador o que n'ellas estiuesse nomeado, conformandose com a vontade d'ElRey, que nom queria que se usasse das velhas socessões; o que ElRey fazia sómente porque Pero Mascarenhas nom caysse na gouernança da India. E confiando que tudo que n'ysto fizesse ElRey aueria por bem, deu d'ysto entendimento 'algumas pessoas de sua valia. O que se logo rompeo polo pouo que Afonso Mexia queria abrir as nouas sucessões, pera fazer outro Gouernador que nom entregasse a gouernança a Pero Mascarenhas quando viesse; que Lopo Vaz nom poderia al fazer senão entregar a India a Pero Mascarenhas quando viesse, e Afonso Mexia queria roubar a honra a Pero Mascarenhas, que lhe ElRey tinha dado. Polo que logo alguns amigos de Pero [1] *Mascarenhas começarão* a falar que se tal fizesse Afonso Mexia merecia grande mal que lhe fizessem todolos fidalgos da India, pola grande união e mal que se causaria auendo pessoa que nom obedecesse Pero Mascarenhas, que estaua feito perfeito Gouernador, obedecido com toda a verdade [2] *per* toda a fidalguia da India, e elle Afonso Mexia por ysso cayria [3] *no* caso de trédor. Ao que Afonso Mexia e os da sua valia contradizião, dizendo que polo aluará [4] *ElRey mandaua* leuar as

[1] *Mascarenhas que o começaram* Autogr. [2] *pera* Id. [3] *de* Id. [4] *d'ElRey que mandaua* Id.

socessões velhas em que tinha metido Pero [1] * Mascarenhas, porque * nom queria que elle fosse Gouernador; e porque esta era a vontade d'ElRey, dando resguardo que aindaque as socessões nouas nom fossem vindas todauia as velhas se nom abrissem, e em tanto que as nouas viessem fosse Gouernador Lopo Vaz de Sampayo, polo que, elle tinha por sem duvida que Lopo Vaz de Sampayo por este aluará o auia por direito Gouernador da India, e que a elle obedeceria por Gouernador, e a outro nenhum não, até ver mandado d'ElRey que ysto mandasse em contrairo; e que o homem que contra ysto fosse era trédor aos mandados d'ElRey nosso senhor. E com esta opinião que seguião, e parecia bem aos de sua valia, e mórmente a dom Vasco [2] * d'Eça *, capitão da forteleza, que era cunhado de [3] * Lopo Vaz, o védor * da fazenda, com Antonio Riquo, que então viera por secretario, e com os officiaes d'ElRey, e com os officiaes da camara, que pera ysso fez ajuntamento na sé, pobricou o aluará d'ElRey, dizendo que todos obedecessem os mandados d'ElRey nosso senhor, que mandaua que Lopo Vaz gouernasse a India até que viessem as nouas socessões, que elle tinha já na mão; e pois assy o ElRey auia por Gouernador, o era, e elle lhe obedecia, e assy o fazia dom Vasco [4] * d'Eça * capitão da cidade, com os officiaes da camara; e elle védor da fazenda com todos os officiaes d'ElRey obedecião e aprouauão Lopo Vaz de Sampayo. O que assy o todos otorgarão, dizendo que obedecião o que ElRey mandaua; mas Tristão Vaz da Veiga, e Francisco d'Anhaya, e Antonio Galuão, e Vicente Gil, Vicente Pegado, e outros homens de sorte, disserão que elles obedecião o que ElRey mandaua. Do que Afonso Mexia mostrou grande contentamento, e mandou fazer * auto * pubrico, em que todos assinarão, sómente os capitães das naos, e os outros disserão que elles obedecião o que ElRey mandaua até verem outros em contrairo; o que assy affirmauão e compririão, porque ElRey mandara e fizera Gouernador da India, e estaua feito o que ElRey mandara, que a ysso obedecião, e não a outra cousa. Sobre o que o védor da fazenda, e o dom Vasco, e os de sua valia, e est'outros, contra elles tiuerão grandes debates e porfias, cada hum fazendo boas suas rezões; em que logo fiqou grande união antre o pouo, d'esta cousa muy escandalizados, ven-

[1] * Mascarenhas e porque * Autogr. [2] * deçaa * Id. [3] * Lopo Vaz com que o védor * Id. [4] * deçaa * Id.

do o que Afonso Mexia ordenaua; o qual mandou fazer estormento com o trelado do aluará, o que todo logo mandou á pressa em huma fusta caminho de Lopo Vaz * por * dom Anrique [1] * d'Eça *, mancebo fidalgo, e por elle escreueo á camara de Goa o como Lopo Vaz era Gouernador e por esse o tinha aleuantado e obedecido. A qual noua se falando logo se partio hum Thomé Pires, casado de Goa, em hum seu catur, e foy dar a noua a Lopo Vaz, que o achou vindo de Dabul pera Goa. O que ouvido pola armada, logo ouve grande murmuração, porque como a cousa tocaua em lealdade nom se soffrio nas orelhas dos portugueses, que logo falarão largo contra o que fizera Afonso Mexia, porque a gouernança nom se podia tirar a Pero Mascarenhas, e postoque Afonso Mexia a ysso o encaminhasse elle tal nom deuia d'aceitar, nem podia aindaque quigesse, polo juramento e menagem que tinha dada; porque se o nom fizesse seria causa de muyto mal que na India se aleuantaria, porque Pero Mascarenhas tinha por sy a verdade, com que todo leal portuguès o auia d'ajudar; e por elle ter mais amigos na India que Lopo Vaz. A malquerença que se ganhou contra Lopo Vaz foy a enueja que lhe tomarão os fidalgos quando o acharão nomeado na socessão, que cada hum esperaua de achar a sy mesmo; e com este desgosto falauão mal o que querião, e como erão parentes e amigos huns dos outros fiqou assy este auorrecimento em todos contra Lopo Vaz, [2] * que * foy seu caminho ter a Goa, onde lhe o capitão e os da camara lhe fizerão recebimento de Gouernador. Cada hum lhe pedia o que lhe compria; elle se mostraua liberal por ter 'amizade de todos, por * que * Afonso Mexia por suas cartas assy lho dizia, que ganhasse a vontade dos homens, e principalmente dos fidalgos principaes, pera os ter da sua parte. O que elle assy fazia, mas nada aproueitaua, porque sobre o auorrecimento que de primeyro tinhão se dobrou o odio, vendo que agora se fazia Gouernador nom o sendo. Aquy em Goa deu a capitania mór do mar a Antonio de Miranda d'Azeuedo, e fez capitão de Goa a Pero de Faria, grande seu amigo, e se partio pera Cochym.

Onde chegado, Afonso Mexia o recebeo com a cidade como Gouernador, com suas festas; com que a mormuração no pouo era grande. Onde assy estando, veo noua de Choramandel que lá erão chegadas naos

[1] * de çaa * Autogr. [2] * e * Id.

da terra com alguns portugueses que vierão de Malaca, que contauão o grande feito da tomada de Bintão, que fizera o Gouernador, e da paz e grandeza com que estaua Malaca, e que o Gouernador era partido de Malaca em dous nauios, em que trazia os homens doentes de Malaca, e feridos e aleijados de Bintão.

Com esta noua se leuantou no pouo grande aluoroço, falando muy largo de tão famoso feito, porque ElRey o deuia de fazer Visorey da India, e ninguem lhe podia tomar sua gouernança por manhas e modos que estauão entendidos; e d'ysto, e outras sostancias, punhão escritos na porta da igreija e da forteleza. Sobre o que Lopo Vaz auendo seus conselhos com Afonso Mexia, que n'esta cousa se mostraua muy forte e falaua muy largo, confiado que por ser védor da fazenda teria muytos por sy, fez com Lopo Vaz que chamou a sua casa os capitães das naos, Francisco d'Anhaya, Antonio Galuão, Tristão Vaz da Veiga, dom Rodrigo de Lima, embaixador, que hia pera o Reyno, Felippe de Crasto, Bastião de Sousa, e hum frade pregador da ordem de são Domingos, que em Cochym pregaua; e os vereadores da cidade, e outros homens principaes, ante os quaes Afonso Mexia propôs, dizendo que elle tinha Lopo Vaz de Sampayo, que estaua presente, por verdadeiro e enteiro Gouernador da India, e que por ysso a outro nenhum auia d'obedecer; por quanto Pero Mascarenhas, que Gouernador se achara nas socessões velhas, o nom podia ser, porque ao tempo que se abrirão já ElRey as tinha desfeitas e nom queria que se usasse d'ellas, e per seu aluará as mandaua leuar pera o Reyno, porque nom era sua vontade que Pero Mascarenhas, que n'ellas estaua, fosse Gouernador; prouendo logo com outras nouas socessões, que mandaua; e por melhor resguardo fez Gouernador a Lopo Vaz, indaque as nouas socessões nom fossem chegadas; as quaes erão chegadas, que ElRey mandaua que se abrissem e fosse Gouernador o que n'ellas estiuesse nomeado. E porque estaua craro a vontade d'ElRey, que era nom querer que [1] * Pero Mascarenhas gouernasse *, com ysto se conformando, elle lhe obedecia [2] por Gouernador por bem do aluará, que ally ante todos foy lido polo sacretario; ou se ouvesse pessoa que ysto duvidasse, pera se melhor cada hum retificar na verdade, se lhes bem parecesse, aly abrissem a socessão noua e se fizesse o que ElRey mandaua.

[1] * Pero Mascarenhas nom gouernasse * Autogr. [2] A Lopo Vaz.

Os que estauão presentes cada hum queria hir bem auiado pera Portugal, e querião nom descomprazer ao védor da fazenda, e Felippe de Crasto, que nom tinha nao e hia por passageiro, teue mais animo de falar, que os outros lho rogarão que dixesse seu parecer; o qual respondeo muy foutamente, dizendo que quanto a se abrir noua socessão tal se nom falasse que merecia muyta pena quem tal fizesse, pois ElRey tanto o defendia que socessão se nom abrisse senão sendo morto o Gouernador que gouernasse; e porque Pero Mascarenhas por este regimento d'ElRey era solemnizado Gouernador, e elle védor da fazenda lhe parecia que o era Lopo Vaz per este nouo aluará, e o aleuantara por Gouernador por entender que n'ysso faria a vontade d'ElRey, e pois erão dous Gouernadores viuos, sem ambos serem mortos as socessões se nom podião bulir; e que se bolissem nom era verdadeiro Gouernador o que n'ellas se achasse nomeado, pois nom era morto o que gouernaua.

E quanto a Lopo Vaz ser Gouernador, ou Pero Mascarenhas, ysso olhasse bem cada hum como o entendia, porque Pero Mascarenhas estaua em posse da gouernança da India por verdadeira prouisão d'ElRey, e todos os fidalgos da India, e officiaes da justiça e fazenda, lhe tinhão obedecido e dado a posse da gouernança da India; e Lopo Vaz, que presente estaua, era o principal que estaua mais obrigado a lhe obedecer; e que quanto ao que elle védor da fazenda ora fazia em contrairo d'ysto, elle o nom entendia, sómente que d'ysso se podião aleuantar grandes deferenças no pouo da India, com que podia soceder cousa de que Deos e ElRey fosse muy desseruido; que por tanto cada hum entendesse o seu, que elle dizia o que entendia.

Ao que o frade tomou a mão e respondeo muy fouto, dizendo que elle era leterado e tinha perfeito entendimento nas leys e auessos d'ellas, e que elle faria certo na India, e no desembargo de Portugal, e dentro em Sena, que Lopo Vaz era Gouernador da India, e outro nenhum não; e ninguem auia de ysto entender a vessas, pois estaua dereitamente craro que ElRey nom queria que gouernasse Pero Mascarenhas, pois desfez as cartas em que o tinha nomeado; e que a vontade d'ElRey se auia de gardar, e quem o nom fizesse merecia grande castigo. Ao que ninguem quis responder, porque o frade falaua muy solto. Com o que se aleuantarão e se forão pera suas pousadas; com que a união se mais acendeo. Ao que o frade quiz atalhar, e na pregação o muyto bradou e retifiqou,

dizendo ao Lopo Vaz que désse grande castigo aos que tal falauão que elle nom era verdadeiro e dereito Gouernador. N'este dia foy dado hum escrito ao frade, que elle nom soube quem lho dera, que o amoestauão da parte de Deos que se embarcasse e fosse pera Portugal, porque se o nom fizesse lhe auia de ser feito hum grande mal: o que o frade assy o fez, que n'estas naos s'embarqou e foy ao Reyno, onde falou por parte do Emperador no feito de Maluco, com que ElRey o mandou a Çofala pera sempre, e ahy morreo.

CAPITULO VIII.

DO QUE SE PASSOU NA INDIA DEPOIS DAS NAOS PARTIDAS PERA O REYNO; E VINDA DO GOUERNADOR PERO MASCARENHAS DE MALACA, E DEFERENÇAS QUE OUVE ANTRE AMBOS [1] ATÉ SER JULGADO POR SENTENÇA LOPO VAZ SER GOUERNADOR.

Sendo assy as naos partidas pera o Reyno, ficando Lopo Vaz assy feito Gouernador per Afonso Mexia, per cujo conselho fez mexericação em alguns que sentio que erão os principaes que tinhão por Pero Mascarenhas, que foy hum Simão Toscano, da criação de Pero Mascarenhas, e Vicente Pegado, que seruira de sacretario, e hum Francisco Ribeiro de Sousa, e hum Jorge Tauares, e outros que degradou fóra de Cochym, então vendo Lopo Vaz que lhe compria andar sempre acompanhado de seus parentes e amigos, recolheo pera sua companhia Simão de Mello, seu sobrinho, e dom Vasco d'Eça, capitão que tinha feito de Cochym, e fez capitão de Cochym Afonso Mexia, a que deu todos seus poderes em sua ausencia, e fengio que tiraua a capitania a dom Vasco, que era seu cunhado, por humas brigas que tiuera com hum Belchior de Brito; mas a principal causa foy por ter Afonso Mexia de sua mão com aquella forteleza e cidade pera o que lhe comprisse. O que tudo era folminado per Afonso Mexia pera o que tinha assentado em seu coração, offerecendo a Lopo Vaz toda a fazenda d'ElRey que tinha no tisouro, com tanto que nom

[1] Parece que o auctor não quiz ao principio fazer tantos capitulos, e portanto accrescentára aqui: « até ser julgado por sentença Lopo Vaz ser Gouernador » Depois, mudou de opinião, mas não guardou regularidade na numeração dos summarios, e deixou d'escrever alguns.

digistisse da gouernança que tinha nas mãos, e sobre ysso morresse, se comprisse. O que Lopo Vaz todo aceitara por tamanha honra como tinha nas mãos; e mais que o Afonso Mexia lhe metia em cabeça que tudo o que fizesse, nom entregando a India a Pero Mascarenhas, ElRey o aueria por bem.

Polo que antre ambos fizerão grandes apontamentos do que se auia de fazer, que como Afonso Mexia era muy estocioso nas cousas, n'esta daua a Lopo Vaz grandes auisos, e muyto o encaminhaua, e mórmente que fizesse mercês e larguezas e pagamentos, com que ganhasse as vontades do pouo, que era a principal cabeça; e désse todo bom despacho, e fosse apraziuel a todos, e adquirisse pera sy todos os fidalgos principaes, e lhes fizesse mercês e pagamentos, com múyta desimulação que lho fazia por suas bondades e seruiços, e que nunqua nada falasse em mal contra Pero Mascarenhas, e que d'ally em diante se nomeasse por Gouernador feito por ElRey nosso senhor, sem falar em ausencia de Pero Mascarenhas, como ately fizera.

Então lhe disse que se fosse a Goa com toda a gente, e que elle diria a Pero Mascarenhas, quando viesse, que se fosse a Goa e lá tirassem ambos suas duvidas de sua gouernança, onde elle estaria em posse de sua gouernança, que se defenderia, e por cousa d'este mundo a nom entregasse; e a elle lhe deixaria regimento que nom recolhesse a Pero Mascarenhas, que o mandasse a Goa. E o mesmo Afonso Mexia fez hum regimento de muytos apontamentos sofismados a sua tenção, em o qual, antre outras cousas, o principal apontamento dizia que lhe mandaua e defendia, sob pena do caso maior, que chegando Pero Mascarenhas áquella barra lhe mandasse todo o que ouvesse mester, e recolhesse todos os que desembarcassem, sómente a Pero Mascarenhas mandaria dizer que se nom desembarcasse, sómente se fosse a Goa, onde elle o agardaua pera fazerem suas cousas. E que sendo caso que Pero Mascarenhas ysso nom quigesse obedecer, mas todauia desembarcar como Gouernador com mão armada lhe defendesse a terra, e nom consentisse que desembarcasse, com todo rigor: o que lhe mandaua que assy o comprisse, sô pena de caso maior. E com esta sostancia outros muytos apontamentos que fazião a seu caso, pera mostrar por sua saluação, se lhe comprisse. Da qual palaura depois, nas accusações que ouve, tiuerão muytos debates; porque o Afonso Mexia mostraua o apontamento em que Lopo Vaz lhe mandaua

que se Pero Mascarenhas saysse a terra com mão armada lha defendesse; a esta palaura se defendia Lopo Vaz, dizendo que tal nom dizia, sómente que se o Pero Mascarenhas saysse com mão armada, que então lho defendesse, mas nom dizia que se Pero Mascarenhas saysse a terra elle Afonso Mexia com mão armada lho defendesse, que era hum tamanho erro se tal mandara defender a terra d'ElRey que n'ella nom desembarcassem seus vassallos. E tudo assy bem ordenado antre ambos, Lopo Vaz se fez prestes, mandando embarqar toda a gente, dizendo que se hia em Goa fazer prestes pera hir ao Estreito, porque tinha noua d'armada de rumes que em maio vinhão á costa da India, o que tinha por certo.

Mas a gente estaua tão mal com elle, polo auorrecimento que lhe já tinhão, vendo que tiranicamente queria gouernar a India, e a nom entregar a Pero Mascarenhas que era direito Gouernador, que *ninguem* se queria embarquar, e lhe punhão muytos escritos d'estes males que d'elle e d'Afonso Mexia entendião. Com o que Lopo Vaz se vio em grande confusão, porque nos escritos lhe dizião que se nom auião d'embarquar, e ally auião d'agardar até chegar de Malaca o Gouernador Pero Mascarenhas; sobre o que, auendo seus conselhos, vendo que se a gente estiuesse em Cochym assy amotinada, como estaua, que chegando a Cochym o Gouernador todos o receberião, com que a elle e 'Afonso Mexia trataria mal polas cousas que estauão [1] *feitas; pera* ysto remediar, o Lopo Vaz o muyto cramaua, dizendo que elle hia em busca dos rumes, polo que compria hirem todos com elle. E a tanto ysto veo em crecimento que hum domingo á missa, em o padre aleuantando a ostia, jurou alto, que todos o ouvirão, que juraua n'aquelle santo sacramento que se hia a Goa concertar e partir pera o Estreito em busca dos rumes; polo que a todos requeria e mandaua, sob pena de trédores aleuantados os que se nom embarcassem. Com o que então a gente se embarqou, e o védor da fazenda lhe deu muyto dinheiro, e cobre, coral, e outra fazenda, pera que pudesse despender largo; e o muyto amoestando que por cousa do mundo nom digistisse da posse da gouernança em que estaua, e sobre ysso, se comprisse, morresse; porque elle assy o auia de fazer por nom obedecer a Pero Mascarenhas. Com que embarqou a gente,

[1] *feitas e pera* Autogr.

que nom fiqou em Cochym senão os moradores e officiaes, e alguns da valia d'Afonso Mexia a que elle fazia bons pagamentos, e todos contentes.

Partido Lopo Vaz, Afonso Mexia concertou a fortéleza muyto bem, e pôs n'ella sino de vigia; recolheo pera dentro seus amigos, a que daua mesa, e de noite as portas fechadas; e fez huma torre de dous sobrados, forte, e sobre a porta huma varanda de que se pudesse tirar artelharia, que toda mandou concertar na forteleza; e aposentou dentro o condestabre e bombardeiros, e pòs tudo em muyto concerto, e elle andaua sempre a cauallo, com lança e darga junto de sy, e trazia espada e punhal, e andaua como homem timido, e se acompanhaua dos casados, a que todos deu cauallos no soldo, que mandara leuar de Goa; com que todos o muyto acompanhauão, e outros homens honrados que recolhera pera sua valia.

Lopo Vaz de Sampayo era homem feito á boa verdade, e nunqua em tal cousa entendera se Afonso Mexia a ysso o nom induzira; mas como todo homem tem incrinação a seu proueito, e Lopo Vaz era pobre e tinha filhos pera casar, entendendo fazer seu proueito por emtanto que se pudesse soster com ter a gouernança, ao que se ajuntou a cobiça, nom largou tanto a mão como os homens querião; sómente aos seus, em que tinha confiança. Trazia duzentos homens de sua guarda, a que daua mesa, e dormião em sua sala e a vigiauão; mostrauase fixo, poderoso, porque o temessem; a seus parentes, e amigos em que tinha confiança, fazia mercês; e se muyto acompanhaua d'elles, que todos andauão a cauallo e trazião moços com lanças e adargas.

Mas a gente, vendo estes modos, e [1] * sabendo * que seu proposito era ser Gouernador, assy como se chamaua em seus aluarás, isento de Pero Mascarenhas, era por ysso muy auorrecido do pouo, e d'elle brasfemauão, e mórmente os fidalgos, que abertamente dizião que Pero Mascarenhas era verdadeyro Gouernador e elles o tinhão jurado na verdade.

Lopo Vaz, como homem que lhe tanto compria, trazia muytas espias dessimuladas, que onde se achauão falauão mal de Lopo Vaz por ver o que outros falauão; com que sabia o odio que lhe todos tinhão, e nom ousaua de hir á mão a ninguem, por nom escandalizar, e pairaua tudo o melhor que podia, por lhes ganhar as vontades e os ter por ami-

[1] * sabiam * Autogr.

gos. Estes trabalhos escreuia Lopo Vaz 'Afonso Mexia por terra, por muytos patamares que antre ambos corrião. Afonso Mexia escreueo a Lopo Vaz que recolhesse pera Goa Antonio de Miranda com toda 'armada, e nom apartasse de sy Heytor da Silueira, que elle mandara correr a costa de Cambaya, e recolhesse a Goa toda a gente, sem deixar hir nenhuma fóra de sua mão, porque [1] * tiuesse * todos em poder; e que fauorecesse muyto os vereadores e officiaes da camara, e os principaes da cidade, e tiuesse em sy muyta vigia e bom recado, assy de dia como de noite, e tiuesse muytas espias a saber o que d'elle dizião.

Tanto que Lopo Vaz chegou a Goa, escreueo a Chaul a Christouão de Sousa a determinação que tinha de hir ao Estreito em busqua dos rumes; que portanto lhe mandasse dizer seu parecer, e lhe mandasse toda a gente que tiuesse, ficandolhe na forteleza a necessaria.

Veo a Goa, em hum nauio d'Ormuz, Fernão de Moraes, que deu cartas a Lopo Vaz, d'ElRey, e do capitão e do feitor, em que lhe dizião que tinhão preso a Resxarafo, porque cometia grandes males e roubos no pouo; muyto lhe requerendo que o mandasse trazer pera' India, e Ormuz ficaria descansado. O que Lopo Vaz assy fez, que mandou em huma carauella Manuel de Macedo que fosse a Ormuz e trouxesse o Resxarafo, e se tornasse logo a enuernar a Goa.

E porque era já feuereiro, que era o tempo da monção que vinha de Malaca, que auia de vir Pero Mascarenhas, mandou Antonio de Miranda, capitão mór do mar, que fosse com doze velas andar na costa, e corresse até Cochym, e tiuesse boa vigia se no caminho achasse Pero Mascarenhas que em Cochym nom auia de desembarquar; e que o achando que vinha pera Goa lhe dixesse da sua parte que se fosse enuernar em Cananor, e que se nom quisesse, e fosse pera Goa, se tornasse com elle, e lhe mandasse logo recado por hum catur, que primeyro lhe désse recado de como vinha Pero Mascarenhas. E com este regimento o mandou.

[1] * tendo * Autogr.

CAPITULO IX [1].

DE COMO CHEGANDO PERO MASCARENHAS A COULÃO SOUBE QUE LHE ERA TIRADA A GOUERNANÇA, E SE PARTIO PERA COCHYM.

N'ESTE anno de 527 partio de Seuilha hum Bastião Gabato, biscaynho, grande piloto, por capitão mór de dous nauios e huma carauella, mandado polo Visorey das Antilhas que fosse carregar a Maluco, e arrecadasse as fazendas dos castelhanos que achasse da nao que arribára d'armada de Fernão de Magalhães, e que achando algumas cousas em poder dos portugueses, que o pedissem e requeressem aos capitães da parte do Emperador, com toda' mansidão; e que se lho nom quigessem dar pedissem estormentos, com protestos que leuassem pera o Emperador nello fazer o que fosse seu seruiço. A qual armada partio de Seuilha e nunqua mais d'ella se soube nouas que se fez d'ella, nem que fim ouve; ysto sómente se soube que esta armada assy partira este anno, por outros castelhanos que depois em outra armada passarão a Maluco, como adiante direy em seu lugar.

Tornado o Gouernador Pero Mascarenhas a Malaca da tomada de Bintão, lhe morrerão alguns dos feridos, e como foy tempo da monção pera' India se fez prestes, e partio pera India no galeão Çamorym, em que embarqou fazenda d'ElRey e muytos homens que inda nom erão bem sãos das feridas de Bintão, e outros doentes de muytos trabalhos dos seruiços de Malaca, que os trazia pera na India lhes dar algumas mercês em satisfação de suas feridas. E em outro nauio veo Antonio da Silua; que estes erão nauios velhos pera se corregerem na India, o que se nom podia fazer em Malaca.

Partio de Malaca Gaspar Machado em hum seu junquo grande carregado de muyta riqueza, porque era elle homem de cem mil cruzados de seu; e partio primeyro dez dias, e veo tomar no cabo de Comorym, onde per acerto topou com huma armada de paráos de Calecut, que hião a roubar, de que era capitão Patemarcar, de que já faley atrás; o qual

[1] No original estava só a indicação de capitulo, sem numero, e sem o summario, que lhe fizemos.

cometeo o junqo a ver se o podia render, porque ao abalroar nom podia, porque o junqo era muyto alto e trazia muyta gente; polo que então o esbombardeou em o vento sendo calma, com que lhe deu tantas bombardadas por cima com que o desfez polos altos, e lhe matou e ferio muyta gente, e hum tiro matou o Gaspar Machado, e foy o junqo ter a Coulão assy desbaratado, em que foy melhor roubado que dos mouros.

O Gouernador Pero Mascarenhas na vinda de Malaca trouxe muyto trabalho no caminho por os nauios serem velhos e fazerem muyta agoa; e foy em muyta falta de mantimento e mórmente prouimento de doentes, com que lhe morrerão alguns; e veo tomar no cabo de Comorym, e foy ter á vista de Coulão, e se chegou a terra e sorgio em anoitecendo, já no fim de feuereiro d'este anno; e sómente sorgio pera auer de terra secorro pera os doentes. Onde assy sorgindo, lhe chegou hum tone da terra, em que foy hum Artur Moreira, que Afonso Mexia tinha mandado estar em Coulão simuladamente, pera que se lá chegasse o Gouernador fosse ao mar darlhe as nouas, dizendo que auia pouqos dias que chegara de Cochym, e que ouvira dizer polo pouo que elle nom auia de ser Gouernador, senão Lopo Vaz, porque ElRey n'estas naos d'este anno mandara huma prouisão em que reuogara e desfizera as socessões dos Gouernadores, e pola prouisão era aleuantado por Gouernador; o qual fizera capitão de Cochym Afonso Mexia, e lhe deixara regimento que o nom consentisse desembarcar em Cochym, senão que logo se fosse a Goa, e assy o tinha mandado ahy a Coulão. Afonso Mexia sotilisou este ardil porque sabia que Pero Mascarenhas era homem coleriqo, e com estas nouas, que assy ouvisse, com paixão falaria o que tiuesse na vontade, de que se pudesse lançar mão, ou que logo em Coulão faria algumas cousas que o danassem em sua justiça, com que elle Afonso Mexia teria mais rezão no que houvesse de fazer.

Pero Mascarenhas, ouvindo taes nouas que o homem contou, ouve grande trouação em seu coração, ouvindo, mas com muyta dessimulação, que ninguem lho entendeo; e meo sorrindose, falando com os outros que estauão á roda, disse: «Que graça seria, se viessemos em bal-»
«de enganados! Mas se ElRey me desfez de Gouernador, como esté ho-»
«mem diz, Sua Alteza saberia bem o que fazia e era seu seruiço, e tu-»
«do será tornarme pera Malaca, que samiqua que Sua Alteza nom ma»

« tomaria minha capitania, que tambem me tem dada, e nom póde ser »
« que me nom satisfaça d'este caminho que embalde me mandou fazer. » Então mandou hum seu criado a terra com dinheiro, que foy com o homem do tone, pera trazer mantimento pera os doentes e sãos, que nom tinhão já que comer.

E mandou visitar o capitão da forteleza, e dizer que como amigo fora bom o mandar visitar com algum refresco, como he costume aos que vem de fóra. Ao outro dia pola menhã veo Anrique Figueira, capitão da forteleza, com dous barqos carregados de pão, galinhas, laranjas e cousas de refresquo ; a que o Gouernador fez muyta honra. O qual lhe contou muyto miudamente todo o que se passaua á cerqua de sua gouernança, e que postoque Afonso Mexia lhe tinha escrito que o nom recebesse como a Gouernador, elle o fazia porque com aquella forteleza nom conhecia outro Gouernador senão a elle. O Gouernador lhe deu seus agardecimentos, e lhe dixe que fizesse o que entendesse que era seruiço d'El-Rey, e assy lho mandaua da sua parte, que com aquella forteleza guardasse a direita justiça d'ElRey ; porque elle esperaua em Deos que lhe seria guardada sua justiça e verdade, pois na India auia tantos e taes fidalgos que sosterião a justiça e direito d'ElRey em verdade e darião o seu a seu dono ; e confiaua que sendo a gouernança da India sua que ninguem lha tiraria, pois a tinha por direita verdade ; e quando seu direito lhe tomassem, ElRey daria o castigo a quem o merecesse ; mas que bem entendia que auia de ter muytos trabalhos se a Portugal ouvesse de hir pedir sua justiça com estormentos e protestos, [1] * que era necessario que os soubesse * fazer : « e sobre tudo atentações do pecado, »
« que taes cousas me ordenou ; com que forçadamente hey de luytar, e »
« mostrar que por minha negrigencia * não * perdi meu direito * nem »
« por * nom saber demandar a mercê que me tem feita. »

« Dereita rezão e justiça he que todolos capitães com suas fortele- »
« zas me obedeção, pola posse que me todos derão de minha gouernan- »
« ça ; e confio que elles o farão, porque o nom fazendo fiquão [2] * refé- »
« ces (?) * perjuros ; mas nos males do mundo a fortuna he senhora com »
« sua roda, como lh'apraz. Nosso Senhor faça o que for seu seruiço, »
« por guarda e conseruação d'estas terras, que são ganhadas com tanto »

[1] * que he necessario que os saiba * Autogr. [2] * feez * Id.

« sangue de portugueses, pera acrecentamento do estado de Portugal. » E que pedia a Nosso Senhor que n'esta cousa o encaminhasse mais pera a saluação d'alma, que pera honra nem proueito d'este mundo; dizendo estas cousas com lagrimas, que enxugaua com hum lenço. Ao que Henrique Figueira lhe respondeo muytas cousas, por lhe tirar a paixão, com esforço da nobreza dos muytos fidalgos da India que nom consenterião que lhe tomassem o seu direito, porque a todos mal parecia o que Lopo Vaz n'esta cousa fazia. Com que se despedio e tornou a sua forteleza.

Tudo ysto vio o Artur Moreira, que fora com o Anrique Figueira por ouvir o que se passaua, como Afonso Mexia o tinha bem endustriado; que logo essa ora se partio pera Cochym por dentro polo rio, em hum tone com muytos remeiros, que ao outro dia chegou a Cochym, e contou a Afonso Mexia o que passaua. Do que fiqou muyto agastado do capitão de Coulão, e lhe escreueo que fizera mal em fazer o contrairo do que lhe tinha escrito; que nom duvidasse senão que se auia d'arrepender. E sobre ysto lhe escreueo largo. E o Anrique Figueira lhe respondeo dizendo que nom fizera o que lhe escreuera, porque lho mandaua como que tinha poder sobre elle: que se lho escreuera por conselho que muyto menos o fizera, por nom fazer tamanho erro como elle tinha feito e estaua ordenado pera fazer; porque se o peccado ordenasse que elle tal cousa leuasse áuante, e tirasse a Pero Mascarenhas sua gouernança, elle mesmo o bem sabia, que se o nom pagasse n'este mundo estaua tão certo que o pagaria no outro, em que su'alma penaria.

O Gouernador Pero Mascarenhas partio de Coulão pera Cochym, e fez muyta detença por nom ter vento. Os homens que com elle vinhão da sua amizade, e com esperanças de mercês, falauão e praticauão com o Gouernador, dandolhe muytos esforços com a direita verdade que tinha, que forçadamente lhe auião de dar sua posse, que todos tinhão jurado, e depois se guardar todo o que ElRey mandasse, saluante se ElRey tiuesse mandado espressa prouisão que o desfazia da gouernança, sem embargo de o ser já feito pola socessão; e que nom auendo tal prouisão, como de feito a nom auia, de força os fidalgos o auião d'obedecer por Gouernador, pera se desobrigarem dos juramentos e menages que a ysso tinhão dadas. Respondialhe elle: « Esse he o direito caminho; mas » « já elle vai torcido, pois elles tem consentido que Lopo Vaz se chame » « Gouernador perfeito. » Respondiãolhe que os fidalgos n'esta cousa nom

tinhão erro até elle ser presente; e quando tiuesse assentado seu estado então daria grandes castigos a quem lhe merecesse, e mórmente ao Lopo Vaz, polo que tinha obrado contra o que tinha jurado em liuro missal, e com menagem dada, que tinha quebrada; polo que ficaua sem calidade, com que o bem podia castigar e a todolos outros que cayssem n'estes erros. Mas o Gouernador lhe respondia, que remedio teria se lhe nom quigessem gardar direito; o que estaua certo, pois Lopo Vaz já estaua aleuantado com a força d'Afonso Mexia, que n'ysso o meteo e o ajudara, «como vereys, que pera ysso está feito capitão de Cochym, e muy» «prestes pera este primeyro combate. E por tanto nom ha mais que es-» «tar a paciencia, e pedir a Deos misericordia.»

CAPITULO X.

CHEGADA DO GOUERNADOR PERO MASCARENHAS A COCHYM, E O QUE HY PASSOU COM AFONSO MEXIA.

Afonso Mexia, como teue auiso do que se passára em Coulão, como homem muy sagaz no que entendia, logo fez prestes huma fusta bem esquipada e huma boa carauella latina, com muytos mantimentos e muyto refresco e cousas de doentes, pera desembarcarem na fusta os doentes, se quigessem, e malauares pera darem á bomba nos nauios, e tudo com muyta breuidade; e escreueo a Pero Mascarenhas huma carta de taes palauras como hum bom amigo podia escreuer a outro, dizendo que sua vinda fosse muyto boa, com tão boas nouas e de tanta honra como se dizião de Bintão; que sabendo que vinhão em falta de mantimentos, e trabalho de bomba, e com muytos enfermos, porque o vento era em contrairo e faria detença, os doentes podião desembarquar na fusta, e lhe mandaua a carauella pera o que fosse sua vontade, se quigesse hir n'ella a Goa ao Gouernador, que o lá agardaua, que deixára mandado que chegando a Cochym logo se fosse a Goa.

Ouvido este recado d'Afonso Mexia, o Gouernador teue muy grande paixão, vendo que esta visitação era o beijo de Judas; e comtudo dessimulou com fengido prazer, dizendo ao homem que lhe deu a carta: «Assy o esperaua eu do senhor Afonso Mexia, e esta he a verdade, e» «não as mentiras que me disserão em Coulão; e se ysto he falso, de»

« boa verdade bem he esto beijo de Judas. » E porque trazia já vento bom n'este dia chegou a sorgir tarde na barra de Cochym, e sorgio porque nom teue vento nem maré. De que ouve muyto pezar, porque vinha determinado entrar no rio assy como vinha; o que fora muyto pior, porque Afonso Mexia já n'ysso tinha cuidado, e assentado que o receberia com honras, e recolheria na fortelcza, e o nom deixaria mais sayr d'ella, e o poria a bom recado, e se comprisse o teria em ferros até que se acabassem seus debates ou o mandaria em ferros leuar a Goa; e se na forteleza nom quigesse entrar logo o prender forçadamente: o que tudo tinha folminado e tratado com os de sua valia.

Sorgindo assy o Gouernador, Afonso Mexia ouve prazer e toda a noite teue grandes vigias na praya, e em tones no mar, pera tomar os que desembarcassem ou fossem aos nauios, e saber tudo o que fosse.

Ao outro dia pola menhã, Afonso Mexia mandou em hum catur o feitor Diogo Rabello, e Duarte Teixeira tysoureiro, e os escriuães da feitoria, e os vereadores e juizes; os quaes chegando ao galeão saluou com o 'pito huma só vez, e não duas como a Gouernador. O que ouvido por elle disse: « Nom vem este catur de boa parte, pois me nom faz » « honra de Gouernador. » E chegando, que entrarão e fizerão suas cortezias, o Gouernador lhe fez honra, e os mandou assentar a todos em banqos na tolda, em que elle estaua assentado em huma cadeira, e ahy Simão Cayeiro com vara de ouvidor geral e hum meyrinho, onde Duarte Teixeira, que leuaua o cargo do recado, se aleuantou com o barrete na mão, dizendo: « Senhor, aquy somos vindos per mandado de Afonso Mexia, » « capitão de Cochym, e eu pera dizer a vossa mercê cousas que com- » « prem a seruiço d'ElRey nosso senhor. Polo que, senhor, peço licen- » « ça pera as dizer. » Pero Mascarenhas, vendo que lhe nom falaua por senhoria como a Gouernador, lhe respondeo: « Vós a quem trazeys esse » « recado? » E Duarte Teixeira respondeo: « A vossa mercê. » E o Gouernador lhe dixe: « Eu quem são? » Elle dixe: « Vossa mercê he o se- » « nhor Pero Mascarenhas. » E elle respondeo: « E não são eu Gouerna- » « dor da India? » E Duarte Teixeira lhe dixe: « Senhor, ysso me nom » « pergunte vossa mercê a mim; mas direy o recado a que são manda- » « do. Compre a seruiço d'ElRey nosso senhor.... » O Gouernador lhe dixe: « Vós falai cousas de seruiço d'ElRey, e olhai nom vades fóra do » « caminho que deueys ao seruiço d'ElRey. » Então Duarte Teixeira lhe

dixe: «Senhor, diz Afonso Mexia que tem aquy prouisão de Lopo Vaz»
«de Sampayo, que serue de Gouernador, em que manda que chegando»
«vossa mercê aquy, querendo hir a terra não como Gouernador, se lhe»
«fizesse toda' honra que merecia, e logo ao outro dia se tornasse a em-»
«barcar e se fosse a Goa, onde o esperaua pera ambos assentarem suas»
«cousas sobre a gouernança da India, sobre noua prouisão d'ElRey»
«nosso senhor, que he vinda em contrairo das socessões porque vossa»
«mercê foy nomeado Gouernador; e que nom querendo vossa mercê»
«ysto obedecer, que o nom consentissem sayr a terra, mas que a ci-»
«dade e pouo vola defendesse.» O Gouernador falou com os vereado-res, dizendo que era o que elles dizião. Os quaes responderão que assy o fazião por *que* lho deixára assy mandado Lopo Vaz, Gouernador da India. O Gouernador mandou a Domingos de Seixas, seu sacretario, e a Simão Caeyro, seu ouvidor geral, que fizessem hum auto de todo o que Duarte Teixeira falara com elle e com os vereadores, e o que lhe res-ponderão, e que todos o assinassem: o que assy se fez. Então o Gouer-nador pedio huma boêta, que abrio, e tirou a sua socessão, e os estro-mentos das solenidades e juramentos e menagens, que se fizerão depois d'aberta. O que tudo mandou ler; o que acabado lhes perguntou se co-nhecião aquella socessão ser d'ElRey nosso senhor? Disserão que si. E se aquelles estormentos erão falsos ou verdadeiros? Disserão que erão bons e verdadeiros. Do que se fez termo em que todos assinarão o que respondião. O que acabado, mandou ler a menagem e juramento que Lopo Vaz fizera depois de se abrir sua socessão, e tambem lhes pergun-tou se forão presentes a ysso? Todos disserão que si todo assy passara em verdade. O que tambem assinarão.

O que todo assy feito, então o Gouernador lhe disse: «Agora que-»
«ro que me digaes aquy onde estaes a quem conheceys por Gouerna-»
«dor da India?» A esta pergunta ficarão todos em confusão, e Duarte Teixeira dixe: «Senhor, a ysso responda a cidade de Cochym, que»
«aquy está per seus vereadores.» Então respondeo Manuel Lobato, ve-reador e escriuão do tysouro, e dixe: «Senhor, a cidade obedece a to-»
«do o que ElRey nosso senhor manda; e vossa mercê por Gouernador»
«foy sempre tido e auido até ElRey mandar outra cousa em contrairo,»
«que fez outro Gouernador.» O Gouernador lhe dixe: «Essa prouisão»
«de Sua Alteza, que me desfez de Gouernador, me mostrai.» Responde-

rão que estaua em poder de Lopo Vaz, que por ella era obedecido por Gouernador. Então o Gouernador mandou todo escreuer. Então lhe dixe : « Pois me nom mostraes prouisão de Sua Alteza, que me desfaz de » « Gouernador, eu aquy o são, e em toda a parte, até ser desapossado de » « minha gouernança. E pois, sendo eu vosso Gouernador, me desaca- » « tastes em me vir com tal recado, e me nom tiuestes o acatamento que » « sois obrigados, auereys a justiça que mereceys de vossos erros em que » « estaes comprendidos. » Elles responderão : « Senhor, somos messigei- » « ros ; nom deuemos auer pena. » O Gouernador lhe disse : « O recado » « que trazeys he d'Afonso Mexia, que he meu sudito, assy como cada » « hum de vós. »

Então os prendeo à todos em suas menagens, e tomando abitos e tonsuras que do galeão nom sayssem. 'O que todos recramarão, dando suas rezões e desculpas ; ao que forão ajudados de pessoas honradas que ahy vinhão, que o pedirão ao Gouernador. Então os soltou do galeão, que se fossem pera suas casas, que os auia por sospensos dos seus cargos ; e de suas casas nom sayssem sem seu mandado, sô pena de perdimento de suas fazendas pera a coroa real.

E per elles mandou huma carta a Afonso Mexia, estranhandolhe a afronta que lhe mandara fazer tão erradamente ; que ao outro dia o agardasse na igreija, que auia de hir ouvir huma missa, onde se vissem, pera logo se tornar a embarqar pera Goa ; e que lhe falaria algumas cousas que muyto compria elle prouer pera Malaca até elle se ver com Lopo Vaz ; porque se ElRey lhe tornara a tirar sua gouernança, como lhe disserão os messigeiros, mór mercê lhe tinha ElRey feita.

Afonso Mexia, como era homem muy atalayado, sospeitando o que podia soceder, por saber que o Gouernador era homem colerico, mandou com a fusta hum tone com hum seu criado, que entrasse com os messigeiros e visse se auia algum mal, que logo se tornasse no tone e lho fosse dizer ; o qual homem entrou no galeão e vio tudo, e vendo que o Gouernador os mandaua prender nom agardou mais, e á pressa foy a terra o dizer a Afonso Mexia como Pero Mascarenhas prendera em ferros aos officiaes. Polo que logo fez grande aluoroço, e mandou repicar o sino da forteleza, a que acodio toda a gente com armas com grande aluoroço ; mandando aos bombardeiros calhar os tiros da forteleza ; dizendo trayção, trayção ao seruiço d'ElRey nosso senhor ; dizendo que

elle mandara a Pero Mascarenhas os officiaes d'ElRey, da justiça e fazenda, com a camara da cidade, a lhe notificar as prouisões d'ElRey e mandados do senhor Gouernador, e requerer cousas que muyto comprião ao seruiço de Su'Alteza; e que Pero Mascarenhas tudo desobedecera, e prendera em ferros os nobres vereadores da cidade e os outros officiaes, com muytos auiltamentos e soberbosas palauras, como homem danado; e que se fazia prestes pera forçosamente sayr em terra e fazer mal ao pouo. A qual sayda em terra o Gouernador muyto lho defendia e deixara muy defeso em seu regimento, decrarando que se Pero Mascarenhas saysse a terra como Pero Mascarenhas, honrado fidalgo como era, saysse muyto embora, e que em terra nom estiuesse mais que hum só dia; e que sayndo como Gouernador lho nom consentisse, e com mão armada lho defendesse. O que todo esto mandou lêr per seu regimento, que mostrou a toda a gente, dizendo que por elle ysto mandar noteficar e requerer a Pero Mascarenhas, que obedecesse e nom fosse a terra como Gouernador por nom causar escandolos e uniões, por ysso prendera e auiltára os officiaes que da parte d'ElRey lhe forão noteficar, e mandou fazer prestes os nauios pera entrar, desestimando o estado d'ElRey nosso senhor; polo que elle, como capitão que era d'aquella forteleza e cidade, lhes requeria, e mandaua da parte d'ElRey, que o ajudassem a defender aquella forteleza e cidade d'ElRey, que lha querião tomar, e olhassem que erão tão obrigados ao ajudar em fauor dos mandados e prouisões d'ElRey como bons e leaes vassallos; e os que contra ysto fossem os auia por trédores e aleuantados, e que por ysso fossem mortos, e suas fazendas perdidas pera' coroa real. O que todo sendo ouvido polo pouo, fizerão grande aluoroço, dizendo que morrerião polo seruiço d'ElRey. E vendo que a fusta que fôra com os officiaes vinha pera terra, agardarão, que chegando virão que hião os officiaes, que contarão todo o que passarão e como os mandaua presos pera suas pousadas. Ao que Afonso Mexia lhe dixe que elle os soltaua, e se fossem por onde quigessem, porque Pero Mascarenhas nom era Gouernador, nem tinha nenhum poder pera nada; porque ElRey o desfizera de Gouernador per espressa prouisão que d'ysso mandara, que elle vira e lera, e d'ella tinha o trelado, que mostraria se comprisse. E que por tanto todos o ajudassem a soster o seruiço d'ElRey contra Pero Mascarenhas, que desobedecia os mandados do senhor Gouernador. Ao que todo o pouo se otorgou, dizendo que

elle, como capitão que era, os mandasse que elles obedecerião, até morrer polo que fosse seruiço d'ElRey, cujos vassallos erão.

CAPITULO XI.

COMO AFONSO MEXIA DEFENDEO A PERO MASCARENHAS QUE NOM DESEMBARCASSE.

Ao outro dia era sesta feira, e Afonso Mexia teue pratica com alguns seus amigos, e assentou de tornar mandar requerer a Pero Mascarenhas que per nenhum modo fosse a terra, porque o nom auia de consentir desembarqar, e sobre ysso auia de morrer; requerendolhe que gardasse o que mandaua o Gouernador, e nom fosse occasião do mal que se podia fazer: e ysto com auondança de palauras per escrito. O que visto por Pero Mascarenhas lhe mandou dizer que sómente hiria a terra por ver Deos, e na igreija com elle falar cousas de seruiço d'ElRey, e logo se tornaria a embarqar e hir pera Goa. Ouvida esta reposta por Afonso Mexia, bem creo que Pero Mascarenhas auia de hir a terra, e teue medo que lhe fizesse manha, e saysse de noite escondido e se metesse na cidade; o que se assy fosse ninguem lhe poderia resistir tomar sua posse de Gouernador, e mórmente se acodisse ElRey de Cochym em seu fauor; o que tinha por muy certo. Polo que, lançando suas contas, assentou de guardar esta noite a praya; o que fez com toda a gente da cidade, e muytos de cauallo, e espingardeiros, e quadrinhas, e elle a cauallo armado com vinte de cauallo, correndo toda a noite a praya; e grande vigia que barqo nenhum foy da terra pera o mar.

N'esta noite tambem Pero Mascarenhas teue pratica com os seus sobre estas cousas; mas nom teue quem o bem aconselhasse, porque Simão Caeyro, que elle fizera ouvidor geral na India, e Lançarote de Seixas, que trazia por [1] * sacretario, conhecendo * a condição de Pero Mascarenhas, que era de caualleiro, lhe aconselhauão que leuasse todas suas cousas grandiosas á força de braço, e em todo o caso desembarcasse, porque como fosse em terra ninguem lhe auia de registir, porque era verdadeiro Gouernador da India. Afonso Mexia, ante menhã, tornou a

[1] * sacretario os quaes conhecendo * Autogr.

mandar outro requerimento a Pero Mascarenhas que em nenhum caso fosse a terra, per nenhum modo que fosse; porque sem duvida que os pés nom auia de pôr na terra de Cochym. Ao que lhe Pero Mascarenhas respondeo que nom hia a terra senão a ver Deos; que nem seria elle tão desalmado que, como christãos que erão, os nom deixasse entrar na igreija encommendarse a Deos. Afonso Mexia tinha este grande arreceo de Pero Mascarenhas hir a terra, porque tinha sabido que alguns da cidade estauão da parte de Pero Mascarenhas, e que se dessem rebate a ElRey de Cochym, e acodisse, que Pero Mascarenhas forçadamente seria na cidade obedecido por Gouernador. E com estes tantos arreceos, sendo menhã, Afonso Mexia mandou Francisco Dias, que fôra feitor em Cananor, a Pero Mascarenhas, com grande requerimento que a terra nom fosse, porque já estaua prestes com muyta gente armada pera lhe defender a desembarcação; que se fosse muyto embora a Goa, onde estaua o Gouernador Lopo Vaz, com que determinaria suas cousas; e se pera o caminho quigesse alguma cousa tudo lhe daria. E que acabando seus debates, se ficasse Gouernador, que elle estaua prestes pera lhe obedecer, e estar a toda a pena que per direita justiça merecesse, se erraua no que fazia; e com ysto outras boas rezões.

Pero Mascarenhas nom soube nada dos aluoroços que hião na terra, porque ninguem ousou de lhe mandar recado; porque Afonso Mexia defendeo, com pregões de morte, que nenhum tone fosse ao mar. Mas, sendo horas, Pero Mascarenhas se embarqou em dous batés com esses homens honrados que trazia, com sómente suas espadas na cinta, e seu ouvidor geral e meirinho com suas varas, e Pero Mascarenhas vestido em huma aljubeta de sollya, çarrada, e hum barrete redondo, e humas contas na mão; parecendolhe que, hindo assy tão pacifiqo, Afonso Mexia lhe nom tolheria desembarqar á porta da igreija, e nom quereria com elle ter brigas; e foy entrando pola barra, onde a elle chegou hum tone com outro forte requerimento d'Afonso Mexia que a terra nom fosse, senão que soubesse que todos quantos sayssem a terra todos auião de ser mortos ás lançadas. Pero Mascarenhas se afrontou muyto com este recado, e com palauras agastadas disse ao messigeiro: «E como! Afonso» «Mexia me tolherá que nom vá ver Deos, o que se nom pode tolher a» «iréges que disserem que querem ser christãos, quanto mais a nós que» «o somos?» Que elle nom hia a mais que a vêr Deos; que se sobre

ysso os matassem morrerião martyres; que onião elle a nom faria, nem nenhum de sua companhia; que ahy na igreija ou na praya se verião, e logo se tornaria, e tudo como elle quigesse, e sem lhe falar se tornaria a embarquar; e que ysto nom duvidasse, porque mais nom auia de ser. E foy remando pera terra. O tone tornou com a reposta de Pero Mascarenhas, que ouvida por Afonso Mexia, bradou ao alcayde mór Francisco Dayora que se recolhesse á forteleza, e com gente a tiuesse a bom recado, e que chegando os batés junto da terra os mandasse meter no fundo. E mandou arrepicar o sino; ao que sayo fóra á praya todo o pouo da cidade, a cauallo e com armas, correndo toda a praya a todas partes, e Afonso Mexia diante de todos com a bandeyra da cidade diante, e elle com adarga e lança. Os batés com a corrente d'agoa que vazaua forão descayndo muyto abaixo da porta da igreija, e forão ter defronte do mosteiro de santo Antonio, que era casy hum tiro d'espingarda, e querendo chegar á praya, da forteleza lhe tirarão com hum falcão, que passou por cima de Pero Mascarenhas. E Afonso Mexia se meteo na borda d'agoa, com grandes brados dizendo: «Senhor Pero Mascarenhas, requeirouos» «da parte d'ElRey que nom desembarqeys d'esse batel, e vos tornai aos» «nauios, senão faço juramento a Deos de vos matar»: ao que se ajuntou muyta gente. Ao que Pero Mascarenhas nom respondeo, e mandou chegar a terra; ao que Afonso Mexia mandou recado á forteleza que metessem os batés no fundo. Pero Mascarenhas se pôs no hombro de hum marinheiro, e outro que o ajudaua, e assy o fizerão outros; mas Afonso Mexia, vendo assy hir Pero Mascarenhas pera terra, entrou com o cauallo pola agoa, e abaixou a lança pera o leuar, e de feito o matara ou mal ferira, se lhe nom deitara mão da lança hum creligo chamado o Carneiro, que sayo da igreija vestido em sua sobrepeliz, que acodia a pacificar, vendo que erão christãos contra christãos; e nom teue tanta força que todauia a lança foy áuante e ferio Pero Mascarenhas nos peitos, com que o derribou n'agoa; com que os marinheiros o tornarão a meter no batel, e se o nom fizerão todauia fòra mais mal, porque Afonso Mexia tornou a recolher a lança pera outro bote, com que cortou ao crelgo os dedos das mãos; ao que o crelgo bradou: «Sacrilegio! sacrilegio!» Com que Afonso Mexia se sayo d'agoa, porque vio Pero Mascarenhas tornado ao batel, e assy todos os outros que sayão, que casy todos forão feridos e espancados das lanças, e s'embarcarão com agoa polos pescoços; onde

foy mal ferido Jorge Mascarenhas, parente de Pero Mascarenhas, e o meyrinho, que esteue á morte, e outros, que forão oito os feridos, sem nenhum arrancar d'espada, dando gritos os da praya. O que vendo Pero Mascarenhas, com as lagrimas nos olhos, disse com muyta paciencia: « Por ysto se dixe arrayal de villa. » E leuantando as mãos ao ceo, mandou tornar pera os nauios; e recolhidos se curarão os feridos, e Pero Mascarenhas nos peitos, e em hum braço. Então mandou ao ouvidor fazer hum auto de todo como passara; mas Afonso Mexia nom deixou de sempre ter grande vigia na praya, receandose muyto que Pero Mascarenhas desembarcasse de noite. Esteue assy Pero Mascarenhas todo o dia, sem lhe hir nenhum recado de terra, nem elle ousaua de mandar batel, porque auia medo que lho tomasse Afonso Mexia, e prendesse os homens. Onde assy esteue praticando e auendo seus conselhos, e muy arrependido de hir a terra senão com toda a gente armada, ou nom hir como foy.

Então, de noite, mandou hum homem a nado, que era natural de Cochym, que vinha de Malaca, e lhe deu dinheiro, com que foy a Vaipim, que he ilha defronte de Cochym, que lhe fosse buscar hum tone e lho trouxesse, porque os de Cochym, * receosos * dos pregões, nom virião. O qual tone lhe trouxerão; mas Pero Mascarenhas nom sabia que caminho tomasse em tão grande infortunio como tinha nas mãos. Os que com elle estauão, que o vião com tanta angustia, cada hum lhe dizia o que melhor entendia.

Em Cochym estaua hum Ruy Lopes Chanoca, que era da criação de Pero Mascarenhas, ao qual logo mandou prender Afonso Mexia, e teue a bom recado até que Pero Mascarenhas chegou á barra de Cochym; o qual logo o mandou a Coulão, assy preso e bem a recado, sómente porque nom mandasse recados e auisos a Pero Mascarenhas; mas todauia, assy preso como foy, teue modos como mandou recados e cartas polo mar a Pero Mascarenhas, mas nom chegarão a tempo que aproueitassem, porque já a briga era passada; porque o Ruy Lopes lhe daua auiso de tudo o que Afonso Mexia e Lopo Vaz tinhão folminado contra elle; que por tanto, se Afonso Mexia lhe requeresse que nom saysse a terra senão como Pero Mascarenhas que assy o fizesse, e que com hum só moço saysse a terra com toda' dessimulação, mostrando prazer de logo se embarcar pera Goa; por quanto se os pés pusesse dentro em Co-

chym era obedecido por Gouernador, e preso Afonso Mexia, segundo estaua ordenado per os principaes homens de Cochym, que erão imigos secretos d'Afonso Mexia. E quando nom pudesse logo sayr como dizia, se partisse pera Goa, e do caminho fizesse volta, e de noite se tornasse e metesse em Cochym, ou se fosse a casa d'ElRey, onde sua pessoa estaria segura até acabar suas cousas. E com estas sostancias outras muytas e muy certas, que Pero Mascarenhas vio que lhe falaua verdade; mas a cousa estaua já em tal estado que nada d'ysso se podia emendar. A qual carta mostrando, e praticando com os seus, cada hum lhe dizia seu parecer muy desuiado do que Pero Mascarenhas tinha na vontade, vendo que seu mal nom tinha remedio, senão fosse ajudado e fauorecido dos fidalgos principaes da India. Ao que lhe contradizião todos, dizendo que n'ysso nom tiuesse confiança, porque Lopo Vaz estaua em posse da gouernança tyranicamente, pera o que auia de ter adquiridos todos os principaes fidalgos da India, pera o que lhes teria feitas tantas mercês, e ganhadas tanto as vontades, que todos morrerião polo fauorecer e ajudar; porque os homens nom viuem senão de seus interesses, polo que venderão seus propios pays e irmãos; e quando achasse alguns fidalgos que o quisessem ajudar, serião tão pouqos e tão fraquos, que nom serião pera mais que pera aguçar e meter cizanias; que, por tanto, com todo bom conselho tomasse sua derradeyra determinação do que compria fazer n'esta cousa, que era de tamanho peso. E assy n'estas praticas se passaua o mais do tempo. E parecendo a todos bem, praticarão com Pero Mascarenhas, dizendo que dos males presentes nom auia melhor remedio, que pois a cousa já estaua tão rota, e danada, deuia de tomar costas e fauor d'ElRey de Cochym, que se a elle se colhesse nom consentiria serlhe feito nenhum mal, antes o ajudaria, e faria dar sua gouernança; pera o que se deuia de ordenar e concertar a gente como fosse mais segura de perigo, e ao outro dia c'os nauios entrasse com a viração e maré, e gente metida de baixo por amor d'artelharia, se a forteleza tirasse; e se fosse sorgir diante das casas d'ElRey de Cochym, que lá nom hiria Afonso Mexia defenderlhe que o nom recolhesse; e se meteria com ElRey, e d'ahy se determinaria em suas cousas, segundo visse que socedião. A todos este pareceo bom conselho.

Ao que o Gouernador respondeo: «ElRey de Cochym he homem» «de pouquo entendimento nas cousas que nós usamos, e pode ser que»

«estará danado com endustrias d'Afonso Mexia. Deos sabe se será pior.»
«Todauia antes quero perderme fazendo o que deuo, pedir justiça com»
«mansidão, que usar de forças que nom tenho. Afonso d'Alboquerque»
«assaz de trabalhos teue com o Visorey dom Francisco, e tudo soffreo»
«com siso de coração pacificamente. Eu assy o determino, que nenhu-»
«ma cousa d'este meu caso hey de fazer com as mãos, mais que escre-»
«uer e pedir justiça. Se a tiuer Deos ma fará, e se ma nom fizer será»
«por occasião de meus pecados, que são grandes.» Então mandou hum marinheiro a nado á outra banda do rio defronte de Cochym, que se chama Vaipim, que trouxe hum tone, em o qual mandou a terra hum homem chamado Gaspar Gato, que era de sua criação e era criado d'ElRey, valente caualleiro, a que o Gouernador deu dous requerimentos, ambos de hum teor, nos quaes bradaua e pedia ao pouo que o ajudassem a lhe ser guardada sua justiça, pois era Gouernador da India feito por socessão d'ElRey, e na sé per todos aprouado, e apregoado e obedecido per autos em que todos estauão assinados, e per todos chamado [1] * de * Malaca, onde estaua; no que nom fizera mais detença que a monção, que nom teue, que fòra gastar na tomada de Bintão, que nom foy seruiço que lhe tão mal ouverão d'agalardoar; que chegando ally afogado em dous nauios, que se hião ao fundo carregados d'aleijados com feridas abertas do feito de [2] * Bintão, antes * de ser visto nem ouvido, fora afrontado com requerimentos que a terra nom saysse, como se fora homem aleuantado, mas que [3] * se * fosse a Goa, onde estaua outro Gouernador; e postoque recebera esta afronta polos officiaes que lha fizerão, se acabara em os mandar pera suas casas. «E determinado a me hir a»
«Goa, querendo hir ouvir huma missa e m'encomendar a Deos, em»
«hum sayo çarrado e com humas contas na mão, confiado que saya»
«n'esta cidade d'ElRey nosso senhor pera na igreija me ver com o vé-»
«dor da fazenda pera cousas que trazia nas mãos, que comprião ao»
«seruiço d'ElRey, chegando a terra, eu e os que hião comigo, fomos»
«espancados e feridos, e eu melhor que todos, tirandome com artelha-»
«ria, como se foramos mouros que sayamos a tomar a cidade, e me de-»
«fendestes a terra armados, com repique de sino. E porque, a meu pa-»
«recer, esta cousa ElRey nosso senhor o nom mandou fazer, logo to-»

[1] * a * Autogr. [2] * de Bintão onde antes * Id. [3] * me * Id.

« dos ficaes dinos de graue castigo, que protesto ante Sua Alteza pedir »
« todo meu direito e justiça, * e * da sua parte vos requeiro que de to- »
« do me passeys estormentos pera Sua Alteza. E polo tal defeito e ofen- »
« sa, que me assy fizestes, sendo eu verdadeyro Gouernador da India, »
« vos hey por condenados em perdimento de vossas fazendas pera a co- »
« roa real, assy em todo quanto o posso fazer com direita justiça; e esto »
« nom me querendo recolher e obedecer como deueys, como vosso Go- »
« uernador da India que som, que em terra nom estarey mais * que »
« até * desembarquar doentes, e me concertar em outra embarcação pera »
« me hir a Goa vêr com Lopo Vaz. »

Gaspar Gato tomou os requerimentos, que era hum pera o pouo e outro pera os officiaes da camara, e sendo domingo, pola menhã cedo, antes que fosse visto da terra se foy no tone de largo polo mar, e desembarqou longe da cidade, e ás horas que lhe pareceo que a gente já estaria nas igreijas se foy ao mosteiro de santo Antonio, onde estaua muyta gente, e bradou: « Senhores, da parte de Deos, em cuja casa »
« estaes, vos requeiro que ouçaes o que vos requere o senhor Gouerna- »
« dor Pero Mascarenhas! » E começou a ler o requerimento, alto que todos ouvião, que se aleuantarão, e ouve aluoroço. Ao que acodirão os frades, e o deitarão fóra, dizendo que nom fizesse união na casa de Deos, que se fosse a casa da justiça, e não ally que era casa de Deos. Respondeo Gaspar Gato: « Padre, venho a esta casa de Deos cramar justiça, »
« porque Deos he o direito juiz. » Então se foy á sé, após que foy muyta gente a ouvir; onde entrando na igreija, no meo d'ella assy bradou, que o ouvissem, aos officiaes da camara que hy estauão. Ao que ouve grande aluoroço na gente. Ao que se leuantou Afonso Mexia, que estaua na capella mór ouvindo missa, e bradou á gente que se assentassem e ouvissem; e disse a [1] * Gaspar * Gato que lêsse tudo quanto quigesse, pois era mandado, que por ysso ninguem lhe faria mal. O que elle assy fez, e acabando de lêr pedio que lhe dessem estormento. O que muyto demoueo a gente, ouvindo as palauras do requerimento, porque em todo falaua verdade. Mas Afonso Mexia, como homem muy sabido, ally em pubrico disse:
« Tudo ysso me parece muyto bem o senhor Pero Mascarenhas reque- »
« rer sua justiça, e nom deuera desobedecer os mandados do senhor Go- »

[1] * Balthesar * Autogr.

« uernador. Vindeuos assentar, e acabarseha a missa, e hirês jantar co- »
« migo, e seruosha dado todo o que pedis; que eu volo hei de dar com »
« os officiaes da camara, porque são capitão d'esta cidade. » Gaspar Gato se assentou junto da capella em hum banquo até se acabar a missa.

E acabada, leuou comsigo Gaspar Gato e lhe deu de jantar á sua mesa, e acabado mandou chamar os officiaes da camara e juizes, com hum tabellião, per que mandou lêr o requerimento ante todos, e acabado mandou Gaspar Gato meter no tronquo e carregar de ferros, dizendolhe: « Vós estareys assy até se ysto acabar; pois sendo vós muyto hon- »
« rado, e criado d'ElRey, vos fizestes criado de Pero Mascarenhas, pera »
« virdes com requerimentos d'afrontas a esta cidade de que eu som ca- »
« pitão; vendo vós o que se hontem passou; que se vós forês criado de »
« Pero Mascarenhas derauos huma capa de grã. » Gaspar Gato era homem caualleiro, e sem medo respondeo: « Senhor Afonso Mexia, poder »
« tendes pera me [1] * prender * aquy, mas no campo indaque fosse ás »
« punhadas, homem são eu pera vos prender. Eu são d'ElRey, e fiz seu »
« seruiço n'ysto que fiz, pois que he pedir e requerer justiça; e por »
« ysso nom estimarey a vida. Fiz o que me mandou meu Gouernador, »
« que eu outro nom conheço nem obedeci aléquy, e nom me gardaes a »
« liberdade de messigeiro. Todo o mal que me fizerdes outrem vos dirá »
« que erraes. » E todauia o mandou ao tronqo.

Então mandou a Gil Fernandes, escriuão do judicial, que escreuesse a reposta em nome dos officiaes, dizendo que elles erão portugueses e leaes vassallos d'ElRey de Portugal seu senhor, muy obrigados a morrer por seu real seruiço, e Afonso Mexia, védor da fazenda, era capitão d'aquella cidade e forteleza, a que elles obedecião, no alto e baixo, em todo o que lhe mandasse da parte d'ElRey, e que se fosse bem feito ou mal ElRey e o seu Gouernador da India lhe tomasse a conta; e se elle Pero Mascarenhas o era, pera tudo teria poder; que por tanto se fosse muyto embora a Goa, onde estaua o senhor Lopo Vaz de Sampayo, que dizia que era Gouernador, e se o nom era lhe faria sua residencia; e que lá em Goa se ambos determinassem, e a qual d'elles os fidalgos obedecessem que elles assy o farião. Polo que lhe requerião da parte d'ElRey, que sem mais causar uniões, logo se partisse d'ally donde es-

[1] * perder * Autogr.

taua, e se fosse a Goa; o que elle nom fazendo, protestauão elle dar conta a Deos e a ElRey nosso senhor de todolos [1] * malles * que socedessem. O que todos assinarão. E mandou soltar Gaspar Gato, que o meirinho leuou do tronqo e o foy embarqar na praya, onde o escriuão lhe entregou o requerimento com esta reposta nas costas, com huma carta d'Afonso Mexia, em que dizia ao Gouernador que se quigesse hir pera Goa lhe mandaria qualquer embarcação que quigesse, com todo o que pedisse; e que os homens que houvessem mester alguma cousa mandassem a terra seus escrauos ao buscar; e com ysto outras abastanças. O que o Gouernador todo soffrio, e lhe mandou o mestre do galeão a terra, e dixe que hião pola embarcação; que tomasse qualquer que lhe dessem, com mantimento pera a gente. O mestre, chegando á praya, achou Afonso Mexia e lhe deu o recado, o qual logo deu grande auiamento, que ao outro dia lhe mandou huma carauella bem artelhada, com muytos mantimentos e vaqas viuas; e o Gouernador mandou abordar a carauella com o galeão, a que se passou, e baldeou todo seu fato e os homens que com elle quiserão hir, que forão vinte e seis per todos com seus criados. E o mestre do galeão em terra comprou auondança de cousas pera comer toda a gente, pera o que lhe o Gouernador deu dinheiro.

Em Cochym era casado hum Ruy Lopes Chanoca, da criação de Pero Mascarenhas, e assy hum Simão Toscano, que ambos sabião bem os segredos de Pero Mascarenhas, e postoque muyto dessimularão com projetarem *(sic)* [2] de Pero Mascarenhas, Afonso Mexia os entendeo, e tanto que soube que o Gouernador era chegado a Coulão os mandou prender e meter na casa do castello de cima, com tanto recado que ninguem com elles falaua; mas elles, como auisados, tambem tinhão já mandado suas cartas a Coulão muy secretamente, em que lhe dauão larga conta do que passaua, dandolhe auiso que em Cochym nom desembarcasse, porque corria grande risco de o matarem. O que o Gouernador nom quis estimar, porque o Simão Caeyro, e Lançarote de Seixas, que era o secretario, lhe desfazião tudo, e que em Cochym os cidadãos nom auião de consentir que lhe fizessem nenhum desaguisado. Estes homens presos, tanto que o Gouernador partio de Cochym, forão soltos em fiança de muyto dinheiro que se nom fossem de Cochym; mas estes forão os que

[1] * mais * Autogr. [2] Provavelmente * profaçarem *

sempre mandarão todos os auisos das cousas que se passauão em Cochym durante o inuerno.

Estando o Gouernador pera partir na carauella, chegou dom Jorge Tello em hum galeão, que auia vinte dias que era partido pera Goa e com vento contrairo nom pôde hir, e tornou pera Cochym todo desenxarceado, e vergas quebradas, e quebrado por muytas partes, com muytos homens feridos e mortos, e elle com huma perna quebrada de huma bombardada, porque em huma calmaria o esbombardearão huns paraos de Calecut, que casy o tiuerão rendido; o qual nom falou ao Gouernador, porque entrou pola barra assy á vela como vinha, sem sorgir. Polo que então o Gouernador tomou mais artelharia do galeão e se partio, que foy em...... [1].

Partido o Gouernador, os nauios entrarão no rio, que Afonso Mexia mandou descarregar, e da gente que foy a terra mandou prender Jorge Mascarenhas, por ser parente do Gouernador, que fiqou no galeão, ferido de huma chuçada na briga da praya, e por ysso nom foy na carauella; e o mandou preso a Coulão. Ayres da Cunha fiqou, que nom foy na carauella por vir mal auindo com o Gouernador, por lhe não querer dar a capitania de Malaca, como já disse, e praguejaua do Gouernador. Polo que Afonso Mexia lhe fez bom gasalhado, e logo o mandou em hum catur a Goa com cartas a Lopo Vaz,. e o trelado dos requerimentos que fizera ao Gouernador que nom saysse a terra, e tambem dos que lhe fizera o Gouernador; e lhe escreueo que fizesse mercê 'Ayres da Cunha, que tinha muyto seruido e Pero Mascarenhas o agrauara em Malaca. O que lhe Lopo Vaz bem satisfez, que lhe deu a capitania de Coulão, e a tirou a Anrique [2] * Figueira * porque recebeo Pero Mascarenhas.

O qual, hindo na carauella, fez grande detença por caso dos noroestes, em maneyra que já quando chegou a Cananor nom leuaua que comer; e sendo á vista da forteleza logo dom Simão lhe mandou huma almadia com seu recado, porque já sabia que era elle, por Ayres da Cunha, que auia tres dias que passára pera Goa e lhe contara todo o negocio de Cochym; e lhe mandou dizer per huma carta que tinha muyto pesar de seu grande trabalho, e muyto maior por lhe nom poder fazer o seruiço que desejaua como seu grande seruidor, que fôra o receber co-

[1] Falta a data no original. [2] * Trigueira * Autogr.

mo Gouernador; e o nom podia fazer por ter aquella forteleza da mão de Lopo Vaz de Sampayo, que era feito Gouernador da India após elle, e era confirmado por noua prouisão que depois viera; que por tanto elle tinha seu regimento que o nom recebesse como Gouernador, mas que hindo a terra como tão honrado fidalgo, como elle era, lhe faria todo seruiço que mandasse. Do que o Gouernador sentio grande paixão, vendo que todos estauão da parte de Lopo Vaz, e lhe respondeo per outra carta com seus comprimentos, dizendo que folgaua que guardasse sua obrigação que tinha a seu Gouernador, porque assy se esperaua de tal pessoa como elle era; que bem cria que pois obedecia a Lopo Vaz o faria com ver outra prouisão porque ElRey o fizesse Gouernador da India, melhor que a prouisão de sua socessão; que não queria mais d'elle que hum catur bem esquipado, em que se fosse a Goa, porque a carauella fazia muyta detença; porque chegando a Goa em hum catur nom cuidárão que hia tomar a gouernança a Lopo Vaz. Dom Simão lhe mandou o catur muyto bem concertado e com mantimento, em que o Gouernador se meteo com sós dous moços, e Simão Caeyro e Lançarote de Seixas, e em outro catur que mandou fretar, de hum casado de Cananor chamado Bastião de Faria, mandou meter seus escrauos e fato, e se partio. E a carauella se foy ao longo da costa, que a mandou dom Simão que se fosse pera Antonio de Miranda, capitão mór do mar, que andaua com armada na costa.

Este Bastião de Faria, dono do catur, sabia muyto das cousas que se passauão, dizendo ao Gouernador: «Senhor, tendes muyto trabalho,» «porque forçadamente vos hão de tomar vossa gouernança, que n'ysso» «está posto Lopo Vaz com enduzimentos d'Afonso Mexia. Ysto sey por-» «que em Cananor, quando vos achou nomeado na socessão por Gouer-» «nador, nom lhe fiqou alma no corpo, com medo que sendo vós Go-» «uernador, e sabendo os males que de vós tinha escrito a ElRey, vos» «merecia cem mortes. Por ysso, por se segurar, tem feito todolos ma-» «les que vereys; que sem duvida ou vos hão de matar, ou tirar vossa» «gouernança com a posse em que tem posto Lopo Vaz, que está em«» «Goa com todolos fidalgos da India, a que faz muytas mercês e gros-» «sos pagamentos, com que a todos tem da sua mão. Mas digouos, se-» «nhor, que comtudo he auorrecido dos fidalgos e do pouo, que muyto» «folgarão que seja tirado de Gouernador.» Ao que lhe Pero Mascare-

nhas respondeo assy leuemente: «Pois, Bastião de Faria, que conselho?» Elle dixe: «Senhor, eu volo direy. Pola vontade que sey que vos tem o» «pouo da India, vós deuieis de buscar Antonio de Miranda, que anda» «n'esta costa com vinte velas d'armada, e vos meterdes na sua galé,» «com que toda a gente auerá muyto prazer, e todos vos obedecerão;» «e o mandai pera Cochym em hum catur ou o ponde em Baticalá, e» «com 'armada vos hyde a Goa e desembarqai em Pangim, e ponde no» «castello hum capitão da vossa mão, e estai embarcado n'armada, e» «mandai recado a Lopo Vaz que estaes ally pera lhe obedecer por Go-» «uernador, se elle tem melhor prouisão que a vossa, que lhe manda-» «rês, que os fidalgos tudo vejão e logo o determinem, porque se a» «sua for melhor hirês ante elle lhe obedecer, e se nom for melhor,» «que vos receba como Gouernador. Porque se ysto assy fizerdes nom» «ha que duvidar senão que toda a gente se virá pera 'armada, e os» «fidalgos auerão a vossa prouisão por boa; porque nom estão agardan-» «do outra cousa senão vossa chegada, que se for d'esta maneyra ten-» «des tudo por vós. E hindo n'este catur, como já terá sabido por Ay-» «res da Cunha que his na carauella, vos mandará tomar a barra, que» «nom entreys, mórmente chegando n'este catur, que vos mandará pren-» «der fóra da barra e fazer quantos males quiser, que ninguem terá po-» «der pera vos valer.» E sobre ysto muyto praticado, assy lho muyto aconselharão Simão Caeyro e Lançarote de Seixas que o fizesse. Ao que lhe o Gouernador respondeo que aquillo tocaua muyto a cousa d'aleuantamento, e nom sabia que tal seria o coração d'Antonio de Miranda e os que com elle andauão na galé, «que serão seus parentes e amigos,» «e em vez de a elle prender me prenderão a mim.» O Bastião de Faria com elle aperfiou que fosse, chegasse 'armada com bandeyra no masto, nomeandose, e logo veria se o saluauão como Gouernador ou não, e falaria com Antonio de Miranda e assy como visse assy faria. O que assy assentou de fazer, e nom quis a ventura que topasse 'armada, que passou por ella de noite, que lhe fiqou dentro no rio de Bacanor, e foy seu caminho com muyto trabalho do tempo contrairo, que se hia alagando.

Ayres da Cunha chegado a Goa, ouve grande aluoroço sabendo que Pero Mascarenhas vinha pera Goa, e praguejarão muy fortemente do que fizera Afonso Mexia; sobre o que Lopo Vaz logo tomou acordo com Pero de Faria, capitão da forteleza, que era seu grande amigo, e com Anto-

nio da Silucira, e dom Vasco d'Eça, e outros, sobre o que deuia fazer com o Gouernador que vinha pera Goa. Todos lhe aconselharão que per nenhuma maneyra o Gouernador nom entrasse em Goa, porque tanto que a gente o visse n'aquella hora lhe auião todos d'obedecer, e a elle prender se lhe nom obedecesse, ou outro maior mal. O que assy assentado, logo tornou a mandar Ayres da Cunha em busca do Gouernador, ao qual escreueo huma carta que auia muyto pezar do que passara em Cochym com Afonso Mexia, de que lhe daua a culpa nom obedecer o que Afonso Mexia lhe requeria; que nom fôra senão algum máo conselho de quem nom estimasse sua honra; e que sua hida a Goa escusasse, e lá nom fosse em todo o caso, porque pera ambos se determinarem em seu caso auia d'auer debates e detenças que o tempo nom consentia, que elle estaua ordenandose pera o recebimento dos rumes que esperaua virem n'este mayo, e nom estando tudo prestes seria muy grande inconueniente. Polo que lhe muyto pedia, e requeria da parte d'ElRey, que se fosse estar na forteleza de Cananor, e d'ahy mandasse seus papés e requerer suas cousas, a que logo se daria concrusão. E tambem mandou huma carta 'Antonio de Miranda, que andaua na costa, que tiuesse vigia em Pero Mascarenhas que nom passasse pera Goa, e o fizesse hir a Cananor, e se o elle nom quigesse fazer lhe requeresse da parte d'ElRey, fazendolhe seus protestos; o que nom querendo obedecer o metesse no fundo, ou o tomasse e prendesse em ferros, e n'elles o leuasse e o entregasse ao capitão de Cananor.

Partido Ayres da Cunha com estas cousas, quis a ventura que nom [1] *topou* com Pero Mascarenhas, nem Antonio de Miranda, e se tornou a Cochym e foy logo tomar posse de sua capitania, a qual lhe nom quis entregar Anrique Figueira, porque nom era inda acabado seu tempo; e se tornou Ayres da Cunha a Cochym.

Lopo Vaz *andaua* muy timido do grande aluoroço do pouo, que abertamente dizia: «Já vem o Gouernador, e nom gouernará mais Lo-» «po Vaz»; e assy lho dizião de noite ao pé da genella da sua camara; mas elle tudo *hia* dessimulando, por nom causar algum mór mal querendo castigar; porque todos estes auisos lhe mandara Afonso Mexia, que nom entendesse com dar castigo ao pouo, senão ás cabeças, e pera

[1] *toqou* Autogr.

se nom vêr n'estes trabalhos, per nenhuma via do mundo que fosse nom entrasse Pero Mascarenhas em Goa, porque cresse sem duvida que n'aquella ora auia de ser obedecido por todos por Gouernador, porque o era por direito, e elle Lopo Vaz seria preso em ferros e n'elles mandado ao Reyno, e outro tanto ou pior farião a elle, indaque era védor da fazenda, porque bem tinha sabido que sobre elle carregauão toda a culpa; e todos os fidalgos o auião de fazer, porque a ysso estauão obrigados com juramentos e menagens, e elle Lopo Vaz na mesma obrigação estaua com pena de trédor; e entendesse bem que como nom tinha prouisão que desfizesse Pero Mascarenhas, que estaua feito Gouernador, logo nom podia falar palaura que lhe valesse per nenhum modo do mundo.

O Rey de Cochym, sendolhe contado a briga de Afonso Mexia com Pero Mascarenhas, que os seus lho contarão, elle disse: «ElRey meu» «irmão assy o mandaria ao védor da fazenda; que elle nom faria tal» «cousa sem lho elle mandar; e se lho nom mandou, nom tem medo a» «ElRey, mas o Gouernador tirará suas tripas. O védor da fazenda fez» «como doudo. Se o Gouernador vier a minha casa ninguem na India» «lhe fará mal.» Foy ysto dito 'Afonso Mexia que ElRey falara, e cayolhe no entendimento que falaua verdade, porque se Pero Mascarenhas se fôra a casa d'ElRey de Cochym ninguem lhe podera tolher sua gouernança. E foy falar com ElRey, como que lhe hia dar conta como desculpa do que fizera a Pero Mascarenhas, falandolhe muytas cousas pera fazer entender a ElRey que era bem feito o que se fizera a Pero Mascarenhas, e que ElRey lhe tirara a gouernança e a dera a Lopo Vaz. Ao que ElRey se mostrou menencorio, dizendo: «Se dar para que tornar a tomar?» «ElRey meu irmão he bom; mas quando algum com elle falar burlão» «assy fazer danar sua verdade. Visorey dom Francisco fez bulrão com» «ElRey meu irmão quando elle chegar Portugal já sua cabeça fora cor-» «tada. Pero Mascarenhas, bom caualleiro, matou tantos mouros em Bin-» «tão; com sua gente ferida, veo a Cochym, e tu querer matar pera» «elle! Se eu soubera fôra á praya, e ninguem tocara, e trouxera pera» «minha casa.» E se aleuantou, e nom quis mais falar.

Do que Afonso Mexia fiqou muyto agastado, e tomou n'ysso muyta maginação, e comsigo tomando seus acordos sempre se esforçou muyto, que nom erraua em desfazer a gouernança a Pero Mascarenhas, pois El-Rey lha tiraua mandando leuar da India as socessões em que estaua no-

meado por Gouernador, que nom era a outro fim senão porque Pero Mascarenhas nom gouernasse. E com ysto tomaua muyta [1] *fouteza* em leuar áuante o que tinha começado.

Lopo Vàz, vendo os conselhos d'Afonso Mexia, indaque bem entendeo a verdade, que contra rezão e justiça teria a gouernança a Pero Mascarenhas, teue mais poder *n'elle* a cobiça da honra e proueito da gouernança da India, que era tamanha cousa, *e* seçobroulhe a conciencia, determinando sosterse em sua posse em que estaua, e n'ella morrer, antes que a largar per nenhuma via que fosse. O que bem consultado comsigo mesmo, sobre o que auendo seus acordos com seus amigos, sentindo o impetu do pouo contra elle e nos fidalgos, foy posto em grandes pensamentos, temendose que o matassem ou prendessem, tendo os fidalgos contra sy, e o pouo, em que Pero Mascarenhas estaua muy glorificado polo feito de Bintão; e por se segurar de taes inconuenientes pôs grande guarda em sua pessoa, armado secretamente, acompanhado de oitenta homens de sua guarda, bem pagos a dous cruzados cada mez, e lhes daua comer em sua sala, onde com seu capitão dormião e vigiauão de noite com vinte espingardeiros. Caualgaua com muytos homens de cauallo, de lanças e adargas, com toda' tenção de matar quem lhe offendesse. E mandou logo com muyta presteza pôr guardas e boas vigias em todos os passos da ilha de Goa, de dia e de noite. Mandou dom Vasco d'Eça, seu cunhado, em huma galé, que guardasse a boca do rio de Goa velha; a que deu regimento que se com elle fosse ter Pero Mascarenhas lhe nom consentisse por ally entrar, mas fosse entrar pola barra de Pangim; e comtudo, se o podesse colher dentro na galé com alguma dessimulação, o prendesse em ferros e tiuesse a bom recado, e logo lho fizesse saber per sua carta, que lhe mandasse por terra. E com este regimento mandou estar na barra de Pangim Antonio da Silueira em huma galé bastarda. Do que Antonio da Silueira tomou seu assinado, em que Lopo Vaz lhe mandaua da parte d'ElRey que prendesse em ferros Pero Mascarenhas chegando á galé, e se nom quigesse entrar na galé o metesse no fundo. E tudo foy posto n'este bom recado.

Passando estes aluoroços, puserão de noite hum escrito na porta de Lopo Vaz, em que lhe dizião: «Lopo, despeja a casa a seu dono, que»

[1] *foutelcza* Autogr.

« vindo he o Mexias dado por ElRey nosso senhor a nós seu pouo. » Tambem lhe punhão escritos na rua direita, e nas portas da cidade, de grandes doestos, e desenganos que auia d'entregar o que nom era seu : com que Lopo Vaz andaua muy atromentado.

Vendo os fidalgos as taes cousas, em que Lopo Vaz se punha e ordenaua contra o Gouernador, antre sy tinhão debates e prefias com os que seguião a parte de Lopo Vaz, dizendo : « Lopo Vaz nom deuia d'an- »
« dar timido ; porque nom estão fidalgos em Goa que consintão que nin- »
« guem lhe faça força, porque nem elle a ha de querer fazer, que bem »
« sabe que na India, e dentro em Goa, estão fidalgos que lhe nom hão »
« de consentir fazer elle o que nom deua. E faz erro em se mostrar ti- »
« mido, que [1] * parece querer * fazer alguns males. O Gouernador Pero »
« Mascarenhas vem pera esta Goa em hum catur, e nom vem a fazer »
« força, mas vemse pera sua gouernança, que se he sua ninguem lha »
« ha de tolher, nem preso nem solto, que muy enteiramente se lhe ha »
« de guardar sua justiça. Sobre o que todos os bons fidalgos hão de pôr »
« suas forças até morrer, e em Goa nom lhe hão de fazer como lhe fi- »
« zerão em Cochym. »

Todas estas cousas sabia Lopo Vaz por suas espias, que sempre trazia, e nom ousaua ysto romper com os fidalgos que o falauão, porque nom fosse começo de rompimento ; e com muyta dessimulação falaua a todolos fidalgos com bom rostro e cortezias, a todos fazia largos pagamentos, e mercês quantas lhe pedião ; porque 'agoa assy andaua enuolta que se diz : ganancia de pescadores. Com que muytos lhe falauão á vontade, e os mais d'elles erão fidalgos que o trahião ás vessas do que lhe falauão. Alguns fidalgos e pessoas honradas falarão ao guardião de são Francisco, lhe dizendo que deuia d'estranhar e aconselhar a Lopo Vaz que nom se pusesse no caminho que tomaua contra Pero Mascarenhas, que era caminho de grandes males que socederião em elle querer ter a India por força ; o que tudo cessaria pondose com elle em direito, e fosse a gouernança de cujo fosse. O frade dizia que assy o faria, porque esse era seu habito e obrigação de Deos falar a verdade ; que domingo fossem á sua pregação, e verião o como o reprendia. Polo que ao do-

[1] * parece que querer * Autogr.

mingo todos forão a são Francisco ouvir o que o frade diria, porque lá foy Lopo Vaz ouvir missa.

Mas o frade usou polo costume dos frades, que nom querem anojar a parte donde lhe vem ou esperão proueito d'esmolas pera seu mosteiro; de maneyra que acabando a pregação, onde estauão muytos fidalgos e muyto pouo, fez escramação com todos os que dizião que Lopo Vaz nom era perfeito Gouernador; ao que fez grande approuação com muytas rezões, e todas as pessoas que dizião o contrairo, e que fazia força e tomaua a gouernança a Pero Mascarenhas, erão membros do diabo, que arguião males contra Deos e contra seu Rey em assy aleuantarem falsidades; que era caso de treição e deslealdade, sendo a cousa que a lealdade era mais guardada dos portugueses sobre todolas nações: o que assy confessaua, indaque era castelhano. E que ninguem tal falasse que o senhor Lopo Vaz, que presente estaua, nom era Gouernador; porque quem o dizia falaua grande falsidade; e assy o juraua no Deos eterno que aquelle dia celebrara. Polo que requeria da parte de Deos ao vigairo geral, que presente estaua, que passasse sua carta d'escomunhão, e fosse escomungado quem tal falasse, e nom pudesse ser assolto senão polo santo Papa; por quanto elle era leterado, que o tinha bem entendido, e que dentro no desembargo e dentro na Sena [1] aprouaria o que ally dizia; que por tanto erão dinos de grande castigo todos os que tal falauão alto nem baixo com Lopo Vaz de Sampayo, que era verdadeyro Gouernador da India. Com o que ficarão muy escandalisados do frade todos os que tinhão a parte de Pero Mascarenhas.

N'esta noite puzerão á porta da portaria dos frades hum escrito de muy fêas palauras contra o frade, chamandolhe falso a toda a verdade no que dissera contra Pero Mascarenhas, pois nom tinha visto prouisão d'ElRey que o desfizesse de Gouernador, que elle per sua patente e socessão tinha feito perfeito Gouernador; e que pois tal prouisão d'ElRey nom auia, tudo o que dissera e falara na pregação era falso, e polo que em pubrico jurara estaua no inferno e merecera apedrejado.

Sobre esta pregação ouve muy grandes uniões, e casy que ouverão de vir a concrusão de lançadas; porque os da parte de Pero Mascare-

[1] Isto é, em Paris, ou para melhor dizer dentro da universidade de Sorbonna. V.^e *Castanheda* Liv. VII, Cap. XIV.

nhas nom podião soffrer ouvir d'elle falar mal, que erão casy ametade dos fidalgos que estauão em Goa, que era Heytor da Silueira, Diogo da Silueira, Ruy Dias da Silueira, Dom Antonio da Silueira, Manuel de Brito, dom Vasco de Lima, João Pereira de Lacerda, Anrique de Vascocencellos, Antonio de Lemos, Gomes de Soutomaior, Manuel de Vascoconcellos, Fernão Gomes de Sousa, Anrique de Sousa, Belchior de Brito, Jorge de Sousa, Jorge de Mello, Joane Mendes de Vasconcellos, Antonio Mendes de Vasconcellos, dom Jorge de Noronha, Jorge Mascarenhas, Anrique Figueira, André de Sousa, dom Simão de Meneses, capitão de Cananor, Christouão de Sousa, capitão de Chaul. Os que seguião a parte de Lopo Vaz erão Pero de Faria, capitão de Goa, dom Vasco d'Eça, seu cunhado, Simão de Mello, seu genro, Ruy Vaz Pereira, Payo Rodrigues d'Araujo, Martim de Mesquita, dom Anrique d'Eça, Francisco de Sousa Tauares, Manuel de Macedo, Anrique de Macedo, João Mendes de Macedo, Gonçalo de Sousa, Jeronymo de Sousa, dom Jorge de Crasto, Grauiel d'Atayde, Grauiel de Brito, Vasco da Cunha, dom Afonso de Meneses, Antonio Mendes de Brito, Francisco da Silueira, Fernão Rodrigues Barba, Pero de Mesquita, Francisco de Brito, Gracia de Mello, Nuno Pereira, Ruy Gonçalues de Caminha, Gaspar da Silua, Fernão de Moraes, dom Siluestre Anriques, e outros; todos estes homens fidalgos e da mór valia que auia dentro em Goa, que nom passauão o tempo em outra cousa se nom nos debates d'antre huns e outros.

O Gouernador em seu catur foy seu caminho a Goa, sem topar com ninguem dos que o hião buscar, sómente hum casado de Goa, que hia pera Onor em huma almadia, que lhe contou de como tinha as barras tomadas, que em Goa nom podia entrar, e lhe contou as uniões que hião em Goa sobre suas cousas; mas que todo o pouo estaua por elle, que dizião a Lopo Vaz que se auia de pôr a direito com elle sobre a gouernança. Ouvido tudo per o Gouernador ficou descansado, dizendo que nom queria mais que direito e justiça; e foy seu caminho a Goa, e nom quis hirse a Chaul, como lhe aconselhou Bastião de Faria e os que hião com elle, dizendo que nom sabia se Christouão de Sousa o nom quereria receber, como fizera dom Simão.

Chegou aos ilheos da barra em vinte de março, onde deu com hum bargantym de vigia, que o agardaua, que lhe tirou hum tiro que amainasse; o que elle nom fez, que hia com bom vento, e foy pera' barra e

o bargantym após elle. O tiro do bargantym foy ouvido na galé d'Antonio da Silueira, que logo leuou a tenda, que era ante menhã, e ouve reboliço vendo hir o catur; e da galé tirou hum tiro grosso, que foy ouvido em Goa, que era sinal que Lopo Vaz mandara que lhe fizessem; e tirou a galé hum falcão por cima do catur, e o Gouernador amainou, e a remo se foy á galé, e a saluou com pito, e assy lhe respondeo a galé; e chegou e entrou polo esporão, onde Antonio da Silueira o recebeo com suas honras, dizendo que boa fosse sua chegada. Elle respondeo: « Prazerá a Deos que assy seja! » E se forão assentar na popa com muytos homens que hy estauão. O Gouernador pedio agoa, que lha derão com marmelada, e falando com Antonio da Silueira lhe gabou a galé, dizendo: « Bem defenderá esta huma barra a cem galés de rumes. » Antonio da Silueira lhe perguntou se o topara hum catur com recado do Gouernador. Disse que não. Então lhe dixe que o Gouernador lhe mandaua recado que se tornasse a Cananor, e que hy o agardasse até que elle fosse, que estaua de caminho pera lá, e ahy determinarem suas cousas. O Gouernador respondeo: « Folgara se esse recado achára. Ao menos nom » « leuára o trabalho com que venho [1] * afogandome * per debaixo do mar. » « E pois já som aqui, em Goa se fará o que se ouvera de fazer em Ca- » « nanor. » Antonio da Silueira lhe dixe: « A Goa nom póde vossa mer- » « cê hir até eu o fazer saber ao senhor Gouernador, e me mandar seu » « recado se manda que vades a Goa ou não. » Respondeo o Gouernador: « Segundo ysso parece que * a * mim estaua agardando pera me tolher a » « entrada. » Antonio da Silueira disse que si, que a elle estaua agardando. Respondeo o Gouernador: « Pera me tolher a entrada abastára aquelle » « bargantym pera me dar esse recado, e esta galé estaria melhor em- » « pregada na barra de Panane, que tolhera' entrada aos paraos arma- » « dos, que ouverão de meter no fundo dom Jorge Telo em hum bom » « galeão, em que lhe quebrarão huma perna e matarão muyta gente, e » « tiuerão casy rendido; que he assaz grande descredito nosso. E fôra » « melhor seruiço ally, que estar aquy agardando por mim, que me de- » « fenda que entre em Goa em hum catur em que venho de seruir El- » « Rey, com fome e sêde e muytos trabalhos. » Antonio da Silueira lhe disse: « O Gouernador saberá o que faz, e quando fordes Gouernador »

[1] * Afandome * Autogr. V.° Cap. XI, pag. 123.

« tambem fareys o que se vos entolhar. » No que assy estando chegou Simão de Mello em huma galeota, e deu huma carta 'Antonio da Silueira, que a leo, e disse a Pero Mascarenhas : « Senhor, manda o senhor Gouerna- »
« dor que n'esta galeota vos torneys a Cananor, e d'elle nom sayaes sem »
« seu mandado, e d'ysto deys a menagem. » O Gouernador se muyto afrontou, dizendo : « Nom ; porque me tolhem que nom vá a Goa. E já que »
« me manda tornar a Cananor, porque hey de dar a menagem que n'elle »
« estê sem hir pera outra parte ? Eu tenho dada a menagem na gouer- »
« nança da India. Nom tenho outra que dar. » Disse Antonio da Silueira :
« Se nom derdes a menagem, manda o senhor Gouernador que vos pren- »
« da em ferros. » Elle respondeo : « Ysso me faltaua a mim ser aquy »
« metido em ferros, e em Cochym espancado e ferido. Ora pois assy he, »
« e tomastes este bom encargo de serdes o tronqueiro, fazey vosso of- »
« ficio. » Antonio da Silueira chamou polo meirinho da galé, que logo veo com hum grosso grilhão, que o Gouernador se assentou, e lho deitou, dizendo : « Deita esses, e outros mais, que mais merece o trédor »
« de Pero Mascarenhas. » Aleuantando as mãos, e olhos com lagrimas, ao ceo, [1] * disse * : « Senhor, mais mereço por meus pecados, com que »
« a ti só tenho offendido. » O meirinho com trouação tremiãolhe as mãos. Disse o Gouernador 'Antonio da Silueira : « Senhor tronqueiro, este »
« vosso criado está trouado ; nom sabe fazer ysto. Vós o fariês melhor. »
Respondeo Antonio da Silueira : « Eu vos lançára esses ferros, se o se- »
« nhor Gouernador mo mandára. Dizey quanto quizerdes, porque essa »
« liberdade tem os presos. » Disse o Gouernador : « Preso, e solto, digo »
« com muyta verdade que som vosso Gouernador, e por vosso Gouer- »
« nador me obedecestes vós, e todolos fidalgos que estão na India, e me »
« mandastes chamar que viesse tomar a gouernança da India, que me »
« ElRey nosso senhor dera ; ao que me mandastes minha socessão e es- »
« tormentos de vossas menagens, e que [2] * puniriês * contra Lopo Vaz, »
« Gouernador que fizestes em minha ausencia. Aquy onde estou digo, »
« que se veo outra prouisão d'ElRey em contrairo, que me tirou o que »
« me deu e o deu a Lopo Vaz, digo que obedecerey muy enteiramen- »
« te ; e pera ysso nom ha necessidade de menagem nem ferros. Mas se »
« tal nom he, pera que he mostrar tanto mal contra mim, que aquy es- »

[1] * dizendo * Autogr. [2] * punariês * Id.

«tou hum só homem, que a ninguem tenho feito mal em toda a India,»
«senão a mouros, por seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor. E sen-»
«do ysto verdade me tendes metido em ferros pera me justiçar. Agora»
«venha o pregão; veremos a causa.» Respondeo Antonio da Silueira:
«A causa he d'antre vós e o Gouernador, que já diz que em Cananor se»
«determinará.» Disse o Gouernador: «Ora assy seja; que quem fizer»
«o erro n'este mundo o pagará no outro, se n'este nom ouver o pago.»
«N'este mundo *vos accusão* as menagens que m'empenhastes, e no»
«outro os juramentos que a Deos jurastes, e tendes manifestamente er-»
«rado. Eu fuy o Mousés que estaua com Deos tomando a ley no ser-»
«uiço de Bintão; e porque tardey fizestes bezerro que adorastes, e lhe»
«chamaes Gouernador. E pois assy he, se nom tendes mais que em»
«mim 'xecutar, mandaime leuar, que eu nom posso andar. E se por»
«meus erros tenho perdida a fazenda ahy está n'esse catur quanta te-»
«nho. Fazey d'ella o que quiserdes.»

Foy tomado por dous homens e metido na galeota, onde Simão de Mello lhe dixe entrando: «Senhor, obedecey a esta roda da fortuna.» Ao que elle nada respondeo; e Antonio da Silueira dixe aos do catur que se fossem com a galeota pera lhe darem o que ouvesse mester; os quaes forão á galeota e o Gouernador nom quis mais que hum só moço que o seruisse, com hum barril d'agoa, e conserua, que nom quis mais.

E disse a Bastião de Faria, dono do catur, que se fosse pera sua casa, e que seu fato lhe gardasse, se lho nom tomassem, e que olhasse e fosse testimunha como hia metido em ferros, entregue em mãos de seus imigos «que se quiserem me podem deitar ao mar de cabeça, com que»
«Lopo Vaz ficará mais á sua vontade na gouernança da India que me»
«tem tomada, sendo meu sudito per fé de juramento e menagem, e usan-»
«do de poderes tyraniqos me [1] *faz* os males que todos vedes.» Com que se despedio, e forão á vela com o recado, que foy dado na cidade a Lopo Vaz, que já Pero Mascarenhas estaua preso em ferros. Ouve grandes aluoroços em toda a cidade, com armas e ajuntamentos, em tanta maneyra que Lopo Vaz se temeo que o prendessem, e nom sayo fora de suas casas, em que estaua recolhido com os de sua valia. Polo *que* logo á pressa mandou Fernão de Moraes, em huma carauella latina em que an-

[1] *mas* Autogr.

daua, que fosse tomar e leuar o Gouernador a Cananor, e que o entregasse a dom Simão assy polo regimento que leuaua Simão de Mello, a que esereueo que lho entregasse e logo se tornasse pera Goa. O que Fernão de Moraes assy o fez com muyta deligencia, que chegando á [1] * galé vio * que a galeota passaua dos ilheos, após elle tirandolhe tiros; com que a galeota agardou, e chegando Fernão de Moraes lhe deu o recado que leuaua, com * que * tomadas as velas a carauella chegou com a proa á popa da galeota, e os marinheiros tomarão em braços o Gouernador e o meterão na carauella. Ao que elle disse: « Andão comigo d'Arodes » « pera Pilatos. » Fernão de Moraes lhe disse: « Senhor, de mim vos nom » « queixeys, porque faço o que me mandão. » Disse o Gouernador: « Fa- » « zeys o contrairo do que tendes jurado e assinado, vós, e Simão de » « Mello, e quantos estão em Goa. Leuaime onde quiserdes, que ysto al- » « gum fim ha d'auer. » Simão de Mello tornado a Goa, e Antonio da Silueira na galé, que em Goa souberão que já o Gouernador hia na carauella ao entregar em Cananor, como quer que em Goa nom auia pessoa principal que se n'esta cousa nom encarregasse, cada hum repousou de sua furia, vendo que nom podião fazer o que era necessario a tamanho caso, e tudo fiqou apagado do que era d'antes; com que Lopo Vaz fiqou descansado e seguro em sua gouernança.

Fernão de Moraes em dous dias chegou a Cananor de noite, e sendo menhã desembarqou o Gouernador, e se foy a terra, onde os do catur que erão chegados primeyro tinhão contado o que passara, e o Gouernador lhe leuauão a entregar. Dom Simão tomou muyto pesar, dizendo que elle fizera erro em deixar o Gouernador passar a Goa, que nom cuidára que tal lhe fizessem; e vendo o batel da carauella chegado ao caez se foy lá com toda a gente, e mandou leuar cadeiras em que se assentou, e foy á borda d'agoa receber o Gouernador, que desembarcarão em braços e o leuarão dentro da porta e o assentarão em huma cadeira; e dom Simão assentado, Fernão de Moraes lhe disse: « Senhor, » « aquy vos entrego o senhor Pero Mascarenhas preso em ferros per man- » « dado do senhor Gouernador Lopo Vaz, que per este seu mandado me » « manda que volo entregue e d'ysso lhe leue vosso assinado de como » « o assy recebeys. »

[1] * gale que vio * Autogr.

Dom Simão, muy agastado, lhe disse: «Lopo Vaz nom achou ou-» «tro mais geitoso pera tronqueiro senão eu, e pois assy he, e vós sois» «o alcayde que trazeys o preso, sois obrigado a me dizer o delito do» «preso, pera assy eu o bem gardar.» Disse Fernão de Moraes: «A» «causa de sua prisão mande vossa mercê perguntar ao juiz que o pren-» «de, que eu nom sey mais que entregaremmo preso com este [1] * man-» «dàdo * que volo viesse entregar, e d'ysso leuasse assinado de vossa» «mercê.» Dom Simão lhe disse: «E se eu o nom quiser receber, nem» «dar o assinado, que farês?» Respondeo Fernão de Moraes: «Senhor,» «eu tenho comprido o que me foy mandado; agora estou aquy n'esta» «forteleza d'ElRey nosso senhor, de que vossa mercê he capitão, em» «que eu farey o que me mandar.»

Dom Simão, falando com todos, dixe: «Lopo Vaz fez de mim Pi-» «latos. Polo que digo que nom vejo n'este homem causa porque deua» «morrer; pois este homem he o senhor Pero Mascarenhas, que ElRey» «nosso senhor, per sua socessão que todos vimos com nossos olhos, o» «fez Gouernador da India, e por tal o jurámos e obedecemos, e depois» «atégora * não * vimos prouisão d'ElRey nosso senhor que ysto lhe tor-» «nasse a tirar nem desfazer. E com esta gouernança, que lhe ElRey» «nosso senhor deu, lhe fez logo começo em hum tão assinado seruiço» «como foy o feito da tomada de Bintão, que he hum dos móres que se» «fizerão na India; em satisfação do qual, chegando a Cochym com os» «homens feridos e aleijados do feito, foy per Afonso Mexia ferido e espan-» «cado, hindo a terra pera ouvir missa com humas contas na mão. Ago-» «ra o vejo preso, carregado de ferros; o que se nom pode fazer senão» «com merecimento de logo lhe cortar a cabeça. Eu bem o podia nom o» «receber se quigesse; mas hey medo que se o leuarem a outra parte» «farão d'elle mais mau pezar, ou lhe darão morte dessimulada; e por» «atalhar aos males que entendo, o receberey e farey muyto o que deuo.» Então deu a Fernão de Moraes hum assinado feito por sua mão, dizendo que Fernão de Moraes lh'entregara Pero Mascarenhas, Gouernador da India, preso carregado de ferros por mandado de Lopo Vaz, e d'elle daria conta a todo tempo que lho pedissem. Com que despedio Fernão de Moraes, e recolheo o Gouernador, e lhe tirou os ferros, e aposentou comsigo com a honra que merecia por ser quem era.

[1] * mando * Autogr.

Christouão de Sousa, capitão de Chaul, auendo enformação per Vicente Pegado, que se foy lá estar com elle, porque Christouão de Sousa era fidalgo nobre e largo de condição, que agasalhaua muytos fidalgos com que gastaua muy largo, e daua grande mesa, o que fazia por sua condição, e mórmente porque queria ter muyta gente, por a certa noua que auião de passarem rumes este anno á India, polo que tinha na forteleza mais de quinhentos homens, muy limpa gente, porque lhe fazia bons pagamentos; o qual sendo enformado por Vicente Pegado do modo em que se punha Afonso Mexia de conseruar Lopo Vaz na gouernança da India polo nouo aluará que viera, em que ElRey mandaua que as velhas socessões se tornassem ao Reyno, e d'ellas se nom usasse, e que Lopo Vaz gouernasse até chegarem as nouas socessões; o Christouão de Sousa ysto logo reprochou, dizendo que a socessão de Pero Mascarenhas estaua válida e apossada, por ser aberta e obedecida segundo regimento, e a prouisão d'ElRey lhe nom perjudicaua, porque nom chamaua senão as socessões que estauão çarradas, e que a prouisão d'ElRey, que dizia que gouernasse Lopo Vaz até chegarem as socessões nouas, fòra valiosa se Pero Mascarenhas fòra morto e as socessões nouas nom fossem chegadas; que ElRey o mandaua assy porque se nom abrissem as socessões velhas; e por este direito caminho se auião de fazer estas cousas, e polo contrairo seria grande erro, que causaria grande diuisão, chegando á India Pero Mascarenhas, de Malaca, que vinha feito perfeito Gouernador. O que muyto praticauão, e muytos tinhão opiniões differentes. Dizia Christouão de Sousa que a certa perdição da India seria se tal contenda ouvesse na India, estando agardando por rumes; que competindo Lopo Vaz e Pero Mascarenhas nom aueria prouimento d'armada tão grande [1] * quanto * compria que ouvesse pera tamanho poder, como se dizia que trazião os rumes; polo que muyto compria tudo cessar e se fazer o apercebimento pera os rumes; e [2] * por * ysto pera o melhor remedio compria que chegando Pero Mascarenhas, de Malaca, logo com elle Lopo Vaz se pusesse em justiça, e o determinassem dez ou doze fidalgos, os principaes da India, em tal modo que logo tudo ficasse quieto e apagado, porque o Gouernador que fosse entendesse no apercebimento dos rumes, que tanto compria: o que assy parecia bem a todos.

[1] * que * Autogr. [2] * e porque * Id.

Mas chegando nouas a Chaul do que em Cochym Afonso Mexia fizera a Pero Mascarenhas, toda a gente se muyto escandalizou, e profaçarão e praguejarão muyto de tal cousa, de que se esperaua que muyto pior seria em Goa, onde Lopo Vaz estaua apossado Gouernador. O que Christouão de Sousa dizia que tal nom seria, porque em Goa estauão tantos e tão nobres fidalgos que nom consentirião que Lopo Vaz fizesse forças nem poderes ossolutos contra Pero Mascarenhas. E por parecer bem, sobre esta sostancia Christouão de Sousa escreueo huma carta a Lopo Vaz, que mandou a Francisco de Sousa Tauares, que estaua em Goa, que a désse a Lopo Vaz, e lhe escreueo a sostancia sobre que lha escreuia; que lhe chegou de Chaul depois de assy Pero Mascarenhas ser leuado preso; e na carta de Lopo Vaz dizia ser espantado muyto d'elle, esperandose por rumes que cada hora batessem á porta, que trazião tamanho poder como se dizia, e sendo nós tão pouqos, que estiuessem diuididos e apartados, contrairos huns dos outros, que quando fosse tempo de tomar as armas contra nossos imigos, então se ajuntassem em capitanias desuairadas, querendo huns obedecer a elle que estaua com a gouernança, e outros querendo obedecer a Pero Mascarenhas, primeyro feito e obedecido por Gouernador; n'aquella contenda e diuisão estaria a gente contendendo, e nossos imigos entrando, matando a fogo e sangue; que tudo ysto olhasse com olhos d'alma o que deuia a Deos e a ElRey nosso senhor, na qual obrigação estauão todolos fidalgos da India; que por tanto muyto compria elle se pôr em direito com Pero Mascarenhas, e ser assentada determinação qual era Gouernador, pera tomar o cuidado no grande apercebimento que compria se fazer contra os rumes, que podião chegar sobre nós em mayo ou setembro: o que lhe muyto requeria que n'ysto se determinasse, porque elle lhe notificaua que elle com sua forteleza e gente que tinha, e quanta pera elle se fosse, nom auia d'obedecer senão a qualquer d'elles que obedecesse á justiça d'ElRey nosso senhor, e ser contrairo ao que o nom fizesse.

Vista esta carta por Lopo Vaz, achouse muy enliado e salteado do que elle cuidaua, e mais porque soube que Christouão de Sousa esta sostancia escreuia a outros fidalgos seus amigos, a que auião de parecer bem as taes palauras e mostrar esta carta a seus amigos, que todos ficárão assy vendo a tenção em que estaua Christouão de Sousa; e porque sua principal causa era accusar o grande inconueniente que era estarem

as gentes disconcordes, e por ysso o prouimento contra os rumes se perdia, assentarão que Lopo Vaz noteficasse a Christouão de Sousa que já Pero Mascarenhas estaua preso em Cananor sem união, e todos os que por elle contendião já estauão amansados e fora de suas teimas, e todos estauão quietos, mansos sò seu mando, e o obedecião como Gouernador que era. E praticado ysto antre sy assentarão que alguns de sua quadrilha o escreuessem a Christouão de Sousa, pera d'elle auerem reposta, pera saber que tenção tinha e *se* estaua satisfeito com a prisão de Pero Mascarenhas, com que tudo estaua amansado sem trabalhos das gentes; pois esta era a sua principal accusação. O que assy foy feito e per cartas todo notificado a Christouão de Sousa, o qual respondeo a seus amigos, e o escreueo a alguns que o falassem com Lopo Vaz, e lhes dizia que estaua muy espantado de hum tamanho mal ser soffrido e comportado de tão nobres fidalgos, como estauão em Goa, nom entenderem o erro que tinhão feito a suas obrigações, ante Deos per seus juramentos, e a ElRey per suas menagens, pois ninguem lhas tinha aleuantadas, nem elles estauão desobrigados da obediencia que tinhão dado a Pero Mascarenhas, pois ninguem tinha desfeito Pero Mascarenhas de Gouernador, que o era por verdadeyra socessão d'ElRey, que nom auia quem o desfizesse, senão auendo patente d'ElRey que dixesse que fazia Lopo Vaz Gouernador da India, sem embargo de ser Gouernador Pero Mascarenhas per sua socessão. E porque tal patente nom era apresentada, Pero Mascarenhas estaua perfeito Gouernador, e o seria com toda' verdade em quanto nom fosse desfeito por ElRey per esta maneyra; e que por tanto cada hum entendesse o que quigesse, que elle assy o entendia, e ysso auia de soster; e por cima de tudo lhe muyto mal parecia o mal que era feito a Pero Mascarenhas em Cochym, e muyto pior em Goa, carregado de ferros e preso, sem ter feito nenhum mal por que tal merecesse; que certamente se presente se achára, tanto o amoestára a Lopo Vaz, e com taes rezões, que o frade nom pregara no pulpeto e casa de Deos taes cousas como pregou. E pois que tudo estaua como estaua cada hum daria conta de seu erro; o que elle assy faria do seu, se estaua errado; e este seu parecer assy como o tinha o nom escreueria a Pero Mascarenhas, que seria dobrarlhe seu mal, mas lhe auia d'escreuer outras palauras de consolação a seus tamanhos males, nom lhe negando a verdade do que entendia. O que Christouão de Sousa assy o fez, que escreueo

a Pero Mascarenhas, e da sostancia da carta deu conta * a * alguns seus amigos, porque vissem que elle nom queria perturbar nada do assessego em que as cousas estauão. E dizia na carta :

« Senhor, fuy sabedor de vossos martyrios que tendes passado depois de vossa chegada, de que tenho o pesar que a rezão me obriga per nossa boa amizade de tanto tempo ; aos quaes trabalhos nom tenho consolação que lhe escreuer, porque tenho sabido que elle tem tomado o direito caminho de saluação, que he com toda mansidão e paciencia soffrer as semrezões, pedindo justiça, a qual, se na terra lhe for denegada, perfeitamente achará no ceo, e ante ElRey nosso senhor com gratissima mercê por tão grande seruiço como lhe faz, em este presente tempo estar soffrindo tamanho trabalho ; pois por sua tanta paciencia e soffrimento, causado de grande siso e bondade, está quieto o pouo da India, entendendo no apercebimento que compre pera o recebimento d'estes imigos, que se vierem Nosso Senhor sabe o que será, e nom vindo ficará o tempo espaçado * pera * vossa senhoria requerer sua justiça, que lhe será muy guardada quanto a minha parte, segundo o que entender ; sem embargo de que tenho visto que he a vontade de Sua Alteza querer que Lopo Vaz fosse Gouernador per falecimento de dom Anrique, pola qual tenção d'El-Rey, que assy muytos entendem, n'ysso acupão o entendimento, em que lhe nom entra outro nenhum parecer d'outra cousa. Mas tenha confiança em Deos que ninguem lhe tomará o que for seu; como pedir sua justiça com mansidão, auendo disposição do tempo pera ysso. N'ysto, senhor, faça assento vosso coração, e nom lhe fação demouimentos conselhos d'homens opiniatigos, porque nom aja por bons amigos os que o contrairo d'ysto lhe aconselharem, que será contra vossa honra e justiça. Estou prestes pera o seruir no que me mandar, nom sendo cousa de sua contenda, pola rezão que acima digo [1]. »

Com a qual carta Pero Mascarenhas fiqou muy satisfeito, vendo que Christouão de Sousa nom auia sua prisão por boa, sómente por a gente da India estar em paz, mas que passado o inconueniente dos rumes o aju-

[1] Não se ajusta esta carta com a que vem em Castanh. *Hist. da Ind.* Liv. VII, Cap. XXXI. Na publicada por aquelle escriptor, tambem contemporaneo, e precedida de outra para Lopo Vaz, mostra-se Christovão de Sousa menos inclinado a Pero Mascarenhas do que ao seu competidor.

daria a pedir sua justiça ácerqa de sua gouernança. E dom Simão, assy incitado per outra carta que lhe escreueo Christouão de Sousa, assentou em sy dar a obediencia a Pero Mascarenhas de Gouernador, e auendo tempo requerer que Lopo Vaz se pusesse em direito com Pero Mascarenhas, e se visse qual o era per direito, e a esse obedecer por se desobrigar.

Lopo Vaz com ter preso Pero Mascarenhas se ouve por seguro em sua gouernança, e se mostrou muy poderoso, e mandou apregoar, sô pena de morte, que nenhuma pessoa mais nom nomeasse Pero Mascarenhas por Gouernador, nem menos lhe désse nenhum requerimento seu, sómente o dessem ao sacretario, que per elle responderia; o que assy fez porque hum Dinis Fernandes, tabellião, lhe dera hum requerimento de Pero Mascarenhas, que elle rompeo sem responder, e fogio o tabellião que o nom puderão achar, que juraua que logo o ouvera de mandar enforcar. Do qual requerimento era a sostancia lhe requerer que com elle se pusesse em justiça, per muy apontadas rezões e palauras, que o Lopo Vaz entendeo que erão ajudadas per dom Simão e com seu fauor; contra o qual falou palauras agastadas, dizendo que quando os presos falauão mal contra os julgadores os carcereiros tinhão a culpa, que lho consentião e merecião a pena; e falou outras cousas demasiadas, que forão escritas a dom Simão, de que elle ouve muyta paixão, e falou logo o que quis, dizendo que elle só lhe faria que obedecesse á justiça d'ElRey nosso senhor, e que em que lhe pês se auia de pôr em direito com Pero Mascarenhas, que estaua feito perfeito Gouernador, e que com falsidades d'Afonso Mexia e de Lopo Vaz nom auião de tirar a gouernança a Pero Mascarenhas. Com o qual impetu logo assentou obedecer e aleuantar por Gouernador a Pero Mascarenhas, como adiante direy.

Heytor da Silueira era o mais abalisado homem que auia em Goa antre os principaes, e era muyto apretado de todos os amigos de Pero Mascarenhas que tomasse esta cousa a seu cargo, ao que todos serião com elle; que fizesse com Lopo Vaz que se pusesse a direito com Pero Mascarenhas. Do que elle se nom escusaua por nom perder o credito que todos n'elle tinhão, nem se entremettia muyto nas cousas, esperando que mais se descobrissem casos de que elle mais se apegasse; e estaua assy pairando o tempo, porque Lopo Vaz se mostraua muyto seu amigo, e lhe fazia muytas mercês, e lhe mandaua pagar mil cruzados d'ordenado, mas

comtudo lhe nom tinha boa vontade. E por ter rezão de quebrar com elle lhe pedio que lhe désse pera seu primo Diogo da Silueira a capitania de Malaca, em que estaua Jorge Cabral, que lhe podia dar, pois era Gouernador, e Diogo da Silueira tinha pera ysso merecimento. Lopo Vaz se escusou, dizendo que Pero Mascarenhas com mão de Gouernador * a * dera a Jorge Cabral, que assy tinha bom merecimento, e que lha nom podia tirar, e que mórmente o nom podia fazer porque, se lá fosse Diogo da [1] * Silueira, Jorge Cabral o nom * obedeceria, por assy estar diuiso com Pero Mascarenhas, e em Malaca se aleuantaria outra união, porque Jorge Cabral aueria sua posse por boa, e nom obedeceria senão a prouisão d'ElRey; que por tanto lhe perdoasse o nom prouêr; que outra cousa aueria em que lhe fizesse mercê tão boa como a que pedia. Então Heytor da Silueira lhe pedio que mandasse Pero de Faria pera Malaca, que estaua prouido por ElRey, e a capitania de Goa, que tinha Pero de Faria, a désse a Diogo da Silueira. Do que tambem Lopo Vaz se escusou, porque Pero de Faria era grande seu amigo, e tinha n'elle grande ajudoyro nos debates em que estaua com Pero Mascarenhas, e respondeo a Heytor da Silueira que o tempo pera entrar Pero de Faria em Malaca nom era inda comprido, e Jorge Cabral nom obedeceria á prouisão, por assy ser falta em tempo; e que tiralo da capitania da cidade, que lhe dera, nom auia rezão pera o fazer, porque elle com a gouernança que tinha nas mãos nom auia de fazer nenhuma contrajustiça; e por tanto lhe pesaua pedirlhe cousas que nom podia fazer com direita justiça, que muyto esperaua guardar. D'esta palaura lançou mão Heytor da Silueira, que achou boa pera a tenção que tinha de quebrar com Lopo Vaz, e lhe respondeo: «Senhor, muyto folgo verlhe tão santa incrina-» «ção como diz que fará e guardará enteira justiça, que he bem ao con-» «trairo do que homens maldizentes falão, dizendo que nom guardará» «vossa senhoria direita justiça ao Gouernador Pero Mascarenhas.» Lopo Vaz entendeo a cousa, e lhe respondeo: «Eu farey toda direita justiça» «a Pero Mascarenhas de quantos ma elle pedir, senão d'Afonso Mexia,» «que he védor da fazenda, com que eu nom posso entender, per suas» «grandes prouisões que tem d'ElRey nosso senhor; e se elle fez erro» «contra Pero Mascarenhas vá ao Reyno pedir sua justiça a ElRey, e»

[1] * Silueira com Jorge Cabral a nom * Autogr.

«de mim tambem, que diz que lhe tenho a sua gouernança da India»
«tomada forçosamente.» Heytor da Silueira lhe respondeo: «Nom dirá»
«Pero Mascarenhas tal, se lhe forem mostradas as prouisões de vossa»
«senhoria.» O Lopo Vaz mais agastado lhe respondeo: «E se eu mi-»
«nhas prouisões lhe nom quiser mostrar, nem a elle nem a ninguem,»
«que será?» Heytor da Silueira lhe respondeo: «Se vossa senhoria as»
«nom quiser mostrar, e fazer comprimento de sy, logo nom quererá»
«guardar justiça, como me respondeo que auia de guardar; com o»
«que dá causa aos homens tomarem opinião que nom são boas contra»
«a socessão de Pero Mascarenhas.» Lopo Vaz se aleuantou e lhe disse:
«Tomai vós o parecer d'esses e vereys o que d'ahy achaes.» O Heytor
da Silueira lhe disse: «Senhor, nom vos agasteys, que vos prometo,»
«como quem som, que nada n'essa cousa vos peça senão que guardeys»
«direita justiça. E nom auerá fidalgo em Goa que outra cousa vos pe-»
«ça, e se vola pedirem, e o nom fizerdes, daes ocasião a parecer á»
«gente que tomaes a Pero Mascarenhas sua gouernança. E por tanto»
«veja bem o que lhe compre, porque eu hey de ser em fauor da jus-»
«tiça d'ElRey nosso senhor.» Com que se despedio mostrandose hir menencorio. De que Lopo Vaz fiqou muy agastado d'este desengano que lhe dera Heytor da Silueira e com muyto arreceo, porque se elle tomasse a voz por Pero Mascarenhas, fazendo os fidalgos d'elle cabeça, lhe daria muyto trabalho. Sobre o que assentou, per conselho de seus amigos, tudo dessimular e soffrer e nada romper; em modo que sempre falou a Heytor da Silueira, e a Diogo da Silueira, e dom Antonio da Silueira, e a todos com boa graça, mostrando todas boas vontades onde quer que os topaua, que erão pouqas vezes, porque Heytor da Silueira nom hia acompanhar Lopo Vaz como de primeyro fazia, e ao domingo pera hir á igreija nom saya de casa senão quando sabia que Lopo Vaz já era saydo de casa.

Passandose estas cousas, tudo era escrito a Cananor ao Gouernador per seus amigos, e postoque Lopo Vaz muytas d'estas cartas tomou, nom sabia de quem erão porque nom leuauão sinaes.

Dom Simão, vendo as cartas de Goa e como a cousa estaua em caminho de se fazer o que compria ao estado da India, e que Christouão de Sousa estaua no direito caminho de fazer a Lopo Vaz pôr em direito com Pero Mascarenhas, hum domingo, acabada a missa onde estaua to-

da a gente, sayndo todos acompanhando com dom [1] * Simão, chegando * á porta da forteleza tomou as chaues na mão, e falando com Pero Mascarenhas, que com elle hia, lhe dixe : « Senhor, vossa senhoria he ver-» « dadeyro Gouernador da India, e por tal vos conheço e obedeci quan-» « do n'esta forteleza foy aberta e pobricada vossa carta de socessão, em » « que ElRey nosso senhor vos fez Gouernador da India, que per todo-» « los fidalgos fostes obedecido por Gouernador. E porque d'então até » « 'gora nom tenho visto outra alguma prouisão d'ElRey nosso senhor » « que vos desfaça de Gouernador, digo que por Gouernador da India » « vos tenho obedecido, e d'agora em todo e per todo vos obedeço por » « Gouernador da India com esta forteleza e minha pessoa com toda esta » « gente, pera vos seruir pera o enxalçamento do estado d'ElRey nosso » « senhor. » Pero Mascarenhas recebeo e tomou as chaues, dizendo : « Se-» « nhor dom Simão, as chaues com a forteleza vos torno a entregar, » « que d'ella sois capitão feito por ElRey nosso senhor. Polo que vos » « mando e requeiro da parte de Sua Alteza que com ella siruaes a El-» « Rey nosso senhor, e com ella fauoreçaes e ajudeys 'acrecentar e sos-» « ter o estado d'ElRey nosso senhor, fauorecendo sua real justiça, que » « a todos farês guardar com todas vossas forças e poder, e sereys con-» « tra aquelles que o contrairo fizerem. » Com que assy fiqou de nouo feito Gouernador Pero Mascarenhas.

Logo o Gouernador formou hum requerimento por escrito muy apontado, pedindo a Lopo Vaz que se pusesse em direito com elle, e se determinasse por seus papés qual era Gouernador ; porque se ElRey o tornara a desfazer se hiria ao Reyno pedir a ElRey sua satisfação. E ysto formado com muy cortezes palauras, sem mostrar escandolo nenhum nem falar em sua prisão ; e lhe mandou este requerimento per hum Dinis Camello, o qual o deu a Lopo Vaz, que se mostrou muy indinado contra elle ; e com boas desculpas se acolheo e fogio sem agardar mais, porque Lopo Vaz defendeo que ninguem lhe désse requerimento, sómente o dessem 'Antonio Riquo, sacretario, que responderia ; e soltou palauras muy agastadas contra dom Simão per assy dar a obediencia a Pero Mascarenhas ; e mandou apregoar que, sô pena de morte, ninguem chamasse Gouernador a Pero Mascarenhas.

[1] * Simão o qual chegando * Autogr.

O Gouernador, vendo já boca d'inuerno, que já por mar nom se podia nauegar, buscou em Cananor homens christãos da terra casados, a que deu muyto dinheiro, que como patamares lhe leuassem cartas a Cochym, e a Goa, e a Chaul a Christouão de Sousa, e a Cochym a Jorge Mascarenhas, que Afonso Mexia prendera em ferros, que já contey, e como entrou o inuerno o soltou na forteleza em sua menagem, donde fogio e se colheo a casa d'ElRey de Cochym, onde sempre esteue, que ElRey o nunqua quis dar, que Afonso Mexia lho pedia. Do que ElRey com sua menencoria lhe dizia palauras agastadas, e que, se soubera a verdade, elle fora estar fóra na praya quando Pero Mascarenhas desembarcou, e que ninguem lhe fizera mal. Ao que Afonso Mexia lhe daua rezões que elle nom queria ouvir, porque Jorge Mascarenhas contaua a ElRey toda a verdade do mal que Afonso Mexia ordenára contra Pero Mascarenhas; e tambem a ysto * ajudauão * Ruy Lopes Chanoca, e Simão Toscano, que erão da criação de Pero Mascarenhas, que com muyta dessimulação pairauão com Afonso Mexia suas cousas porque lhes nom fizesse mal, e quando lhes Afonso Mexia falaua nas cousas de Pero Mascarenhas lhe dizião que o ouvissem de sua justiça, e nom lhe dessem a sentença e mandassem o caso a Portugal. Afonso Mexia dizia que assy era o propio bem de tudo, mas que Pero Mascarenhas pedia que o ouuissem e lhe julgassem o caso, e lhe dessem a gouernança, se fosse sua; o que se nom podia fazer sem grandes males, porque Lopo Vaz estaua em posse da gouernança, e a nom largaria por quanta justiça tiuesse Pero Mascarenhas, e que elle assy lho aconselhaua que sobre a honra morresse. Com o que elles outorgauão, dizendo que cada hum era obrigado a defender sua casa.

O Gouernador escreueo muytas cartas a Heytor da Silueira e aos principaes fidalgos que estauão em Goa, e assy a Chaul a Christouão de Sousa, a todos pedindo que como nobres que erão, em que ElRey tinha descanço confiando que ajudauão a soster seu estado, de que o corpo era sua real justiça, a qual nom sendo guardada tudo viria em perdição, * o fauorecessem *, que elle pedia justiça e que Lopo Vaz lha denegaua; que era que fossem vistos seus papés d'ambos, e que se ElRey lhe tirára o que lhe tinha dado se hiria a Portugal pedir a ElRey o que lhe deuesse, pera o que lhe compria leuar seus papés, mostrando que nom fòra negrigente em nom pedir sua justiça, que lhe compria requerer com muy-

tos requerimentos e protestos, por nom ficar com tamanha quebra de sua honra *como era* tirarlhe ElRey a gouernança da India, que lhe dera sem lha pedir, que era tão grande cousa como todos vião; sobre o que forçadamente auia de a todos requerer que fizessem a Lopo Vaz que com elle se pusesse em justiça; o que elle nom querendo fazer logo elles verião que Lopo Vaz nom tinha justiça, pois nom queria usar d'ella, e ficaua descoberto tyranicamente, como aleuantado, querer usar de poder osoluto com que gouernasse a India; o que era hum tamanho insulto que elles per suas honras nom deuião de consentir, porque ElRey nom perdesse a confiança que n'elles tinha tamanha, que antre elles estauão alguns que ElRey teria nomeados por Gouernadores da India. E portanto a todos muyto compria fazerem a Lopo Vaz obedecer á real justiça d'ElRey nosso senhor; que portanto, pois elle recramaua e pedia justiça, o ajudassem e fizessem com Lopo Vaz estar com elle a direito, e se a gouernança fosse sua d'ysso leuaria seus papés, com que se hiria a ElRey pedir sua satisfação.

O que a todos os fidalgos pareceo muyto bem o que Pero Mascarenhas dizia, affirmando que todos erão muyto obrigados a fazer o que lhes o Gouernador pedia, que era direito Gouernador, pois ElRey o nom desfizera do que tinha feito; approuando que quem nom tinha justiça a nom queria guardar, e que dom Simão tinha bem acertado no que fizera em dar a obediencia a Pero Mascarenhas, pois o jurara por Gouernador quando fora nomeado na abertura da socessão em Cananor.

As quaes sostancias muyto engrandecerão a opinião d'Heytor da Silueira, que se tinha em conta do principal da India, que com o odio que já tinha a Lopo Vaz muyto fauoreceo com palauras as cousas de Pero Mascarenhas, com que então muyto se aluoraçarão contra Lopo Vaz, e de noite lhe cantauão: « Rey que nom guarda justiça nom ha de reynar, e em outra cousa nom deues confiar. » Com que Lopo Vaz foy muy agastado, porque elle ouve ás mãos muytas d'estas cartas, em que via que Pero Mascarenhas pedia verdade, o que causára a dom Simão o soltar e lhe obedecer por Gouernador, o que assy auia de parecer bem a todos os fidalgos da India; mas elle, com a cegueira da cobiça de tanta honra e proueito como era a gouernança da India, assentou com seus amigos de se soster na gouernança em que estaua de posse, e sobre ysto morrer a torto ou a direito, mostrandose muy poderoso contra todos os que

lho contradixessem. Polo que andaua secretamente armado com muytos de sua guardá, em que trazia espingardeiros, acompanhado com os de sua valia a cauallo, com lanças e adargas.

Christouão de Sousa em Chaul, vendo as cartas do Gouernador e suas palauras tão chegadas á verdade no direito ponto da justiça, onde Vicente Pegado muyto ajudaua, todos concederão com Pero Mascarenhas, vendo tambem muytas cartas que forão de Goa, que muyto ajudauão.

O Gouernador após estas cartas mandou requerimentos a Lopo Vaz, e outro aos fidalgos, e outro á camara de Goa, e outro a Christouão de Sousa; a Lopo Vaz requerendo que se pusesse com elle em direito e justiça, e aos fidalgos requeria que lho fizessem fazer, e se o nom [1] * fizesse * o nom obedecessem por Gouernador como obedecião, pois usaua de tyrania; relatando nos estormentos que olhassem bem o que Lopo Vaz fazia, e o que elles erão obrigados a Deos per grandes juramentos, e a ElRey por menagens e obrigação de suas honras; ysto com grandes apontamentos que elles sabião em verdade que elle era perfeito Gouernador da India pela socessão d'ElRey, que todos virão com seus olhos e a obedecerão, e pera gouernar a India o mandarão chamar a Malaca, onde estaua em seu repouso, e logo se ordenou vir seruir sua gouernança, e partido de Malaca lhe faltara o tempo pera nauegar, permitido por Deos pera lhe hir fazer o seruiço de Bintão em ponição dos imigos de sua santa fé, que foy tão immenso trabalho como todos sabião, que custara tantas vidas, de mortes e aleijões dos que lá forão; dos quaes trazendo os feridos e aleijados partira de Malaca em dous nauios carregados de fazenda d'ElRey, que se hião ao fundo com bomba; chegando a Cochym casy afogado, Afonso Mexia, que Lopo Vaz fizera capitão, o recebeo como lhe elle deixára per regimento, que desembarcando pera hir vêr Deos, com humas contas na mão, vestido em hum sáyo de mangas çarrado por diante, sem espada, nem páo, nem pedra, nem os que com elle hião, Afonso Mexia lhe tolhera a terra que nom desembarcasse, e como tredor ás lançadas, com arrepique de sino, o ferira e espancara e aos que com elle hião, os tornando a fazer embarcar com agoa polos peitos; com o que se fôra a Goa pera se queixar, onde Lopo Vaz lhe fizera muyto pior, estando com guardas e vigias de nauios no mar com gente armada,

[1] * fizessem * Autog.

tomadas as barras como se esperasse por rumes, onde no mar, chegando em hum catur com seus moços e dous homens, fòra preso, carregado de ferros, e mandado a Cananor; que tudo ysto elles o bem sabião, que deuião obrigar Lopo Vaz que désse conta porque o tal fizera, vindo elle a lhe obedecer como a Gouernador, que dizia que era feito por ElRey depois d'elle, que o desfazia de Gouernador; o que se assy era se visse, e se assy fosse nom fòra mais que tirar seus papés, com que fosse a ElRey pedir sua satisfação; que elle outra cousa nom queria nem pedia; o que Lopo Vaz nom queria obedecer, sem nenhum temor da pena que [1] * merecia por nom * guardar a real justiça d'ElRey, mas usando contra ella como tyrano aleuantado.

E com ysto outras muytas sostancias muy chegadas á direita justiça e toda rezão, muyto obrigando e tudo encarregando sobre os fidalgos com grandes protestos, e mórmente a Christouão de Sousa, que estaua poderoso com gente e forteleza d'ElRey, que ficaria mais culpado se no caso nom pusesse suas forças.

N'este tempo derão certificadas nouas em Chaul a Christouão de Sousa que Soleimão, capitão dos rumes, fòra morto pelos propios rumes, em huma briga que ouverão huns com outros na cidade de Judá, onde 'armada estaua já prestes, que vinha de caminho pera passar á India, polo qual feito do Soleimão morto e muytos rumes, a peleja foy tamanha que huns aos outros se matarão casy ametade, com que 'armada fiqou desbaratada em modo que se tornou a Suez; com que nom passarião á India já este anno. Da qual noua foy certificado per mercadores naturaes de Chaul, que vierão do Estreito em suas naos; e tendo assy estas nouas chegado a Chaul, Francisco Mendes de Vascogoncellos, que certifiqou que dom Simão dera a obediencia de nouo ao Gouernador Pero Mascarenhas, entendendo que compria com sua obrigação de lealdade e menagem que primeyro tinha dada, e que em Goa per tòdolos fidalgos era approvado que fizera muyto comprimento de verdade do que [2] * deuia, apresentou * a Christouão de Sousa hum requerimento de Pero Mascarenhas, que lhe fazia sobre seu caso, que comprisse com sua obrigação como tinha feito dom Simão, vendo que Lopo Vaz com força tyraniquamente * gouernaua *, sem temor de Deos nem do Rey, e * com * desacatamento de tantos e tão nobres fidalgos como estauão na

[1] * merece nom * Autog. [2] * deuia e apresentou * Id.

India: o que todo era muyto em grande perjuizo de suas honras, dos juramentos e menagens que tinhão feito ao abrir da socessão em que ElRey fizera Gouernador a Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz dizia que era Gouernador per prouisão que desfazia Pero Mascarenhas, a qual nom queria mostrar, nem pôrse em direito, que fosse vista a verdade; que por tanto, pois elle Christouão de Sousa era pessoa tão principal e poderoso com tanta nobre gente em sua poderosa forteleza, lhe requeria que comprisse com sua obrigação, como estaua obrigado per juramento e menagem, e com todo seu poder fosse contra todo aquelle que desobedecesse á justiça d'ElRey nosso senhor; e com ysto outras muytas sostancias, que muyto obrigauão a Christouão de Sousa.

Francisco Mendes antes que partisse de Goa deixou a Heytor da Silueira, e aos officiaes da camara, requerimentos de Pero Mascarenhas, que apresentassem a Lopo Vaz, em que lhe requeria que se pusessem em justiça. Dos quaes requerimentos Lopo Vaz teue aviso per cartas que lhe forão tomadas; mas os fidalgos e todo o pouo estauão muy conformes com os officiaes da camara que todauia Lopo Vaz se pusesse em direito com Pero Mascarenhas, e se acabasse sua deferença, que nom podião assy estar duvidosos. E quando auia pratica pera ysso lho dizião. O que Lopo Vaz nom queria soffrer, dizendo que tal nom faria, auer de fazer duvidosa sua gouernança que lhe ElRey dera, de que estaua de posse de que ninguem o podia tirar senão ElRey que lha dera, e toda a pessoa que tal falasse lhe daria grande castigo; que por tanto erão trabalhos perdidos os requerimentos que sobre ysso lhe fizessem: e com ysto grandes ameaças quando lhe falauão, porque lhe ouvessem medo. Mas os fidalgos lhe dizião que Pero Mascarenhas lhe queria obedecer por Gouernador, sendo vista sua prouisão que era valiosa sobre a sua; e que ysto determinado ficaua tudo em paz; o que se elle nom quigesse fazer, e quigesse usar de poder osuluto, lho nom consentirião, que nom estauão na India fidalgos que lho soffrissem, porque ElRey os nom tiuesse em má conta.

Lopo Vaz, vendo os desenganos dos fidalgos, e sabendo que em suas pousadas e mesas falauão mais largo contra elle, ouve temor que auendo paixão com algum d'elles se aleuantassem contra elle, e per seus conselhos se foy mais emendando de suas ameaças e feros que fazia, e daua mansas respostas, mostrando que gardaria justiça porque toda era sua;

e andaua muy timido e acompanhado dos de sua valia. Do que todo escreuia 'Afonso Mexia, que lhe respondia que visse o que lhe compria, que se com Pero Mascarenhas se punha em direito sem duvida auia de ficar sem gouernança, e ficando fóra e [1] *em* poder de Pero Mascarenhas olhasse que tal ficaua, e quão máo pesar d'elle seria feito; que portanto deuia de morrer antes que largar a honra que tinha nas mãos, e tudo o melhor que pudesse pairasse até chegarem as naos do Reyno, em que podião vir outros [2] *mandados* nouos que tirassem estas contendas; e por em tanto se ajudasse de mercês e larguezas e pagamentos que fizesse, com que amansasse os corações dos que erão contra elle, e fazendo estes bons comprimentos, e dizendo que gardaria justiça, se comtudo alguns fidalgos soberbos o afrontassem usasse com elles de todo rigor até degollar e enforcar, e ás punhaladas matar quem lhe quigesse tirar sua honra.

Com estes conselhos d'Afonso Mexia, Lopo Vaz tornaua a enuerdecer, e como alguma pessoa lhe falaua em Pero Mascarenhas o prendia e mandaua carregar de ferros no tronco e nos castellos dos passos, e tomaua as fazendas; de que o pouo se muyto escandalisaua e lhe punhão cartas e escritos de muy fêas palauras. E Lopo Vaz dizia: «Os ami-» «gos de Pero Mascarenhas nom tem outra vingança senão falar em es-» «critos e escondido vilezas más», que se algum colhera na empreza que viuo o auia de mandar esquartejar.

D'estas cousas os fidalgos se auião por muy afrontados, vendo a muyta soberba com que Lopo Vaz falaua e fazia suas cousas; e todos tinhão muyta vontade contra elle, mas nenhum ousaua de tomar a dianteyra *porque* nom sabia quantos lhe faltarião; mas tanto em crecimento forão as cousas que se ordenarão os fidalgos todos juntos apresentarem a Lopo Vaz o requerimento que Pero Mascarenhas a elles tinha mandado, de que a sostancia era grandes protestos contra todos; que olhassem a obrigação de seus juramentos e menagens que tinhão dadas na sé de Cochym, que era elles nom obedecerem a Lopo Vaz, antes aleuantaremse contra elle quando elle chegasse de Malaca, se logo incontinente lhe nom entregasse a India. E com este requerimento lhe mandou o trelado do auto, e lhes muyto requerendo que comprissem com suas

[1] *sem* Autogr. [2] *mundos* Id.

obrigações, o que se nom fizessem olhassem que ficauão omycidos [1] nas offensas e males contrajustiças, que lhe fazia Lopo Vaz com a posse da gouernança da India, que lhe tomaua tanto contra direito e rezão como elles vião; o que tudo elle ante ElRey contra elles demandaria, pois de tudo erão causadores, porque nom guardauão suas obrigações: e com ysto outras fortes palauras e sustancia que conformarão com suas vontades. Com que todos se ordenarão 'apresentar este requerimento a Lopo Vaz, que visse o que lhe requeria Pero Mascarenhas; ao que elles ajuntarão em seu fauor e ajuda requerendo a Lopo Vaz que se pusesse em direito com Pero Mascarenhas, o que nom querendo fazer logo se mostraua craro elle o nom ter e por ysso o nom fazia; polo que, pois nom tinha direito, tyranicamente nom auia de gouernar a India, porque elles lho nom consentirião, pois a ysso estauão obrigados per juramentos e menagens; na qual obrigação elle mesmo estaua, e daria muyta conta dos males que sobre ysso socedessem; polo que protestauão em comprimento de suas honras se aleuantarem contra elle a fogo e sangue, e contra todos aquelles que nom obedecessem á justiça d'ElRey nosso senhor, o que elle Lopo Vaz mais que todos fazia, e estaua falsado no juramento que tinha feito em liuro missal, em pubrico de todo o pouo da India, que por ysso todos lhe tinhão mortal odio, nom mostrando elle melhor prouisão que a de Pero Mascarenhas: sobre ysso grandes requerimentos e protestos. E por este teor fizerão aos officiaes da camara ordenar outro requerimento que a elles mandara Pero Mascarenhas, e huns e outros dizendo, no cabo dos requerimentos, que com sua reposta d'elle Lopo Vaz se determinarião, e farião o que compria a seruiço de Deos e do real estado d'ElRey nosso senhor, em fauor de sua real justiça; e todos muyto conformes n'esta determinação todos serem presentes, porque Lopo Vaz se nom desmandasse em fazer alguns males. Lopo Vaz foy auisado d'esta cousa, e ouve seu conselho com seus amigos, e assentou ysto remediar com brandura, vendo que podia d'ysso sayr grande mal se n'ysto entendesse com regoridade, e fengiose doente d'acidente e esteue ençarrado até domingo, e foy á missa a são Francisco, que pera ysso estaua concertado com o gordião frei João, castelhano, grande seu amigo, que prégou e no cabo da prégação fez grandes escramações contra as uniões que

[1] Isto é, reus de crime tão grave como o homicidio.

andauão no pouo mal falando da gouernança do Gouernador Lopo Vaz, que estaua presente ; relatando de palaura da prouisão de Lopo Vaz, que trazia na manga, que leo em pubrico, dando muytas rezões approuando que Lopo Vaz era verdadeyro Gouernador, e desfeito Pero Mascarenhas, polo que todolas pessoas que n'ysso falauão contra Lopo Vaz o nom entendião, e elle melhor que todos o entendia, que era leterado, e faria bom no desembargo d'ElRey qnando comprisse ; polo que as pessoas que dizião que tomaua a gouernança a Pero Mascarenhas e fazia tyrania erão dinos de grande castigo, e que elle lhe deuia dar grandes penas, porque tamanha sustancia como era a gouernança da India só a ElRey era dado o poder de a tirar e dar, e determinar cuja era ; e que por tanto os que n'ysso falauão fazião traição ao estado da India ; e que tudo o que dizia falaua com muyta verdade e assy o affirmaua e juraua polo verdadeiro Deus que n'aquelle dia celebrara ; e porque se apagasse tamanho mal, requeria ao vigairo geral, que estaua presente, que atalhasse com suas cartas d'escomunhões geraes a toda pessoa que tal falasse d'ally em diante contra o Gouernador Lopo Vaz, que era bom e verdadeyro Gouernador, e sem rezão lhe fazião taes afrontas, e tudo soffria por nom fazer tanto mal quanto lhe merecião todos os que falauão contra a potencia de sua gouernança, que lhe merecião cruas mortes ; e elle faria grande erro de os nom enxecutar d'ahy em diante ; e lhe requeria que o fizesse. O que acabado ouve na igreija muy grande murmurio na gente, e se sayrão muytos falando muytos mais males contra Lopo Vaz, e muyto pior contra o frade.

E porque todos fazião força com Heytor da Silueira, seu primo Diogo da Silueira, vendo 'agoa assy enuolta, parecendolhe podia pescar, com conselho d'Heytor da Silueira falou a Lopo Vaz e lhe pedio que lhe désse a capitania de Goa, que seruia Pero de Faria, e mandasse Pero de Faria pera capitão de Malaca, que tinha por ElRey. Lopo Vaz bem lhe fizera esta mercê, por lhe ganhar a vontade e o ter de sua banda, polo que tambem teria Heytor da Silueira e dom Antonio da Silueira, mas Lopo Vaz tomou sospeita que sendo Diogo da Silueira capitão da cidade, se lhe viesse a vontade seria contra elle e se deitaria da parte de Pero Mascarenhas, com que se lhe entolhou a Lopo Vaz que a outro fim lho nom pedia Diogo da Silueira ; e com mostra de boa vontade se escusou, dizendo que Pero de Faria estaua contente ser capitão de Goa, e lhe parecia que nom quereria tomar Malaca ; mas que até o tempo da monção

lho diria, e se quigesse hir então ficaria elle na capitania de Goa. Da qual desculpa Diogo da Silueira nom quis ficar satisfeito, e o praticando com Heytor da Silueira, com seu conselho tornou a pedir a Lopo Vaz que pois a capitania de Malaca estaua dada por Pero Mascarenhas, que nom era Gouernador, lha désse a elle. Lopo Vaz * disse *: «Ysso de boa von-»
«tade o farey, mas hindo vós prouido por mim pedir a capitania a Jor-»
«ge Cabral, que está em posse d'ella, dizendo que eu vola dey, que»
«são Gouernador e não Pero Mascarenhas, zombará de minha prouisão,»
«e leuareys trabalho debalde; que nom ha rezão pera em Malaca obe-»
«decerem minhas prouisões, pois que na India estou eu assentado em»
«minha cadeira da gouernança da India, e as maldades e enuejas dos»
«máos são taes que me andão detrahindo, dizendo que me hão de for-»
«çar que me ponha em direito com Pero Mascarenhas, a vêr qual de»
«nossas prouisões he valiosa. E quando ysto assy he, que me são re-»
«ués em minha face os que comigo estão em Goa, que farão os que es-»
«tão em Malaca? Indaque eu lá fosse em pessoa que prestaria?» Diogo da Silueira lhe respondeo: «Senhor, o que lhe pedi me pareceo que»
«mo podia dar; mas já que duvída que sua dada será duvidosa, agar-»
«darey até que aja tempo que se acabem as duvidas que tem suas cou-»
«sas, que estão muy verdadeyras, e vossa senhoria as faz que as te-»
»nhão por duvidosas polas nom querer pôr em direito, estando presen-»
«tes tão honrados fidalgos, que nada faltarão de dar a cada hum sua»
«direita justiça, a qual pede Pero Mascarenhas, que lhe nom pode ser»
«negada per nenhuma via, sómente força de poder ossoluto de que usaes,»
«no que tanto offendeys a verdade, a que sois obrigado mais que ao»
«que podeis, por * que * Gouernador da India está jurado e obedecido»
«Pero Mascarenhas per vós e per todolos fidalgos da India, e compre»
«que ysto se desfaça pera se desfazer a duvida que as gentes tem, e fi-»
«quar quieto o estado da India, que todos somos obrigados a soster, e»
«sobre ysso morrer como fiés vassallos d'ElRey nosso senhor.» Lopo Vaz se afrontou muyto e se leuantou, dizendo que elle sobre todos auia de guardar o estado d'ElRey, e punir a fogo e sangue todos os que fossem contra ysso, que serião os reuoltosos e máos mexedores; «e lhe da-»
«rey tal castigo que estêm espantados.» Diogo da Silueira dixe: «Se a»
«todos assy castigardes pouqos hão de ficar viuos, até que venhão ou-»
«tros de Portugal que pelejem com os rumes, de que estamos tão es-»

«quecidos com a ceguidade da cobiça que auia mester grande castigo,» «que Deos dará a quem o merecer.» Com que se despedio; de que Lopo Vaz fiqou muy agastado, porque entendeo que tudo procedia d'Heytor da Silueira que era cabeça de todos; e soffria com dessimulações por nom vir a rompimento, porque tinha auiso que á primeyra rotura se auia d'aleuantar bandeyra por Pero Mascarenhas.

Sabido por Heytor da Silueira estas sostancias que se passarão antre Lopo Vaz e Diogo da Silueira, ouve em sy muyto contentamento, e ouve muytas praticas com os de sua valia que tinhão a parte de Pero Mascarenhas, que erão dom Antonio da Silueira, dom Tristão de Noronha, dom Jorge de Crasto, dom Anrique d'Eça, dom Francisco de Crasto, Jorge da Silueira, Vasco da Cunha, Fernão da Silueira, Nuno Fernandes Freire, Jorge da Silua, Diogo de Miranda, Jorge de Mello, Fernão Cabral, Martim Vaz Pacheco, e homens de calidade todos, que passauão de dozentos, e com seus parentes e amigos mais de outros tantos; mas estes principaes erão os que nom vião nem acompanhauão Lopo Vaz.

N'este tempo entrou em Goa escondidamente hum Mem Vaz de Barbuda, homem caualleiro, da criação de Pero Mascarenhas, que deu a Heytor da Silueira huma carta de Pero Mascarenhas, com dous requerimentos, hum pera Lopo Vaz, e outro pera os officiaes da camara, e outra carta a Pero de Faria, capitão da cidade, tambem a modo de requerimento, e em todos muy piadosas palauras muy chegadas a toda rezão e justiça; pedindo aos fidalgos que lha fizessem guardar, per taes modos que a todos fez grande aluoroço e os demoueo 'arriscarem as vidas a ysso; e huma carta que com o requerimento foy vista na camara polos officiaes, que todos se muyto aluoroçarão a comprir as grandes obrigações em que os punha Pero Mascarenhas com grandes acusações. Polo que se ordenarão 'apresentar a Lopo Vaz o requerimento; ao que se offereceo Anrique de Macedo Betancor, bom fidalgo e caualleiro, que leuou comsigo hum Pero Fernandes, tabalião pubrico, pera lhe dar o estromento do que passasse, e agardou Lopo Vaz sayndo de casa, e lhe dixe: «Senhor, aquy vos apresento este papel em que vos pede Pero» «Mascarenhas justiça, e requere da parte d'ElRey que lhe guardeys, e» «pede a todolos fidalgos da India que lha fação gardar, e respondaes» «gardando em todo justiça e verdade, como sois obrigado.» Lopo Vaz lhe respondeo: «Nom auia lá outra ouelha pior no fato? Leuaio ao cur-»

«ral, e o carregai de ferros no pescoço.» E o leuarão ao tronqo, e elle respondeo: «Senhores, serês testimunhas que Lopo Vaz nom quer guar-» «dar justiça ao que lhe requeiro da parte d'ElRey; no que desobede-» «ce sua real justiça e estado. Mas se em Goa estão fidalgos de primor» «e honra elles sayrão e punirão polo estado d'ElRey nosso senhor.» Do que foy dando grandes brados polas ruas, que fez grande aluoroço no pouo; e o tabalião fogio, porque os criados de Lopo Vaz o espancarão e querião matar.

O Gouernador Pero Mascarenhas nas cartas que escreuia a Heytor da Silueira e a Christouão de Sousa, e a seus amigos, muyto lhe rogaua e requeria que tomassem concrusão com Lopo Vaz antes que se passasse o inuerno, porque com a vinda das naos do Reyno os capitães d'ellas, achando Lopo Vaz em posse da gouernança, a elle obedecerião e entregarião as vias e fazendas, com que seria mais poderoso pera lhe fazer móres offensas, e o prenderia em ferros, e o mandaria pera o Reyno forçosamente; que por tanto compria que n'ysso se tomasse concrusão antes da entrada do inuerno, ou antes que chegassem as naos do Reyno, e compria o apretarem com seus requerimentos e dos officiaes da camara, que fizessem com Lopo Vaz que se pusesse com elle em justiça, e se tal denegasse tyranicamente então elles fizessem o que fosse honra de suas obrigações.

N'este tempo foy deitada a Pero de Faria, capitão da forteleza, huma carta d'apontamentos e requerimentos, e protestos muy fortes em nome do pouo, que pois era capitão da cidade, que como pessoa principal amoestasse a Lopo Vaz que se pusesse em justiça com Pero Mascarenhas, porque se o nom fazia pobrico mostraua que a nom tinha, e por ysso auia medo de o fazer, e por força, como tyrano, queria gouernar a India; que lhe noteficauão que lho nom auião de consentir, e que o pouo aleuantaria bandeyra pola real justiça d'ElRey nosso senhor, que elle nom queria obedecer; e que por ysso o pouo o cerquaria em suas casas, e o prenderião em ferros como fizera a Pero Mascarenhas, e que então o aleuantarião por Gouernador e lhe darião a posse, e a elle nos ferros o mandarião a ElRey com autos de trédor á justiça d'ElRey, a que nom obedecia: e sobre ysto grandes apontamentos muy chegados a toda boa rezão e direito.

Vista a carta por Pero de Faria, como era grande amigo do Lopo

Vaz lha leuou, e sobre ella como amigo o amoestando que olhasse, se tal união se aleuantasse no pouo, que mal tamanho seria, e tão grande offensa ao real estado d'ElRey nosso senhor, ao que nom deuia dar occasião ; que olhasse o grande mal que lhe d'ysso viria, o que estaua certo que o pouo se aleuantaria, porque todo estaua da parte de Pero Mascarenhas, vendo que pedia e requeria justiça. Com o que Lopo Vaz se muyto agastou, tendo grandes debates com Pero de Faria, e com dom Vasco d'Eça, seu cunhado, e Antonio da Silueira, que erão presentes á pratica, que se muyto temião que se ouvesse união no pouo elles erão os principaes que auião de culpar, porque sabião que erão seus diuidos. Mas o Lopo Vaz brasfemando, dizendo que os que taes cousas falauão erão trédores, e por trédores mandaria esquartejar os principaes de toda a India que tomasse n'ysso culpados, e que a pessoa do Gouernador da India era sagrada, e que ninguem o podia obrigar, nem auia d'obedecer senão a nouo Gouernador que viesse do Reyno feito depois d'elle, Pero de Faria, que era homem caualleiro e bom fidalgo, disse que como seu amigo tinha pesar de lhe ouvir o que falaua, enchendo tanto a boca de trédores, estando em Goa os melhores fidalgos da India, que [1] *entendião* que Pero Mascarenhas pedia justiça e por elle a requerião, e elle por ysso lhe chamaua trédores ; de que se podia recrecer muyto mal, pois nomeaua por trédores os que lhe pedião que guardasse a justiça d'ElRey, a que todos erão tão obrigados, e a obedecer a socessão de Pero Mascarenhas, que estaua obedecida, até que vissem prouisão d'ElRey que a desfizesse, a que todos obedecerião ; que por tanto se a tinha a deuia d'amostrar, com que se apagaria tamanho fogo como se acendia ; que nom leuasse áuante tal prefia, porque soubesse certo que se nom fazia o que o pouo pedia que todo auia de ser contra elle, e se veria em muy grandes trabalhos em quanto viuesse. Lopo Vaz nom tinha paciencia, dizendo que pondose em direito, como pedião, era fazer duvidosa sua boa prouisão que tinha, porque estaua apossado Gouernador da India ; mas pois lhe tal força querião fazer, que era contente de mostrar sua prouisão, mas que era necessario que primeyro se assinassem todos os que o pedião em hum auto, que mandaria fazer pera depois contra elles pedir justiça, *e* ficando por Gouernador daria castigo aos culpados como

[1] *entendia* Autogr.

trédores aleuantados. Pero de Faria lhe dixe: «Senhor Lopo Vaz, ysso» «são máos defensiuos pera matar este herpes que laura. Folgai de vos» «mostrardes Gouernador beninamente, que nom ha homem na India» «que vos aja de tomar o que for vosso. Os homens falão o que enten-» «dem, e vós fazey o que deueys, a que estaes tão obrigado pera ficar-» «des assentado na verdade que tiuerdes na gouernança da India. E so-» «bre ysto auey vosso bom conselho, e fazey o bem que Nosso Senhor» «vos der a entender.» Com que se despedio.

Sabida esta pratica, que passara, por Heytor da Silueira e os de sua valia, que tinhão a parte de Pero Mascarenhas, assentou com todos os fidalgos presentes fizessem requerimento a Lopo Vaz que se pusesse em justiça com Pero Mascarenhas; ao que se offereceo Manuel de Macedo ao apresentar estando elles presentes. No que acordarão que nom fossem presentes, porque nom parecesse união. Ao que atreuido Manuel de Macedo apresentou o requerimento a Lopo Vaz, dizendo: «Senhor, da parte» «d'ElRey nosso senhor vos requerem todolos fidalgos que estão n'esta» «cidade que respondaes ao que vos requerem da parte de Sua Alteza.» Lopo Vaz se mostrou muyto contente, e mandou lêr o requerimento, e disse: «Eu responderey a elles, e vós, que fostes o trogimão, irês en-» «uernar no tronquo.» Onde o mandou leuar, e que o carregassem de ferros, que assy o faria a todos os que vinhão nomeados no requerimento. Logo o meyrinho lançou mão de Manuel de Macedo e o leuou ao tronqo; ao que elle hia dando brados, dizendo: «Lopo Vaz nom vos» «ha de prestar nada, que pois nom quereys por vontade, per força, em» «que vos pês, aueys de obedecer á justiça d'ElRey nosso senhor, que» «porque vola requeiro me mandaes meter no tronqo e carregar de fer-» «ros, sendo eu tão bom fidalgo como vós; e quando nom tiuerdes o» «poder, que agora tendes, volo farey conhecer em qualquer parte que» «quiserdes!» E foy falando outras cousas como homem preso; e o escriuão, que hia com o papel pera dar o estromento, foy espancado polos criados de Lopo Vaz.

Com esta prisão de Manuel de Macedo ouve grande aluoroço nos fidalgos e ajuntamentos, que se estiuerão prestes forão tomar o preso; e dizião antre sy que era grande sua deshonra soffrirem a Lopo Vaz taes cousas, polo que ElRey os teria em pouqa conta. E antre sy assentarão aleuantarem huma bandeyra por ElRey, e com ella todos juntos hi-

rem cerqar Lopo Vaz, e lhe requererem que obedecesse á real justiça d'ElRey nosso senhor, contra que estaua reuel e a nom queria obedecer; e se Lopo Vaz nom obedecesse o prenderem em ferros, e então verem seus papés e os determinarem com os de Pero Mascarenhas. O que os principaes da consulta praticarão com os da camara que fossem todos juntos, e a ysso chamassem todos os moradores, que estiuessem apercebidos com armas e acodissem, se comprisse, que seria com dar repique no sino.

Andandose ordenando esta cousa, Pero de Faria foy d'ysso auisado, e o foy logo dizer a Lopo Vaz, sobre o que logo tomou conselho com os seus, e assentou de hir prender Heytor da Silueira, que lhe pareceo que nom auia outro de que os fidalgos fizessem cabeça pera o feito senão a elle. E ysto assentado com Antonio da Silueira, e dom Vasco d'Eça, e Simão de Mello, foy ordenado que com gente armada tomassem as ruas que hião ter a casa d'Heytor da Silueira, pera defenderem 'os que acodissem; e que Pero de Faria, como capitão, o fosse prender, e a Diogo da Silueira, e aos que lhe bem parecesse, e Lopo Vaz com muyta gente e os da sua guarda estaria na rua direita, pera acodir se ouvesse reuolta, porque nas costas da rua direita era a outra rua das casas d'Heytor da Silueira. O que todo assy posto em ordem como compria, em tal maneyra que Heytor da Silueira e os de sua valia o nom sentirão a tempo que se pudessem ajuntar nem acodir, foy Pero de Faria com gente a casa d'Heytor da Silueira, com que estauão muytos seus amigos praticando o que auião de fazer. Chegando Pero de Faria, que o disserão a Heytor da Silueira, chegou a huma genella e lhe perguntou que queria, e elle lhe dixe que da parte d'ElRey lhe désse menagem. Dixe Heytor da Silueira: «Subi quá acima e ma vinde tomar, que eu nom quero» «hir abaixo.» Mas que soubesse que lhe daria a menagem que elle merecia, pois era tão azemel fidalgo que aceitaua ser meirinho de Lopo Vaz, sabendo que estaua aleuantado e nom obedecia á justiça d'ElRey nosso senhor, e trédores erão todos os que o ajudauão. E aluoroçouse a gente da casa pera sayr. O que vendo Pero de Faria mandou chamar Lopo Vaz, que acodio logo a grã pressa a galope, e muytos de cauallo com elle, armados, com grande aluoroço e união do pouo, em que ouvera hum grande mal se estiuerão juntos com Heytor da Silueira os de sua valia; mas chegando Lopo Vaz assy com muyta furia e união, Heytor da Silueira obedeceo ao siso, e nom quis principiar tamanho mal, e assessegou

a gente da casa; e Diogo da Silueira que estaua á genella, vendo Lopo Vaz como vinha, falou com a gente que estaua na rua, dizendo: «Se-» «nhores, olhai bem como Lopo Vaz per força toma a gouernança da» «India; o que se nom deue consentir, se ha leaes portugueses na In-» «dia.» Lopo Vaz com brados respondeo: «Por força tomo esta gouer-» «nança. Quero ver quem ma defende!» Ao que lhe ninguem respondeo, e Lopo Vaz lhe bradou da rua, assy a cauallo como estaua, que todos se dessem á prisão. Ao que responderão das genellas muytos fidalgos: «Nom nos auemos de dar á prisão a vós, que sois nosso imigo capital» «porque vos requeremos que obedeçaes á justiça d'ElRey nosso senhor,» «e forçadamente tomaes a gouernança a Pero Mascarenhas, que he ver-» «dadeyro Gouernador, e vós não; e porque vos pedimos justiça nos» «quereys fazer males e auexamentos.» O que ouvido por Lopo Vaz se deceo do cauallo, e embarçou huma adarga e tomou huma lança. Sobindo pola escada, Heytor da Silueira chegou á genella de cima, e lhe dixe: «Agardecey a Deos, Lopo Vaz, que me tomastes n'este tempo» «que estou desagastado; que se d'outra maneyra me tomarês nom fa-» «zieis tão boa fazenda como cuidaes.» E deceo ao peitoril da escada e lhe dixe que nom sobisse, que elle e os que na casa estauão se dauão por presos; que fosse hum negro e os prendesse, e elle não. Ao que se adiantou Pero de Faria, dizendo a Lopo Vaz que se fosse, que elle os leuaria ao castello; que os tomaua sobre sy, pois era capitão da forteleza. E Lopo Vaz tornou a caualgar e com sua gente os foy agardar á forteleza, e Pero de Faria a pé se foy á forteleza com Heytor da Silueira, e Diogo da Silueira, dom Antonio da Silueira, dom Tristão de Noronha, dom Jorge de Crasto, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Silueira, dom Anrique d'Eça, Nuno Fernandes Freire, e outros, que forão todos doze; que entrados na forteleza derão as menagens de se auerem por presos n'ella, e d'ella nom sayrem sem seu mandado. Do que o ouvidor fez auto em que todos assinarão, requerendo elles ao ouvidor que lhes désse estormentos pera ElRey da prisão que Lopo Vaz os prendia, porque lhe requerião que obedecesse á justiça d'ElRey nosso senhor e nom tomasse a gouernança da India forçadamente, e protestauão de todos sobre ysso morrerem.

Com a prisão d'estes fidalgos cuidou Lopo Vaz que ficaua seguro, por *que* alguns outros d'esta valia se forão reconciliar na amizade de

Lopo Vaz, em que ouve hum Fernão de Mello que lhe dixe a Lopo Vaz: «Senhor, fostes ditoso nom virdes a briga com os presos, porque se» «ouvera briga sabey que ouverês de ser morto, porque auia muytos» «que a vós só ouverão de tirar com espingardas a vos matar; e por» «tanto seguraiuos de morte quanto puderdes, porque muytos vola bus-» «cão.» Lopo Vaz lhe respondeo: «De morte nom posso escapar quan-» «do Deos ma ordenar, e por tanto outra nenhuma me pode matar.» Mas comtudo fiqou muyto temorizado, que bem lhe parecco que entrando em alguma briga que aueria muytos que o quererião matar; e n'ysto tomaua muytos conselhos com seus amigos, que lhe dizião que forçadamente lhe compria dessimular com suas menencorias e asperezas, e se meter per tal caminho pairando as cousas até que as curasse o tempo, e trabalhasse por ter a gente em assessego pera a vinda dos rumes que esperauão.

Os officiaes da camara, como nom erão homens de muyto primor, tambem se meterão na amizade de Lopo Vaz; o qual, por ter tomado nouo conselho de leuar as cousas per mansidão, dixe aos da camara que respondessem ao requerimento de Pero Mascarenhas, que era que elles requeressem a Lopo Vaz que com elle se pusesse em justiça; ao que elles responderão como compria a Lopo Vaz, dizendo que elles tal requerimento nom podião fazer a Lopo Vaz, porque seria falar contra a prouisão que tinha d'ElRey, porque estaua em posse da gouernança da India, e que se n'ysso tinha feito erro ElRey sómente lhe podia tomar a conta. Os fidalgos presos, e muytos dos soltos, escreuerão a Pero Mascarenhas desculpas porque em suas prisões nom romperão briga com Lopo Vaz, em que se nom escusara hum grande mal, de que temerão dar conta a Deos e a ElRey, por elles nom serem partes principaes no caso; mas que elle nom fizesse outra cousa senão que arriscasse cem vidas e trabalhasse por meter o pé na ilha de Goa, porque na propia hora era seu caso acabado, que em todo seria obedecido por Gouernador, porque quando o pouo o visse até as pedras se aleuantarião contra Lopo Vaz.

D'estas cartas ouve Lopo Vaz algumas, que gardou e dessimulou com os escritores, fazendo que nada sabia, antes mandou soltar alguns que sabia que o nom fazião senão por amizade d'Heytor da Silueira, e os mandou estar presos em suas pousadas, que alguns se tornarão a sua amizade, e outros, que erão mais danados, os mandou meter em ferros no castello de Banestarim, e Heytor da Silueira, Diogo da Silueira, e

dom Antonio da Silueira, e Jorge da Silueira, e dom Jorge de Crasto, que erão os principaes de que se temia, ordenou de os mandar em hum catur presos a Cochym; o que por elles sabido e que o catur se concertaua com marinheiros da terra, em que nom auia de hir nenhum português, porque era já entrada d'inuerno, que era em fim de maio, os presos dixerão a Pero de Faria que desenganasse Lopo Vaz que os nom auia d'embarquar no catur senão atados de pés e mãos, e sobre ysso auião de morrer, * ou matar * a quem os quigesse atar, porque bem vião que mandalos assy em hum catur em boca d'inuerno, auendo já tantas treuoadas e terramotos de ventos, o nom fazia senão manifestamente polos matar; que por tanto o desenganauão que antes ally onde estauão auião de morrer. [1] * E porque ysto * assy parecia rezão Lopo Vaz digistio de os mandar e tinha n'elles muyto recado, e elles o tinhão muyto sobre sy, que se temião que os matassem com peçonha e outras mortes dessimuladas.

CAPITULO XII.

COMO CHRISTOUÃO DE SOUSA OBEDECEO POR GOUERNADOR A PERO MASCARENHAS.

Chegando a Chaul Francisco Mendes de Vasconcellos com os papés e requerimentos de Pero Mascarenhas, que apresentou a Christouão de Sousa, folgou muyto, porque já estaua desafrontado das nouas dos rumes, porque as tinha certas que Soleimão, capitão dos rumes, era morto em huma briga que os rumes ouverão antre sy huns com outros, em que forão tantos mortos que 'armada fiqou sem gente e sem capitão, e nom passarião á India tão cedo.

E sendo ouvidas as cousas que contauão de Lopo Vaz, como tyranamente queria tomar a gouernança a Pero Mascarenhas per conselhos d'Afonso Mexia, que o desenganaua que Pero Mascarenhas era Gouernador e elle não; [2] que por tanto se nom pusesse com elle em jus-

[1] * e que porque isto * Autogr. [2] A quem não reflectir que Afonso Mexia tinha muito a peito estorvar que Lopo Vaz largasse o governo da India a Pero Mascarenhas, não parecerá, á primeira vista, que assim se devesse lêr no original o desengano ou intimidação que o vaidoso védor da fazenda escrevia ao instrumento da sua vingança.

tiça, ouve * a * gente grande escandalo, approuando por bem feito dom Simão obedecer por Gouernador Pero Mascarenhas; e todos muyto praguejauão contra Lopo Vaz, sobre o que Christouão de Sousa, auido seu acordo com muytos e honrados fidalgos que com elle estauão, porque Christouão de Sousa era muy nobre e liberal e homem de todo [1] * prazer, hum * dia, sayndo da missa com muyta gente, se assentou em hum grande alpendere que estaua ante á porta da igreija, e mandou arrepicar o sino, ao que acodio toda a gente, que elle mandou que toda se assentasse e ninguem se aleuantasse, sómente elle fiqou em pé, onde em pubrico de todos mandou em alta voz lêr todos os papés e requerimentos que Pero Mascarenhas tinha feitos a Lopo Vaz, e aos fidalgos, e á camara de Goa, e os estormentos como dom Simão tinha obedecido por Gouernador a Pero Mascarenhas. O que todo acabado de lêr, Christouão de Sousa fez pergunta a todos se a elle conhecião por capitão d'aquella forteleza, e se lhe obedecião. Todos dixerão que si. Então elle chamou o vigairo da igreija, que era presente com hum liuro missal, que abrio, no qual Christouão de Sousa fez juramento que elle com aquella forteleza, e todo seu poder, até morrer auia de fazer e guardar tudo o que entendesse que fosse seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor, em acrecentamento do real estado de Portugal e da India. « Polo que vos per- » « gunto, a todos quantos aquy estaes, se aquy está alguma pessoa que » « nom aja Pero Mascarenhas por Gouernador da India, se aleuante em » « pé, e o diga per qualquer rezão que o entender que o nom he. » Todos responderão que o tinhão por verdadeyro Gouernador da India. Ao que se aleuantou hum Afonso da Noua, irmão de João da Noua que veo á India por capitão mór de quatro naos o anno de 1501, como contey no liuro primeyro, o qual Afonso da Noua disse em pubrico de todos que elle nom auia por Gouernador a Pero Mascarenhas, por quanto depois que fôra feito Gouernador pola socessão, como todos sabião, elle virá em mão de Lopo Vaz de Sampayo huma prouisão d'ElRey em contrairo, em que desfazia de Gouernador Pero Mascarenhas e fazia Gouernador a Lopo Vaz. Ao que lhe respondeo Christouão de Sousa: « Muyto folgo, Afonso » « da Noua, com ysso que dixestes, porque esta cousa fique melhor fei- » « ta; e vos digo que essa prouisão, que vós dizeys que vistes a Lopo »

[1] * prazer. E hum * Autogr.

«Vaz, essa he a que lhe pedem que mostre pera se cotejar com a de»
«Pero Mascarenhas, e se tirar a duvida que ha antre elles, e Lopo Vaz»
«a nom quer mostrar, porque parece que nom he boa; que se boa fôra»
«com muyto prazer a mostrara per sua honra, e assegurar os aluoro-»
«ços que ha no pouo contra elle, porque tyranicamente, e com força da»
«posse que tem, [1] *quer* usar d'ella contra todolos fidalgos da India»
«que lhe requerem que mostre a prouisão, [2] *pera* se ver com a de»
«Pero Mascarenhas e ser perfeito Gouernador quem o for; porque aos»
«fidalgos tanto lhe dá que seja hum como outro: no que se farão os»
«yzames que comprirem a bem de se guardar a cada hum sua direita»
«justiça.»

De toda esta sostancia Christouão de Sousa mandou fazer auto por hum tabalião pubrico, dizendo que vistas todas as rezões que apontara, e tinha per cartas e apontamentos dos fidalgos da India, e porque entendia que compria a seruiço de Deos e estado d'ElRey nosso senhor, elle d'aquelle dia em diante obedecia Pero Mascarenhas por verdadeyro Gouernador da India, o que muy enteiramente compriria até ver prouisão d'ElRey nosso senhor que desfizesse a prouisão da socessão de Pero Mascarenhas, que elle tinha visto com seus olhos, que tambem virão muytos senhores dos que estauão á roda, que logo muytos disserão que a tinhão vista. Do que assy feito auto pubrico, em que assinou, e per testimunhas o alcayde mór Fernão Camello, e feitor, e escriuães, e outras pessoas principaes que erão presentes, d'esta cousa logo Christouão de Sousa escreueo suas cartas a Lopo Vaz, e aos principaes fidalgos, a que muyto estranhou o que consentião a Lopo Vaz, estando elles obrigados a outra cousa per juramentos e menagens; e mandou a Lopo Vaz hum muy apontado requerimento que se pusesse em direito com Pero Mascarenhas, que conhecia por verdadeyro Gouernador e lhe auia d'obedecer até ver outra prouisão d'ElRey que o desfizesse de Gouernador; que por tanto lhe requeria da parte d'ElRey que mostrasse sua prouisão, e se visse com a de Pero Mascarenhas e fosse Gouernador quem o fosse; porque se o nom fizesse soubesse certo que por força nom auia de gouernar a India, porque lho nom auião de consentir tantos nobres fidalgos que auia na India, e elle com aquella forteleza e todo seu poder

[1] *querer* Autogr. [2] *e* Id.

ajudaria até morrer, guardando seu regimento, em que lhe ElRey dizia que com aquella forteleza obedecesse ao Gouernador da India, e elle nom conhecia outro senão o Gouernador Pero Mascarenhas, que elle Lopo Vaz obedecera e jurara por Gouernador, contra o qual ora estaua reuel e aleuantado; que protestaua encorrer nas penas do caso maior, nom querendo obedecer á real justiça d'ElRey nosso senhor que o Gouernador Pero Mascarenhas pedia. Do qual requerimento mandou o treslado aos fidalgos, e á camara, e a Pero Mascarenhas.

Sendo estas cousas apresentadas a Lopo Vaz ouve muy grande paixão, e com seus conselheiros ysto muyto dessimulou, com tenção de colher ás mãos Christouão de Sousa; e lhe respondeo per sua carta grandes agardecimentos, dizendo que suas palauras erão de verdadeyro bom fidalgo e bom seu amigo, e as tomaua por muy bom conselho, que em tudo dizia e fazia como tão principal pessoa como era na India; e pois n'ysso se queria acupar auia muyto prazer fazer tudo o que lhe dizia, porque feito per sua mão estaua muy certo que se faria toda' verdade, a que elle nom confiaua nos outros homens que lho pedião, porque erão fóra de seu gosto, porque com elle usauão d'interesses e soberbas, polo que alguns tinha castigados (o que elle dizia polos fidalgos que prendera, de que em Chaul ainda se nom sabia); que por tanto tomasse o trabalho, dandolhe o tempo lugar, pera vir a Goa, o que muyto compria por ser elle a pessoa tão principal como era, porque tudo fosse feito por sua mão, com seu bom conselho, que tudo faria e acabaria com sua direita justiça e verdade a cada hum. Esta reposta deu Lopo Vaz em pubrico aos que lh'apresentarão as cartas, dizendo que com sua vinda tudo seria acabado; o que tudo muyto auondadamente escreueo a Christouão de Sousa, e teue muy grande guarda nos passos, em que tomou muytas cartas que os fidalgos escreuião a Christouão de Sousa, em que o muyto auisauão que se a Goa fosse nom se fiasse de Lopo Vaz. Todauia Christouão de Sousa, muyto confiado que n'ysto fazia grande seruiço a Deos e a ElRey, se fez logo prestes, que era já em boca d'inuerno, que *estauão* já em abril, e s'embarqou em huma galeota noua que fizera, e comsigo embarqou seus amigos e parentes, fazendo a todos grande gasto, auendo por grande honra sua fazer este seruiço [1] *e* per sua enterces-

[1] *que* Autogr.

são se assentar e acabar huma tamanha diuisão antre dous Gouernadores, de que tanto mal e bem podia sobreuir, com esperança que ElRey lhe faria por ysso muyta mercê. E partio de Chaul com tal tempo que em tres dias chegou a Goa, deixando a forteleza entregue a Fernão Camello, alcayde mór, de que tomou a menagem per estormento pubrico, como compria. E chegando á barra de Goa sorgio fóra na aguada, donde mandou huma carta a Lopo Vaz, em que lhe dizia que era ally chegado e vinha pera fazer tudo o que fosse seruiço d'ElRey e bem de sua real justiça, pera que a contenda d'antre elle e Pero Mascarenhas fosse apurada com toda' verdade. Lopo Vaz mostrou muyto prazer, e lhe escreueo que sua vinda fosse muy boa; que lhe pedia que se fosse á cidade a pousar com elle, porque logo queria acabar suas cousas: e ysto com grandes cortezias e comprimentos, com tenção de no caez o receber e logo d'ally ó mandar ao tronqo carregar de ferros. Mas sabendose na cidade que Christouão de Sousa estaua na barra lhe forão por terra, e em almadias, apressados recados e auisos de seus amigos que á cidade nom fosse per nenhuma via, porque se lá fosse Lopo Vaz o auia de prender; em modo que chegando a carta de Lopo Vaz, que lhe mandou per hum seu criado, Christouão de Sousa leo a carta, * e * disse ao homem: «Eu folgo de me trazerdes este recado pera leuardes a reposta. Vós dizey a vosso amo Lopo Vaz de Sampayo, que seu falso recado me nom pode empencer; que nom deuia de usar comigo d'enganos, sendo eu tamanho seu amigo, e que tão sãamente vinha fazer suas cousas, e polo seruir tomey este trabalho de vir aquy. O que me elle tão mal agardece que me manda recado falso que vá a Goa, pera me prender; no que muyto se enganaua, que se os pés pusera em terra n'aquella hora elle fora o preso. O que deixo de fazer por seruir ElRey nosso senhor, ao que vinha sem outro nenhum pensamento máo dos que Lopo Vaz tem contra mim, que lhe eu nom mereço, porque nom são aleuantado como elle, que cuida que com força tyranica ha de gouernar a India, que saiba certo que tal nom será, que eu lho defenderey com os nobres fidalgos da India. Eu me torno pera minha forteleza, com que farey guerra a todo aquelle que nom obedecer á justiça d'ElRey nosso senhor, como elle faz, e nom se quer poer em justiça porque Afonso Mexia, seu amigo, lhe fala verdade que a nom tem contra Pero Mascarenhas, que he verdadeyro Gouernador.»

Com a qual reposta se tornou o messigeiro, que ouvida por Lopo Vaz fiqou muy indinado, e soltou contra Christouão de Sousa palauras á sua vontade.

Christouão de Sousa com muyto trabalho do tempo chegou a Chaul, donde logo mandou dous requerimentos muy fortes, hum á camara da cidade, e outro ao capitão Pero de Faria e pera todolos fidalgos, em que lhe fortemente requeria que elles requeressem a Lopo Vaz que obedeeesse * á justiça * d'ElRey nosso senhor, poendose em justiça com Pero Mascarenhas; o que Lopo Vaz nom querendo obedecer lho fizessem a saber qualquer reposta que désse, porque a ysso auia de pôr todas suas forças até morrer; porque que elle assy o nom fazendo ElRey teria muyta rezão de lhe tomar por ysso estreita conta, e a todolos principaes fidalgos da India, mórmente aos capitães das fortelezas da India, que nom são feitos da mão do Gouernador, contra os quaes protestaua todos darem a ElRey muyta conta de tamanho erro, como era consentirem a hum homem gouernar a India sem prouisão, e se a tinha era tal que a nom queria mostrar; polo que elle estaua prestes pera cada vez que fosse chamado vir de paz e de guerra como comprisse.

Antonio de Miranda d'Azeuedo andaua na costa com sua armada, e sabia todas as cousas que se passauão, polos catures que mandaua a Cananor buscar mantimentos, e tambem Pero Mascarenhas per almadias lhe escreuia suas cartas e mandaua muytos requerimentos; mas elle, sabendo os trabalhos que leuaria em Goa, nom quis lá hir enuernar e se deixou andar na costa até lhe darem as treuoadas do inuerno, com que se recolheo a Cochym com 'armada. Onde a elle e 'Afonso Mexia lhe forão muytos requerimentos de Pero Mascarenhas, a que respondião que estauão prestes pera obedecer a qualquer que fosse Gouernador; que se tinhão ambos deferenças ou duvidas que ambos se determinassem, que elles a nada tinhão duvida obedecer ao Gouernador da India, qual d'elles que fosse. Ao que Pero Mascarenhas lhe repricaua com outros requerimentos, que correrão todo o inuerno.

CAPITULO XIII.

DE COMO DOM GRACIA ANRIQUES, USANDO TRAIÇÃO, QUEBROU AS PAZES COM TIDORE, E DESTROYO A CIDADE A FERRO E FOGO [1].

E ora contarey [2] *as cousas* que n'estes tempos atrás se passarão nas partes de Maluco.

Dom Gracia Anriques, capitão de Maluco, recebeo a capitania da mão d'Antonio de Brito, que primeyro que lha entregasse tomou da feitoria e da forteleza todo o que ouve mester pera se hir pera Malaca em hum nauio que tinha, em que tomou artelharia e monições, e da gente todos os de su'amizade e valia; sobre o que tiuerão ambos as compitencias que já atrás contey, ficando a forteleza em falta das cousas que auia mister. Polo que dom Gracia mandou Martim Correa que lhas fosse buscar a Bandá, de quaesquer nauios de portugueses que achasse. Onde foy e chegou a Bandá casy perdido de hum grande temporal que corrêra, onde em Bandá achou Antonio de Brito, que lhe concertou o nauio do que ouve mester. Onde então ahy a Bandá chegou de Malaca em hum nauio hum homem fidalgo chamado Manuel Falcão, que Pero Mascarenhas mandára de Malaca por capitão mór de certos junqos de mercadores, em que hia hum Fernão Baldaya com fazenda pera Maluco, que d'aquy de Bandá auia de hir a Maluco nas embarcações que achasse, o qual Martim Correa recolheo com a fazenda no seu nauio, porque tambem hia pera ser escriuão da feitoria. E por *que* em Bandá a gente da terra lhe derão nouas que virão passar per antre aquellas ilhas duas naos da feição das [3] *nossas, praticando* com Antonio de Brito e Manuel Falcão que as taes naos nom podião ser nossas, segundo a nauegação que trazião na passagem por antre as ilhas, assentarão que podião ser naos de Castella que hirião pera Maluco, o que se assy fosse, que lá fossem ter, poerião a forteleza em muyto perigo, pola falta em que estaua das cousas necessarias, e mórmente gente; polo que então Martim Correa requereo 'Antonio de Brito e Manuel Falcão que elles fossem socorrer a

[1] Não vem no original o summario d'este capitulo. [2] *o* Autogr. [3] *nossas com que praticando* Id.

forteleza de Maluco, em que estaria se as naos dos castelhanos lá fossem ter. O que Antonio de Brito nom quis fazer, mas Manuel Falcão se aprecebeo de quanto pôde, e mórmente muyta gente, com que se foy em companhia de Martim Correa, e nauegando forão aportar á ilha de Ternate, e d'ahy se forão á forteleza, em tempo que dom Gracia andaua em concerto de pazes com ElRey de Tidore, do que Cachil Daroes nom era contente, porque afóra vêr que perdia muyta parte de seu mando com o assento da paz, porque com a guerra tinha elle muyto poder pola necessidade que os nossos tinhão d'elle, e mais tinha muyto medo que auendo paz o Rey de Tidore o mandaria matar com peçonha, polos males que lhe tinha feito na guerra; e postoque dom Gracia tudo ysto bem sabia, todauia fez as pazes com o Rey de Tidore, com condição que dentro em seis mezes tornasse toda 'artelharia que tinha nossa, que tomara na fusta, e todolos escrauos dos portugueses, que lá andauão fogidos, e todo o mais que tinhão tomado.

ElRey de Tidore, sabendo que Cachil Daroes viuia descontente por nom ter tanto mando e poder como tinha no tempo da guerra, temendose que por esta causa tornaria a reuoluer a guerra, polo muyto credito que os nossos n'elle tinhão; de que assy receoso o Rey de Tidore, por se segurar cometeo casar huma filha sua com Cachil Daroes, com que per esta liança ficaua seguro da guerra, e com muyto fauor, por ter Cachil Daroes por seu genro. Dos quaes concertos sendo dito a dom Gracia, vendo que era grande inconueniente pera o que compria a bem da forteleza o tal casamento, trabalhou per meos dessimulados ao estoruar; o que vendo que nom podia estoruar, ordenou de quebrar a paz por estoruar o casamento; polo que mandou dizer ao Rey de Tidore que logo lhe mandasse 'artelharia e os escrauos dos portugueses que assentara na paz. ElRey, como homem que muyto desejaua acabar o casamento com a paz, entendeo esta cousa do capitão, e respondeo que indaque o tempo dos seis mezes nom era acabado, que elle como grande amigo que era nosso logo tudo faria, e mandaria buscar 'artelharia que dera ao Rey de Geilolo porque o ajudara, e os escrauos que andauão espalhados, e que logo tudo mandaria, e que lhe muyto rogaua que mandasse hum mestre que o curasse, que estaua muyto doente. O que dom Gracia assy fez, que lhe mandou hum boticairo portuguès que lhe deu meyzinhas com que logo morreo. O que sabido por dom Gracia determinou de hir tomar

a cidade, e se apercebeo com gente, e se pôs em caminho, e mandou hum recado diante ao regedor que ficaua em cabeça do Reyno, que lhe mandasse logo 'artelharia, senão que auia por quebrada a paz. O regedor respondeo que era contente de logo entregar 'artelharia, tanto que fosse o enterramento d'ElRey, que inda nom era enterrado ; e dom Gracia tornou a mandar outro recado por Fernão Baldaya, que logo lh'entregassem 'artelharia, senão que lhe auia por quebrada a paz, e logo lhe apregoasse a guerra ; o qual foy e nom sayo em terra, e fallou do mar com o regedor e lhe deu o recado. O qual lhe respondeo que era contente de logo entregar tudo, tanto que acabassem conselho que estauão fazendo pera fazerem Rey ; ao que Fernão Baldaya respondeo que lhe auia por quebrada a paz, e lhe apregoou a guerra, e se tornou ao capitão, que ante menhã chegou ao porto da cidade de Tidore, em que achou a gente repousada com o pranto de seu Rey, que inda estauão confiados na paz e estauão desapercebidos, com que nom resistirão aos nossos, que logo entrarão pondo fogo á cidade, com que toda a gente fogio, e os nossos acharão sete peças d'artelharia, e fizerão na cidade grande destroyção, e se tornarão pera a forteleza. Polo qual feito os nossos ficarão auidos por falsos e trédores, porque todos sabião a condição das pazes que erão feitas antre o Rey de Tidore e os nossos ; polo que muytos Reys e senhores visinhos, que tinhão nossa amizade, onde os nossos hião tratar, lhe mandarão noteficar que nom fossem mais a suas terras.

Dom Jorge de Menezes, que hia prouido da capitania de Maluco, partio de Malaca com regimento de Pero Mascarenhas que fosse pola via de Borneo pera descobrir aquella nauegação, porque n'ella se encurtauão seis mezes que se gastauão pola via de Bandá, que em Bandá agardauão monção. O qual dom Jorge em dous nauios leuou boa gente, e nauegou por muytas partes, e foy ter atraués das ilhas do Morro setenta legoas da nossa forteleza, e chegouse a terra e por nom achar fundo se tornou pera o mar ; o que vendo os da terra forão em duas almadias, e huma chegou ás naos, e os nossos lhe perguntarão pola nossa forteleza, de que nom souberão dar rezão. E porque o vento foy calma de noite escorreo a nao per antre as ilhas, que ha grandes correntes, e foy dar no golfam do estreito do Magalhães, onde lhe deu muy grande temporal, que easy forão de todo perdidos a Deos misericordia, e correrão, com que forão tomar na terra das papuás, onde andou com ponentes que ventauão, que

nom pôde hir a Maluco senão em maio de 1527. E andando assy n'estas terras lhe adoeceo e morreo muyta gente, com que chegou a Maluco muy desbaratado.

CAPITULO XIV [1].

DE OUTRA ARMADA DE CASTELLA, QUE PARTIO PERA MALUCO.

Já no liuro segundo tenho contado d'armada com que Fernão de Magalhães partio de Castella a descobrir Maluco, e máo fim que todos ouverão, sómente huma nao que tornou a Castella com crauo; do que ouve tanto aluoroço em Seuilha que o Emperador Carlos mandou fornecer outra armada de cinqo naos que fosse a Maluco, e por capitão mór hum frei Gracia de [2] * Loaysa *, comendador da ordem de Calatraua, com regimento que na ilha de Tidore fizesse forteleza, confiando na muyta amizade que o Rey de Tidore fez aos castelhanos. Da qual armada huma só nao chegou a Maluco, de que era capitão hum Martim [3] * Inhigo *, justiça mór d'armada, o qual em huma ilha soube como os nossos tinhão feita forteleza em Ternate, onde 'quy estando chegou a nao capitaina com o capitão mór, que morrera de doença, e a nao que se hia ao fundo, polo que recolheo toda a gente e artelharia e fazenda, e deu fogo á nao e ficou na sua com trezentos homens, com que foy sua viagem, e foy ter nas ilhas do Morro em estando lá dom Jorge; e os castelhanos ouverão vista das nossas velas e se recolherão, e se fizerão em outra volta. Sobreueo a noite que os nossos os nom virão, e os castelhanos forão ter em huma terra do Rey de Tidore, onde os da terra os conhecendo que erão castelhanos lhe fizerão muyto gasalhado e honras, e lhes contauão dos males que os nossos fazião nas terras e tinhão feito ao Rey de Tidore. Os castelhanos com grandes juras lhe prometião que logo auião de hir tomar a forteleza, e todolos portugueses fazerem em pedaços e os darem a comer aos cães; com que os da terra estauão muy contentes e os muyto seruião, e lhe dauão de graça quanto querião.

As nouas dos nauios de dom Jorge forão ter á forteleza; nom que soubessem que erão nossos. E porque dom Gracia teue suspeita que podião ser de castelhanos, porque vinhão d'aquella parte das ilhas do Mor-

[1] * Capitulo outro * está no original. [2] * Loajes * Autogr. [3] * Inheges * Id.

ro, armou logo Martim Correa em huma corocora, em que elle foy só com hum portuguès que sabia a lingoa da terra, chamado Diogo da Guerra, com que foy ter a Camafo, lugar d'ElRey de Tidore, onde soube que a nao era de castelhanos e a gente que era muyta; com o que se tornou á forteleza, e dada a noua a dom Gracia ordenou mandar 'armada aguardar a nao e pelejar com ella, e deu o cargo de capitão mór a Manuel Falcão, em dous nauios com setenta portugueses, e Cachil Daroes em doze corocoras. E hindo de meo caminho despedio * o * ouvidor da forteleza, que hia com elle, que fosse diante e chegasse á nao, e auido seguro entrasse e désse ao capitão Martim [1] * Inhigo carta que lhe * mandaua o capitão da forteleza; a qual carta era achaque com que entrasse, e visse a gente, e desposição da nao como vinha apercebida. O que tudo o ouvidor fez com muyto auiso, e deu a carta ao capitão, o qual, como castelhano auisado, bem entendeo o achaque da carta, e fez mostra de toda a gente, e respondeo á carta com muy cortezes palauras e offerecimentos d'amizades; com que se tornou o ouvidor e a nao foy seu caminho ao porto de Tidore, onde meteo a nao de dentro do arrecife, onde foy muy bem recebido. O qual logo se meteo em trabalho, e fez de pedra sequa dous baluartes sobre o arrecife em defensão da nao, e n'elles pôs artelharia, e a nao assy concertada pera muyta defensão; e a nao no meo, que ficaua como forteleza. E logo os nossos se tornarão á forteleza, onde logo veo huma carta pera dom Gracia, que lhe mandou o capitão castelhano, em que dizia que elle era ally vindo por mandado do Emperador seu senhor, cujas aquellas ilhas erão, assy por estarem na sua demarcação, como por Fernão de Magalhães, seu vassallo, lhas descobrir e tomar a posse d'ellas; e mais, sobre tudo, tinha d'ellas sentença que ouvera contra ElRey dom Manuel; e por estas causas todas, e as ilhas serem suas, dos homens que as descobrirão ficarão ally trinta seus vassallos, com feitoria assentada com muyta fazenda e corenta peças d'artelharia; do que nom achaua nada, e que a gente da terra lhe dizia que os portugueses matarão os castelhanos e tomarão tudo; sobre tudo os achaua com forteleza feita nas terras do Emperador, sem sua licença; que lhe pedia que lhe mandasse dizer a rezão que tiuerão os portugueses pera taes cousas fazer, porque de tudo esperaua

[1] * Inhes capitão, que lha * Autogr.

de tirar estormentos pera o Emperador seu senhor nello prouer como fosse sua vontade.

Vendo dom Gracia tal recado, lhe respondeo que aquellas ilhas do crauo e d'outras fazendas, que por ally estauão ao redor, que erão d'El-Rey de Portugal, que as mandara descobrir, por Antonio d'Abreu, Afonso d'Alboquerque, seu Gouernador da India, passaua de dezaseis annos; de que tomara a posse com boa paz, e assy as possuia, e nenhum direito n'ellas tinha o Emperador, e *se* tinha sentença que lhe cabião em sua demarcação os que derão a sentença erão seus vassallos e fallarãolhe á sua vontade; que tambem leterados bons portugueses tinhão falado a verdade a ElRey de Portugal, affirmando que estas ilhas erão fóra da demarcação do Emperador, e que o descobrimento que fizera o Magalhães fòra depois muytos annos que as possuião os portugueses, e que como falso trédor a seu Rey e senhor que bem sabia que erão já descubertas estas ilhas quando elle andara na India, e foy trédor a ElRey de Portugal em fazer cousa contra seu seruiço, que o criara; e sendolhe defeso per regimento do Emperador que nom nauegasse polas terras e mares d'ElRey de Portugal, elle fez o contrairo com máo zêlo, polo que Deos lhe dera o máo fim que ouvera elle e todos os de sua companhia. E depois que os portugueses as tinhão descubertas todolos Reys e senhores d'ellas, e d'outras terras visinhas, se tinhão feitos vassallos e amigos d'ElRey de Portugal, de propias boas vontades e não por forças nem guerra, e tinhão bons tratos e amizades, e por muytos rogos do Rey de Ternate, que então viuia, ElRey de Portugal mandára fazer aquella forteleza em que elle estaua, e já estiuerão muytos outros capitães; e o capitão que a fizera fòra Antonio de Brito. E por *que* o Rey de Tidore quisera que se fizera na sua ilha e por lha nom fazerem fiqou anojado, moueo guerras contra as gentes do Rey de Ternate, com que lhe sempre foy mal, e por essa causa recolheo huns castelhanos perdidos que forão ter á sua ilha, os quaes todos Antonio de Brito recolheo a seu poder e os mandou á India, que o Gouernador lhes tomasse conta como assy andauão desmandados polas terras d'ElRey de Portugal; e esta era a verdade e não que os matarão. E que elle estaua n'aquella forteleza, que lhe ElRey de Portugal seu senhor encarregara de capitão, que elle e os bons portugueses que n'ella estauão a defenderião até morrer, e *auião de* offender a todos aquelles que fossem contra o seruiço d'El-

Rey de Portugal per todas aquellas ilhas, que nom tiuessem licença d'El-Rey de Portugal; o que todo lhe noteficaua porque visse o que fazia. E lhe requeria que nom comprasse nenhum crauo, porque todo era d'El-Rey de Portugal; porque, se o contrairo fizesse, por ysso lhe faria muyto mal; e se tornasse pera Castella, pois nauegara polos mares d'ElRey de Portugal, e nom tornasse mais a Maluco sem licença d'ElRey de Portugal, porque se nom tomasse seu conselho soubesse certo que a sua nao elle aueria arder em fogo feruendo sangue. O que todo protestaua fazer por seruiço d'ElRey seu senhor.

Com a qual reposta se tornou o messigeiro, a que o capitão castelhano respondeo, e ouve muytos recados, e ambos tirando seus estormentos, em que a cousa tanto se azedou que dom Gracia entendeo em querer pelejar com os castelhanos; o que lhe foy muyto contrariado per esses homens que o bem entendião, dizendo que os castelhanos estauão fortes, que auia mester muyta gente que nom tinha, e que hindo com a pouqa que tinha, se lhe matassem alguma d'ella, ficaria tão pouqa que os castelhanos tomarião coração pera quererem tomar a forteleza, o que nom seria muyto segundo estaua falta do necessario, e mórmente se lhe fizessem ajuda alguns da terra que tinhão seus agrauos. Outros homens mancebos, que nom tinhão conta com estas cousas, dizião que portugueses nom auião de soffrir sobrançarias de castelhanos, e os feros que fazião, e a soberba que tomarião se nom os fossem cometter; polo que compria ao estado d'ElRey nosso senhor, e honra dos portugueses, que fossem dar n'elles e lhe mostrar que os nom estimauão; e que polo mar auião de hir e quando nom vissem a sua *arrogancia* então se tornarião; e com ysto nom se perderia o credito dos portugueses, que de tantos annos estaua ganhado n'aquellas ilhas. Sobre o que, auidos muytos debates, foy assentado que todauia fossem dar nos castelhanos; pera o que se aperceberão cem homens, os melhor concertados que se acharão, e hum batel com hum camello e manta armada, e huma fusta com outro camello, e hum calaluz grande com outro camello: estes tres pera baterem, em que nom hia senão hum capitão e os bombardeiros e remeiros, e outros nauios e corocoras em que hia Cachil Daroes e mandarys, gente da terra. A fusta que hia na dianteyra, em que foy Manuel Falcão, aportou antre os baluartes, que logo foy sentida indaque fazia escuro, e lhe tirarão muytos tiros, e assy a fusta *tirou* tantos tiros que

lhe arrebentou o camello, e se tornou onde estaua dom Gracia, que logo mandou á fortaleza per outro camello, que inda veo antes que fosse menhã; e sendo dia craro, o batel, e fusta, e calaluz, forão dar bataria, em que os tiros dos castelhanos forão tantos que os nossos com medo se retirarão pera trás, tão longe que nom chegauão com os pilouros a terra. Ao que os castelhanos lhe dauão apupadas; e dom Gracia nom ousou de chegar, porque se hum pilouro désse nas corocoras as espedaçaria e meteria no fundo, polo que com 'armada se meteo em huma enseada, agardando por poluora que mandara buscar á forteleza. Onde andando em terra alguns portugueses com Martim Correa, vierão os castelhanos per antre hum mato tirando com espingardas e béstas, com que de hum tiro de hum quadrelo ferirão Martim Correa detrás de huma orelha, com que cayo como morto, e dom Gracia, vendo que nom podia fazer dano aos castelhanos, se tornou á forteleza. Do que os castelhanos ficarão muy soberbos e muy acreditados da gente da terra; mas a nao dos castelhanos, com o tirar d'artelharia e ser podre per baixo, abrio que se encheo d'agoa e nom teue corregimento, com que os castelhanos ficarão muy tristes e nom fazião nenhuns feros, e dom Gracia tambem fiqou em repouso, porque nom tinha as forças que compria pera guerrear os castelhanos; e mais que se chegaua a monção pera Malaca, em que auia de mandar a carga d'ElRey pera ajuda do gasto d'aquella forteleza. E porque nom achou crauo na gente da terra, que todo lhe tinhão comprado os portugueses, elle se pôs em ordem de lhe tomar a cada hum a quinta parte do que tiuesse comprado; ao que todos se aleuantarão, dizendo que o nom darião senão polo preço que lho comprassem os mercadores dos junqos; sobre o que se aleuantarão uniões com que dom Gracia dessimulou, vendo a necessidade em que estaua e que lhe podião os portugueses fazer quantas soberbas quigessem, que tinhão o fauor de Cachil Daroes e dos mandaryns que lhe vendião o crauo. Polo que então dom Gracia dessimulou e tambem fez sua fazenda o melhor que pôde, e na monção de janeiro mandou a Malaca hum junqo carregado, e n'elle Martim Correa e Manuel Lobo Falcão, per que escreueo cartas ao capitão de Malaca em que lhe pedia secorro de gente, de que estaua muy falto pera contrastar os castelhanos, que estauão em Tidore e [1] * Geilo-

[1] * Beylolo * Autogr.

lo * e se senhoreauão das terras. Do que ao presente nom contarey mais até seu tempo do que mais se passou, e torno a contar da contenda de Pero Mascarenhas e Lopo Vaz.

CAPITULO XV.

[1] * EM QUE SE TORNA * A FALAR DE LOPO VAZ E PERO MASCARENHAS.

Sendo inuerno çarrado, que nom auia nauegação polo mar, Pero Mascarenhas por terra nunqa cessou de seus requerimentos á camara de Goa, e a Pero de Faria capitão da cidade, e aos fidalgos, e assy 'Afonso Mexia, e a Antonio de Miranda, capitão mór do mar, que em Cochym enuernaua. Afonso Mexia muy auisadamente, e com muytas cortezias, respondia a seus requerimentos que elle nom podia seruir dous Gouernadores; que lá se auiesse com Lopo Vaz, que estaua em posse da gouernança da India e dizia que era Gouernador, que por ysso lhe obedecia, e outro tanto faria a elle Pero Mascarenhas sendo obedecido por Gouernador da India, que elle tanto lhe montaua hum como outro, que prestes estaua com seu officio pera seruir ElRey com qualquer Gouernador que fosse feito por ElRey nosso senhor, aindaque fosse hum homem feito de barro; que por tanto a elle nom auia que requerer; que requeresse a quem lhe podia valer. Antonio de Miranda respondia que tanto que entrasse o verão elle hiria a Goa, e com Lopo Vaz faria tudo quanto fosse possiuel, segundo o que entendesse que era obrigado ao estado d'ElRey nosso senhor. Afonso Mexia com suas cartas, que escreuia a Lopo Vaz, o muyto amoestaua que olhasse bem o que lhe compria, e nom se fizesse duvidoso na gouernança da India que possuia, porque ninguem tinha poder ao tal obrigar; porque se se deixasse conromper de pareceres alheos tudo tinha perdido, porque estaua auorrecido dos fidalgos enuejosos, que tinhão pesar de elle ser Gouernador da India, os quaes todos quanto pudessem auião de dar a gouernança a Pero Mascarenhas; que por tanto lhe lembrasse qual ficaua sendo deitado de Gouernador, e Pero Mascarenhas que gouernasse, que elle contra rezão metera em ferros, que com direita justiça lhos mandaria deitar a elle, afóra os auexamentos e escar-

[1] * Torno * Autogr.

neos que d'elle farião, e de seus amigos, os fidalgos que elle tinha auexados e mal tratados; que por tanto abrisse os olhos d'alma e visse o que lhe compria, que melhor era morrer sobre a honra que viuer sem ella.

Com os quaes incitamentos d'Afonso Mexia, Lopo Vaz com os de sua valia estauão postos sobre o caso morrer.

E porque Lopo Vaz muyto se temia que Pero Mascarenhas se arriscasse á morte e perigo do mar, e escondidamente entrasse em Goa, assy como lho escreuião todolos fidalgos seus amigos, e elle conhecia Pero Mascarenhas por tal que nada duvidaria, e que sendo entrado em Goa e visto das gentes logo a la hora todos o aleuantarião por Gouernador, o que elle nom poderia registir, do que lhe virião grandes males; do que auido seu acordo, assentou guardar o rio de Goa a velha per que Pero Mascarenhas podia entrar sem embargo do inuerno, e podia entrar em Goa de supito, porque tinha auiso que os fidalgos presos, e capitães, e tanadares dos passos da ilha de Goa e muytos dos principaes cidadãos, tinhão escrito a Pero Mascarenhas que trabalhasse por entrar na ilha de Goa, que logo todos o hirião receber como Gouernador, do que todo o pouo aueria muyto prazer, com que nom lhe dando logo a obediencia Lopo Vaz logo seria preso e feito d'elle todo comprimento de justiça. Todas estas cousas sabia Lopo Vaz per cartas que tinha tomadas, que nom erão assinadas nem elle sabia quem as escreuia; polo que, com acordo de seus amigos, por se mais segurar mandou enuernar no rio de Goa velha Simão de Mello, seu sobrinho, em huma galeota e huma fusta, ao qual deu regimento que sendo caso que ally viesse ter Pero Mascarenhas o prendesse em ferros e o tiuesse a bom recado. Onde assy assentado, em seis d'agosto chegou á barra de Goa Antonio d'Abreu, que enuernara em Moçambique, ao qual Lopo Vaz fez muyto gasalhado, e lhe deu muyta conta de seu trabalho, e lhe mostrou seus papés, e o trelado da carta que ElRey escreuera 'Afonso Mexia, em que lhe dizia que se nom usasse das socessões velhas, nom querendo que Pero Mascarenhas fosse Gouernador, que n'ellas estaua nomeado por Gouernador, e que se usasse das nouas soccessões, em que elle na primeyra era Gouernador; o que lhe Pero Mascarenhas contrariaua, e a ysso o ajudauão muytos fidalgos, que erão seus contrairos porque elle lhe nom daua quanto lhe elles pedião, muyto lhe rogando que lhe dixesse seu parecer. Ao que Antonio d'Abreu,

como homem que n'ysso lhe hia pouqo, e querendo fazer seu proueito, muyto contentou Lopo Vaz, dizendo que sem duvida era Gouernador da India conforme a vontade d'ElRey, e os que tinhão o contrairo muyto errauão. Com que Lopo Vaz fiqou muy contente, e por ysso lhe leuou em conta em seus ordenados, e soldos que comprou, muyta soma de dinheiro que Antonio d'Abreu tirara do cofre da nao, que leuaua pera a carga: o que assy o fez a outros, como adiante direy.

ARMADA

DE

MANUEL DE LACERDA,

QUE VEO O ANNO DE 1527.

CAPITULO XVI.

N'este anno, aos seis dias de setembro chegarão á barra de Goa duas naos do Reyno, que derão noua que do Reyno partira Manuel de Lacerda por capitão mór d'armada, que erão cinquo naos, de que erão capitães o capitão mór, e Aleixos d'Abreu, Baltesar da Silua, Gaspar de Paiua, Christouão de Mendoça pera capitão d'Ormuz na vagante de Diogo de Mello: a capitaina a nao Conceição, Aleixos d'Abreu na Bastiana, Christouão de Mendoça em Santiago, Baltesar da Silua na Frol de la Mar, Gaspar de Paiua, irmão do ayo d'ElRey, em são Roque. Nauegando estas naos se apartarão, e Manuel de Lacerda, por erro de seu piloto, que nom soube per onde hia, se perdeo na ponta da ilha de são Lourenço, em que ensequou em huma cabeça d'arêa, de noite ; o que se depois soube pela armada de Nuno da Cunha, Gouernador, que com sua nao se perdeo n'este propio lugar, como adiante contarey em seu lugar. E tam-

bem Aleixos d'Abreu em outro lugar n'esta ilha se perdeo, e toda a gente se saluou em terra; dos quaes auendo medo a gente da terra, porque era muyta gente, os espalharão pola terra, onde pouqos e pouqos andarão morrendo, que quando se ahy perdeo a nao de Nuno da Cunha inda se achou hum homem d'estes, que deu as nouas.

E as duas naos que chegarão a Goa forão Gaspar da Silua e Gaspar de Paiua, e muyto tarde, em fim d'outubro, chegou Christouão de Mendoça com muyta gente morta e doente. Com a chegada d'estas duas naos ouve muyto prazer, porque n'ellas hião fidalgos honrados que ajudarião a desfazer a união de Lopo Vaz e Pero Mascarenhas. Os capitães forão recebidos de Lopo Vaz com muytos bons gasalhados e honras, pera os ter por amigos da sua parte nas deferenças em que estaua; aos quaes se muyto queixou das afrontas que lhe fazião os fidalgos da India no caso de Pero Mascarenhas, e lhes mostrou seus papés, tomando seus pareceres, em que n'elles achou repostas que elle nom quisera que lhe dissesserão; que polo que lhes mostraua elle estaua perfeito Gouernador conforme a vontade d'ElRey, mas polas contendas que auia nom deuia de querer trabalhos, que muyto acertaua em se pôr em justiça, porque o negar que nom queria fazia duvidar que nom tinha boas prouisões. A qual reposta nom foy da vontade de Lopo Vaz, porque muyto temia que hindo a juizo auia de ser desfeito de Gouernador.

E como estes capitães leuauão as vias d'ElRey pera dom Anrique, que cuidaua que era viuo, achando assy duvidado o Gouernador nom derão as cartas a Lopo Vaz, postoque elle lhas pedia, pera as ver e prouer por ellas o que comprisse; mas os capitães se escusarão, dizendo que as nom darião senão, depois de sua contenda acabada, a qualquer que ficasse por Gouernador. Ao que Lopo Vaz, polos ter de sua banda, lhes fazia todo o que lhe elles pedião, que por terem em costume á partida do Reyno abrirem os cofres que trazem e [1] * tirarem * o dinheiro pera empregarem e se aproueitarem, a estes Lopo Vaz lhes fez larguezas, que o dinheiro que deuião aos cofres lhes tomou em soldos [2] * compridos *, e lhe fez outras mercês de que elles se souberão aproueitar n'esta agoa enuolta, pola necessidade que sentirão que Lopo Vaz tinha d'elles; como se sempre costuma.

[1] * empregão * Autogr. Justifica a substituição o que se lê no fim do Capitulo XV, pag. 181. [2] Gaspar Correa quiz talvez escrever * comprados *.

Antonio de Miranda d'Azeuedo, capitão mór [1] * do mar, enuernara * em Cochym, muyto amigo com Afonso Mexia, * que * per as cousas de Lopo Vaz concertoulhe muyto bem sua armada. Na entrada d'agosto, por o tempo ser bonança, partio de Cochym; e por elle escreueo Afonso Mexia a Lopo Vaz que todas suas forças pusesse como Pero Mascarenhas se fosse pera o Reyno com seus papés, Antonio de Miranda foy ter sobre Cananor, e mandou recado a dom Simão se tinha necessidade d'alguma cousa, o qual lhe respondeo que tinha muyta necessidade e muyto compria ao seruiço d'ElRey que elle fosse a terra, o que lhe requeria da parte d'ElRey. O que elle assy fez, e foy a terra, onde com honra foy recebido do Gouernador Pero Mascarenhas, que per escrito, em pubriquo, lhe fez muy forte requerimento que pois dom Simão de Menezes com aquella forteleza e Christouão de Sousa em Chaul, que erão as principaes duas fortelezas da India, lhe tinhão obedecido como Gouernador que era e estauão a seu mando, mostrandolhe os estormentos que d'ysso tinha, lhe requeria da parte d'ElRey, sob pena do caso mayor, que tambem assy lhe obedecesse como a Gouernador que era; fazendolhe por ysso grandes protestos, pois que Lopo Vaz estaua aleuantado com a gouernança da India, que era sua com todo direito, e Lopo Vaz tyraniqamente gouernaua, sem se querer pôr com elle a direito e guardar a real justiça d'ElRey nosso senhor, que elle requeria, por conseruação da India e morrer a união que estaua aleuantada nos fidalgos e pouo da India; do que de todo elle Antonio de Miranda era a chaue principal; porque se elle lhe obedecesse por Gouernador logo Lopo Vaz se poeria em justiça. Antonio de Miranda, vendo tão justo requerimento de Pero Mascarenhas, e vendo o grande inconuiniente d'esta cousa, que tanto importaua ao seruiço de Deos e d'ElRey e ao estado da India, respondeo que elle nom o podia obedecer por Gouernador, como lhe requeria, até nom saber primeyro se Lopo Vaz se queria pôr com elle em direito, obedecendo á justiça d'ElRey nosso senhor que lhe pedia; o que Lopo Vaz nom querendo fazer, sobre o que lhe faria seus requerimentos e [2] * protestos, liuremente * a elle daria obediencia. Do que todo deu hum assinado a Pero Mascarenhas, com que fiqou satisfeito.

E Antonio de Miranda seguio seu caminho a Goa, que Lopo Vaz

[1] * do mar que enuernara * Autogr. [2] * protestos com que liuremente * Id.

recebeo com muyta honra, com esperança que teria n'elle bom ajudador, porque viria bem endustriado por Afonso Mexia, mas sabendo do assinado que dera a Pero Mascarenhas teue com elle grandes debates, dizendo que se nom enganasse nenhum homem que estiuesse na India, que elle com Pero Mascarenhas nom se auia de pôr em direito, pois era Gouernador da India per boas prouisões que tinha, que as nom auia de fazer duvidosas em as apresentar a juizes que as julgassem; que por tanto elle Antonio de Miranda se fosse muyto embora obedecer a Pero Mascarenhas; que logo faria outro capitão mór do mar. Ao que Antonio de Miranda, por ser homem de mansa condição, deu por desculpa que elle nom dera o assinado a Pero Mascarenhas pera o comprir, sómente por comprimento por se despedir d'elle; porque o vira tão indinado que temera que o prendesse e lhe tomasse 'armada. E Lopo Vaz, nom satisfeito com esta reposta, bem lhe quisera tirar a capitania mór do mar e a dar a outro, mas arreceou que com ysso se alcuantasse algum aluoroço com fauor de todolos fidalgos que o ajudarião, e dessimulou, trabalhando acabar suas * cousas * por bons modos d'amigos.

Na companhia d'Antonio de Miranda entrou em Goa hum secreto requerente de Pero Mascarenhas, com tres requerimentos, a saber: hum pera Lopo Vaz, e outro pera Antonio de Miranda, e outro pera a camara da cidade, todos muy cortezes e bem ensinados, apontados muyto em toda justiça e direito, e o de Lopo Vaz sobre todos, e n'elle acostado em pubrico o trelado de huma carta d'Afonso Mexia, que per terra mandaua a Lopo Vaz, que no caminho foy tomada per homens que Pero Mascarenhas a ysso trazia; na qual carta Afonso Mexia daua a Lopo Vaz grandes auisos, e sobre todo qũe com Pero Mascarenhas se nom pusesse em direito, porque todo o direito era seu, e nom quigesse mostrar o erro que tinha feito em lhe nom obedecer e o prender em ferros, e que olhasse que tal ficaria sendo dada a gouernança a Pero Mascarenhas, que estaua muy certo lha darem, e auia de ser mandado pera o Reyno com grandes culpas, com que ante ElRey teria muyto trabalho; e que por tanto antes soffresse morte sostendose no que estaua, que verse em taes trabalhos, pois era obrigado a morrer per sua honra.

E por respeito d'esta carta Pero Mascarenhas escreuia a Lopo Vaz que temesse a Deos e a ElRey polo grande mal que lhe tinha feito, e o nom quigesse leuar áuante com as atentações d'Afonso Mexia, que era o

diabo que o metera no inferno em que estaua; que a ElRey fazia n'ysso mór offensa, e olhasse a pena que lhe merecia, e se quigesse hir áuante com sua erronia cresse que na India auia fidalgos e leaes portugueses que lho nom anião de consentir, e que sendo elle causador dos males e uniões que se farião, olhasse a obrigação em que ficaua a Deos e a ElRey.

Todas estas sostancias Pero Mascarenhas escreuia aos fidalgos e á camara com grandes requerimentos, e escramações e protestos; polo que n'ysso muyto entenderão e fizerão ajuntamento na camara dos principaes homens da cidade, onde todos virão os requerimentos e protestos de Pero Mascarenhas, de que pedia estormentos pera ElRey, se a Lopo Vaz nom apresentassem seu requerimento e o obrigassem a guardar e obedecer a real justiça d'ElRey, que era o estado da India. O que sendo por todos visto, ficarão muy espantados vendo as palauras da carta d'Afonso Mexia, com que ficarão muy indinados contra Lopo Vaz, e contra Afonso Mexia, vendo que era o causador de todo o mal, vendo craro que Lopo Vaz nom se queria pôr em justiça porque a nom tinha, polo que a todos compria, como a fiés vassallos, fazer a Lopo Vaz pôr em justiça com Pero Mascarenhas, e n'ysto poerem suas forças até morrer, e o prenderem e em ferros o [1] * mandarem * ao Reyno, porque a tudo os obrigauão os requerimentos e protestos de Pero Mascarenhas. Polo que logo ally assentarão [2] * que * todos juntos como estauão fossem a Lopo Vaz a lhe apresentar o requerimento de Pero Mascarenhas, e sayrão todos da camara, que era muyta gente, e caminharão pera as casas de Lopo Vaz, que erão defronte da camara. O que elle vio da sua genella, e vendo que entrauão em casa lhes mandou dizer á sala que lhe nom fossem com nenhumas afrontas, porque a todos juntos os mandaria enforcar. Ao qual recado todos em união bradarão, dizendo que ally vinhão homens que em algum tempo lhe nom falaria taes palauras, mas que estaua ally a cidade de Goa que lhe requeria que a ouvisse.

Lopo Vaz, ouvindo a união de fóra, temeo que o vinhão prender, e ouvindo o recado sayo fóra á sala. Então Ruy Paes, vereador, lhe disse: « Senhor, a cidade de Goa vos pede que a ouçaes de justiça, que » « vos vem pedir como a Gouernador da India. » Lopo Vaz, que já trazia

[1] * mandassem * Autogr. [2] * de * Id.

outro conselho, respondeo que a ouviria e faria toda justiça. Ao que muytos responderão: «Senhor, assy o esperamos que façaes, pola grande» «obrigação do cargo que tendes; e por tanto esta cidade vos requere,» «da parte d'ElRey nosso senhor, que respondaes a este requerimento» «que vos faz Pero Mascarenhas, e com a reposta lhe deys estormento» «pera ElRey.» Ao que Lopo Vaz se mostrou muy iroso, dizendo que deslealmente o desacatauão e afrontauão, vindolhe com taes nouidades com uniões de pouo; o que tal nom podião fazer contra elle que era Gouernador da India, a que auião d'obedecer como á pessoa d'ElRey. Respondeo Antonio de Miranda: «Todos obedecemos ao Gouernador que» «obedecer justiça; e por tanto he necessario que responda ao requeri-» «mento de Pero Mascarenhas, que pede justiça, que sois obrigado a fa-» «zer ao mais fraco homem da India que vola pedir da parte d'ElRey» «nosso senhor, cujos vassallos somos, obrigados a morrer por fazer guar-» «dar e obedecer sua real justiça, a qual pede Pero Mascarenhas, que» «lhe denegaes; por onde crê todo o pouo que elle a tem e vós não,» «pois na India estão taes * pessoas * que se vossa for muy enteiramen-» «te vola darão. E por tanto a cidade, e todos, volo pedimos e requere-» «mos da parte d'ElRey nosso senhor; porque se o nom fizerdes, sabey» «por certo que sereys Gouernador sem gente, que toda vos desobede-» «cerá, vendo que desobedeceys á justiça d'ElRey nosso senhor. E com» «dar d'ysto reposta a este requerimento de Pero Mascarenhas elle tem» «acabado suas cousas, com que se hirá pera o Reyno.» Então Lopo Vaz respondeo que era contente responder. Que o faria polos comprazer, mas nom que fosse justiça nem rezão «pola grande solemnidade de meu car-» «go, que he tão sagrado que só ElRey me pode obrigar que lhe respon-» «da. E responderey, pois com eu responder acaba Pero Mascarenhas» «seus debates, e vós outros tambem acabareys vossas emportunações e» «procuratorias.» E quis requolher o requerimento, mas Ruy Paes dixe que primeyro o auia de ler em pubrico. Do que Lopo Vaz se rio, e dixe que o lesse, e o apregoasse na rua direita se quigesse; mas ouvindo Lopo Vaz as palauras d'elle fiqou muy afrontado, vendo que era muy chegado a concrusão de ser desobedecido, se nom se pusesse em justiça com Pero Mascarenhas. Com muyto soffrimento respondeo, e disse a Vicente da Costa, escriuão da camara, que escreuesse que respondia a Pero Mascarenhas que elle era perfeito Gouernador da India per prouisões d'El-

Rey, que ninguem o podia obrigar que as mostrasse, sómente Su'Alteza; e que por tanto elle Pero Mascarenhas, e todos quantos estauão do cabo da Boa Esperança pera dentro, erão seus suditos, e por tanto nenhum o podia obrigar a nada, porque «nenhum homem tem poder pera me» «obrigar a nada, nem me julgar, sómente Su'Alteza. E esta reposta, que» «dou a Pero Mascarenhas, dou a esta cidade e quantos ha na India. E» «quando n'ysto errar ElRey nosso senhor me dará o castigo que me-» «recer. E com ysto hideuos muyto embora, se quiserdes.» E assinou esta reposta no cabo do requerimento. Com que os despedio, e todos se forão, sómente Antonio de Miranda com que Lopo Vaz fiqou em pratica, dizendo que sendo elle tamanho seu amigo nom deuera de ser contra elle, e vir em companhia com os que lhe vinhão fazer afrontas; que quando elle fosse condenado no Reyno que nom gardara justiça a Pero Mascarenhas tudo seria pagarlhe os ordenados.

Antonio de Miranda lhe respondeo: «E se lhe vós pagardes os or-» «denados quem lhe pagará a honra que lhe tomaes, com tantos auexa-» «mentos e males que ElRey muyto ha de estimar? Olhai o que fazeys.» «Tomai bom conselho; emendai o errado, porque áfora a vossa con-» «denação, em que conta terá ElRey quantos fidalgos ha na India, que» «todos ficamos com grande abatimento de nossas honras e dinos de gran-» «de castigo, pois nom somos homens pera fazer guardar sua justiça,» «consentindo em tantos auessos como fazeys á sua real justiça. E por-» «que a todos nós este caso tanto toqua, de todos aueys de ser muy re-» «querido e apertado que vos ponhaes em justiça, e se virem que nom» «quereys aleuantarão bandeyra pola justiça d'ElRey, e todos serão a» «fogo e sangue contra quem a nom quiser obedecer, que nom ha ou-» «tro na India senão vós. Com o que então, indaque peçaes justiça,» «já póde ser que vos nom ouvirão.» A esta pratica era presente Gaspar de Paiua, e Antonio d'Abreu, que outorgarão com o que dizia Antonio de Miranda, dizendo a Lopo Vaz que erraua no que fazia nom se pôr em justiça com Pero Mascarenhas, pois todo o pouo lho pedia, e em quanto o nom fizesse tinhão rezão de se aleuantarem contra elle, porque dizião que elle nom tinha boas prouisões de sua gouernança, pois as nom mostraua; e que dizer elle que nom auia de fazer duvidosa a mercê que lhe ElRey fizera, em assy a nom querer mostrar a fazia duvidosa; no que fazia grande erro, que lhe ElRey auia d'estranhar; e que em a mostrar,

se n'ysso lhe fazião fazer erro, ElRey daria o castigo a quem lho merecesse. Lopo Vaz bem caya em todas estas rezões, mas tinha grande arreceo das palauras que lhe dizia Afonso Mexia, em que o tanto certificaua que a justiça era de Pero Mascarenhas, e que ficando Pero Mascarenhas feito Gouernador tinha rezão de carregado de ferros o mandar ao Reyno. Estes pensamentos tinha comsigo e os seus muyto tratado, que todos lhe dizião que assy auia de ser, e acharia contra sy todolos fidalgos que elle tinha auexados por estas deferenças.

Mas vendo as rezões de Gaspar de Paiua, que muyto lhe certificaua que seus papés erão bons, e quando o nom fossem ninguem julgaria que Pero Mascarenhas fosse Gouernador, vendo a carta d'ElRey que mostraua craro nom querer que Pero Mascarenhas fosse Gouernador, pois mandaua leuar as socessões em que o tinha nomeado por Gouernador, dizendo que d'ellas se nom usasse, senão das nouas que mandaua, e que em tanto elle Lopo Vaz gouernasse até se abrirem *as* em que o fazia Gouernador; que todas estas sostancias apresentadas aos juizes, que o caso ouvessem de julgar, certo estaua que se auião de conformar com a vontade d'ElRey, e nom auião de fazer outra cousa; Antonio de Miranda disse, falando com Gaspar de Paiua: «Nom he necessario tantas» «cousas nem duvidas ao que está tão craro, que nom ha d'auer mais» «que ser julgado polo que se vir, e não polo que se presumir. Na In-» «dia estão tão honrados fidalgos que a cada hum d'elles lhe darão sua» «direita justiça. O caso d'aquy he a vontade do pouo, que quer que» «a cousa se veja por justiça.» Lopo Vaz agastado lhe respondeo: «E» «se eu me nom quiser pôr em justiça, que me fareys ou que será?» Respondeo: «O que será vós o vereys, tanto que derdes a reposta á» «cidade que vos nom quereys pôr em justiça.» Disse Lopo Vaz: «Vós,» «Antonio de Miranda, me parece que vos fazeys a bandeyra n'este ca-» «so.» Disse Antonio de Miranda: «Eu por quem som, e a obrigação» «que tenho a ElRey nosso senhor, são o primeyro que morrerei por» «guardar seu real seruiço. E porque dizeys que o faço como vosso imi-» «go o tempo dou por testimunha do bem e do mal que vos quero, que» «mais nom quero falar nada.» E se despedio e se foy.

Fiqou Lopo Vaz com Gaspar de Paiua, e Antonio d'Abreu que acertou de vir, e Gaspar da Silua, e Antonio da Silueira, e dom Vasco d'Eça, que antre todos tiuerão muytos debates; mas todos approuando que de-

uia poerse em justiça; que estiuesse seguro que o nom auião de tirar da gouernança, pois a vontade d'ElRey era que elle gouernasse, e nom Pero Mascarenhas; e sobre tudo esguardarião tamanhos males como aueria se fosse dada a gouernança a Pero Mascarenhas, em que era o principal Afonso Mexia, vedor da fazenda, polo auexamento que lhe fizera. E taes cousas praticarão e tratarão com Lopo Vaz, que elle assentou de se pôr em justiça como lhe pedião, e com todos consultou que o tiuessem em segredo até vêr o que se fazia.

Antonio de Miranda saydo de casa de Lopo Vaz muytos fidalgos se forão pera elle, e mórmente Heytor da Silueira e os de sua valia, que antre todos, auido grandes praticas e debates, foy assentado que fossem os officiaes da camara tomar reposta de Lopo Vaz de si ou de não; e dizendo que se nom queria pôr em justiça d'ysso fizessem auto presente elle, logo lhe dizendo que se recolheria a camara da cidade, e aleuantarião bandeyra real pola justiça; e se no caso Lopo Vaz fizesse algum desmancho ou semrezão, logo todos com suas armas acodissem a prender Lopo Vaz, e matar quantos o defendessem. E nysto assentados todos, forão chamados os officiaes da camara, e dado conta de todo o que estaua assentado, que por tanto elles, sem nenhum arreceo nem medo, fossem a Lopo Vaz, e sómente lhe perguntassem que respondesse ao que lhe era pedido, se se queria pôr em justiça ou não.

Ao que os officiaes todos juntos forão a casa de Lopo Vaz, e da sala lhe mandarão dizer que lhe pedião por mercê que os quigesse ouvir. Lopo Vaz, que já tinha seu conselho tomado, lhes mandou dizer que os nom auia d'ouvir senão presente o capitão da fortaleza e [1] *o* capitão do mar, [2] *e todolos* fidalgos; que os mandassem chamar que viessem. O que assy foy feito, que sendo chamados todos se ajuntarão na sala, onde sayo Lopo Vaz com os de sua valia, e com os capitães das naos do Reyno, que com elle estauão. E Lopo Vaz falando com os officiaes lhe dixe: « Que he o que me quereis, hourados vereadores, e vos- « sos tantos valedores que aquy tendes? » Dixe Christouão de Figueiredo, escriuão da feitoria, que seruia de procurador da cidade: « Senhor, esta » « cidade, e pouo da India, vos requerem da parte d'ElRey que obedeçaes » « sua real justiça, e a façaes a quem volo requere, que he Pero Mas- »

[1] *do* Autogr. [2] *e de todos* Id.

« carenhas. De que vos pede reposta se vos apraz de o fazer ou não. »
« E a ysto sómente vimos aquy, pera sobre vossa reposta se fazer o que »
« for seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor, sobre o que auemos de »
« morrer, como fieis vassallos e leaes portugueses que somos. E se nom »
« obedecerdes á justiça d'ElRey nosso senhor, esta cidade, que he a »
« principal da India, vos nom obedecerá d'esta hora em diante; o que »
« assy fará todo seu pouo e nobres fidalgos da India. » Lopo Vaz se mostrou muy afrontado, e lhe pedio que todos se assinassem, porque contra todos protestaua auerem a pena de trédores aleuantados, pois lhe fazião taes afrontas e esta tamanha força. Ao que lhe dixe Christouão de Figueiredo que todos os nomeados nos requerimentos estauão assinados nos autos que estauão feitos na camara.

Lopo Vaz, vendo a cousa em tanta rotura e taes desenganos, com o conselho que em seu secreto tinha assentado respondeo que elles todos olhassem bem os doestos e forças que lhe fazião, sendo elle Gouernador da India; « pois forçadamente me constrangêes a fazer o que nom deuo, »
« nem a tal me podeys obrigar. Polo que digo que, apertado e forçado, »
« faço o que me requereys com nome e voz que obedeça á real justiça »
« d'ElRey nosso senhor, ao que me obrigaes mostrandouos duvidosos »
« ás prouisões d'ElRey nosso senhor, sobre o que farey meus requeri- »
« mentos e protestos, de que vos ha de vir muyto mal e grande casti- »
« go ante ElRey nosso senhor. E com estes protestos digo [1] * que sob »
« condição consinto * no que me requereys, pera o que * as * verão jun- »
« tos todolos capitães e fidalgos que estão na India, que n'esta cousa »
« entendão e ordenem com taes seguridades, quantas comprem pera res- »
« guardo de se fazer direita justiça a quem a tiuer. » Ao que falou com Antonio de Miranda, que era presente, lhe dizendo, e requerendo da parte d'ElRey, que elle fosse a principal parte de antre ambos, elle e Pero Mascarenhas, com Christouão de Sousa, que já estaua aleuantado por parte de Pero Mascarenhas, assy como o fizera dom Simão, que [2] * de * preso em ferros, de que deu conhecimento, o aleuantara por Gouernador. Antonio de Miranda [3] * lhe * dixe que dom Simão e Christouão de Sousa fizerão o que entenderão que era seruiço de Deos e d'ElRey segundo suas obrigações; « assy como agora fazemos, e quem errar El- »

[1] * que condição o consinto * Autogr. [2] * do * Id. [3] * lho * Autogr.

«Rey lhe dará o castigo;» mas para o caso que tinhão nas mãos que todos estauão mui prestes para muy enteyramente fazer todo o que comprisse ao estado [1] *d'ElRey muy* compridamente, com toda verdade e direita justiça: com que todos se despedirão. A qual cousa logo foy escrita a Cochym e a Cananor e a Chaul *por* huns amigos aos outros.

Lopo Vaz, tanto que chegarão as naos de Moçambique, como já dixe, com animo de fazer capitão mór do mar Antonio da Silueira, seu genro, lhe forneceo huma armada de oito velas, em que o mandou a Chaul requerer a Christouão de Sousa que lhe d'esse 'armada que lá tinha e a gente que lá envernara, que auia mester pera prouer cousas necessarias. Chegado Antonio da Silueira a Chaul sorgio na entrada do rio, donde mandou em hum catur dizer a Christouão de Sousa que hia com recado de Lopo Vaz, que muyto compria que ambos se vissem, e ordenasse como fosse. Christouão de Sousa, que já tinha cartas por terra do que lhe Lopo Vaz mandaua pedir, respondeo que nom auia necessidade de se verem, porque o recado que trazia era de Lopo Vaz, que elle nom conhecia por Gouernador da India, nem auia d'obedecer senão aos mandados do senhor Gouernador Pero Mascarenhas. Sobre o que Antonio da Silueira lhe mandou muytos recados, e fez muytos requerimentos e protestos com que se tornou a Goa.

Tanto que Lopo Vaz assy outorgou que se poeria em direito com Pero Mascarenhas, assesegou muyto o pouo, que todos ficarão contentes e satisfeitos. E logo ordenou huma galé real com quatro catures, em que mandou Antonio de Miranda que fosse a Chaul, onde já tinha mandado Antonio da Silueira, a pedir a Christouão de Sousa a gente e armada que tinha, o que estaua certo que Christouão de Sousa o duvidaria e o nom quereria fazer; mas que agora sabendo que elle estaua [2] *decidido* a se pôr em direito com Pero Mascarenhas, folgaria de fazer o que com direito era obrigado a fazer e com elle [3] *tomar accôrdo do modo* e concertos como se auia de fazer esta cousa, e que emtanto que se esta cousa acabasse nom daria obediencia a Pero Mascarenhas, mas estiuesse por ambas as partes como fiel balança. Ao que leuou Antonio de Miranda grandes apontamentos do assento que auia de tomar

[1] *d'ElRey pera que muy* Id. [2] *obedecido* Id. [3] *tomasse do modo* Id.

n'esta cousa, com grandes resguardos e cautelas, em tal modo que sendo julgada a gouernança a [1] *cujo* fosse, logo lhe fosse entregue, e obedecido no alto e baixo, sem antreuallos nem duvidas algumas. Pera o qual assento forão com Antonio de Miranda alguns fidalgos honrados, pera serem terceiros no caso.

Francisco Pereira de Berredo, que veo n'estas naos d'este anno prouido de capitão de Chaul, porque Christouão de Sousa já tinha acabado seu tempo, vendo que Antonio de Miranda hia a Chaul, apresentou sua patente da capitania a Lopo Vaz, a qual lhe elle confirmou, e lhe deu regimento que tanto que fosse metido de posse da forteleza, elle da sua mão a deixasse entregue ao alcayde mór, e que logo se tornasse com Antonio de Miranda, pera ser no julgado de Pero Mascarenhas. O qual se embarqou com Antonio de Miranda, e forão a Chaul, onde chegando se partia pera Goa Antonio da Silueira, de que soube o que passara com Christouão de Sousa, e entrou no rio com a galé; e Christouão de Sousa tinha já cartas por terra, que lhe escreuerão de Goa, que d'Antonio de Miranda se nom fiasse, porque leuaua mandado de Lopo Vaz que o prendesse. Pelo que, sendo surto Antonio de Miranda, Christouão de Sousa lhe mandou dizer que a terra nom fosse sem primeyro lhe mandar dizer ao que hia, ou se quigesse hir a terra fosse com hum só moço, porque d'outra maneyra o nom auia de consentir que sayssc a terra; e ysto lhe dizia, porque tinha sabido *a* rezão *por* que assy fosse; que se vinha pedirlhe 'armada e entrega da forteleza já tinha dito 'Antonio da Silueira que o nom auia de fazer, porque o Gouernador Pero Mascarenhas, a que elle obedecia, lhe mandaua o contrairo. Antonio de Miranda lhe mandou dizer que hia falar com elle cousas que muyto importauão ao seruiço d'ElRey, que se nom podião fallar per escrito nem messigeiros; que pois assy estaua duvidoso, que elle ordenasse como ambos se vissem seguramente hum do outro. Polo que concordarão que ambos se vissem no rio, cada hum em catures com quatro homens sem armas algumas, e menagens dadas, com estormentos per tabaliães, de hum nom offender ao outro em cousa alguma, sómente tratarem as cousas de seruiço d'ElRey, que dizia, com taballião em meo pera fazer assentos do que comprisse. O que tudo foy bem concertado, e se virão no meo do

[1] *cuja* Autogr.

rio, e Antonio de Miranda lhe deu conta do que estaua concordado com Lopo Vaz, e o que com elle passara de rezões e repostas quando lhe apresentarão os requerimentos de Pero Mascarenhas, com que amostrandose Lopo Vaz agrauado, e forçado com grandes protestos, concedera poerse em direito com Pero Mascarenhas, e ser julgado seu caso por juizes iguaes, que a cada hum serião dados; o que tudo estaua bem ordenado. E porque elle tinha voz por Pero Mascarenhas, era necessario ser presente n'esta cousa e por sua parte ajudar a ordenar como tudo fosse feito com toda' boa ordem, per bem d'ambas as partes. E mais que compria hir, porque vinha ally Francisco Pereira prouido por ElRey no cargo de sua forteleza, de que trazia a patente confirmada polo Gouernador Lopo Vaz, pera logo tomar a posse. Christouão de Sousa lhe respondeo: «Senhor» «Antonio de Miranda, eu tenho bem sabido como tudo ysso he passado» «em Goa, porque á mingoa de fidalgos honrados se passarão muytas» «cousas muy mal feitas, que meus amigos tudo me escreuerão com» «muyta verdade; e tambem sey que Lopo Vaz vos manda que se eu» «nom quiser obedecer que me leueys preso; polo que bem vedes quão» «pouquo sabe. E de vós me espanto, sendo tão honrado fidalgo, e a» «segunda pessoa da India por vosso cargo, que quando Lopo Vaz vos» «falla cousas tão erradas como lhe nom daes o desengano, se o enten-» «deys, e desuiaes de males * e * erros que faz. O' que prisão foi a de» «Pero Mascarenhas, tão vergonhosa a tantos e tão nobres fidalgos como» «estauão em Goa! O' que prisão foy a dos fidalgos! O' que feito foy» «o d'Afonso Mexia! que tudo carrega em grandes culpas sobre os fidal-» «gos da India. Nom sey que rezão cada hum dará por sy a tão gran-» «des culpas como tem, e á que vossa mercê tem * de * aceitar de Lopo» «Vaz que me prendesseys se nom obedecesse a seu mandado; o que» «volo elle fallando [1] * logo lho deuieys contradizer, como * era rezão, pois» «que sabeys que elle está Gouernador aleuantado contra toda' verdade» «e do que jurou, e todos jurastes quantos fidalgos ha na India, que» «tanto que Pero Mascarenhas chegou á costa da India todos o ouvereis» «de buscar e obedecer, e fazer a Lopo Vaz que lhe obedecesse, que» «assy o jurastes: do que todos dareys muyta conta a Deos e a ElRey» «dos males que por vossas culpas som passados. Polo que, senhor An-»

[1] * logo lho contradizerdes como * Autogr.

« tonio de Miranda, vos digo que ao senhor Francisco Pereira, que tra- »
« zeys, eu lhe entregara sua forteleza, porque já tenho meu tempo aca- »
« bado, se sua patente viera confirmada polo Gouernador da India se- »
« gundo regimento da entrega das fortelezas ; mas a confirmação feita »
« por Lopo Vaz eu a nom obedeço, porque a Lopo Vaz nom conheço »
« por Gouernador, senão a Pero Mascarenhas, e tenho sua voz. E vin- »
« do confirmada por Pero Mascarenhas nom tenho duvida a entregar »
« a forteleza ; e quem me quiser contradizer que érro nysto que faço, »
« de minha pessoa á sua, quem quer que for, lhe defenderey com quaes- »
« quer armas que quiser ou com sómente huma capa e espada, em todo »
« tempo que mo demandar. E portanto, senhor Antonio de Miranda, vos »
« podeys tornar, quanto ácerqua da posse em que aueys de meter Fran- »
« cisco Pereira, e assy tambem pera o caso de eu hir a Goa pera auer »
« de ser julgador do que me nom compete ; sobre o que auerey meu »
« acordo, e n'ysso farey o que entender que me compre por bem do ser- »
« uiço d'ElRey e de minha honra ; porque entendo de nom andar fóra »
« de minha forteleza até esta cousa nom ser acabada, e julgado por Go- »
« uernador quem o for : e farey o que me elle mandar, que em todo o »
« obedecerey. » Ao que Francisco Pereira debateo, e fez seus protestos, e tirou seus estormentos, e se tornarão pera' galé, que logo se partirão pera Goa.

Christouão de Sousa fiqou em sua forteleza. Auendo seu conselho se fez prestes em huma galé noua que elle fizera pera ElRey, e entregou a forteleza da sua mão a João Gonçalues, o Porra da ilha, homem fidalgo, a que tomou a menagem, assinada per seu estormento, de nunqua a entregar a outra nenhuma pessoa senão a elle Christouão de Sousa ou a quem trouxesse prouisão d'ElRey, firmada polo Gouernador da India que fosse julgado por Gouernador ; a saber Lopo Vaz de Sampayo ou Pero Mascarenhas. E assy deixando a forteleza emtregue, e todas suas cousas com muyto recado, s'embarcou na galé com muytos homens honrados e fidalgos, e se foy a Goa, e mandou diante hum catur com cartas a Pero Mascarenhas, em que lhe daua toda' conta do que passara com Antonio de Miranda e Francisco Pereira, e o que determinaua de fazer, e seu parecer do que elle Pero Mascarenhas deuia de fazer ; e que a tudo lhe logo respondesse com largos apontamentos do que tinha feito e determinaua fazer, porque pera todo o que lhe comprisse estaua prestes com sua

pessoa e fazenda pera o seruiço d'ElRey e bem de sua justiça. Ao que lhe logo Pero Mascarenhas respondeo, polo catur, per muytos apontamentos, pedindolhe com piadosos rogos que o ajudasse n'este tamanho trabalho, com ser seu procurador pera requerer sua justiça nas partes em que elle Pero Mascarenhas nom pudesse ser presente em pessoa, e lhe tanto compria ter procurador, e a elle sobre todos, por ser pessoa de tanta calidade que nada se perderia de sua justiça; o que elle por sua pessoa nom podia, nem era rezão que fizesse, pois a dinidade de seu cargo o nom consentia. Pera o que lhe mandaua todos seus papés e apontamentos, pera em seu nome poder fazer tudo o que comprisse a bem de sua justiça; e que por tanto Lopo Vaz ordenasse assy outro seu procurador, que por sua parte fizesse outro tanto; e que pera ysto ser feito na perfeição que compria era necessario que se ajuntassem as pessoas que capitolassem e ordenassem os capitolos pera apontamentos, com que esta cousa se fizesse sem agrauo nem escandolo de nenhuma parte nem temor de perderem seu direito.

Chegando Christouão de Sousa a Goa, com sua galé bem armada e muyto boa gente, sorgio n'agoada fora da barra, onde em terra se alojou em grande tenda que trazia, e mandou recado a Lopo Vaz e 'Antonio de Miranda, dizendo que elle era ally vindo, e estaua muy prestes pera com todo seu poder, até morrer, fazer gardar a real justiça d'ElRey nosso senhor muy enteiramente a toda' pessoa que a pedisse; que lho fazia a saber, porque tinha mandado seu recado a Pero Mascarenhas, e esperaua sua reposta pera fazer todo o que lhe elle pedisse em fauor de sua direita justiça e seruiço de Su'Alteza; que por tanto, se estiuessem n'esta determinação, que elle ally estaua prestes pera fazer o que dizia. Ao que lhe respondeo Lopo Vaz que estiuesse muyto embora até vir o recado de Pero Mascarenhas, e que então se determinarião no que se ouvesse de fazer. Onde assy esteue Christouão de Sousa sem nenhum dos seus hir a Goa, folgado e comendo, porque Christouão de Sousa gastaua muy largo pelo ter por condição; onde lhe chegou o catur com reposta de Pero Mascarenhas, com procurações e papés, como já dixe; polo que então Christouão de Sousa mandou recado a Lopo Vaz, dizendo que já tinha recado e papés de Pero Mascarenhas, com sua procuração bastante pera por elle requerer seu direito e justiça, porque elle em pessoa, por sua dinidade, nom era rezão que o fizesse; que por tanto se deuia

ysto se pôr em caminho como fosse feito com toda' verdade, pois era tratado antre mãos de tão nobres fidalgos que o auião d'acabar, pera o que compria que se ajuntassem as pessoas que capitulassem os assentos por pauta, como esta cousa se fizesse sem agrauos nem escandolos de nenhuma parte nem temor de algum perder seu direito.

Foy dado este recado a Lopo Vaz estando elle com muytos fidalgos e os capitães que vierão do Reyno, com os quaes todos já estaua concordado, e lhe muyto gabauão o grande bem que fazia em se pôr em direito e guardar justiça, porque por nenhuma rezão do mundo podia escusar de o fazer, pois tantos nobres fidalgos lhe requerião; e mórmente porque tanto tempo o recusaua tinha dada muyta sospeita ao pouo que nom tinha justiça, pois a nom queria obedecer, porque sendo Gouernador de direito ninguem lho podia tirar, e tambem, se o nom era, tinhão muyta rezão os fidalgos da India lhe nom consentirem que elle tiranicamente os gouernasse e mandasse, que erão tão grandes dous estremos que seria total perdição da India; o que tudo cessaua e acabaua poendose em direito e justiça com Pero Mascarenhas; polo que atalhando elle taes inconuinientes, por ysso ElRey nosso senhor lhe faria muyta mercê.

Lopo Vaz, por se mostrar sem culpa das cousas passadas, dizia que nom se denegara senão [1] * por * passar o tempo e chegarem as naos do Reyno, em que esperaua que fossem n'ellas fidalgos que sem [2] * sospeita julgassem * seu caso, ou virião prouisões d'ElRey que desfizessem a contenda. E daua outras rezões por se assoluer da culpa que tinha de seus erros que tinha feitos, dizendo que sempre fôra sua vontade porse em direito, e * o * nom fizera porque lho requerião homens fóra de seu gosto, e per modos soberbos, que por [3] * seu * cargo nom era bem que consentisse.

Então respondeo ao recado de Christouão de Sousa que lhe parecia muy bem o que dizia, e folgaua elle tomar a cargo requerer a parte de Pero Mascarenhas, em que ficaria muy sem duvida todo o que elle fizesse, por ser quem era; mas que compria que Pero Mascarenhas lhe désse seus poderes com sua menagem jurada e assinada per estormento pubrico; o que lhe mandou dizer Christouão de Sousa que tudo tinha e apresentaria quando comprise.

[1] * que * Autogr. [2] * sospeita que julgassem * Id. [3] * meu * Id.

Então logo Antonio de Miranda, como Antonio da Silueira, que Lopo Vaz fez seu procurador pera a causa, per estormento pubrico de menagem ajuramentada assy como tinha dado Pero Mascarenhas, e com elles Diogo da Silueira, e João do Soyro, ouvidor geral, e Gaspar de Paiua, e Antonio d'Abreu, e Baltesar da Silua, e dom João d'Eça, e outros honrados fidalgos, que forão doze, forão deputados que elles fizessem huma capitulação de pauta, segundo entendessem que compria pera bom assessego d'esta contenda. Os quaes juntos com Antonio de Miranda, e Pero de Faria, capitão de Goa, antre elles ouve muytos debates, emendando e concertando, em que se tiuerão alguns dias, em que foy acabada per estes capitulos, a saber:

Primeyramente que a pauta fosse escrita na camara da cidade em presença dos officiaes, que a terião em segredo até ser pubricada. Item que pera o caso ser julgado serião doze juizes, nomeados seis por cada parte; a saber, que Pero Mascarenhas escolhesse o primeyro e o nomeasse por seu escrito, e que Lopo Vaz escolhesse dous e os désse por escrito, e depois Pero Mascarenhas escolhesse dous, e depois Lopo Vaz escolhesse hum, e assy serião seis juizes, tres por cada hum; e os outros seis juizes nomearião os fidalgos da pauta, escolhidos tres d'elles por cada huma das partes. E que sendo caso que ao votar se achassem tantas vozes a hum como ao outro, que então os mesmos juizes nomeassem o outro, porque huma das partes ficasse com sete vozes com sentença confirmada por todos. E que quando assy se ouvessem de nomear os taes juizes seria no propio istante, que logo fossem tomados pola mão e metidos em lugar seguro, onde depois ninguem falasse com elles; ajuramentados que nom recebessem recado nem escrito de nenhuma pessoa, nem os mesmos juizes falassem hum com outro, nem elles saberião porque parte erão nomeados. E que sendo caso que alguma das partes tiuesse modo como seu recado se désse a seu juiz, a tal voz que o tal juiz désse ficaria em fauor da outra parte, indaque a désse contra elle. E que sendo os ditos juizes assy juntos fossem ajuramentados, sobre ostia sagrada, que farião verdade, e polo juramento descobrissem peita ou recado, se lhe fosse dado pola parte ou por terceira pessoa. E que depois do dito juramento se confessarião e commungarião antes de julgarem, que seria polos papés que lhe fossem apresentados. E além do voto que assy fizessem, darião suas fés e menagens, que todos em hum estormento

assinarião, sô pena de trédores se no caso fizessem alguma falsidade por qualquer via que fosse, decrarando no juramento se tinhão odio ou affeição 'alguma das partes. E que o caso fosse julgado em Cochym dentro no mosteiro de santo Antonio, onde os juizes serião metidos e cada hum apartado em cella fechada da mão do guardião, em modo que hum não falasse com outro, nem o guardião falaria cousa alguma com nenhum d'elles, nem menos os largaria das cellas até todos acabarem de votar; o que todo o guardião assy juraria. E que Lopo Vaz e Pero Mascarenhas cada hum daria seus papés, arrezoados e apontados, todos juntos treladados, a cada juiz, per elles assinados, çarrados e sellados; e per elles os juizes cada hum désse sua sentença segundo entendesse, a qual darião assinada e çarrada nos mesmos papés na mão do guardião; e que sendo assy todos os votos dados na mão do guardião, todos os juizes com elle se fossem á casa do cabido, onde elle só veria os votos, e quando achasse que erão tantos per hum como per outro elles todos enlegessem o outro juiz, que o guardião por sua pessoa hiria chamar e leuar ao mosteiro, sem ninguem com elle falar, nem nenhum dos juizes; o qual seria confessado e commungado, e na santa ostia faria o dito juramento como os outros, e seria metido em huma cella com os papés, onde désse sua voz çarrada e assellada como os outros.

O que assy sendo acabado todos juntos na casa do cabido vissem os votos todos, e os sete que se achassem por qualquer das partes se escreuesse a sentença com todas as decrarações dos merecimentos que achassem polos papés, na qual assinarião os sete juizes que concordassem per huma das partes, e outro tanto se faria á parte das seis vozes pera seu resguardo.

E que sendo assy dada a tal sentença seria tão valiosa como que ElRey n'aquella hora 'assinara, e de nouo fizera Gouernador ao tal que pola dita sentença ficára perfeito Gouernador, obedecido no alto e no baixo.

E que qual d'elles ficasse condenado seria logo embarcado no mar na nao em que se fosse pera o Reyno, que elle escolheria das que ouuesse no porto, a que muy compridamente lhe darião todo bom auiamento pera partir primeyro que as outras naos, e lhe darião todolos estormentos e papés que pedisse, com muyta diligencia. E que com elle se pudessem hir pera o Reyno todolas pessoas que quigessem, na sua nao

e nas outras, e que o Gouernador que ficasse lho nom tolhesse, e mandasse dar suas arrecadações e despachos. E que o que ficasse por Gouernador votaria em ostia sagrada nom fazer mal a nenhuma pessoa que fosse de contra banda n'estas deferenças, nem desfaria nada do que o outro tiuesse feito. E que o que se fosse pera o Reyno pudesse citar e emprazar perante ElRey o Gouernador que ficasse, e d'ysso lhe dessem estormentos. E que pera esta cousa ser feita como compria, Lopo Vaz digistiria da gouernança, que ficasse como estaua Pero Mascarenhas. E ambos dessem suas fés e menagens, assinadas em estormento pubrico e votadas em ostia sagrada, que muy enteiramente compririão a pauta, e per sy nem per outrem em nada [1] * hirião * contra ella, nem [2] * mandarião * recados aos juizes, antes nem depois da sentença, aos seus nem aos alheos, per sy nem per outrem. E que sendo assy ambos desapossados, Antonio de Miranda, por ser capitão mór do mar, fosse feito Gouernador da India, jurado e obedecido até se dar a sentença, e sendo dada logo entregar a gouernança ao que fosse julgado por Gouernador. E que primeyro que assy fosse feito Gouernador commungasse e votasse na ostia sagrada de assy tudo enteiramente comprir. E que sendo cometido por alguma das partes pera nesto ou em outra cousa lhe dar fauor e ajuda, ou fazer alguma cousa em contrairo das posturas d'esta pauta, logo o descobrisse, que seria tomado por huma voz contra o que tal cometesse. E que elle Antonio de Miranda, como poderoso Gouernador, leuaria ambas estas partes na armada com toda' seguridade de uniões, debates, nem aluoroços; sobre o que faria todas preminencias que comprisse a bem de justiça, com todo rigor e castigo a qualquer que o contrairo bulisse. E que esta pauta seria assinada por todolos officiaes da justiça e fazenda, e das camaras de Goa e Cochym, e per todos fidalgos a que se désse 'assinar; o que algum recusando, e nom querendo obedecer á pauta, fosse logo metido em ferros e n'elles enuiado ao Reyno. E os principaes que pera ysso fossem requeridos darião suas menagens assinadas, de ter e manter e fazer em todo comprir esta pauta, e hirem com armas a fogo e sangue contra todo aquelle que fosse contra esta pauta, indaque fosse ecclesiastico. E que na dita pauta assinaria Lopo Vaz e Pero Mascarenhas.

A qual pauta, assy escrita e acabada, com outras muytas sostan-

[1] * hirem * Autogr. [2] * mandarem * Id.

cias de grandes seguridades e resguardos, e per todos assinada, foy acordado que se apregoasse pera mais resguardo; a qual foy apregoada com todas solenidades, com a bandeyra real e trombetas; de que o pregão dizia:

«Ouvide, ouvide, todolas pessoas vassalos d'ElRey nosso senhor, e a todos seja notorio que pera acrecentamento do estado d'ElRey nosso senhor, e enxalçamento de sua real justiça, e assessego da India, e enteiramente se guardar seu real seruiço, polos nobres fidalgos que pera ello forão escolhidos he feita pauta de regimento e ordem, que se terá pera se auer de julgar a deferença que ha antre Lopo Vaz de Sampayo e Pero Mascarenhas, que cada hum diz ser Gouernador da India; polo que os enleitores da dita pauta volo noteficão que está feita com muyto comprimento e perfeição, pera com ella se fazer toda' verdade d'antre ambos. Polo que a todos em geral, e a cada hum em especial, vos requererem da parte d'ElRey nosso senhor, sob pena de trédor aleuantado aquelle que em todo e per todo o nom obedecer, ou for contra ella em qualquer cousa que seja; e qualquer que souber cousa que cumpra á dita pauta pera mais perfeição, a vá dizer em segredo á camara da cidade, onde será ouvido, em acrecentamento da pauta; e descubrão qualquer cousa que souberem que se faz contra a dita pauta, per qualquer via que seja contra elle, sob as ditas penas.»

Tanto que se começou a fazer esta pauta, que durou muytos dias, alguns amigos de Christouão de Sousa lhe derão auisos per escritos que nom deuia estar assy n'agoada, como estaua, que nom estaua seguro de quem lhe quigesse fazer mal, pois Lopo Vaz lhe era capital imigo, e porque a pauta auia de durar muytos dias antes que se acabasse, polos debates que auião huns com outros. Sobre o que Christouão de Sousa, auido sobre ysso seu acordo, mandou dizer 'Antonio de Miranda que se tornaua a Chaul agardar que a pauta se acabasse, que ally leuaua má vida. E sem agardar sua reposta se partio e tornou a Chaul.

Partido Christouão de Sousa da barra, nom sabendo ninguem a causa certa, deu muyta sospeita que nom fôra sem justa causa, e cada hum dizia como entendia; sómente Lopo Vaz que o tomou muy ás vessas, e se lh'entolhou que polos papés de Pero Mascarenhas vira Christouão de Sousa que nom tinha justiça em pedir a gouernança da India, e conhecendo o erro que tinha feito em ter tomado sua voz se queria segurar em

sua forteleza, até auer seus perdões e seguros. E ysto assentou em seu entendimento, o que praticou em segredo com Antonio de Miranda, que lhe foy muyto contra ysso, dizendo que tal nom cuidasse, porque Christouão de Sousa nom se fôra [1] sómente por nom estar leuando má vida onde estaua, e queria estar descansado em sua forteleza até que se acabassem d'assentar as concrusões da pauta, porque se nom se concordassem e ouvesse algumas divisões [2] *queria* estar seguro de quem [3] *lhe pudesse* fazer mal; mas que sabendo que a pauta era assentada e noteficada, logo viria pera fazer as cousas de Pero Mascarenhas, que tinha aceitadas. Comtudo Lopo Vaz quis fazer crente sua sospeita, e mandou 'Antonio de Miranda que com todo poder que tinha fosse a Chaul trazer Christouão de Sousa, dandolhe regimento de todo o que ouvesse de fazer se o achasse desuiado do que estaua começado. E com vinte velas se foy a Chaul, leuando comsigo honrados fidalgos, e foy sorgir na barra; polo que vendo Christouão de Sousa tanta armada e bandeyra na gauea, tomou sospeita que ouvera algum desuairo na pauta e era todo desfeito, e que Lopo Vaz o hia buscar pera lhe tomar a forteleza e o prender; polo que prestesmente apercebeo a forteleza de todo o que compria, que tinha em muyta auondança todo o necessario, e tendo toda a gente junta lhe dixe: « Senhores amigos, vejo n'aquella barra grande armada e bandey- »
« ra na gauea, que me parece mal, e já póde ser que sobre os concertos »
« da pauta aja algum máo recado feito, e póde ser que ally venha Lo- »
« po Vaz com proposito de me tomar esta forteleza; o que se tal he eu »
« nom lha hey d'entregar em quanto for viuo, até elle nom ser julgado »
« com Pero Mascarenhas. Polo que quero mandar saber o que he. » Ao que logo mandou hum homem em huma almadia, com hum escrito que désse a Lopo Vaz, se viesse n'armada, em que lhe fazia requerimento que no rio nom entrasse, nem mandasse entrar cousa alguma sem seu aprazimento e licença, porque se assy nom fosse tudo quanto entrasse mandaria meter no fundo; por quanto elle tinha aquella forteleza da mão d'ElRey, e a nom auia d'entregar, nem com ella obedecer, senão a elle ou ao seu Gouernador da India, que nom conhecia outro ao presente senão Pero Mascarenhas, cuja voz tinha, e o tinha jurado, e nom a elle

[1] Sómente aqui equivale a senão. [2] *quis* Autogr. [3] *lhe nom pudesse* Id.

Lopo Vaz. Que por tanto lhe noteficaua que assy o auia de comprir até morrer, do que elle daria conta a Deos e a ElRey se mal queria fazer; mas lhe requeria que se tornasse embora a Goa, e guardasse o que estaua começado antre elle e Pero Mascarenhas, e se julgasse sua contenda, e o que ficasse por Gouernador elle obedeceria enteiramente como era obrigado. O qual escrito Christouão de Sousa lêo ante todos, a que pareceo muy bem o que dizia. E Christouão de Sousa auisou o homem que nom vindo Lopo Vaz gardasse o escrito, e que a qualquer outra pessoa que vinha com a bandeyra lhe dissesse da sua parte que o mandaua a saber o que era e que buscaua, e lhe tornasse com reposta, e sem sua licença cousa nenhuma nom entrasse no rio, porque o mandaria meter no fundo. O qual homem foy, e achando Antonio de Miranda lhe deu o recado, e Antonio de Miranda lhe mandou huma carta, dizendo que o vinha requerer que fosse acabar o que [1] *cumpria ser* de todo acabado pera muyto seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor e bem da India; e que a esto vinha, e com elle falar outras cousas que muyto comprião, que hiria com elle falar só, com sómente sua fé e verdade, *pois* perante elles nom auia causa alguma pera deixarem de ser tamanhos amigos como sempre forão. Christouão de Sousa, como era muyto caualleiro e confiado n'ysto quis ganharlhe, mandou dizer que tudo fosse como elle quigesse, e se mandasse elle hiria á sua galé. Com esta reposta Antonio de Miranda se meteo em hum catur com Antonio da Silueira, e Diogo da Silueira, e Francisco Pereira, e sem armas nenhumas entrou no rio e foy á praya pera desembarqar; mas Christouão de Sousa, que com muyta gente estaua na praya, vendo que querião desembarqar, mostrando muyta confiança sobio sobre dous homens, e se meteo com elles no catur, que estaua acostado na terra, onde se falarão com suas cortezias. Quando Christouão de Sousa vio hir o catur, determinado no que auia de fazer, elle da sua mão entregou a forteleza ao alcayde mór, que lhe guardasse até elle tornar, e sendo todos assentados no toldo do catur, Antonio de Miranda lhe deu larga conta de todo o que era passado, e lhe leo a pauta. Do que todo Christouão de Sousa mostrou muyto prazer, dando a tudo muyto louuor estar acabado em tão boa perfeição, que tanto era de bem que lhe pareceo que nunqua tão bem se acabasse, *e* por lhe assy

[1] *estaua* Autogr,

parecer se tornara pera sua pousada; mas pois que estaua tão bem acabado elle estaua prestes pera logo hir ajudar e lhe dar o cabo, donde tanto bem viria á India ser acabada esta contenda. Então Francisco Pereira lhe dixe: «Senhor, pois aueys de hir acuparuos em cousa que» «fará muyta detença, vos peço por mercê, e requeiro da parte d'ElRey,» «que me entregue esta forteleza que ElRey me dá por esta patente, que» «abasta pera toda' verdade, sem lhe pôr mais achaque nem duvida.» Christouão de Sousa lhe respondeo: «Senhor Francisco Pereira, abas-» «ta o que lhe já tenho respondido. Eu nom estou cobiçoso de vos to-» «mar o vosso, e estou muy prestes pera vola entregar como vossa pa-» «tente for confirmada polo Gouernador da India, segundo fórma do re-» «gimento, como sabeys. O qual Gouernador agora nom ha na India ver-» «dadeyro até nom ser julgado como sabeys que está ordenado; e a con-» «firmação de Lopo Vaz, que trazeys, nom guardo porque nom tenho por» «Gouernador senão a Pero Mascarenhas, e indaque por elle a trouxe-» «rês confirmada vola nom guardara, pola duvida que antre elles está» «mouida, postoque Pero Mascarenhas está atégora perfeito Gouernador» «per espiração do Gouernador dom Anrique. Assy que he escusado» «n'ysto gastar mais tempo. Tirai vosso estormento como compre pera» «vosso resguardo.» Então falarão em outras cousas, e Christouão de Sousa lhe dixe: * que * porque nom [1] * parecesse a ninguem que era preguiçoso * ao seruiço d'ElRey elle logo se partiria pera Goa, 'ajudar a fauorecer a justiça d'ElRey nosso senhor, e seruir o Gouernador que fosse per direito, e nom queria mais tornar á forteleza, porque tinha seu tempo acabado, e a entregaria lá ao Gouernador que fosse. O que todo assy fiqou assentado antre todos com muytas cortezias. Onde Christouão de Sousa lhe deu grande merenda, com que se despedirão muyto amigos todos huns dos outros, e Antonio de Miranda se tornou a Goa, e logo Christouão de Sousa foy após elle leuando todo seu fato, deixando entregue a forteleza ao alcayde mór, com menagem tomada per estormento que a nom entregaria senão ao Gouernador que fosse julgado por Gouernador da India antre Lopo Vaz e Pero Mascarenhas.

Chegou Christouão de Sousa a Goa e se aposentou na barra, nom querendo hir a Goa por nom passar alguns desgostos com Lopo Vaz ou

[1] * nem parcça a ninguem que sou preguiçoso * Autogr.

com seus parentes; onde com elle se ajuntarão muytos fidalgos que forão de Goa, onde Christouão de Sousa fazia muy grande gasto. E logo Antonio de Miranda deu muy grande pressa e fez sayr de Goa toda 'armada, em que com muytos pregões fez embarqar toda a gente, que toda se ajuntou n'agoada, onde forão juntos todolos fidalgos que assinarão a pauta, onde ally n'agoada foy armado altar e dita missa, e na ostia sagrada, estando nas mãos do sacerdote, todos votarão e jurarão a confirmação da pauta em pubrico de todo o pouo, onde foy lida, que todos ouvirão, que a todos pareceo muy bem; do qual juramento se fez auto pubrico, que Antonio de Miranda recolheo.

O que sendo acabado, Antonio de Miranda com os ajuramentados se forão a Goa requerer a Lopo Vaz que tambem jurasse. Sobre o que ouve muytos debates, e mórmente porque os juizes auião de ser tantos, sobre o que muyto debateo Lopo Vaz e Antonio de Miranda, até lhe prometer que nom serião mais de sete, e d'ysso lhe deu hum assinado secreto. Então foy entregue a pauta a Lopo Vaz, que a visse, como vio com João do Soyro ouvidor geral, e com o sacretario Antonio Riquo, e com Pero de Faria, os quaes lhe aconselharão que a consentisse com vontade, pois * aliás * os jurados n'ella punirião contra elle, que todos se leuantarião contra elle a fogo e sangue. Ao que Lopo Vaz meteo mais condição que elle auia de hir até Cananor como Gouernador, e que a honra d'Afonso Mexia fosse gardada, e nom consentirião que ficando por Gouernador Pero Mascarenhas lhe tirasse nenhum de seus cargos e honras até vir Gouernador do Reyno. Christouão de Sousa, vendo que contrariando elle se poderia desfazer tudo, de que naceria muyto mal, nom quis que d'elle nacesse nada de que lhe pudesse soceder culpa, e consentio no que quis Lopo Vaz, sómente que Lopo Vaz nom fosse no galeão São Dinis, em que andaua, que era poderoso pera pelejar com toda' armada; que por tanto chegando a Cananor se passaria á galé de Antonio de Miranda. Do que aprouve a Lopo Vaz.

E sendo vinte e hum de nouembro no mosteiro de são Francisco de Goa, estando hy os officiaes da camara e Pero de Faria com muytos fidalgos e pouo, e o vigairo geral com toda a crelezia, e frey Gonçalo, guardião, * com * o santissimo sacramento nas mãos, o Gouernador Lopo Vaz, ante elle em joelhos, dixe em alta voz que todos o ouvirão: « Bem »
« sabeys todos os que estaes presentes que eu são verdadeyro Gouerna- »

« dor da India polas prouisões que tenho, polo que estou em posse de »
« minha gouernança, polo que nunqua me quis poer em direito com »
« Pero Mascarenhas ; o que ora faço muyto forçado, contra minha von- »
« tade, mas por fazer seruiço a ElRey nosso senhor, e conseruação de »
« seu estado, ora me ponho em todo direito com Pero Mascarenhas ; o »
« que juro n'aquella ostia sagrada. Pera o que chegando a Cananor de- »
« gistirey do mando que tenho, e não do direito que tenho na posse de »
« minha gouernança, de que protesto me ajudar em todo tempo que me »
« necessario for ; e me entregarey preso na galé d'Antonio de Miranda, »
« e em todo comprirey os capitolos da pauta assy como já tenho dito. »
O qual juramento foy escrito per estormento que Antonio de Miranda recolheo. E logo deu muyta pressa a fazer embarqar a gente e partio com toda' armada.

E sendo partido, ao outro dia chegou á barra de Goa Christouão de Mendoça, que então chegaua do Reyno, com que Lopo Vaz se deteue alguns dias que nom partio, fazendolhe muytos gasalhados, e a Lopo d'Azeuedo, que auia d'entrar em Chaul na vagante de Francisco Pereira. E Lopo Vaz muyto pedio a Christouão de Mendoça que fosse a Cochym pera ser no seu julgado, o que elle nom quis fazer ; e falando a Lopo d'Azeuedo, que era homem izento, logo dixe a Lopo Vaz que o nom acupasse n'ysso, porque lhe tinhão dito cousas que elle fizera muy erradas ; mas todauia Lopo Vaz o fez hir a Cochym, e foy hum dos juizes, como adiante direy.

Antonio de Miranda com a armada chegou a Cananor, e agardou que chegasse Lopo Vaz, que foy a oito de nouembro, onde Antonio de Miranda e Christouão de Sousa forão a terra, e mostrarão a pauta a Pero Mascarenhas, e a dom Simão, e officiaes, que todos a jurarão ; mas Pero Mascarenhas mostrou 'Antonio de Miranda huma carta que Lopo Vaz mandou 'Afonso Mexia, que elle ouvera ás mãos per sua industria, na qual Lopo Vaz lhe dizia os juizes que tinha escolhidos por sua parte ; que por tanto olhasse bem o que fazia, porque n'este mundo ou no outro de tudo auia de dar conta ; que olhasse os grandes juramentos que tinha jurados. Ao que Antonio de Miranda lhe deu muytas rezões mal enderençadas, porque bem entendeo Pero Mascarenhas que lhe era muyto sospeito. Então Antonio de Miranda leuou Pero Mascarenhas ao galeão São Rafael onde hia Christouão de Sousa, e Antonio de Miranda se foy embar-

quar no galeão São Dinis, pera que Lopo Vaz se fosse embarquar na sua galé como estaua capitolado; mas Lopo Vaz nom se quis passar á galé, dizendo que no galeão auia de hir a Cochym. Sobre o que se aleuantou grande aluoroço n'armada, dizendo que Lopo Vaz nom gardaua a pauta; no que ouve começo de rotura, o que Antonio de Miranda andaua apagando quanto podia. Christouão de Sousa, que bem entendia tudo, dixe 'Antonio de Miranda: «Senhor, tudo está entendido; nom andeys em» «trabalhos. Vá Lopo Vaz assy como elle quer e vós quereys, que tudo» «está bem entendido as cousas como vão e como ysto ha d'acabar. As» «causas nom quero dizer, pois aquy nom prestarão, mas eu as direy a» «ElRey com toda' verdade, que ninguem me desfará. Polo que nada» «nom falo n'esta força que faz Lopo Vaz contra a pauta. Demandelho» «quem está obrigado a ysso.» Antonio de Miranda, sentindose culpado, disse a Christouão de Sousa: «Senhor, a pauta temos na mão; faça-» «mos o que vós quiserdes.» Christouão de Sousa lhe dixe: «Fazêo» «vós, se quiserdes, que eu nada falarey, nem digo mais senão que o se-» «nhor Pero Mascarenhas peça a justiça a Deos, que elle só lha ha de» «fazer, porque tudo ysto que está presente ha de leuar o vento ao pra-» «zer de Lopo Vaz, e se assy nom for quero que me cortem a cabeça.» Os outros da pauta, vendo o que dizia Christouão de Sousa, cessarão de sua união e se partirão caminho de Cochym. Antes de partir Lopo Vaz requereo 'Antonio de Miranda, que por quanto dom Simão se hia a Cochym, que lhe désse a forteleza pera n'ella deixar Simão de Mello, seu sobrinho, com seu fato; porque se fosse tirado da gouernança se tornaria ally a s'embarqar pera Portugal. E porque era cousa fóra da pauta, Antonio de Miranda o falou com Christouão de Sousa; mas elle, rindose como em zombaria, lhe respondeo: «Senhor Antonio de Miranda, Lo-» «po Vaz quer dar a capitania de Cananor a seu sobrinho, que elle bem» «sabe que ha de ser Gouernador; e ysto he o que vos fala, e vós o» «entendeys ás vessas.» O que todauia assy foy, que Simão de Mello fiqou por capitão de Cananor.

Tanto que Lopo Vaz e Pero Mascarenhas forão assy embarcados, que digistirão, fiqou Antonio de Miranda feito Gouernador com bandeyra na gauea; onde lhe nom faltou muytos conselhos de seus amigos e parentes que pois estaua apoderado da gouernança da India, e n'ella nom estaua pessoa que lho contradixesse, porque Lopo Vaz e Pero Mascarenhas ti-

nhão digistido do mando, que elle nom largasse mais seu poder que tinha, e a Pero Mascarenhas e Lopo Vaz ambos os embarcasse pera o Reyno, que se fossem ante ElRey determinar sua causa, porque cessassem tantos e tão grandes inconuinientes como estauão em aberto, que seria huma cousa que lhe ElRey teria muyto a bem. Antonio de Miranda era homem deitado a boa parte, e se escusou dizendo que estaua certo hum d'aquelles homens ser verdadeyro Gouernador da India, o que se determinaria em Cochym em muy breue tempo; polo que se elle, cobiçando tomar pera sy a gouernança, os mandasse a Portugal, logo ficaria em muyta obrigação ante Deos tirar a ninguem o seu, que tal nom faria por quanto auia no mundo.

Afonso Mexia, sabendo todas estas cousas e concertos da pauta, de que já tinha o trelado, e que era concordado Lopo Vaz se pôr em direito com Pero Mascarenhas, ouve muyta paixão e se deu por perdido, porque tinha por muy certo ser a justiça de Pero Mascarenhas, e que ficando por Gouernador nom podia escapar de grandes males que merecia a Pero Mascarenhas, e mais que era forte de condição. Então fez com os da camara que fizessem hum forte requerimento, que mandarão ao mar a Antonio de Miranda em nome de todo o pouo, que a Cochym nom fosse fazer taes juizos, que os fosse fazer a Coulão ou que os fizesse no mar, porque a cidade protestaua nom obedecer senão a seu capitão e ao Gouernador que fosse julgado, que se lhe fosse sospeito então farião o mais que lhe compria; o que lhe assy requerião por euitar uniões e contendas, que forçadamente aueria polos odios sabidos que auia antre o capitão Afonso Mexia e os da valia de Pero Mascarenhas, polos males passados de que todos estauão magoados, polo que de força, sendo todos na cidade, nom se escusauão grandes males, e muyto móres serião ficando por Gouernador Pero Mascarenhas, pola offensa que os moradores d'ella lhe fizerão; o que todo *a* elle senhor Antonio de Miranda, como Gouernador, polos poderes que tinhão lhe requerião da parte de Deos, e d'ElRey, que homens de bom conselho consirassem bem todo o que tanto compria muyto esguardar, porque de qualquer socesso elle daria muyta conta a Deos e a ElRey; o que todo seria guardado e auitado se a Cochym nom fosse. O que assy deuia fazer e lho requerião huma vez e cento.

Antonio de Miranda, visto o requerimento, o mostrou aos fidalgos

da pauta. O que * por * todos praticado, Antonio de Miranda respondeo que seu requerimento era contra a pauta, que n'esta parte os nom ouvia, mas que ao mais elle proueria quanto compria com os poderes de Gouernador que tinha ao presente.

Então Antonio de Miranda mandou em huma fusta ao ouvidor geral João do Soyro que fosse a Cochym deitar pregões, sob pena de morte, que de terra nom fosse pessoa nenhuma aos nauios d'armada, de dia nem de noite. Os quaes pregões assy os mandou deitar per toda' armada. Com que chegando a Cochym sorgio toda' armada muy longe da terra.

Mas Afonso Mexia, que se muyto agastaua, mandaua de noite almadias estar longe ao mar que nom erão vistas, e de lá hião negros a nado com cartas a Lopo Vaz de muytos auisos, e o muyto reprendendo porque consentira na pauta; ao menos que a nom deuera jurar. Que por tanto mudasse o roim conselho que trazia, porque sem duvida a gouernança era de Pero Mascarenhas, se os juizes o quigessem entender na verdade que tinha; e que por tanto consirasse bem o que seria d'elles ficando Pero Mascarenhas feito Gouernador. Polo que seu conselho verdadeyro deuia tomar, e nom agardasse polo que tão certo estaua, e nom agardasse mais, senão que ventando a viração, com a maré désse pique 'amarra e entrasse no rio, que lho nom podia tolher toda' armada; e o recolheria na forteleza, em que elle o sosteria na gouernança de que estaua de posse, em que pês a todo o mundo, e depois fosse o que fosse. O que assy sendo, os jurados na pauta nom tinhão forças pera com armas tomarem aquella forteleza, e que os seus amigos todos o ajudarião, e muytos da parte de Pero Mascarenhas que se enfadarião andar em trabalhos polo que nom era seu; e que 'Antonio de Miranda, se lhe fosse a terra, o prenderia em ferros, porque aceitara ser Gouernador da mão de quem o nom podia fazer; e que todo assy ficaria ao rifão que diz: onde força ha o direito se perde. E que ficando assy Gouernador per força tudo se bem faria; e tomaua todo o caso sobre sy, porque elle tinha por muy certo que ElRey folgaria que nom gouernasse Pero Mascarenhas, per qualquer via que fosse.

Lopo Vaz com taes conselhos estaua em muyta trouação, mas cometendo tal feito sabia bem que depois teria grandes contendas com a justiça d'ElRey, de que Afonso Mexia o nom liuraria; e por nom des-

comprazer 'Afonso Mexia lhe mandaua repostas com que ysto pairaua, dandolhe muyta esperança polos juizes que tinha escolhidos por sua parte, com taes modos que Afonso Mexia entendeo bem que os tinha da sua mão. Tambem a Pero Mascarenhas nom faltauão conselhos de muytos que lhe dizião que sem duvida sua justiça lhe auia de ser roubada, porque Afonso Mexia em Cochym era poderoso pera quanto quigesse, e pois ysto estaua certo nom perdesse sua tamanha honra porque era obrigado a morrer. Nom deuia esperar polos julgadores, que sem duvida lhe auião de tomar sua justiça; que por tanto nom fizesse outra cousa senão que vindo a viração com a maré, que o galeão de Lopo Vaz lhe ficaua per popa, que trincasse 'amarra e fosse sobre elle, que nom aueria tempo de jogar 'artelharia, e abalroando com a gente armada que leuaria entrasse o galeão, e o metesse a saco, matando os que registissem, e prendesse Lopo Vaz logo metido debaixo de cuberta, onde fosse carregado de ferros e a bom recado, que o podia fazer por se lhe aleuantar com a gouernança da India tendoo jurado por Gouernador, e * por * que Lopo Vaz já estaua desapossado: no que acertaua e faria huma cousa muy acertada e feito de grande homem polo que compria a sua honra. Ao qual feito lhe acodiria toda' armada, e gente que estaua toda muy magoada dos males tyraniqos que fazia Lopo Vaz, polo que todos serião contra os de Lopo Vaz. Pero Mascarenhas tudo ouvia que lhe dizião honrados fidalgos, que sabia que por elle morrerião; mas tudo era muy longe do que elle tinha assentado no coração, que era nada fazer senão per direita justiça, em que estaua muyto confiado que quando na India lha nom fizessem que ElRey lhe faria grande satisfação com dobradas honras. O que assy confiaua por seus grandes seruiços que tinha feitos sem nenhuma falta nem erro; e com esta tenção, aos que lhe ysto falauão com grandes agardecimentos se escusaua, dizendo que sua honra tinha ganhada ás lançadas contra mouros e não contra christãos; que a nom queria arriscar em tal feito; que se lhe roubassem sua justiça, pedindoa elle mansamente, ElRey lha satisfaria, e quando não tudo deixaua nas mãos de Deos; que por tanto comsigo nom auia de bolir, saluo se Lopo Vaz fizesse o rompimento; que bem sabido tinha que Afonso Mexia antes se meteria no inferno que velo Gouernador; que outrem lhe nom tinha tomada sua gouernança senão elle, e a causa porque ninguem o sabia; de que a Deos daria muyta conta do mal que lhe fazia.

Tanto era o desejo nos homens que Lopo Vaz fizesse cousa porque ouvesse rompimento, pera se vingarem do mal que querião 'Afonso Mexia e a Lopo Vaz polas sem rezões que fazião a Pero Mascarenhas, e Afonso Mexia inda mais tecia, que muytos homens da valia de Pero Mascarenhas, secretos, se fengião ser amigos com Lopo Vaz e Afonso Mexia, que os muyto aconselhauão e incitauão que se metesse no rio e estiuesse forte em sua gouernança que possoia; porque auendo este rompimento cada hum se vingaria como pudesse. Pero Mascarenhas nom quis dar entendimento a estes conselheiros, porque nom confiaua na verdade dos homens, que he cousa que se ligeiramente comrompe por cobiça, e tambem lhe parecia que alguns serião echadiços de Lopo Vaz e d'Afonso Mexia, que dizia Pero Mascarenhas que nom tinha medo senão ás sotilezas d'Afonso Mexia, polo que Pero Mascarenhas, com seu bom entendimento todas estas contas lançando, respondia aos conselheiros como ficauão contentes com seus agardecimentos.

E pois sendo assy chegados a Cochym, Antonio de Miranda mandou a Christouão de Sousa e Antonio da Silueira, que era procurador de Lopo Vaz, que se fossem a terra em hum catur que elle mandou, e que leuassem todos seus papés, porque se lhe ficassem no mar nom auião de tornar a mandar por elles; e que em terra por hum tabalião os mandassem treladar em cinquo trelados, e os propios erão seis, pera cada juiz ter os seus, e que os de Pero Mascarenhas dessem a Lopo Vaz e os de Lopo Vaz dessem a Pero Mascarenhas, o que sendo acabado lho fizessem a saber. Então Antonio de Miranda foy a Lopo Vaz que nomeasse os juizes, que sómente auião de ser tres, e outros tres auião de nomear os fidalgos da pauta; sobre o que Lopo Vaz se aleuantou muy agastado, dizendo que nom lhe auia de mudar o que com elle tinha assentado, porque os juizes nom auião de ser mais que cinqo; do que lhe elle tinha dado assinado, e que por tanto nada lhe auia d'ennouar. Antonio de Miranda era homem de branda condição, e lhe dixe que todo o que era feito fóra da ordem da pauta nom era valioso, e por ysso lhe dera o assinado, de que nom auia de usar, pois era contra a pauta que tinha jurado. No que Lopo Vaz se achou alcançado, e muyto agastado, dizendo que elle o enganara. Antonio de Miranda lhe dixe que nom costumaua enganar ninguem; que taes falas nom falasse, pois já nom tinha poder pera as falar, e senão que usaria das forças da pauta; e que désse os no-

mes dos juizes, e fizesse o juramento que com elles nom falaria por sy nem por outrem. Sobre o que Lopo *Vaz* muyto debatco, falando largo; ao que Antonio de Miranda mansamente lhe dixe: «Senhor Lopo» «Vaz, eu vos juro em toda a verdade de Deos, e por vida d'ElRey nos-» «so senhor, que aueys de comprir muy enteiramente as condições da» «pauta, e senão que serão 'xecutadas em vós as penas d'ella, de que» «vós fostes muyto contente, e as jurastes de comprir; o que vós agora» «quebrando, per qualquer via, eu farey o que são obrigado. E n'ysso» «auey vosso bom conselho.» E se foy. O Lopo Vaz, e os de sua valia, vendo o preposito d'Antonio de Miranda, e os muytos que tinha pera o ajudarem em todo a comprir as condições da pauta, e mais *porque* o sacretario Antonio Riqo e o ouvidor geral lhe bradarão que olhasse a condição em que se punha se nom obedecia em tudo á pauta, e que Antonio de Miranda tinha poder de Gouernador com que todo o pouo lhe obedeceria, e se nom quigesse que ouvesse o julgado os poderia ambos mandar a ElRey que os julgasse, *acharão estas rezões tão fortes* em modo que o Lopo Vaz, cayndo em seu erro, obedeceo a tudo. Então Antonio de Miranda o tirou do galeão São Dinis, em que estaua, e o meteo na nao São Roque, e a Pero Mascarenhas meteo na nao Frol de la mar. Então Lopo Vaz nomeou os juizes com o juramento como estaua ordenado, e nomeou por sua parte Francisco Pereira de Berredo e dom João d'Eça, e mestre João Craro, pregador de Cochym, da ordem de são Domingos, que ElRey depois mandou meter em Çofala, onde morreo, porque toqou em Maluco que era do Emperador. Então Pero Mascarenhas nomeou por sua parte, com o mesmo juramento, que forão Lopo d'Azeuedo, Bernaldim da Silua, e Tristão de Gá, que forão por todos seis, e os outros seis nomearão os fidalgos da pauta, que forão Bastião Pires, vigayro geral, João Lopes Aluim, e Antonio d'Abreu por parte de Lopo Vaz. E por parte de Pero Mascarenhas, Gaspar de Paiua, mestre Lopo, padre de missa bom leterado, e Antonio de Brito, que viera de Maluco; todos homens auidos por bons e sem sospeita, aos quaes per Antonio de Miranda lhe forão feitos seus izames e perguntas como aos outros, que Antonio de Miranda em hum catur os andou tomando pola armada, e os leuou todos comsigo e os meteo dentro no mosteiro de Santo Antonio; e os entregou ao guardião, que fez dizer missa e jurar solenemente na ostia de guardar as condições da pauta, e nello teria todo segredo, e todos

teria assy apartados e fechados até votarem, como a pauta dizia, que lhe todo foy mostrado na ordem que o auia de fazer. Ao outro dia se confessarão os juizes e commungarão, e votarão na ostia sagrada fazerem em todo verdade, guardando as posturas da pauta.

Antonio de Miranda, receoso que Afonso Mexia fizesse alguma ounião, mandou hir estar na cidade seis homens fidalgos de que elle mais confiou que farião seu mandado, com cada hum cincoenta homens honrados, em que erão alguns dos jurados na pauta. E logo Antonio de Miranda acompanhado d'elles foy á forteleza e falou com Afonso Mexia, dizendo que jurasse a pauta, que compria por nom ser falta em nada. Ao que se elle mostrou muy forte, dizendo que tal nom faria, porque elle em nada fôra perguntado no concerto da pauta, nem em nada consentiria, que elle era capitão d'aquella forteleza d'ElRey e cidade, e veador da fazenda que tinha no tysouro em seu poder, e na India nom auia d'auer outro Gouernador senão Lopo Vaz, e elle a outro nenhum nom auia d'obedecer, e sobre ysso morreria [1] * se alguem * lhe quigesse fazer força, e protestaua por todolas perdas e danos que sobre o caso viessem á fazenda d'ElRey. Antonio de Miranda se agastou muyto por assy Afonso Mexia lhe falar isento, e lhe dixe: « Afonso Mexia, homens es- » « tão na India que darão a ElRey tão boa conta de sua fazenda como » « vós, e gardarão tanto o seruiço d'ElRey como vós, e hum pouqo mi- » « lhor. E se n'esta cousa interuier pera ElRey vós a causarês, e a conta » « d'ysso vos será tomada na India milhor que em Portugal. E vós nom » « curês de tomar sestro, porque sem duvida vós aueys de jurar a pauta » « que está feita por tantos e tão honrados fidalgos, que nom deueys de » « querer contrariar, porque volo nom hão de consentir, nem ha de ser » « nada de vosso querer, porque quando nom quiserdes logo sois des- » « feito de capitão, e nom estarês em Cochym até auer Gouernador, e » « hireis estar em Coulão. No que dizeys que na India nom ha outro Go- » « uernador senão Lopo Vaz o contrairo lhe escreuiês vós em vossas car- » « tas, que se nom pusesse em justiça com Pero Mascarenhas porque a » « justiça era sua; ao que nom sey que agora tornaes a dizer o contrai- » « ro. » Afonso Mexia, vendo Antonio de Miranda agastado e que os outros fidalgos mais azedauão a cousa, respondeo: « Senhor Antonio de »

[1] * nem quem * Autogr.

« Miranda, se me fizerdes força bem sey o que me compre; que de eu »
« escreuer a Lopo Vaz que a gouernança era de Pero Mascarenhas lho »
« dizia porque elle se nom pusesse no estremo em que agora está, o »
« que elle fez como homem que nom teue bom conselho. » Diogo da Silueira, que era presente, atalhou, e lhe dixe: « Pera que he falar fóra »
« de proposito? Porque vós aueys de jurar a pauta em ostia sagrada, »
« e aueys de guardar a verdade; que está feita por tantos e tão bons »
« homens como n'ella estão assinados, ajuramentados que a farão jurar »
« e comprir. E por tanto pondeuos em armas contra todos, que são taes »
« que o somenos he pera gouernar a India. » Antonio de Miranda lhe dixe: « Olhai bem o errado caminho que tomaes, porque sem duvida »
« nom ha de ser como vós quiserdes, senão como está ordenado e as- »
« sentado e jurado na pauta. » Ao que ajudarão Antonio da Silueira, que era presente e era procurador de Lopo Vaz, e secretario, e outros fidalgos, todos debatendo que jurasse. Afonso Mexia já tinha bem cuidado no caso e bem entendido que de força auia de jurar, e porém atentou a ver se poderia ter esta força. Respondeo com grandes escramações e protestos que elle se daua por forçado, e o que jurasse nom era de vontade, senão de força, e protestaua se Pero Mascarenhas ficasse por Gouernador elle lhe nom obedecer em nada, e logo lhe fosse dada nao em que se embarcasse pera o Reyno, e que elle Antonio de Miranda, com o poder que tinha de Gouernador, assy lho prometesse e por ysso ficasse. Antonio de Miranda lhe dixe: « Pouco vos aproueitarão meus assina- »
« dos quando o Gouernador os nom quiser guardar; mas sobre mim es- »
« tai seguro que em nada do seruiço d'ElRey mingoará Pero Mascare- »
« nhas nem outro nenhum que gouernar. » Do que Antonio de Miranda lhe deu sua fé e menagem de palaura; e que elle fosse jurar de obedecer a Pero Mascarenhas se fosse feito Gouernador, assy como lhe obedecessem todos os fidalgos da India; porque se assy o nom jurasse os jurados na pauta o desapossarião da capitania e lhe farião outros apertos, e logo o embarcarião pera o Reyno. O que vendo Afonso Mexia concedeo em todo, e tirou seus estormentos de protestos, e foy jurar, muy confiado na esperança que tinha que Lopo Vaz auia de ser o Gouernador.

O que sendo todo assy acabado, e os juizes metidos em Santo Antonio, os procuradores das partes, Antonio da Silueira e Christouão de

Sousa, com os fidalgos que andauão em terra forão a Santo Antonio, e em pubrico entregarão na mão do gardião cada hum d'elles seus papeis, que apresentauão a seus juizes pera julgarem a causa, çarrados e assellados, dizendo cada hum que nom tinhão mais que apresentar nem falar per suas partes que o que hia nos papés; que elles julgassem a verdade do que lhe Deos désse a entender. Do que se fez auto pubrico, em que assinarão com testimunhas, que o guardião recebeo e leuou e entregou aos juizes.

Afonso Mexia, como era homem de viuo entendimento, que entendeo que ysto podia aproueitar a sua tenção, falou com o frade pregador, que em huma prégação, que prégou andandose ajuntando os juizes, veo a discorrer e falar n'esta contenda de Lopo Vaz e de Pero Mascarenhas, que se nom fazia a outro fim senão por amansar os corações das gentes que estauão em contrairo huns dos outros, com que estauão aleuantados em tamanhas uniões e tão perigosas ás almas e ao estado da India; polo que muyto compria aos julgadores, e principaes homens da India, ajudar e fazer com que esta contenda se amansasse e se désse a gouernança áquelle que sentissem que a India e pouo ficasse mais pacifiqua e fóra de contendas, e que ysto auião de julgar e muyto bem olhar. O que veo muyto aprouando e autorizando com muytas rezões; com que ficarão muyto contentes os da parte de Lopo Vaz, porque estaua bem entendido que ficando Pero Mascarenhas por Gouernador os que o tinhão anojado o auião de bem pagar; mas os da parte de Pero Mascarenhas, que bem entenderão o proposito da pregação, falarão muy largo contra o frade, e alguns ouve que por escritos nom conhecidos lhe dixerão que nunqua mais falasse taes cousas, porque o que se julgasse nom auia de ser senão pola direita justiça que se achasse polos papés.

N'esta contenda 'aução que punha Pero Mascarenhas era apresentar a carta de sua socessão, em que o ElRey fizera Gouernador da India, e por tal fòra obedecido e jurado, e menagens, tudo assinado polos fidalgos da India, de que apresentaua estormentos pubricos, e mostraua estormento de como Lopo Vaz fòra enleito Gouernador em sua ausencia até elle vir e lhe entregar sua gouernança, do que deu menagem com juramento solene, e os principaes fidalgos da India jurados que nom o comprindo assy Lopo Vaz lhe nom obedecerião, e se leuantarião contra elle e o farião obedecer: do que mostraua pubricos estormentos. E por

assy ser Gouernador perfeito fòra mandado chamar a Malaca, onde seruia sua capitania; chamado que viesse seruir sua gouernança, em que estaua obedecido no alto e baixo. As quaes cartas e estormentos erão assinados por todolos estados da India, e o principal com elles Lopo Vaz, depois de ser nomeado Gouernador em sua ausencia, que enuiára a Malaca Duarte Coelho ao chamar. Onde em Malaca por apresentação dos ditos papés fòra solenemente obedecido por Gouernador da India, o qual cargo elle aceitara tomando primeyro seu deuido juramento, de que apresentaua estormento; e estaua em posse de sua gouernança per todos obedecido, e vindo á India entrar em seu cargo achaua Lopo Vaz aleuantado com a gouernança da India, que seruia em sua ausencia. Pedindo a elles juizes que tudo vissem, e mórmente que Lopo Vaz estaua fé perjuro, polo solene juramento, que com muytos fidalgos * dera *, que tanto que elle Pero Mascarenhas chegasse á India lh'entregaria o dito cargo, porque com sua chegada elle Lopo Vaz de todo ficaua desfeito em todo e per todo, sem mais em nenhuma cousa poder entender, nem ouvir nem [1] * mandar, porque * então espiraua o dito cargo de Gouernador, que em sua ausencia seruia. O que todo o dito Lopo Vaz tratou, e fez ás vessas, nom lhe querendo obedecer, mas antes o prendera em ferros e lhe fizera e mandára fazer muytos males e deshonras; do que de nada trataua, nem ao presente pedia emenda nem corregimento, porque todo obedecera e sofrira mansamente, pedindolhe seu cargo com boas concordias, 'o que nada quis obedecer, sendolhe dito per Afonso Mexia, seu grande amigo, que lhe falaua pura verdade que nom era Gouernador, que forçadamente estiuesse na posse em que estaua; o que todo muy largamente constaua polos papés que apresentaua. Polo que pedia a elles juizes, que todo visto passar na verdade, lhe julgassem sua gouernança, e fosse metido de posse de seu cargo de que o tinha esbulhado Lopo Vaz, se per direito era seu. E se Lopo Vaz apresentasse prouisões de Sua Alteza que desfizessem o que apresentaua, que elle a tudo obedeceria quanto com direito elles julgassem; no que pedia que lhe guardassem sua direita justiça que tiuesse.

Ao que Lopo Vaz vinha contrariando, dizendo que todo o que Pero

[1] * mandar porque até elle Pero Mascarenhas chegar á India, porque * Autogr. Supprimiu-se esta repetição, que cortava o sentido.

Mascarenhas apresentaua e apontaua era verdadeyramente já tudo passado; mas que ElRey, sendo arrependido de o ter nomeado por Gouernador da India e nom querendo que elle gouernasse, mandara que se nom usasse das socessões em que elle estaua nomeado, mas que nom fossem vistas, e çarradas lhas leuassem a Portugal. Polo que estaua craro o desfazer de Gouernador, que o tinha feito, prouendo logo com outras nouas socessões, em que a elle Lopo Vaz na primeyra fez Gouernador da India, e de fóra aluará de bom resguardo que nom sendo chegadas as nouas socessões, e auendo d'ysso necessidade, elle Lopo Vaz gouernasse a India até chegarem as nouas socessões. Polo que se deuia comprir a vontade d'ElRey, pois estaua entendida nom querer que gouernasse Pero Mascarenhas, e polas prouisões que de todo apresentaua elle era perfeito Gouernador, e por tanto nom quisera largar sua posse da gouernança como lhe pedia Pero Mascarenhas; no que tinha feitos muytos erros nom querendo obedecer seus mandados, no que Pero Mascarenhas tinha muyto errado e fòra causador de seus males. E por tanto requeria a elles juizes que todo muy bem vissem e egiminassem com entendimento d'alma, guardando o seruiço de Deos, que seria pôr a India em sessego e mansidão das uniões que estauão aluoroçadas, guardando o estado d'ElRey nosso senhor, que por seu julgado ficasse a India em mansidão, sem auer escandolos de prisões e penas que merecião os que errauão, e todos conformes com a vontade de Sua Alteza, das prouisões apresentadas, que deuião gardar sobre todolas cousas, e a justiça dessem a quem per direito pertencesse.

Ao que lhe repricaua Pero Mascarenhas, dizendo que o aluará que apresentaua, por que ElRey desfazia as socessões velhas, o mandara ElRey com lhe parecer que dom Anrique viuia, * e * mandaua que lhas leuassem assy çarradas como estauão; mas que sabendo que erão abertas tal nom mandára, porque nom podia mandar em contrairo do que tinha feito, senão per especial prouisão que logo especificasse que desfazia o que por ellas fosse feito, que nom queria que fosse valioso; e que pois esta especialidade nom tinha o aluará nom era valioso pera desfazer o que estaua feito, que era elle feito Gouernador; e que pois outra cousa Lopo Vaz por sy nom tinha senão o dito aluará, logo estaua manifesto seu erro, pois o aluará nom era válido senão estando as socessões çarradas como as ElRey pedia, mas nom sendo já abertas, porque queren-

do ElRey que elle Pero Mascarenhas nom fosse Gouernador, como Lopo Vaz dizia, ElRey o mandara muyto declarado, reuogando as ditas socessões e desfazendo o Gouernador que por ellas fosse feito. E que se Lopo Vaz per alguma via cuidaua que tinha algum direito, o que elle nunqua tiuera, o perdera pola posse que por sy tomara, sem querer guardar a real justiça d'ElRey nosso senhor, com que se leuantou, nom querendo comprir o que tinha jurado, que era de lh'entregar sua gouernança tanto que chegasse á costa da India. Polo que ficára fé perjuro e inabile como homem de baixa sorte, com que nom podia ter cargo d'ElRey sem primeyro ser abilitado por ElRey, e restituido da falha que tinha. Hindolhe á mão os nobres fidalgos da India sempre pedirão que se pusesse em direito e justiça, que sempre denegou, polo que [1] * estaua * encorrido em graues erros, que ElRey nosso senhor lhe [2] * estranharia * como [3] * fosse * seu seruiço: o que todo deixaua a elles, tão virtuosos juizes, que julgassem a verdade que lhe Deos mostrasse, nom dando o entendimento a outra nenhuma rezão, sómente julgar direitamente qual era direito Gouernador da India.

Ao que lhe Lopo Vaz trepicaua, dizendo que por bem do dito aluará estaua em posse da mercê que lhe ElRey fizera, do que nom digistio porque perdia seu direito largando de sua propia vontade, sem causa alguma que a ysso o obrigasse, porque se o fizera ficaua duvidosa a dita mercê; e nom se auia de desfazer da posse em que estaua da gouernança senão se lhe fôra mostrada outra prouisão em contrairo, feita depois da sua, em que ElRey reuogasse seu aluará; mas pois elles nobres juizes, polos papés apresentados, vião que a vontade d'ElRey nosso senhor era que nom gouernasse Pero Mascarenhas, elles vissem o que fazião, porque darião conta a ElRey muy grande dos males que socederião sendo feito Gouernador Pero Mascarenhas, que elle estaua certo tomar muyta vingança de quem o tinha anojado n'esta contenda. Sobre as quaes sostancias ouve muytos apontamentos alegados e apontados de direito per cada huma das partes, tudo apresentado per estormentos e papés autentiqos quanto compria a cada huma das partes, até ambos dizerem que nom tinhão mais que aprouar nem dizer.

[1] * está * Autogr. [2] * estranhará * Id. [3] * for * Id.

CAPITULO XVII.

DA SENTENÇA QUE OS JUIZES DERÃO EM FAUOR DE LOPO VAZ DE SAMPAYO, JULGADO POR GOUERNADOR.

Todo assy acabado, e os juizes ençarrados em Santo Antonio onde se detiuerão muytos dias em votar, nos quaes Afonso Mexia tinha toda estucia de saber o que os juizes votauão, porque os frades erão seus amigos e tinhão no campanairo do sino [1] * ordenado * mostrar sinaes que se podião vêr da forteleza, com que Afonso Mexia sabia todo o que passaua dentro em Santo Antonio; e tendo todos os juizes dado os seus votos, que derão os escritos, acharão que ambos tinhão vozes iguaes, tantas hum como outro, polo que os juizes, juntos em cabido com o gardião, enlegerão per derradeyro terceiro juiz a Baltesar da Silua, que este anno viera do Reyno por capitão da nao Frol de la mar. Ao que sayo o guardião do mosteiro ao chamar, e o foy chamar á forteleza onde lhe dixerão que estaua, e o nom achou, polo que Afonso Mexia, sabendo que o vinhão buscar pera terceiro porque os votos erão iguaes, logo com muyta diligencia fez huma enformação, que se dixe que dera ao Baltesar da Silua ao entrar do mosteiro; o qual sendo dentro lhe fizerão seus izames de confessar e votar na ostia sagrada, e apartado metido em sua cella em que esteue dous dias, em cabo dos quaes deu sua voz a Lopo Vaz que fosse Gouernador, com que fiqou com sete vozes e Pero Mascarenhas seis. Mas tudo foy como Deos sabe que o elles fizerão; porque foy sabido que o papel que Afonso Mexia fez, que foy dado a Baltesar da Silua, postoque nom foy junto aos outros, lhe fez grande mouimento, porque o papel tinha estas sostancias, a saber: hum requerimento dos officiaes da camara de Cochym em nome de todo o pouo, em que lhe notificauão que se Pero Mascarenhas fosse feito Gouernador despouoarião a cidade e se hirião pera' a serra, porque Pero Mascarenhas era de todos imigo capital, polas brigas que se passarão em sua desembarcação chegando de Malaca.

[1] * ordenados * Autogr.

28 *

E com este papel outro d'Afonso Mexia, [1] em que o amoestaua fortemente que visse bem que Lopo Vaz era Gouernador feito da vontade d'ElRey, nom querendo que fosse Pero Mascarenhas, o qual era muy odioso aos moradores d'aquella cidade, pola offensa que dizia que lhe fizerão na desembarcação chegando de Malaca; de que estaua certo tomar muyta vingança, se nom fosse em pubrico o faria em secreto, d'aquellas pessoas de que se mais sentisse; que sendo elle sómente capitão de Malaca fizera muytas contrajustiças e erros na fazenda d'ElRey, e como fosse feito Gouernador desfaria Antonio de Miranda de capitão do mar, e a elle tiraria a capitania de Cochym, o que assy tinha dito a muytas pessoas, e tomou e recolheo pera seu fauor homens que deuião á justiça de grandes crimes, que recolheo a Cananor, que foy hum Lucas Leitão, que tinha mortos tres homens, e o fez capitão de hum nauio em que estaua na barra; e Pero Tauares, que matou sua sogra tendo seguro de dom Anrique; e hum bombardeiro que matou hum homem: «Pera ser Gouer-» «nador tem prometido fazer quita a muytos que tem roubado a fazen-» «da d'ElRey; que a Christouão de Sousa tem quites quinze mil cruza-» «dos que deue a ElRey, e por ysso lhe deu a obediencia de Gouerna-» «dor com a forteleza; e assy tem quite muyto dinheiro a Lançarote de» «Seixas, da feytoria d'ElRey que teue em Pegú; e perdoado Francisco» «de Vascogoncellos de huma nao que roubou de nossos amigos; e assy» «quitou a Manuel da Gama dous mil cruzados que deuia a ElRey; e» «pois tinha taes erros feitos, nom sendo Gouernador, que faria depois de» «o ser?» Polo que estaua muy notorio o mal que seria se o julgassem por Gouernador; polo que se tal fizessem lh'encampaua a fazenda d'ElRey, que ministraua, que valia passante de tresentos mil cruzados. E olhassem que o pouo de Cochym de todo seria perdido se Pero Mascarenhas gouernasse; e outras muytas mais sostancias que se dixe hirem no papel, postoque nos papés principaes todos forão apontados *(sic)*; em tal modo que este Baltesar da Silua deu seu voto por Lopo Vaz, com que fiqou com sete vozes feito Gouernador, e nos autos posta a sentença assinada polos juizes, que a derão por esta fórma seguinte:

[1] Veja-se o arrazoado d'Afonso Mexia contra Pero Mascarenhas, em *Castanh. Hist. da India*, Liv. VII, Cap. L.

SENTENÇA.

« Vistos estes autos processados antre partes Pero Mascarenhas autor, contra Lopo Vaz de Sampayo, e papés por elles apresentados, a saber: libello de Pero Mascarenhas, e contrariedade de Lopo Vaz reo, e reprica e trepica e rezões allegadas, e proua dada pelos papés, com que as partes se lançarão em final; o que todo por nós visto e bem engiminado, conformandonos com a vontade d'ElRey nosso senhor pelo aluará apresentado pelo reo, que precede [1] todolas prouisões antes d'elle feitas, em que Sua Alteza desfez as socessões velhas, mandando que d'ellas se nom usasse e çarradas lhe fossem leuadas; em que craro mostra nom querer que o autor Pero Mascarenhas nom seja Gouernador, mas que se usasse de nouas socessões que mandaua, resguardando que nom sendo passadas á India todauia nom se ahrissem as velhas, e que em tanto Lopo Vaz fosse Gouernador até ellas chegarem, porque na primeyra socessão o fazia Gouernador: polo que, conforme a manifesta vontade d'ElRey nosso senhor, julgamos que por bem de todo, e a India ficar mais assentada em mansidão do pouo, e por se escusarem os males que podem suceder do impitu do autor, que tem contra os que lhe males fizerão, de que se queixa e mostra agrauado: julgamos que Lopo Vaz de Sampayo estê em sua posse da gouernança da India, em que está, e seja Gouernador, segundo nos parece, por direita justiça. E o autor Pero Mascarenhas, se quiser, se torne á sua capitania de Malaca, se a quiser acabar de seruir; dando a obediencia e menagem a Lopo Vaz Gouernador; e se nom quiser se vá pera o Reyno ante ElRey nosso senhor requerer sua justiça, se entender que a tem; e lhe sejão dados todos estormentos e papés que pedir, sem sayr a terra [2]. » A qual sentença foy assinada polos sete juizes da parte de Lopo Vaz.

Lopo d'Azeuedo, fidalgo honrado e de bom zelo, polos papés que tinha deu e escreueo sua sentença, e ouvindo assy pobricar a sentença no cabido pedio que o ouvissem, e dixe: « Certamente que he muyto de »
« espantar que vejo que vossas mercês julgarão pola vontade d'ElRey, »

[1] Na accepção de prevalecer. [2] Não combina a sentença com a que vem em *Castanh. Hist. da India*, Liv. VII, Cap. LI.

« e não polos papés que vos forão apresentados, que jurastes que per »
« elles julgariês a justiça que achasseis, e todos déstes a sentença * co- »
« mo * que fostes apresentados e nomeados por parte de Lopo Vaz. O »
« que não sey o que d'aquy se póde presumir, sendo vossas mercês tão »
« honrados, que tudo tanto entendestes dando resguardos, mas nom jul- »
« gando polos papés, em que nós, os da parte de Pero Mascarenhas, te- »
« mos entendido ao contrairo; de que estamos muyto enuergonhados. »
« A sentença déstes sete juizes, polo que nos ficámos vencidos, tendo »
« nós dada nossa sentença, que cuidámos que o terceiro confirmasse, o »
« que nom fez porque se fundou nos fundamentos de vossas vontades. »
« E vossas mercês mandão que a Pero Mascarenhas dêm seus papés em »
« que já temos escrita nossa sentença, que dos autos nós auemos de ris- »
« car, a qual aquy virão vossas mercês. » E Lopo d'Azeuedo a leo, que dizia assy:

« Vistos estes papés apresentados por o autor, e reo, Pero Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampayo, per os quaes se mostra Pero Mascarenhas ser direito e perfeito Gouernador da India per socessão d'ElRey nosso senhor, per espiração do Gouernador dom Anrique; polo que por Gouernador da India foy aleuantado e apregoado, e obedecido com todolas solenidades de menages e juramentos de tantos nobres fidalgos, e officiaes de justiça e fazenda, e per todo o pouo da India, e foy mandado per todos [1] * chamar * a Malaca onde estaua, onde assy pola dita prouisão foy apregoado e obedecido por Gouernador da India, e visto como por assy ser ausente, e na India auer necessidade de quem gouernasse até sua vinda, pera o que se nom pôde enleger Gouernador por vozes, por concertos dos fidalgos foy aberta a segunda socessão, em que se achou nomeado por Gouernador Lopo Vaz de Sampayo, que foy feito Gouernador até chegar o Gouernador Pero Mascarenhas de Malaca, e aceitou o dito cargo com juramentos e menages d'elle e de tantos fidalgos, com tantos resguardos de logo entregar a gouernança a seu Gouernador Pero Mascarenhas, e em seus mandados se nomeando por sudito do dito Gouernador Pero Mascarenhas, do que todo dão verdadeyro testimunho os papés apresentados; no que em todo o dito Lopo Vaz fez erro, e nada comprio como era obrigado per a menagem e juramento, em que fiqou fé perjuro,

[1] * chamado * Autogr.

pois nom mostra cousa que o desobrigue de tantas obrigações como tinha, do qual erro ElRey nosso senhor lhe tome a conta como for seu seruiço; e visto como por parte de Lopo Vaz se nom mostra prouisão de Sua Alteza que desfaça o que está feito pola solene socessão, que ElRey nosso senhor em nada deroga, sómente diz que lhe leuem as velhas socessões çarradas, nom cuidando que erão abertas; e pois nada desfez das abertas socessões, julgâmos que são válidas até ElRey nosso senhor mandar que nom sejão válidas indaque sejão abertas; porque todo o que se apresenta por parte de Lopo Vaz nada desfaz das socessões abertas. Polo que decraramos que por huma via nem por outra o dito Lopo Vaz nom he Gouernador, nem o póde ser, segundo que todo milhor pârece polo merecimento d'estes autos. O que assy julgâmos e mandâmos que Peró Mascarenhas seja tornado a sua posse da gouernança da India, de que está esbulhado. Das mais culpas de Lopo Vaz nom julgâmos nada, pera que Sua Alteza o determine em sua Relação. »

Ouvida por todos ler esta sentença ficarão confusos, e tiuerão antre sy muytos debates, dizendo que fòra erro nom estarem todos juntos, pera cada hum dizer seu parecer e ouvir os dos outros, com que todos affirmarão; mas já que o tinhão julgado, a requerimento das partes, polo modo que estaua feito e assinado, se despedirão, e n'este dia, que forão vinte e tres de dezembro á tarde, foy a sentença pobricada no alpendre de Santo Antonio polo sacretario, a que a entregarão os juizes, ao que se ajuntou muyto pouo, em presença dos procuradores das partes; e ouvida, derão grande grita os da parte de Lopo Vaz, que forão correndo polas ruas dando a noua e pedindo aluiçaras; ao que ajudarão os frades com repique do sino, ao que respondeo Afonso Mexia da forteleza com muyta artelheria e trombetas, e ramos polas portas, e folias e festas. Ao tirar d'artelharia da forteleza foy entendido que era a sentença dada por Lopo Vaz; ao que os da parte de Pero Mascarenhas brasfamarão dos juizes, dizendo que forão trédores a Deos e á verdade. E Christouão de Sousa assy ao pobricar da sentença falou fortes palauras contra os juizes, pondo em caução dez mil cruzados que no Reyno nom seria tal julgado, porque elles todos forão cegos com a vontade d'ElRey, que lhe meterão na cabeça. Apelando da sentença pera o Reyno, recolheo os seus papés e os trelados dos de Lopo Vaz, que tudo leuou a Pero Mascarenhas, com outros estormentos que tirou; o que outro tanto fez Antonio

da Silueira por parte de Lopo Vaz, e foy entregar a sentença 'Antonio de Miranda, o qual logo tirou a bandeyra da gauea, que tinha, e a pôs sobre o tendal de hum catur, com que se foy á nao onde estaua Lopo Vaz com seu prazer, que logo a bandeyra foy posta na gauea, e o sacretario lhe pobricou a sentença, que acabada de lêr a nao pôs muytas bandeyras e tirou artelharia, o que assy fizerão todolos nauios que tinhão a parte de Lopo Vaz. E por ser já tarde nom se foy pera dentro; e n'este dia fez hum seu assinado, que mandou polo sacretario noteficar per todolos nauios em que estauão os que tinhão a parte de Pero Mascarenhas, em que dizia a todos que lhes pedia por mercê que lhe perdoassem, se d'elle tinhão recebido alguns escandolos nas cousas passadas por amor de Pero Mascarenhas; que elle juraua em Deos que de tudo era esquecido, e lhe tiuera sempre a bem o que fazião por serem amigos de Pero Mascarenhas, que outro tanto fizerão por elle se o forão assy seus amigos; que por tanto lhes pedia por mercê que lhe perdoassem e folgassem de seruir ElRey nosso senhor com elle, que ficaua em sua gouernança; porque a todos prometia e daua a fé e menagem lhes fazer seus pagamentos e mercês segundo merecessem. O que muytos aceitarão, e forão ter comprimentos com Lopo Vaz; mas muytos fidalgos se forão com Pero Mascarenhas e nas outras naos, e na nao de Pero Mascarenhas por capitão Antonio de Brito, que viera de Maluco, que per escrito deu apontamentos a Lopo Vaz e lhe fez lembrança que os castelhanos ficauão em Maluco, ao que compria mandar secorro a dom Jorge, capitão que lá estaua.

Pero Mascarenhas mandou citar polo sacretario a Lopo Vaz pera diante d'ElRey, pera seguimento d'apelação da sentença. Com que se partio, e no Reyno foy na Relação a sentença auida por mal dada, e condenado Lopo Vaz em vinte mil cruzados que pagasse a Pero Mascarenhas de seus ordenados e percalços; de que adiante mais fallarey.

ElRey foy sabedor do fallecimento de dom Anrique, Gouernador, polo nauio de Francisco de Mendoça, que Lopo Vaz despachou de Chaul como foy Gouernador, em que lhe daua conta como ficaua gouernando até vir de Malaca Pero Mascarenhas. ElRey, vendo o que tinha mandado em contrairo das socessões velhas, que lhas leuassem e que Lopo Vaz gouernasse até chegarem as socessões nouas, e vendo que com ysto, chegando estes papés á India, ficaua duvidosa a socessão de Pero Mascare-

nhas, que já era aberta; sobre que se podião mouer muytas deferenças, logo á pressa despachou dous nauios que partirão após as naos, em que mandaua que Pero Mascarenhas gouernasse a India até elle prouer. Dos quaes nauios vierão capitães Pero Vaz o Roxo, e Pere Annes Francês, a que ElRey encarregou que passassem á India antes da partida das naos; o que elles nom fizerão, porque se forão á ilha de São Lourenço buscar que roubar, onde ambos se perderão, que se qualquer d'elles passara á India cessárão todolos males que forão e Pero Mascarenhas nom perdera tamanha honra. Nosso Senhor sabe o porque lh'aprouve que assy fosse.

Depojs veo noua do Reyno que Pero Mascarenhas fôra na Relação julgado por Gouernador, e que fôra na India mal julgado, e condenado Lopo Vaz que lhe pagasse vinte mil cruzados de seus ordenados e percalços, de que se mostrou agrauado, e se hia pera Castella e o Infante D. Luiz o fez tornar; mas a magoa de Pero Mascarenhas nom era senão contra Afonso Mexia, que se elle viuera sem duvida que ouvera d'elle tomar vingança, por mais que ElRey o gardasse e fauorecesse, que quando chegou a Portugal ElRey lhe fez honra, e seruia d'escriuão da camara como elle era de primeyro, e lhe fazia muytos fauores, e tinha sempre casas muy perto dos paços, * e * andaua acompanhado de muytos homens, muy timido; porque Pero Mascarenhas nunqua pedio nada contra Afonso Mexia, que ElRey sabia que lhe fizera todo o mal, polo que ElRey bem entendia que Pero Mascarenhas por sua mão se auia de querer vingar. Polo que ElRey mandou Pero Mascarenhas estar por capitão em Azamor, e depois o mandou hir após o Infante dom Luiz quando foy com o Emperador a Tunes, onde de lá vindo morreo em huma carauella que se perdeo. E ElRey daua estas acupações a Pero Mascarenhas porque nom estiuesse em Portugal, polo temor que tinha que auia de tomar vingança de Afonso Mexia, porque sabia ElRey que Pero Mascarenhas era muyto homem pera o fazer e nom estimar por ysto sete vidas.

N'esta lenda atrás intituley Lopo Vaz de Sampayo Gouernador da India, porque foy feito com verdade em ausencia de Pero Mascarenhas até que elle viesse de Malaca. No qual espaço de tempo Lopo Vaz seruio a gouernança da India como perfeito Gouernador, e acabou tanto que Pero Mascarenhas chegou á India, polo que o intituley Gouernador da India por Lopo Vaz ficar desfeito, e indaque se aleuantou com a go-

uernança, e Pero Mascarenhas nom mandou, nem por ysso lhe tirey seu honrado nome de Gouernador da India, e *o* contey por oitauo Gouernador da India, como o foy na verdade até lhe ser tirada sua gouernança pola sentença dos juizes; e porque com meu fraqo entendimento assy me pareceo que era rezão assy o escreui.

Deo gracias.

LOPO VAAZ DE SAPAIO

LENDA

DO

QUE FEZ LOPO VAZ DE SAMPAYO

DEPOIS QUE FOY JULGADO POR GOUERNADOR.

CAPITULO I [1].

Ficando assy Lopo Vaz de Sampayo com a gouernança da India por sentença julgada, deu auiamento á partida das naos do Reyno, e apercebendo armada pera hir ao Estreito queimar as galés dos rumes, que sabia que erão desbaratados huns dos outros com a morte de seu capitão Soleimão Baixá, e entendendo n'ysto, em conselho lhe forão á mão * que * sua hida fóra da India [2] * escusasse *, porque nom estauão ainda muyto assentados os fidalgos de huns contra outros polas deferenças passadas; que abastaria mandar ao Estreito 'armada, e elle ficar na India assentando o que comprisse, mórmente porque ElRey de Calecut tinha grandes armações com ladrões e apercebidos muytos paraos, com que faria muyto mal se elle se fosse ao Estreito. O que debatido foy assentado que nom fosse; e ordenou que fosse Antonio de Miranda com 'armada, a que deu seis galeões, e duas galeotas e huma galé bastarda, e cinquo

[1] Falta no autographo. [2] * escuse * Autogr.

fustas, todos muy armados *do* necessario e muyta artelharia, e até mil homens; em que Lopo Vaz deu algumas capitanias 'alguns dos que forão por Pero Mascarenhas, e deu a Simão de Mello hum nauio e huma carauella, com que foy andar ás prezas antre as ilhas de Maldiua. E deu a capitania de Cananor a dom João d'Eça, de que veo prouido por ElRey, ao qual deu guarda da costa do Malauar, e lhe deu huma galé, e duas galeotas, e oito fustas e catures, com boa gente; o qual deu boa guarda na costa, e deu em huma armada de corenta paraos de Calecut, de que hera capitão hum valente mouro chamado China Cotiale, que trazia esta armada carregada d'arroz pera Calecut, que tinha grande valia. O mouro, vendo nossa armada, se meteo em huma fusta ligeira e pôs seus barcos todos em fio, porque a nossa armada sayra da terra e primeyro que chegasse os paraos tomarão grande dianteyra, que sómente os nossos catures alcançarão tres paraos, os derradeyros; onde o mouro tanto pelejou que os saluou, que fogirão, mas o seu catur fiqou sem remeiros, que todos se deitarão ao mar com medo das nossas panellas de poluora, e o mouro só pelejou com tres catures nossos, até que lhe matarão toda a gente e elle cayo com duas espingardadas polos peitos, que o passauão da outra banda, e huma lançada per huma coxa, e cinqo feridas polo corpo; e com todas estas feridas viueo, e carregado de ferros na forteleza de Cananor, com ferros nos pés e no pescoço, metido em correntes. O qual se resgatou e deu por sy tres homens portugueses que estauão catiuos, dous mil pardaos d'ouro e fiança de vinte mil pardaos em mercadores abonados em Cananor, que nunqua mais faria nenhuma guerra contra portugueses, e seria amigo bom pera sempre, com condição que seus zambuqos de mercadaria andassem seguros com cartazes do capitão de Cananor. O que este China Cotiale depois muy bem comprio, e foy fiel amigo. E dom João guardou e sentou a costa todo o verão, e no inuerno mandou 'armada pera Cochym.

Tambem o Gouernador despachou pera capitão de Chaul Francisco Pereira Cullatas, porque Christouão de Sousa se foy pera Portugal. E fez capitão de Coulão Ayres da Cunha, aleijado de huma perna da peleja de Bintão, onde fôra com Pero Mascarenhas; e lhe deu esta capitania porque chegando a Cochym se deitou de contrabanda, e se fez amigo com Afonso Mexia contra Pero Mascarenhas. E fez o Gouernador a vontade 'Afonso Mexia em todo quanto elle quis, e lhe deu todos seus poderes

pera o que comprisse. E ordenou toda su'armada, em que mandou embarquar toda a gente, e os nauios grossos hião largos da terra, e muyta fustalha e catures que corrião a costa; e em Cananor teue noua que no rio de Bacanor estauão trinta paraos armados, pera sayrem em guarda de cincoenta que estauão carregados d'arròs pera Calecut, o qual arròs lhe dauão porque lhe leuauão pimenta; polo que logo o Gouernador se partio e foy portar sobre o rio de Bacanor; de que os mouros nom tinhão sospeita, que nom sabião que o Gouernador era saydo de Cochym, e estauão seguros da pouqa armada que trazia dom João d'Eça; o que vendo os mouros, que erão muytos e tinhão o rio muy concertado de tranqueiras fortes sobre a barra, e per dentro polo rio atrauessado com estacadas, se fizerão muy fortes com muyta artelharia que tinhão, e tomarão muyta gente a soldo, de hum capitão d'ElRey de Bisnegá que estaua ahy perto, a que derão peita com que os veo ajudar com muyta gente, com que os mouros se ouverão por seguros por estarem muy fortes. Chegado o Gouernador mandou o seu piloto e mestre que fossem vêr a barra e o rio, a que foy a nado hum canarym christão, que vio tudo e contou ao Gouernador como tudo estaua; o que ouvido dos capitães e fidalgos, alguns lhe forão á mão, dizendo que nom leuaua tamanho poder como compria pera entrar o rio; que receberia muyto dano. O Gouernador respondeo: «Pois que he o que parece a vossas mercês?» Todos disserão que nom entrasse o rio. Do que o Gouernador ouve paixão, parecendolhe que alguns lhe querião roubar sua honra, e lhe respondeo. «E nom será mi-» «lhor ally morrermos todos quantos aquy estamos, que mostrar tanta» «judaria, que nos fossemos d'aquy e ficassem estes mouros tão glorio-» «sos que dixessem que lhe ouve medo o Gouernador da India, que com» «toda sua gente nom ousou d'entrar a pelejar com elles? E porque eu» «antes hey de perder a vida, e que ElRey me corte a cabeça, que por» «mim receber nenhuma perda d'honra o estado d'ElRey nosso senhor,» «e por tanto nom ha que fazer, senão que hey de hir a terra a fazer» «esta doudice, e os sesudos fiquem gardando 'armada.» Polo que de noite se meteo com tres homens em hum catur com o piloto, e foy vèr tudo, e tomar 'agoa da barra. Os mouros o sentirão, e lhe fizerão hum tiro com hum falcão, com que lhe passarão o catur e lhe matarão hum marinheiro. Com que o Gouernador se tornou assentado de hir dentro * ao * posto, que muytos lho contrariauão, e mandou hum recado ao capitão do

Rey de Bisnegá, que estaua da outra banda do rio, dizendo que elle com sua gente se afastasse donde estaua com sua gente, porque nom recebesse dano d'artelharia, porque elle auia d'entrar no rio e matar e queimar os ladrões que estauão dentro, que andauão roubando os pobres que achauão polo mar. O capitão lhe respondeo que elle era senhor do mar, que quando os achasse os queimasse; mas nom ally, que aquelle rio e terra era d'ElRey de Bisnegá, e se elle lhe nom quigesse guardar esta honra que elle os auia d'ajudar e defender até morrer, com toda' sua gente que ally tinha. Da qual reposta o Gouernador nom deu nada, porque o recado que lhe mandara nom fôra senão pera comprimento. E logo tomou acordo de como auia d'entrar, e mandou desemmastear a fustalha, e fazer arrombadas das amarras aos batés dos [1] *galeões* que leuaua, e meter n'elles tiros grossos, e armar mantas que leuaua pera elles.

Ao outro dia em amanhecendo, que a maré [2] *enchia, a gente* toda já estaua prestes, que serião mil homens que couberão na fustalha, que o Gouernador corria a todos em hum catur, e fazia que toda a gente hia baixo por amor dos tiros; e diante forão dous catures, de que forão capitães Fernão de Moraes e Diogo Tisnado, que forão diante, leuando machados com que forão cortar e quebrar humas traues grossas que os mouros puserão na estacada; em que ouve detença em cortar e os tiros dos mouros, que ally tinhão apontados, lhe tirarão fortemente, com que matarão nos catures cinqo homens e ferirão muytos, e todauia a estacada foy quebrada e aberta. E o Gouernador pôs todas as fustas em fio, a que os tiros da terra erão infinitos, que antes d'entrar no rio ouve mortos e feridos mais de vinte, dando os mouros grandes gritas. Mas vendo a estacada aberta acodirão a defender a entrada com muyta artelharia, que tinhão em outra tranqueira que estaua mais áuante, que ficaua de rostro com a estacada, com que fizerão muyto dano aos nossos, que como hião a remo, e com a corrente d'agoa, como passauão a tranqueira se espalhauão polo rio, com que os tiros lhe nom fazião tanto mal. Deu o Gouernador a dianteyra d'estas fustas 'Antonio da Silueira, e após elle dom Vasco d'Eça, e Ruy Vaz Pereira, dom Anrique d'Eça, Manuel de Macedo, dom Jorge de Crasto, Vasco da Cunha, dom Afonso de Meneses, e dom Pedro seu irmão, Jeronymo de Sousa, Pero de Mesquita, Gracia de Mello,

[1] *galeos* Autogr. [2] *enchia pera que a gente* Id.

Gaspar da Silua : todos estes erão capitães das fustas, em que entrarão com sua gente muy concertada. Heytor da Silueira, dom Vasco de Lima, Diogo da Silueira, se meterão nas fustas de Manuel de Macedo e com dom Afonso de Meneses, que nenhum da liga de Pero Mascarenhas aquy leuou capitania. Os batés das mantas, que entrarão per derradeyro, mandou o Gouernador que tirassem á estancia grande, de que os mouros logo fogirão, vendo que as fustas entrando caminhauão ao lugar, que estaua polo rio dentro hum tiro de falcão, que elles tinhão muy fortificado de longo d'agoa com altos vallados, e per dentro estacadas de grossa madeira, com muyta artelharia que jogaua ao longo do rio até a barra, onde o mal dos pilouros era tanto que os nossos tomarão por saluação remar com toda' força e chegar, que o Gouernador a todos bradaua que chegassem, como todos chegarão ; onde polos vallados serem altos os nossos tiuerão trabalho muy grande, de muytas frechadas, e espingardadas, e panellas de poluora, que os mouros deitauão de cima dos vallados dentro nas fustas, o que causou os nossos mais se apressarem, e ás lançadas e espingardadas, porque os nossos leuauão muytas espingardas, e entrando com os mouros a bote de lança ouve muy grande peleja, porque os mouros e os canarás que os ajudauão tirauão nuvens de frechas ; mas durando a peleja, o Gouernador teue lugar de sobir o vallado, onde aparecendo com a bandeyra real e tocando as trombetas, que os nossos ouvindo, e dom Vasco de Lima que bradou Santiago, com que os nossos derão grande grita, cometerão os mouros tão fortemente que os mouros largarão as estacadas, fogindo pera o lugar, e os nossos no alcanço, matando e derribando, lhe puserão tal medo que passarão pelo lugar fogindo pola terra dentro ; ao que logo foy posto fogo a muytos zambuqos e naos, que estauão varados e no mar. Os mouros tinhão os paraos metidos pelo rio dentro mais de duas legoas, per huns esteiros perante huns matos atupidos com vallados e madeira cortada e ramos, e os paraos cheos d'agoa, de tauoas que lhe tirarão.

Sendo assy tomado o lugar, o Gouernador deu repouso á gente e *mandou* trazer muyto comer ; e os feridos *forão* leuados aos nauios grandes, onde erão curados ; e muytos se fizerão caualleiros ; e assy estiuerão repousando até tarde, que veo a maré. Então o Gouernador mandou Antonio da Silueira que com os catures e fustas pequenas, com sómente duzentos espingardeiros, fosse queimar os paraos. O que elle

fez, com muyto trabalho dos remeiros em desatupir os esteiros, que erão muytos, e com muyto trabalho e perigo de muytas frechas e espingardas, que lhe tirauão dos matos, chegou aos paraos que estauão rasos d'agoa ; e vendo Antonio da Silueira que os nom podia assy queimar, agardou que vazou a maré e ficarão vasios d'agoa, que encheo de mato e os queimou a mór parte d'elles, e com a outra maré da noite tornou. O que nom agardou o Gouernador, mas vendo que Antonio da Silueira assy tardaua, parecendolhe que estaua em algum trabalho, com esta maré da tarde, em seu catur com algumas fustas o Gouernador lhe foy acudir, onde no caminho achou catur que lhe vinha com recado do que passaua, com que se tornou ao lugar. Onde ouve bom roubo de muytas mercadarias, e muyta pimenta que os mouros de Calecut trazião pera leuar arroz, de que tinhão grande numero de fardos, que o Gouernador mandou que todo recolhessem ; no que cada hum daua' pressa que podia, com que tudo foy recolhido o bom, porque era escala franqua. Então se deu fogo, com que o lugar e tudo fiqou raso, e toda 'artelharia dos mouros mandou o Gouernador recolher aos [1] * galeos *, que depois se deitou no mar, porque era de ferro, que nos nom seruia aos nossos nauios. O Gouernador esteue até outro dia tarde, que sayo do rio com toda a gente. Ouve 'quy mortos portugueses dezeseis, e d'outra gente mais de vinte, e muytos feridos. E todauia se acharão em outro esteiro, que hum negro da terra descobrio, onze paraos nouos de todo concertados, que o Gouernador leuou. E se foy muy contente com sua muyta honra que aquy ganhara, contra vontade dos que lha querião estrouar que a nom ganhasse.

N'este feito vio bem o Gouernador o que Heytor da Silueira fez e que o sempre acompanhou, e postoque elle mostraua bom rostro aos fidalgos a que elle nom tinha boa vontade o fazia dessimulando, porque d'elle nom praguejassem ou escreuessem d'elle males a ElRey ; e mórmente Heytor da Silueira, que era homem de marqua, de que os fidalgos fazião cabeça, e muyto se chegauão a elle, e o Gouernador achára nas cartas d'ElRey muytos fauores pera Heytor da Silueira, dizendo que elle o proueria do que merecia ; o que o Gouernador bem lhe parecia que tambem Heytor da Silueira teria em suas cartas d'ElRey e de seus

[1] * galeões * (?)

parentes. O que assy era verdade, que ElRey lhe mandara cartas de muytos fauores e esperança que na India lhe faria muyta mercê, polas cousas que d'elle lhe contara dom Rodrigo; mas Heytor da Silueira era tão grandioso que tudo em sy calaua e dessimulaua, porque sabia que ElRey escreuia d'elle nas cartas do Gouernador e esperaua a vêr o que fazia, e nom visitaua nem agardaua o Gouernador senão ao domingo na igreija, e o acompanhaua até *a* porta, de que se despedia com seqas palauras como homem agastado. Lopo Vaz, vendo nas cartas d'ElRey o cabedal que fazia d'Heytor da Silueira, desejaua de se tornar 'amigar com Heytor da Silueira e lhe fazer mercê, mas buscaua maneyra como ysto fosse feito que lho agardecesse Heytor da Silueira e por ysso lhe ficasse em obrigação, e que nom entendesse que lho fazia por consequencia das cartas d'ElRey; o que Heytor da Silueira bem entendia no Gouernador, e dessimulaua. O Gouernador, determinado n'esta cousa, hum dia que achou geito lhe dixe: «Senhor Heytor da Silueira, nom he re-»
«zão que andeys sequo pera mim, que das paixões passadas eu tenho»
«rezão de me queixar de vós, que sendo tal pessoa me desfauorecestes»
«e tanto mostrastes contra mim, nom vos tendo eu merecido que assy»
«o fizesseis, e tendo eu tanta rezão no que fazia, que era rezão que eu»
«nom fizesse duvidosa minha prouisão pera a pôr em justiça. Assy que»
«eu são o agrauado e queixoso, e vós o descontente e arrufado. Ora»
«nom quero que ysto assy seja; e que mais nom vá áuante, e tudo»
«seja esquecido, e sejamos bons amigos. Vosso vencimento acrecento»
«em mil cruzados cad'anno, e d'ysso mandai fazer a prouisão.»

Heytor da Silueira esteue ouvindo com o rostro muy seguro, que nom falou até o Gouernador acabar; e lhe respondeo: «Senhor, nom»
«me fizestes nunqua n'este mundo cousa por que vos tiuesse má von-»
«tade. O contraste que me achastes era requereruos que vos pusesses»
«em justiça, porque assy parecia rezão a muytos, que eu nom era só.»
«E inda agora eu affirmo por mais verdade o que dizião as cartas d'A-»
«fonso Mexia que a sentença que derão os juizes; e ysto digo porque»
«são homem que nunqua negarey o que entender com meu fraquo en-»
«tendimento, e do Reyno virão nouas que me desenganarão d'esta erro-»
«nia que em mim tenho. Mas pois he feito nom ha que mais falar. Sois»
«Gouernador da India, e por tal vos obedeço e seruirey nos seruiços»
«d'ElRey nosso senhor. E quanto ao acrecentamento do meu venci-»

« mento lho tenho em mercê. Nosso Senhor dê bom grado a quem [1] * ma * »
« fez. Rezão era que n'ysto me falara craro, nom m'encobrindo a mercê »
« que me ElRey faz, que eu mais estimo a honra de me elle fazer mer- »
« cê que todo quanto me podeys fazer, e nom me deuiês tomar a honra »
« que me ElRey faz; e quero que o saibão na India que tenho eu me- »
« recimento ante ElRey pera me mandar quá as honras e mercês, e nom »
« quero que ninguem cuide que vos deuo nada por esta mercê, que eu »
« cartas de Sua Alteza tenho que me diz d'este acrecentamento que man- »
« da que me façaes, com muytas esperanças que outras mais e mais »
« grandes me fará, e eu confio em mim que são homem pera tudo lhe »
« merecer. E por tanto vos peço, muyto por mercê, que me mandeys »
« cousas em que sirua estas mercês que me Sua Alteza faz; e se me »
« nom acupardes em que sirua ao menos nunqua me achareys menos »
« diante de vós, [2] * em toda a parte em que fordes * no seruiço de Sua »
« Alteza. »

O Gouernador se afrontou muyto por lhe Heytor da Silueira assy falar sequo e per vós, nom lhe chamando senhoria, que he vocabulo de Gouernador, e lhe respondeo: « Senhor Heytor da Silueira, seja como »
« vós quiserdes. Ao menos n'esta pratica me nom deuerês tirar o que »
« anda pegado na gouernança da India; e ysto deixo porque a mim »
« nom faz perda. As mercês que eu faço nom são minhas, que são d'El- »
« Rey nosso senhor, que elle manda que faça aos homens porque com »
« melhor vontade me ajudem nos seus seruiços. E pois me nom agar- »
« deceys o acrecentamento, seja assy. Nom póde ser que nom agarde- »
« çaes o que vos fizer sem ElRey volo escreuer. E por tanto quero vos »
« meter n'esses trabalhos que desejaes; e por tanto vos fazey prestes, »
« que [3] * hides * andar d'armada em Cambaya. E douvos d'auantagem »
« que ordeneys quantos nauios quereys leuar pera n'este verão guer- »
« reardes a enseada; e vos recolhereys a enuernar em Chaul, onde con- »
« certareys vossa armada pera no verão tornardes á enseada. » Ao que Heytor da Silueira deu grandes agardecimentos, dizendo que ácerqua de correger su'armada no inuerno em Chaul nom sabia o como o poderia fazer, porque a capitania de Chaul era alhêa e nom quereria nada perder de seu mando. O Gouernador lhe dixe: «Vós hireys prouido de to- »

[1] * me * Autogr. [2] * em que fordes em toda a parte * Id. [3] * hyrdes * Id.

«do o que vos comprir.» Do que Heytor da Silueira lhe deu seus agardecimentos, e ficarão grandes amigos. Com a qual amizade tambem outros da valia de Pero Mascarenhas forão reconciliados com o Gouernador.

Estas praticas passou o Gouernador com Heytor da Silueira em Angediua, porque recolhido na barra de Bacanor despedio pera Cochym hum galeão com os feridos. O Gouernador com toda' armada foy correndo a costa. Com vento contrairo entrou em Angediua, porque auia falta d'agoa, onde esteue dous dias, e d'ahy se foy a Goa, onde foy recebido com grande recebimento de nouo Gouernador, onde logo entendeo no despacho d'Heytor da Silueira, a que deu hum galeão e huma carauella, e doze fustas e caturès, em que leuou quatrocentos homens, boa gente, e fidalgos seus amigos, que folgauão de o acompanhar porque era nobre em seu gastar; e lhe deu o Gouernador todo' poder que tiuesse pera tomar toda' mais armada que quigesse, e lhe deu meirinho e ouvidor d'armada, e toda' gente, que nada com ella entendesse o capitão de Chaul; e pera corregimento d'armada lhe dessem da feitoria e almazem em Chaul todo o que ouvesse mester. Com que Heytor da Silueira se partio de Goa muy contente.

Fiqou o Gouernador em Goa prouendo suas cousas, e fez outra armada de seis caturès e fustas, de que fez capitão Manuel da Silua, que viera assy prouido por ElRey pera que guardasse a costa de Goa até Chaul.

E tambem veo prouido por ElRey Manuel da Gama pera capitão da costa de Choromandel, e João Froles pera capitão e feitor da pescaria do aljofar. A qual amizade de Manuel da Gama fez Heytor da Silueira antes de se partir; a que o Gouernador deu hum nauio e quatro fustas bem concertadas e armadas, porque auia noua que na costa de Paleacate andauão paraos de Calecut fazendo muytos roubos, e tomarão huma nao que vinha de Malaca muyto riqua, com oito portugueses que matarão. No que Manuel da Gama deu tão bom recado que alimpou a costa dos ladrões, e tornou a recadar pela terra toda a fazenda da nao que os ladrões venderão, e muytos escrauos e escrauas dos portugueses que matarão na nao; os quaes ladrões se passarão a Ceylão com muyta riqueza, que se ajuntarão com outros que forão de Calecut, e andauão muy possantes roubando quanto querião no mar e na terra.

O Gouernador mandou João Froles pera capitão e feitor da pescaria, em huma carauella e huma barcaça e tres fustas, com boa gente e tudo bem apercebido, com que andaua arrecadando a renda da pescaria, como já dixe. O que sabido dos ladrões, que andauão muy armados d'artelharia e gente, se ajuntarão vinte pera virem pelejar com João Froles, porque Manuel da Gama andaua na outra costa e lhe nom podia secorrer, e forão ter com João Froles, que estaua na carauella com a barcaça, que as fustas erão hidas a outra parte; e porque estauão sobre amarra e o vento calma, os paraos se repartirão doze pera' carauella, seis por cada banda, e os oito se forão assy repartidos a pelejar com a barcaça. João Froles, vendo os paraos que se ordenauão ao cometer, se apercebeo o melhor que pôde com vinte homens portugueses que tinha, e deu hum cabo á barcaça, com que ambos se abalroarão popa com popa. Na barcaça * hião * seis homens portugueses: a carauella tinha hum camello e dous falcões e seis berços, e a barcaça dous falcões e seis berços, e estauão assy pouqos homens, porque alguns forão nas fustas que João Froles mandara á costa de Ceylão ás prezas. E sendo os nossos assy concertados, os paraos se fizerão em duas batalhas, e dez se puzerão de cada parte, resguardados dos tiros do camello, que mudauão quando querião, todos com bombardas roqueiras de pelouros de ferro da grandura de marmellos, tirando a seu prazer tantos tiros derão na carauella e barcaça, que lhe cortarão as enxarceas e lhe derão com as vergas em baixo; ao que derão grandes gritas. Do que João Froles, nem o mestre da carauella, nom tiuerão lembrança fazer centuras debaixo da verga; que se as tiuerão nom lhe derribarão a verga. Com que os mouros se ouverão por vencedores, em que dos portugueses já auia mortos e feridos, porque aos nossos nom lhe seruião mais que os falcões e berços, que nom tirauão tão amiude como fazião os mouros, e os nossos de cada vez desfalecendo do tirar; polo que conhecendo os mouros a mingoa dos nossos se concertarão com suas armas, e suas gritas e tangeres, * e * abalroarão os nauios, e matarão quantos acharão viuos, sem fiqar nenhum, e roubarão o que acharão, e recolherão os falcões e berços e monições, e derão fogo aos nauios até se hirem ao fundo, e se tornarão pera Ceylão. As nossas fustas, auendo estas nouas dos nauios queimados, fogirão pera onde estaua Manuel da Gama.

Tambem o Gouernador deu hum nauio e duas fustas a Ruy Vaz

Pereira, com que foy a Bengala andar ás prezas, em que se fez riquo, que depois outros pagarão. E deu a Christouão de Mendoça hum nauio e huma carauella e duas fustas, em que o mandou pera capitão d'Ormuz em que viera prouido. O qual sendo partido chegou ao Gouernador recado do Rey d'Ormuz e dos regedores, em que muyto pedião ao Gouernador misericordia, que lhes fosse acodir aos grandes roubos e males que lhe tinha feitos e fazia o capitão Diogo de Mello, e que o gozil ferira e o quisera matar, por lhe nom dar dinheiro e joias que lhe pedia; porque se lhe nom acodia em pessoa despouoarião a cidade. O que vendo o Gouernador fez conselho e mostrou as cartas e cousas que lhe escreuião; polo que foy assentado que fosse a Ormuz acodir a este mal, que nom causasse outro maior; ao que logo mandou concertar 'armada, que forão tres galeões, tres galés, e duas galeotas, e duas carauellas; o qual com muytas acupações partio tão tarde que achou no golfam tanta calmaria que foy em risco de se perder. Chegando a Ormuz, o capitão da forteleza Christouão de Mendoça lhe fez grande recebimento, e o Gouernador foy logo visitar ElRey, que lhe fez grandes cramores dos roubos e mortes que Diogo de Mello tinha feito a elle e aos seus regedores e moradores, de que lhe deu hum apontamento, cousa espantosa de vêr os males que Diogo de Mello tinha feitos. O Gouernador lhe dixe que elle nom fôra senão a seu chamado, e dos apontamentos que lhe daua mandaria tirar deuassas, e saberia a verdade, e que tudo mandaria a ElRey com Diogo de Mello preso em ferros, que lhe cortasse a cabeça, porque elle o nom podia fazer. Ao que ElRey respondeo que elle nom queria que mandasse ao Reyno Diogo de Mello e que ElRey lhe cortasse a cabeça, mas que elle Gouernador tinha poder pera lhe fazer pagar os roubos; que ysto era o que lhe pedia. Dixe o Gouernador que tudo faria, hum e outro. Com que se despedio, e logo mostrou diligencia em mandar o ouvidor geral prender em sua casa Diogo de Mello, e tomar quanto lhe acharão em casa, que era triste fato, e andou * com * fengimentos e modos de fazer justiça; mas nom faltaua a ElRey quem lhe dixesse que tudo erão bulras e falsidades, como erão; que o Gouernador nom quis anojar Diogo de Mello, por lhe nom ficar no Reyno contrairo depois de acabar sua gouernança; com que dessimulou com tudo.

Mas a Portugal forão taes males de Diogo de Mello que na Relação foy condenado á morte, ao que lhe valerão rogadores, e fiqou em morte

ciuel pera São Thomé e depois pera Africa e depois acabou com dar quinhentos cruzados pera' arqua da piedade, e casou suas filhas com muytas riquezas dos roubos que n'este mundo nom pagou, que no outro pagará elle e quem tiuer a culpa.

O que assy ficará por contar o que n'este tempo atrás do anno de 527 se passou em Maluco, e nas partes de Malaca, pera onde o Gouernador, antes de partir pera Ormuz despachou Pero de Faria por capitão, com bom prouimento, porque Jorge Cabral já tinha acabado seu tempo. Do que Pero de Faria se quisera escusar, porque Jorge Cabral era bom fidalgo e pobre; mas o Gouernador nom quis senão que fosse, porque Jorge Cabral era feito por Pero Mascarenhas; e em abril d'este anno * se partio * com hum nauio com muyto prouimento pera os almazens de Malaca. E o Gouernador deu a capitania de Maluco a Simão de Sousa Galuão, honrado fidalgo; porque dom Jorge tinha acabado seu tempo; e alcaide mór da forteleza e capitão mór do mar deu a dom Antonio de Crasto, e hum galeão em que foy Simão de Sousa, bem armado, com muyto prouimento pera' forteleza; e a capitania d'este galeão deu a Jorge d'Abreu, que fòra ao Preste com dom Rodrigo, e com setenta homens, que em Malaca Pero de Faria lhe auia de perfazer cento. Com que se partirão.

CAPITULO II.

DAS NAOS DE FRANÇA.

No anno atrás de 527 partirão de França tres nauios armados cossairos, e caminharão pera' India, e no mar se apartarão e huma d'ellas, de que era capitão hum Esteuão Dias Brigas, piloto, homem português, foy portar na barra de Dio, com quarenta e oito homens, e o nauio com muyta artelharia, que mais de sessenta lhe erão mortos. E chegando assy ao porto, o capitão Brigas foy a terra, fingindo que era messigeiro mandado per outrem, e dixe aos do batel que se lhe perguntassem que dixessem que o capitão ficaua na nao, e que elle era seu criado. O qual foy falar ao capitão de Dio, que então era chamado Camalmaluqo, e lhe dixe que o capitão d'aquella nao lhe mandaua pedir seguro pera ally tratar vendendo mercadarias que trazia, e comprar as que ouvesse na ter-

ra, de que pagaria seus direitos como mercador que era estrangeiro, que nunqua passara a estas partes; que era vassallo de hum grande Rey com que elle folgaria de ter amizade. O capitão de Dio lhe perguntou se tinha amizade com os portugueses. Elle respondeo que se conhecião, mas que inda se nom topara com os nossos. O mouro lhe dixe que folgaua com sua vinda; que seguramente podião estar na cidade como mercadores; e por seguro lhe deu huma frecha do seu arquo; o que assy costumaua dar por seguro real. Com que o Brigas se tornou á nao, e deu licença á gente que fosse a terra vender e comprar. Com o capitão mouro andauão huns portugueses arrenegados, a que perguntou que gente era a da nao, e elles lhe disserão que erão francezes, de huma terra que se chamaua França, que andauão estes, sem licença de seu Rey, a roubar polo mar quanto achauão; que erão ladrões, e que se os nossos os topassem que todos auião de matar como a rumes. Ao que se o mouro calou, e vendo os francezes rotos e sujos, bargantes que andauão arruando as ruas e se metião nas tauernas a beber o vinho da terra, e que nom trazião mercadarias, sómente vendião machadinhas e machados, e fouces, e espadas, e espingardas, tudo cousas de ferro, e nenhumas mercadarias, e comprauão pannos pintados de que se vestião, e todo seu negocio era comer e beber, tudo o capitão de Dio escreueo a ElRey de Cambaya seu senhor dandolhe toda' enformação do que passaua, e a gente que era, e o que fazião, e o que lhe tinhão dito os arrenegados. O que ouvido por ElRey se veo a Dio, e mandou fustas á nao, e lhe trouxerão o Brigas e toda a gente, que fiqou a nao só; os quaes todos forão metidos em huma casa bem guardados. E logo forão tirar da nao quanto tinha, que foy muyto boa artelharia grossa e miuda, e armas branqas, e a nao foy metida no rio e varada, que seria de duzentos e cincoenta tonés, muyto podre. Quando este nauio vinha atrauessando o golfam pera Dio o topou hum nauio nosso que vinha de Melinde, e arribou a elle, que lhe fogio porque corria muyto á vela, e o francês nom entendeo com o nosso, parece que seria por o Brigas nom querer contender com os nossos, e quereria andar a roubar os mouros.

ElRey mandou leuar ante sy o Brigas com os francezes, e lhe dixe que se tornassem mouros e o seruissem, que lhe daria soldo e lhe faria as mercês que merecessem, porque d'outra maneyra os nom auia mester em sua terra se nom fossem mouros, e os que o nom quigessem ser os

auia de mandar matar. Ao que lhe respondeo o capitão Brigas: «Se-» «nhor, em teu poder estamos debaixo de teus pés; mas tal nos nom» «podes fazer com rezão, pois temos teu seguro real. De mim podes fa-» «zer tua vontade, porque eu nom hey de ser mouro. Ess'outros farão» «suas vontades.» Os outros, ouvindo a tenção d'ElRey, ouverão muyto medo que os mandasse matar, e disserão ao Brigas que fizesse a vontade d'ElRey, e que depois Deos daria remedio; que pois ally os trouxera nom fosse caso de suas mortes. Polo que todos se conformarão antes saluar as vidas, e se tornarão mouros. E pois que então se fizerão com esta tenção depois folgarão e forão feitos mouros de vontade, e todos morrerão mouros. ElRey deu cabaya ao Brigas, e lhe deu soldo e o trouxe sempre comsigo. Os outros, como era gente ciuel, fazião bargantarias, com que ElRey os mandou leuar á serra de Champanel, que lá trabalhassem nas obras, pois nom erão homens pera andarem na terra. E o Brigas se fez bom seruidor, sempre diante d'ElRey, que lhe fazia mercê; e depois ElRey o mandou casar com huma mulher castelhana chamada a Marqueza, que foy catiua em huma galé nossa, que foy tomada por huma nao de Meca que hia pera Dio em tempo do Gouernador dom Duarte, como já atrás contey em seu lugar; e estiuerão muyto tempo casados, e faleceo o Brigas bom christão, e esta molher depois foy liure do catiueiro quando Nuno da Cunha ouve a forteleza em Dio, como adiante direy em seu tempo.

A outra nao da companhia esgarrou polo mar do cabo da Boa Esperança pera a banda do sul, nom sabendo por onde hia, e foy tomar nas costas da ilha de Çamatra, onde foy ter na ilha do ouro, que 'arêa da praya, grossa e miuda, era tudo ouro; a terra muy viçosa, e grandes aruoredos e ribeiras de boas agoas, e muytas fruytas das aruores, muy gostosas; a gente nua e bestial, que se cobrião com pannos feitos das folhas d'heruas, e nom tolhião nada do que lhe tomauão. Carregarão quanto ouro quiserão e se partirão nauegando sem saber pera onde lhe mais seruiria o vento, com que forão ter na costa de Çamatra já muy desbaratados, com *a* mais da gente morta e doente, e fazendo tanta agoa que se hia ao fundo; e correrão pera terra pera varar, e antes de chegar a ella derão em huma restinga em que se perdeo a nao; e os que puderão trabalhar concertarão o batel, em que se forão a terra com muyto ouro que cada hum meteo, e na terra forão mortos per barqos de pes-

cadores, que os toparão e leuarão o ouro. Ysto se soube em Malaca por mercadores de Çamatra que lá hião tratar, que por toda a terra se falaua d'este batel que acharão pescadores carregado d'ouro, e que os homens que falauão como bombardeiros, de que trouxerão hum a ElRey de huma terra, que o mandou espetar em hum páo porque lhe dixe que nom sabia tornar á ilha. Onde assy acharão aquella ilha do ouro, pola qual enformação se soube que esta nao fôra da companhia do Brigas.

A outra nao foy ter á ilha de São Lourenço e correndo com tromenta, que ouve vista da ilha e foy pera [1] *varar, per* acerto entrou em huma baya que era abrigada da tromenta, em que esteue á sua vontade, e *achou* boa gente na terra, que lhe fizerão bom trato; onde se concertarão de tudo o que ouverão mester a troquo de machados e cousas de ferro, e ouverão pannos, e pimenta vã e fraqa que parece que he pimenta braua, e páos cheirosos que hão que he sandolo roym, e canella braua, tudo cousa de pouqua valia, e outras cousas que ouverão, com que cuidarão que tinhão achada a India; *e* se partirão, e se tornarão nauegando pola derrota que vierão, e passarão o cabo e forão tomar na ilha de Santa Elena, e tomarão agoa, e n'ella se embarcarão tres homens nossos que ficarão 'hy fogidos das naos da carga, em que hião presos pera Portugal degredados pera o Brasil, e se partirão e forão a França ao porto de [2] *Neypa* donde partirão; onde vendo que as mercadarias que erão falsas e roys nom se acuparão outros n'este trabalho, por *que* estes, que erão cossairos, nom hião senão buscar que roubar; e os portugueses que com elles forão ouverão d'ElRey perdões de seus degredos em que hião condenados pera o Brasil pera sempre, que Lopo Vaz os condenára por andarem em companhia d'aleuantados na India; os quaes contarão a ElRey todo o feito d'esta nao.

[1] *varar e per acerto* Autogr. [2] *Diepe* segundo *Barros*, Dec. IV, Liv. V, Cap. VI.

CAPITULO III.

DAS DESAUENÇAS QUE EM MALUCO TIUERÃO DOM JORGE DE MENEZES E DOM GRACIA ANRIQUES, E REUOLTA DE QUE FORÃO CAUSA [1].

JÁ atrás fica contado como dom Jorge de Meneses, que hia pera capitão de Maluco, fôra enuernar nas ilhas dos Papuás. E como teue monção nauegou, e foy a Maluco em maio do anno passado de 527, onde os portuguescs estauão em guerra com os castelhanos e os de Tidore e de Geilolo. E dom Jorge leuaua muytos homens doentes, porque lhe morrerão muytos onde enuernara, e deixando os nauios a bom recado nos bateys se foy a terra, o qual dom Gracia sayo a receber com muyto prazer de toda a gente, porque chegaua a tão bom tempo, e dom Gracia mais que todos, por se vêr fóra do trabalho em que estaua; polo que logo lh'entregou a forteleza, do que dom Jorge lhe deu seu estromento por taballião pubrico. O que sabido polo capitão dos castelhanos logo mandou sua visitação a dom Jorge, e que boa fosse sua vinda, e que elle estaua prestes pera o seruir com toda' boa amizade, a qual lhe nunqua quisera fazer dom Gracia, antes lhe metera a sua nao no fundo e fizera muyta guerra sem rezão. Ao que dom Jorge lhe respondeo com agardecimentos da visitação, e que quanto á guerra que lhe fizera dom Gracia elle fôra a causa, pois se nom quisera vir pera elle estar na forteleza assy como lhe pedira, e antes quisera estar com os mouros, com que elle tinha guerra. E pois dizia que queria sua amizade que auia de ser com se hir pera' forteleza, em que seria aposentado muyto á sua vontade. Ao qual recado o castelhano nom respondeo. Logo dom Jorge lhe mandou o alcaide mór, e feitor, e escriuães com requerimento da parte d'ElRey que logo se fosse donde estaua, e nom estiuesse em nenhuma ilha [2] * das de * Maluco, nem comprasse nem carregasse nenhum crauo; ao que o castelhano respondeo com outros taes requerimentos, e ouve muytos debates, que ficarão em tregoas assentadas até auerem recado do Gouernador da India, que farião o que elle mandasse. Com as quaes tregoas todos ficarão de muyta paz e boas amizades como irmãos, com dadiuas huns

[1] No original lia-se simplesmente * Conta de Maluco * [2] * desde * Autogr.

aos outros, e mórmente os capitães, e sempre o castelhano fôra pera' forteleza se nom fôra aconselhado de Cachil Daroes que o nom fizesse; porque em quanto auia guerra Cachil Daroes era muyto estimado, e elle tinha grande mando, o que nom tinha auendo paz.

Dom Jorge tirou 'alcaidaria mór a Manuel Falcão, que a tinha, e a deu a Simão Paes de Vera; do que se queixando Manuel Falcão dom Jorge lhe mostrou que lho mandara o Gouernador Pero Mascarenhas, porque lhe trouxera escondidos dous omiziados quando partira de Malaca; mas nem por ysso deixou Manuel Falcão de s'agrauar e seus amigos, e ficou imigo de dom Jorge, e o dessimulaua. E tambem dom Jorge mandou ao feitor que comprasse quanto crauo pudesse per todolas ilhas, pera mandar á India huma certa somma que Afonso Mexia dizia em hum regimento, e o que sobejasse vendesse aos moradores e aos mercadores, com que ganhasse pera ElRey o com que se pagasse o ordenado do capitão e dos officiaes, e os soldos da gente, porque ElRey nom era poderoso pera soster tamanho gasto sem proueito; mas que todauia no recolhimento d'este crauo nom ouvesse escandolo na gente da terra nem nos portugueses: e dom Jorge mandou apregoar que este regimento se comprisse. Os portugueses, vendo o muyto proueito que perdião se nom comprassem o crauo, o qual era grande proueito pera ElRey se o todo elle comprasse, o que por ElRey sabido nunqua mais lho deixaria comprar, e ficarião de todo perdidos, porque o soldo e mantimento nunqua lho pagauão, todos antre sy fizerão consulta de ysto estoruar e o communicarão com Cachil Daroes que o estoruasse. Do que muyto aprouve a Cachil Daroes, e folgou que os portugueses com elle se ajudassem do que lhe compria; ao que logo com os mouros se tratarão, que vierão dizendo que pois elles nom podião vender seu crauo a quem querião, e lhe tirauão seu proueito, que elles nom venderião seus mantimentos senão a quem lhe bem viesse, e *se* lho tomassem por força lhe porião o fogo. No que foy crecendo o escandalo, que a gente da terra, por consequencia *da liga* dos portugueses com Cachil Daroes, nom vendião mantimentos nem querião hir buscar crauo. O que vendo dom Jorge que ysto hia a mal, nom sabendo donde procedia dessimulou com esta cousa, vendo que a nom podia leuar áuante; e assy perdeo ElRey n'ysto hum grande proueito se todo o crauo viera á sua mão, que a esse fim mandou ally fazer forteleza; que o crauo assy comprado da mão dos portugue-

ses lhe custaua o tresdobro do que primeyro o compraua na India antes que tiuesse forteleza ; do que de todo estaua muy liquidamente feito conta dos gastos e dos proueitos, afóra as mortes dos portugueses que n'ysso se gastauão.

Dom Jorge trouxe em regimento do Gouernador Pero Mascarenhas que quando dom Gracia se fosse pera Malaca lhe requeresse que fosse pola via do Borneo, e que descobrisse aquella nauegação em que se fazia tanto bem, e lhe mandasse dizer o estado em que tomara a forteleza e como ficaua. A qual nauegação mandaua fazer Pero Mascarenhas porque era muy breue o caminho pera Malaca, mais que pola via de Bandá, e que sendo aquelle caminho descuberto polos portugueses tomarião amizades e tratos por aquellas terras, em que auia muytas mercadarias ; e tambem porque os castelhanos fazião por ally seu caminho, e ally os nossos os hirião esperar e tolherião que nom fossem a Maluco ; e tambem por se auitarem contendas que sempre auia nos capitães que enuernauão em Bandá : tudo ysto muy articolado no regimento de dom Jorge, que elle mostrou a dom Gracia, e lhe requereo da parte do Gouernador Pero Mascarenhas que elle se fosse no nauio *em* que elle viera, e se fosse a Malaca pola via de Borneo. O que visto por dom Gracia fiqou muy pesaroso, porque nom hindo pola via de Bandá recebia grande perda, onde em Bandá esperaua que auia d'achar hum junqo seu, que elle mandara a Malaca carregado de crauo, que auia de deixar em Malaca e carregar roupas de Bandá, e ahy o auia d'agardar pera o carregar quando fosse ; assy que se nom fosse pola via de Bandá receberia a perda de nom hir carregar seu junqo ; e nom respondeo a dom Jorge, dizendo que aueria seu conselho ; e praticando ysto com os de sua amizade, que todos tinhão mandado crauo no junqo e esperauão fazer seu proueito, polo que todos lhe aconselharão que se escusasse de hir pola via de Borneo por nom auer tamanha perda. E assentarão o que auia de responder, que respondeo a dom Jorge que elle fòra de boamente por Borneo por fazer esse seruiço a ElRey, mas tinha sabido que nom auia de poder hir, porque Antonio de Brito cometera hir por esse caminho, e andara perdido, e com muytos trabalhos tornára a Maluco ; e lhe deu outras rezões, com que a dom Jorge pareceo bem que dom Gracia por ally nom fosse por escusar de trabalho ; assentando de mandar outro nauio que fosse fazer aquelle caminho de Borneo a pedir secorro de cousas que auia

mester. O dom Gracia, vendo que se o nauio fosse e descobrisse o caminho ficaua elle em culpa com o Gouernador Pero Mascarenhas * de * nom fazer o que elle mandara, tambem estoruou que dom Jorge nom mandasse o nauio, dizendo que era escusado mandar nauio a fazer gasto e arriscar gente de perdição, porque elle tinha já mandado por aquelle caminho a Manuel Lobo pedir aquelle secorro que elle queria mandar pedir, e hum recado sobre outro deuia de escusar, pois nom estaua tão necessitado; e que mandando nauio inda cuidarião que nom tinha tanta necessidade, polo que deuia escusar mandar o nauio; que tambem os do nauio contarião que a nao dos castelhanos era perdida, e elles estauão em tregoas de paz até vir recado do Gouernador, polo que então lhe nom mandarião nada do secorro que mandaua pedir, polo que deuia d'escusar mandar o nauio; e sobre ysso lhe fez requerimento. Dom Jorge, nom entendendo a solapa d'esta cousa, pareceolhe bem o que dom Gracia dizia, e cessou de mandar o nauio, dizendo que elle dom Gracia na India diria ao Gouernador todas aquellas rezões, com que lhe nom poria culpa nom hir pola via de Borneo, como mandaua no regimento. D'estas palauras tomou escandolo dom Gracia, parecendolhe que dom Jorge escreuendo ao Gouernador carregaria sobre elle a culpa de nom hir a via de Borneo, e rependeose de ter dado palaura a dom Jorge de lh'emprestar cem báres de crauo, do que mandara a Malaca no junqo; de que dom Jorge lhe pedindo papel pera os mandar arrecadar, lhe disse que aueria seu conselho; o que praticou com os de sua valia, os quaes, desejando cada hum seu proueito que esperauão hindo a Bandá, aconselharão a dom Gracia que désse a dom Jorge os cem báres de crauo graciosamente, com tanto que lhe désse hum nauio e licença pera vinte homens de sua obrigação, que leuasse. O que assy falou com dom Jorge, que tudo lhe concedeo, e dom Gracia lhe deu sua procuração e huma doação em pubrico que os mandasse arrecadar em Malaca. E assy fiquando tudo assentado, hindo os de dom Gracia lhe fizerão duvidar que dom Jorge lhe nom auia de comprir o prometido, porque a tempo da partida nom faltarião rezões pera lhe nom dar os vinte homens que lhe prometia.

Dom Jorge, postoque digistio de mandar o nauio pola via de Borneo, e trazia muy encarregado que mandasse descobrir aquelle caminho, determinou mandar huma corocora, que são barcos da terra, que podia hir aquelle caminho, e mandar n'ella homens que o bem entendessem,

que foy hum Vasco Lourenço, homem de que muyto confiaua, e com elle hum Diogo Cão, e João Velloso e com elles hum castelhano piloto, que estaua já casado na forteleza e hum homem malayo que sabia de piloto, que sabia do caminho ; e escreueo suas cartas pera o capitão de Malaca pedindolhe secorro, dizendo a necessidade em que estaua ; e tambem mandou cartas que lhe pedia que as mandasse ao Gouernador, porque n'ellas lhe daua miuda conta de como achara Maluco e o estado em que ficaua. E deu a Vasco Lourenço pannos de seda e peças pera dar ao Rey de Borneo e aos senhores das terras, pera assentar amizades ; e dom Gracia e Cachil Daroes derão tambem suas cartas pera o Gouernador, que Vasco Lourenço nom queria tomar, porque lhe pareceo que n'ellas hirião males contra dom Jorge, mas dom Jorge, nom tendo tal sospeita, porque lhe parecia que dom Gracia era seu amigo, lhe mandou que leuasse as cartas e as désse a quem dom Gracia as mandaua. E com suas cartas mandou dom Gracia secreta huma renunciação contra a doação dos cem báres de crauo que tinha dados a dom Jorge, que elle mandaua a Vasco Lourenço que lhe arrecadasse.

Partirão na corocora e forão ter em Borneo, onde então estaua hum Afonso Paes, que fòra de Malaca com mercadarias, com que o Rey de Borneo folgaua, porque leuara hum junqo carregado, que lhe dera muito proueito. O qual Afonso Paes leuou 'apresentar ao Rey Vasco Lourenço, dizendo que o capitão de Maluco mandaua por ally fazer viagem pera Malaca por ter com elle boa amizade e em suas terras, e que 'os seus vassalos que fossem a Malaca e a Maluco lhe farião muyta honra, e com este recado lhe deu pannos de seda e patolas de presente, e lhe deu hum panno pintado de Portugal, em que estauão pintadas fremosas feguras de molheres e homens, e hum Rey assentado em huma cadeira com sua coroa na cabeça, que era hum casamento do Rey. O que o Rey de Borneo esteue olhando e perguntando o que era, e ouvindo que aquelle assentado na cadeira, que tinha coroa, era Rey senhor d'aquella gente, e falando com os seus como homem bestial, lhe pareceo que era traição, e que aquelle Rey com sua gente de noite se tornarião viuos e o matarião, e lhe tomarião seu Reyno ; com que com grande medo que tomou mandaua matar o Vasco Lourenço, se Afonso Paes lhe nom tirara sua paixão e a fantesia que tomou, que logo perante elle queimou o panno ; com que o Rey fiqou descansado. E porque Afonso Paes estaua pera partir,

Vasco Lourenço se foy com elle pera Malaca, e a corocora mandou pera Maluco, que contarão os que n'ella forão o que passarão com ElRey de Borneo.

N'este tempo veo a falecer o capitão dos castelhanos Martim [1] * Inhigues *, e os castelhanos enlegerão outro chamado Fernão de la Torre ; o que sabido por dom Jorge o mandou visitar de boa amizade, e perguntar se queria estar polas pazes das tregoas que estauão assentadas ; o qual disse que não, com que se tornou á guerra. O qual Fernão de la Torre logo se meteo em pressa de fazer huma galeota pera pelejar com os nossos ; o que sabido por dom Jorge logo á mór pressa se pôs em trabalho, e armou outra galeota muyto maior com muyta pressa, pera o que tomou todos carpinteiros que auia na terra, e se tomarão huns carpinteiros que andauão trabalhando em hum junqo de dom Gracia ; onde hum crelgo, capellão de dom Gracia, andaua com os carpinteiros, que os fazia trabalhar, que muyto pelejou com o meyrinho porque tomaua os carpinteiros ; o qual logo se foy a dom Gracia, dizendo que como soffria elle que lhe tomassem os seus carpinteiros? Dom Gracia, que sabia o que era, lhe dixe : « Pera cousa do seruiço d'ElRey, e de tanta pressa, » « nom he muyto. » Mas o crelgo com animo danado lhe dixe : « Postoque » « assy seja, dom Jorge vos ouvera de ter acatamento, e volos mandar pe- » « dir, e elle nom os mandar tomar assy tão soberbamente, pesar de tal, » « que o nom [2] * deuieis * de consentir por lhe nom fazer outra cousa peior, » « e * porque * nom vos desistime ninguem. » Com o que dom Gracia, satisfazendo a furia de crelgo, se foy á ribeira, onde dom Jorge estaua dando pressa a fazer a galeota, e se queixou com elle porque lhe mandára tomar os carpinteiros do seu junqo. Dom Jorge lhe dixe : « Se- » « nhor, pera tal pressa, como tenho nas mãos, nós todos deuiamos de » « ser carpinteiros e calafates. » Dom Gracia disse : « Pera ysso mos » « ouvera de mandar pedir, pois erão meus, e nom tomálos sem mi- » « nha licença.» Dom Jorge dixe : « Pera o seruiço d'ElRey nom ha » « mester licença. » Ao que dom Gracia respondeo que com elle auia de ter mais comprimento ; ao que dom Gracia e dom Jorge contenderão, que vierão a más palauras, em modo que dom Jorge, vendo tão desarresoado dom Gracia, lhe mandou que se fosse e nom falasse mais, e

[1] * Hynheges * Autogr. [2] * deuia * Id.

dom Gracia dixe que o nom mandasse, que se nom auia de hir senão quando fosse sua vontade; e se aleuantou muyto enfiado, o que dom Jorge vendo, foy pera elle, chamandolhe sandeu, que lhe daria bom castigo; ao que dom Gracia lhe respondeo que deixasse e digistisse da capitania, e que lhe faria conhecer que era melhor fidalgo e melhor caualleiro que elle. E ysto apunhando da espada; ao que dom Jorge arremetia com elle, mas a gente se meteo em meo, e dom Gracia se foy pera sua pousada acompanhado dos de sua valia, que lhe mùyto louvarão o que falara. Dom Jorge fiqou no trabalho da obra, mas alguns seus amigos lhe dixerão que nom deuia de consentir dom Gracia passar com tamanho desacatamento como lhe fizera; polo que dom Jorge mandou a Thomás da Fonseca, ouvidor, que fosse tomar a menagem a dom Gracia e o trouxesse preso á forteleza. Ao que foy o ouvidor a dom Gracia, e dandolhe o recado, os que estauão com elle disserão ao ouvidor que dom Jorge fazia erro no que fazia, e elle ouvidor nom ouvera de hir com tal recado, e todos bradarão como em ounião contra o ouvidor, e dom Gracia nom quis dar a menagem, dizendo que ninguem lha podia tomar senão ElRey, que se elle tinha feito mal que dom Jorge mandasse suas culpas ao Gouernador, que o castigaria se o merecesse. O que ouvido por dom Jorge mandou repicar o sino, a que acodio toda a gente com armas, e dom Jorge lhe disse que dom Gracia lhe desobedecia; polo que o auia de prender. Todos disserão que elle era capitão, que todos farião o que elle mandasse. Então dom Jorge mandou o alcayde mór, com hum escriuão da feitoria, que fosse tomar a menagem a dom Gracia e o trouxesse preso á forteleza, e dixesse a todos os que estiuessem com dom Gracia que se fossem pera elle. Onde chegando o alcayde mór achou muytos com dom Gracia, que ouvindo o que o alcayde mór dizia disserão que se fosse muyto embora, que dom Gracia nom auia de ser preso, e sobre ysto estauão prestes pera receberem dom Jorge ás lançadas, se lá fosse; fazendo grandes aluoroços. Tornado o alcayde mór, que contou a dom Jorge o que passaua e que todos estauão aleuantados, dom Jorge, com grande furia de paixão, mandou logo o condestabre apontar tiros á casa onde estaua dom Gracia; mandou dar fogo a hum tiro, que tomou o pilouro no chão e pulou por cima da casa. Ao que hum Tristão da Silua, que era muyto amigo de dom Gracia, se pôs em joelhos ante dom Jorge, pedindolhe que nom fizesse tanto mal, que se perderia a forteleza com

quantos portuguescs estauão em Maluco; que elle queria hir falar a dom Gracia. Ao que dom Jorge se deteue, e Tristão da Silua foy falar com dom Gracia, perguntando que era o que fazia? como se aleuantaua e nom obedecia a seu capitão? que olhasse o tamanho erro que fazia; que lhe dizia como amigo que tal nom fizesse, e obedecesse a dom Jorge, que era seu capitão, e nom désse causa a tanto mal como seria ally o matarem com quantos com elle estauão, que erão causa de elle errar tão grande erro. O que conheceo dom Gracia, e elle só se foy á forteleza. Chegando ante dom Jorge lhe dixe: «Exme aquy. Que me quereys?» Dom Jorge lhe pedio a mão, e elle lha deu, com muytos achaques, e deu a menagem tomada polo ouvidor com auto pubrico; e *o* mandou estar dentro na forteleza em humas *casas* que forão d'Antonio de Brito. Tanto que dom Gracia assy foy preso, Cachil Daroes, que era grande seu amigo, se meteo com o capitão em grande trabalho polo fazer soltar; mas o capitão o desenganou que o nom auia de soltar, porque preso o auia de mandar á India com suas culpas, e outras auia de mandar a ElRey, porque se o Gouernador, per alguma via, o nom castigasse, ElRey lhe daria no Reyno seu castigo por tamanho insulto como fizera contra elle, sendo seu capitão, e a causa sobre cousa tanto de seruiço d'ElRey, pera que lhe tomara os carpinteiros. Do que o Cachil Daroes se mostrou queixoso e tomou odio contra dom Jorge, porque vio que o nom tinha tanto á sua mão como tiuera os outros capitães. Depois o alcayde mór, e feitor, e outras pessoas honradas, falarão ao capitão na soltura de dom Gracia; mas a todos dixe o que dixe a Cachil Daroes. E auendo vinte dias que assy dom Garcia estaua preso, muy agastado do mal em que estaua, porque se o capitão assy o mandaua preso, porque o caso era crime, temeo que o Gouernador o mandaria a Portugal a ElRey com as culpas, em que teria grande trabalho e perdimento de sua fazenda e seruiços; sobre o que ouve conselhos com os de sua valia, que lhe aconselharão que mandasse dizer a dom Jorge que se contentasse tanto tempo o ter preso, e nom lhe durasse tanto a paixão, e que lhe lembrasse que era hum fidalgo honrado e que o recebera com tantas honras quando chegara, e se inda o queria ter mais tempo preso que o mandasse prender em ferros até que fartasse sua vontade, porque elle nom queria estar preso em menagem, que nom se auia por preso, e se auia de hir pera sua pousada. O qual recado ouvido por dom Jorge lhe mandou dizer que a protesta-

ção que fazia de nom estar preso em sua menagem era ponto de direito, que lhe mandasse per seu assinado, então lhe responderia. Dom Gracia, com pouqo conselho, mandou dizer tudo muyto mais retificado do que primeyro dissera; o qual assinado dom Jorge recolheo, e polo alcayde mór mandou dizer a dom Gracia que elle o nom auia de soltar, e lhe requeria da parte d'ElRey que estiuesse preso em sua menagem, como estaua, e nom quigesse estar preso em ferros; mas dom Gracia com sua paixão tornou a retificar que se nom estiuesse em ferros que se auia de hir pera sua pousada; sobre o que dom Jorge, auido seu acordo, foy ás casas onde estaua dom Gracia, e lhe mandou deitar huns grilhões, e o leuou e meteo na torre da menagem a bom recado.

O que vendo os da valia de dom Gracia, que serião até cincoenta homens, os quaes fizerão consulta com Cachil Daroes pera furtarem da forteleza dom Gracia, e n'ysso trabalharão, e nom puderão porque na forteleza estauão boas vigias de dia e de noite; polo que então ordenarão de se hirem pera hum lugar fóra de Ternate, donde todos juntos mandarião requerer ao capitão que soltasse dom Gracia, e se * o * nom fizesse se fossem pera os castelhanos, e farião a guerra aos nossos. Da qual cousa derão conta a Fernão Baldaya, escriuão da feitoria, que era grande amigo de dom Jorge, porque logo lho auia de descobrir, como fez; o que ouvido polo capitão, com o ouvidor e alcayde mór tomou conselho que elle queria prender os principaes d'esta consulta, e os ter carregados de ferros debaixo da [1] * torre. O que ao alcayde mór * nom pareceo bem, dizendo que nom podia ter presos tantos homens cinqo mezes que auia d'ally á monção pera Malaca, no qual tempo podião soceder muytos males, e lhe furtarião dom Gracia, que solto era hum grande mal de muytos males que socederião; que por tanto deuia de atalhar a tudo, e se dar por satisfeito da prisão de dom Gracia, e * o * mandasse soltar per seus rogos d'elles e d'outros muytos que se ajuntarião pera ysso, e se tirasse de perigos que podião soceder. E outras muytas rezões falarão ao capitão, que lhe pareceo bem soltar dom Gracia. Sobre o que lhe fizerão muytos rogos, e concertos com dom Gracia que em todo seria amigo com o capitão, e o ajudaria em todo que comprisse ao seruiço d'ElRey, e que o capitão romperia os autos que erão feitos,

[1] * torre ao que o alcayde mór * Autogr.

e que em tudo fossem concordes e amigos. O que todo prometeo e jurou dom Gracia, e foy solto, e muyto amigos ambos, e se visitauão, e comião e folgauão como se nunqua tiuerão contendas.

Os da valia de dom Gracia, que com elle esperauão hir pera Malaca onde tinhão suas fazendas, tinhão muyto pesar de verem dom Gracia e dom Jorge tanto amigos; o que assy sendo, quando fosse ao tempo da [1] * partida dom * Gracia nom quereria anojar a dom Jorge e lhe leuar os homens que lhe pedisse, pola muyta necessidade que tinha da gente pera a guerra que estaua aleuantada, que per muytas vias e boa rezão nom era bem que lhe leuasse a gente; e sobre ysto fazendo suas consultas, assentarão de terem modos como fizessem que antre dom Gracia e dom Jorge ouvesse imizade; e falauão com dom Gracia, dizendo que se nom fiasse tanto na amizade do capitão; que crêsse sem duvida que tinha guardados os trelados das deuassas que rompera, pera os mandar secretamente a ElRey, pera que ElRey visse a rezão porque o prendera, que estaua certo que auia de ser dito a ElRey, e quando nom visse autos ficaria dom Jorge ante ElRey culpado, e por ysso tinha as deuassas guardadas pera as mandar. O que muyto fizerão crêr a dom Gracia; que por tanto visse como estaua com o capitão, e lhe deuia pedir o nauio que lhe tinha promettido, pera o concertar, e licença pera os homens que auia de leuar. O que assy fez dom Gracia, que estando á porta da forteleza assentados praticando, lhe pedio que lhe désse o nauio em que se auia de hir, pera o mandar concertar, e a licença pera os homens que auia de leuar, que erão de sua obrigação, que com elle seruirão o tempo de sua capitania. Ao que lhe o capitão respondeo: «Senhor, in-»
«da o tempo d'aquy á partida he longe. O nauio pera então será con-»
«certado como compre»; e quanto á licença dos homens quando [2] * ouvesse * de partir tudo seria como elle mandasse; porque nom sabia como ás cousas da guerra socederião. Do que dom Gracia fiqou satisfeito, mas os de sua valia não, dizendolhe que o capitão ao tempo da partida diria que tinha necessidade de gente, e lhe faria requerimento que a nom leuasse; a que então elle nom poderia al fazer senão leuar a que fosse vontade do capitão. A que dom Gracia respondeo que assy seria, e que se ouvesse tanta necessidade elle em pessoa ficaria pera o seruiço d'El-

[1] * partida que dom * Autogr. [2] * ouver * Id.

Rey. Com esta reposta de dom Gracia inda os seus ficarão mais agastados, dizendo que se assy o auia de fazer que a elles compria buscarem seu remedio, porque ficando elles em Maluco, depois de elle partido, certo estaua que o capitão lhes faria muyto mal, e se vingaria d'elles polos nojos que lhe tinhão feito na soltura d'elle dom Gracia, e ficarião lazerando males polos seruiços que lhe fizerão; mas que tomauão a Deos por testimunha do engano em que estaua, que o tempo o mostraria, e quando se visse em pressa se elles lhe nom acodissem olhasse que sua era a culpa. Com que se forão. O dom Gracia, temendo que tudo podia soceder como lhe dizião, falando com elles lhe disse que nom queria tornar a contendas com o capitão, que era capitão poderoso pera todo o que quigesse; que elles descansassem, que se a todos nom leuasse antes se nom hiria pera Malaca. D'esta reposta de dom Gracia nom ficarão os seus contentes, parecendolhe que ao tempo da partida dom Gracia faria o que lhe comprisse, e nom *se lhe* daria nada de ficar com elles em falta; sobre o que, auendo seus conselhos, assentarão que muyto lhe compria que ouvesse contenda antre o capitão e dom Gracia, pera dom Gracia ter d'elles necessidade. Pera o que se ordenarão quatro d'elles, que de noite forão ao arrayal do Rey de Bachão, que estaua em Tidore, e entrarão nas tendas e matarão tres homens, e ferirão dez ou doze, e ao outro dia tiuerão modo como dixerão ao Rey que dom Jorge lhe mandara fazer. Do que o Rey se veo aqueixar ao capitão porque lhe aquello mandara fazer; do que o capitão lhe deu grandes desculpas com que o satisfez, e segundo o Rey deu os sinaes dos homens que lhe forão dizer que elle lho mandara fazer, conheceo que erão da valia de dom Gracia, e lho disse, e lhe rogando que os taes homens como aquelles os nom consentisse em sua companhia, porque se os podesse colher ás mãos os auia de mandar enforcar. O dom Gracia lhe deu desculpas por elles, e que se erão culpados os perdoasse. Do que o capitão se muyto com elle queixou, ficando menencorio; com que os de dom Gracia lhe fizerão crêr que o capitão lhe tinha vontade de com elle quebrar, e lhe nom dar nauio, nem nada do que lhe tinha prometido, e ysto porque o desestimaua, que o via andar só; polo que deuia d'andar acompanhado de todos elles, que o acompanharião, com que o capitão temesse de o anojar. O que pareceo bem a dom Gracia, e d'ahy em diante andaua acompanhado de todos; o que o capitão nom atentaua por ser amigo de dom Gracia, mas os de

dom Gracia, vendo que duraua antre elles boa amizade, falarão em secreto alguns, os principaes de dom Gracia, com hum Miguel Nunes, homem da India, que dom Jorge leuara e muyto n'elle confiaua por ser valente homem, e lhe derão boa peita, sómente porque elle secretamente dissesse a dom Gracia que o capitão lhe tinha mandado que matasse a dom Gracia, se achasse tempo pera ysso. O que o mulato fez; polo que lhe derão a peita, fazendolhes elles muytos juramentos que dom Gracia o leuaria pera' India quando fosse, e que primeyro tomasse grandes juramentos a dom Gracia que o nom descobrisse: o que o mulato assy o fez, endustriado polos conselheiros. O que ouvido por dom Gracia, tomou n'ysso muyta sospeita, que lhe parecerão dessimulações de dom Jorge as amizades que com elle tinha; o que falou com os seus de que mais se confiou, que foy Manuel Falcão, e Sanchos da Rosa, e hum Martim Pires, de que muyto d'estes confiaua, descobrindolhes sua vontade, que era matar dom Jorge, pois o queria matar sem rezão. Contra o que foy o Martim Pires, dizendo que nunqua tal faria hum caso tão fèo, que seria occasião de se perder aquella forteleza e quantos portugueses, e molheres e crianças innocentes, estauão n'aquella terra; e mais que podia ser que dom Jorge estaria innocente de tal cousa; e ysto sentia porque bem sabia que muytos buscauão modos pera os meterem ambos em odios e desauenças, do que elle bem sabia a causa. Mas o dom Gracia estaua já n'ysto tão çarrado á banda que assentaua de o fazer; o que os outros sentindo lhe disserão que se o tinha por certo que melhor seria ter modo como o prendesse, e preso tiraria deuassas, e mostraria a verdade de como dom Jorge o queria matar, e com outras culpas que lhe ajuntarião o mandarião preso á India, e elle ficaria por capitão como era d'antes. E n'ysto assentado de o prender, dom Gracia falou em segredo com o Rey de Bachão e Cachil Daroes, dandolhe d'ysto conta, que o fauorecessem; ao que elles se offerecerão, folgando que ouvesse contenda ante os portugueses, que tiuessem d'elles necessidade. O que assy consultado, o Cachil Daroes, por ganhar com dom Gracia, disse a dom Jorge que elle queria hir fazer huma presa á ilha de Maquiem; que lhe désse gente, que o capitão lhe deu, que forão os seus, e todos os de dom Gracia ficarão pera se fazer o que determinauão, que logo ordenarão; que Francisco de Crasto, grande amigo de dom Gracia, conuidou a banquete, em huma sua orta mea legoa fóra da pouoação, ao alcayde mór, e feitor e escriuães da feitoria, e ou-

vidor, e outros grandes amigos de dom Jorge, porque lhe nom pudessem acodir se ouvesse alguma briga. E como já tudo estaua ordenado, n'este dia do banquete, que lá estauão todos os amigos de dom Jorge, dom Gracia teue espia, que acabando o capitão de jantar mandou Manuel Falcão e Diogo da Rocha que se fossem pera elle e armassem jogo de tauolas, em que *o* ocupassem e nom entendesse o que se queria fazer. O que assy fizerão, que se puserão a jogar com o capitão, e assy estando forão outros tres da valia de dom Gracia, que entrarão como que tambem hião a jogar, o que sempre o capitão costumaua depois de jantar; e depois forão outros, que se assentarão á porta da forteleza, pera que auendo reuolta se meterem dentro e fecharem as portas da forteleza, e outros pera acodir ao sino que o nom repicassem; e tudo assy ordenado, que era pola sésta, veo dom Gracia com oito ou dez que o acompanhauão, e foy acima á torre onde o capitão estaua, e os que com elle hião fecharão as portas de baixo, e chegando dom Gracia, que dom Jorge lhe fez sua cortezia, se tornou 'assentar ao tauoleiro, e estando jogando, dom Gracia, que estaua assentado á sua ilharga, se leuantou e o liou nos braços, dizendo: «Estay preso, dom trédor!» Ao que os outros o ajudarão; ao que acodirão dous moços do capitão, que com elle estauão, os quaes tomarão e lhe taparão as bocas que nom puderão bradar, e dom Jorge bradou: «Trayção! trayção!» Mas todos o tomarão polas pernas, com que o derrubarão no chão, e lhe deitarão hum macho que leuauão; o que fizerão com muyto trabalho, porque dom Jorge era muyto forçoso, bradando: «Trédores, mataime, e nom me enjuriês.» E lhe deitarão o macho, e em cima huns grilhões com que estiuera preso o dom Gracia, e assy com os ferros o leuarão e meterão no sótão da torre, onde lhe deitarão huma corrente com camaras de hum falcão; o que todo se fez sem auer fóra nenhum sentimento d'ysso; e o da vigia do sino se veo abaixo pera os outros, sabendo que já a cousa era acabada. Huma negra do capitão, que sentio a reuolta, falou de huma varanda, em que estaua, com hum negro de baixo que fosse a repicar o sino; o que assy fez, e repicou o sino fortemente; ao que acodio hum de dentro querendo matar o negro, o qual prestesmente deitou a corda fóra do muro e se deitou por ella abaixo, bradando: «Já matar capitão!» Ao repique do sino, que era a taes horas, acodio toda a gente com suas armas, e ouvindo o que o negro dizia forão ás portas, que acharão fechadas, puserão

forças a quebrar as portas, e outros a buscar escadas. Em que se aleuantou grande reuolta, ao que dom Gracia apareceo sobre o muro falando aos de fóra, dizendo: « Senhores, nom façaes aluoroço, que esta » « forteleza he d'ElRey nosso senhor, e sempre será em quanto eu for » « viuo; e por seu seruiço, e saluação de todo este pouo, fiz o que vos » « direy. »

« Senhores, bem sabeys que chegando dom Jorge a esta forteleza, » « de que eu era capitão, eu lha entreguey com muyto prazer, por só- » « mente huma prouisão do Gouernador, que me mostrou; a qual lhe nom » « entregara, se soubera que elle tinha enforcado hum homem nas ilhas » « dos Papuás nom tendo elle alçada pera ysso. Polo qual crime, que » « deuia á justiça, nom podia entrar n'esta capitania; o que se eu sou- » « bera nom lha entregara, e preso o mandaria á India. E nom abastan- » « do ysto, tem feito roubos e males porque merece ser preso como o te- » « nho, porque temendose d'estes males a mim queria matar. » Estando dom Gracia n'esta pregação chegou o alcayde mór e outros do banquete, que lhe derão o rebate, o qual mandou repicar o sino da igreija, bradando: « Leaes portugueses, acody á trayção que he feita! » Ao que acodio toda a gente, e chegando dixe a dom Gracia que da parte d'ElRey lhe abrisse as portas da forteleza, de que era capitão per a vagante do capitão dom Jorge, que elle tinha morto, e se preso o tinha fizera manifesta trayção prender [1] * a seu * capitão; que por ysso ally auia de morrer. Ao que mandou tirar com espingardas e lançadas com alguns da valia de dom Gracia, que quiserão falar por elle, mas forão tão apressados que se acolherão. Ao que acodio o Rey de Bachão com sua gente, bradando que nom ouvesse guerra de portugueses contra portugueses; que lhe requeria da parte d'ElRey que se apartassem, porque aquyllo se auia d'acabar per outra maneyra e não por guerra. Com que a furia do alcayde mór se amansou, e todos se forão pera suas casas, e assy fiqou dom Gracia por capitão da forteleza.

Correo pola terra a noua da prisão do capitão, e foy ter a Maquiem, onde Simão de Vera, grande amigo de dom Jorge, estaua com Cachil Daroes, que fòra lá d'armada com muytos amigos de dom Jorge; o qual logo fez partir Cachil Daroes pera' forteleza. Do que o Cachil Daroes

[1] * nosso * Autogr.

mostrou pesar da prisão de dom Jorge; mas era falso, porque elle folgaua muyto por auer a contenda antre os capitães, pera d'elle terem necessidade. E chegando á forteleza Simão de Vera ajuntou comsigo os amigos de dom Jorge, que serião até cincoenta, que todos prometerão morrerem com elle, se comprisse, sobre a soltura de dom Jorge, e se nom pudessem se hirião pera os castelhanos. Aos quaes fauoreceo hum irmão d'ElRey, chamado Cachil Viaco, que era grande amigo de dom Jorge e imigo de Cachil Daroes. E auendo Simão de Vera seus conselhos determinarão tolherem que se nom tirasse huma deuassa, que dom Gracia mandaua tirar de culpas de dom Jorge, em que erão testimunhas os seus; ao que Simão de Vera mandou fazer hum requerimento a dom Gracia, protestando que tal deuassa falsa nom fosse valiosa. Sobre o que dom Gracia mandaua aos seus que o matassem, pera o que se ajuntarão armados em magotes pera o matarem, e andauão afoutos pera o fazer porque Cachil Daroes os fauorecia. O que vendo o Cachil Viaco fez com Simão de Vera que se saysse com os seus de Ternate e que se pusesse em lugar seguro, porque, em quanto o nom matassem, dom Jorge seria solto per qualquer via que fosse. O que assy pareceo bem a todos, e se forão pera huma terra alta que estaua na ilha, onde estiuerão seguros; donde logo fizerão requerimentos a dom Gracia, protestando que, se nom soltasse o capitão, elles, que erão sessenta homens, se hirem pera o Rey de Tidore e os castelhanos, e d'ahy virem pelejar em fauor dos imigos; e do mal que d'ysto socedesse désse conta ao Gouernador da India e ElRey; do que logo mandarão seu recado ao Rey de Tidore e a Fernão de la Torre, que lhe prometerão sua ajuda, e Fernão de la Torre mandou recado a dom Gracia, dizendo que aos portugueses que estauão na terra alta daria todo fauor e ajuda pera que soltassem seu capitão, que elle mal prendera e com trayção, pois era seu capitão e por nenhuma via o podia prender. Do qual recado dom Gracia fiqou agastado, dizendo que elle lhe mandaria reposta; polo que dom Gracia logo mandou Cachil Daroes á terra alta falar com Simão de Vera e os que com elle estauão, e visse em que proposito estauão. Ao que foy Cachil Daroes, e falando com elles a todos achou ordenados a se passarem aos castelhanos, se dom Gracia nom soltaua dom Jorge; sobre o que lhe fizerão firmes juramentos.

A qual reposta sabida de dom Gracia ouve grande arreceo de tamanho perigo, em que punha sua pessoa e fazenda, em tamanha contenda

antre o Gouernador da India e ElRey de Portugal. Com o que dom Gracia dessimulou, e teue modos com o vigairo e outras pessoas que fizessem os rogos por dom Jorge, e que elles fizessem o concerto que fosse bem, e seguro pera ambas as partes. No que entenderão, e concertarão que dom Jorge fosse solto e entregue de sua capitania, e que dom Jorge lhe désse o nauio de Pero Botelho, em que se fosse pera' India com todos os de sua valia, sem lhe fazer nenhum impedimento nas pessoas e fazenda; e que se rompessem todolos requerimentos e deuassas que erão feitas; o que todo dom Jorge auia de jurar em solene juramento. E que dom Gracia primeyro se fosse pera Talangane com o nauio em que se auia d'embarqar, e que então Simão de Vera e os seus decessem da terra alta e fossem soltar dom Jorge. O que todo assy concertado e acabado, dom Gracia mandou pera Talangane todo seu fato diante, e dos que hião com elle, e partindose da forteleza mandou encrauar toda' artelharia porque lhe nom tirassem: no que foy auisado, porque em elle sayndo da forteleza, que hião polo campo, hum escrauo de dom Jorge foy á pressa pera dar fogo n'artelharia, com que lhe fizera muyto mal se a nom achara encrauada. Então veo Simão de Vera com os seus e soltou dom Jorge, que estaua com mortal paixão do que lhe era feito, e mandou ao ouvidor que tirasse de tudo deuassa e lhe passasse estormentos pera ElRey, e mandou requerer Pero Botelho que se tornasse pera' forteleza, que compria a seruiço d'ElRey, e tambem a dom Gracia; mas tudo nom prestou, que dom Gracia se foy no nauio e leuou todos os de sua valia. Ao que dom Jorge logo mandou a Malaca Vicente da Fonseca, seu grande amigo, com suas cartas e estormentos, e requerimentos ao capitão de Malaca que lhe mandasse secorro, porque dom Gracia lhe roubara da forteleza toda a gente, e *contando* as outras cousas que fizera. O que se n'ysto passou adiante em seu tempo será contado.

CAPITULO IV.

JORGE CABRAL, CAPITÃO DE MALACA, MANDA GONÇALO GOMES D'AZEUEDO A SOCCORRER A FORTELEZA DE MALUCO, E MARTIM CORREA A VINGAR A MORTE DE ALUARO DE BRITO. ENCONTRA GONÇALO GOMES A DOM GRACÍA ANRIQUES [1].

Tambem n'este anno de 527 os mouros de Longu sem causa matarão certos portugueses. Ao *que* Jorge Cabral, capitão de Malaca, mandou lá fazer vingança Aluaro de Brito em huma galé com setenta portugueses, onde o Aluaro de Brito foy tomado por engano, que o matarão com todolos portugueses, e *foy* queimada a galé e *perdida* toda' boa artelharia que hia n'ella. E sendo esta noua *sabida* em Malaca acertou de chegar Martim Correa, que vinha de Bandá, que deu noua que quando partira de Maluco inda lá nom era dom Jorge, e [2] *da* muyta guerra em que ficaua a forteleza com os mouros e castelhanos, e em grande falta de todolas cousas. Polo que logo Jorge Cabral mandou com secorro Gonçalo Gomes d'Azeuedo com dous nauios, e hum barganlym, e hum junco, com muytos mantimentos, e muyto prouimento de todolas cousas necessarias, e muytas roupas pera compra de crauo. E partido Gonçalo Gomes partio Martim Correa pera Longu, em que fez muyta destroyção na terra e no mar, em que bem vingou a morte dos nossos.

Gonçalo Gomes d'Azeuedo, que hia com secorro a Maluco, foy ter a Bandá em janeiro de 528, onde achou dom Gracia Anriques, que vinha de Maluco, em que em terra tinha feita huma tranqueira em que estaua aposentado com sua gente; o que assy fez Gonçalo Gomes, que fez outra, porque auia d'agardar a monção pera partir, e se aposentou em terra. Onde assy estando chegou hy Vicente da Fonseca, que vinha de Maluco com as cousas de dom Jorge, e a pedir o secorro; o qual se falou com Gonçalo Gomes e lhe contou tudo quanto dom Gracia deixaua feito em Maluco, secretamente lhe requerendo que o prendesse, e tomasse o nauio a Jorge Botelho, que nom quisera obedecer ao capitão, e trouxera o nauio contra seu requerimento. Ao que Gonçalo Gomes lhe res-

[1] No original falta o summario do capitulo. [2] *a* Autogr.

pondeo que prender dom Gracia nom tinha poder pera ysso, e que quanto ao nauio elle o tomaria quando fosse tempo. Dom Gracia vendo Vicente da Fonseca logo sospeitou ao que hia, e o vendo chegado a Gonçalo Gomes logo teue algum arreceo de Gonçalo Gomes o querer prender, porque Vicente da Fonseca lhe contaria as cousas que deixaua feitas em Maluco; e muyto mais se temeo porque Manuel Falcão, que com elle estaua, logo se passou pera a companhia de Gonçalo Gomes, que contou a Gonçalo Gomes o que fizera em Maluco, o enduzindo que prendesse a dom Gracia e lhe tomasse o nauio; ao *que* Gonçalo Gomes dessimulou, porque lhe pareceo echadyço. Logo se começou a falar que Gonçalo Gomes auia de tomar o nauio, mas Gonçalo Gomes tal nunqua falou, mas sendo o tempo de partir se foy a terra despedir de dom Gracia, que falando vierão até praya, onde Gonçalo Gomes s'embarqou nos batés e de caminho se foy ao nauio, o que vendo dom Gracia deu o nauio por tomado; e Gonçalo Gomes tomou o nauio pera o tornar a Maluco, e nom lhe achou as velas, que estauão em terra, as quaes dom Gracia lhe nom quis dar; polo que então Gonçalo Gomes lhe tomou as velas do seu junqo, que estaua carregado de fazenda, polo que dom Gracia logo lhe mandou as velas do nauio e hum recado per hum Manuel Lobo, agrauandose de lhe assy tomar o nauio. Ao que lhe Gonçalo Gomes respondeo que o fazia a requerimento de dom Jorge, capitão de Maluco, que até ly chegaua sua jurdição. E este Manuel Lobo leuou recado secreto de dom Gracia ao mestre e piloto, e condestabre do nauio, que ao tempo de partir se fizessem empachados no leuar da ancora, em modo que ficassem e os outros nauios fossem longe, e que então elle hiria meterse no nauio, porque Gonçalo Gomes nom auia de tornar, porque o vento era á popa e tornando lhe ficaua contrairo. Gonçalo Gomes, metendo [1] *no* nauio as velas, deu a capitania d'elle a hum Ruy Figueira, e se fez á vela e os outros; mas o mestre, por comprir com dom Gracia, fez embaraçada a ancora, e vendo Gonçalo Gomes o embaraço do nauio se pôs á corda agardando por elle. Dom Gracia acodio da terra em almadias, com toda a gente, pera se meter no nauio; ao que Ruy Figueira fez sinal com hum berço, polo que Gonçalo Gomes se fez em outra volta, tirando bombardadas ás embarcações; com que dom Gracia se tornou pera terra com re-

[1] *o* Autogr.

meiros feridos e mortos dos tiros, e Gonçalo Gomes leuou o nauio em sua companhia, que hia carregado de crauo. E ysto foy abril do anno de 528.

Depois de partido dom Gracia de Maluco, fiqou dom Jorge com muytos trabalhos, falto de gente, e de monições e de mantimentos, porque os mouros que andauão d'armada lhe tomauão tudo no mar, com que na forteleza auia grande fome, com que os mouros e castelhanos guerreauão muyto os nossos, vendo que erão tão pouqos. Polo que Fernão de la Torre armou sua galeota com artelharia e boa gente, e mandou por capitão d'ella a hum Aluaro de Sayauedra, valente castelhano, que com 'armada do Rey de Geilolo andaua fazendo muyta guerra, e forão sobre a terra dos sangajes, que erão muyto nossos amigos, e lhe fizerão grandes males. Os quaes mandarão pedir secorro a dom Jorge, que lhe elle mandou contra sua vontade, porque nom tinha gente, mas por nom faltar aos nossos amigos logo concertou a galeota noua que fizera, e bem artelhada mandou n'ella corenta homens, e por capitão Fernão Baldaya, que era valente caualleiro, e o mandou que fosse secorrer aos sangajes. E hindo pera lá se topou com a galeota dos castelhanos, com que vierão a peleja, que ouve [1] * mortos * e feridos em ambas as partes, mas Fernão Baldaya foy morto de huma espingardada; com que logo os nossos ficarão desbaratados, e os castelhanos abalroarão e entrarão, e os renderão e leuarão catiuos, sendo mortos oito e feridos casy todos. Da qual vitoria ouverão os mouros grande prazer, e os castelhanos leuarão a nossa galeota enramada a Tidore, onde Fernão de la Torre lhe fez grandes festas. Com que os nossos ficarão muy tristes e com muyto medo, porque na forteleza nom ficarão mais que cincoenta homens, e alguns doentes, e o Cachil Daroes se tornou á forteleza muyto agastado por * que * o capitão mandara a galeota sem elle hir com ella.

E estando os nossos assy auexados, e em tanto aperto, chegou Vicente da Fonseca no seu nauio, já em mayo, que deu noua do secorro que hia; com que os nossos se tornarão viuos, mas dom Jorge ouve pesar de suas cartas nom hirem a Malaca. A qual noua do secorro que vinha foy dada aos castelhanos, que com sua soberba logo Fernão de la Torre armou as duas galeotas e hum bargantym que fizera, e com 'armada do Rey de Tidore mandou Aluaro de Sayauedra que fosse agardar

[1] * muytos * Autogr.

Gonçalo Gomes ao caminho e o tomasse; mas Gonçalo Gomes chegou á ilha de Bachão, onde soube o como os nossos estauão apertados, e deixou ahy Manuel Falcão até o fazer amigo com dom Jorge, e partio de Bachão pera Ternate, e no caminho topou com os castelhanos, polo que mandou pôr muytas bandeyras e se fez prestes pera pelejar com elles; mas os castelhanos se afastarão pera o mar, e Gonçalo Gomes foy seu caminho, e chegou á forteleza, que dom Jorge recebeo com muytos prazeres, e logo lh'entregou o cargo d'alcayde mór da forteleza e capitão mór do mar, de que leuaua prouisão do Gouernador. E Gonçalo Gomes, sabendo do mal que padecia o pouo, falou com o capitão que deuia de fazer paz com os castelhanos, por a gente ter algum repouso e cobrarem mantimentos. Dom Jorge nom quisera, mas tantas rezões lhe deu Gonçalo Gomes que o fez, e mandou seu recado a Fernão de la Torre, que elle até ly lhe nom falara em cousa de paz porque nom cuidasse que o fazia por necessidade, mas que agora, que estaua com tanto secorro, folgaria que estiuessem em paz e nom ouvesse mortes e guerras antre elles, pois todos erão christãos e vassallos de taes principes, tão conjuntos e aliados por geração; e que a paz seria antre todos e o Rey de Tidore e Geilolo, e lhe daria os castelhanos que tinha, e lhe mandasse os portugueses, e que os escrauos que fogissem se entregassem de parte a parte, e assy os portugueses e castelhanos, saluo se se passassem por casos crimes; e que largasse ametade da ilha de Maquiem, que tinha tomada. O qual apontamento visto polo castelhano disse que de tudo era contente, sómente ametade da ilha nom auia de largar, porque a tinha ganhada por guerra e era do Emperador. Com a qual reposta se tornou o messigeiro e a guerra fiqou como d'antes.

Dom Jorge nom podia perder sua grande magoa, que tinha da tamanha offensa que lhe fizera dom Gracia. Ordenou hum nauio, e mandou Simão de Vera que fosse á India com seus estormentos e requerimentos, que os apresentasse ao Gouernador, e requeresse sua justiça, dizendo que mandaua este nauio ao Gouernador a pedir socorro, porque nom bastaua o que leuara Gonçalo Gomes d'Azeuedo pera o muyto prouimento que auia mester pera' guerra, que tinha com toda a terra, e os castelhanos, que estauão muy possantes; e mais que o Gonçalo Gomes nom queria andar nas armadas como capitão mór do mar que era, antes por * que * o capitão a ysso o obrigaua, elle nom quis ser alcayde

mór nem capitão mór do mar, sómente estaua buscando fazenda e crauo pera carregar em hum seu nauio que leuara, ao que dom Jorge lhe nom hia a mão pola necessidade em que estaua. Mas este nauio que dom Jorge mandou no caminho se perdeo, que nunqua mais pareceo.

CAPITULO V.

DO NAUFRAGIO DE MARTIM AFONSO, HINDO PERA ÇUNDA, E DE COMO FOY RETIDO COM SEUS COMPANHEIROS POLO CODAUASCÃO [1].

Já atrás fica contado como Lopo Vaz de Sampayo, Gouernador, mandou Martim Afonso de Mello Jusarte no encargo que fosse a Çunda fazer huma forteleza. E porque a gente nom auia de querer hir n'este seruiço, polos males que sabião que passara lá Francisco de Sá, que já lá fôra a ysso, deitou o Gouernador fama que mandaua Martim Afonso ás prezas andar d'armada na costa de Bengala; polo que a gente folgou de hir. E porque partio tarde nom passou, e arribou com tempo a Paleacate, onde varou 'armada, porque auia d'agardar o tempo da monção pera sua nauegação, que auia de ser em agosto. O qual assy estando, porque nom tinha dinheiro que dar á gente pera seu gasto muyta gente se lhe tornou por terra, polo que elle prendeo alguns; e porque se rompeo que elle hia pera a Çunda ouve na gente grande ounião, dizendolhe que os nom auia de leuar enganados; e elle aprofiando que tal nom era os quis ter por força, polo que teue muyto trabalho em querer ter a gente por força, polo que ouve alguns que lhe puserão fogo 'armada; áo que acodio e apagou, e vendose em tanta apressão fez muytas juras que elle nom auia de hir a Çunda, senão á costa de Bengala, e ordenou su'armada, e se partio com essa pouqua gente que lhe fiqou. E hindo sua derrota pera Malaca, e nom pera onde elle juraua, lhe deu huma tempestade, que se apartarão huns dos outros, e correndo per antre humas ilhas deu em seqo, onde o nauio se perdeo e morrerão alguns, e Martim Afonso se recolheo ao batel do nauio com os que ficarão, que erão mais de sessenta pessoas, com algum pouco biscoito que hum homem tinha em hum saquinho, que quis Deos que teue acordo de leuar na mão, e se forão a

[1] No original lê-se: * Agora torna a contar d'outros aquecimentos da India. *

terra, que era perto defronte d'Arracão, onde de noite deitou a nado dous marinheiros que fossem ver a terra e tornassem com recado, os quaes forão e nom tornarão, que parece que os matarão ou se afogarão. Polo que então se forão ao longo da terra buscando saluação e o porto d'Arracão, onde sempre estauão portugueses, onde serião remediados. E hião assy com grande perigo do mar os comer, porque o batel nom leuaua hum palmo sobre 'agoa, todos chamando pola misericordia de Deos que lhe acodisse, padecendo medo da morte, e fome e sede; e hindo assy ouverão vista de huma aldêa na borda da praya, a que Martim Afonso nom quis chegar por * nom * saber que gente era, e se deitou a nado hum Diogo Fialho e hum Francisco da Cunha, que folgarão de hir pera se fartarem d'agoa. Os quaes chegando a terra a gente os cerqou, e prenderão, * e * leuarão pera dentro pola terra; o que os da barquinha virão, mas cuidarão que hião vêr alguma agoa. Com o que todos dizião que desembarcassem, mas Martim Afonso nom consentio, senão que agardassem a vèr o que passauão os da terra, se tornauão ou não; e elles nom tornarão mais, porque os leuarão catiuos a hum senhor da terra, onde estiuerão hum anno, e fogirão, e depois se forão á India. Martim Afonso * e os seus *, vendo que nom tornauão todo o dia té o outro dia, que os agardarão, os derão por mortos, e se forão assy ao longo da terra, com esperança que podião topar algum dos nauios d'armada. E nom comião do pouqo biscoito por nom auerem sede; e hindo assy derão na boca de hum rio que saya ao mar, onde se fartarão d'agoa e encherão huma jarra que andaua no batel, com que fazião aguada, a qual leuaria quatro [1] * almudes * d'agoa, com que se forão soffrendo; e assy hindo virão hum ilheo ao mar, a que forão, cuidando que ally podia estar algum nauio da companhia; onde chegando acharão arquas quebradas, e huma com biscoito molhado, que enxugarão ao sol, que era bom; onde souberão que ally viera ter aquillo d'algum dos nauios perdidos. A ilha era toda arêa, em que auia hum charqo d'agoa roym de que alguns beberão, e comerão de humas fauas que achauão em aruores, com que ouverão de morrer de sayr e arrauesar. Onde por dita tomarão huma tartaruga que matarão, e coserão em hum capacete, e assarão, que tinha muytos ouos; com que folgarão os doentes por ser cousa fresca * e * se acharão bem, e

[1] * almedes * Autogr.

com almeirões, que auia muytos. Onde assy estiuerão tres dias, em que tomarão conselho que nom fossem 'Arracão, mas que se fossem a Chatigão que era porto de Bengala, em que mais certo tinhão saluação. O que assy assentarão, porque na companhia hia hum homem que sabia o porto, e tornarão a terra, e forão ao longo d'ella até chegarem a hum palmar grande e bôa praya, em que todos desembarcarão porque a terra era despouoada; e Martim Afonso varou a barquinha, e de noite a vigiaua porque lhe nom fogissem com ella; e cortarão palmitos, e acharão boa agoa. Com que ally estiuerão tres dias, e ally vierão ter com elles duas almadias de pescadores com que os nossos falarão, e os pescadores disserão que os leuarião a Chatigão; polo que Martim Afonso lhe deu huns pannos de Choromandel, que se acharão na ilha, e os pescadores derão tôa ao batel em que todos hião embarcados, e os leuarão a terra de [1] * Chuqariha *, de que he senhor hum chamado [2] * Codauascão *, vassalo d'ElRey de Bengala. E hindo polo rio de noite, que vasou a maré, os pescadores forão dar recado ao Codauascão como ally estaua hum batel com portugueses perdidos, que nom tinhão armas; com que elle muyto folgou, e logo mandou hum homem seu, que sabia falar portuguê̂s, * dizer * que se nom agastassem, que em terra segura estauão; que ninguem lhe faria mal, porque elle era grande amigo dos portugueses. O qual recado lhe sendo dado ficarão contentes, mas nom Martim Afonso, que nom quisera senão que forão a [3] * Chatigão *; mas derão louvores a Nosso Senhor ally os trazer saluos dos perigos do mar.

Ao outro dia o Codauascão foy logo em amanhecendo vêr os nossos que estauão no rio, leuando sua gente com armas, como sempre he seu costume; o que os nossos vendo ouverão medo, parecendolhe que os hião matar ou prender e que era falso o recado que á noite lhe derão, e fogirão polo rio abaixo pera sayrem ao mar. O que vendo a gente da terra acodio d'ambas as bandas do rio, que lhe tirauão pedradas com que lhe dauão muyta apressão; e assy hindo derão em sequo, e a maré vasaua, polo que então Martim Afonso em hum remo aleuantou hum pano branqo, polo que a gente cessou das pedras que lhe tirauão, e chegou

[1] Çuquiriá, segundo Castanh. *Hist. da Ind.*, Liv. VII, Cap. LXXVIII; e Chacuria, segundo Andrada, *Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. XXXVI, e Barros, Dec. IV, Liv. II, Cap. VIII. [2] * Cauadescam * Autogr. [3] * Satigam * Id.

perto o Codauascão na borda do rio, e lhe mandou falar polo seu homem que sabia falar português, que nom ouvessem medo, que elle lhe nom auia de fazer mal, porque nunqua o fizera aos portugueses que hião á sua terra. Polo que então, porque mais nom podião fazer, os nossos sayrão a terra com agoa que lhe daua polos peitos, porque ally nom auia almadias, e sendo ante o Codauascão, que elle vio que Martim Afonso hia diante como capitão, lhe fez muyto gasalhado, e a todos; e Martim Afonso lhe pedio perdão porque fogia, porque o recado da noite lhe pareceo falso, vendo vir sua gente armada, nom sabendo que elle ally vinha, que elle bem sabia que era amigo dos portugueses. Então os leuou pera a cidade, e os mandou todos aposentar em humas casas grandes de huma porta a dentro, e dar seruidores que os seruissem, e lhe mandou dar muyta abastança de comer e vestidos, e lhe disse e prometeo que os deixaria hir pera' India na monção. Do que Martim Afonso, e todos, derão muytos agardicimentos e louvores, muyto contentes.

Onde assy estando auia tres dias chegarão á barra do rio Duarte Mendes de Vascogoncellos, capitão de huma galeota, e João Coelho, capitão de hum bargantym, que erão d'armada de Martim Afonso, os quaes o andauão buscando, e sabendo dos pescadores da barra que os nossos ally estauão lhe mandarão huma carta, que lhe dizião que ally estauão, que farião o que elle mandasse. Polo que Martim Afonso foy pedir licença ao Codauascão pera se embarcar nos seus nauios que estauão na barra, pois lho tinha prometido que os deixaria hir, e o Codauascão disse que compriria sua palaura, que os deixaria hir no tempo da monção, porque até então os auia muyto mester que o ajudassem em huma guerra que tinha com hum seu visinho; e que entanto mandaria dar aos nauios todo quanto ouvessem mester, de que nom queria paga. O que vendo Martim Afonso que mais nom podia ser, mostrou que folgaua de lhe fazer aquelle seruiço.

O Codauascão ordenou sua gente de guerra e mandou dar armas aos portugueses, e foy em busca de seu imigo com que tinha guerra, ao qual sendo dito que o Codauascão leuaua muyta gente e os portugueses, nom ousou d'agardar e fogio, e o Codauascão cobrou toda sua terra sem nenhuma peleja, e se tornou pera' sua cidade, onde Martim Afonso lhe pedio licença pera se hirem embarquar nas fustas; mas o Codauascão nom quis, dizendo que já com elle concertarão que na monção os

auia de mandar; que folgassem d'estar com elle até monção, e que lhe faria todo bom gasalhado e daria todo o que ouvessem mester. Com a qual reposta Martim Afonso se mostrou contente, dessimulando todos, mostrando prazer, porque os nom vigiassem. E logo ordenarão de fogir de noite e se colherem ás fustas, do que Martim Afonso mandou recado aos capitães que a huma certa noite e hum certo lugar lhe mandassem as almadias, que erão quatro legoas de roym caminho; e estando prestes huma noite se partirão, guiados de hum português da companhia que sabia o caminho, e porque era roym andarão pouqo, e dous d'elles ficarão, que nom puderão andar, e porque lhe nom fizessem mal se tornarão á cidade e deitarão em suas camas, fazendo que dormião; e amanhecendo, que os seruidores forão á casa e nom acharão os portugueses, o forão dizer ao Codauascão que todos erão fogidos, sómente dous que jazião dormindo, que era hum Diogo Pires [1] * d'Eça *, e Martim de Figueiredo. Aos quaes perguntou o Codauascão porque fogirão os outros: elles disserão que nom sabião, nem sentirão quando se forão; polo que o Codauascão os mandou buscar, e os alcançarão e tornarão a trazer, e o Codauascão se queixou com elles porque lhe fogião. Martim Afonso lhe disse que se n'ysto errara que a elle só désse a pena, porque elle se hia embarqar nas fustas e mandara a elles que se fossem com elle. O Codauascão os tornou a segurar, e lhes fazia todo bom trato; polo que então Martim Afonso escreueo ao Gouernador sua desauentura que passara, pedindo que se lembrasse d'elles; os quaes encomendou a hum mercador muyto riquo, que hia a Bengala, que os trouxesse; mas o Codauascão os nom quis largar sem lhe darem tres mil cruzados de resgate, que o mouro mercador deu por elles; os quaes vierão á India sendo Gouernador Nuno da Cunha no anno 529.

[1] No original lê-se * de caa * V.' Andr. *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. XXXVI.

CAPITULO VI.

DE COMO SIMÃO DE SOUSA GALUÃO EM HUMA FUSTA FOY TER 'ACHEM, ONDE FOY MORTO COM TODOS OS QUE HIÃO COM ELLE.

Simão de Sousa Galuão partio de Cochym em huma galé com muyta gente, em conserua de Pero de Faria, pera Malaca, como atrás contey, e passando a ilha de Ceylão, pera passar o golfam se abateo toda' artelharia debaixo de coberta, e sendo no golfam lhes deu temporal, que todos se espalharão, e Simão de Sousa foy tomar na barra de Achem, que conhecendo a terra que era de nossos imigos logo se quisera partir, mas o tempo nom lhe deu lugar. O que sabido polo Rey logo ordenou trayção pera tomar a galé, e mandou hum seu messigeiro á galé em hum barqo com muyto refresquo, e dizer a Simão de Sousa que folgaua muyto ally vir ter, pera com elle assentar boa paz que muyto desejaua ter com os nossos, e com elle mandaria seu messigeiro ao capitão de Malaca pera assentar a paz; e que estando assy de fóra corria risco de lhe dar temporal e se perder; que por tanto folgaria que entrasse no rio, onde estaria folgando até se partir. E a este messigeiro deu auiso que olhasse quanta gente auia e artelharia, do que de tudo deu bom recado ao Rey, e reposta de Simão de Sousa, que lhe muyto agardecia o que lhe mandara, e que entrar no rio o nom podia fazer porque tanto que lhe viesse tempo se auia de partir. Do que pesou ao Rey, e logo n'esta noite fez prestes corenta lancharas muy grandes e armadas de muyta gente e artelharia, e mandou a dous capitães n'ellas, cada hum com vinte lancharas, e lhe mandou que lhe fossem trazer a galé ou a metessem no fundo ou a queimassem: nas quaes lancharas passauão de mil homens com zerauatanas de peçonha, e azegayas, e zaguncho, e espingardões. Na galé auia setenta portugueses bem armados, e muytas espingardas. Ao outro dia vendo sayr do rio tanta armada nom tiuerão tempo pera tirar 'artelharia de baixo, sómente em cima estauão dous falcões e oito berços, o que nada prestou á muyta artelharia que trazião as lancharas, que as primeyras vinte, que vinhão diante, com grande remar e gritas e tangeres forão direitas á galé pera 'abalroarem; mas com os tiros dos falcões e berços que derão na moltidão da gente das lancharas, e huma çurriada d'espingardaria, fez

tão máo lauor nos mouros, de mortos e derribados feridos, que cessarão da furia que trazião, e começarão a pelejar com os tiros e arremessos, e os nossos com as espingardas, em tal maneyra que se forão afastando da galé, em que já auia mortos e feridos. Então fizerão outro cometimento as outras vinte lancharas, que muyto mal fizerão aos nossos atreuendose 'abalroar confiados que erão muytos; ao que logo tornarão 'acodir as outras lancharas, que com muyta furia chegarão e abalroarão a galé por todas partes, que tinhão os baileos altos e ficauão senhores dos nossos, que com muytas pedras os desatinarão e os forão matando pouqos e pouqos, com que os entrarão, que já nom podião pelejar de muyto feridos, em modo que forão entrados, fazendo os nossos façanhas; mas o cansaço dos braços e o folego os venceo, que se renderão com seguro das vidas passante de vinte homens, todos feridos, em que foy Jorge d'Abreu, que fôra ao Preste, e Manuel de Sousa, e dom Antonio de Crasto, e Antonio Caldeira. Este Simão de Sousa Galuão, e Jorge Galuão, e Manuel Galuão, e Ruy Galuão, todos erão irmãos, filhos de Duarte Galuão que faleceo na ilha de Camarão, que veo pera hir por embaixador ao Preste; assy que pay e filhos todos acabarão seus dias n'estas partes em seruiço d'ElRey. E leuada a galé a ElRey, com os portugueses viuos, ouve muyto prazer. Como trédor que era, fez muyto gasalhado aos portugueses, dizendo que tinha muyto pezar de nom tomar o capitão seu recado e entrar no rio, pera com elle assentar muyta paz, que muyto desejaua ter com os nossos; e os agasalharão em muyto boas casas, em que forão muyto bem curados com muyta diligencia, e *fez* darlhe o necessario muy auondadamente. E ElRey por sua pessoa os hia visitar, o que todo fazia com tenção de mandar hum d'elles a Malaca assentar a paz com seu messigeiro, e dizer ao capitão de Malaca que mandasse pola galé e toda' artelharia e os portugueses, ao que o capitão de Malaca mandaria algum nauio que elle tambem tomaria.

Dom Gracia Anriques, que enuernara em Bandá, se foy a Malaca, e primeyro de chegar ouve seguro de Pero de Faria que o nom [1] *perderia*, nem os que hião com elle que forão na prisão de dom Jorge; 'o qual com o seguro Pero de Faria lhe socrestou toda sua fazenda e dos seus, dizendo que á fazenda lhe nom dera seguro; com que dom Gracia

[1] *prenderia (?)*

andaua muy agastado. No qual tempo estaua em Malaca hum embaixador do Rey de Panaruqa, e huns seus criados fizerão hum roubo, a que acodio o meirinho pera os prender, mas os jáos se aleuantarão e o matarão e a seus piães, e ferirão outros; polo que bradarão que erão amouqos aleuantados. Ao que ouve rebate na forteleza; ao que se deu repique, que cuidarão que era trayção; ao que acodio dom Gracia com os seus armados, e forão á pouoação e matarão os jáos, que os fizerão fogir, que já quando chegou Pero de Faria já tudo estaua em paz. E por este seruiço Pero de Faria desembargou sua fazenda e dos seus, sómente deu fiança a dez mil cruzados a nom se hir pera o Reyno sem estar a direito com dom Jorge de Meneses. Este dom Gracia se foy a Cochym em hum junqo seu carregado de sua fazenda, que valia mais de cincoenta mil cruzados; que estando sobre a barra começou a vir hum temporal. O junqo nom tinha boas amarras; emprestarãolhe do armazem huma grossa amarra e huma ancora de fôrma, e por nom dar tresentos cruzados que lhe pedião marinheiros portugueses, que se obrigauão a leuar 'ancora e amarrar o junqo e estar n'elle até passar o tempo, o junqo se perdeo sobre 'amarra; porque como foy noite a gente do junqo em huma jangada que fizerão fogio pera terra, e ficou o junqo desemparado, e com 'agoa se perdeo, e toda a fazenda sayo á praya, que cada hum apanhou. E assy perdeo dom Gracia o que ganhara bem ou mal.

O Rey de Daru era grande bom nosso amigo, e tinha guerra com o Rey d'Achem, que erão visinhos, o qual sabendo do mal que o Rey d'Achem fizera na galé, afóra os tantos que tinha já feitos na morte d'Antonio de Brito e na tomada da forteleza, mandou pedir ajuda a Pero de Faria contra o Rey d'Achem, o qual sabendo ysto ouve medo que com nossa ajuda e a muyta gente que tinha o Rey *de* Daru *o desbaratassem, e* contraminou esta messagem, sabendo que em Malaca estaua muyta gente e 'armada, que se o fossem guerrear polo mar o Rey Daru por terra com sua muyta gente o destroyria; e como muyto estocioso no que lhe compria fazia sempre grandes mimos aos portugueses, dizendo que nom queria mais bem pera seu descanso que com sua ajuda d'elles assentar paz com o capitão de Malaca. Falou com os catiuos, e mandou Antonio Caldeira com messagem a Pero de Faria, que lhe désse paz, e por ysso daria os catiuos e galé e 'artelharia, e todo quanto tiuesse tomado dos portugueses; que tudo faria por auer nossa amizade. Ao que Antonio Cal-

deira lhe fez muytas juras que tudo trabalharia, e que se Pero de Faria nom quigesse elle se tornaria a seu poder: com que o Rey muyto folgou, e lhe deu tudo o que ouve mester. O qual quando chegou a Malaca já Pero de Faria tinha promettida ajuda ao Rey de Daru, mas vendo o recado que Antonio Caldeira lhe deu ouve grande prazer, pera cobrar os catiuos e galé e artelharia, e fez detença a Diogo de Macedo, capitão do mar, que já andaua fazendo prestes 'armada pera hir em ajuda do Rey de Daru; mas todos n'ysto erão contra o capitão, e mórmente Martim Correa, que lhe disse que olhasse o que fazia, porque a messagem do Rey de Achem tudo era falsidade, pois nom estaua em necessidade de nos pedir paz, sómente o fazia por estoruar que se nom désse ajuda ao Rey de Daru, seu imigo. O que o capitão todo praticou com Antonio Caldeira, o qual estaua tão crente nas bondades que lhes fazia e falaua o Rey d'Achem, que n'ysso tomou grande profia contra todos, dizendo que indaque nada fizesse elle se auia de tornar pera o Rey d'Achem, e em todo lhe auia de fazer verdade, polo que d'elle tinha bem conhecido; o que tanto Antonio Caldeira retificou que o capitão digistio de mandar 'ajuda ao Rey de Daru, que lhe já tinha prometida, e escreueo ao Rey d'Achem cartas de grandes amizades que pera sempre durarião, polo que como amigo nom quisera dar ajuda contra elle, que lhe mandara pedir seu contrairo o Rey de Daru. E mandou leuar Antonio Caldeira em hum barqo por hum homem casado em Malaca, que bem sabia nauegar o caminho de Pacem; os quaes no caminho forão tomar agoa em huma ilha onde os matarão a todos e queimarão o barqo; com que o Rey d'Achem nom ouve esta reposta.

Partido Antonio Caldeira de Malaca, o capitão despedio o messigeiro do Rey de Daru, a que se mandou desculpar que lhe nom daua ajuda contra o Rey d'Achem porque com elle concertara noua amizade, pera auer d'elle a galé e catiuos e artelharia, que muyto compria; mas que contra outra parte lhe daria quanta ajuda pudesse. A qual reposta ouvida polo messigeiro logo de noite se partio sem se despedir do capitão, o qual d'ysso fiqou agastado, que lhe pareceo que o Rey *de* Daru assy o aueria por mal nom lhe dar 'ajuda que lhe pedia. Logo mandou Fernão de Moraes em hum galeão bem concertado, que se fosse offerecer ao Rey *de* Daru pera o hir seruir onde mandasse, nom sendo contra o Rey d'Achem. O messigeiro do Rey *de* Daru chegou primeyro que

Fernão de Moraes, e dada a reposta de Pero de Faria fiqou ElRey muy anojado, e mandou logo partir su'armada que fosse pelejar com a do Rey d'Achem, que estaua em Pacem. E hindo pera lá toparão com hum homem português, que mandaua a Malaca o Rey d'Achem dizer a Pero de Faria que logo mandasse polos catiuos e polas outras cousas; o qual recado mandaua o Rey d'Achem vendo que tardaua Antonio Caldeira com a reposta. E este homem leuarão ao Rey *de* Daru.

Fernão de Moraes no seu galeão chegou ao porto *de* Daru, e agardou que lhe fosse recado d'ElRey pera desembarqar; mas nom lho mandou, e assy esteue tres dias sem ninguem hir de terra; o que vendo Fernão de Moraes, indaque os homens que hião com elle lhe pareceo mal sua hida a terra, pois ElRey lhe nom mandaua recado, elle todauia foy, e ElRey o recebeo com gasalhado, mostrandose satisfeito com as desculpas, que Pero de Faria lhe mandaua, a nom lhe mandar o secorro que lhe mandaua pedir contra o Rey d'Achem; dizendo que folgaua, pera que cobrasse os catiuos e cousas que dizia. Mas ysto dizia elle dessimulando até vêr recado de su'armada, [1] *e* se vencesse a d'ElRey d'Achem logo prender Fernão de Moraes e lhe tomar o galeão, por vingança de Pero de Faria lhe nom mandar 'ajuda que lhe pedira; e se su'armada nom vencesse, nom ficaria mal com os nossos. Mas d'ahy a oito dias lhe veo recado que su'armada pelejara com a d'ElRey d'Achem, e nenhuma nom vencera, e se tornaua; polo que então deixou hir Fernão de Moraes com agardicimentos a Pero de Faria, e lhe mandou o português que lhe leuaua o recado do Rey d'Achem. Os quaes Reys ambos se fizerão amigos.

CAPITULO VII.

ANRIQUE DE MACEDO PELEJA COM HUMA NAO DE RUMES; MELIQUE SACA OFFERECE FORTELEZA EM DIO; O GOUERNADOR LOPO VAZ PROUÊ SOBRE YSSO, APERCEBESE PERA A VINDA DOS RUMES, E DESTROE DABUL [2].

O Gouernador Lopo Vaz, deixando em Ormuz todo o que compria, se partio com su'armada e foy ter a Mascate, e sabendo que Antonio de Mi-

[1] *que* Autogr. [2] O summario, no original, é este: *Aquy torna a fallar das cousas da India.*

randa estaua em Calayate se foy ajuntar com elle, e deu noua que fizera muytas prezas no mar, que venderão em Caxem, em que fizerão muyto dinheiro; e porque acharão nouas que os rumes estauão em Camarão nom forão lá por nom auer monção. Ao que mandou hum catur, que tambem nom pôde hir áuante. Andando apartados polo mar aguardando as naos, Anrique de Macedo, que hia em hum galeão latino, topou com huma nao de rumes, muy grande e com muyta gente armada, que nom duvidarão *aguardar* o nosso galeão que a foy abalroar, em que ouve grande peleja, em que *de* huma roqua de fogo que entrou na nao se acendeo tamanho fogo que se apegou na vela do galeão, que os nossos já tinhão cortada 'abalroa, e se afastou da nao, que ardeo toda até 'agoa, em que morrerão todos os mouros; e a vela do galeão ardendo a leuou o vento, e fiqou saluo. E sendo juntos em Caxem se forão a Ormuz, e se ajuntou o Gouernador com Antonio de Miranda e partirão em fim d'agosto de 528 pera Dio, e forão tomar na costa e forão correndo pera Dio, per que passou de noite, que o Gouernador nom quis hir ao porto porque nom auia necessidade. O que foy grande desastre, porque se acertara de sorgir no porto pudera ser que Nosso Senhor ordenara como a cidade se lhe entregára e n'ella fizera forteleza, segundo Dio estaua duvidoso com a reuolta que n'elle auia; porque Melique Saca, filho de Meliqueaz o velho, que então era capitão de Dio, estaua muy temorisado d'ElRey de Cambaya, o Badur, *que* o mandasse matar ou prender por mexeriqos, que disserão que elle era grande amigo de Madremaluqo e fôra com elle na consulta de matar ElRey de Cambaya, irmão do Badur, como adiante contarey alguma parte d'esta cousa. O qual Melique Saca achandose n'ysto culpado, e *porque* o Badur fazia grandes cruezas aos culpados que colhia á mão, e o Melique tinha auiso da corte, de seus amigos, que o Badur o mandaua [1] *chamar, se fez* muyto doente que estaua pera morrer, em modo que, chegado o recado d'ElRey que o chamaua, se escusou com sua doença, buscando remedio de sua saluação; e nom tinha outra esperança senão chegar o Gouernador á barra, que auia de vir d'Ormuz, e com elle se concertar e na cidade lhe dar forteleza com grandes seguridades, com que ElRey lhe nom pudesse fazer mal. E com esta esperança estaua esperando polo Gouernador; mas

[1] *chamar ao que elle se fez* Autogr.

sabendo que era passado, que lho dixe huma fusta que o vio passar, ouve grande paixão, e logo a grã pressa mandou huma fusta após elle, dizendo em huma carta que auia muyto pesar porque nom fôra a Dio, que o estaua agardando com huma grande cousa com que ouvera d'auer muyto prazer, cousa muy desejada dos Gouernadores passados; e folgaria de a fazer com elle, porque estaua em tempo muyto pera o fazer; que por tanto logo a grã pressa tornasse a Dio, porque elle estaua em huma grande contenda com ElRey Badur; o que lhe diria vendose com elle, que muyto compria. A fusta alcançou o Gouernador, que vendo elle a carta ajuntou os capitães e lhe mostrou a carta, em que bem virão que Melique estaua em algum grande aperto com ElRey; polo que todos assentarão que logo tornasse a Dio, e nom se perdesse este tamanho acerto que tanto compria ao seruiço d'ElRey, e se ganhaua huma tamanha cousa como era fazer forteleza em Dio. Mas como no conselho auia alguns imigos que ao Gouernador querião mal secreto, e lhe pesaua de elle ganhar tamanha honra, falarão em contrairo, dizendo que nom era bem que tornasse, porque indaque Melique estiuesse em grande pressa, de huma hora pera outra se concertaria com ElRey, que indaque o Gouernador estiuesse dentro em Dio, e ElRey se quigesse concordar com o Melique, logo seria feito, porque com ElRey andauão dous irmãos de Melique e senhores grandes seus amigos; e mais que se Melique tanto lhe comprira elle mandára suas fustas agardar pola costa pera toparem 'armada e chamarem o Gouernador; polo que o chamamento polo Gouernador parecia cousa acedental; e que hindo o Gouernador, e achando outra mudança, era rezão, que logo rompesse a guerra com Melique e Cambaya. A qual rezão pareceo bem aos outros, e foy acordado que o Gouernador respondesse á carta com grandes auondanças, e muyta certeza de fazer tudo o que lhe comprisse e lhe dar todo o fauor a sua saluação, pera o que compria estar dentro em Dio com tres mil homens que tinha, e 'armada no mar, e se fazer tão forte que ElRey de Cambaya nom o podesse offender; e que ysto lh'aprazendo logo seria com elle, que sómente agardaua por sua reposta: com outras mais auondanças. Com que despedio a fusta, dizendo que em Chaul agardaua, apercebendose do que lhe compria leuar, se todauia queria que tornasse; e que em tanto mandaua Heytor da Silueira pera fazer o que lhe elle mandasse, e estar em seu fauor até elle hir em pessoa. Partida a fusta, logo o Gouernador mandou

após ella Heytor da Silueira com seis galeões e quatro carauellas, e vinte fustas, e catures, e mil homens, com muyta artelharia, e lhe deu regimento que achando Melique Saca no proposito que lhe escreuera logo lhe mandasse catur com recado, e trabalhasse por auer o logar da ponta com a torre pera fazer forteleza, e tomando a posse n'elle se fizesse forte quanto pudesse, e assy trabalhasse por auer e ter da sua mão o baluarte do rio, e em todo se pusesse a tão bom recado que, indaque ouvesse contraste d'arrependimento no Melique, lhe pudesse defender o que tiuesse tomado. E que sendo caso que quando chegasse a Dio achasse já o Melique em outra vontade, ou já concorde com ElRey, auendo d'elle reposta, lhe fizesse quanto mal pudesse, e fosse pola enseada fazendolhe toda' guerra. E com ysto leuou cartas ao Melique de grandes comprimentos e certezas de grandes amizades, confirmando todo o que elle quigesse e concertasse com Heytor da Silueira, e com elle estaria até elle hir, que logo partiria vendo seu recado. Com que se partio Heytor da Silueira.

Estando assy o Gouernador em Chaul chegarão naos de Meca em que vierão mercadores do Cairo, que contarão que o Rey de Calecut mandara cartas ao Turquo com as portas da forteleza, que elle mandou embarqar, dizendo que elle guerreara a forteleza e a tomara, e matara quantos estauão dentro, e outros muytos, porque o Gouernador acodira a secorro com todo seu poder, onde ao desembarquar lhe matara tanta gente, que desbaratado sem desembarqar se tornara pera Cochym, e hindo no caminho lhe dera huma tromenta com que se perdera casy toda' armada, e ficara sem gente nem armada; o que lhe fazia saber porque estaua a India em disposição pera se tomar sem nenhum trabalho; ao que elle ajudaria com todo seu poder. O qual recado sendo dado ao Turquo, elle o mandou ao Rey de Misey, que he regedor dos portos do Estreito, e o Turquo mandou hum seu capitão, chamado o grão Judeu, que fosse a Suez e o Toro, e concertasse as galés, e com seus mantimentos fosse tomar os rumes que estauão em Camarão, e n'este trabalho [1] * andasse * o Judeu. Em Suez era chegada noua que André Doria, capitão do mar do Emperador, desbaratara Barba Roxa, capitão mór do mar do Turquo, ao que era chamado o grão Judeu pera hir com armada secorrer o Barba Roxa; e que o Turqo mandaua outro capitão pera [2] o que fazia o Ju-

[1] * andando * Autogr. [2] Ha aqui falta de palavra, qué não podemos remediar.

deu; e que sem duvida as galés passarião á India. A qual noua lhe muyto certificarão todos os mercadores que vierão, homens de credito. Sobre o que o Gouernador teue conselho, e auendo a noua por certa, logo mandou a Portugal esta noua a ElRey por Francisco de Mendoça, que logo partio de Chaul em hum nauio bem concertado. E assy mandou a Ormuz hum nauio com muyta poluora, e monições e chumbo, e madeira pera cepos d'artelharia, e mandou ao capitão que fortificasse a forteleza quanto milhor pudesse; e mandou Fernão Farto e Afonso Pires Azambujo em catures, que fossem ao Estreito a saber a noua, e com elles mandou Fernão Rodrigues, homem portuguez muy sabido em muytas lingoas, que aprendera antre os mouros com que andara muyto, e que achando a noua certa se metesse em trajos de mouro, e estando em algum porto fogisse a nado pera terra, dizendo que andaua catiuo, e trabalhasse quanto pudesse por hir ao Cairo e d'ahy a Portugal dar a noua ElRey. E escreueo a noua a todolas fortelezas, e em Cochym mandou 'Afonso Mexia que fizesse galeões e galés e quanta armada pudesse; e assy mandou que se fizesse em Goa, tomando ajuda e emprestimos d'homens riqos, o que elles folgarão de dar por lho Gouernador escreuer, e folgando de fazer a ElRey este bom seruiço. E mandou fazer outros grandes apercebimentos de monições. Onde assy estando, lhe derão noua de grande roubo nas embarcações, que passauão fustas armadas que andauão em Dabul; polo que se partio com 'armada miuda, e entrou no rio e destroyo o lugar * o * queimando, e as fustas que achou dentro e naos e zambuqos, e desfez hum baluarte que estaua na entrada do rio com muytos tiros de ferro, que mandou deitar no mar.

Afonso Mexia em Cochym no inuerno concertou muyto bem toda 'armada que tinha, e como lhe foy dado recado do Gouernador mandou logo partir 'armada, que foy na entrada de setembro, e por capitão mór Diogo Pereira de Sampayo, sobrinho do Gouernador, em huma galé bastarda que se fizera em Chaul, a milhor peça que auia na India, e com elle duas galeotas e doze fustas e catures. E correndo a costa sorgio defronte de Chatuá por nom ter vento, onde lhe sobreueo huma trevoada da terra, tão forte e supita que antes que os nauios virassem ao vento as proas seçobrou a galé, e huma galeota em que andaua Antonio Rabello feitor d'armada, e quatro fustas; e as outras escaparão porque cortarão as amarras e forão com o vento pera o mar. E nos nauios que

se perderão se perdeo muyta gente *e* artelharia; e os que sayão a nado os matauão, porque estauão de guerra, e catiuauão; e alguns escaparão porque forão com a corrente d'agoa sayr longe, e s'embrenharão nos matos, per que andarão de noite e forão ter a Cochym. O Gouernador, vendo que tardaua muyto o recado d'Heytor da Silueira, lhe pareceo que nom achara bom recado, *e* se partio pera Goa, e no caminho lhe derão carta d'Afonso Mexia d'armada que era perdida, e lhe requerendo que mandasse armada a gardar a costa. Polo que o Gouernador logo mandou Antonio de Miranda com dezoito velas miudas, porque na costa auia muytos paraos de Calecut armados que fazião muytos males; que chegando o Gouernador a Goa lhe deu auiamento em tres dias; com que logo partio. O que era já outubro, onde a Goa chegou huma fusta com recado de Heytor da Silueira.

CAPITULO VIII.

HEYTOR DA SILUEIRA, ACHANDO MELIQUE SACA FOGIDO DE DIO DESTROE ÇURRATE, REYNEL, E BAÇAIM. O GOUERNADOR DESBARATA UMA ARMADA DE PARAOS DE CALECUT, E DESTROE O AREL DE PORQUÁ [1].

Hindo Heytor da Silueira pera Dio, com sua armada, topou com humas galuetas de Dio, que lhe disserão que Melique Saca era fogido e passado ao Reyno dos resbutos, que era Reyno comarcão ao de Cambaya com que sempre tinha guerra, e logo casou com huma filha do Rey dos resbutos, o que fez porque lhe foy dado auiso que o Badur vinha pera Dio pera o tomar. O qual depois foy grande guerreador contra Cambaya, como adiante direy nas cousas que contarey do Badur Rey de Cambaya, de que darey muyta rezão nas cousas que socederão com os nossos n'este feito de Dio.

ElRey, sabendo que o Melique era fogido, se tornou, e deu a capitania a hum seu grande priuado chamado Camalmaluquo. E porque o Badur foy sabedor que o Melique mandara cartas ao Gouernador, disse a Camalmaluquo que fortificasse Dio quanto pudesse, e que no mar trouxesse muyta armada que dessem guarda ás naos que viessem de Meca

[1] No autographo não tem summario este capitulo.

e as acompanhassem até Dio, e tão armadas andassem que pudessem pelejar com os nossos nauios se os topassem, e assy gardassem a enseada; e lhes daua quantas prezas tomassem no mar. O que o Camalmaluqo fez muy enteiramente; porque fez Dio muy forte da banda do mar e da terra, e fez grande armada de fustas artilhadas e com gente de guerra, e mórmente frecheiros: nas fustas, per proa, tiros que deitauão pilouros como bolas, e outros tiros somenos, que cada huma trazia sete tiros e bons bombardeiros; e fez capitão mór do mar hum seu filho, valente caualleiro, chamado Meliquelyer, o qual com grande armada correo a costa e enseada até vista de Chaul, fazendo grande guerra.

Heytor da Silueira, indaque soube que o Melique era fogido, seguio seu caminho e sorgió na barra de Dio, e nom lhe sayo ninguem de dentro porque inda 'armada nom era acabada de concertar; polo que, passando dous dias, Heytor da Silueira se tornou a fazer á vela e foy correr a enseada, fazendo toda' guerra que podia a fogo e sangue, no mar e na terra; e deu em Çurrate e Reynel, grandes cidades na borda do mar, que as saqueou, e queimou parte d'ellas, porque a gente toda fogia, que erão mercadores, que nom auia gente de gornição; e nom achando os nossos resistencia foy Heytor da Silueira correndo a enseada até o lugar de Damão, onde soube que Baçaim se fazia forte com muyta gente esperando por elle; polo que logo se lá foy, e chegando á tarde apercebeo toda a gente, e ao outro dia pela menhã nos bateys com toda a gente armada entrou no rio, e pôs a gente em terra e a repartio em esquadrões, e se foy cometer as estancias e tranqueiras, que erão muytas, em que estauão muytos mouros; e mandou hir os batés com bombardeiros polo rio tirando ás estancias. Onde chegando os nossos a ellas, que erão de grandes valados e cauas d'agoa, e os mouros muytos, fizerão grande resistencia aos nossos com frechas, e bombas de fogo, e espingardas; onde os nossos á entrada tiuerão muyto trabalho, mas como forão dentro logo os mouros forão em desbarato, de que pouqos morrerão, porque nom agardarão. Onde os nossos tomarão muytos tiros, e queimarão o lugar, e as tranqueiras, que erão de grossos páos, e destroyrão toda a terra de fremosas ortas e canaueaes d'açuquere, e matarão fremosos boys de carga, e tudo foy destroydo, e os nossos se recolherão sem nenhum morto, sómente alguns feridos. E d'ahy se foy 'armada a Chaul, que nom achando ally o Gouernador se foy a Goa.

Estando *assy* o Gouernador, que já era passado outubro e nom erão vindas naos do Reyno, se partio pera Cochym, pera ordenar algumas naos pera carregar se nom passassem naos do Reyno ; e foy correndo a terra com 'armada miuda, porque auia muytas armadas de paraos que andauão á carga d'arroz pera Calecut, em que auia tanta fome que valia hum fardo d'arroz quinze pardaos, o que Antonio de Miranda tanto nom podia tolher ; e o Gouernador nom achou nada até Cananor, onde estando, ao outro dia em amanhecendo aparecerão ao mar huma armada de trinta paraos de Calecut, que passauão muyto armados a buscar arroz nom sabendo que o Gouernador ally estaua, e hião seguros ao longo da terra, porque sabião que Antonio de Miranda ficaua atrás em Panane. Com a vista d'estes paraos o Gouernador mandou dar repique ; ao que acodio a gente d'armada e toda s'embarqou, e o Gouernador em huma galeota primeyro que todos se fez á vela, e após elle sayrão fustas e catures a remo e á vela, porque o vento era da terra. O que vendo os paraos 'armada que lhe saya se forão alargando pera o mar ; mas vendo tão pouqa armada nossa se atreuerão a pelejar com ella, e agardarão, e sendo os nossos perto prestesmente tomarão as velas e se concertarão, e forão cometer os mouros, que os nom temerão e os receberão com muyta artelharia, e frechas, e pedras, e espingardas, porque tinhão muyta gente de peleja. E os nossos os forão abalroar com muytas panellas de poluora e espingardas, e logo abalroando ás lançadas, e os apertarão tanto que alguns paraos ficarão enxorados ; e deixados, aferrarão outros, todos pelejando fortemente, mas nom puderão soffrer a furia dos nossos, e tambem porque virão outras velas que vinhão da terra, com que logo os que estauão soltos se puserão em fugida pera o mar ; mas algumas fustas grandes, que tinhão muyta gente, pelejarão fortemente, em que morrerão muytos, e tambem dos nossos. Mas chegando duas carauellas e tres batés [1] *á vela, os mouros* se puserão em fugida, e todauia ficarão onze paraos, e seis metidos no fundo ; e os mouros que tomarão a nado no mar, o Gouernador os mandou todos enforcar nas vergas e nos mastos. Com que os nossos se tornarão a terra, e ao outro dia chegou Antonio de Miranda, que vinha em busca d'estes paraos, o qual logo passou de longo após os paraos que fogirão, os quaes como foy noite

[1] *á vela com que os mouros* Autogr.

polo mar largos se tornarão a Calecut, que ouverão medo que os nossos os fossem tomar onde quer que entrassem. O que sabido d'Antonio de Miranda se tornou a Cananor.

O Gouernador aquy em Cananor soube que o arel de Porquá, além de Cochym, roubara humas gundras de cairo que vinhão das ilhas de Maldiua e forão lá ter, e o arel com 'armada de tones que trazia, e gente d'espingardas e frechas, andaua polo mar em tones, e quando o vento era calma que as embarcações vinhão á sua vista as cerquauão e frechauão, e com pedras e [1] * remessos as rendião *, e roubauão do que querião e as deixauão hir; e aos portugueses que achauão os matauão e catiuauão, em que tinhão feito muyto mal, e mórmente nas embarcações que vinhão de Choromandel: o que o Gouernador ouve por grande offensa, porque Porquá era doze legoas de Cochym. Os quaes o Gouernador assentou de hir destroyr, e os tomar de sobresalto, porque se ouuessem auiso se meterião polos palmares dentro, em que lhe nom poderia fazer mais mal que lhe queimar os tones que estauão na praya; no que o Gouernador usou de manha, que foy compassando seu andar que anoitecendo sorgio na barra de Cochym, sem nenhuma pessoa sayr fóra, sómente mandou hum catur chamar certos homens casados, que sabião bem a terra de Porquá que hião lá muytas vezes, e como vierão o Gouernador se tornou a fazer a vela, leuando a fustalha desemmasteada em que desembarqou, e nos bateys, que forão diante, e 'armada grossa atrás, porque os negros na terra sempre vigiauão o mar pera sayrem a roubar vendo alguma cousa. Polo que o Gouernador sorgio diante de Porquá largo ao mar, e as fustas forão direitas a terra. A pouoação do lugar erão casas espalhadas per antre palmares e aruoredos, e muyta gente, em que se muyto podião defender, e per antre as casas muytos esteiros d'agoa que dauão pola cinta, que passauão por minhoteiras e páos, e as casas cerquadas de canauieiras brancas, muy grossas e fortes, que nom ha fogo que as entre.

O Gouernador mandou Antonio de Miranda na dianteyra com tresentos homens, leuando quem o guiasse; o qual desembarqou tão caladamente que primeyro chegarão ás casas que fossem sentidos, em que derão tão de supito que os tomarão dormindo nas camas; mas sentindo

[1] * remessos com que os rendião * Autogr.

os nossos derão suas gritas, com que toda a terra foy apelidada com grande aluoroço e juntos em quadrilhas tirando muytas frechas, onde chegou João de Mello da Silua e Antonio de Lemos tocando trombetas, e outros capitães com suas gentes em esquadrões com seus guiões, que corrião toda a terra, e as molheres com os filhos e fato ás costas fogindo, que erão tomados e catiuos. Com que todos forão em desbarato, porque fogindo per qualquer parte hião dar com os nossos que andauão buscando que roubar, que achauão muytas mercadarias que nom podião leuar, a que os nossos remediauão com fogo : em que ouve pouqa detença, porque as casas erão d'ola e madeira.

O Gouernador nom passou da praya e mandou aos remeiros das fustas que com muytos machados que auia cortassem palmeiras e aruores, em que fizerão grande talha espaço de duas legoas, que tudo fiqou raso ; e lhe tomarão quatorze catures nouos que fazião, e outros queimados e muytos tones e almadias, e se tomarão muytas molheres, e a propia mãy do arel senhor da terra, porque o Gouernador deu escala franca. Hum homem por sua boa dita que entrou nas casas do [1] * arel, em * huma casa achou huma panela de cobre com sua [2] * capadoira * fechada com cadeado, que tinha as joas da molher do arel, que tinha peso quanto hum homem podia leuar ás costas ; com que se veo recolhendo pera' praya. O qual toopu com dous portugueses, que vendo a boa preza que

[1] * arel onde em * Autogr. [2] * çapadoura * (?) Parecendo-nos indubitavel que a palavra *capadoira*, usada n'este sentido, fôra lapso da penna de Gaspar Correa, estavamos para a substituir por *tapadoura*, como fez Andrada, *Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. XXXX. Mas advertindo-nos o nosso amigo e collaborador, o sr. José Gomes Goes, que nos bilhetes para o *Diccionario Portuguez de Ramalho* encontrára duas passagens d'escriptores de boa nota, auctorisando um vocabulo muito parecido com aquell'outro, pedimos-lhe que nol-as apontasse, e verificando-as, achámos serem ambas escriptas em louvor do silencio, referirem-se ao livro dos *Numeros*, e terem entre si tanta similhança que uma d'ellas se póde tomar por copia da outra. Aqui as transcrevemos. « No livro dos Numeros mandaua Deos que a panela do defunto que estiuesse sem *çapadeira* fosse immunda. » Heytor Pinto, *Imag. da Vida Christ.* I Part., Lisb. 1567, fol. 179 v. « Por sentença de Deos he julgado por vaso não limpo, e incapaz de se poder nelle guardar algum licor precioso, o que nom teuer *çapadoura.* » Dom Hilarião, *Voz do Amado*, Lisb. 1579, fol. 160.

Fomos algum tanto extensos por entendermos que engeitar ou perfilhar palavras, sem bons fundamentos, são dous escolhos que muito cumpre evitar.

leuaua manhosamente lançarão a fogir, dizendo que após elles vinhão os negros; o que assy crendo o que trazia o caldeirão o largou no chão e lançou a fogir, e os outros, vendo que ficaua o caldeirão, voltarão e o tomarão ás costas e leuarão. O outro, vendo o engano, tornou a cramar que o nom roubassem, e foy ladrando após elles, até que achou outros matolotes da sua embarcação que lho tomarão ás lançadas, e puserão o caldeirão em saluo com muyto segredo. E o principal n'este caldeirão foy hum Francisco Mendes, que era meu grande amigo, e elle e dous companheiros o fiarão de mim, e todo me entregarão, que o vendesse e fizesse partição antre elles. A qual venda fiz com elles em grande segredo com chatys de Cochym, que tudo comprão, que erão cadêas, manilhas, joyas, aljofar, e cruzes e anés pisados, *que* parece que auião dos roubos; o que tudo valeo dezoito mil pardaos, vendido a muyto menos preço porque era cousa furtada; de que os compradores a mim derão de minha corretagem quatro centos pardaos, e cada hum dos parceiros me deu quinhentos pardaos; mas se fôra a venda feita sem medo valia trinta mil pardaos.

N'este feito nom ouve mais que alguns feridos de frechas. Com que o Gouernador se tornou a Cochym, onde logo o arel mandou sobre o resgate de sua mãy; sobre que se fez tal concerto que nunqua mais ally ouve aquella ladroeira, e o arel assentou tão segura paz que pera sempre foy bom nosso amigo, como adiante direy.

O Gouernador tornado a Cochym, prouendo no que compria, vierão naos da terra, que vinhão de Cambaya, que derão nouas que em Dabul se tornarão a fazer muytas fustas armadas, que fazião muytos roubos, e com ellas andauão paraos malauares. Polo que o Gouernador assentou de os hir buscar, porque nom tinha que fazer, porque nom erão vindas naos do Reyno nem na India as auia pera carregar; polo que logo mandou partir Antonio de Miranda com vinte velas, que corresse a costa, e mandou partir toda a outra armada e a gente, que o fossem agardar em Goa; e elle fiqou per derradeyro no galeão São Dinis, em que se partio, deixando regimento 'Afonso Mexia do que auia de fazer, que comtudo trabalhasse per ajuntar e ter prestes muyta pimenta, porque as naos que este anno enuernassem em Moçambique virião com as outras que auião de vir, e serião muytas, pera que seria bom ter muyta pimenta. O que Afonso Mexia assy fez.

ARMADA

DO

GOUERNADOR NUNO DA CUNHA.

CAPITULO IX.

Partio o Gouernador de Cochym, e sendo tanto áuante como Chatuá apareceo huma nao ao mar, sobre que o Gouernador arribou, que tinha o vento terrenho ; a qual nao era do Reyno, que fez grande salua d'artelharia ao Gouernador ; de que era capitão Antonio de Saldanha, que logo se meteo no esquife e foy ao Gouernador, que o recebeo com muyta honra. O qual deu nouas que do Reyno era partido Nuno da Cunha por Gouernador da India, com grande armada e muyta gente, e que em feuereiro diante partira Diogo Botelho em hum nauio, a que ElRey mandou que do cabo da Boa Esperança pera dentro corresse toda a terra, e d'ahy fosse correr a ilha de São Lourenço por todas partes, buscar se acharia alguma noua de dom Luiz de Meneses, e das duas naos que se perderão d'armada de Manuel de Lacerda ; e trouxera prouisões do que auião de fazer, com que foy á ilha da Madeira e ahy tomou huma carauella pera ElRey, de que fez capitão Duarte da Fonseca, seu irmão, que pera ysso vinha ordenado por ElRey, e tomou todolos prouimentos que compria, e se partirão : de que adiante contarey o que passarão. E porque o inuerno foy grande, 'armada nom pôde sayr de Lisboa senão

na entrada d'abril, em que vinha por Gouernador da India Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha veador da fazenda, de que faley no liuro primeyro d'estas Lendas; homem muyto da priuança d'ElRey, e muy soficiente pera tal cargo. E veo com elle Simão da Cunha, seu irmão, trinchante d'ElRey, pera capitão mór do mar, e outro seu irmão, Pero Vaz da Cunha, pera capitão de Goa, e dom Fernando de Lima pera capitão de tres viagens de Baticalá pera Ormuz, e dom Fernando d'Eça, e Francisco de Mendoça, e Pero Vaz Azambujo em hum nauio, e João de Freitas em huma naueta, e Luiz [1] *Doria* em huma carauella carregado de mantimentos, que auia de descarregar e tornarse ao Reyno. E Simão da Cunha deu por esta nao de João de Freitas e a meteo no fundo, de que se saluou pouqa gente e Antonio de Saldanha em nao de carga, no cabo de Santo Agostinho. Luiz [2] *Doria* deu os mantimentos e se tornou ao Reyno. Partio 'armada do cabo toda junta, e Antonio de Saldanha fiqou, porque a sua nao nom andaua; mas elle lhe mudou a carga por tantos lugares que lhe acertou a tempora, com que andou e tornou 'alcançar 'armada, que com hum temporal se apartou e nauegou só, e passou á India assy tão tarde.

Antonio de Saldanha disse ao Gouernador que elle trazia cartas d'ElRey, que lhe mandaua que as entregasse 'Afonso Mexia, estando elle Gouernador presente; e esto se Nuno da Cunha nom passasse á India; e que lhe parecia que pera elle vinhão cartas pera prouer cousas que compria que tornasse a Cochym. Polo que o Gouernador logo fez volta a Cochym; o que assy fez Antonio de Saldanha, porque trazia presunção que n'estas cartas que trazia vinha prouisão d'ElRey pera que elle gouernasse a India, se Nuno da Cunha nom passasse á India ou falecesse no caminho. Do que ElRey lhe dera palaura, porque fazendose 'armada prestes hum estrolico dissera a ElRey que achaua a nao capitaina nom chegar á India. E chegando a Cochym, que foy no propio dia á noite se meterão na forteleza, onde o Gouernador, e Afonso Mexia, e Antonio de Saldanha, assentados em huma mesa, Antonio de Saldanha entregou 'Afonso Mexia o saco das cartas assellado, como lhe fôra entregue, que logo Afonso Mexia abrio, e antre muytas que erão nom achou mais que só

[1] *douria* Autogr. V.e *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. II. Cap. XXXXVII. [2] *douria* Id.

huma d'ElRey pera Lopo Vaz, que no sobryscrito dizia *Capitão de Cochym*, cuidando que inda o era; e outra só carta d'ElRey pera Antonio de Saldanha, em que ElRey se desculpaua com rezões porque o nom prouêra como lhe ficara; sobre que ouvera outro conselho. Do que Antonio de Saldanha se mostrou muy magoado, apertando a carta antre as mãos, dizendo: « Milhor he seruir a Deos que nenhuma vaidade do mun- » « do. » E dessimulou, que ninguem soube o porque o dizia, e se sofrio, porque sabia que vinha prouido na primeyra socessão de Nuno da Cunha, se elle morresse; e vendo Antonio de Saldanha que Nuno da Cunha nom era passado á India, crendo que podia ser falecido, trabalhou e fez com o Gouernador e védor da fazenda que mandasse hum nauio a Melinde trazer breu, e que fosse a Moçambique carregado de mantimentos, e cayro, e amarras, de que 'armada teria muyta necessidade; e descarregando em Moçambique fosse a Melinde carregar de breu, que auia d'elle muyta necessidade pera as armadas que ElRey mandaua fazer. E postoque esta foy a voz de mandar o nauio, a tenção foy saber noua se Nuno da Cunha era falecido.

Logo o Gouernador mandou n'esta viagem hum Bastião Ferreira, casado de Goa, que tinha hum bom nauio pera ysso, e estandose fazendo prestes chegou noua que a Baticalá era chegada outra nao do Reyno, em que vinha Gracia de Sá. O que tudo o Gouernador escreueo a Nuno da Cunha; e o nauio carregado de biscoito e cayro partio seu caminho. De que adiante contarey.

Acabado o Gouernador dar despacho ao nauio, encarregou ao védor da fazenda o despacho da nao d'Antonio de Saldanha, que a carregasse pera o Reyno. De que deu a capitania * a * Lopo Rebello, e 'Antonio de Saldanha hum galeão pera hir com elle d'armada, que já estaua prestes, e partio pera Goa, e correo a costa até Cananor, e sorgio; onde lhe derão nouas que em Marabia estauão quatorze paraos de Calecut. Ao que mandou lá seu sobrinho Simão de Mello, com cinquo bargantys, em huma galeota com duzentos homens. O qual foy, e pelejou com muytos mouros que os defendião, e todauia os queimou.

O Gouernador, polo que esperaua que seria quando viesse Nuno da Cunha, deu a capitania de Cananor a Simão de Mello, seu sobrinho, e a dom João d'Eça deu a capitania de Goa, e deixou em Cananor noue fustas e huma galeota, em que andasse correndo a costa Martim de Mesquita,

até vir Antonio de Miranda, que auia de mandar de Goa. E hindo o Gouernador pera Goa, topou ao monte Dely Gracia de Sá, que vinha do Reyno, a que mandou que fosse na nao a Cochym e logo se tornasse a Goa; e a capitania da nao pera o Reyno deu a Gonçalo de Sousa, homem fidalgo, antigo na India.

O Gouernador muyto leuaua em vontade de hir guerrear Cambaya, porque sabia que Nuno da Cunha nom vinha a outra cousa, e estando em Goa, dando auiamento a muytas cousas que comprião, chegou hum embaixador do [1] *Nizamaluco*, senhor das terras de Chaul, que mandaua pedir ao Gouernador ajuda contra ElRey de Cambaya, porque lhe tinha tomada huma forteleza dentro em suas terras, e tinha muyta gente em cerquos d'outras, com grandes arrayaes sobre ellas; pedindolhe secorro de gente, e bons capitães que mandassem os seus e os portugueses, em modo que podesse cobrar a forteleza; e polo mar mandasse armada guerrear a costa, porque alargasse o cerquo; e que elle faria todo o gasto á gente que mandasse: sobre o que lhe fazia afincados rogos. O Gouernador, polo mais obrigar, lhe encareceo muyto o caso. Respondeo que elle se estaua fazendo prestes pera mandar 'armada ao Estreito em busca dos rumes, mas que tudo deixaria polo seruir, porque ElRey de Portugal era tamanho seu amigo que folgaria muyto de lhe fazer todo' seruiço. E logo despachou o embaixador com carta que lhe deu pera Francisco Pereira, capitão de Chaul, que lhe ordenasse a gente que tiuesse, porque logo mandaria o capitão que fosse com a gente, que elle tambem logo partiria.

E sendo este embaixador partido, auia dous dias, quando chegou hum catur com apressado recado de Francisco Pereira, capitão de Chaul, que dizia que acodisse, porque sessenta fustas de Dio, muy armadas e com muyta gente, lhe corrião cada dia até barra, e tinha muyto medo que entrassem e lhe tomassem a forteleza, que era fraqua e tinha pouca gente; porque se nom lhe secorria lh'encampaua a forteleza. Ao que o Gouernador deu pressa a despachar as cousas e se partio de Goa já em janeiro de 1529, e fez esta detença porque Antonio de Saldanha, e Gracia de Sá que já era vindo, lhe muyto contradizião sua hida, ajudados de muytos fidalgos, dizendo que a pessoa do Gouernador da India nom

[1] *Yrzam maluqo* V.e a nota da pag. 619 do Tom. II.

auia de andar correndo lugares, pois que tinha capitães pera mandar; que sua pessoa nom se auia de bolir senão pera huma grande cousa, e não a qualquer repique de guerrejão e pera guerra de fustas; per que elle nom auia de andar depos ellas, pois lhe nom podia fazer mal, que abastaua mandar hum fidalgo com armada e elle escusasse hir. E postoque as rezões d'estes parecião bem suas tenções nom erão boas, porque Gracia de Sá e Antonio de Saldanha nom querião que *o* Gouernador guerreasse Cambaya, [1] *mas* que estiuesse assy até vir Nuno da Cunha, que ganhasse toda a honra. Os fidalgos dizião que nom fosse, enuejosos da honra que o Gouernador podia ganhar, que nunqua este mal se tirou dos corações dos fidalgos, pesaremlhe com qual *quer* honra que ganhaua o Gouernador, postoque elles tambem a ganhauão. Mas o Gouernador, indaque isto nom tinha em seu entendimento, todo seu zêlo era fazer todo seruiço em quanto pudesse, por soldar alguns trabalhos que podia ter no Reyno sobre suas cousas; e nom daua polo que lhe dizião como entendia na cousa. E se partio de Goa com armada de cincoenta velas grossas e miudas, e galeotas e bargantys, e n'ella mil e quinhentos homens branqos; que chegando a Chaul logo lhe veo visitação do Nizamaluco com grande presente de cousas de mantimentos, d'arroz, manteiga, vaqas, carneiros, e grandes agardicimentos a sua vinda. Polo que logo o Gouernador mandou João d'Auelar, valente caualleiro, com oitenta homens escolhidos espingardeiros.

O quál entregou aos messigeiros do Nizamaluco, que lhe fazião muy largo gasto a todos. Ao qual João d'Auelar o Gouernador muyto encarregou seu feito, rogandolhe que até morrer guardasse a honra e credito dos portugueses, que vissem os mouros quanto os portugueses valião, por *que* a elle e a todos faria muyta mercê. Do que se muyto encarregou João d'Auelar, que logo partio; o qual polo caminho se foy enformando bem da forteleza e gente que tinha, e chegando perto fez saber a Nizamaluco de sua hida. E deixando os portugueses em lugar seguro com a gente do Nizamaluco, elle se vestio em trajos de trabalhador, e com outro homem da terra que o guiaua foy vêr a forteleza, a qual era hum castello roqueiro assentado em hum outeiro, que deixando cayr pedras da mão se defenderião de todo mundo; polo que os mouros nom

[1] *e* Autogr.

ousauão de o cometer. João d'Auelar, vendo bem tudo, se tornou aos parceiros, e lhe fez o feito muy leue; onde logo se veo hum capitão do Nizamaluco, que elle mandou, valente caualleiro, com mil homens pera fazer o que mandasse João d'Auelar; os quaes se concertarão do que auião de fazer, e ordenarão a gente, e se fizerão prestes, e huma ante menhã forão cometer o castello caladamente, com as espingardas e murrões cubertos, e chegarão perto do castello sem os mouros auerem nenhum sentimento, e todos se puserão em ordem que pudessem defender que os mouros nom chegassem a deitar pedras de cima do muro, pera o que leuauão os mouros escadas pera subirem os portugueses a que João d'Auelar deu o cargo; [1] e então assy todos prestes, João d'Auelar diante com seu guião e com trinta portugueses, e muytos mouros após elles, cometerão sobir polo outeiro pera o castello, com grande grita. Ao que os mouros acodirão a deitar pedras que tinhão sobre o muro; [2] * ao que * os espingardeiros valerão, que como aparecia * mouro * o matauão, e tirauão muytos tiros, com que os mouros de dentro nom ousauão aparecer, e de dentro deitauão as pedras que podião por cima das amêas, que erão pequenas, que nom fazião tanto mal. Com que João d'Auelar chegou ás portas, dando n'ellas com lauancas de ferro pera as aleuantar, e marrões grandes de ferro pera as quebrar. Ao que acodirão os mouros de dentro ás defender e atupir de pedra, com que os das escadas tiuerão tempo de as acostar ao muro, e João d'Auelar deixou o capitão mouro no combate da porta e foy sobir por huma escada, a primeyra que achou, e sobio ao muro com outros portugueses. Ao que acodirão os mouros de dentro, que erão muytos, de treçados, cofos, zagunchos, e frechas; mas os nossos se metião com elles ás lançadas, que erão tresentos mouros, com que ouve tempo que todos os nossos sobirão com lanças, deixando as espingardas aos mouros, que tambem muytos sobirão com ellas, com que derribarão muytos dos mouros, que fortemente pelejauão, mas todos forão mortos sem nenhum ficar viuo. E João d'Auelar entregou o castello ao capitão do Nizamaluco; e dos nossos morrerão tres, e muytos feridos, porque a peleja durou espaço de tres horas. O que assy acabado, João d'Auelar foy só a chamado do Nizamaluco, que estaua d'ahy huma jorna-

[1] Isto é; aquelles portuguezes a quem João d'Avelar encarregou de escalarem os muros. [2] * aos * Autogr.

da, a que fez grandes honras, e lhe deu riqa cabaya e mil pardaos d'ouro de mercê, e dous mil que repartisse pola gente; com que os despedio, e os feridos em andores os leuarão até Chaul, fazendolhe sempre o gasto muy largamente. Com que o Gouernador ouve muyto prazer de seu bom feito, e a João d'Auelar e a todos fez mercê de pagamentos.

Ficando o Gouernador em Chaul assy fazendose prestes, vierão á barra de Chaul quinze fustas com a viração, e se chegarão á barra, tirando muytos tiros polo rio dentro, sem temor dos galeões que estauão na barra, porque ventaua a viração, que lhe nom tirarão nenhum tiro porque assy o tinha mandado o Gouernador que nom tirassem ainda que viessem fustas, nem o Gouernador consentio que do rio saysse ninguem. O Gouernador ajuntou a conselho os fidalgos, com que praticou, determinando hir a Dio, que tinha armada e gente pera o tomar, porque tinha sabido que nas fustas andauão dous mil homens de guerra, e em Dio nom estauão mais que mercadores que estauão seguros com esta grande armada que trazião no mar, que erão sessenta fustas; porque chegando a Dio logo Melique Saca, que guerreaua da banda dos resbutos, auia de mandar muyta gente polo mar, porque muyto desejaua tornar a tomar Dio, e *a* ter contra vontade do Rey de Cambaya, e assy lho tinha escrito. Ao que o Gouernador deu muytas rezões, mostrando muyta vontade, dizendo que pois ElRey nosso senhor tanto desejaua tomar Dio pera segurança da India, e tanto o encarregou aos Gouernadores passados, e ora a ysso mandaua o Gouernador Nuno da Cunha, que seria grande seruiço agora o tomarem que estaua em boa conjunção pera ysso, que nom custaria tanto como depois custaria; ou se lhes melhor parecesse fossem primeyro desbaratar as fustas, e logo de caminho fossem a Dio, que sabendo que as fustas erão perdidas, e vendo nossa armada chegar ao porto, ninguem agardára na cidade, onde já estaua por capitão Melique [1] *Tocão*, irmão do Melique Saca.

Os do conselho bem virão que tudo assy era direita verdade como o Gouernador dizia; mas nom podião soffrir que o Gouernador ganhasse tanta honra, e lhe muyto contrariarão seu dizer, dizendo que se fosse a Dio, e nom achasse a conjunção assy prestes pera o tomar como dizia, ficaria em grande falta e descredito, e muyto mór em hir pelejar

[1] *tuquam* Autogr.

com as fustas, que nom auião d'agardar, que tinhão a vela e remo á sua vontade como querião, pera lhe nom chegarem os galeões no mar; e mais que ellas nom se auião d'afastar da terra, onde se a nossa armada miuda os fosse cometer tinhão ellas todolas auantagens pera se saluarem, e todo o trabalho seria em vão. Ysto falaua Antonio de Saldanha, e Gracia de Sá, querendo esta honra pera Nuno da Cunha; ao que ajudauão todolos outros fidalgos, que tinhão auorrecimento a Lopo Vaz e querião ganhar pera valer com o Gouernador nouo que vinha. No que todos aprofiarão, sómente Heytor da Silueira, que foy contra todos, perguntandolhe que pois a todos assy lhes parecia bem, que era que se melhor faria, estando ally o Gouernador com todo seu poder, que nom era bem tornasse a Goa sem fazer nada, vindo as fustas sem nenhum medo esbombardear ally onde estaua a pessoa do Gouernador com todo o poder da India. A ysto nom tiuerão que responder senão que fôra erro o Gouernador vir de Goa, como lá em Goa lhe dizião que nom fosse a Chaul, que abastara mandar hum capitão com armada. O Gouernador vendo seus impetus se calou, e disse ao sacretario que fizesse auto de todo o que elle propusera, que falaua toda' verdade, e escreuesse as verdades que falauão todolos fidalgos que ajuntara e pedira o conselho; o que assy fez, em que todos assinarão, com o que dissera Heytor da Silueira, o que todos assinarão ally perante o Gouernador. O que acabado, então disse o Gouernador: «Senhores, vossas mercês tem dito e assi-» «nados seus pareceres; polo que, do erro que eu agora fizer, eu só» «fique obrigado dar conta a ElRey nosso senhor. E digo que eu hey» «de hir pelejar com as fustas, e se me Nosso Senhor der a vitoria hey» «de hir cometer Dio, e será o que Nosso Senhor quiser. E vá comi-» «go quem quiser, que nom leuarey ninguem por força.» Quando ysto ouvirão os fidalgos respondeo Gracia de Sá que tal nom deuia fazer, que era roubar a honra ao Gouernador Nuno da Cunha, a que ElRey a dera n'este feito de Dio. Ao que o Gouernador respondeo que elle queria mais ao seruiço d'ElRey que a tudo o que elles dizião e todo o que elle disse. Do que tomou estormento.

E sendo já em meado feuereiro, o Gouernador partio de Chaul com oito galeões, tres galés, quatro galeotas, quatro carauellas, dous nauios redondos, duas carauellas latinas, trinta e oito bargantys e fustas e catures. O que tambem mordião os fidalgos que deuia d'escusar tanta ar-

mada. Elle respondia que mais quisera, pera Dio lhe auer mór medo. O que dizia ácinte por lhe queimar o sangue, cuidando que elle hia tomar Dio. E porque muyto ventauão os noroestes, vento contrairo a seu caminho, andou pouqo e tornou a sorgir á vista do ylheo onde estauão as fustas com seu capitão mór [1] Alixá, que vendo que a nossa armada caminhaua se forão á força de remo e se colherão ao rio de Taná, e porque o vento alargou 'armada se tornou a fazer á vela e foy sorgir no ylheo, e ao outro dia foy á boca do rio de Taná, e sorgio, que o vento o nom deixou andar. As fustas, atreuendose no bom remar, com que se podião colher quando quigessem, ao outro dia sayrão do rio postas em ordem corenta d'ellas, ficando sua capitaina com as outras, que erão por todas sessenta e oito; e as corenta se puserão a balrauento d'armada a tiro de bombarda, todas com as proas aos galeões, de que sómente auião medo dos tiros grossos, e fizerão grande salua de pilouros, que nom chegauão porque estauão longe, e se tornarão a recolher ao rio. A que o Gouernador nom quis que tirassem nem lhe saysse ninguem. Então os fidalgos fazião zombaria, dizendo que forão buscar aquellas zombarias que lhe fazião as fustas. E como foy noite, o Gouernador mandou Vicente Correa, valente catureiro, em seu catur desemmasteado, que foy espiar, e vio quantas erão as fustas, e que tinhão muyta gente. Estauão todas abordadas na terra, e duas em vigia na boca do rio; e o catur tornou com este recado, e o Gouernador o mandou que tornasse estar em vigia até amanhecer, que as fustas todas sayrão e á força de remo se forão meter no rio de Negotaná, que o catur as contou, em que auia vinte que erão como galeotas, com tiros grossos por proa e outros miudos das bandas, e estas tinhão nas popas grandes bayleos, e n'elles alcorões de muytas pinturas. E era capitão mór sobre o Alixá o filho de Camalmaluqo, que inda estaua em Dio.

O Gouernador nom se bolia donde estaua, que o vento o nom consentia; e porque o rio em que estauão as fustas era huma só legoa áuante, elles sayão muytas vezes dar vista á nossa armada e lhe fazer a salua

[1] Ahalaxa escreveu aqui Gaspar Correa, e n'outras partes Alaxa, Alixa, e Lyaxa. *Andrada*, na *Chron. de D. João III*, chama-lhe Aly Alaxa; *Castanheda*, *Hist. da India*, Halixá, e *Barros*, *Dec.* Alixiah. Pareceu melhor escrever sempre Alixá.

de pilouros, que como digo nom abrangião, que estauão de longe sem o Gouernador consentir que lhe tirassem. E de noite largou o vento pouquo, com que 'armada foy defronte do rio de Negotaná. Chegou a terra quanto pôde, que erão duas legoas de terra ; o que vendo as fustas sayrão todas á vela, com velas quarteadas e muytas bandeyras e tangeres e gritas, e sendo a tiro tomarão as velas e começarão a salua dos pilouros como costumauão, e acabado se tornauão a meter no rio com seus tangeres. Do que todos n'armada estauão muy agastados, e os lascaryns praguejauão, e os fidalgos zombauão, e dizião a Heytor da Silueira se lhe parecia bem aquella zombaria que as fustas d'elles fazião. Disse Heytor da Silueira : « He bem que assy seja, porque ninguem quer ajudar ao» «Gouernador como deue. » E por desistimar a todos, disse ao Gouernador que lhe désse licença pera com 'armada de remo hir pelejar com as fustas. Do que o Gouernador ouve muyto prazer, e disse que lhe daua todo seu poder pera 'xecutar quem lhe desobedecesse ; e folgou muyto o Gouernador de Heytor da Silueira lhe pedir a licença, porque sayndo bem do feito outro se agrauaria d'elle nom lh'encarregando o feito ; e dizendo a Heytor da Silueira que fosse com a benção de Deos, que esperaua n'elle que muytos lhe auerião enueja, que certamente era elle pessoa que todo o peso da India se podia confiar em seu bom saber e esforço. E com outras honrosas palauras o despedio.

Heytor da Silueira se embarqou no catur de Vicente Correa, e correo tod'armada, a que lhe sayndo muytos homens honrados pera hirem com [1] * elle *, remudou muytos homens da fustalha, que deixou n'armada, que lhe nom contentauão, e meteo muy limpa gente, todos bem armados d'espingardas, e fays, e chuças, e panelas de poluora, e concertou muyto bem todolas embarcações, e em algumas pós capitães de que mais confiou, e concertou a artelharia e bombardeiros, tudo á sua vontade como quem determinaua fazer o feito ou morrer n'elle ; e deu a cada remeiro meo pardao d'ouro, e ajuntou todos os capitães e lhes fez grandes amoestações, pedindolhe que nom fossem com elle senão os que fossem com muyta vontade, porque se elle visse tempo e boa desposição auia de pelejar com as fustas, com esperança em Nosso Senhor que os ajudaria a vencer e darlhe tamanha honra como todos ganharião ; e que

[1] * elle pelo que remudou * Autogr.

a todos defendia, sô pena de morte, que nom fizessem senão o que elle fizesse ; senão que juraua que * a * elle o auião de pagar, e elle lhe dar o castigo, indaque ficasse vencedor. Todos disserão que assy o farião até morrer. E como todo teue bem prouido, em vinte seis velas, fustas que bem remauão e catures, e n'ellas até quatrocentos homens honrada gente e escolhida, e muytos caualleiros e fidalgos, em que forão dom Francisco de Crasto, dom Heytor de Mello, Payo Rodrigues d'Araujo, Manuel Rodrigues Coutinho, Fernão Caldeira, Antonio Correa, Francisco de Bairros, Luiz de Paiua, Duarte Denis, João de Mello, Gracia de Mello, seu irmão, Fernão de Faria, Antonio de Barbuda, João da Silueira, Diogo da Silueira, Nuno Pereira, dom Afonso de Meneses, dom Pedro, seu irmão, que erão capitães de galeões, Anrique de Vascogoncellos, Manuel de Macedo, Grauiel de Brito, Fernão Rodrigues Barba, Gracia de Brito, Pero de Mesquita, Gomes d'Azeuedo, e outros, que se nom podem tantos nomear, que muytos erão capitães de [1] * galeos * e nauios grandes, e folgarão de hir por soldados por ganharem a honra que esperauão; sendo noite, que o vento foy brando, com a enchente da maré se foy remando Heytor da Silueira na dianteyra, e se pôs chegado a terra de balrauento da boca do rio, e mandou a todos os capitães que leuassem a gente baixa, e ninguem tirasse senão quando elle tirasse, e vendo as fustas seu feito fosse grande remar e abalroar, que era saluação dos tiros dos imigos. E pôs os catures na dianteyra, em que elle hia, a que defendeo que nenhum nom abalroasse, senão passar e espingardear e deitar panellas de poluora, sómente as fustas grandes abalroassem, trabalhando quem pudesse chegar á capitaina dos mouros, a que pusessem o fogo que o vissem os seus, que serião mais asinha desbaratados. Da chegada dos nossos a terra nom ouverão os imigos sentimento, por * que * suas vigias estauão de dentro da boca do rio.

Ao outro dia, sendo dia craro, que a maré saya do rio, as fustas se leuarão pera sayrem a fazer sua obra como costumauão. E sayndo da boca do rio, as dianteyras, que virão nossas fustas que se chegauão a remo pera pelejar, se apelidarão com as que vinhão atraz; todos mostrando muyto prazer vendo que os nossos erão tão pouqos; auendo por certo seu vencimento, dando grandes gritas e tangeres, e remando a

[1] * galeões * (?)

quem primeyro chegaua pera ganhar a honra, que lhe pareceo que tinhão por muy certa.

Os fidalgos e capitães que ficarão n'armada estauão com o Gouernador, e alguns enuejosos * de * nom pedirem o feito como pedio Heytor da Silueira, e armando pratica que fôra erro Heytor da Silueira querer pelejar tão longe d'armada, que aquecendolhe algum desastre nom lhe poderião secorrer, « e comete cousa que terá muyto trabalho, quan- » « do escapar, se as fustas o cerquarem, e tornandose ficará muy aba- » « tido e nom sem perda de muytos ; o que sendo ante sua pessoa * do * » « Gouernador da India, ficaua em muyto abatimento. Polo que, pera » « tudo ségurar estes inconuenientes, parece que vossa senhoria lhe de- » « uia mandar tirar hum tiro a recolher, porque vejão os mouros que » « nom consente vossa senhoria que peleje. » O Gouernador estaua agastado com estas praticas, e agastadamente disse : « Se eu agora chamasse » « Heytor da Silueira, * e * o tirasse de tão bom lugar como está, será » « tirarlhe tamanha honra como se offereceo a ganhar, e ficará a honra » « sua e a deshonra minha, que lhe dey a licença. Milhor * he * que » « moyra ally, pois lhe Nosso Senhor deu tão esforçado coração pera se » « atreuer a cometer tão honrado feito. Vossas mercês digão o que qui- » « serem ; mas eu confesso que lhe tenho muyta enueja. Sua ventura lhe » « valha, que se mal se achar bem se saberá recolher, que o vento e a » « maré os traz pera fóra. Nom profacemos nem agoiremos ; mas como » « proximos e bons amigos os encomendemos, e roguemos a Nosso Se- » « nhor que os ajude contra os seus infiés, que a ysto somos obriga- » « dos, e nom a mal parnosticar, que mór he a misericordia de Deos » « que todo' poder. »

As fustas muyto em ordem hião pera os nossos ; Heytor da Silueira no seu catur corria por todos, bradando que remassem e chegassem, e nom fizessem senão como elle fizesse, jurando pola hora em que estaua que se algum voltasse por sua mão o auia d'enforcar, se ficasse viuo ; que chegassem e abalroassem, porque emburilhados e aferrados com os mouros o vento e a maré os leuaua pera' armada, que os ajudarião os batés. Do que todos tomarão muyto esforço, remando quanto podião com muyto prazer e gritas dos remeiros das fustas, tocando as trombetas, sem temor dos muytos pilouros das fustas. Os mouros tomarão grande medo que o vento, que era rijo, os trazia pera' armada, e que sendo aferra-

dos serião perdidos; e porque já nom podião voltar se atreuerão que com a força da vela que leuauão se desembaraçarião, e passarião pola armada e se saluarião. Polo que assy vindo juntos sem muyta detença se ajuntarão com os nossos, tirando muyta artelharia e espingardaria, que tambem trazião, e grão numero de frechas, que pouquo empenceo aos nossos, que hião baixos. Ao que alguns mouros tomarão as velas em cima nas vergas, remando por se soster a nom correr tanto, sobre que vinhão dar as outras que vinhão atrás, com que se muytas emburilharão; ao que Heytor da Silueira chegou com os catures da dianteyra, desparando a espingardaria e deitando muytas panellas de poluora, o que os mouros assy fazião; com que ouve tempo que chegarão as fustas e bargantys, que abalroarão ás lançadas tão fortemente que as primeyras oito fustas forão enxoradas com muytos mortos e feridos, deitados ao mar. Mas os tiros erão tantos, e * o * fumo cobria todos, que se nom vião huns aos outros, polo que os mouros traseiros trabalhauão fortemente por se tornar a colher ao rio. Os gritos e brados erão tantos, que se nom ouvião * as falas *. Os mouros pelejauão fortemente por se desembaraçarem dos nossos; mas [1] * nas * nossas fustas, que já erão metidas antre os mouros, [2] * era * muy grande a reuolta de fogo, sangue, gritos, brados, lançadas, frechadas; o que durou espaço com que a maré tornou pera dentro, com que os mouros se colhião e os nossos após elles, que a mór obra era dos catures, que andauão com Heytor da Silueira correndo a todas partes, deitando panellas de poluora, com que fazião deitar ao mar os remeiros mouros, que andauão pegados ás fustas. O capitão mór [3] * Meliquelyer *, tanto que vio a cousa enuolta, se meteo em huma fustinha esquipada e se tornou á boca do rio, vendo o que os seus fazião; e o outro capitão Alixa he que fiqou na peleja. Heytor da Silueira trabalhou e chegou á fusta capitaina, que aferrou com tres catures, com que teue grande peleja, porque os mouros erão muytos; mas as panellas de poluora forão

[1] * as * Autogr. [2] * he * Id. [3] E' das mais incertas a orthographia do nome d'este filho do Camalmaluco. Gaspar Correa, que primeiramente escrevera Milyqy lyer (pag. 277), escreveu aqui Mylycy lyer. Em Andrada, *Chron. de D. João III*, Part. II, Cap. XXXXII, lê-se Mily Cilier; e no Cap. LV, acha-se escripto Mely Celier. Por fim, em a nota á Dec. IV de Barros, Liv. II, Cap. XIV. (Ediç. de Lisb. 1777, pag. 202) chamaram-lhe Melique Alicer.

tantas que os mouros se deitarão ao mar. Dentro n'esta fusta foy morto hum dos nossos, e outros feridos ; o que vendo o mouro su'armada assy desbaratada fogio polo rio dentro, mas as outras fustas assy como entrauão no rio logo varauão e se recolhião a terra, donde tirauão frechas e espingardas ; e outras fustas se meterão por outros rios, que tinha este muytos braços, que os nossos seguião, mas Heytor da Silueira os fez tornar. As fustas que ficarão no mar enxoradas as leuaua o vento pera o mar ; os bateys nom as hião tomar por medo do vento, que era grande. No mar morrerão muytos mouros que nom poderão tanto nadar, que nas fustas e no mar passarão de mil, e dos nossos sete mortos e muytos feridos. Do rio mandou Heytor da Silueira a fusta capitaina aô Gouernador com a noua. Os portugueses que hião n'ella se vestirão com touqas e cabayas de seda, que acharão, e com traçados e cofos.

O Gouernador, vendo tamanha vitoria, em joelhos aleuantou as mãos a Deos dandolhe louvores. Mandou pôr muytas bandeyras e tanger as trombetas e atabales, com que recebeo a fusta do recado ; que sabendo o vencimento que fôra dentro no rio então foy o prazer dobrado com que o Gouernador mandou tirar muyta artelharia, o que assy fez toda' armada, postoque * a * enueja era muy grande, assy da honra do Gouernador como de Heytor da Silueira, o qual todo acabado sayo do rio com trinta e sete fustas dos mouros, porque as outras forão queimadas e outras desgarradas pera o mar, que por todas * erão * passante de cincoenta ; e as nossas fustas e catures trazião á tôa as fustas dos mouros, e detraz vinha no catur Heytor da Silueira. O que vendo o Gouernador choraua de prazer, dizendo com muyta graça : «Vêdes que foy fazer o doudo d'Hey- »
« tor da Silueira ! que sem duvida por sua muyta valentia e honra de »
« quem he bem merece a gouernança da India, e se tiuera poder lha »
« dera, por fazer prazer a tantos seus enuejosos n'este dia. » E chegando ao galeão Heytor da Silueira, o Gouernador o foy receber a bordo, o abraçando muytas vezes e beijando na face, e se assentou na tolda, onde estauão muytos fidalgos, perante os quaes o Gouernador lhe dixe : « Se- »
« nhor Heytor da Silueira, em verdade confesso, e nunqua outra cousa »
« direy senão que vos tenho muyta enueja a vossa honrosa obra, pos- »
« toque vola nom ouve do cometimento, que o vy muy perigoso, que »
« estiue perto de vos tornar a chamar ; mas como vosso grande amigo »
« me pareceo milhor ally auenturardes a vida que seguraruola com des- »

« honra, e perda de tanta honra como a Nosso Senhor aprouve vos dar, »
« porque confiastes na sua grande misericordia : o que Nosso Senhor vos »
« sempre acrecentará de bem em milhor, porque de todo sois merece- »
« dor. » Heytor da Silueira com muytas cortezias lhe * esteue * dando * grandes agardicimentos, dizendo : « Senhor, se nom leuara vosso esfor- »
« ço e fauor tal nom cometera, sabendo eu que os mouros ante vossa »
« presença nom auião de ter pés nem mãos pera pelejar. » O Gouernador recebeo com muytas honras aos fidalgos que forão com Heytor da Silueira. Os enuejosos, por desfazer no feito, dizião que fôra doudice cometida que acabara em bem.

O Gouernador, com grande contentamento do feito, fez conselho de querer hir sobre Dio, dizendo que tinha por muy certo que tanto que Camalmaluqo soubesse que seu filho era desbaratado, e 'armada d'ElRey perdida, auia de fogir com medo d'ElRey, que por ysso o mandaria matar ; polo que nom acharião quem lhe defendesse a cidade, ou estando na cidade com este medo, faria com elle algum concerto por segurar sua vida, como quisera fazer Melique Saca, e quando não faria na cidade o mal que pudesse, e se tornarião. O que assy pareceo bem a todos, mas Gracia de Sá e Antonio de Saldanha lho muyto contrariarão com muytas rezões, polo que muytos os ajudarão, e o Gouernador n'ysso nom quis insistir, que nom * quis * que lho fizessem mexerico com Nuno da Cunha. Então mandou Heytor da Silueira que escolhesse vinte e cinco velas com que fosse guerrear a enseada, com que se ajuntou muyta gente por hirem ás prezas ; e lhe deu regimento que se recolhesse a enuernar em Chaul, onde concertasse su'armada, e n'ella nem em sua gente o capitão de Chaul nom entendesse nada, e do almazem, per seus mandados, e da feitoria tudo lhe dessem, em maneyra que tiuesse concertada sua armada e saysse como o tempo lhe désse lugar, e fosse guerrear a costa da enseada.

Ysto acabado o Gouernador se tornou a Chaul com as fustas da preza ; que lhe fizerão grandes festas, onde lhe chegou recado do Nizamaluco, de muytos agardicimentos, dizendo que sendo dado rebate a ElRey de Cambaya que elle com armada hia pera Dio, recolhera a gente que tinha nos cerquos de suas fortelezas, e se fora chegando pera acodir a Dio ; assy que se lhe aprouvesse de hir tomar Dio que elle lhe daria quantos mantimentos ouvesse mester, graciosamente, e esquipações pagas do seu

dinheiro, com tanto que lhe désse Baçaim quando o tomasse, porque estaua dentro em suas terras; e que Camalmaluqo fogira como teue noua que su'armada era desbaratada. Do que o Gouernador ouve muyta paixão, e dixe ao secretario que gardasse a carta do Nizamaluco, e mandasse treladar em pubrico, e que lha désse pera mostrar a ElRey com o estormento que tinha de lhe estoruarem que nom fosse a Dio, jurando que se ouvera de ser mais tempo Gouernador da India que elle fizera huma meyzinha aos conselhos com que nunqua lhos dessem falsos. E despedio o embaixador, dizendo ao Nizamaluco que quando ouvesse de hir a Dio lho faria saber. Prouendo o Gouernador as cousas de Chaul se partio pera Goa, e entrou polo rio com as fustas da preza após os nossos nauios. A cidade lhe fez grande recibimento de grandes festas; onde aquy a Goa lhe veo messagem de Melique Saca, que estaua com os resbutos, dizendo ao Gouernador que fosse sobre Dio com todo seu poder, e que elle em pessoa viria polo mar a se vêr com elle, e por terra traria grande poder de gente, com seus cunhados que leuarião quinze mil de cauallo e cincoenta mil de pé, e esto com tal condição que tomando Dio lhe désse a capitania da cidade, e elle fizesse sua forteleza com que o defendesse ao poder d'ElRey de Cambaya, e elle tomaria as rendas do mar, e elle ficaria com as da terra. E sobre ysto trazia o messigeiro grandes apontamentos e poderes pera tudo assentar. Ao que o Gouernador lhe respondeo [1] *com* muytas esperanças de tudo que estaria assy até passar o inuerno, e pera o verão tornasse, e tudo assentarião.

CAPITULO X.

O QUE AQUECEO AO CAPITÃO DE CHAUL, NO ARGAO.

As gentes d'ElRey de Cambaya quando se recolherão, que estauão no cerqo das fortelezas do Nizamaluco, fizerão seu caminho por junto de Chaul, polo lugar onde se fazião as feiras do estamym; o que sabido em Chaul que tanta gente vinha, ouve grande medo, cuidando que vinhão sobre a forteleza. Polo que o capitão Francisco Pereira se muyto apercebeo o milhor que pôde, e passando a gente, hum capitão com a sua

[1] *que* Autogr.

gente decêo mais pera baixo a huma terra que se chama o Argao, duas legoas da forteleza; com que então ouve grande aluoroço, e a gente da terra se recolheo pera junto da forteleza. Estaua em Chaul Fernão de Moraes, bom caualleiro, que era amigo do capitão, a que pedio licença pera hir vêr que gente era com trinta de cauallo seus amigos, que folgarião de hir com elle. Do que aprouve ao capitão, e lh'encomendou que espiasse o que a gente fazia. O qual foy com trinta de cauallo, e boas espias que bem sabião a terra; o qual, vendo que a gente caminhaua seu caminho, guardou hum passo, em que tomou huma pouqa de gente da reçaga, e deu n'elles, e os fez fogir, deixando muyta fardagem em que os nossos fizerão boa preza, com que se tornarão á forteleza. Os mouros forão seu caminho e se alojarão de noite na mesma terra antre huns outeiros; o que sabido polo capitão, cobiçoso de fazer preza como os outros fizerão, determinou hir dar na gente, e diria ao Nizamaluco que por seu seruiço o fizera; e mandou fazer prestes a gente de cauallo, que todos cobiçosos se ajuntarão mais de oitenta, e duzentos de pé com espingardas e seus escrauos pera trazerem carregados das prezas, e caminharão até vista do arrayal dos mouros, que era já o rabo, que todos hião seu caminho, e os nossos derão nos derradeyros e lhe fizerão muyto mal. Do que forão dar rebate a seu capitão, que hia diante, do mal que lhe fazião os nossos; ao que o capitão tornou fazendo andar sua gente, e elle com gente de cauallo fiqou detrás de hum oiteiro agardando que sua gente acabasse de passar; o que os nossos nom virão, que hião após a fardagem roubando. Ao que sayo o capitão mouro com os seus de cauallo, e cometeo os nossos tão fortemente que nenhum dos nossos lhe teue rostro, mas voltarão fogindo cada hum quanto mais podia, que com os cauallos derrubauão os nossos de pé passando por cima d'elles, bradando os espingardeiros que lhe dessem costas que elles farião o campo franco; mas nom entendião senão em fogir. Os mouros lhe siguirão o alcanço, em modo que ficarão mortos trinta de cauallo, e mais de setenta de pé que os nossos de cauallo derrubauão; e os mouros chegarão até vista da forteleza, que os espantou com os tiros. No qual feito Galuão Viegas, alcayde mór, e Pero Barriga, e Fernão de Moraes, fizerão tanto de suas pessoas que sostinhão todo o peso dos mouros pelejando detrás de todos, que forão saluação que todos nom morressem. E os mouros tornarão hir seu caminho.

O Gouernador, sabido este desastre, indaque o merecia nom quis tirar a capitania a Francisco Pereira, por ser fidalgo pobre; mas mandou Antonio da Silueira com poderes de Gouernador, que tiuesse o mando em tudo, e o capitão vencesse seu ordenado; e deu regimento 'Antonio da Silueira do que auia de fazer, per huns apontamentos que lhe deu Antonio de Saldanha da parte do Gouernador Nuno da Cunha, que erão prouimentos pera' grande armada com que Nuno da Cunha auia de passar a Dio; e mandou que muyto bem concertasse 'armada d'Heytor da Silueira, que a recolhesse, e Heytor da Silueira se fosse enuernar a Goa. Mas quando Antonio da Silueira chegou a Chaul já ahy estaua Heytor da Silueira, que acodira sendolhe dada a noua da gente que era morta no Argao, o qual entregou 'armada 'Antonio da Silueira e se foy pera Goa.

E porque era já em abril, o Gouernador, per regimento de Nuno da Cunha, mandou Antonio de Saldanha enuernar a Cochym, onde auia de fazer quantos nauios pudesse, mórmente humas albetoças, pera que trouxera as fòrmas e mestres, que fez, e muytas escadas, padeses de campo, vayuens, mantas, e outros petrechos de madeira. E mandou pera capitão de Malaca Gracia de Sá, que vinha prouido por ElRey; e despachou pera Ormuz dom Fernando de Lima com tres galeos que carregou em Baticalá; e o Gouernador fiqou capitaniando Goa por poupar o ordenado a ElRey, onde mandou fazer muytos mantimentos com grande prouimento aos almazens de todo o que se podia gastar, que tudo ElRey assy mandaua; e no inuerno concertou muyto bem toda' armada, e fez nauios de nouo, e fez com homens riqos que fizessem nauios polos rios ahy perto, e que ElRey lhos pagaria e auerião ordenados com as capitanias d'elles; o que tambem fizerão alguns homens em Chaul e Cochym; e em Chaul muyta madeira junta, e caruão, e cal, gamellas, enxadas, picões, pás de ferro, alauanqas, arqos de ferro pera pipas e barrís, grão numero * de * machados, pregadura, e muytos mantimentos em grande numero.

CAPITULO XI.

JUSTIÇA QUE O GOUERNADOR FEZ DE HUNS ALEUANTADOS.

Estando o Gouernador em Goa este inuerno ouve ás mãos seis homens, que na costa de Melinde andarão a roubar, e com muyto dinheiro que tinhão se vierão e puserão na terra firme junto de Goa pera auerem seguro; os quaes o Gouernador ouve ás mãos com dar aos tanadares o dinheiro que lhe tomassem, e por ysso lhos entregarão, porque mandara o dinheiro a seu senhor o Hidalcão. Aos quaes homens o Gouernador ao pé da picota mandou ferrar nos rostros, com pregão de trédores ao seruiço d'ElRey sem temor de suas justiças, e degredados pera o Brasil pera sempre; e carregados de ferros nos pescoços estiuerão sempre até que os embarcarão nas naos do Reyno. Outros parentes d'estes por vingança se amotinarão e ajuntarão trinta homens pera se passarem aos mouros; de que o Gouernador ouve auiso, e os correo, que os tomou e mandou desorelhar, e meter nas galés pera sempre; e seis d'estes, que se passarão a terra firme e se puserão em hum castello com hum capitão do [1] * Hidalcão *, o Gouernador ouve licença que os mandasse tomar; ao que o Gouernador mandou hum valente homem, chamado Fernão Barba, com que mandou cem espingardeiros. Os aleuantados se apoderarão do castello, e pelejarão até que nom puderão e se entregarão, que chegando a Goa o Gouernador os mandou arrastar viuos pelos alifantes e esquartejar; o que fez como verdadeyro 'xecutor de justiça.

Heytor da Silueira, que su'armada foy correr a enseada, determinou entrar polo rio de Negotaná e tomar huma forteleza que estaua duas legoas polo rio dentro, que soube que n'ella estaua gente de pé e de cauallo. O que cometeo, e achou o rio tão baixo que nom pôde hir, e queimou humas pouoações que achou, e fez muyta destroyção. O que sabido do capitão da forteleza acodio com muyta gente de pé e de cauallo; o que vendo Heytor da Silueira que nom tinha poder pera resistir a tantos mouros, se foy recolhendo com sua gente pera as embarcações, que es-

[1] * Hidalcão de que o * Autogr.

tauão com as proas em terra. O que vendo os mouros derão apupadas, fazendo cometimentos a chegar. Ao que hum soldado, chamado Francisco Godinho, com huma lança nas mãos se desmandou e chegou a hum mouro, que de hum bote de lança o passou e deu com elle morto no chão, e tomou o cauallo. Ao que os nossos derão grita com çurriada d'espingardas, com que derrubarão tres de cauallo; com que os nossos se embarcarão.

Heytor da Silueira foy correndo a costa, e foy a outro rio onde estaua Alixá, capitão que escapou das fustas e estaua em huma forteleza fraqa, mas estaua forte com baluartes e tranqueiras que tinha sobre o rio, onde entrou com a maré, e da tranqueira e baluartes lhe tirarão muyta artelharia, com que lhe matarão e ferirão alguns homens, e todauia chegou á tranqueira, onde auia muytos mouros; onde ouve grande peleja, porque os mouros tinhão muytas frechas e pedras, e * erão * armados, mas as nossas espingardas fazião o campo franqo, com que os nossos entrarão a tranqueira, de que os mouros fogirão pera o castello onde Alixá estaua, que se nom ouve por seguro e se sayo ao campo, porque tinha muyta gente de pé e cauallo, que cerquarão os nossos no campo, que erão mais de tres mil mouros. Heytor da Silueira se ajuntou em huma pinha com toda a gente, que serião quinhentos homens, onde todos em roda fizerão tal obra com as espingardas, matando e aleijando tantos mouros, que nom ousauão chegar, e os nossos com muyta ordem assy çarrados em hum corpo os forão seguindo até os pôrem em desbarato fogindo, que no castello nom fiqou ninguem, e ficarão os nossos senhores do campo, e no lugar acharão muyto fato, que roubarão cada hum o que póde, que tinhão escala franca, e derão fogo em tudo, que fiqou feito cinza, e tomarão muyta artelharia de ferro, que foy deitada no mar porque nom seruia nas nossas embarcações, e se tornarão á costa, destroyndo muytos logares, matando e catiuando muyta gente, que a fralda do mar com tres legoas pela terra dentro era toda despouoada, e o tanadar de Taná, porque Heytor da Silueira lhe nom fosse fazer mal, se fez tributario e pagou dous mil pardaos d'ouro; com que Heytor da Silueira nom entendeo com elle, porque deu carta de os pagar cada anno. E porque derão aquy noua a Heytor da Silueira da gente que era morta no Argao em Chaul, se foy lá secorrer, onde daua a toda a gente grande mesa, aos de sua armada e da forteleza, que todos o acompanhauão. De que o capitão andaua agastado

e se quis vingar, e com pouqa rezão mandou prender hum homem d'armada; do que Heytor da Silueira se nom quis dar por achado, mas topando com o capitão na ribeira lhe dixe: «Senhor Francisco Pereira,» «o acatamento que vos faço o faço a ElRey nosso senhor, cuja esta for-» «teleza he, e estaes em guarda d'ella com nome de capitão dos que» «comuosco estiuerem; que se ysto nom fôra vos prometo que o homem» «que mandastes prender de minha armada eu o fôra tomar ao tronqo,» «e quantos achara dentro os mandara leuar á minha galé. E vos pro-» «meto que se outro homem me prenderem, que ao meyrinho e ouvi-» «dor hey de mandar meter a banqo na galé, donde os vós nom aueys» «de vir soltar.» O capitão querendo responder, Heytor da Silueira lhe virou as costas e o nom quis ouvir. O capitão mandou fazer auto e tirou estormento pera mandar ao Gouernador. No que assy estando chegou Antonio da Silueira, mandado polo Gouernador como já atrás fica, a que Heytor da Silueira entregou 'armada, e se foy pera Goa.

O Gouernador, despachando em Goa as cousas pera fóra, mandou Christouão de Mello, seu sobrinho, em huma galé e seis fustas, que se fosse andar com Antonio de Miranda. Os quaes forão a rio de Chale, e pelejarão com muytos mouros, que estauão em doze paraos grandes muyto armados de gente e artelharia, que estauão prestes pera sayrem em guarda de huma grande nao d'ElRey de Calecut, que estaua no rio carregada de pimenta pera passar a Meca; e queimarão quatro dos paraos, e os outros oito com a nao tirarão do rio, que mandarão a Cochym. N'este feito forão mortos cinqo dos nossos, e muytos feridos, porque os paraos estauão encadeados feitos em tranqueira com muyta gente, em que a peleja foy muy grande todo meo dia; mas dos mouros forão muytos mortos.

E andando assy, hindo Christouão de Mello ao Monte Fremoso de longo da terra com doze fustas e catures, com o terrenho topou com armada de corenta paraos, que hião de Calecut a buscar arroz; os quaes vendo os nossos derão gritas e se meterão pola bolina a remo e vela, pondose a balrauento dos nossos, tirandolhe com muyta artelharia; e outros paraos ficauão ao mar, e tanto apertarão a Christouão de Mello que nom teue remedio senão varar per antre os paraos do mar, fogindo aos da terra; onde ao passar per antre elles lhe fizerão muyto mal de gente morta e ferida, e velas rotas. Todauia passou pelejando fortemente, e foy

correndo pera o mar, e os paraos todos após elle. Antonio de Miranda vinha largo ao mar, que auendo vista dos paraos, que seguião após os nossos ás bombardadas, elle com vinte e duas velas que trazia se meteo pola bolina pera terra, até que os paraos lhe ficarão a sotauento, o que vendo os paraos o que fazia Antonio de Miranda prestesmente tomarão as velas e a remo se tornauão pera a terra; mas Antonio de Miranda se espalhou com 'armada, que os paraos nom puderão passar pera terra senão per antre a nossa armada. O que vendo Christouão de Mello se concertou o melhor que pòde, e seguio após os paraos, que alcançou na detença da peleja d'Antonio de Miranda com elles; onde ficarão noue arrombados e a gente no mar, a que os calures matauão ás lançadas. Os outros paraos, alguns mal auiados, se forão a terra com o remo fogindo quanto podião, porque o vento era calma; mas logo veo a viração, com que os nossos ficarão d'auantagem, que estauão no mar, que á vela e remo forão descarregando sobre os mouros, que se forão varando em seqo, com que ficarão os paraos na praya, que os nossos queimauão, em modo que ficarão perdidos e tomados vinte e dous. Os outros se saluarão por ligeireza de bom remar. E porque já era em abril, e auia treuoadas d'entrada de inuerno, Christouão de Mello se foy pera Goa em huma galé, e Antonio de Miranda com a outra armada se recolheo a enuernar em Cochym, que assy o tinha por regimento.

CAPITULO XII.

O REY D'ACHEM, AJUDADO POR SANA RAJA, ARMA TRAYÇÕES A GRACIA DE SÁ, CAPITÃO DE MALACA, PERA LHE TOMAR A FORTELEZA. LOPO VAZ REFORMA A ARMADA. SEU ELOGIO [1].

E porque n'este anno de 529 nas partes de Malaca se passarão algumas cousas as contarey aquy, por n'om tornar depois atrás.

Chegando Gracia de Sá a Malaca, Jorge Cabral lh'entregou a forteleza, e se veo pera' India em hum junqo seu com sua fazenda; digo que Pero de Faria entregou a forteleza a Gracia de Sá, que Jorge Cabral já

[1] Tambem falta no original o summario d'este capitulo.

ficaua na India. Onde assy chegado Gracia de Sá, ElRey d'Achem, que tinha muyto cuidado de suas trayções, espantado porque Pero de Faria lhe nom mandara reposta a tantas vezes que lhe mandara dizer que mandasse pola galé e polos catiuos, o que secretamente mandou perguntar ao bendará de Malaca, que se chamaua Sana Raja, com que tinha suas enteligencias de grandes amigos, a que mandaua grandes dadiuas porque lhe mandaua auiso de quanto os nossos fazião; o qual lhe mandou reposta de tudo o que era passado, e como morrera no mar Antonio Caldeira que lhe leuaua reposta; e por estar Pero de Faria muyto certo em su'amizade nom dera ajuda a ElRey [1] * de Daru * contra elle. Do que de todo enformado o Rey d'Achem logo mandou seu embaixador a Gracia de Sá, que com seguro entrou em Malaca, e primeyro que désse a embaixada segundo seus costumes andou polas ruas em cima de hum alifante, com hum bacio d'ouro nas mãos e n'elle a carta pera Gracia de Sá, apregoando que o Rey d'Achem era amigo dos portugueses e com o capitão vinha assentar a paz, e hum homem diante tangendo huma bacia, que ysto apregoaua em grandes brados: e foy dar ao capitão sua embaixada, de que a sustancia erão desculpas do que aquecera a Simão de Sousa Galuão, e estaua prestes pera entregar os catiuos, e galé e 'artelharia, do que mandara já muytos recados a Pero de Faria; e que lhe mandasse hum homem honrado pera com elle concertar a paz, que muyto desejaua por ter sua terra em paz. Gracia de Sá, crendo que ysto era verdade, fez muyta honra ao embaixador e aos seus, e * o * despedio logo, mandando com elle outro com a reposta. A que o Rey fez ao nosso grandes honras, e lhe deu manilhas d'ouro que trouxe no braço direito, que he a mór honra que lhe podia fazer, com os portugueses catiuos presentes; porque este embaixador era hum homem malayo de Malaca, muyto honrado, que foy em huma sua lanchara, muyto concertado e acompanhado. O qual o Rey d'Achem despedio, e sayndo da barra foy morto com todos, que nenhum nom fiqou viuo, que o Rey d'Achem secretamente os mandou matar. Mas nom tornando cuidou * Gracia de Sá * que se perdera no mar, mas soube das grandes honras que lhe o Rey fizera. E passando alguns dias o Rey d'Achem tornou a mandar outra messagem a Gracia de Sá, que se espantaua como lhe nom mandaua recado e

[1] * d'Achem * Autogr.

confirmar a paz. Gracia de Sá, nom tendo de nada sospeita, ordenou mandar Manuel Pacheco, que sabia bem a lingoa malaya, em hum galeão nouo bem artilhado, e bons homens, que folgarão de hir por leuarem mercadarias que lá muyto valião; com que se ajuntarão mais de oitenta homens portugueses, que forão no galeão com fazendas que valião vinte mil cruzados. Da qual cousa Sana Raja mandou logo auiso ao Rey d'Achem, affirmandolhe que no galeão hia a melhor gente de Malaca; que se elle tomaua o galeão que elle tomaria *a* forteleza, que a gente que fiqaua era pobre e doente. Tendo *o* Rey este recado fez prestes muytas lancharas com muyta gente, que chegando o galeão á vista da barra sayrão fóra com duas carregadas de refresco, e n'ellas hum dos catiuos que o apresentasse ao capitão, e que fosse boa sua vinda. O galeão foy sorgir na barra, e as lancharas, que erão vinte, andauão remando e folgando como de recebimento; mas os que hião no galeão quando virão tantas lancharas com tanta gente dixerão a Manuel Pacheco que nom consentisse que tantas lancharas chegassem ao galeão, e que deuião d'estar prestes, porque os mouros trazião máo proposito. Mas Manuel Pacheco nom deu por ysso, e as lancharas chegarão ao galeão, e o cerqarão todo, e entrarão os mouros todos de supito por todas partes matando e ferindo os nossos, que nom ouve vagar de tomar lanças, e forão mortos, e tomados todos ás mãos e atados os leuarão ao Rey, e o galeão meterão dentro, de que tirou 'artelharia e o mandou queimar; que com esta artelharia, e com a da galé e da forteleza, tinha mais que a forteleza de Malaca. E então mandou polos alifantes matar e espedaçar todolos portugueses e os catiuos; e de muyto soberbo logo mandou su'armada a guerrear Malaca, e dar fauor [1] *a* Sana Raja, que lhe mandara dizer que tomaria a forteleza, pera o que alguns das lancharas, dessimuladamente pouqos e pouqos, andauão por Malaca pera acodirem quando comprisse; de que alguns se ajuntarão a folgar e comer fóra da cidade, junto de hum tanque, onde se embebedarão, e estando alegres da bebedice contauão huns a outros tudo o que o Rey d'Achem tinha feito, e o concerto em que estaua o Sana Raja de tomar a forteleza. O que ouvido, alguns homens malayos o forão dizer ao capitão, o qual mandou chamar a Sana Raja, que foy sem nenhuma sospeita, o qual o capitão man-

[1] *de* Autogr.

dou deitar da torre abaixo. E assy quis Deos liurar a forteleza d'este perigo por sua misericordia.

Lopo Vaz de Sampayo, pera o apercebimento d'armada de Nuño da Cunha, e em tempos diuersos, fez seis galeões, e a taforea, nao de quinhentos tonés, seis galés reaes, oito galeotas, quatro carauellas, cinqoenta bargantys e fustas, que mandou fazer de paraos malauares, que lhe tomou nas armadas que lhe desbaratarão em seu tempo, que passarão de cento e cinqoenta per vezes, que se gastarão seruindo. E 'armada que tinha junto pera Nuno da Cunha forão catorze galeões, oito galés, dez galeotas, seis carauellas, duzentas fustas e bargantys nouos e renouados. E repairou as fortelezas de todo o necessario. A Ormuz na forteleza diante da porta * fez * hum baluarte, que foy grande bemfeitoria, e acabar cubellos que estauão por acabar, emadeirar os terrados, e os argamassar, e a igreija, que estaua danificada. E em Chaul sobradar a torre da menagem, e hum cubello nouo pera o alcayde mór, e fez hum caes de pedra, e duas casas pera almazens pera mantimentos e artelharia. E em Goa concertou parte da chapa, e fez o cubello da porta do Mandouim, e concertou de nouo o mosteiro de São Francisco. E em Cananor fez grande cerqua por fóra da pouoação, com que fiqou de dentro o poço d'agoa que estaua de fóra, e larga caua, e no meo hum cubello que guardaua a caua pera o mar e pera a baya; e repairou todo o muro, e fez huma torre de menagem de dous sobrados, muy forte, com grande sala no aposento do capitão, e fez huma grande casa pera feitoria. E em Cochym concertou os muros e cubellos da banda da cidade e de longo do mar. Foy esforçado caualleiro, e querençoso de sempre trabalhar em guerra, e muyto constante na justiça, castigando os malfeitores. Homem amigo de Deos, e casto, que em quanto gouernou nunqua lhe sentirão molher; homem feito á boa fé, fóra de vaidades nem senhorias, companheiro com todos, assy na paz como na guerra, e a todos * guardando * boa cortezia; homem de bom corpo, rostro bem assombrado, e aos fidalgos fazendo muytas mercês, e á gente pagando soldos e mantimentos, que passarão de tresentos mil cruzados em seu tempo. E com tudo ysto, e outras bonanças que tinha e fazia ao pouo, sempre foy auorrecido das gentes, polo odio que lhe tomarão das deferenças de Pero Mascarenhas, que entenderão que tyranicamente lhe tomára a gouernança, e vendo que se nom queria poer em justiça, que indaque foy julgado por sentença,

todos a ouverão por falsa e peytada: o que causou este odio que lhe o pouo da India tomou, que lhe querião mal, e nada lhe agardecião de quantos beus fazia, e folgarão *de* o verem preso e auexado, e que em Portugal fora julgado que nom era Gouernador. Assy que d'este mundo ninguem leua mais que o bem que faz com a esperança na misericordia de Nosso Senhor, que he verdadeyra verdade pera sempre, amen.

Deo gracias.

LENDA

DO

GOUERNADOR NUNO DA CUNHA,

QUE PARTIO DO REYNO O ANNO DE 528, E PASSOU Á INDIA O ANNO DE 529.

JESUS

CAPITULO I.

NA Lenda de Lopo Vaz de Sampayo, atrás ás folhas duzentas e oitenta e duas, contey da chegada d'Antonio de Saldanha a Cochym, que deu nouas d'armada do Gouernador Nuno da Cunha, que partira do Reyno em abril do anno passado de 528 ; contando as naos, e capitães que n'ellas vinhão, de que se apartara com temporal, e que nunqua o mais vira ; e que com Nuno da Cunha deuia de correr toda outra armada. O que assy foy, que o Gouernador correo com o temporal, com que 'armada se apartou, e abonançando se tornarão 'ajuntar, sómente Simão da Cunha, dom Fernando d'Eça, Francisco de Mendoça, que correrão e dobrarão o cabo e se forão a Moçambique, e o Gouernador seguio seu caminho, hindo seu irmão Pero Vaz em muyta necessidade d'agoa, porque na tromenta a sua nao deu hum balanço com que se lhe arrombarão quantas pipas trazia. Sobre o que o Gouernador falou com os pilotos, e assentou hir buscar a

N̊·DA CVNHA

ilha de Santa Apelonia, que tem muytos rios d'agoa doce, e muytos aruoredos, e aues e pescados; e nauegando pera lá lhes deu outro temporal, que durou hum dia e meo, e achauão estes temporaes porque assy vinhão tarde fóra dos tempos de monção. E com este temporal se apartarão todos, e Gracia de Sá fez caminho só, e achou tempo com que passou á India, como já dixe. E passado o temporal com que errarão a ilha de Santa [1] * Apelonia, nom * se acharão com o Gouernador mais que seu irmão Pero Vaz e dom Fernando de Lima, que os outros seguirão seu caminho como puderão e forão ter a Moçambique. Pero Vaz, com o Gouernador e dom Fernando de Lima, auendo todos fala, e * com * os pilotos lhe dizerem que se achauão por fóra da ilha de São Lourenço, per conselho d'elles forão demandar a ilha, pera tomarem boas agoadas que dizião que sabião, e auendo vista da ilha forão tomar na boca de hum rio d'agoa doce, onde sorgirão, e deitarão os batés fóra, que com pipas forão entrar no rio e tomarão agoa. Onde veo da terra hum homem que bradou falando portuguès; o qual forão tomar e o leuarão ao Gouernador, que lhe contou que se saluara do nauio de Pero Vaz o Roxo, que o anno passado se perdera na mesma ilha d'ahy perto, e elle estaua ally porque a gente da terra lhe fazia bem, e lhe tinhão contado que ally na boca d'este rio se perdera Manuel de Lacerda, e toda a gente no batel se saluara na terra, e que juntos caminharão pera atrauessar a ilha á outra banda de Moçambique, pera ahy tomarem embarcações em que se fossem; e nom soubera mais que d'elles se fizera, porque ally se deixara sempre estar. Onde ally viera ter com elle hum homem d'elles, que lhe contara que hindo assy os nossos juntos ouvera a gente da terra medo d'elles, e os fizerão apartar huns dos outros, quatro, seis, e cinqo, e que assy andassem; mas que todauia lhe parecia que os da terra ysto nom fizerão senão polos matarem a todos, e cria que todos erão mortos, que nunqua mais soubera nouas d'elles, sómente este homem que lhe ysto contara, o qual se fôra tambem, e nom sabia d'elle parte. Estando assy fazendo agoada auia dous dias dandose grande pressa, huma tarde o mar se foy aleuantando már de leuadia, que chegando ás naos as fazia dar grandes arrancadas e balanços, e mórmente a nao do Gouernador, que casy tomaua agoa por bordo, ventando do mar trauessão, com que as

[1] * Apelonia E nom * Autogr.

naos se nom puderão aleuantar pera se fazerem á vela, nem os batés, que estauão no rio, nom puderão sayr do rio, porque na entrada rebentaua muyto o mar; com o que as naos forão caçando, com que deitarão quantas amarras tinhão. E porque a nao do Gouernador nom soffrio tanto como as outras, e foy arrastando seis ancoras que tinha, com que foy dar em hum alfaque tão fundo que as ancoras nom prenderão no fundo, e foy encalhar em arêa, que logo abrio e se arrasou d'agoa, que sómente os castellos parecerão, o Gouernador com o cofre e suas milhores cousas se passou á nao de seu irmão, porque nom chegauão á nao tamanhos mares; e ao outro dia o tempo abonançou, com que os batés sayrão do rio, que passarão a gente e o Gouernador ás naos, com algum fato de sobre a cuberta. Então das outras tomarão as amarras e ancoras da nao do Gouernador, e as [1] *vergas* e todo o que ouverão mester, e derão fogo á nao; e as outras se fizerão á vela caminhando pera Zanzibar, onde no caminho, de noite sem saber por onde hião, entrarão em huma enseada e achando bom fundo sorgirão; mas quando amanheceo nom souberão os pilotos por onde entrarão nem por onde auião de sayr, porque os canaes erão tão estreitos que os nom entendião; com que ficarão em muyta toruação. Então o Gouernador mandou Manuel Machado, capitão dos seus alabardeiros, com alguns d'elles, que fosse a terra a huma pouação que parecia, e tomasse alguma lingoa. O qual foy no esquife, mas chegando pera desembarcar acodirão os negros do lugar com frechas, e páos tostados como azegayas, com que lhe tanto tirarão, e com pedras de fundas, que nom pôde sayr a terra, e lhe matarão dentro no esquife hum homem, que passarão com [2] *dous* páos, e das pedras ferirão outros; com que se tornou á nao. O que vendo Pero Vaz pedio licença a seu irmão e foy a terra no batel com cincoenta homens armados, que chegando a terra que os negros os virão apanharão seu fatinho e fogirão, deixando as casas despouoadas, onde os nossos nom acharão cousa viua, e Pero Vaz nom consentio que lhe queimassem as casas, e falando com homens fidalgos, que com elle forão, sobre o remedio de poderem tomar homem da terra que os encaminhasse como as naos d'ally sayssem, hum mancebo fidalgo, chamado Diogo de Mello, e hum seu irmão João de Mello, filhos do abbade de Pombeyro, se conuidarão a fi-

[1] *veras* Autogr. [2] *dos* Id.

carem em terra escondidos antre huns heruaçaes grandes, que hy estauão perto das casas, e que trabalharião por tomar algum homem; mas que compria que o batel estiuesse perto pera lhe acodir, se comprisse. O que lhe muyto agardeceo Pero Vaz, dizendo que elle os agardaria toda a noite no batel. O que assy ficarão, que era sobre a tarde; onde assy estando já casy noite quis Deos por sua misericordia que veo ao longo da praya hum velho em huma almadia, só com hum seu filho, que vendo o batel, que estaua detrás de huns penedos, se foy a terra. Ao que os do batel bradarão, e acodirão os dous irmãos que estauão no mato, e os tomarão, que com grande medo nom souberão fogir e ficarão como esmorecidos; os quaes tomados se forão ao Gouernador, onde o português que estaua na ilha falou com o velho e o segurou que nom ouvesse medo, porque nom lhe farião mal, mas muyto bem se désse caminho por onde as naos d'ally sayssem. O velho folgou de ouvir assy falar sua fala, e descansou, e disse que elle mostraria o canal, porque era piloto, que outro nenhum o podéra mostrar como elle. Com que ouve muyto prazer, e o Gouernador lhe mandou dar de comer, e hum pedaço de panno vermelho e huma bainha de facas, com que o velho mostrou muyto prazer; e o Gouernador prometeo aos dous irmãos que lhes faria mercê na India, por assy se offerecerem a tão bom seruiço. E ao outro dia o mouro mandou dar as velas, e tirou as naos por huns canaes que foy cousa d'espanto; com que todos derão muytos louvores a Nosso Senhor. E sendo fóra o Gouernador deixou hir o velho em sua almadia pera terra, e as naos nauegarão e forão ao porto de Zanzibar, onde a gente muyto se restaurou, que vinha muyto doente, que erão muytos. E porque já o tempo da monção era passado pera hir pera a India, o Gouernador assentou de hir enuernar a Bombaça, que tinha bom porto e terra muyto auondada de todolas cousas e fruytas. E porque nom póde agardar tanto que a gente toda fosse sã, deixou ahy os doentes, porque a gente da terra erão muyto nossos amigos, e deixou mais duzentos homens, e por seu capitão Aleixos de Sousa Chichorro, homem fidalgo, que folgou de se encarregar d'ysso, e o Gouernador lhe deixou recado que sendo a gente sã se fossem em zambuqos, e os leuasse a Melinde, que ahy o acharião. E se partirão as naos.

CAPITULO II.

COMO O GOUERNADOR TOMOU A CIDADE DE BOMBAÇA, E O QUE HY PASSOU.

Partio o Gouernador e foy demandar Melinde, onde chegou, e achou hy Diogo Botelho Pereira, que viera de Bombaça, onde falecera seu irmão Duarte da Fonseca, e ally tinha ambas as carauellas; que deu conta ao Gouernador do que passarão em sua viagem, que buscauão dom Luis de Meneses, como já disse. [1] * Da * qual carauella de Duarte da Fonseca deu a capitania a hum Luiz d'Andrade, que mandou partir logo, que fosse a Ormuz dar noua de sua vinda, e que ficaua em Bombaça, onde auia d'hir enuernar. Onde aquy em Melinde a gente se meteo tanto no comer que adoeceo muyta gente; e porque Melinde era costa braua e as naos corrião risco se lhe désse temporal, logo se despedio d'ElRey, que lhe fez sempre muytas honras, e partio pera Bombaça, e ficarão os doentes, e Jordão de Freitas, homem fidalgo, com o cargo d'elles, e que como fossem sãos se fosse com elles a Bombaça em zambuqos; e porém agardasse por seu recado. Hindo o Gouernador com as duas naos e naueta de Diogo Pereira ao longo da [2] * costa, em * huma enseada achou huma fusta com quatorze homens, que na costa andauão alcuantados, de que era capitão hum Pero Peixoto; os quaes forão ao Gouernador pedir misericordia, que os perdoasse. Do que aprouve ao Gouernador, e lhe forão falar, e derão toda' conta das deferenças de Pero Mascarenhas e Lopo Vaz, e de todo o que era passado, e o Gouernador os mandou de noite hirem diante das naos, e assy chegou á barra de Bombaça, onde sorgio. O que vendo o Rey logo lhe mandou seu recado, dizendo que folgaua com sua vinda, e se ally quigesse enuernar e estar até monção pera partir pera' India, lhe mandaria leuar a bordo das naos agoa e leynha quanta ouvesse mester, de graça, e todolas outras cousas, por dinheiro, que ouvesse na terra, de boa vontade; mas que ysto auia de ser com nom desembarqar ninguem em terra senão quem fosse comprar as cousas. O Gouernador lhe respondeo que elle vinha ally enuernar, e que

[1] * a * Autogr. [2] * costa onde em * Id.

auia de pousar nas suas casas, que por ysso logo as despejasse, e todolas outras casas derrador, pera n'ellas pousar a sua gente. Com a qual reposta se tornou o messigeiro. Onde n'este tempo chegou á barra Jordão de Freitas em dous zambuqos com a gente que ficara em Melinde.

Pero Peixoto e os outros portugueses da fusta mostrarão ao Gouernador hum baluarte que estaua á mão direita da barra, e lhe disserão que n'elle estaua huma saluagem e huma mea espera nossos [1], e falcões e roqueiras de ferro, e o canal era per junto d'elle, mas que era largo. Então o Gouernador mandou que toda a gente fosse baixa nos nauios por amor d'artelharia, e mandou entrar a fusta diante, que fosse mostrando o canal, e após ella a carauella, e logo Diogo Botelho, e Pero Vaz, e o Gouernador derradeyro, todos á vela, traquetes e mezenas, com muytas bandeyras todos, e o Gouernador tangendo trombetas, e atabales e charamelas, que elle foy o primeyro que as trouxe á India. O baluarte tirou com a peça grossa e desfez o castello de proa a Diogo Botelho, e lhe matou hum homem, e na carauella outro, que lhe quebrou a verga, e tirou outros tiros até descarregar todos que tinha carregados, que tambem nas naos tocarão alguns, que nom fizerão nojo; e forão sorgir no pouso, que era mea legoa do baluarte, onde na praya e muros da cidade pareceo muyta gente, e as portas da cidade tapadas, tirando alguns tiros fraqos ás naos. E sendo noite o Gouernador mandaua o esquife ver o desembarcadoiro da praya. Ao que lhe disse hum mouro piloto, que fôra com Jordão de Freitas, que nom fosse á praya, que era aparcelada e os batés nom poderião chegar, e a gente sayria com 'agoa pola cinta, que primeyro que chegasse á praya lhe farião mal; e lhe mostrou huma mesquita, que estaua abaixo da cidade hum tiro de bésta, em que a gente podia saltar em terra. Com que o Gouernador muyto folgou, e mandou fazer a gente prestes, que serião até oitocentos homens, gente limpa bem armada, em que auia muytas espingardas; e ante menhã foy desembarqar á mesquita, que o piloto foy mostrar, onde desembarqou toda a gente á sua vontade. O Gouernador fez esquadrões da gente. Deu o dianteyro a Pero Vaz, o outro a dom Fernando, e elle no outro. Na cidade foy sentido que os nossos desembarcauão, mas nom sayrão a defender nada. O Gouernador caminhou, e chegando perto do muro lhe tirarão muytas

[1] Está riscado *nossos* com tinta mais preta que a do texto.

frechas e alguns espingardões, e acodio muyta gente a defender a entrada das ruas, que estauão abertas por aquella parte; mas a profia nom foy muyta, porque como os mouros sentirão o picar dos fayns logo afrouxarão, e os nossos entrarão após elles, que logo forão em fogida, e os nossos após elles. O que sabendo o Rey que os nossos erão entrados na cidade, logo fogio com os de sua casa, porque as molheres e bom fato já o tinha posto em saluo. Dom Fernando tomou por huma rua; atrauessando a cidade foy ter com hum capitão do Rey, que acodia com muyta gente muy valente, que vendo os nossos sayo diante dos seus, e remeteo com dom Fernando com hum cofo é traçado, mas dom Fernando o encontrou com a lança, que o passou da outra banda; mas o mouro d'endiabrado se correo pola lança assy passado como estaua, e foy ferir dom Fernando nos peitos com o zaguncho, que tomou a outro e lhe passou as coyraças e cayo morto; e os outros logo fogirão fóra da cidade, e se forão pera onde estaua o Rey, que era além de hum esteyro mea legoa, junto de hum mato onde se fez forte. Pero Vaz seguio outra rua, porque tambem foy o Gouernador direito ás casas d'ElRey, nom achando com quem pelejar, que já todos erão fogidos. O Gouernador se aposentou [1] *nas* casas d'ElRey, que erão muy nobres de lauores, como erão todas as casas da cidade, em que se achou pouqo que roubar, que já tudo era despejado, sómente se acharão muytos mantimentos. Polo que o Gouernador defendeo com grandes penas que ninguem pusesse fogo, nem danificasse os mantimentos. E a gente se aposentou polas casas, que erão sobradadas e muyto boas. Ao outro dia o Gouernador mandou dom Rodrigo de Lima, irmão de dom Fernando, com dous bateys e com gente tomar o baluarte, de que os mouros logo fogirão, com quatro arranegados que com elles estauão, que seruião de bombardeiros; mas fogindo tirarão frechas a montão perdidas, que huma ferio a dom Rodrigo, que morreo d'ella, porque tinha peçonha. Trouxerão 'artelharia nos batés, e a meterão nas naos. O Gouernador mandou fazer fortes tranqueiras nas ruas que vinhão ter ás suas casas, e de dentro d'ellas toda a gente aposentada, e nas tranqueiras fez capitães, que tinhão vigia de noite. O que o Gouernador fez por ter a gente descansada; mas os mouros escondidos entrauão de noite e leuauão de suas casas o que deixarão

[1] *as* Autogr.

escondido, e vendo que os nossos assy estauão recolhidos, e que de noite nom sayão, elles por mostrar valentia e dar apressão aos nossos, de noite vinhão em magotes, e dauão rebate nas tranqueiras, tirando muytas frechas perdidas. No que se tanto desmandarão que toda a noite nom cessauão. O que o Gouernador ouve por enjuria, e se ordenou hir dar no arrayal d'ElRey, e quis primeyro mandar vêr o caminho e o assento do arrayal. Ao que se offereceo Diogo de Mello; de que o Gouernador folgou. O qual de noite foy com seu irmão Tristão de Mello, e outros dous companheiros, que leuarão tal auiso com huma guia que leuauão, que chegarão junto do arrayal e virão tudo, onde por acerto hum mouro veo ter com elles, o qual bradou e elles o matarão, e leuarão hum braço, que mostrarão ao Gouernador, porque nom puderão leuar a cabeça porque a trazia rapada. Ouvidos os brados do mouro no arrayal ouve grande aluoroço, mas sendo menhã, que acharão o mouro morto, entrou grão medo no Rey, dizendo que os seus de noite entrauão na cidade e hião ás tranqueiras dos portuguesescs a pelejar, e os nossos com ysso o hião buscar ao arrayal. Logo se aleuantou e meteo polo mato dentro mea legoa, onde os nossos nom podião hir. O que sabido do Gouernador o que fizera Diogo de Mello, polo que os mouros se aleuantarão com seu arrayal, folgou muyto, e repousou e esteue passando tres meses d'inuerno até fim de março; onde lhe adoeceo de febres muyta gente, e morrerão tresentos homens, e tambem faleceo Pero Vaz da Cunha, irmão do Gouernador; de que elle foy muy anojado.

Estando assy o Gouernador enuernando foy ter á barra huma nao grande que vinha de Meca, muyto riqa, com muyta gente, e rumes, os quaes vendo dentro no porto estas nossas naos prestesmente tornarão a leuantar a vela pera fogir; o que vendo o Gouernador mandou prestesmente a carauella e o bargantym, e dom Fernando e Lionel de Teiue em batés com berços e gente; o que vendo a nao que no mar nom se poderia saluar voltou pera terra e foy varar em terra, onde os nossos chegando os mouros se defendião muy fortemente com frechas e espingardões; ao que da terra lhe acodio muyta gente d'ElRey de Bombaça. Comtudo os nossos enxorarão os mouros e entrarão a nao, em que acharão muyta fazenda, que com a pressa do roubar nom tiuerão tento na maré que vasaua, e os batés e bargantym ficarão em seqo, e os nauios que estauão em nado ficarão longe, e sobre os batés acodirão enfinidade de mou-

ros, e mórmente sobre o bargantym, que estaua mais perto da terra, em que os nossos pelejarão até todos morrerem, mas matarão primeyro muytos mouros. E nos batés ouve muyta peleja, mas com os berços fizerão muyta resistencia, e todauia ouve alguns mortos e feridos. Aquy se vio que huma frecha passou hum homem e foy ferir outro. E vindo a maré os batés se sayrão, e fiqou queimado o bargantym, e corenta homens mortos, e muytos feridos, que depois morrerão. Com que se tornarão ao Gouernador, que houve grande pesar.

Christouão de Mendoça, capitão d'Ormuz, sendolhe dado recado do Gouernador que enuernaua na costa de Melinde e como andaua maltratado e a gente doente, mandou logo huma carauella e n'ella Pedraluares do Soueral, seu criado, carregada de trigo, biscoito, farinha, açuqere, arroz, tamaras, e muytas fruytas sequas e conseruas; e com bons tempos foy ter a Bombaça, auendo doze dias que se aquecera o mal da nao de Meca. Com o qual o Gouernador e todos ouverão muyto prazer, porque assy leuou tão bom secorro pera a necessidade dos doentes e feridos que auia. Onde assy d'ahy a quinze dias chegou ao Gouernador Bastião Ferreira no seu nauio, que mandara de Cochym Lopo Vaz e Antonio de Saldanha, que foy carregado de mantimento e amarras e cairo. Com o que todo o Gouernador ouve prazer, que de tudo tinha muyta necessidade, e mórmente * com * a noua de Gracia de Sá e Antonio de Saldanha serem passados á India. O qual Bastião Ferreira logo o Gouernador despachou que fosse a Melinde carregar de breu, e por elle escreueo a Lopo Vaz, muyto lh'encarregando que tiuesse concertada 'armada da India que em chegando auia d'auer mester, e que hia a Ormuz passar o inuerno da India, e em agosto, a Deos prazendo, passaria á India.

CAPITULO III.

DE COMO CHRISTOUÃO DE MENDOÇA, CAPITÃO D'ORMUZ, MANDOU POR TERRA NOUA A ELREY QUE NUNO DA CUNHA ERA CHEGADO Á INDIA.

Tanto que Christouão de Mendoça soube em Ormuz que Nuno da Cunha era na costa de Melinde, e de como os rumes nom passauão, e outras muytas sostancias das cousas d'Ormuz, falou com hum Antonio Tenreiro, que sabia muytas falas e fôra com Baltesar Pessoa ao Xequesmael,

e tinha grande entendimento dos costumes dos mouros, e orações com que se atreuia 'andar antre elles, e era d'esforçado espirito, e aceitou este trabalho e perigo com esperança de mercê que lhe ElRey faria, e Christouão de Mendoça lhe dando o que lhe pedio pera sua despeza, e carta de crença pera mercadores, que conhecesse, que hião tratar a Ormuz. O qual partio e se foy a Baçora, em que se embarqou, e foy polo rio acima corenta dias, que se diz que he o rio [1] Ufatres, e foy a hum logar onde estaua huma cafila que auia de passar o deserto, pera hir n'ella; onde chegado achou a cafila partida, onde pedindo ao Xeque guia que o leuasse elle lha nom queria dar, porque era grande risquo caminharem aquelle caminho sós duas pessoas, porque sómente as alimarias os comerião, que nunqua nenhuma pessoa andara aquelle caminho senão em cafila. Mas Antonio Tenreiro apertou tanto com o Xeque com juras da parte do Rey de Misey, que contra sua vontade lhe deu piloto, espantado de seu grande coração tal caminho cometer, e mórmente o piloto, a que Antonio Tenreiro em secreto deu boa paga. E concertados se partirão de noite, por nom serem vistos, e caminhou com o piloto, que se rege polos ventos como no mar, porque o caminho he arêa, sem estrada nem caminho, nem sinal nenhum, e o piloto de noite polas estrellas faz sua conta do caminho. E forão em dormedarios, que andão antre dia e noite vinte e cinco e trinta legoas, e em hum dia comem huma quarta de farinha, e bebem de quinze em quinze dias. N'estes dormedarios leuão h'uns seirões de gune, fortes, em que elles vão assentados e se deitão quando querem, e leuão agoa, biscoito, tamaras seqas, tasalhos de cabras e vaqas cosidos. Caminharão seu espantoso caminho ouvindo bramidos d'alimarias brauas de dia e de noite, e com muyto temor de ladrões alarues que andão por este deserto a roubar; mas os dormedarios, ouvindo bramidos de liões, que elles conhecem, fogem correndo huma e duas legoas. E caminharão vinte e dous dias, e chegarão a hum castello d'alarues, onde acharão huma cafila em que se meteo Antonio Tenreiro, que hia pera Alepo, e o piloto fiqou ally. E d'ahy a corenta legoas chegarão 'Alepo, cidade cerqada, pousada de mercadores, do senhorio do Turqo. Aquy falou Antonio Tenreiro com * hum * grande mercador conhecido de Christouão de Mendoça, a que mostrou a carta de crença,

[1] Eufrates.

e o mercador lhe deu despeza e auiamento, que foy em huma cafila pera Tripoli de Suria, tambem do Turqo; e de Tripoli se foy á ilha de Chipre, e d'ahy se foy a Italia, e d'ahy se foy a Portugal. A que ElRey fez mercê por seu trabalho, que vio que em tres meses lhe podia hir por terra recado da India.

CAPITULO IV.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE BOMBAÇA PERA ORMUZ, ONDE CHEGOU E LHE FIZERÃO GRANDE RECEBIMENTO, E TAMBEM CHEGOU MANUEL DE MACEDO, QUE PRENDEO RESXARAFO.

O Gouernador, tendo tempo de monção pera hir pera Ormuz passar o inuerno da India, estando pera partir, chegou Simão da Cunha, seu irmão, e dom Francisco d'Eça, e Francisco de Mendoça, que enuernarão em Moçambique, onde lhes morreo muyta gente, e lhe contarão ao Gouernador a perdição d'Afonso Vaz Azambujo, e de Bernaldim da Silueira, que se perdera no parcel de Çofala, de que nom escapara mais que hum só gromete, que veo ter a Moçambique. O Gouernador partio e foy seu caminho e a saluamento até chegar 'agoada de Teiue, onde ahy ao outro dia chegou dom Fernando d'Eça com os outros dous galeões de sua companhia do trato; e d'ahy se foy o Gouernador a Mascate, onde deixou os doentes, que erão muytos, e as naos de dom Francisco d'Eça, e de Francisco de Mendoça, e por capitão de todos dom Fernando de Lima, e com os outros nauios se foy a Ormuz. Ao que Christouão de Mendoça se fez prestes com grande recebimento, e o veo buscar ao mar cinqo legoas, com muytas terradas com toldos e bandeyras, e muyto refresco de carneiros, e galinhas, e perdizes, cada nauio com auondança, e com tangeres e festas. O qual o Gouernador recebeo com muyta honra, e lhe fizerão todos os nauios recebimento d'artelharia, e chegarão á forteleza, que estaua com ramos e bandeyras, que fez grande salua d'artelharia, e desembarcarão todos muy louçãos, e diante do Gouernador seus alabardeiros, e trombetas, atabales, e charamelas; onde o pouo da cidade era junto a vêr, e forão á igreija fazer oração, que era dentro na forteleza, onde pera todolos fidalgos e capitães Christouão de Mendoça tinha pou-

sadas e camas, e comer em muyta perfeição. Ao que logo ElRey mandou seu regedor visitar o Gouernador, afóra outra visitação que lhe mandara fazer ao mar. Ao que logo ao outro dia o Gouernador foy vêr ElRey, acompanhado com os fidalgos, e muyto vestidos todos, com seus tangeres diante. O qual ElRey recebeo á porta de huma sala; a que o Gouernador fez muy grandes cortezias, e assy ElRey a elle, e gasalhado aos capitães, e se assentarão em hum estrado de ricas alcatifas e muytas almofadas de brocado, onde logo trouxerão d'ElRey muytas peças de brocados, citys, damasquilhos d'ouro, que mandou repartir polos capitães e fidalgos, a cada hum como pertencia. E ao Gouernador deu vinte peças de brocados e damasqos de cardos d'ouro, e hum traçado, e cinta, e adaga tudo d'ouro e pedraria, que passou de dez mil xarafins o que lhe deu. De que o Gouernador se mostrou muyto contente com grandes agardecimentos. Com que com pouqas falas se despedirão, e o Gouernador logo lhe mandou huma espada de cabos d'ouro d'esmalte, muyto riqua, e huma tella d'ouro; onde sempre antre elle ouve muytas visitações e presentes que sempre lhe ElRey mandaua; o que assy fizerão os regedores e mercadores riqos da cidade.

E estando o Gouernador em Ormuz d'ahy a pouqos dias chegou do Reyno Manuel de Macedo, que ElRey mandou em hum nauio que fosse a Ormuz e prendesse Resxarafo, regedor do Reyno. O que lhe ElRey mandou que fizesse com tanto auiso que nom causasse aluoroço nem ouuião, porque d'ysso poderia vir grande escandolo na cidade, e podia recrecer algum grande mal. Do que se muyto encarregou Manuel de Macedo. E ElRey mandaua leuar este mouro a Portugal pera auer verdadeyra enformação dos roubos do Gouernador dom Duarte, e tambem pera saber as cousas d'Ormuz. Manuel de Macedo fez seu caminho com bom piloto que trazia, em hum bom nauio de duzentos tonés, e nom tomou nenhum porto senão agoada nas ilhas primeyras e em Çacotora, onde Nuno da Cunha nom tomara quando passou pera Ormuz. E foy Manuel de Macedo polo estreito d'Ormuz dentro, e foy tomar no cabo de Maçandão, onde soube que o Gouernador estaua em Ormuz, de que fiqou muy agastado, porque nom sabia o que o Gouernador quereria fazer na prisão do mouro, que era poderoso em dinheiro, e lhe daria alguma fugalasa de grossa dadiua que por ysso o mouro lhe daria. Olhando seus papés, que erão muy isentos do Gouernador, e tinha todo poder pera fa-

zer o que lhe ElRey tanto [1] * encarregara, assentou * comsigo mesmo de secretamente entrar em Ormuz e prender o mouro. Então fizesse o Gouernador o que quigesse como elle tiuesse satisfeito a sua obrigação, porque bem entendeo que o Gouernador auia de tomar esta cousa em ponto d'honra.

E com seu bom conselho comsigo tomado se arriscou a todo o que socedesse, porque ElRey quando o despedio lhe dixe que com lhe leuar este mouro seguraua todo o bem d'Ormuz, que ficaua pera sempre seguro d'aleuantamento e ouniões, e outros males que o mouro causaua por assy ser poderoso. Então Manuel de Macedo, querendo fazer este seruiço tamanho que ElRey d'elle confiara, embarcouse em huma terrada, leuando suas prouisões em que ElRey lhe mandaua que fosse direito a Ormuz, e com muyto segredo e auiso prendesse o mouro Xarafo, e o tiuesse em seu poder com muyto recado, e com elle se fosse á India se tiuesse alguma necessidade de cousa que em Ormuz nom podesse remediarse; mas nom tendo necessidade logo d'Ormuz se tornasse pera Portugal. Pera o que lhe ElRey deu prouisões como elle pedio, e grandes defesas e penas que pessoa alguma lhe nom fosse á mão, antes em todo o ajudassem como ouvesse effeito trazerlhe o mouro a Portugal. E partio do Reyno primeyro que as naos dous meses. Embarcouse na terrada com seus papés, e doze homens seus criados, de que confiou, e todos com sayas de malha e cascos cubertos com barretes, e deixou mandado ao piloto e mestre d'ahy a seis dias se fossem a Ormuz, que era d'ahy vinte legoas, onde Manuel de Macedo chegou ante menhã, e se desembarqou com seus homens de capas e espadas e com suas armas secretas, e foy atrauessando pela cidade á outra banda; e sabendo que as casas do mouro se seruião por dentro das casas d'ElRey, entrou, e foy a casa do mouro, que saya pera fóra, e Manuel de Macedo lhe falou com sua cortezia, e elle o recebeo com gasalhado, porque o conhecia do tempo que Afonso d'Alboquerque fizera a forteleza. E Manuel de Macedo o tomou polo mão, dizendo: « Senhor Resxarafo, vedes aquy huma carta » « d'ElRey, que vos manda, a qual vos hey de entregar perante o Go- » « uernador, porque muyto releua. Vamos lá. » O mouro, nom sospeitando nada, nem cuidou que então chegara do Reyno Manuel de Macedo,

[1] * encarregara em modo que assentou * Autogr.

se foy com elle á forteleza, acompanhado dos seus, como sempre andaua.

Quando Manuel de Macedo chegou á porta das casas do mouro mandou * por * hum seu homem ao Gouernador huma carta sua, em que lhe dizia que ElRey nosso senhor o mandara a prender Resxarafo, e que a ysso hia a suas casas; que sua senhoria o mandasse fauorecer, que sobr'ysso trazia d'ElRey grandes prouisões pera sua senhoria. O homem com esta carta chegou á forteleza e acertou de vêr o Gouernador a huma genella, e lhe falou: «Senhor, esta carta pera vossa senhoria releua» «muyto.» O Gouernador o vendo assy o estranhou, e vendoo com capa e sombreiro; e o mandou sobir, e tomando a carta 'abrio e vio que era de Manuel de Macedo, de que fiqou muyto espantado, e a lendo perguntou: «Que * he * de Manuel de Macedo?» O homem lhe dixe: «Se-» «nhor, está em casa [1] * de Resxarafo *. Vossa senhoria mande gente» «se ouver algum aluoroço.» O Gouernador, parecendolhe o caso muy graue, mandou logo Manuel Machado, capitão da sua guarda, que foy á pressa com muytos alabardeiros e outros homens que hy se acertarão, os quaes hindo acharão no caminho que vinha pera' forteleza Manuel de Macedo com o mouro mansamente, mas todos ficarão espantados vendo Manuel de Macedo chegado do Reyno.

Chegou Manuel de Macedo com o mouro ante o Gouernador * e * lhe dixe: «Senhor, aquy vos trago preso Resxarafo, que ElRey nosso» «senhor me mandou do Reyno a ysto sómente, e que eu lho leue a» «Portugal. Mandeme vossa senhoria dar casa segura em que o tenha» «seguro com bom recado; porque eu com elle hey de estar sempre» «de dia e de noite, com todas as mais seguridades que comprir, co-» «mo vossa senhoria verá que ElRey nosso senhor manda n'estes pa-» «pés.» E os tirou do seyo e deu na mão. O Gouernador estaua muy afrontado ouvindo o que dizião os papés, que nada n'elles nom podia desfazer nem bolir que nom ficasse encorrido no caso mayor; e mandou ao mouro que se assentasse, e disse: «Nom cuidey, Manuel» «de Macedo, que erês pera tanto; porque pera este negocio o Rauasco» «nom fôra tão sagaz pera tantas cautelas (o Rauasco era hum alcayde» «de Lisboa, grande malsim, e * de * sotilezas e muy diligente em mal fa-»

[1] * del Reyxarafo * Autogr.

«zer); porque postoque ElRey meu senhor per sy mesmo ordenara taes»
«enuenções de papés como vós pedistes, qualquer homem que tiuera»
«primor de algum bem os nom aceitára, e os trouxera com algum aca-»
«tamento mais do que os vós trazês pera mim, que tenho o cargo que»
«tenho. Nom vos podeys escusar de culpa, e que me errastes na boa»
«amizade e cortezia com que a mim deuerês de vir, com quanto segre-»
«do quiserês, e dardesme conta d'este caso como era rezão. No que eu»
«fizera tanto, e guardara o seruiço d'ElRey meu senhor milhor do que»
«vós nunqua sonhastes. Nem cuideys que o tendes muyto acertado. E»
«porque nom tomês algum achaque vos dou toda esta forteleza, e onde»
«vos milhor parecer vos agasalhai com vosso preso, que se eu pudera»
«entender com vosco pola cinta vos ouvera de mandar meter com elle»
«em huma corrente, por estar a milhor recado. Vós estai a vosso con-»
«tentamento onde vos aprouver, que eu nom vos hey de fazer cousa»
«que de mim possaes capitolar.» Manuel de Macedo, vendo o Gouernador tão agastado, nom ousou de falar, e mais que se vio comprendido no erro de que se queixaua o Gouernador, e lhe dixe: «Senhor, te-»
«nho em má ventura o escandolo que vossa senhoria de mim mostra,»
«porque certamente nom cuidey que assy fosse, porque eu nom fiz se-»
«não o que me ElRey mandou; o que lhe nom deuia de parecer tão»
«mal, pois a obrigação de seruir ElRey obriga ao filho contra o pro-»
«pio pay, e o pay contra o filho.» O Gouernador lhe disse: «Mal en-»
«tendeys meu agrauo, que nom he mais que dos bons ardis que déstes»
«a ElRey meu senhor, pera vos dar tão bons papés, em que vos tanto»
«honrastes que vos esqueceo o resguardo que me deuiês, que era Go-»
«uernador da India; que lhe ouverês de perguntar: e se achar o Go-»
«uernador, que farey? Se vós tal lhe perguntarês eu sey que Sua Al-»
«teza me nom tiraria o que vós cuidastes que me furtauês; e já que»
«ysto lá nom fizestes, e ElRey d'ysto foy esquecido, deuerês vós ser»
«lembrado que me achauês n'esta cidade, pera me terdes algum acata-»
«mento. Mas vós o fizestes de modo que mostrastes que mais fiara El-»
«Rey meu senhor de vós que de mim. Nom me deys rezões nem alter-»
«queys comigo, parecendouos que trazeys grandes endulgencias, por-»
«que com todas e outras mayores podeys hir ao inferno pela cortezia»
«que me nom catastes: e assy volo dirá quem quer a quem mostrar-»
«des vossas bullas. E porque me eu entendo, a mim mesmo me dou»

« por satisfeito. Sómente podeys crer que se vierês como vindes, saben- »
« do que eu aquy estaua, eu nom deixara de fazer o que ElRey meu »
« senhor mandaua até o ceo; mas vós comigo nom ouverês de ficar tão »
« compadre como agora vos hirês. Hide muyto embora arrecadar vosso »
« preso. » E querendo responder Manuel de Macedo, o Gouernador lhe disse que nom falasse palaura, que o nom queria ouvir; sómente se lhe faltasse alguma cousa que nom trazia nos papés lha mandasse pedir. Com que o despedio. Manuel de Macedo pedio ao capitão da forteleza huma casa, em que se meteo com o mouro e com os seus homens. O Gouernador mandou dizer ao mouro que se nom agastasse, que ElRey o mandaua chamar que o queria vêr pera lhe fazer muyta mercê; o qual recado lhe trouxe o capitão. O mouro respondeo, que já sabia falar algumas falas nossas: « Quando eu leuar o meu dinheiro nunqua medo. » O capitão lhe disse que leuaria quanto tiuesse.

Manuel de Macedo nunqua saya da casa, e estaua sempre com o mouro de dia e de noite, e com o mouro hum moço seu, capado, que lhe fazia seu seruiço e seu lauar. E em huma arqua meteo todos seus pannos, que Manuel de Macedo lhe mandaua lauar, que nunqua mais consentio que vestisse pannos que lhe trouxessem de fóra, com medo que o matassem com peçonha; e os comeres lhe fazia hum seu cosinheiro dentro em casa, que nom saya fóra, nem ninguem entraua nem ninguem falaua ao mouro, estando muyto bem tratado e elle muy desagastado.

O nauio chegou a Ormuz. Manuel de Macedo deu a guarda do mouro a hum seu primo, com porta fechada por fóra, de que elle leuaua a chaue na mão; e foy ao Gouernador pedirlhe licença pera se partir, estando muytos fidalgos presentes. O Gouernador lhe disse: « Honrado se- »
« nhor Manuel de Macedo, nom mostreys perante estes fidalgos que em »
« vossos papés viestes falto de licença pera vos hirdes, que pera tudo »
« tinestes muyta abelidade. Hiuos muyto embora quando quiserdes. Aquy »
« estão drogas que podeys leuar; pedias ao feitor, se quiserdes, e em »
« tudo seja feita vossa vontade. » Manuel de Macedo tinha já madurado mais seu conselho cuidando nas cousas que o Gouernador lhe dissera, e vendo que o Gouernador inda estaua com impetu, lhe dixe: « Senhor, »
« já dixe a vossa senhoria que tinha muyto pesar da paixão que toma- »
« ra em meu negocio; e assy o torno a dizer que antes quisera morrer »
« afogado no mar que vir aquy ter pera lhe dar desgosto. E deixando »

«ysto, que he do mundo, digo quanto ao d'ElRey nosso senhor, todo»
«o que fiz parecendome que o seruia nada errey, mas muyto acreecen-»
«tey em minha honra em fazer o que ElRey nosso senhor me man-»
«dou; e se lhe dey bons albitres pera a prisão do mouro milhores»
«lhos dera se os soubera, e pera todo comprimento de meu bom»
«seruir e lealdade contra meu pay lhos dera, se comprira; polo que»
«ninguem póde defraudar de minha honra que me nom ache cada»
«vez que me buscar. E se errey dême vossa senhoria qualquer cas-»
«tigo que quiser, que tudo soffrirey com paciencia por seruir meu Rey»
«e senhor.» O Gouernador se agastou muyto, e se aleuantou de huma cadeira em que estaua, e com muyta paixão lhe dixe: «Manuel de»
«Macedo, hiuos embora, que essas rezões são tão escudeiras que as»
«nom posso responder; sómente vos encomendo que vos nom gloriês»
«muyto *com* pareceruos que me offendestes. Se quiserdes, mando-»
«uos que logo vos partaes, e leuai o nauio carregado de drogas, se»
«quiserdes; e ao capitão que ahy está pedi tudo o que ouverdes mes-»
«ter, e a mim não, que a elle mando eu que volo dê. Ante mim nom»
«venhaes mais, que hum só pesar tenho, que por força vos hey de dar»
«cartas pera ElRey meu senhor. E lá sentirês se fizestes boa viagem.»
Com que o despedio. E logo o nauio foy posto a monte e muyto bem corregido do que lhe compria, e carregado de drogas; mas sendo carregado abrio tantas agoas que disserão os officiaes que nom podia hir ao Reyno; o que sabido do Gouernador mandou que se fosse á India e lá tomasse qualquer embarcação que quigesse. O que assy fez, que leuou o nauio assy carregado das drogas, que em Cochym o védor da fazenda Afonso Mexia carregou em outro bom nauio, em que se foy pera o Reyno; e porém o nauio lhe deu o védor da fazenda per huma carta secreta que lhe mandou o Gouernador. Foy Manuel de Macedo ao Reyno a saluamento, e entregou o mouro a ElRey, polo que lhe fez muytas mercês e honras, e o mouro esteue muyto bem tratado; com que ElRey folgaua de falar muytas vezes. Esteue muytos annos no Reyno e depois tornou a Ormuz com muytas honras e seu cargo de gozil, como adiante direy.

CAPITULO V.

DE COMO O GOUERNADOR MANDOU SIMÃO DA CUNHA A BAHAREM, QUE SE LEUANTARA CONTRA ELREY D'ORMUZ.

Como a noua da prisão do Resxarafo correo que o soube Resbarbadym, qne estaua por capitão da forteleza de Baharem, se aleuantou, parecendolhe que por mandado d'ElRey era preso o Resxarafo, que era seu grande amigo e o fizera capitão de Baharem, de que era como Rey e pagaua cad'anno corenta mil xarafins; mas a elle rendia mais de cem mil. O Rey d'Ormuz com a prisão do Resxarafo foy muy agastado, mas o Gouernador lhe mandou dizer polo capitão que se nom agastasse, porque ElRey o mandaua leuar a Portugal pera falar com elle sobre as cousas de dom Duarte e de Diogo de Mello; e que o prenderão porque se lhe disserão que fosse, que ElRey o mandaua chamar, ouvera medo que era pera lhe mal fazer e nom quisera hir, ou fogira, ou se defendera, do que se causarão alguns males; e outras muytas rezões, com que ElRey fiqou fóra de sua paixão, e mandou a Resxarafo suas cartas e cousas que auia de falar com ElRey de Portugal. Mas sabendo que Resbarbadym era por esse respeito aleuantado, e que perderia corenta mil xarafins que lhe pagaua cad'anno, e que logo se fizera forte com muyta gente de gornição pera se defender, se queixou d'ysto ao Gouernador, dizendo que pois elle era vassallo d'ElRey de Portugal e lhe pagaua tantas pareas, que elle Gouernador lhe deuia restituir Baharem, e tornarlho á sua obediencia, e principalmente porque o aleuantamento de Barbadym fôra pola prisão de Resxarafo. Polo que se elle Gouernador o nom fazia, como era rezão, que elle descontaria das pareas estes quarenta mil xarafins, que por sua mingoa perdia, que lhe rendia Baharem. O Gouernador mandou dizer a ElRey polo capitão que nom tinha rezão no que dizia; que mandasse elle dizer a Resbarbadym que Xarafo hia a Portugal a chamado d'ElRey pera logo tornar, porque o Barbadym cuidaua que ElRey mandaua preso ao Reyno o Resxarafo; e que por tanto nom tomasse escusa pera nom pagar as pareas. Sobre o que ouve tantos debates, no que El-

Rey muyto ensistio, com que o Gouernador o pôs em conselho com os fidalgos, que lhe disserão que elle Gouernador mandaua ElRey ordenado sómente a tomar Dio, que importaua mais tomarse que acrecentar mais corenta mil pardaos de pareas; porque dizia o Gouernador que mandaria conquistar Baharem pera ficarem os corenta mil xarafins acrecentados mais nas pareas d'ElRey, dizendo os fidalgos que mais auia de render Dio que dez vezes Ormuz, com tamanha honra pera Portugal, e que se elle Gouernador agora fosse sobre Dio, com a destroyção d'armada que lhe fizera Lopo Vaz e chegando elle de Portugal poderoso com sua armada, o tomaria, o que podia estoruar entender agora com Baharem, em que se auia de perder gente e tempo, que tardassem de nom hir á India a tempo que pudesse fazer nada; polo que nom deuia d'entender em Baharem, e entendesse no que mais compria. Outros falarão ao contrairo d'ysto, dizendo que ElRey d'Ormuz pedia rezão, porque assy estaua capitolado no assento das pazes; que bem se podia tudo fazer, hir a Baharem e a Dio; que nom era bem que faltassemos a ElRey d'Ormuz. O que assy pareceo bem ao Gouernador; no que logo assentou que fosse lá Simão da Cunha, por quanto perdendose a forteleza de Baharem recebia Ormuz grande perda, por ser por ally a mór escala de mercadarias que hião e vinhão; que nom era bem que Ormuz recebesse tamanha perda, que viria a ser perda d'ElRey de Portugal; e mais que ElRey faria boa ajuda 'armada que lá fosse. Então o Gouernador mandou fazer prestes 'armada, e mandou logo partir Belchior de Sousa, capitão mór do mar d'Ormuz, com quatro bargantys bem armados, que fosse gardar o mar de Baharem que a gente nom passasse da terra firme á ilha de Baharem. Com o qual ElRey mandou trinta terradas armadas que andassem com Belchior de Sousa, que logo partio.

E logo o Gouernador deu pressa que seu irmão partisse com oito velas, em que foy gente limpa, que serião quatrocentos homens, e casy todos espingardeiros; e forão com elle dom Fernando d'Eça, Tristão d'Atayde, Predraluares do Soucral, Fernandaluares Çarnache, Manuel d'Alboquerque, Aleixos de Sousa, Francisco de Mendoça, Jorge Gomes, homem riqo em hum seu nauio, Lopo de Mesquita, e Christouão de Crasto, Diogo de Mello, seu irmão, Tristão de Mello, Diogo Botelho, Jordão de Freitas, e outros bons fidalgos e caualleiros, e toda 'armada prouida do necessario, a que ElRey deu muyta ajuda. E se partirão com cincoenta

terradas d'ElRey, com boa gente frecheiros, com seu capitão. Tanto que Belchior de Sousa chegou a Baharem com as terradas que defendião a passagem da terra firme, o mouro cerquado, sabendo d'armada que auia de hir, ouve medo, e cometeo concerto que o deixasse passar á terra firme com suas molheres e filhos e fazenda, e toda sua gente, e lhe deixaria' forteleza liure e desembargada. Ao que Belchior de Sousa lhe respondeo que elle nom tinha poder pera aceitar o partido, mas que chegando o capitão-mór lhe obedecesse e * se * metesse em suas mãos, que era tal pessoa que tudo acabaria com ElRey d'Ormuz como ficassem amigos. Do que o mouro se ouve por bem aconselhado, e assy agardou até chegar Simão da Cunha com su'armada, que sorgindo, o mouro pôs logo na forteleza, que era forte de cubellos e torres com muyta gente pera se bem defender, pôs o mouro bandeyra branca, e logo mandou sua messagem a Simão da Cunha com o concerto que tinha dito a Belchior de Sousa, que foy com o messigeiro e falou o que dizia o mouro cerqado, e que lhe parecia muyto bem o concerto, e que o deuia d'aceitar, que era muyto sua honra de medo lhe obedecerem, e escusasse mais trabalho, pois o mouro e a gente e forteleza tudo era d'ElRey d'Ormuz, com que o mouro logo [1] * se auia de reconciliar e ser amigo. * O que tudo pareceo bem a Simão da Cunha, dizendo que folgaua com tão bom acerto pera logo se tornar e nom perder tempo pera a hida de Dio.

Mas aos fidalgos que estauão com Simão da Cunha nom lhe pareceo ysto bem, dizendo que melhor era ganhar aquella forteleza com a honra da lança que por concerto que pareceria peita; e que outro partido nom fizesse, saluo se o mouro se lhe entregasse pera o leuar e entregar a ElRey d'Ormuz, pois o viera buscar; e nom se perdesse a boa preza que tinhão na forteleza, se a tomassem por armas. A Simão da Cunha nom pareceo bem o que os fidalgos dizião, porque se incrinauão ao roubo. Sobre o que debateo, mas como vio a vontade de todos fez o que lhe dizião, e muyto contra sua vontade, e mandou dizer ao mouro que se lhe entregasse pera o leuar a ElRey d'Ormuz com suas molheres e filhos, e com ysto lhe nom faria mal. Mas o mouro, vendo tal reposta, tirou a bandeyra branca, e a pôs em baixo no muro e outra vermelha, dizendo que os nossos escolhessem qual quigessem. Os capitães folgarão

[1] * se auião de reconciliar e ser amigos * Autogr.

e os soldados polo roubo que esperauão, que lhe sayo ás vessas. Logo em terra se tirou 'artelharia e assentou em estancias, fazendo bataria, que fazendo os tiros buraqos logo erão tapados como que nom forão feitos. O que assy durou alguns dias, porque os muros nom cayão, sómente * se abrião * os buraqos. Com que Simão da Cunha fiqou agastado, vendo que os mouros tambem tinhão muyta artelharia e que a cousa auia de durar, e lhe foy falecendo a poluora. Ordenou que logo a fosse buscar a Ormuz hum bargantym e dar conta ao Gouernador do que passaua ; e ficando assy em calma a bataria, que tiraua muy pouqo por mingoa da poluora, os mouros tambem assy o fazião, e de noite falauão aos nossos, dizendo que forão soberbos e os nom quiserão deixar hir em paz ; que com a guerra ally auião de morrer todos. E assy estauão de vagar, até que com a lũa chea de setembro a gente começou 'adoecer de febres, de tal sorte que como cayão nunqua se mais aleuantauão e em pouqos dias morrião, porque erão desemparados das cousas de doentes. O que bem o soube o mouro Barbadym, e mandou dizer a Simão da Cunha que elle nom queria sayr a lhe fazer mal com mil homens que tinha muy sãos pera pelejar, e elle tinha tanta gente doente e toda lhe auia de adoecer ; que por tanto se deuia de hir embora antes que fosse mais mal. Mas ysto nom foy ouvido, porque chegou o bargantym d'Ormuz com a poluora, com que logo derão bataria com que cayo hum lanço de muro ; mas já a este tempo nom auia cinqoenta homens sãos. Com que Simão da Cunha andaua muy agastado, e por temer que os mouros sayssem a lhe tomar 'artelharia, que nom tinha gente que a defendesse, com grande trabalho retirou 'artelharia pera a borda d'agoa. E todo este trabalho era feito com ajuda da gente d'ElRey que vinha nas terradas, que por estarem no mar nom lhe empencia a doença ; que os nossos que estauão sãos erão os que estauão nos nauios. Então Simão da Cunha mandou recolher aos bateis 'artelharia, em que elle em pessoa trabalhaua, dizendo comsigo : « Mais mereço, porque são homem nouo que este an- » « no vym do Reyno ; mas se me outra tal aquecer com grometes hey » « de tomar os conselhos. Nem perdoe Deos a quem tanto mal causa n'es- » « ta pobre gente. » E mandaua recolher os doentes, que leuauão pendurados em mantas e em lençoes, que dauão grandes brados e gritos de suas dores. O que vendo o mouro cerquado mandou dizer a Simão da Cunha que se nom agastasse, e á sua vontade s'embarquasse, porque elle

nom lhe auia de fazer nenhum mal ; e que elle era catiuo d'ElRey d'Ormuz, e que nom se aleuantara, sómente recolhera gente pera sua defensão, porque d'Ormuz lhe escreuerão seus amigos que ElRey o mandaua matar, e por ysso estaua assy até se conformar com ElRey. E lhe mandou muytas conseruas, e paças, e farinha, e galinhas e perdizes, e cousas de doentes. Ao que nada respondeo Simão da Cunha, sómente que era muyto bom homem ; que do que dizia mandasse huma carta a ElRey d'Ormuz, que o mouro logo mandou, que Simão da Cunha gardou, e se embarqou já doente de grande paixão, sem querer vêr nem falar com nenhum dos fidalgos. E logo no mar a gente foy impiorando e morrendo ; o que mais dobrou o mal de Simão da Cunha, com que nunqua mais se aleuantou, e morreo de grande paixão. E morreo muyta gente no seu nauio, e nos outros casy que nom auia quem os nauegasse senão os mouros das terradas, que ajudauão.

Sendo morto Simão da Cunha, Fernandaluares Çarnache o tomou em huma terrada muy esquipada, e a remo e vela prestesmente foy a Ormuz, onde já nom estaua o Gouernador, que era partido ; e Simão da Cunha foy enterrado na capella mór da igreija. E morrerão tres homens fidalgos, e de toda' armada mais de duzentos, chegando os nauios muy destroçados, cada hum como podia ; e dos viuos que chegarão a Ormuz depois todos morrerão da mesma doença, de que nunca forão bem sãos.

Quando a Ormuz chegou o bargantym que foy buscar a poluora o Gouernador já estaua embarcado pera partir pera' India, e despachou logo o bargantym, e escreueo a seu irmão que nenhuma detença fizesse e logo se viesse, fazendo com o mouro qualquer partido que elle quigesse, e n'ysso, nem em nada, tomasse conselho, senão que fizesse o que lhe escreuia ; com que Simão da Cunha inda tomou mais paixão. O Gouernador se partio d'Ormuz na fim de setembro, e em sua companhia dom Fernando de Lima, e dom Francisco d'Eça, e Francisco de Figueiredo, e outros nauios, que por todos forão cinco velas.

CAPITULO VI.

DO QUE FEZ LOPO VAZ DE SAMPAYO EM GOA N'ESTE INUERNO, EM QUANTO O GOUERNADOR ESTEUE EM ORMUZ.

N'ESTE inuerno Lopo Vaz em Goa, por mostrar seu bom seruir e por satisfazer ao que o Gouernador lhe escreuera polo nauio de Bastião Ferreira, que veo carregado de breu, * e * foy demandar a costa da India já em mayo, boca d'inuerno, onde lhe deu hum temporal atraués de Tanor, que se perdeo em terra, onde se saluou em terra toda a gente e 'artelharia e muytas cousas do nauio, com o muyto trabalho e auiamento que deu Cotiale, mouro grande nosso amigo, o mór que n'estas partes tiuerão os portugueses, e ouve d'ysto tal galardão que se fez cossairo polo mar com paraos armados; Lopo Vaz fez grandes prouimentos pera grande armada, com boa tenção, a saber, se viesse o Gouernador achasse tudo tão bem feito que amansasse o Gouernador se do Reyno trazia contra elle alguns achaques, e que nom vindo o Gouernador elle hir sobre Dio com armada e o tomar. E como foy agosto mandou deitar 'armada ao mar, vinte velas grossas e miudas, e como o tempo deu lugar mandou partir Heytor da Silueira, que se fosse a Chaul e auendo noua do Gouernador o fosse agardar. E elle fiqou esperando até saber noua do Gouernador; mas seus amigos e parentes nom lhe pareceo bem, e lhe aconselharão que fosse a Cananor, por * que * lá estaria milhor pera a vinda do Gouernador. Polo que assy o fez, e se embarqou no galeão São Dinis com todo seu fato e casa, e se foy a Cananor ordenar as cousas pera seu caminho pera o Reyno, e ahy dar sua residencia, e nom agardar em Goa, onde se nom escusauão desgostos que nunqua faltão antre Gouernador nouo e velho.

O Gouernador Nuno da Cunha partio de Mascate logo atrauessando pera Dio, onde no caminho achou tanto tempo que em oito dias chegou á costa com tanto tempo que nom pôde al fazer senão correr de longo, e tomou na barra de Chaul, e sorgio com muyto trabalho por saber nouas. Ao que de dentro sayo huma fusta com refresco, e carta d'Antonio da Silueira em que lhe daua conta do que tinha prestes pera' armada: e se ouvera de perder a fusta com o tempo. E logo o Gouernador se tor-

nou a fazer á vela caminho de Goa, e chegando aos Ilheos Queimados achou hy Heytor da Silueira, que nom podia hir áuante com vento contrairo. Do que auendo vista Heytor da Silueira se enbandeyrou com toda' armada, e se fez á vela, e saluou o Gouernador com toda' artelharia, a que o Gouernador respondeo com seus tangeres; e logo se meteo em hum esquife e foy ao Gouernador, que o recebeo com muytos gasalhados e honras, porque o trazia muyto encomendado por ElRey, e foy com elle até Goa, dandolhe muyta conta das cousas da India. E sorgindo na barra de Goa souberão que já Lopo Vaz era partido; onde á barra foy visitado do capitão dom João d'Eça e de todolos fidalgos, onde o Gouernador agardou dous dias que a cidade se concertasse pera o recebimento, que sendo prestes o Gouernador se embarqou em huma galé muyto paramentada, com muytos fidalgos louçãos, e fustas e batés com bandeyras e toldos e ramos, com festas e trombetas e tangeres da gente da terra, com que chegou ao caes da cidade, onde ao entrar da porta lhe foy feita sua arenga e recebido polos officiaes da camara com riqo páleo e solene procissão, com festas de danças, folias pelas ruas juncadas, e genelas paramentadas de riqos pannos até a igreija, onde o bispo lhe fez solene benção, e acabada' oração se tornou a suas casas, onde tres dias ouve festas e touros e canas, porque Nuno da Cunha era muyto de grandezas. O que passado logo entendeo nas cousas que comprião, e mandou Heytor da Silueira com oito velas grossas e doze miudas que fosse guerrear Cambaya no mar e na terra, quanto pudesse, fazendo toda' destroyção.

Antonio de Saldanha, que estaua em Cochym, como o tempo lhe deu lugar se foy a Goa em hum galeão, e vindo no caminho topou Lopo Vaz de Sampayo que se hia pera Cananor, e se falarão de salua e cada hum foy seu caminho. Antonio de Saldanha entrou no rio de Goa e fez grande salua d'artelharia, e foy ao Gouernador muy acompanhado de muytos fidalgos e gente honrada, porque elle daua grande mesa a quantos querião, e ajudaua e requeria muyto polos homens. O Gouernador o recebeo com muyto prazer e boa palaura, postoque no coração nom era tal; e rindo, em som de gracejar se queixou com elle porque o deixara e se fôra á India diante d'elle. Ao que lhe Antonio de Saldanha deu suas rezões, porque conheceo que o Gouernador tinha má vontade. E o Gouernador lhe dixe: «Senhor Antonio de Saldanha, eu nom digo por»

« nada que bem sey que sois grande meu amigo. Bastião Ferreira em »
« Melinde me disse quanto vos pesara de me nom achardes na India, e »
« a muyta pressa que déstes a Lopo Vaz que me fosse buscar Bastião »
« Ferreira, e saber de mim se era viuo ou morto ; o que foy como bom »
« amigo, sob capa de me mandar mantimentos e amarras. » E mudando a pratica lhe perguntou polas cousas de Cochym ; de que lhe deu miuda conta, com que o Gouernador teue muyto prazer.

ARMADA

DE

DIOGO DA SILUEIRA,

O ANNO DE 529.

CAPITULO VII.

Em fim d'outubro chegarão a Goa as naos do Reyno, que era Diogo da Silueira, capitão na nao Saluador, e Ruy Gomes da Grã na Flor de la mar, e Ruy Mendes de Mesquita em São Roque, e Antonio Monis na Conceição, que no caminho faleceo e ficarão dous filhos seus meninos, chamados Antonio Monis e Ayres Monis. Nas quaes naos veo pouqa gente; e * erão * todas naos de carga, a que o Gouernador deu pressa que se fossem a Cochym pera se concertarem e carregarem, porque tambem auia naos da sua armada pera carregar. O Gouernador deu a capitania de Goa a dom Fernando de Lima, e deu capitão mór do mar a Diogo da Silueira, que era seu cunhado, que seruisse até vir Simão da Cunha, que elle inda nom sabia de sua morte, e que vindo Simão da Cunha o mandaria com seus poderes [1] * prouer * Malaca e Maluco. Aquy em Goa estaua messigeiro de Melique Saca, que mandara a Lopo Vaz pera concerto sobre Dio, pedindo que lhe désse a capitania da cidade pera sempre, com os poderes como a tinha d'ElRey de Cambaya, com toda' jurdição, e n'nella

[1] * poruer * Autogr.

fizesse a forteleza como quigesse, e tomasse 'alfandega, e que se quigesse, com este concerto, elle em pessoa viria por terra com seus cunhados, com muyta gente de pé e de cauallo fazendo a guerra, e que elle Gouernador fosse polo mar com seu poder e tomaria a cidade. O Gouernador entendeo a messagem, e vio as cartas e poderes que trazia de Melique pera tudo poder assentar ; sobre o que o Gouernador teue conselho, e vendo este bom caminho fez mercê ao messigeiro, e logo o despachou com reposta e cartas que mandou ao Melique, confirmando todo o que pedia com grandes auondanças e comprimentos d'amizades ; e mandou com o messigeiro Gaspar Paes, homem da sua criação, em huma galé, bem concertado, com presente de peças de seda do Reyno e pedir ao Melique que como bons amigos se vissem onde elle quigesse, no mar, que ambos juntos milhor assentarião suas cousas. E foy o messigeiro na galé, e forão onde falarão com o Melique, que o recebeo com muyta honra, e vendo o recado do Gouernador que dizia que no mar se vissem ambos nom lhe pareceo ysto bem, porque nom auia necessidade que se vissem, e tomou sospeita que falando com o Gouernador o tomaria e entregaria a ElRey de Cambaya porque lhe désse forteleza em Dio ; o que ElRey faria com mil vontades polo muyto que desejaua de o auer ás mãos, e daria ao Gouernador por ysso quanto lhe pedisse. E com esta sospeita, que assentou em seu coração nom falando nada ao Gouernador, lhe respondeo que lhe mandasse carta do concerto assinada com seus capitães, e elle lhe mandaria outra tal, e se fosse a Dio, que lá no mar se verião ambos e faria tudo o que comprisse, e tomando a cidade a segurarião contra o poder d'ElRey de Cambaya. Da qual reposta o Gouernador ouve muyto prazer, parecendolhe que tinha Dio na mão, e muyto confiado que hindo a Dio o Melique lhe faria mais largos concertos pera proueito d'ElRey, que tiraria muyto dinheiro do Melique dandolhe a capitania e gouernança da cidade. E com esta tenção e pensamento ordenou hir a Dio com todo o mór poder que pudesse leuar, como foy, e adiante direy.

CAPITULO VIII.

COMO O VÉDOR DA FAZENDA, AFONSO MEXIA, MANDOU ANTONIO CARDOSO DAR GUARDA ÁS NAOS DE COCHYM, QUE VINHÃO DE CHOROMANDEL.

N'ESTE anno, na entrada de setembro, a requerimento d'ElRey de Cochym, Afonso Mexia mandou Antonio Cardoso dar guarda ás naos de Cochym, que vinhão de Choromandel carregadas d'arroz e fazendas; porque auia paraos de Calecut que as roubauão. E [1] *andandose* fazendo prestes Antonio Cardoso ouve desastre de huma queda de hum cauallo, e nom foy, e o védor da fazenda então mandou Duarte Teixeira, que fôra tisoureiro em Cochym, em huma galeota com duas carauellas e oito fustas bem armadas, e lhe mandou que as carauellas agardassem aos baixos de Chilão e a galeota e as fustas passassem. E forão, e chegando aos baixos achou que as naos vinhão e nom passou, e tambem porque com as naos vinha huma galé em que vinha Ruy de Sousa, que Martim Afonso de Mello deixara em Paleacate porque fazia muyta agoa, e a nom pudera correger em terra polo alcuantamento de sua gente, como já atrás fica contado; com que Duarte Teixeira se tornou e vierão a Cochym em paz. Então Afonso Mexia mandou Duarte Teixeira na galeota, e Tristão Pereira em huma carauella latina e duas fustas nouas, que se fossem a Goa ao Gouernador; os quaes hindo, chegando tanto áuante como a ponta de Coulete sendo o vento calma, lhe sayrão trinta paraos armados e os forão cometer; ao que Duarte Teixeira chegou as fustas á sua popa e as encadeou com as proas pera fóra, e a carauella fiqou afastada hum pedaço por amor do tirar d'artelharia. Os paraos se repartirão pondose das bandas dos nossos nauios, e começarão o jogo, que durou mais de tres horas, reuezandose ora huns ora outros até que veo o vento da viração com que os paraos se colherão a terra, ficando os nossos casy vencidos, com vergas e mastos quebrados, com casy todos feridos, e catorze homens mortos na galeota e fustas, e na carauella morto o capitão Tristão Pereira e sete homens, e todolos outros feridos, em tal maneyra que se os

[1] *ando se* Autogr.

mouros abalroarão os nossos os tomarão sem muyto trabalho. Com que se tornarão a Cochym.

Estes paraos se ordenarão pera hirem tomar as naos de Choromandel, e nom forão porque fizerão primeyro hum caminho a Baeanor trazer arroz a Caleeut, que valia vinte pardaos. Estes paraos se ajuntarão com outros e passarão a Choromandel pera roubarem algumas naos que sempre fieão detrás. Ao que se fez prestes Patemarear, que ajuntou corenta paraos muy armados de gente *e* artelharia, e se foy de longo da terra, e passou pola barra de Coehym com a viração, içando as velas nos palanqos, e o Patemarear diante com bandeyra no masto, que era capitão mór de todos. O que vendo Afonso Mexia, eapitão de Coehym, ouve ysto por abatimento, e mandou logo após elles Antonio Cardoso em huma galeota, e com elle Duarte Varella em huma bareaça, e Franeiseo Pereira em huma carauella latina, e Diogo Rodrigues em hum bargantym, todos com boa gente e espingardeiros; e lhes mandou que seguissem os paraos, porque auia noua que hião a Ceylão matar o feitor que lá estaua. Chegando Antonio Cardoso ao cabo de Comorym com esta armada soube que os paraos que estauão áquem dos baixos em hum lugar chamado Bembar, onde os logo foy buscar. Do que os mouros ouverão auiso, e ouverão prazer sabendo que os nossos erão tão pouqos.

CAPITULO IX.

COMO ANTONIO CARDOSO PELEJOU COM OS PARAOS DE PATEMARCAR, E QUE N'YSSO PASSOU.

Hindo os nossos onde estauão os paraos, hum dia amanheeendo ouverão vista dos nossos, e logo sayrão á vela pera o mar com muytos prazeres e tangeres, e se repartirão em magotes ordenados huns pera' galeota e outros pera a bareaça e pera a carauella e bargantym. Os nossos hião prestes, e vendo os mouros que os hião cometer a bareaça s'encadeou com o bargantym popa com popa, e a galeota e carauella se afastarão por amor do tirar d'artelharia; e porque *o* vento hia acalmando tomarão os nossos as velas d'alto, o que assy fizerão os paraos, chegandose a remo; e derão fogo d'ambas as partes, em que os pilouros forão tantos que no ar se espedaçauão; ao que os paraos tinhão grande

auantagem, que se reuesauão e descansauão, [1] * com que muyto mal fizerão aos nossos, que por estarem mortos e feridos, e quasi de todo desbaratados, os mouros se atreuerão e abalroarão a galeota e a entrarão até o pé do masto, mas os nossos com feridas, correndo d'ellas o sangue, como homens que acabauão as vidas tanto pelejarão que os deitarão ao mar; mas os mouros se afastando tornauão 'abalroar os nossos; e com medo á morte, que vião ante sy, os mouros nom ousauão chegar. * A carauella daua muyta pressa aos mouros com muyta artelharia que tinha, e todauia tinha homens mortos e feridos. Os mouros, nom áchando bom caminho no abalroar, se afastauão e tirauão fortemente: o que durou até horas de bespora, em que já na galeota nom auia defensão, porque toda a gente jazia cayda e o capitão Antonio Cardoso com tres frechadas, e nom se aleuantaua e assy nos outros nauios, que todos jazião caydos. O que os mouros cuidauão que os nossos nom parecião por estarem baixos por amor d'artelharia; o que assy sendo, acodio Nosso Senhor com bafugem de vento do mar, com que a carauella largou a vela; o que assy quisera fazer hum marinheiro na galeota, que sobio pera dar o traquete, mas os mouros com frechadas o derribarão morto. E porque o vento esforçaua tornou a sobir outro marinheiro, onde com frechadas lhe pregarão as mãos na vela; e os mouros tornarão 'abalroar a galeota, em que os nossos trabalhauão como homens mortos [2]. E aprouve a Nosso Senhor que hum escrauo deitou huma panella de poluora dentro em hum parao, que deu em outra poluora que fez deitar os mouros ao mar; polo que os outros se afastarão, e porque ventou o vento a carauella se chegou aos paraos e com hum tiro meteo dous no fundo, com que os outros se começarão 'afastar a remo contra vento, porque a carauella nom fosse após elles; e estauão sobre o remo, e tirauão sem chegar. O vento foy tão fraqo que os nossos nauios casy que se nom bo-

[1] O que se inclue entre os asteriscos está assim no original: * com que muyto mal fizerão aos nossos que mortos e feridos de todo desbaratados com que os mouros se atreuerão e abalroarão a galeota e a entrarão até o pé do masto mas com feridos correndo delles o sangue como homens que acabauão as vidas tanto pelejarão que os deitarão ao mar mas os mouros se afastando tornarão abalroar os nossos com medo a morte que vião ante sy que os mouros nom ousauão chegar. * Quem se não der por satisfeito com as leves alterações que se fizeram n'esta passagem, bastante intrincada, pode-a lêr, em melhor estylo, na *Chron. de D. João III*, por Andrada, Part. II, Cap. LIII. [2] Isto é: como homens sem esperança de vida.

lião, mas os paraos nom ousauão chegar com medo da carauella, e assy estiuerão até noite, que cada hum se afastou com seus males.

Antonio Cardoso ouve fala da carauella e com os outros, que todos tinhão mortos e feridos. E auendo conselho, * como * veo o vento da terra derão todos as velas caminho de Cochym, e a galeota com sós quatro homens da terra, marinheiros, que lhe deu a carauella. Os mouros no feito perderão sete paraos, em que a mais da gente morreo no mar, que nom foy muyta, porque se acolhião aos paraos; os quaes tambem per seu conselho se tornarão pera Calecut. Este foy o mór mal que paraos fizerão a nauios nossos. Quando os nossos chegarão a Cochym já hy estaua o Gouernador.

CAPITULO X.

COMO O GOUERNADOR EM GOA PROUEO COUSAS QUE COMPRIÃO, E SE PARTIO PERA COCHYM, E O QUE PASSOU COM LOPO VAZ EM CANANOR, E O LEUOU PRESO.

O Gouernador, depois de passadas suas festas, entendeo nas cousas que comprião ao feito de Dio, a que vinha ordenado e muyto encarregado por ElRey, e apartou armada pera guerrear Cambaya, em que mandaua Heytor da Silueira que fosse fazer a guerra até vir Simão da Cunha de Ormuz, e vindo lhe entregasse 'armada. O que Heytor da Silueira nom querendo aceitar se fengio doente: foy bem entendido. Então o Gouernador deu este encargo 'Antonio da Silueira, seu cunhado, o qual o aceitou, e estando pera partir chegou noua d'Ormuz da morte de Simão da Cunha, que o Gouernador muyto sentio; polo que então mandou Antonio da Silueira com 'armada, que erão cincoenta velas com boa gente, muyta espingardaria, que fosse guerrear Cambaya quanto pudesse. O que assy fez, e adiante contarey. Então o Gouernador apartou armada pera o Estreito, que forão quatro galeões, duas carauellas, quatro bargantys. Nos galeos foy elle, Martim de Crasto, e Antonio de Lemos, e Fernão Rodrigues Barba, e nas carauellas Francisco de Vasconcellos e Joane Mendes de Macedo, e nos bargantys Antonio Botelho, João de Freitas, Pero Coudo, Duarte Fernandes, e boa gente e bem armados; que partio em feuereiro do anno de 530.

E fez capitão de Goa dom Fernando de Lima, e a dom João d'Eça

mandou pera' capitania de Cananor, que era sua, pera onde logo mandou que se fosse. E deu a capitania mór do mar a Diogo da Silueira, seu cunhado, que este anno veo do Reyno, a que deu armada pera' costa *de* duas galeotas, capitães Nuno Fernandes Freire, Manuel de Vascogoncellos, e João da Silueira em huma carauella, e oito bargantys, capitães homens soldados, com outra boa gente duzentos homens. E prouendo outras cousas o Gouernador se partio com pouqa armada pera Cochym, e chegou a Cananor onde estaua Lopo Vaz de Sampayo e a forteleza embandeyrada e enramada, que fez salua de muyta artelharia. Onde logo ao mar o foy visitár o capitão dom João d'Eça, e tambem o visitou da parte de Lopo Vaz, dizendo que o ficaua esperando á porta da forteleza pera lhe fazer sua residencia. O Gouernador recebeo o capitão; mas fiqou agastado porque Lopo Vaz nom fôra com elle, e lhe mandou dizer por Simão Ferreira, sacretario, que elle nom auia de sayr a terra; que por tanto compria que elle fosse ao mar a fazer o que compria e lhe dar a residencia; e mais que tinha ally humas prouisões d'ElRey, que trouxera Diogo da Silueira, que compria que ambos as abrissem. Lopo Vaz entendeo tudo, e lhe respondeo que lhe pedia por mercê que n'elle nom quebrasse o que sempre os Gouernadores costumarão, que era os que estauão na gouernança darem suas residencias ás portas das fortelezas, o que elle assy faria pois era cousa bem feita pera ambas as partes. Mas o capitão atalhou ao que lhe pareceo, e nom quis que Lopo Vaz agardasse pola reposta, e a outro dia pola menhã s'embarcarão ambos em hum catur e forão á nao do Gouernador, a que fizerão duas saluas com apito, a que a nao respondeo com seus tangeres; e Lopo Vaz entrando o Gouernador o recebeo ao porpao com suas honras, onde na tolda se assentarão em cadeiras, e dando as saluas de sua boa vinda ao Gouernador, Lopo Vaz se aleuantou, e com o barrete na mão tomou as chaues da forteleza e as entregou ao Gouernador, dandolhe sua residencia, e ao sacretario apontamentos das cousas que entregaua na India, pedindo seu estormento. O Gouernador tomou as chaues e as entregou ao capitão da forteleza, *e* se meteo pera a camara com Lopo Vaz, e logo entrou Pero Barreto, ouvidor geral do Gouernador, que por seu mandado tomou a menagem a Lopo Vaz, e preso n'ella o leuou no catur á nao Castello, onde o deixou assy preso, e se foy a terra e fez enuentairo de toda a fazenda que achou de Lopo Vaz, e toda recolheo e leuou em seu poder a

Cochym, e a entregou na feitoria; que tudo ysto assy o mandara ElRey em prouisões que leuara Diogo da Silueira.

ElRey de Cananor mandou per hum seu regedor visitar o Gouernador com grande presente de refresco. O Gouernador lhe mandou agardicimentos e pedir perdão por nom hir a terra beijarlhe as mãos, que hia de pressa pera dar auiamento á carga, mas que quando tornasse o seruiria. O Gouernador foy seu caminho a Cochym, onde lhe fizerão grandes festas e seu recebimento de Gouernador com procissão até a igreija, e feita oração se foy á forteleza, que Afonso Mexia lhe tinha muyto bem concertada, e vinha com elle do mar onde o fòra visitar e dar grandes contas; mas o Gouernador nom fiqou d'elle muyto contente, por lhe ser dito que elle fizera as reuoltas de Lopo Vaz e Pero Mascarenhas, e dizia que na India deuia ElRey de mandar enforcar cem homens e arrastar outros tantos. Ao outro dia veo ElRey de Cochym e o Principe em cima d'alifantes, com suas gentes e esgrimas e gritas, a vêr o Gouernador, o qual muyto vestido com os fidalgos, e os de sua guarda com liuré de veludo preto e panno amarello, foy a pé até o meo da rua com seus tangeres diante; ao que ElRey e o Principe em o vendo se decerão, e se abraçarão todos, e o Gouernador com suas grandes cortezias; com que se forão assentar á porta da forteleza, onde lhe entregou as chaues da forteleza segundo costume de grande honra, dandolhe as encomendas d'ElRey e * dizendolhe * que elle vinha pera lhe fazer todo seruiço que mandasse; de que ElRey lhe deu seus agardicimentos. E falarão sobre a carga, de que ElRey se muyto encarregou; dandolhe o Gouernador as cartas d'ElRey, em que lhe falaua grandes amizades. Com que ElRey se despedio e foy em seus alifantes.

O Gouernador mandou a João do Soyro que entregasse a vara, como entregou, e tomar a menagem que no Reyno se apresentasse preso n'ella ao juiz da Casa da India, e mandou d'elle deuassar e de Lopo Vaz, e as deuassas mandou ao Reyno. E mandou apregoar que toda' pessoa que alguma cousa quigesse de Lopo Vaz o demandasse ante o ouvidor, e lhe faria comprimento de justiça. Do que Lopo Vaz per huma carta se lhe queixou d'ysto, dizendo que o nom fizera senão polo enjuriar, porque elle mesmo por limpeza de sua honra o ouvera de mandar fazer e deitar os pregões; mas que nom era muyto, pois o tinha preso no mar em poder de marinheiros; que se taes cousas ElRey mandaua, elle nom

erraua, mas se o ElRey nom mandaua taes auexações erão escusadas, porque Deos tudo via; e que elle ficaria gouernando e que viria outro Gouernador em que póde ser que acharia piores auessos. O Gouernador lhe mandou dizer polo ouvidor geral que ElRey nom lhe mandara taes cousas quando partira do Reyno, mas que Diogo da Silueira trouxera papés contra elle, que lá no Reyno saberia as causas; e mandou que na menagem preso se fosse a terra a pousar nas casas da carniçaria, que estauão no Palmarynho, onde pousa a gente do mar. O que Lopo Vaz sentio por muyto mór enjuria, e sendo trazido a terra, entrando nas casas, aleuantou as mãos a Deos, dizendo: «Senhor, de ti espero o galardão» «do que te mereço, e me gardarás direita justiça e verdade; porque se» «taes cousas ElRey me manda fazer já nom espero que me garde jus-» «tiça, pois o seu Gouernador me manda aposentar antre gente baixa,» «porque nom achou outro pior lugar. O que faz porque as gentes d'es-» «tas terras vejão que fiz males. No que o Gouernador assy regurosa-» «mente enxecuta outro virá que o executará.»

CAPITULO XI.

DAS COUSAS QUE O GOUERNADOR PROUEO EM COCHYM ATÉ SE TORNAR A GOA.

O Gouernador deu grande pressa a carregar as naos, mas em Cochym nem Coulão nom ouve tanta pimenta que todas as naos pudesse carregar, e per conselho dos officiaes carregou as naos da sua armada, que estauão mais gastadas, que no Reyno serião concertadas e renouadas, porque ficando na [1] * India nom * auia lugar em que se pudessem concertar como compria, e as que ficassem fossem as d'armada de Diogo da Silueira, que podião andar sem corregimento e hirião enuernar a Ormuz carregadas de fazendas. De que deu a capitania de huma d'ellas a Ruy Vaz Pereira, e outra a Lopo d'Azeuedo e outra a Pero Gomes da Grã, e outra a dom Fernando de Lima, os quaes forão carregar em Baticalá, arroz, açuquere, ferro, e outras cousas á sua vontade, fretando com homens riqos; com que as naos forão carregadas até que mais nom pude-

[1] * India que nom * Autogr.

rão, que erão naos grandes, em que se carregarão mais de duzentos mil cruzados. E partirão pera Ormuz em feuereiro do anno 530, e por ser já monção gastada acharão calmarias em tal maneyra que á sede se perderão, que nunqua mais aparecerão, sómente Ruy Vaz Pereira, que andaua menos e fiqou atrás e tomou mais pera' costa da India, com que lhe nom durou tanto a calmaria; e porém passou muyto trabalho de sede, e passou a Ormuz. E das outras se nom soube mais nada, sómente o masto de huma d'ellas se achou no rio de Damão, que he dentro na enseada, todo inteiro, que nom fòra cortado, e n'elle pegada alguma enxarcia. A perda d'estas naos foy a mayor que ouve na India até aquelle tempo, em que morrerão passante de quatrocentos homens.

O Gouernador despachou as naos do Reyno, e Lopo Vaz, embarquado com dom Lopo d'Almeida, que fòra capitão de Çofala; e porque hia mal desposto, parecendo que no mar poderia falecer e que Lopo Vaz se faria capitão e hiria outro caminho, se quigesse, o Gouernador deu a capitania da nao, falecendo dom Lopo, 'Afonso Correa, prouedor mór dos defuntos, que hia na nao em grande segredo; em que na prouisão mandaua, sô pena de morte, a mestre, piloto, e toda a gente que fosse na nao, lh'obedecessem por capitão e fizessem seu mandado. Ao qual muyto encarregou a boa guarda de Lopo Vaz até o entregar aos officiaes da Casa da India, porque com Lopo Vaz sómente quatro moços lhe deixarão leuar; mas dom Lopo ouve saude no mar, que em tudo pôs bom recado.

Então o Gouernador, como esperaua de sempre estar em Goa, que era mais perto de Cambaya com que auia de ter sua contenda, trouxe pera Goa Afonso Mexia com a casa dos contos, e matriqola, e officiaes. E deixou por capitão de Cochym Antonio de Saldanha, com grandes poderes pera acabar as cousas da ribeira, e nauios que estauão começados e outros que auia de fazer, e outras monições e cousas que comprião pera a grande armada que o Gouernador queria fazer pera a tomada de Dio; e deixando prouido todo o que mais comprio se foy a Goa leuando toda a gente, e refez a Diogo da Silueira mais armada miuda, que fez vinte velas de remo, e lhe deu regimento que acabado o verão se fosse enuernar a Goa, e que os nauios que ouvessem mester corregimento os mandasse a Cochym e com os outros se fosse a Goa.

CAPITULO XII.

COMO O GOUERNADOR MANDOU A DIO GASPAR PAES, COM FALSA VISITAÇÃO A MELIQUE TOCÃO, PERA QUE LHE ESPIASSE COMO ESTAUA DIO; E O QUE LÁ PASSOU.

O Gouernador, tornado a Goa com o grande cuidado que tinha no feito de Dio, pera saber da sorte que [1] *estaua mandou* Gaspar Paes, em que mais confiou, e por ser muyto conhecido de Melique Tocão, que então era vindo a Dio por capitão. O que passou n'esta maneyra.

O Camalmaluqo, vendo o mao recado que seu filho dera d'armada que lhe entregara, que Lopo Vaz lhe desbaratara no rio de Negotaná, pôs muyta deligencia buscando o filho, pera atado de pés e mãos com elle se hir apresentar a ElRey, jurando que o auia de matar se elle nom fosse meter sua cabeça debaixo dos pés d'ElRey; e se cobrio de dó, segundo seu costume, mostrandose muyto anojado polo mal de seu filho. O que todo sabido d'ElRey fiqou d'ysto satisfeito, e escreueo carta a Camalmaluqo que descansasse, porque elle nom tinha culpa polo erro que fizera seu filho. Ao que Camal respondeo a ElRey grandes comprimentos, com que ElRey fiqou satisfeito, porque era grande seu amigo do tempo que o acompanhara andando como jogue, como adiante contarey. E pedio muy afincadamente a ElRey que mandasse outro capitão pera Dio, que elle antes queria ser seu faraz andando diante de seu cauallo, que estar em Dio que o nom via. Ao que ElRey lhe quis fazer a vontade, e confiando muyto em Melique Tocão, filho de Meliqueaz, irmão mais velho que *o* outro que fogira pera os resbutos, estando diante d'elle lhe disse: «Tocão, quanto roym he teu irmão tanto tu hes melhor, e eu» «teu amigo, que assy mo diz meu coração.» Ao que o Melique Tocão se deitou aos pés d'ElRey, e lhos beijou, dizendo: «Senhor, nom são» «dino de me dares tão alta honra, que a minha cabeça obrigada está» «a pagar a trayção que fez meu irmão Melique Saca. Aquy está o teu» «escrauo: de mym se faça tua vontade até as estrellas.» E ElRey disse: «Bem sey que hes bom, e bom has de morrer como teu pay. Vaite»

[1] *estaua ao que mandou* Autogr.

« pera Dio e venhase Camalmaluqo, ficando tu em seu lugar, como elle »
« está e mais se mais quiserdes, que em Dio estão os ossos de teu bom »
« pay. Vailhe fazer honra; leua quanta gente quigeres e torna a fa- »
« zer viuo teu bom pay, com tuas obras se parecerem com as suas. »
Com que lhe ElRey deu cabaya de sua pessoa; com que lhe beijou os pés, e pedio licença pera falar, que ElRey disse que falasse, e elle dixe:
« Senhor, a tua alteza he tão grande que me aleuanta até as nuvens, »
« pois em mim tens confiança que eu vá estar em Dio, onde o trédor »
« de meu irmão fez falsidade; e porque, senhor, me fazês tão alto bem »
« sey que se cayr o que de mim será, que meu corpo será espedaçado. »
« Nom tires, senhor, teus pés de sobre minha cabeça. Serey forte pera »
« te seruir e morrer n'esta tão alta honra que dás ao teu escrauo; mas »
« peço a tua grande alteza que se algum de mim * mal * disser que eu »
« seja ouvido ante teus pés, e então de mim se faça tua vontade sobre »
« o sol e sobre a lũa. » O que ElRey lhe prometeo, e d'ysso lhe deu chapa, e mandou com muytas honras, e ao Camal mandou sua chapa que se fosse á corte.

Melique Tocão foy recebido em Dio com grandes honras, o qual como era filho do grão Meliqueaz, e sempre andara com ElRey e sabia bem seus endiabramentos, por se mais segurar com ElRey usou de manha, e logo escreueo huma carta a seu irmão, que estaua com os resbutos, e deu ardil como a carta fosse tomada e o pião, tudo leuado a ElRey, que a vio e fiqou muyto contente.

Na qual carta dizia a seu irmão: « Nom te posso chamar irmão, »
« pois tão danado foste que tantos erros fizeste, com que per derradeyro »
« te foste ao inferno. Ajudaste a Madremaluco, que matou teu Rey e »
« senhor, nom querendo ouvir meus conselhos, polo que merecias que »
« viuo te esfolarão como fizerão a Madremaluco, porque o muy alto se- »
« nhor Soltão Badur he verdadeyra justiça. Tu, com o temor de teu »
« merecimento, te foste meter no inferno com os diabos com que estás, »
« donde nunqua sayrás: hes danado. Com teus males queymaste meu »
« rostro, fazendote aliado com os resbutos, imigos de meu Rey e se- »
« nhor, e com elles tomas atreuimento a vires roubar as tantas honras »
« do bom pay Meliqueaz. Sabe que eu som aquy vindo a este Dio, e te »
« certifiqo polos ossos de meu pay que se viuo te puder tomar que com »
« braga de ferro seruirás nas estribarias do grão Badur meu senhor; e »

«com esta tenção de te tomar são vindo a esta cidade, porque sua gran-»
«de alteza de mim ysto confiou, conhecendome por bom filho de meu»
«pay Meliqueaz, e a ti por filho de cafre por teus máos feitos. Vem»
«quando quiseres que no campo me acharás; e nom tardes, que bem»
«sabes que tua trayção nom póde muyto durar, porque hes trédor á»
«terra em que naceste e está sepultado teu bom pay. Hes mesturado»
«com os resbutos: eu te darey a comer aos meus cães, e a ysto me»
«ajudará meu pay, que no outro mundo de ti pede justiça, que de ti»
«farey se dos meus olhos te vir, que polos meus escrauos serás toma-»
«do e açoutado, carregado de ferros como negro fogido, e andarás»
«antre os fararezes d'ElRey meu senhor.» E outras mais palauras, com que o Badur ficou muy confiado em Melique Tocão.

O Gouernador sendo enformado d'estas cousas, e que Melique Tocão assy estaua em Dio, e que por muytas honras que lhe ElRey fizesse nunqua estaria seguro dos desuairos e supitos d'ElRey Badur, que sempre tinha contra os móres seus priuados, com que por ventura Melique folgaria de ter modo de segurar sua pessoa e nom estar assy auenturado aos supitos d'ElRey, ao que assy o Gouernador quis auenturar, e mandar lá Gaspar Paes, homem muyto conhecido de Melique, porque muytas vezes estiuera em Dio em tempo de Meliqueaz feitorizando fazendas; e falou com elle o Gouernador e o endustriou do que auia de falar, e vêr Dio por dentro e fóra, que o não mandaua senão a vêr e espiar tudo, e estiuesse em Dio muyto de seu vagar. E o Gouernador lhe deu carta pera o Melique de visitação e amizades, que com elle folgaria de ter, pera em Dio ter feitor com muytas mercadarias; do que se lhe aprouuesse lhe mandasse reposta, e mandaria assentar com elle os concertos dos tratos que auião de ter. E lhe mandou presente de riqas peças do Reyno, auisando o Gouernador a Gaspar Paes que falando com o Melique, e *se* visse tempo [1], com muyta dessimulação como amigo lhe aconselhasse que estiuesse álerta contra os supitos do Badur, e lhe tocasse em dar forteleza, com que se faria isento d'ElRey que lhe nom pudesse fazer mal com suas doudices, que quando lhe vinhão nom perdoaria a seu propio pay, pelo que deuia de segurar sua pessoa e vida de taes perigos; e que achando no Melique algum caminho de se querer aleuantar,

[1] Isto é: se achasse occasião opportuna.

e dar forteleza, que tudo o que quigesse Melique lhe outorgasse, com todolas auondanças e seguranças; e se assy fosse logo lhe mandasse auiso, se ser pudesse. Com a qual istrução partio Gaspar Paes em tres fustas, muyto concertado, acompanhado d'homens honrados, com larga despeza; e partio de Goa em feuereiro de 530 e tornou em mayo.

Chegou Gaspar Paes a Dio com muyto trabalho de vento contrairo, e chegando mandarão logo recado ao Melique, que estaua fóra na quintã, que he tres legoas de Dio, que folgou muyto com a hida de Gaspar Paes, e por lhe fazer grande honra lhe mandou hum seu andor em que fosse, acompanhado de homens de cauallo. E foy leuado á quintã, que o Melique Tocão * o * recebeo com muyto prazer e honras, e recebeo o presente com muyto prazer, por saber que lho mandaua o Gouernador com tão bom recado d'amizades pera assentar em Dio feitoria, que era sinal de boa paz, vendo a carta do Gouernador; o que logo todo fez saber a ElRey, que mandasse Su'alteza o que n'ysso faria. Ao que lhe ElRey respondeo que folgaua, e que vendo os apontamentos dos concertos então mandaria. Em quanto este recado foy e veo o Melique tinha grandes folgares e caças e festas com Gaspar Paes, e ambos tinhão grandes praticas, e o Melique com grande contentamento lhe dizia as grandes honras que lhe o Badur fizera, e grande confiança, que d'elle confiara mais que a todolos senhores de sua corte, com que lhe dera a capitania de Dio. E mesturando nas praticas Gaspar Paes o desterro de seu irmão Melique Saca, que o deuia de tornar a reconciliar com ElRey, [1] * o Melique * lhe nom consentio que falasse, dizendo e jurando que daria quanto tinha polo colher ás mãos, porque n'elle faria justiças que visse ElRey quão boa era a confiança que n'elle tinha, que contra seu pay, se fôra viuo, fizera todo mal por seruir ElRey Badur seu senhor, tão grande seu amigo que debaixo dos pés do seu cauallo morreria, antes que lhe fazer nenhum desprazer.

Gaspar Paes, vendo taes firmezas que tinha na amizade d'ElRey, nom lhe falou mais na cousa, porque nom tomasse d'elle alguma sospeita, e se deixou andar folgando com o Melique até que vio tudo o que queria muyto á sua vontade, per dentro e fóra da cidade. Então pedio licença a Melique pera se tornar; o qual o logo despachou, e lhe deu

[1] * o que o Melique * Autogr.

riqas peças pera o Gouernador, com sua reposta que de tudo era contente como pedia o Gouernador; que lhe mandasse os apontamentos dos concertos pera os despachar com ElRey: com palauras de grandes comprimentos pela visitação e querer em Dio ter tão boa paz. E a Gaspar Paes deu boas peças; com que o despedio, que veo a Goa, e deu ao Gouernador conta de todo o que passara com o Melique e tudo o que vira: do que o Gouernador fiqou contente.

CAPITULO XIII.

DA GUERRA QUE FEZ ANTONIO DA SILUEIRA EM CAMBAYA, E DIOGO DA SILUEIRA NA COSTA DO MALAUAR, EM QUANTO DUROU O VERÃO.

Antonio da Silueira de Meneses com su'armada foy guerrear Cambaya, e foy correndo a costa da enseada, queimando e destroyndo quanto achaua no mar e na terra; do que nom foy noua a Dio senão depois de Gaspar Paes partido pera Goa. E entrou no rio de Reynel, e deu na cidade, de que a gente fogio; e nom foy senão com os catures e deixou os nauios de fóra, porque o rio tinha pouqa agoa e sequaua com baixa mar; e fiqou em guarda de fóra Manuel de Vascogoncellos, e sayo Antonio da Silueira em terra com setecentos espingardeiros e deu fogo á cidade, que era rasa sem muros, e queimou muytas cotias que estauão carregadas de mantimentos pera Dio, e derrador cortou palmares e fez grande destroyção. E foy ao lugar de Çurrate, que tambem era dentro no rio, e o queimou, que nom achou quem lho defendesse. Ouve rebate pela terra, ao que se ajuntou muyta gente de pé e de cauallo que vierão a secorro. Antonio da Silueira, nom contente do que tinha feito, quis fazer melhor emprego na gente de cauallo, e sayo ao campo com sua gente bem armada posta em ordem, com sua espingardaria prestes, porque os de cauallo erão muytos, acubertados e armados de laudés e zagunchos, e cofos, e todos nos arções * com * coldres d'arquos e frechas, de que são grandes guerreiros. Antonio da Silueira çarrou sua gente como em caracol, e se foy chegando pera a gente de cauallo a que de supito derão huma çurriada d'espingardas, com que os cauallos forão fogindo, ou seus donos com elles, ficando no campo caydos onze dos cauallos. Com que os mouros forão em desbarato; mas nem por isso Antonio da Silueira consen-

tio que nenhum homem saysse fóra da ordem em que hião, nem se afastou da borda do rio, mas forão correndo a borda do rio até darem em huma tranqueira em que estaua muyta gente de pé, e os de cauallo andauão afastados polo campo. Antre os nossos hião valentes escrauos que leuauão as lanças e armas a seus senhores. Ao que Antonio da Silueira ordenou dar nos mouros desparando as espingardas. Então abalroando ás lançadas, de que forão os dianteyros João Jusarte Tição, e Ruy Boto, [1] * dom Diogo Vilhancuello *, Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco da Silua, Baltesar de Sousa, Pero d'Athayde, Duarte de Mello, e outros bons [2] * caualleiros, derão * Santiago nos mouros com çurriada d'espingardas, e as largando a seus escrauos, com as lanças entrarão com os mouros ás lançadas fortemente, que os mouros nom puderão agardar e forão desbaratados, ficando mortos muytos e dos nossos tres. Antonio da Silueira nom consentio que os nossos seguissem o alcanço, e teue a gente assy em corpo juntos, porque os de cauallo andauão rodeando pera cometer, mas como chegauão a tiro logo as espingardas os [3] arrecadauão; com que nom ousauão chegar, com que Antonio da Silueira esperou que foy a maré chea, e s'embarcou á sua vontade e foy á barra, onde achou que os nauios de fóra queymarão seis cotias que leuauão huma grande jangada de madeira pera Dio, que queimarão.

Saydo Antonio da Silueira pera fóra, foy correndo a costa e entrou em outro rio em hum lugar chamado Damão, em que estaua huma forteleza de pedra bem laurada, com quatro torres e porta chapeada de cobre, onde estaua muyta gente de gornição com hum capitão abexym, que tinha muytos abexys valentes homens de guerra dentro na forteleza, e de fóra mil de cauallo; os quaes nom temerão os nossos nem os forão cometer. Antonio da Silueira desembarqou com toda gente abaixo da forteleza, que estaua junto do mar, e com a gente em dous esquadrões, e no dianteyro Manuel de Sousa de Sepulueda com bons fidalgos, e atrás Antonio da Silueira, todos com a espingardaria prestes, que chegando a tiro da gente de cauallo lhe derão bataria da espingardaria, e os nauios do mar que com artelharia ajudarão, com que os de cauallo sem agardar fogirão, porque virão derrubados passante de corenta no chão, mor-

[1] * dom Diogo Valençuela * se lê em Andrada, *Chron. de D. João III*, Part. III, Cap. LVI. [2] * caualleiros que derão * Autogr. [3] arredauão (?)

tos dos tiros d'artelharia e espingardaria, e outros caydos, e cauallos soltos polo campo fogindo. Com que nenhum nom agardou; o que vendo o capitão da forteleza nom se ouve por seguro vendo os de cauallo fogir, e se pôs a cauallo; o que assy fez a gente da forteleza, que toda com grande medo de os tomarem dentro da forteleza fogirão. A maré enchia, com que os nauios forão polo rio dentro queimando naos que estauão varadas, e outras nouas que se fazião, e casas e ortas ao longo do rio, que tudo fiqou destroydo com fogo, porque 'artelharia dos nauios enxorauão todo o campo. Com que Antonio da Silueira queimou as portas da forteleza, de que apanharão as chapas de cobre, e com alauanqas derribou a parede da porta e desfez parte das amêas; e ficando tudo destroydo se recolheo n'armada e foy seu caminho pera Chaul, e de caminho destroyo a ilha de Bombaim e muytas aldêas ao longo do mar, em tanta maneyra que se despouoarão todolos lugares da fralda do mar, que pola terra dentro dez legoas nom auia gente. Todos os soldados trouxerão fato, escrauos, e dinheiro, com que forão contentes.

E andando assy Antonio da Silueira, que já se vinha recolhendo, lhe foy recado do Gouernador que *se* recolhesse a Chaul e fosse capitão da forteleza, e lhe mandasse preso Francisco Pereira pola culpa do feito do Argao em que o achaua muyto culpado; e que a gente que trazia n'armada ficasse com elle, pera ahy a ter prestes pera o que comprisse. E lhe mandou grande apontamento de cousas que auia de mandar fazer pera o prouimento d'armada; a saber, muytos mantimentos, e cestos pera bastiães e pera carretar terra, muyta madeira grossa pera tranqueiras, gamelas, pás de ferro, e caruão, e cal; e corregesse muyto bem toda' armada, e renouasse os nauios velhos e fizesse outros de nouo quantos pudesse, e fizesse quanta poluora pudesse, e panellas, e roqas de fogo, em modo que toda' armada que tinha estiuesse concertada de todo o necessario, *e* a tiuesse prestes pera toda hora que comprisse.

Diogo da Silueira *andaua* com su'armada na costa do Malauar, a que o Gouernador muyto encomendou a guarda da pimenta que nom a leuassem os mouros pera Meca, e que fizesse toda' guerra que pudesse, e destroysse onde achasse paraos, e que fosse a ElRey de Calecut requerer que acabasse d'assentar as pazes que começara com Lopo Vaz, e se nom quigesse lhe fizesse a guerra. E foy a ysso a Calecut requerer ElRey, mas elle nom quis, porque estaua concertado com hum mercador

muyto riqo, que estaua em Mangalor, que lhe auia de dar huma grã soma de pimenta por muyto preço que lhe daua o chatym, que o Rey de Calecut lhe auia de mandar em paraos, que lhe auia de mandar carregados d'arroz. E por * que * o Çamorym nom quis comprir a paz, Diogo da Silueira ao recolher pôs fogo nas casinhas de palha de pescadores que estauão na borda da praya, que fez pouqa obra porque o vento era da terra, que se fôra do mar bastaua pera queimar a cidade; e queimou alguns zambuqos e naos que estauão no porto, e foy pola costa queimando quanto achaua. E porque soube que no rio de Chale estaua pimenta junta e drogas, que mouros querião carregar pera a costa d'além, pôs em guarda do rio Nuno Fernandes Freire com duas galeotas e hum bargantym, em que n'estas velas estauão oitenta homens que nunca se aleuantarão de sobre o rio, onde Diogo da Silueira os sempre visitaua, e daua os mantimentos que mandaua trazer de Cananor. A qual guarda teue sobre o rio até entrar o inuerno.

Do que de tudo Diogo da Silueira mandaua recado ao Gouernador, o qual lhe mandou mais armada, e que fosse destroyr o rio de Mangalor. O que Diogo da Silueira praticou com dom João d'Eça, capitão de Cananor, donde logo se partio pera o rio, que o chatym tinha muyto fortificado com estacadas e tranqueiras, com muyta artelharia e muyta gente, que pagaua soldo; e estaua em huma casa de pedra e cal, coberta de telha, muy forte, que elle fizera pera sua defensão, e por diante na borda d'agoa huma parede grossa com muytos tiros que varejauão o rio e a barra, sobre que tinhão feitas fortes estancias com muyta artelharia; e tinha elle arrendado a ElRey de Bisnegá este rio, que era seu, de que lhe pagaua muyto dinheiro. E tinha este chatym muyta amizade com os nossos, que hião lá carregar arroz, açuqere, e lhes fazia bom auiamento; com que dos Gouernadores passados tinha liberdade franca pera suas nauegações, que mandaria pera Cambaya sómente carregadas de mercadarias da terra, debaixo das quaes mandaua escondida muyta pimenta e drogas que lhe hião de Calecut; com o qual trato se fez muy grande riqo. Do que o Gouernador foy enformado, e por ysso mandou a Diogo da Silueira que fosse destroyr o rio, indaque era d'ElRey de Bisnegá nosso amigo. Onde Diogo da Silueira chegou em março de 530, o que vendo o chatym muy prestesmente ouve muyta gente da terra, que [1] * ti-

[1] * tem * Autogr.

nha * mais de quatro mil homens de peleja. Diogo da Silueira sabia bem o sitio do rio per homens que n'elle estiuerão, que hião com elle, e assentou com os capitães que logo ao outro dia entrassem, porque os mouros nom ouvessem vagar de mais se aperceber, e mandou que Francisco Dayora ficasse na barra em guarda que nom entrassem paraos, em huma carauella, e Antonio Mendes de Vasconcellos, feitor d'armada, entrasse no rio com 'armada, e elle Diogo da Silueira, com Manuel de Vasconcellos, Francisco da Cunha, João da Silueira, Antonio de Sousa, Duarte Brandão, Anrique Nunes, Gomes de Soutomayor, Fernão de Crasto, Diogo Jusarte, e outros fidalgos e bons caualleiros, com tresentos homens espingardeiros, auião de sayr em terra na barra e hir dar nas costas das tranqueiras dos mouros. O que assy ordenado, ao outro dia pela menhã Diogo da Silueira mandou entrar 'armada, com a gente baixa por amor d'artelharia, e elle fiqou em cinco catures detrás. Entrando 'armada os mouros das estancias lhe derão grande bataria, e tambem d'armada com muytos tiros grossos; na qual acupação estando, Diogo da Silueira desembarqou na terra prestesmente, e os catures forão entrar pelo rio, que cuidarão os mouros que leuauão a gente detrás por amor d'artelharia. Diogo da Silueira fez dous esquadrões da gente, com que foy dar nas costas das tranqueiras; no que os mouros tiuerão bom tento, e lhe sayrão de hum palmar mais de dous mil com grandes gritas, cometendo os nossos com grande furia; mas Diogo da Silueira, tocando as trombetas deu Santiago com encontro da espingardaria, com que fez n'elles máo lauor, matando, e derribando muytos feridos; mas nem por ysso os mouros deixarão de chegar e pelejar fortemente; onde os nossos, tomando as lanças que leuauão seus escrauos, se meterão com os mouros de tal modo que os arrancarão do campo, que se colherão per' as tranqueiras; a que os nossos apertarão em tal maneyra que os leuarão de vencida com os que estauão nas tranqueiras, onde já desembarcaua a gente d'armada seguindo vitoria após os mouros. E Diogo da Silueira correo ao longo do rio, e foy ter em huma misquita em que se os mouros detiuerão, mas chegando Diogo da Silueira logo fogirão pera a casa do chatym de dentro da muralha, onde estaua muyta [1] * gente. Alguns * disserão a Diogo da Silueira que deuia de deixar hum pouqo descansar a gente e comer

[1] * gente que alguns * Autogr.

alguns bocados; Diogo da Silueira disse: «Esse folego nom quero eu» «dar a estes mouros.» E logo com Santiago remeteo á porta da tranqueira que estaua antes da muralha, onde os mouros fizerão grande resistencia porque os nossos nom tinhão outra entrada; onde a peleja era muy forte, porque defendia a porta hum valente capitão dos mouros. O que vendo hum valente mancebo, chamado Francisco de Sousa, que se atreueo em sua força, cobriose de huma rodella e entrou, chegando ao mouro com huma estocada com que o matou; mas elle leuou o pago de tres feridas. E após elle entrarão outros assy com rodellas e espadas, com que fizerão alargar os mouros, com que puderão entrar os fayns, e com grande grita dos nossos com que leuarão os mouros e entrarão com elles a muralha, onde os mouros erão tantos que se nom podião reuoluer, mas pelejauão fortemente com muytas frechas, e pedras, e panelas de poluora, e com muytas espingardas que tinhão, com que ferirão muytos dos nossos. Mas os nossos com as [1] *espingardas dauão* nos mouros a montão, que erão desarmados dos corpos, com que nom puderão tanto soffrer e se colherão por detrás da casa do chatym, que nom ousarão agardar os nossos que os seguião; e os nossos, sendo desacupados dos mouros de fóra, forão cometer a casa do chatym, onde Gomes de Soutomaior, e Diogo Telles, e Diogo de Sousa, e Francisco Brandão, e Diogo Tisnado, e Duarte de Paiua, e João Coresma, e Antonio Mendes de Sousa, e outros, cometerão a casa a quebrar a porta com hum berço de ferro que fizerão vayuem, com que a porta foy quebrada e os nossos entrarão, e tambem por cima das paredes; com que os mouros nom ousarão agardar e sayrão por outra porta pera huns esteiros per que passauão, e outros a nado passando pera' outra banda; onde os nossos catures lhe fizerão muyto mal, em que morrerão muytos, que custou este feito mais de mil mortos e feridos, e dos nossos em todo este feito morrerão treze homens, muytos feridos de frechas a mór parte. E no feito o chatym foy morto; mas fiqou hum seu filho que depois foy pior que o pay, que nom deixou de ter este trato da pimenta com os paraos do malauar.

Entrada a casa se achou muyto cobre, coral, azougue, vermelhão, e outras riqas cousas, de que os nossos ouverão boa preza. O chatym nom ousou hirse pela terra dentro e saluar sua pessoa e riqueza, porque

[1] *espingardas que dauão* Autogr.

logo lá o auião de roubar e catiuar. Diogo da Silueira deu escala franqa, e porque vio que carregauão muyto as fustas e catures mandou dar fogo, e se queimou muyta riqueza ; e fez embarquar toda' artelharia, que era de ferro, que toda mandou deitar no mar depois que sayo do rio, porque nom seruia nos nauios. Fiqou tudo tão destroydo que nunqua mais tornou ao que d'antes era, que era o melhor rio e mais nobre de toda a costa.

Acabado este feito de Mangalor, Diogo da Silueira mandou que se fossem pera Goa oito velas, as melhores, e ficarão com elle as outras que auião mester corregimento, com que auia d'hir enuernar em Cochym ; e tambem que já se vinha chegando o inuerno. E despedidos os nauios se foy a Cananor pera os soldados venderem seu fato ; onde assy estando passou á vista de Cananor Patemarcar com sessenta paraos, que hia carregar a Mangalor nom sabendo o que era feito. Ao que Diogo da Silueira logo se fez a vela após elle, e o alcançou com muyto trabalho de remar, porque lhe nom seruia o vento e fiqou de julauento, sómente hum catur de Cananor que remou muyto, e chegando os paraos o cercarão pera o tomar ás mãos, mas nom se concertarão os nossos bem e pelejando todos em hum bordo cessobrou o catur, em que morrerão sete portugueses. N'esta enuolta chegarão alguns nauios nossos, de que o Patemarcar se vingou bem com a muyta artelharia que tinha. O que vendo Diogo da Silueira que nom tinha remedio pera abalroar nom quis andar ás bombardadas, e se tornou a Cananor a concertar e espalmar seus nauios, e se concertou e foy em busca dos paraos que forão a Mangalor, que achando assy destroydo foy * o Patemarcar * por outros rios a carregar, onde fez boa preza em nauios de portugueses, que caminhauão pera Cochym confiados que a costa estaua gardada com a nossa armada ; os quaes vierão ter com o Patemarcar, que tomou cinqo, em que tomou boa pressa, e matou muytos portugueses porque pelejarão, e catiuou outros que se entregarão, e carregou seus paraos e se tornou a Calecut ; onde ao Monte Fremoso deu com Diogo da Silueira, que o esperaua, que com o vento da terra o foy cometer ; o que vendo o Patemarcar fez os paraos meter em fio hum após outro, que leuauão muyto vento, e elle nos móres paraos fiqou na trazeira. Os nossos correrão a tomar a dianteyra, e nom puderão ; mas chegando aos que puderão, com que abalroarão e o Patemarcar chegou [1] *'ajudar, ouve * tempo com que os

[1] * ajudar em que * Autogr.

nossos nauios todos chegarão. O Patemarcar mandaua aos seus que se fossem e nom se detiuessem; o que assy fizerão em quanto os nossos pelejarão. Todos se forão, que sómente oito forão tomados, de que a gente se lançou ao mar e se colherão aos outros paraos, indaque muytos morrerão no mar. Na qual enuolta o Patemarcar teue tempo que se passou a hum catur seu ligeiro de remo, e foy seu caminho quanto pôde. Ficarão os nossos com os paraos dos mouros carregados d'arroz, com que se forão a Cananor, com tres homens mortos e alguns feridos, onde esteue Diogo da Silueira alguns dias; e porque era já meado mayo, em que já auia muytas treuoadas d'inuerno, com que nom podia andar na costa senão com muyto perigo de alguma tempestade, que lhe podia dar, e se perderia, e por lho requererem os pilotos, se foy a Cochym, como tinha por regimento.

CAPITULO XIV.

DOS MUYTOS PROUIMENTOS QUE SE FIZERÃO, DURANDO O INUERNO, PERA FORNIMENTO DA GRANDE ARMADA QUE O GOUERNADOR FEZ PERA DIO.

O Gouernador, ordenando a mór armada que pudesse ajuntar, mandou fazer grande fornimento de todas as cousas necessarias pera ella, principalmente muyta poluora de bombarda e espingarda por todolas fortelezas, e que se fizessem muytos mantimentos; e porque a mór soma auia de ser arroz pera os remeiros e gente da terra que esperaua leuar, mandou a Chaul recado 'Antonio da Silueira que lhe tiuesse prestes grã soma, que auondasse tres meses a dez mil almas. O que elle assy fez per apontamento do Gouernador, e ajuntou muyto trigo, e mandou fazer cincoenta pipas de farinha e muytas carnes, e pescados sequos e salgados, e muyta manteiga e queijos da terra; e concertou com homens da terra que lhe auião de dar em pé mil vaqas, e dous mil carneiros, e dez mil galinhas, ao tempo que o Gouernador hy chegasse. Em Baticalá [1] *o* feitor Diogo [2] *Cerueira fez* muyto arroz giraçal e chambaçal, emfardelado, e muyto açuqere, e ferro em barras, porque [3] *auia* muyto em Baticalá, onde se fizerão grão numero d'arqos de ferro pera pipas e bar-

[1] *ao* Autogr. [2] *Cerueira que fez* Id. [3] *via* Id.

rís, e machados, e picões, e alauancas, e pás pera valadar, e enxadas, e muyta pregadura grossa e miuda.

Em Cananor se fizerão muytas amarras, e enxarcea, e tanques de toda' sorte, e muyto pescado sequo, e azeite, e vinagre, e coquos, tudo em grande auondança.

Em Cochym Antonio de Saldanha fez carauellas nouas, e duas albetoças pera cada huma tirar hum basalisco por prôa e oito peças grossas polas bandas e por popa, e doze falcões se lhos quigessem pôr ; que pera ysso se fizerão de muy grossa madeira. E se fizerão galés, e galeotas, e fustas, e catures, cada hum como podia, que folgarão de gastar pera ganhar honra. O que assy fizerão homens em Goa e Chaul, onde per todos estes lugares o Gouernador mandou prouisões suas assinadas e asselladas, que forão apregoadas, em que se obrigaua a todo homem que fizesse nauio pera esta armada, de qualquer sorte que fosse, grande ou pequeno, que lhe daria ordenado de capitão d'elle, segundo fosse, e o [1] * armaria * de todo, e tornando de Dio lho tomaria pera ElRey por aualiação d'officiaes, se o quigesse dar, e nom o querendo dar lhe daria viagens pera seu proueito ; e que pera fazimento dos taes nauios lhe daua, polo custo, tudo o que ouvessem mester dos almazens em seus soldos, e de todo o mais os armaria á custa d'ElRey ; e se os donos dos nauios n'elles nom quigessem hir, elles da sua mão os dessem a seus amigos e parentes, a que pagaria os ordenados segundo regimento d'ElRey ; prometendo que todolos homens, que ajudassem n'este seruiço com nauios, os auia de mandar a ElRey por apontamentos pera lhes fazer mercê, ou d'ysso lhe assinaria certidões pera mandarem a ElRey. Per bem das quaes prouisões todolos homens que o puderão fazer fizerão nauios grandes, e pequenos, como tinhão o poder, esperando por ysso que o Gouernador lhes faria tambem mercês ; pelo que fizerão galés, e galeotas, e carauellas, e fustas, e todos com muyta vontade, por tirarem dos almazens cousas com que se pagassem dos soldos que lhe ElRey deuia. Em que ouve homem que fez dous e tres nauios pera sy, e pera seus filhos e parentes, que metião nas capitanias, a que o Gouernador lhe passaua suas patentes : com o qual modo se forneceo grande armada ás custas alheas. E eu que cahy n'esta paruoyce, que fiz hum catur latino em que gastey de

[1] * arma * Autogr.

minha casa quinhentos pardaos, afóra o que me derão d'ElRey, e com este seruiço fiquey e com cincoenta e dous annos de seruiço n'estas partes, e todo o soldo e mantimento e moradia que n'este tempo vency quá me fiqua, de que ElRey será herdeiro, como he dos mais dos homens que falecem n'estas partes, porque elle tirou o poder aos homens que nom gastassem o que vencessem, que lhe nom deixa vender seus vencimentos, porque tudo lhe ficasse; de que a Deos dará muyta conta, e quem lhe aconselhou que tamanho mal fizesse aos homens da India, que lhe tolheo que nom trespassassem seus soldos per que achauão camisas que vestir.

Antonio de Saldanha em Cochym fez vinte batés grandes, pera tirarem peças grossas, com suas mantas; fez muytas escadas de troços e inteiras, e muytos padeses de campo, banqos pinchados, pauiolas, gamellas, e todas cousas de madeira.

E o Gouernador em Goa fez a mór soma de todas estas fornições; e monições, e artificios, e lanças de fogo; e pilouros de ferro, pedra, chumbo, pera toda sorte d'artelharia; e cestos pera bastiães, de canas, de modo de tonés; e muytos mantimentos e carnes da terra firme; porque o Gouernador e o Hidalcão estauão amigos com muytas visitações, e pera este apercibimento lhe mandou quinhentas vaqas, e mil carneiros, e mil candis d'arroz que mandou dar nos seus portos, e de manteiga dez pipas; do que o Gouernador lhe fez retorno de riqas peças, e jaezes de cauallos que lhe mandou muy riqos; com que forão sempre grandes amigos até que nós quebrámos, como adiante direy, com máo galardão que lhe derão. Todos estes prouimentos se bastecerão n'este inuerno d'este anno de 530.

Mandou o Gouernador apregoar que daria hum cruzado por mês, na terra e no mar, a todo homem da terra ou escrauo catiuo que fosse homem de vinte annos acima, que tiuesse espingarda e soubesse tirar com ella; polo que se fizerão muytos, que ao domingo hião á barreira a ganhar hum meo pardao a quem quebraua o aluo, pera o que a cada hum dauão meo arratel de chumbo e meo de poluora, com que se fizerão passante de mil espingardeiros d'estes, e muytos bombardeiros que se fizerão, que tambem tinhão barreira de bombarda com hum cruzado ao que quebraua o aluo. E porque os homens se concertassem de suas armas, o Gouernador fez alardos com a gente armada que hião com seus capitães,

que passauão muyta vergonha se nom leuauão boas armas, porque o Gouernador falaua muytas honras aos bem armados. Pelo que comprio fazer hum pagamento geral muy bom, com que os homens muyto bem se concertauão, e todolos armeiros e coyraceiros forão bem pagos porque gornicião as armas de graça; em todo o inuerno correndo muytos patamares, que o Gouernador mandaua ás fortelezas dar pressa e saber o que se fazia. E mandou a Diogo da Silueira como o tempo lhe désse lugar logo saysse com 'armada dar guarda á costa, porque tomasse as naos que viessem de Meca, e tolhesse as embarcações de Calecut que nom sayssem a buscar arroz, porque morria muyta gente á fome, que valia hum fardo d'arroz vinte pardaos, e os pobres que nom tinhão dinheiro todos morrião á fome; e dizendo que como chegassem as naos do Reyno logo se [1] *auia* de partir pera Dio.

E porque no anno atrás de 529, e este de 530, nas partes de Malaca se passarão algumas cousas, as contarey aquy por nom tornar depois atrás.

CAPITULO XV.

QUE CONTA ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM MALACA E MALUCO NO ANNO PASSADO DE 529.

Já atrás na lenda de Lopo Vaz de Sampayo fica dito como dom Jorge de Meneses, capitão de Maluco, mandou dom Jorge de Crasto a Bandá, que era da sua jurdição, buscar secorro de gente e fazenda pera muyta necessidade em que estaua; o qual chegando a Bandá achou hy Jorge de Brito, capitão da fusta que se perdera da sua companhia quando hia pera Maluco, e arribou ally a Bandá pera na monção se hir a Maluco, e ahy achou dous junqos d'homens riqos de Malaca, a saber Bastião Vieira e Lopaluares, a que fez requerimento da parte d'ElRey que lhe dessem algum emprestimo de dinheiro ou roupas pera secorro da grande necessidade em que estaua a forteleza; e assy 'alguns portugueses que tinhão [2] *muyto*. Mas elles nada quiserão fazer; do que dom Jorge tirou estormentos, que mandou ao capitão de Malaca, que os castigasse, e man-

[1] *via* Autogr. [2] *muytos* Id.

dasse prouimento pera' fortelcza de roupa e gente. E estando assy esperando por monção, forão ter nas outras ilhas de Bandá mouros d'ElRey de Tidore, e com elles castelhanos, aleuantando a terra e dizendo grandes males dos portugueses e bens dos castelhanos, dizendo que muyto cedo auião de ser senhores de todas as ilhas. O que dom Jorge trabalhou polos achar e tomar, e nom os pôde achar, e se partio pera Maluco, onde chegado com tão pouqo secorro, que erão sómente vinte e cinco portugueses que hião na fusta, fiqou o capitão e toda a gente muy agastados, e morria a gente á fome, que nom tinha com que lhe pagar o mantimento. Do que se espantaua a gente da terra dos trabalhos dos nossos, que padecião com trabalho e fome. Cachil Daroes dizia que nom podia ser senão que na India tinhão por perdido Maluco, e por ysso nom curauão de mandar prouimento, nem os portugueses que estauão em Bandá nom querião vir a Maluco ; com que fazia zombaria dos nossos, e dizia que galinhas brancas nom podião estar antre as pretas ; tomando tenção contra os nossos, como se depois descobrio.

Estando assy n'este tempo se acabarão humas tregoas que auia antre os nossos e os castelhanos, que nom quis o capitão dos castelhanos assentar outras tregoas, por lhe requerer o Rey de Tidore e de Geilolo que estauão já prestes pera guerrearem os nossos, e tomar o Morro, que he a principal cousa de Maluco. Ao que logo mandarão suas armadas pera tomarem os lugares que tinha o Rey de Tidore no Morro ; ao que tambem acodio Cachil Daroes com sua armada pera defender, em que forão alguns portugueses, e andando na guerra, Cachil Rade, capitão do Rey de Tidore, desbaratou quatro corocoras do Rey de Ternate, da capitania de Cachil Daroes, e huma d'ellas tomou com toda a gente e hum homem honrado de Ternate, que matou, e a todos com grandes cruezas ; com que os de Ternate e portugueses se colherão a terra, e mandarão recado a dom Jorge que os de Tidore erão muytos, e com elles andauão corenta castelhanos que os ajudauão.

Dom Jorge, ouvindo este recado, determinou de hir dar em Tidore e com os castelhanos e Fernão de la Torre, que nom tinhão com que se poder defender ; o que falou com Cachil Daroes, que logo ajuntou o mór poder que tinha, com ajuda do Rey Bachão, dizendo dom Jorge que queria secorrer o Morro. E fez armar a gente pera leuar, que forão cento e vinte homens bem armados, que os da terra folgarão de ver tão boa gen-

te; ao que logo dom Jorge se apartou com o Rey de Bachão e Cachil Daroes, e c'o alcayde mór e feitor, e officiaes, e em conselho lhe dixe que determinaua elle hir dar sobre o Rey de Tidore e com os castelhanos que com elle estauão, e todos matar, e destroyr a cidade, com que ficaria tudo em paz. O que ouvido por todos, disse o Rey de Bachão e o Cachil Daroes, e os outros, que lhe parecia muyto bem, e que logo partissem; o que contrariarão os portugueses, que nom querião que ouvesse guerra por amor de suas fazendas, e dizendo, por estoruar, que com o Rey de Tidore nom ficaria tão pouqa gente que nom se pudessem bem defender, e com ajuda e artelharia dos castelhanos; e os portugueses nom erão tantos como compria pera o feito, e que tanto que corresse a noua a sua armada acodiria lá ou por ventura virião tomar a forteleza, sabendo que ficaua só; que portanto tal cousa nom deuia de cometer. Do que dom Jorge se mostrou muy agastado, dizendo: «Tenho muyta vergo-» «nha, que a gente da terra me quer ajudar, e os portugueses, por seus» «[1] *interesses*, me querem estoruar; mas nom dou por nada, que eu» «nom hey de deixar de fazer o que me parecer seruiço de Deos e d'El-» «Rey.» E fez entrega da forteleza ao alcayde mór Diegayres [2], com que ficarão trinta portugueses. E se embarcarão de noite por hirem mais cubertos, e dom Jorge com os portugueses, que hião de má vontade, que dom Jorge bem entendia, mas dessimulaua; e s'embarqou em batel grande bem armado, e os que nom couberão forão com dom Jorge de Crasto em hum parao grande, e nas outras embarcações da terra, e com o Rey de Bachão. E ao outro dia em amanhecendo, que era dia de são Simão, e Judas, chegarão ao porto de Tidore, onde no porto deixou dom Jorge de Crasto com vinte portugueses e vinte homens honrados de Ternate, que com o batel e parao, que tinhão tiros grossos, fosse dar bataria a hum baluarte, em quanto elle côm toda a gente hia dar na cidade. E foy diante hum Vasco Lourenço, bom caualleiro, descobrindo o caminho com dez portugueses, e á sua vista d'elle Diogo Botelho com outros dez homens. Com que dom Jorge deu de supito sua grita de Santiago tangendo as trombetas. O que ouvido, entrou no Rey e na gente grande espanto e grande trouação, e assy nos castelhanos, que erão corenta que estauão

[1] interes* Autogr. [2] Gomes Ayres lhe chama Castanh. *Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. IV.

com seu capitão, que acodirão a tirar com huns berços, e com huma espingarda ferirão hum dos nossos em hum braço; com que todos nom quiserão hir áuante [1], porque todos hião de má vontade. O que vendo dom Jorge lhe bradou que chegassem, e vendo que nom querião se adiantou ante todos com huma espada d'ambolas mãos, de que muyto feria, porque era homem de grande força, dizendo a brados grandes: «Portu-» «gueses, moyra vosso capitão ante vossos olhos, pois o nom quereys» «ajudar a pelejar por seu Rey!» E remeteo a huma porta que estaua na tranqueira, que logo entrou, onde lhe disse hum castelhano: «Se-» «nhor dom Jorge, nom pelejeys, pois os vossos portugueses nom que-» «rem pelejar.» E lhe derão com hum pelouro d'espingarda na maçã d'espada, que o defendeo da morte. Ao que com vergonha, e não com vontade, acodirão Vasco Lourenço, Vicente da Fonseca, Domingos Botelho, Francisco Pires, e outros, que forão vinte. Os castelhanos pelejauão fortemente com espingardas, e béstas, e pedras; em que a peleja era grande, que acodio a gente da cidade, mas acodirão todos os portugueses, e a tranqueira foy tomada, e fogirão os castelhanos pera' sua forteleza, alguns d'elles feridos, e ficando tres mortos e quatro catiuos. Dom Jorge seguio o alcanso aos da cidade, que lhe nom tiuerão rostro, e com elles entrou de volta na cidade, per que passarão de corrida e seu Rey que fogio com elles, ficando a cidade desemparada; ficando muytos mortos e feridos, e os nossos sem nenhum perigar de morte, sómente alguns feridos, pouqua cousa, dando a Deos muytos louvores pola vitoria que lhe dera contra seus imigos. E logo mandou chamar dom Jorge de Crasto, que veo com os portugueses, e todos saquearão a cidade, em que tomarão bom despojo, porque assy os tomarão de supito que nom tiuerão tempo pera tirarem o fato.

E logo dom Jorge assentou de hir combater a torre dos castelhanos, a que elles chamauão forteleza, que tinha huma caua d'agoa derrador; e ordenandose pera ysso escreueo huma carta a Fernão de la Torre, em que lhe rogaua, e requeria da parte de Deos e do Emperador, que nom fosse causa de mais mal, e que se *se* lh'entregasse com as fazendas e vidas tudo lhe seguraua na verdade d'ElRey de Portugal seu senhor; e que olhasse que nom tinha poder pera se defender. Ao que Fernão de la

[1] Phrase antiquada, que corresponde a *nenhum quiz ir avante.*

Torre respondeo que antes auia de morrer que se entregar ; mas que lhe daria a galeota com toda' artelharia, e Fernão Baldaya, que tinha em poder ; e lhe faria jura de nom ajudar os tidores contra elle ; e lhe daria a ilha de Maquiem ; e elles ficassem em paz pera sempre, e que elle dom Jorge se tornasse embora. O que dom Jorge nom quis aceitar, e logo ordenou sua gente e a pôs em fio, hum ante outro direitos á torre, porque 'artelharia os nom pescasse ; leuando escadas que logo enganharão [1], e suas espingardas, e lanças de fogo. O que vendo Fernão de la Torre foy aconselhado dos seus que se entregasse ; polo que pôs bandeyra branca e mandou pedir seguro pera vir falar a dom Jorge, [2] * que * lho deu. Elle sayo com os melhores homens que tinha, e apartado no campo [3] * falarão * ambos e sentou o castelhano de dar a galeota e artelharia, e Fernão Baldaya, e os escrauos fogidos, e que elle com os castelhanos todos se fosse per' o [4] Camafo, onde nom entenderia em cousa nenhuma contra os portugueses, nem acolheria pera sy castelhanos que competissem com portugueses nem com gente d'ElRey de Ternate, nem a ElRey de Bachão, nem contra nenhuns amigos de portugueses, nem faria crauo, nem castelhano nenhum hiria a parte nenhuma em que ouvesse crauo, e entregarião a ilha de Maquiem a ElRey de Ternate, nem faria nada contra nenhum amigo dos nossos ; e dom Jorge lhe daria embarcação a todos, e seu fato, pera se passarem a Camafo, e que os nossos nem os nossos amigos lhe farião mal ; e ysto se guardaria até ElRey ou o Gouernador da India mandar o contrairo. Do que todo se fez logo ally huma capitolação, que ambos assinarão e jurarão, e os principaes homens d'ambas as partes.

O concerto assy acabado, logo alguns dos castelhanos disserão que querião ficar com os nossos, o que Fernão de la Torre nom pôde estoruar. Então, logo ao outro dia, Fernão de la Torre s'embarqou no bargantym e nas coracoras com toda sua gente, que serião vinte homens, com toda sua fardagem, e se forão pera Camafo [5], onde no [6] * caminho topou * com o regedor do Rey de Geilolo, que vendo o bargantym cuidou que n'elle hião portugueses, e nom ousou de chegar e passou, e che-

[1] Engancharão ou engalharão (?) as escadas, que eram de troços. [2] * e * Autogr. [3] * falarião * Id. [4] Postoque G. Correa, e Andrade que o copiou, escrevessem *Camaso*, escrevemos *Camafo*, com Castanheda, Barros, Faria, Herera, e outros. [5] Camasco Autogr. [6] * caminho o topou * Id.

gado a Geilolo, que soube o que era feito, logo tornou com oito coracoras armadas, pera hir tomar o bargantym e os castelhanos, e os leuar a Geilolo; mas nom os pôde achar, e os castelhanos e Fernão de la Torre desembarcarão em Camafo [1], e o bargantym e coracoras se forão a Ternate. O que sabido por alguns castelhanos que estauão em Geilolo escreuerão a seu capitão que se fosse pera lá; o que elle depois fez, e quebrou o que tinha jurado. Dom Jorge, logo antes que se tornasse de Tidore, fez concerto com o Rey de Tidore que désse cad'anno de pareas a ElRey de Portugal certos báres de crauo, e que nunqua em sua terra consentiria os castelhanos, nem teria guerra contra os amigos d'ElRey de Ternate.

Estando assy dom Jorge n'estes concertos, pareceo ao mar hum junquo de mouros, carregado de mantimentos e roupas pera comprarem crauo em Tidore; ao que o capitão lá mandou dom Jorge de Crasto, que rendeo o junqo, que se entregou, que deu grande secorro á necessidade da nossa forteleza; o qual junqo deu o capitão de mercê a dom Jorge de Crasto, que deixou em Ternate [2] com corenta portugueses pera recadar as pareas do crauo. E o capitão com a outra gente se tornou á forteleza, leuando duas galeotas dos castelhanos, e a nossa que tomarão a Fernão Baldaya, e 'artelharia, e muyta poluora e monições, e ancoras, e cousas que forão da nao que se meteo no fundo; e com esta boa vingança fiqou comprida a palaura de dom Jorge, que mandára dizer aos castelhanos que de hum bocado os auia de comer a todos. Com que dom Jorge foy recebido na forteleza com festas, ficando em grande credito com a gente da terra; e dom Jorge de Crasto, acabando de fazer tudo com o Rey de Tidore, se foy pera' forteleza, que em janeiro se partio pera Bandá e leuou alguns castelhanos com licença do capitão, com que se foy á India.

Fernão de la Torre, que auia d'estar em Camafo segundo o concerto das pazes que fizera com dom Jorge, se foy pera o Rey de Geilolo por lho requererem os castelhanos que lá estauão, e como lá esteue, o gouernador de Geilolo * tornou * a fazer a guerra ao Rey de Ternate, ao que os nossos acodião. No qual tempo faleceo o Rey de Ternate, e se sospei-

[1] * Camasco * Autogr. [2] A' margem está uma nota, em lettra tambem antiga com este máu reparo: « Parece que ha de dizer Tidore. »

tou que fôra de peçonha que lhe mandára dar Cachil Daroes, porque sabia que ElRey lhe tinha má vontade polo elle fazer meter na forteleza em que estaua como preso. A qual morte foy muyto sentida assy dos mouros e tambem dos portugueses, que todos lhe querião bem por suas boas condições; e per sua morte foy aleuantado por Rey outro seu irmão mais moço, chamado Cachil Ajulo [1]. A Raynha, auendo medo que tambem lho matassem, e que lhe nom ficaua outro filho, fez muytos requerimentos a dom Jorge que lho deixasse ter na cidade com ella; mas dom Jorge nom quis, per conselho de Cachil Daroes, que lhe fazia crer que com estar em poder da Raynha lhe armarião trayção; o que Cachil Daroes assy tecia porque em tanto que ElRey estaua na forteleza tinha elle todo o poder no Reyno todo, como se fosse Rey. A [2] * Raynha sabia * que tudo ysto causaua Cachil Daroes, e a rezão porque, mas com tudo dessimulaua, por alcançar d'elle que fizesse com dom Jorge que lhe largasse o filho, e tanto lhe fez a vontade a se deitar com elle, tanto desejaua de auer o filho [3]. Mas o Cachil Daroes nunqua o quis fazer, e queria grande mal a Cachil Vayaco porque o capitão era grande seu amigo, e temia que o faria Gouernador do Reyno, e elle ficar fóra do cargo. E tinha esta sospeita porque sentia no capitão que nom era muyto seu amigo depois das contendas que teue com dom Gracia, e que o que com elle comonicaua e falaua era com necessidade, e não de vontade; e tinha assy a má vontade a Cachil Vayaco, e o Cachil Vayaco assy se temia d'elle. O que assy sendo vierão humas lancharas do Rey de Geilolo dar vista á forteleza; ao que o capitão mandou Cachil Vayaco que com alguns portugueses acodisse; o qual foy de préssa, e s'embarqou em huma coracora em que andaua algumas vezes o Cachil Daroes; o qual fez fogir os imigos e se tornou á forteleza, tômandolhe huma coracora. Pelo que o capitão lhe fez festa; do que Cachil Daroes ouve grande enueja, mostrandose muyto menencorio de Cachil Vayaco porque fôra na sua coracora, e manifestamente se mostrou imigo de Cachil Vayaco, e em todo fazia contra elle o que podia, trabalhando polo matar com peçonha; e pedio a dom Jorge que lho entregasse pera o castigar de males que tinha feitos contra o seruiço d'ElRey de Portugal e d'ElRey de Ternate, de que

[1] Castanh. chama-lhe Cachil ayalo, e Barros escreveu Cachil Daialo. [2] * Raynha que sabia * Autogr. [3] V.e Castanh. *Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. XVIII.

deu falsos apontamentos, fazendo grandes protestos contra dom Jorge, se lho nom entregasse. Ao que dom Jorge temeo, e pôs o caso em conselho; o que sabido por Cachil Vayaco veo a conselho, e dixe ao capitão e os que com elle estauão: «Senhor, olha o que fazes; porque tudo» «ysto de Cachil Daroes são trayções que tu nom entendes, mas Deos» «as descobrirá, e será á custa dos portugueses. E por tanto eu nom» «hey de morrer em poder de trédor.» E se lançou por huma genella da torre e morreo. De que o capitão tomou grande paixão, e o Cachil Daroes inda fazia foscas, queixandose do capitão porque lho nom entregara: do que fiqou mais odio antre o capitão e Cachil Daroes; o que o capitão soffria e dessimulaua, porque nom podia enpencer ao Cachil Daroes sem auer alguma reuolta na cidade.

O que o Cachil Daroes bem entendia, e se temia muyto de o matarem, e se guardaua do capitão e dos portugueses como imigo; o que os mouros entendião no Cachil Daroes, de que tomauão ousadia, e fazião mal aos nossos no que podião, o mais dessimulado que podião, porque muyto temião dom Jorge. E polo anojarem lhe matarão huma porqua china, que elle muyto estimaua; o que o capitão muyto sentido trabalhou tanto que soube que lhe mandara matar a porqua o tio d'ElRey, que era caciz mór; polo que o capitão o mandou trazer preso á forteleza. E logo Cachil Daroes com os principaes da terra se foy á forteleza pedir ao capitão que mandasse soltar o tio d'ElRey, que o nom deuera de mandar *prender* por tão baixa cousa como era huma porqua. O capitão estaua muy agastado, e lhe dixe: «Cachil Daroes, quem ma-» «tou a minha porqua, por me anojar, muyto fez; mas eu nom quero» «tomar a paga como merecia.» Nom será solto vosso caciz sem primeyro a pagar quanto val oito vezes dobrado; e seja aualiada e paga e será solto. E se foy á ribeira. O Cachil Daroes se ouve d'ysto por muy enjuriado, e muy agastado disse ao ouvidor que désse juramento quem aualiasse a porqa; e logo a valia d'ella deu ao ouvidor, que leuasse ao capitão, que mandasse soltar o caciz. O que o capitão fez, e mandou a hum seu criado que o fosse soltar, o qual foy á forteleza, e tomou únto da porqua e untou o rostro e barbas ao caciz, e o deixou hir. O qual sayo fóra, onde á porta da forteleza estaua o Cachil Daroes com os outros agardando pera o acompanharem; o qual sayndo fóra sayo chorando, fazendo grandes cramores da enjuria que lhe assy fizerão, mostrando o ros-

tro untado do toucinho da porqua; o que todos chorarão com elle, e se forão muy indinados.

O Cachil Daroes, por se mostrar grande, se foy á ribeira queixar ao capitão do que mandára fazer ao tio d'ElRey, e caciz mór de todas as terras de Ternate, mandar com toucinho untarlhe o rostro. O capitão se mostrou muy indinado, e lhe dixe: «Cachil Daroes, ysso nom he» «verdade, que eu tal nom mandey fazer; mas ao meu criado, ou a quem» «quer que fez, hey de dar muytas pancadas, porque gastou e sujou o» «meu toucinho no rostro de hum mouro.» O Cachil Daroes, vendo o capitão assy menencorio, lhe ouve medo e nada respondeo, e se foy com os outros todos muy indinados contra o capitão. O caciz, por se auer por muy injuriado, se foy viuer fóra de Ternate, fazendo aos mouros grandes escramações da tamanha enjuria que lhe era feita, de que seu Mafamede estaua muyto menencorio até que fosse vingado; requerendo-lhe da parte de Mafamede que o vingassem: ao que todos se offerecerão. E se foy viuer á ilha de Bachão, e nunqua mais tornou a Ternate senão em tempo d'Antonio Galuão, como adiante direy.

O Cachil Daroes nom ousou de bolir em nada, mas depois, d'ahy a huns dias, mandou aos mouros que nom trouxessem a vender nada de comer, com que ouve grande aperto; do que o capitão se queixou com Cachil Daroes, e elle dixe que nom tinha culpa, porque os portugueses tomauão o comer por força e o nom pagauão, que nom tinhão dinheiro, porque elle capitão lhes nom pagaua seus soldos; que por tanto a ysso nom podia dar remedio. O capitão bem entendeo tudo, e dessimulou, e mandou Gomes Ayres, alcayde mór, com alguns portugueses que fossem pela ilha buscar mantimentos e os trouxessem, que elle os pagaria; polo que forão, e alguns portugueses, que forão diante como homens esfaymados, entrauão polas casas tomando o que achauão. Ao que se os mouros aluoroçarão, e tomarão os portugueses antre sy e lhes derão muytas pancadas, e alguns feridos; com que se tornarão á forteleza.

Esta briga se fez em huma terra que se chamaua Tabona, onde auia hum regedor o qual ajudou á briga. O capitão mandou dizer a Cachil Daroes que logo lhe mandasse trazer o regedor de Tabona, e seis homens os principaes da terra; o que logo foy feito, e trazidos. O capitão estaua á porta da forteleza, e acodio muyta gente a vêr o que o capitão fazia, o qual mandou cortar as mãos direitas aos homens, e que logo se

tornassem ao lugar, que vissem os outros o pago que leuauão; e ao regedor mandou atar as mãos detrás, e mandou soltar dous cães grandes de filhar, que tinha, e mandou filhar ao regedor, que remeterão com elle, e lhe dauão fortes dentadas de que lhe corria muyto sangue, que vendose muy atromentado dos cães se meteo no mar, que ysto era na praya; mas os cães nem por ysso o largauão. O qual, vendose de tal maneyra, elle com os dentes ás dentadas tambem mordia os cães, que durou muyto a peleja, e já nom podendo mais se foy meter no mar, e se meteo debaixo d'agoa até que se afogou. O que foy visto por muyta gente da terra, que acodio a vêr, que ficarão muy espantados de ver tal justiça, e vêr o esforço com que se defendia dos cães ás dentadas; de que fiqou d'elle grã fama de valente homem.

D'este feito sentio o Cachil Daroes muyta vontade em todos os mouros pera se aleuantarem contra os portugueses; o que elle determinou de pôr por obra, e em segredo falou com o [1] * Çamarao *, que era almirante d'ElRey de Ternate, e com o Boyo, que era regedor da justiça, e com os principaes do conselho d'ElRey, em que em todos achou prestes vontade pera matarem os nossos e os castelhanos, e auerem todas as fazendas pera sy. O que o Cachil Daroes ordenaua pera tambem matar o Rey de Ternate e se aleuantar por Rey; ao que se carteou com o regedor de Geilolo que auia de matar os castelhanos e se casaria com huma filha que tinha; o que o Cachil Daroes andou consultando com muyta dessimulação. Da qual cousa foy auisado o capitão por huma molher da terra, solteira, christã, que fôra catiua de hum português que a forrara, de que ella tinha hum filho que seruia ao capitão; a qual, temendo a morte do filho quando matassem os portugueses, o descobrio em segredo ao capitão, que logo a ysso deitou o sentido e suas espias com que soube tudo, e não tão inteiramente como estaua consultado; o qual sem d'ysso dar conta a ninguem tinha em sy boa guarda, e determinado nom pairar mais esta cousa hum dia mandou chamar Cachil Daroes, e o almirante e o regedor da justiça, e os apartou em cada huma sua casa, e os deixou estar fechados, e chamou o ouvidor e tabalião, e se foy á casa onde estaua o regedor, e lhe disse que já Cachil Daroes lhe dissera a

[1] * Camarao * Autogr. *Castanh. Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. XX, escreveu Çamarao; e *Barros*, Dec. IV, Liv. II, Cap. X, traz Samarao.

verdade, e que elle tambem lha dissesse, senão que os seus cães lha farião dizer de todo o que estaua ordenado na trayção. Elle, o regedor, parecendolhe que já Cachil Daroes o tinha descuberto, e que elle se o negasse o deitarião aos cães, logo confessou tudo, o que escreueo o tabalião e assinou o [1] * Boyo * ; e ysto feito assy o foy dizer outro tanto ao almirante, que assy confessou e assinou. Então se foy ao Cachil Daroes, dizendo que já os outros lhe tinhão tudo descuberto, que se lho negasse que os seus cães lho dirião. O que o Cachil Daroes logo confessou, dizendo que toda a gente da terra lho requeria polos grandes males que lhe os portugueses fazião ; o que todo assy o assinou. Sobre o que logo o capitão tomou acordo com o feitor e alcayde mór, e outros homens que erão pera ysso ; onde foy assentado que logo fosse degolado Cachil Daroes, porque estando preso causaria aluoroços com esperança de o soltarem. O que assy foy assentado, e que por nom ficar tanto escandolo na terra os outros fossem soltos, e amoestados que os nom matauão por * que * d'elles nom nacera a trayção, senão de Cachil Daroes, e por ysso o matarão. E logo diante da porta da forteleza puserão hum páo como picota, onde os portugueses estauão prestes pera acodirem, e o meyrinho tirou fóra o Cachil Daroes com ferros nos pés, e o leuou á picota, onde foy degolado com pregão de trédor, que sendo vassalo d'ElRey de Portugal armaua trayção contra o capitão de sua forteleza e seus portugueses. O que logo causou muy grande ounião no pouo ; mas sendo soltos os outros presos, que disserão a causa da morte de Cachil Daroes, assassegarão. Mas todauia o regedor e almirante nom se ouverão por seguros, e aconselharão a Raynha que nom estiuesse em Ternate ; a qual se foy com elles a viuer em outra terra chamada Turutó, donde mandou pedir ElRey seu filho a dom Jorge, o qual lhe respondeo que em quanto seu filho estiuesse na forteleza estaua segura sua vida, que se estiuera fóra já Cachil Daroes o tiuera morto. Mas comtudo ella nem os outros quiserão tornar pera' ilha, e assy esteuerão até que veo Gonçalo Pereira por capitão de Maluco, como adiante contarey, que foy n'este anno de 531, (*) por nom tornar atrás.

[1] * Baya * Autogr. (*) Tem á margem : « Parece que ha de ser 1530. »

CAPITULO XVI.

DE COMO GONÇALO PEREIRA FOY PERA MALUCO, EM QUE VIERA PROUIDO POR CAPITÃO; O QUE PASSOU EM SUA VIAGEM, E COM DOM JORGE DE MENESES EM MALUCO.

O Gouernador em Cochym, onde estaua Lionel de Lima, que fôra de Maluco, ouve d'elle muyta enformação das cousas passadas em Maluco, e os apontamentos e cousas que de lá erão vindas. Ao *que* todo proueo com regimento e muytos apontamentos que deu a Gonçalo Pereira, homem fidalgo que ElRey prouera de capitão de Maluco, o qual o Gouernador proueo de muyta fazenda e monições, e duzentos homens, em hum galeão, e Lionel de Lima em huma galeota pera capitão do mar, o qual despachou, e partio de Cochym em conserua com Antonio da Silua de Meneses, que foy em hum nauio, e partirão de Cochym em mayo do anno de 529.

E hindo seu caminho, no golfam além de Ceylão lhe deu hum temporal com que se apartou Antonio da Silua, e fiqou Gonçalo Pereira e Lionel de Lima, que seguirão seu caminho até as ilhas de Nicobar, que Lionel de Lima, que hia diante, dobrou, que a galeota mais apontou, porque o vento era escasso e nom póde dobrar Gonçalo Pereira, pelo que lhe foy forçado surgir em huma despouoada muyto largo da terra, onde esteue alguns dias que nom tinha vento pera nauegar, e nom sabendo quanto o tempo duraria apertou a regra do mantimento. Onde assy estando, alguns enfadados da má vida consultarão de fogirem no parao do galeão, em que andaua huma [1] *jarra* d'agoa, e se hirem á costa de Pegú andar ás prezas, porque tambem no batel andauão dous berços, com que hião fazer agoada com camaras e pelouros; e n'ysto assentado, hindo o parao a terra fazer agoada se meterão n'elle com suas armas, e estando o piloto com os marinheiros enchendo os barrís os da consulta se forão com o parao, e quando o piloto tornou, que o nom achou, logo lhe pareceo o que era, e elle com quatro marinheiros ficarão desespera-

[1] *jaa* Autogr.

dos porque o galeão estaua longe, e se forão ao longo da praya chamando pela misericordia de Deos, que lhe acodio com huma almadia bem pequena que acharão na praya, como que viera perdida d'outra parte, e era tão pequena que n'ella nom cabia mais que hum só homem, que assentarão que fosse o piloto, que lhe fez grandes juras que na nao concertaria 'almadia com tauoas, com que os tornasse a buscar. E se meteo n'almadia com huma aduela de hum barril que desfizerão, e se foy ao galeão, onde contou a Gonçalo Pereira o que passaua. Ficarão todos muyto tristes com a perda do parao, e logo com tauoas erguerão bordos n'almadia; e mandou a terra polos marinheiros, que vindo n'almadia lhe deu huma treuoada por cima da terra, que os esgarrou pera o mar. O piloto teue olho n'almadia, e passada a treuoada o piloto da gauea vio hir 'almadia longe polo mar, ao que logo se fez á vela pera ella, e a tomarão, e largou o vento alguma cousa, com que fizerão caminho, mas com muyto trabalho, sorgindo muytas vezes por antre as ilhas; que casy se nom sostinhão senão do pexe que tomauão. Do que o piloto enfadado, com alguns marinheiros determinarão de chegando onde ouvesse embarcação fogirem, e se tornarem a Bengala; o que sabido por Gonçalo Pereira prendeo o piloto, que chegando a Malaca o capitão da forteleza entendeo no caso e o mandou açoutar com baraço e pregão, e degradado pera o Brasil.

E porque Gonçalo Pereira leuaua em regimento do Gouernador que fosse de Malaca pera Maluco pola via de Borneo, agardou em Malaca até o tempo da monção, que foy até agosto de 530. Então se partio pera Maluco com Lionel de Lima em sua companhia, e caminhou pola via de Borneo, como leuaua por regimento do Gouernador, por * ser * grande bem * que * descobrisse este caminho, como já disse, que encurtaua seis meses na viagem; e foy ter na ilha de Borneo, que he muy grande, e os nossos tinhão descuberto d'ella muy pouqo; terra muy abastada de carnes, e arroz, e outros muytos mantimentos e riqas mercadarias, e principal camfora, que d'aquy corre por muytas partes, que nace na terra em aruores, como nace a goma. Ha na terra grandes pouoações; e a cidade de Borneo * he * muy grande, cerquada de muro feito de ladrilho, e grandes edificios, e mórmente as casas d'ElRey; que he pouoada de riqos mercadores que tratão per todas partes. O Rey he mouro, e toda a gente, que he gente limpa e bem tratada, e falão a lingoa de Malaca.

O Rey seruese com grande estado; he poderoso em muyta gente; tem hum regedor que manda todo o Reyno.

Chegado Gonçalo Pereira ao porto, mandou ao regedor pedir licença pera mandar recado a ElRey; a qual lhe deu, e elle mandou Luis d'Andrade a ElRey com riqo presente de peças de cytys e veludos do Reyno, e outro ao regedor, e dizer ao Rey que elle por mandado do Gouernador da India vinha ally, e lhe mandaua dizer que ElRey de Portugal, sabendo quão grande Rey elle era, o mandaua visitar, e que folgaria muyto que tiuessem boa amizade, e que os seus mercadores fossem a Malaca, e a todas partes da India onde tinha suas fortelezas, a vender suas mercadarias, onde lhe farião todas honras; e que folgaria que assy os portugueses fossem a suas terras com suas mercadarias, de que lhe pagarião seus direitos, e todos o seruirião. O que ouvido polo Rey e regedor respondeo que muyto folgauão com tão bom recado, e auião por muyto boa tal amizade, e que pera sempre a guardarião, e com os capitães de Maluco, porque erão visinhos. O regedor leuou pera casa Luis d'Andrade e lhe fez muyta festa, e a outro dia o despachou, e mandou com elle dous homens fidalgos porque mandou presente a Gonçalo Pereira; com que assentou muyta amizade, e em muytos dias que os nossos estiuerão no porto e fazendo mercadaria lhe forão vender aos nauios todo o que querião pera comer. E despedidos do regedor e d'ElRey se partirão, e com bom tempo chegarão á forteleza de Maluco, onde chegarão já em outubro, e desembarcando em terra, que dom Jorge soube que Gonçalo Pereira hia por capitão, lhe fez grande festa, e fiqou todauia agastado vendo que hia Lionel de Lima, que era seu contrairo; parecendolhe que leuaria algum mexeriquo contra elle do Gouernador. E ao outro dia, que foy domingo, foy receber Gonçalo Pereira com toda a gente, e o leuou a fazer oração á igreija, e d'ally á forteleza, que lhe tinha limpa e despejada; onde assentados, Gonçalo Pereira mostrou sua patente da capitania, pelo que logo dom Jorge lhe entregou as chaues da forteleza, e lh'entregou a ElRey de Ternate, que tinha na forteleza com suas honras, dizendo dom Jorge: «Senhor, eu tinha dentro n'esta for-» «teleza ElRey, que aquy está, porque muyto comprio que assy o fi-» «zesse; porque se o nom tiuera em minha guarda elle nem eu fora-» «mos viuos, nem estes portugueses, nem ElRey nosso senhor nom ti-» «uera esta forteleza, que entrego a vossa mercê com muyto prazer, por»

«me vêr agora liure de tantos trabalhos como tenho passados e em que»
«agora estaua. E porque o homem que guardar o seruiço d'ElRey com»
«filhos alhêos nom póde ser sem ser muyto acusado, aquy, senhor,»
«mandey trazer estes ferros, que mos mande deitar se da India traz»
«alguns pecados contra mim.» E apresentou huns grilhões, que mandara leuar per hum seu moço metidos em huma toalha.

Gonçalo Pereira lhe dixe: «Senhor dom Jorge, eu nom vos ve-»
«nho a prender, senão a vos fazer todo' seruiço, comprindo com mi-»
«nha obrigação.» Onde n'este domingo dom Jorge deu banquete a Gonçalo Pereira, e ambos estiuerão todo o dia dandolhe dom Jorge toda' enformação das cousas que comprião; e á noite se foy pera suas pousadas, que era junto da forteleza, onde cada dia se visitauão, e erão grandes amigos.

Correndo a noua de chegado capitão nouo, e *que* já dom Jorge nom era capitão, logo a Raynha e seus mandarys se mandarão queixar ao nouo capitão por hum homem principal, que bem sabia falar nossa fala, queixandose das mortes tão cruas que dom Jorge fizera nos mortos, e sobretudo *de* ter ElRey preso na forteleza, onde já lhe morrera outro filho e tantas auexações e males tinha recebidos, que os nom podendo soffrer se desterrarão de sua propia terra em que nacerão suas gerações, e se forão viuer em terra alhêa. Dos quaes males que tinhão recebidos, e outras muytas apressões, elle seria sabedor da verdade, se os portuguesces a quigessem dizer, porque tambem passarão muytos trabalhos n'estes auêssos de dom Jorge, de que lhe pedião direita justiça, e sobretudo lh'entregasse seu Rey e o nom quigesse ter preso como fizera dom Jorge; porque era grande deshonra sua dizerem pelas outras terras: os ternates nom tem Rey, que está preso, catiuo em poder dos portugueses. «Lembrete, senhor, que sem obrigação alguma, sómente com»
«bom amor, n'esta terra recolhemos os portugueses, e lh'entregamos»
«esta ilha e em todo obedecemos aos capitães como a nossos naturaes»
«senhores, e com nossas pessoas e armas os ajudámos nas guerras, to-»
«das causadas pelos agasalharmos n'esta terra, em que por estas cau-»
«sas somos destroydos; o que nom sentimos tanto como a prisão e ca-»
«tiueiro de nossos Reys, que sempre os capitães passados os tiuerão»
«presos, por á sua vontade fazerem os males que nos fazião porque nom»
«temos Rey. E se tu, senhor, assy determinares fazer como os outros,»

« a Raynha e todos seremos em desesperação, e morreremos no desterro »
« em que estamos, pois nom temos Rey. E se este morrer em teu po- »
« der, como outro que morreo em poder de dom Jorge, então Deos virá »
« com o seu remedio. » Gonçalo Pereira respondeo ao messigeiro que o despacharia, e o mandou agasalhar e dar o necessario honradamente, e dar a despesa á custa d'ElRey. Logo se pôs em conselho com os homens mais antigos, querendo acertar ou errar por conselho de todos; e sendo presentes lhe falou d'esta maneyra, dizendo: « Senhores amigos, fieis »
« christãos, e vassalos a Deos e d'ElRey nosso senhor, na qual confian- »
« ça vos chamey pera me aconselhardes e ensinardes no que vos per- »
« guntar, pera eu nom errar no que comprir pera acertar, e fazer o que »
« mais comprir ao seruiço de Nosso Senhor e d'ElRey nosso senhor, »
« pera conseruação do real estado e segurança d'esta terra. O que vós »
« fazendo, com a verdade que deueis a Deos e ElRey nosso senhor, se- »
« reis dinos de muyta mercê e honra, que em mim achareys, os bons; »
« e os que taes nom forem punirey como cada hum merecer; e aos que »
« me falsamente aconselharem, * a * todo tempo que os comprender que er- »
« rarão maleciosamente, os punirey como trédores á coroa real, pois o con- »
« selho que peço he pera acrecentar seu real seruiço, e nós sostermos »
« nossas pessoas, e fazendas que vimos ganhar a tão longes terras, com »
« tantos trabalhos e riscos da vida. E n'esta confiança vos peço conse- »
« lho que deuo fazer acerqua d'entregar ElRey á Raynha sua mãy, por- »
« que eu tenho enformação, que por bom resguardo e seguridade d'esta »
« terra, os capitães passados tiuerão sempre os Reys passados metidos »
« n'esta forteleza. » O que ouvido por todos ouve antre elles differentes pareceres; mas os mais se affirmarão que deuia de largar ElRey, com que a Raynha e todos os seus auerião tamanho prazer que pera sempre ficarião verdadeyros amigos, vendo que alcançarão o que outros nom puderão alcançar, com que ficauão com mais honra que todos os passados, com que se a Raynha tornaria pera a ilha, e os seus, e tudo estaria em paz e muyta bonança e fartura na terra. E quanto ao temor que parecia e dauão a entender, que estando ElRey em sua liberdade faria aleuantamentos, parecia fraqueza nossa por ysso o termos retiúdo na forteleza; mórmente que estaua sabido que os temores e medos, que Cachil Daroes fazia crer, n'esta parte tudo era falso, por elle reger e mandar como Rey; o que nom auia de fazer estando ElRey em seu estado; a

qual falsidade se descobrira querendo aleuantarse contra nós e nos matar a todos, e matar ElRey e fazerse Rey. Assy que, ao que entendião, ElRey se deuia d'entregar á Raynha, que seria nouamente ganhar Maluco. O que assy pareceo bem ao capitão, e n'ysso assentou, e porém que primeyro que largasse ElRey a forteleza fosse acabada d'aleuantar mais, os muros e hum baluarte que estaua meo feito, com que a forteleza ficaua muy segura.

Então o capitão despachou o messigeiro da Raynha, e lhe mandou dizer que era contente de lhe dar ElRey seu filho, e lhe faria todo o seruiço, que assy lho encomendara ElRey seu senhor e lho mandaua o Gouernador da India; polo que lhe muyto pedia por mercê que logo se viesse pera a cidade com seus fidalgos, e se tornasse tudo 'assentar com os nossos em boa amizade como d'antes. Tornado o messigeiro com esta reposta nom foy a Raynha contente, desconfiada que assy lho nom compriria; e tornou a mandar reposta que tal nom auia de confiar pera se tornar pera' cidade, senão que primeyro lhe dessem o filho. O capitão disse ao messigeiro que a Raynha era molher, e que as molheres sempre erão desconfiadas; polo que elle prometia de cumprir o que lhe prometia, que seria tanto que despachasse os nauios pera' India, porque em tanto tinha muytas acupações. Então perante os messigeiros fez juramento na cruz, que o vigairo trouxe da igreija vestido com a sobrepeliz, que elle entregaria ElRey á Raynha assy como tinha dito.

Com o qual juramento sabido pela Raynha todos os seus fizerão muytas festas com a certeza da liberdade de seu Rey; com que a Raynha logo se foy pera' cidade, com todos os seus, a que o capitão mandou grande presente de cousas do Reyno, e riqo espelho e agoas cheirosas, e assy mandou presentes aos seus officiaes de sua priuança, e que o viessem vêr pera os conhecer e lhe fazer todolos seruiços que lhe comprissem; o que elles assy o fizerão, que todos forão vêr o capitão, que a todos fez muytas honras e gasalhados, com que todos forão muy contentes. E polos mais contentar vestio ElRey á portuguesa com sedas do Reyno, e lhe ordenou dez portugueses que o gardassem e leuassem por fóra da forteleza pela pouoção a folgar em hum andor, em que elle andaua muy contente, e todos os seus que o vião, que o tinhão já por liure. E o capitão, pera os mais contentar, fez regedor do Reyno como era Cachil Daroes, o qual era da geração dos Reys de Ternate, que se cha-

maua Cachilato, de que os nossos tinhão muyto conhecimento ser bom homem: com que todos os da terra ficarão muyto contentes.

E tambem Fernão de la Torre, capitão dos castelhanos, mandou visitar o capitão, e retificar a paz que tinha assentada com dom Jorge; e tambem ElRey de Tidore mandou visitar o capitão, e se queixar que nom tinha possibilidade para pagar as pareas do crauo que lhe pusera dom Jorge. Ao que lhe o capitão satisfez, e lhas aleuantou, com condição que o faria saber ao Gouernador e faria o que lhe elle mandasse; com que o Rey fiqou grandemente contente e muyto amigo com os nossos. Então o capitão deu huma carta do Gouernador a dom Jorge, em que o Gouernador dizia que elle era enformado que os capitães que partião de Maluco sempre tinhão contenda com o capitão que ficaua, porque cada hum queria leuar pera' India os homens seus amigos, nom olhando que a forteleza ficaua em falta de gente; polo que lhe mandaua que quando se partisse de Maluco nom leuasse mais que seis homens de sua amizade, e se algum mais leuasse sem licença do capitão por cada hum pagaria mil cruzados; e que désse a menagem em que fosse preso até se apresentar ante elle com a deuassa que mandaua tirar de suas culpas, pera o castigar se merecesse. O capitão lhe dixe: «Senhor dom Jorge, nom» «tomeis nenhum desgosto do que manda o Gouernador, que os homens» «quando se fôr eu lhe darey quantos elle quiser, com tanto que nom» «sejão fóra de rezão; e a deuassa nom poderey al fazer, porque o tra-» «go por regimento.» Que lhe tambem mostrou. Ao que dom Jorge lhe deu seus grandes agardecimentos por tão bons comprimentos que com elle tinha, e lhe pedio que fosse escriuão da deuassa Grauiel da Costa, que fòra feitor. Do que aprouve ao capitão, e lhe disse que fizesse hum junqo, se quigesse, pera sua embarcação. Do que de tudo dom Jorge lhe deu muytos agardicimentos, e deu a menagem de se hir apresentar ao Gouernador; do que se fez auto, e o capitão lha tomou, e elle assinou com testemunhas. Ficando grandes amigos, se foy dom Jorge pera suas pousadas.

Sendo assy preso dom Jorge, entrou trouação nos que erão de sua priuança que tinhão feitos desmandos. E logo o capitão entendeo com o feitor * e * almoxerife, a que se nom achou nenhuma cousa em receita, que tudo tinhão roubado, porque dom Jorge nom entendia nada nas cousas da feitoria e almazem senão quando as auia mester, e do mais nom ti-

nha cuidado. Então o capitão mandou apregoar com trombetas huma prouisão do Gouernador, conforme ao regimento que mandara Afonso Mexia, sô pena de perdimento da fazenda e preso pera o Reyno, que ninguem comprasse crauo, mas que todo o feitor auia de comprar ao preço que estaua assentado de primeyro, todo pera ElRey, e se mandar á India quinhentos báres, e [1] * do * que sobejasse fosse pago o capitão, e alcayde mór, e feitor, e officiaes da justiça e fazenda, e ficando se désse á gente em seu soldo (da qual notificação e pregão se fez auto pubriquo) ; e que o crauo que se désse aos homens fosse em preço que ElRey ganhasse, pera sostimento do muyto gasto que ElRey fazia n'aquella forteleza ; e assy se vendesse aos mercadores : o que todo se fizesse sem escandolo da gente da terra. O qual pregão muyto escandalizou a gente ; pelo que logo ao outro dia puserão hum escrito á porta da forteleza, que dizia : « Auendo guerra pera seruir ElRey primeyramente n'ella sirua o capitão até morrer, e depois os outros officiaes, e se alguma sobejar então vão n'ella morrer os homens que forem pagos de seu soldo. » Do qual escrito o capitão ouve muyta paixão, fazendo grandes juramentos que se tomasse homem que lhe pusesse escrito que as mãos ambas lhe mandasse cortar ; mas foy sabedor que a gente da terra com esta defesa recebera grande [2] * escandolo *, pois nom podião vender seu crauo senão a ElRey, em que nom ganhauão nada. Mas nom ouve muyto agastamento, porque cada capitão que chegaua assy o apregoaua, e nom se guardaua polas desauenças que auia nas repartições. E o capitão mandou apregoar com grande pena que ninguem tiuesse balança nem pesos em casa, porque nom auia d'auer peso, sómente o da feitoria, e outro tal que estaria em casa da Raynha. O que se comprio, porque o feitor correo todas as casas com juramentos, e todos os pesos tomou e queimou. E porque já os homens tinhão comprado muyto crauo, e n'este anno se nom podia recolher todo pera ElRey, mandou o capitão que o registassem na feitoria, e que o terço sómente vendessem a ElRey polo preço da feitoria. Do que os homens se muyto queixarão, porque no terço que dessem a ElRey polo preço da feitoria perdião muyto do que tinhão comprado. E sabendo o capitão que estaua carregando hum junqo de hum mercador que hia pera [3] * Jaoa, mandou * tomar o crauo e pagar pelo preço da feitoria, por ser comprado

[1] * o * Autogr. [2] * escanlo * Id. [3] * Jaoa o mandou * Id.

depois da defesa do pregão: em que a Raynha e alguns dos seus receberão perda, e se calarão, que nom quigerão que o capitão soubesse que elles nom gardarão o pregão.

N'este tempo estauão varados na ilha de Maquiem seis junquos de mouros que auião de carregar crauo, e outros quatro junqos estauão pera carregar na ilha de Bachão. Ao que logo mandou Brás Pereira, capitão mór do mar, que fosse lá e os deitasse fóra que nom carregassem. Ao que Brás Pereira lhe dixe que mandasse quem quigesse, porque elle nom fôra a Maluco senão pera se aproueitar, e não andar correndo o mar gastando sua pobreza; que o nom auia de fazer, que lhe largaua o cargo e se tornaria pera' India; que lhe désse licença, senão que elle se hiria. Com o que [1] * dessimulou * o capitão, e disse que tal licença elle nom tomasse, porque o castigaria. Polo que ficarão ambos desauindos, e o capitão temeo que se amotinasse com outros que acharia, e pairou tudo por escusar trabalhos. Então mandou Lionel de Lima que fosse lá; mas elle o nom quis fazer, dizendo o que dizia Brás Pereira; polo que o capitão lhe prometeo a capitania do primeyro nauio ou junqo que mandasse á India com crauo, em que leuaria carregado o ordenado da sua galeota. E foy lá, mas nom fez nada, que já os junqos erão partidos por auiso que lhe mandarão os mouros de Ternate, que com elles tinhão parçaria.

Com estes apretos e prematicas, que os homens nom querião soffrir porque erão contra seu proueito, polo que tinhão ao capitão mortal odio, e ao feitor Luiz d'Andrade porque era muyto diligente em fazer estas cousas, e tinhão muyta paixão, porque vião que o capitão tinha tanta paz com os mouros que parecia que nunqua aueria guerra pera que ouvesse necessidade d'elles, e que a ysto muyto ajudaua dom Jorge, que era grande amigo com o [2] * capitão, ordenarão * que antre elles ouvesse descordia, e mórmente [3] * com os * mouros, a que dizião que o capitão queria tudo roubar pera sy, porque ElRey de Portugal nunqua defendera que elles, homens honrados da terra, nom vendessem seu crauo a quem quigessem, mas que o capitão com o Gouernador da India, querendo tudo tomar pera sy, fazião aquelles pregões e defesas; mas que se ElRey o soubesse os castigaria, porque ElRey de Portugal era tão grande senhor que nom queria mais que ter honra de ter o senhorio da India com

[1] * desim ou * Autogr. [2] * capitão e ordenarão * Id. [3] * aos * Id.

fortelezas, e nom queira fazer mal á gente que lhe obedecia; mas que os Gouernadores e capitães das fortelezas fazião os roubos pera seu proueito. E com ysto muyto indinauão a gente da terra, dizendo que nom era bem que a Raynha e os regedores tal consentissem. E ysto que elles assy dizião aos mouros hião dizer ao capitão que dom Jorge o dizia aos mouros com enueja, que nom queria que elle capitão fizesse milhores cousas do que elle tinha feitas; e a dom Jorge dizião, em muyto segredo, que nom se enganasse com as amizades do capitão, que sem duvida o auia de mandar á India preso em ferros, e que o que fazia mostrandose seu amigo era por lhe auer medo, sabendo que era esforçado caualleiro. E dizião ao capitão que dom Jorge soffria o que lhe fizera porque se auia de vingar, e se auia de hir pera' India e leuar quantos com elle se quigessem hir, que auião de ser todos, porque assy estauão agrauados de lhe defender o crauo que * o * nom comprassem; e que em Bandá auia de tomar o nauio de Anibal Cerniche, porque era seu cunhado. E tantas maldades mexerão estes endiabrados mexeriqueiros que os puserão ambos em odio, nom se fiando hum do outro; tanto que dom Jorge mandou pedir ao capitão que lhe désse huma certidão de como lh'entregara aquella forteleza com todolas mais cousas na feitoria, e almazens e ribeira, e mórmente as cousas dos castelhanos; que queria que ElRey visse o seruiço que lhe tinha feito n'aquella forteleza. Ao que * o * capitão lhe respondeo que tal lhe nom auia de dar; porque lh'entregara a forteleza com toda a gente da terra aleuantada, e a Raynha desterrada e os seus principaes, polas cousas que tinha feitas, que elle as mandaria ao Gouernador, que lá as acharia se as fezera bem ou mal. E porque lhe nom quis dar a certidão dom Jorge lhe fez requerimentos e tirou estormentos; com que foy em crecimento o odio antre elles. No qual tempo fogirão dous homens, que se forão pera os castelhanos, que hum d'elles era piloto; e outros quatro fogirão em hum parao pera Bandá; o que logo meterão em cabeça ao capitão que dom Jorge os mandara diante, e que assy auia de mandar outros muytos. Pelo que logo o capitão os ouve por aleuantados, e lhe tomou as fazendas que lhe achou, e mandou vender em leylão, e o dinheiro entregue na feitoria; e dous d'estes, que forão tomados, confessarão em juizo que dom Jorge os mandaua hir, e dom Vicente, irmão de dom Jorge, os encaminhara, e lhe derão dinheiro e armas, dizendo que esperassem em hum certo lugar, porque logo auia de

mandar outros: o que tudo ysto era falso. Com que dom Jorge ficou muyto danado com o capitão, que d'ahy em diante cria quanto lhe d'elle dizião, e prendeo logo dom Vicente em sua menagem e dous criados de dom Jorge no tronquo. Com que dom Jorge nom teue paciencia e largou más palauras contra o capitão, [1] *que* logo procedeo contra dom Jorge e lhe tomou o junqo que fazia, dizendo que o fazia das cousas d'El-Rey que tomara dos almazens; e fez Lionel de Lima capitão de hum junqo de dom Jorge, porque auia de hir pera' India; e ysto porque Lionel de Lima era imigo de dom Jorge. Então o capitão deuassou de dom Jorge de quanto tinha feito; e tudo assy junto, ao tempo da partida o capitão o prendeo em ferros e o entregou a seu imigo Lionel de Lima, que o leuasse nos ferros e o entregasse ao capitão de Malaca. E não valerão a dom Jorge grandes cramores que fez polo assy entregar em poder de seu imigo Lionel de Lima; e lh'entregou as deuassas, e escreueo ao Gouernador grandes males de dom Jorge; e mandou cincoenta báres de crauo da feitoria pera ElRey. E n'esta cousa meterão cartas da Raynha, e dos seus regedores pera o Gouernador contra dom Jorge, de que a Raynha mandou per dous seus criados pedir justiça ao Gouernador. E foy leuado dom Jorge a Malaca a bom recado por seu imigo Lionel de Lima, que o entregou ao Gouernador, que o mandou ao Reyno com suas culpas, que ElRey o castigasse, por dom Jorge ser de muyta calidade.

CAPITULO XVII.

QUE CONTA O QUE FEZ HEYTOR DA SILUEIRA NO ESTREITO.

Heytor da Silueira partio de Goa com sua armada pera o Estreito, que atrás dixe; e partio de Goa em janeiro de 530, e foy tomar agoada em Çacotorá, e d'ahy foy correndo pelo Estreito dentro, e espalhouse com 'armada polo mar, os nauios huns á vista d'outros atrauessando o mar, pera nom passarem as naos que hião da India sem as vêr. E assy andando, foy ter com Antonio de Lemos huma nao malauar, que era do chatym de Mangalor, carregada de pimenta e drogas, e n'ella muyta gente de peleja, e a nao com muyta artelharia, que se pôs em se defen-

[1] *c* Autogr.

der; mas o galeão de Antonio de Lemos era poderoso, e elle com cobiça de roubar a nao nom lhe quis tirar com artelharia, mas concertou a gente e foy abalroar a nao, em que ouve grande peleja, porque os mouros erão muytos e bem armados com muytas frechas e espingardas, e panellas de poluora e pedras. Antonio Botelho era á vista do galeão, e acodio; mas quando chegou já os mouros andauão a nado, que nom puderão registir aos nossos, porque já erão muytos mortos e feridos. Com que * se * deitarão ao mar, onde o bargantym fez sua obra, que ás lançadas matauão quantos andauão no mar, tomando catiuos alguns bem despostos. Os nossos roubarão o fato da nao, e a pimenta e drogas recolherão, e tomarão da nao o que quiserão, e lhe derão fogo.

Tambem com Martim de Crasto foy ter outra nao, que hia de Cambaya carregada de roupa, que leuaua muyta gente branqua, muy armados e com muyta artelharia. Pelejou até que foy abalroada; onde a peleja durou grão pedaço; mas os mouros, desperados das vidas, deitarão fogo na sua nao, com que se aeendeo muy grande, que toda ardeo de popa; com que os nossos tiuerão tempo que tirarão muytos fardos de roupa grossa, que deitauão no mar, onde os tomaua o batel; com que inda fizerão boa presa. Huma carauella tomou outra nao, e Heytor da Silueira outra, tambem de Cambaya, a qual se rendeo; em que tomou tresentas almas que se passauão ao Estreito, que fogião porque nom podião viuer na costa do mar, pela guerra que lhe fazião nossas armadas, e com a noua que tinhão que o Gouernador auia de hir tomar Dio; pelo que já erão passadas pera o Estreito muytas gentes. Andando assy tambem tomarão huma gelua carregada de carneiros, que desgarrara com muyto vento, que atrauessaua de Zeyla pera Adem, que deu noua que os rumes pelejarão com Adem, e se tornarão pera Camarão onde estauão fazendo huma forteleza. O que ouvido por Heytor da Silueira fez caminho pera os hir buscar, porque dissera a gelua que sómente erão vinte galés. O que passou d'esta maneyra.

[1] * Morto Soleimão, que o matára o capitão dos rumes, ficando Mus-

[1] O que está no original, fielmente transcripto, é assim: * O Soleymão que matara o capitão dos Rumes Mostafa e Cojecafar seu tisoureiro com muyto dinheiro o Mostafa determinou de tomar Adem * *Castanh. Hist. da Ind.*, Liv. VIII, Cap. XV., conta o caso d'esta maneira «Morto ho capitão mór do Turco q̃ matou Soleimão raez, como disse no liuro sexto, Mustafa, e Cojeçofar seu tesoureyro, não

tafá e Cojeçofar, seu tisoureiro, com muyto dinheiro, o Mustafa determinou de tomar Adem * e n'ella se fazer forte pera se saluar se o Turqo o mandasse tomar, e remendou vinte galés, e com gente que tomou a soldo foy sobre Adem, que combateo com estancias d'artelharia que pôs em terra, e a combateo quatro meses. Onde estando, naos que passarão pera o Estreito lhe dixerão que na India se concertaua armada pera hir ao Estreito; do que os rumes ouverão medo que nossa armada os tomasse de supito. Recolherão su'artelharia e se forão a Camarão, onde fizerão huma forteleza de pedra sequa, muy forte, por caso da muyta artelharia que tinhão, e nom ousarem de hir pelo Estreito dentro com medo de os tomarem.

E cometendo Heytor da Silueira o caminho pera lá nom pôde, porque a monção era gastada, e fez volta e foy ao porto d'Adem, em que nom achou cousa nenhuma, leuando Heytor da Silueira muyta vontade pelo odio que lhe tinha, da falsidade que lhe fez quando lhe fez a falsa paz da coroa d'ouro; e sorgio o mais perto da terra que pôde. O Rey, e Miramergem regedor da cidade, mandarão visitação a Heytor da Silueira, nom sabendo que era elle o capitão mór a que fizera o engano; e mandou em huma almadia hum mouro com bandeyra branca; com que folgou Heytor da Silueira, que teria alguma maneyra pera lhe fazer algum engano, e mandou ao mouro que entrasse, que o conheceo, que era mercador de Cananor, de quando elle hy estiuera por capitão. O qual deu presente de dez carneiros, que nom cabião mais n'almadia, e humas poucas de galinhas, e huma [1] * carta do Rey * e do regedor, em que

ousando de tornar a Judá, nẽ a çuez, pola treição que fizerão ao Turco, determinarão de tomar Adẽ e fazerse Mostafa senhor dela»

Para se intender bem isto, e o mais que se diz adiante, cumpre recordar o seguinte: Solimão II, imperador dos turcos, querendo ajudar raez Solimão nas suas conquistas da Arabia, mandou-lhe um soccorro de embarcações capitaneadas por Haidairin, o qual, deshavendo-se com o cruel raez por causa da sua excessiva avareza, o matou ás punhaladas. Mustafá, sobrinho do morto, vingou a morte do thio matando Haidairin, e temendo-se do grão turco foi a Cambaya offerecer os seus serviços ao sultão Badur, a quem o albanez Cojeçofar, que de escravo de raez Solimão, chegára a elevar-se a thesoureiro do Cairo, inclinára a acceita-los. V.º *Barros*, Dec. III, Liv. III, Cap. III, e Dec. IV, Liv. I, Cap. VIII, e *Freire d'Andrada*, *Vida de D. João de Castro*, Liv. II, 4. [1] * carta com do Rey * Autogr.

dizia ao capitão mór grandes boas venturas, e que lhe fizesse bem no mar e na terra contra seus imigos, polo grande bem que fizera á sua cidade que os rumes tinhão já em [1] * ponto * de a tomar, e elle estaua já pera se render com o grande mal que lhe tinhão feito, que já todo o pouo da cidade estaua pera se aleuantar e s'entregarem aos rumes, que ouvindo que vinha 'armada logo fogirão, e sua cidade ficara salua. Polo que elle queria e se aueria por muy ditoso que o Gouernador da India lhe quigesse dar paz, e elle queria ser vassalo d'ElRey de Portugal, e pagaria cad'anno dous mil xarafis a cada armada que lá fosse; porque quando armadas fossem os rumes nom ousarião de sayr fóra do Estreito. Daria toda' seguridade que o Gouernador quigesse, com que se emendasse e segurasse outra paz, que já fora quebrada, causada * a quebra * por males que fizerão os portugueses que hy ficarão em hum bargantym, que o capitão d'armada ahy deixara com pazes firmadas e assentadas, dando pera ElRey de Portugal huma coroa d'ouro de dous mil xarafis. Mas os portugueses que ficarão no bargantym como senhores da cidade fizerão tão grandes males e forças, e dormindo com as molheres casadas, e roubando os mercadores dentro na cidade e estando no porto, e tantos males, até que andauão a espancar e ferir quem querião, com que mouros estrangeiros fizerão com elles peleja e os matarão; e alguns que nom morrerão lhe forão fallar tão grandes deshonras porque logo nom mandara matar todos os mouros da peleja, e ysto presente suas gentes, que com muyta paixão os mandara matar e a outros que depois ally forão em nauios. O que n'estes se fez nom estando elle na cidade; mas que muytas fazendas que tomara as entregaria, concedendolhe o Gouernador a paz que pedia.

Heytor da Silueira, ouvindo o mouro, estaua maginando o engano que lhe poderia fazer; mas nom podia, porque a verdade d'ElRey de Portugal nom se podia falsar. Do que tinha muyta magoa, e respondeo ao messigeiro: «Torna a leuar o que trouxeste, e dize a ElRey que eu» «som o capitão a que elle fez o engano e falsidade com a coroa d'ou-» «ro, e tenho muyto pesar porque nom achey aquy n'este seu porto em» «que lhe fazer mal, que bem sey que tudo o que fala são falsidades; o» «que nom posso fazer, nem o Gouernador da India, porque a verdade»

[1] * em ponta * Autogr.

«d'ElRey de Portugal nom se póde quebrar; que se elle com seguro»
«fosse ante o Gouernador da India nenhum mal lhe faria até se tornar»
«pera sua casa. Mas dentro em sua casa elle algum tempo pagará o»
«mal que tem feito; e se d'elle se arrepende com verdade, tornando o»
«que tem roubado e *se* o mandar ao Gouernador, elle será perdoa-»
«do e tomado por amigo e vassalo d'ElRey de Portugal como elle diz.»
O messigeiro lhe dixe: «Senhor, tu bem me conheces, e que te nom»
«hey de vir com falsidade. Eu te affirmo que ElRey d'Adem fará todo»
«o que diz, segundo acordou em conselho com todos os seus principaes,»
«que affirmarão que Adem fosse da vassalagem d'ElRey de Portugal»
«auendo [1] *cad'anno fauor de* visitação de sua armada, com que a»
«cidade ficaua salua dos rumes.» Heytor da Silueira lhe disse: «Todas»
«essas rezões são direitas na verdade, se esse mouro a tiuesse; no que»
«eu nom posso agora fazer nada até primeyro elle ser perdoado pelo»
«Gouernador do mal que tem feito.» O mercador tornou a profiar fortemente que ElRey falaua verdade, e que por tanto o deixasse tornar a terra dizer a ElRey a reposta que daua, e logo tornaria. Com que o mouro se tornou, que era já tarde. Mas porque Heytor da Silueira assy estaua magoado nom quis agardar que o messigeiro tornasse, e mandou aos capitães que se fossem, que logo se auia de fazer á vela. O que nom pareceo bem aos capitães, senão que deuia agardar até tornar recado da terra: sobre o que debaterão. Então Heytor da Silueira mandou Antonio Botelho que ficasse com o bargantym até outro dia, e com recado ou sem elle logo se partisse e fosse a Mascate; e logo como foy noite partio.

Antonio Botelho fiqou assy até pola menhã, que o messigeiro veo de terra, dizendo que ElRey ficara muy triste porque o capitão mór nom agardara, porque lhe mandaua riqo presente e cartas pera o Gouernador; e que pois era hido que lhe daria as cartas, que logo traria de terra, como trouxe, com muyto refresco e cem xarafys de mercê. Com que se partio Antonio de Freitas, que se fazendo á vela ouve vista de huma vela que vinha pera o porto, a qual agardou pera a tomar, e fez sua gente prestes, que tinha trinta homens todos d'espingardas. A vela era huma fusta de rumes, que andaua ao salto, que vendo o bargantym ouverão muyto prazer pera o tomarem e andarem milhor aprecebidos. O

[1] *cad'anno fauor com de* Autogr.

que conhecendo os nossos, porque a fusta os vinha abalroar á vela, despararão hum falcão pedreiro e seis berços, que mais nom tinhão, que aprouve a Nosso Senhor que hum pilouro lhe quebrou a verga além do masto, com que o penão e a vela fiqou pendurada sobre os mouros, que os nossos logo abalroarão, *e* despararão todas espingardas, entrando na proa da fusta ás lançadas com os mouros, que muy fortemente os receberão; em que a peleja foy em tanta maneyra que os nossos erão já muy cansados, com seis mortos e casy todos feridos. Mas os mouros já nom fazião mais que defenderse dos nossos; ao que os remeiros do bargantym, que erão canarys de Goa, tomarão coração, e se lembrarão de panelas de poluora, que deitarão dentro na fusta, com que logo se acendeo o fogo na vela que estaua cayda, com que os mouros se lançarão ao mar; do que os nossos tomarão nouo coração e forças, com que acabarão d'enxorar a fusta e andarão fisgando ás lançadas os mouros que andauão a nado. Na qual pressa bradou hum dizendo que era christão, que *o* nom matassem; e o tomarão, que se chamaua Antonio Bocarro, que andaua arrenegado com elles e de misero se fez [1] *alfayate*; o qual fogira d'Ormuz a seu pay Francisco Bocarro, alcayde da forteleza. O qual os nossos recolherão, e roubarão a fusta do que acharão e lhe puserão o fogo; e tomarão onze catiuos com que forão seu caminho a Mascate. E por se aleuantar muyta tromenta se colherão em huma enseada onde estiuerão, e passado o temporal andarão roubando pola costa, e se forão caminho de Goa, porque era já no verão, onde chegou em outubro d'este anno de 530, onde tambem chegou Heytor da Silueira com sua armada, que deu conta do que passara no Estreito, e como nom passarão a Ormuz as naos que forão carregadas de Baticalá, que foy Ruy Gomes da Grã, Lopo d'Azeuedo, *e* dom Fernando de Lima, que foy huma muy grande perda.

[1] *alfayte* Autogr.

ARMADA

QUE ESTE ANNO DE 530

PARTIO DO REYNO SEM CAPITÃO MÓR.

CAPITULO XVIII.

Em dezoito de setembro d'este anno de 530 * chegarão * tres naos do Reyno, de que erão capitães Manuel de Brito, Luis Aluares de Paiua, Fernão Camello, que derão nouas que atrás vinhão outras naos e nom vinha capitão mór; e d'ahy a tres dias chegou em outra nao Francisco de Sousa Tauares pera capitão de Cananor; e depois em fim d'outubro chegou á vista de Cananor em outra nao Pero Lopes de Sampayo pera capitão de Goa, com tanta gente morta e doente que nom auia quem mareasse as velas, que assy chegando á vista da costa lhe deu huma treuoada com que a nao esteue casy cessobrada, a que largarão as escotas e ficarão as velas batendo pera huma parte e pera outra como nao sem gente, correndo pera onde a leuaua o vento assy com as velas e escotas largas. O que foy visto d'armada de Diogo da Silueira, que andaua na costa; ao que elle lá acodio, e entrou na nao, em que nom auia gente em pé, senão deitados bradando e gemendo, bradando senhor Deos misericordia. E a gente d'armada mareou a nao, que foy sorgir no porto, onde logo leuarão todos os doentes ao esprital, e assy Pero Lopes, ca-

pitão, que já vinha pera morrer, e Antonio de Macedo que vinha por ouvidor geral da India, e quadrilheiro mór, e prouedor mór dos defuntos e recebedor de suas fazendas, que tambem já vinha pera morrer. E despejada a nao dos doentes e de seus fatos meteo n'ella gente que a leuou a Cochym.

Depois d'estas cinqo naos partidas do Reyno, d'ahy a hum mês partio Duarte da Fonseca em hum nauio pequeno, e Diogo da Fonseca, seu irmão, em huma carauella latina, pera que ambos fossem correr a ilha de São Lourenço buscar gente das naos que erão desaparecidas, e corressem todos os rios e portos da ilha. E ysto fez ElRey polo que o Gouernador Nuno da Cunha escreueo a ElRey, do homem, que achara na ilha, das naos de Manuel de Lacerda, como já fica escrito; e mandou ElRey estes dous nauios cuidando que se podia achar alguma gente. Os quaes irmãos antes de chegarem á ilha se apartarão com tempo, e todauia ambos forão ter á ilha, e Duarte da Fonseca tomou por fóra da banda do sul e correo ao longo da terra com pouqa vela; onde na terra via muytos fumos, ao que se punha em pairo até anoitecer sem nunqua lhe sayr almadia da terra. O que fez muytos dias, e foy entrar em huma grande baya, e vendo a praya e a terra fermosa se meteo no batel com dez homens e os marinheiros, e hindo pera terra de supito lhe arrebentou hum mar de leuadia que çoçobrou o batel, que os matou a todos. O que virão do nauio, mas nom tinhão com que lhe acodir; e o batel emborcado tornou pera fóra, e sendo perto do nauio os marinheiros se deitarão a nado e lhe forão atar huma corda, com que o alarão ao nauio e desalagarão. Então o mestre e piloto se fizerão á vela correndo a ilha pera se passarem a Moçambique, e nauegando assy toparão com outro nauio de Diogo da Fonseca, o qual sabendo da morte de seu irmão se passou ao nauio e com ambos foy correndo a costa. Abocando sobre hum porto virão grandes fumos, e sorgio no porto, que nom tinha barra, onde logo na borda do mar lhe fizerão hum fumo, ao que mandou o batel a terra, onde acharão quatro homens da nao de Manuel de Lacerda, hum d'elles da outra nao, e hum francês da nao de França, que lá fôra ter como já contey, das tres que passarão á India; os quaes homens contarão que auia muytos viuos d'estas naos que se perderão, que andauão espalhados pola ilha por muytas partes pela terra dentro, que nom se poderião achar indaque os fossem buscar. Então se fizerão á vela pera Moçambi-

que, onde chegados vararão a carauella, que fazia muyta agoa e nom auia marinheiros pera ella. Então no nauio se partio pera' India em abril d'este anno e foy ter a Melinde, onde estaua hum junqo de Gracia de Sá capitão de Malaca; onde os mercadores derão tanto de frete que lhe creceo a cobiça hir fretado a Ormuz, e com cobiça carregou tanto o nauio que na paragem de Çacotorá lhe deu hum temporal com que o comeo o mar antes que alijassem, e morrerão todos. O que se soube depois pola fazenda e arqas que foy ter á costa da ilha de Çacotorá; o que os da terra contarão aos nossos que forão pera o Estreito em catures, e lhe mostrarão as arqas e alguns papés que n'ellas acharão, por onde se tudo soube ser do nauio.

Partidos de Lisboa estes irmãos, logo em mayo d'este anno partio de Lisboa Vicente Pegado, moço da camara d'ElRey, em hum nauio, pera capitão de Çofala e Moçambique, e em sua companhia, em huma carauella latina, Baltezar Gonçalues, caualleiro honrado, pera n'estes dous nauios andar no trato das roupas de Melinde pera Çofala; e por a carauella mal gouernar se tornou a Lisboa, e Vicente Pegado seguio seu caminho e foy tomar em Çofala, que trazia piloto pera ysso. Onde em Çofala estaua João da Costa por capitão e feitor, que s'embarqou no nauio de Vicente Pegado e fez seu caminho pera' India sem tomar Moçambique, e chegou a Goa onde já nom achou o Gouernador, que era partido pera Dio.

CAPITULO XIX.

COMO O GOUERNADOR FOY A COCHYM FALAR COM ELREY, QUE SE MUYTO AGRAUOU POR O GOUERNADOR FAZER PAZES COM O REY DE CALECUT.

O Gouernador além de seus muytos cuidados o principal era a guarda da costa por caso da pimenta, e tambem sabendo a muyta fome que auia em Calecut d'arroz. No que Diogo da Silueira, que andaua com muyta armada, tinha em tudo muyto grande vigia que cousa nenhuma nom podia sayr ao mar; o que vendo os mouros de Calecut, a gente pobre, que morria á fome, fazião a ElRey grandes cramores á sua porta do padecimento que padecião á fome, o que nom tinha nenhum remedio senão fazer paz pera poderem nauegar; contra o que os mouros riqos muyto erão contra ysso, porque tinhão trato com os paraos, com que ganhauão

muyto dinheiro com o arroz que trazião e vendião ao pouo, que indaque perdião muytos paraos no mar, e gente, muyto mais ganhauão. O que tudo ElRey entendia, e auendo conselho com seus regedores mandou messagem a Diogo da Silueira sobre pazes em huma almadia, requerendolhe que hum naire, que mandaua com recado ao Gouernador em hum catur, lho mandasse, e que emtanto estiuesse em tregoas até vir reposta do Gouernador. Ao que lhe Diogo da Silueira respondeo que estaria em tregoas até vir recado do Gouernador; mas que todauia nada saysse ao mar, que o nom consentiria: do que o Rey foy contente. Ao que logo Diogo da Silueira mandou hum catur ao Gouernador com o messigeiro, o qual chegado a Goa o Gouernador lhe fez muyta honra, e vendo as olas d'ElRey assinadas, e com seu Principe e regedores, em que com muytas firmesas assentauão pazes, * propondo * que elle Gouernador as assentasse, com tanto que nom ouvesse tornar ás partes o perdido, porque se n'ysto entendessem primeyro que se acabasse seria nunqua [1] * acabar, o Gouernador * ouve muyto prazer; o que todo praticou em seu conselho com os fidalgos, * e * assentou em todo que ElRey quis, auendo em grande dita ElRey lhe pedir em tempo que elle tinha tanta necessidade de armada e gente, que forçadamente auia de deixar na costa com a guerra, que de força ouvera de largar a guarda da costa pera leuar 'armada a Dio; o que assy sendo os mouros sayrião a fazer grandes males á sua vontade, e encherião Calecut d'arroz, que bem entendeo que a este fim pedião as pazes pola grande fome que auia em Calecut. Então o Gouernador despachou o messigeiro e lhe deu carta assinada e asselada, que mandou a Diogo da Silueira que a leuasse e désse a ElRey, e tudo o que lhe pedisse assentasse o mais seguro que pudesse, e trabalhasse por auer d'ElRey 'artelharia d'armada que se perdera em Chatuá, e que era tomada em nauios de portugueses. Com o que despachou o messigeiro muyto contente, dandolhe peças de mercê. O qual chegando a Diogo da Silueira se foy ao porto de Calecut, onde sayndo o messigeiro, e sabido da gente da terra que erão assentadas pazes, ouve grande prazer, e dando o messigeiro a ElRey a reposta do Gouernador, logo mandou ao mar o seu gozil mór pera estar em arrefem n'armada; rogando muyto a Diogo da Silueira que fosse a terra falar com elle, porque o vendo o pouo

[1] * acabar do que o Gouernador * Autogr.

da cidade auerião a paz por certa. O gozil leuou grande presente de refresco a Diogo da Silueira, que lhe fez muyta honra e recebimento com muyta artelharia, e se vestio muyto bem, e com vinte homens se foy a terra, leuando o gozil, que nom quis que ficasse em arrefem; mostrando muyta confiança em ElRey, que chegando a ElRey o recebeo com muyta honra, e Diogo da Silueira lh'entregou o gozil, dizendo que nom era necessario arrefem onde estaua a verdade de tamanho Rey e senhor como elle era; pelo que elle com toda' armada e gente estaua prestes pera o seruir como a seu senhor ElRey de Portugal: do que ElRey se mostrou muyto contente. Então falou Diogo da Silueira ácerqua d'artelharia, como o Gouernador lho escreueo; o que praticando muyto ajudou o gozil, e o regedor, que era seu irmão. O que a ElRey aprouve, e lhe deu toda' artelharia que estaua em seu poder, e alguns portugueses, e escrauos e escrauas que nom erão tornados mouros, que forão catiuos na guerra; dando a Diogo da Silueira riqas peças de pannos de seda, com que o despedio, e se tornou a embarqar, e esteue no porto passante de hum mês agardando pela artelharia e catiuos, que os trazião d'outros logares em que estauão. No qual tempo os nossos andauão folgando e dormindo em terra, que toda a gente lhes fazia muytos gasalhados com o contentamento que tinhão das pazes, e tambem os nossos nom anojauão ninguem; porque lho muyto defendia Diogo da Silueira, e que se alguem lhe fizesse mal que nada fizessem senão hirse queixar.

Sabido por ElRey de Cochym d'esta paz que era feita com ElRey de Calecut ouve muyta paixão, porque o Gouernador lhe nom gardara sua honra em lho primeyro fazer a saber; porquanto elle tinha muy espressas prouisões d'ElRey de Portugal que nenhum Gouernador nem Visorey da India nom fizesse paz com o Çamorym sem seu aprazimento, pera que nos assentos das pazes metesse o que comprisse a suas cousas. E porque este comprimento o Gouernador nom teue com elle fiqou muy agastado, e o falou com os officiaes da camara, dizendo que o Gouernador o despresaua, e desfazia nas cousas de sua honra, e que por desfazer as cousas de Cochym leuara pera Goa a casa dos contos e matricola e armadas, com que Cochym fiqou pera se diminuir e nom se acrecentar. E o falou com Antonio de Saldanha, a que mostrou patentes que tinha d'ElRey, dizendo que os * Gouernadores * da India em tudo fazião suas vontades nom estimando nada o que lhe ElRey mandaua; no que muyto errauão e mere-

cião castigo. Antonio de Saldanha lhe deu todas boas rezões, dizendo que o Gouernador nom fizera as pazes sem lhe dar d'ysso conta senão pola muyta pressa em que forão feitas, e o Gouernador as aceitou por nom lhe ficar armada na costa, de que tinha tanta necessidade pera o feito de Dio, que era tanto necessario que forçadamente deixara a costa desemparada porque ouvera de leuar 'armada. E quanto ao leuar dos contos e matriqola, que leuara pera Goa, nom podia menos ser; por quanto o Gouernador vinha ordenado por ElRey pera guerrear Dio até o tomar, pelo que fôra milhor estar mais perto de Dio, se pudera ser, porque elle auia de estar sempre em Goa pera o que compria, e ally onde estaua era forçado que estiuessem os contos e a matriqola pera os pagamentos das gentes: e pois tudo tanto compria * a * seruiço d'ElRey seu irmão nom o deuia auer por mal; e outras muytas rezões que lhe deu Antonio de Saldanha. Mas todauia ElRey nom se mostrou satisfeito; pelo que Antonio de Saldanha mandou logo catur ao Gouernador dandolhe larga conta do que passaua, dizendo que lhe parecia que compria muyto ter com ElRey algum comprimento e tirarlhe a paixão que tinha; o que tudo remediaria elle em pessoa hir a ysso a Cochym. O que ouvido polo Gouernador bem entendeo que em parte ElRey tinha alguma rezão e * bom fôra que * elle tiuera com elle algum comprimento, o que lhe passou pola memoria com suas muytas acupações. Pelo que logo se embarqou em hum galeão, e foy a Cochym e foy vêr a ElRey, dizendo que lhe perdoasse seu esquecimento nom lhe fazer saber das pazes de Calecut, que nom fôra outra a causa senão a muyta acupação d'armada que estaua despachando pera se hir a Dio; que ElRey seu senhor lhe mandaua que a elle seruisse como a sua propia pessoa, e que por tanto antes deixaria perder todo o estado da India que o anojar em nada. E lhe deu todolas rezões que lhe dera Antonio de Saldanha; e * lhe disse * que a paz fizera com taes pontos que elles mesmos a quebrarião, e nom [1] * podia * muyto durar, porque o principal ponto que metera na paz * foy * «que tuas cou-» «sas e de todo teu Reyno nom anojassem, nem tocassem pouqo nem» «muyto, porque as pazes nom durauão senão em quanto ysto compris-» «se.» Tantas e taes rezões deu o Gouernador a ElRey que fiqou contente da paz; e o Gouernador lhe pedio licença pera leuar alguma gente de

[1] * pedião * Autogr.

Cochym, a que daria soldo. Do que aprouve a ElRey, de que o Gouernador se despedio muyto amigo. E tomou a soldo seis centos malauares d'espadas, adargas, lanças, frechas, e lhe deu seis centos réis por mês, que logo lhe pagou tres meses; de que fez dous capitães, homens honrados, malauares christãos. A qual gente o Gouernador assy leuou * mais * pera ajuda dos trabalhos que pera pelejar. E ouve d'ElRey muytos remeiros pera os nauios d'Antonio de Saldanha, que em Cochym fizera; e concertou com o arel de Porqá que fosse n'armada, e lhe fez o gasto a dezaseis catures seus que leuou, a que o Gouernador deu mantimentos e pagou os remeiros: do que foy contente, cobiçando o que podião roubar. Fez Antonio de Saldanha os grandes bateys pera desembarqar a gente, e com suas mantas pera tirarem peças grossas. E o Gouernador se partio pera Goa em nouembro com muyta da armada, e fiqou Antonio de Saldanha acabando de 'arranqar toda, com que se foy apoz o Gouernador, tomando em Baticalá muytas cousas do prouimento d'armada.

CAPITULO XX.

DA GRANDE ARMADA QUE O GOUERNADOR AJUNTOU EM GOA, COM QUE PARTIO PERA DIO, QUE FOY A MAYOR QUE NUNQUA OUVE NA INDIA.

Em Goa se ajuntou toda' armada, que foy muy grande, a mór que nunqua se fará na India, porque a fez o Gouernador com grandes ajudas que lhe fizerão homens riqos, fazendo os nauios do seu dinheiro pera depois ElRey lhos pagar, de que lhes daua as capitanias com seus ordenados, e em seus soldos lhes daua todolas cousas dos almazens; com que basteceo 'armada de passante de quatrocentas velas, em que forão cinqo junqos grandes de Malaca que hião carregados de mantimentos, e n'elles embarcados muytos casados com suas molheres e familia, pera em Dio se aposentarem por moradores. Erão mais oito naos do Reyno, e catorze galeões, e duas galeaças, e doze galés reaes, e dezaseis galeotas, e o demais bargantys e fustas e catures, que erão duzentas e vinte e oito velas miudas de remo; e afóra estas velas hião naos e zambuqos e cotias de tauerneiros da gente da terra, que hião vendendo mantimentos e vinhos da terra, que fazião huma grande pouoação de velas que cobrião o mar; e toda esta armada prouida com muyta abastança de todo o neces-

sario, mórmente artelharia que se apanhou de todas as fortelezas, e muyta poluora grossa e delgada, pilouros e monições e arteficios de fogo, de que o Gouernador trouxera grandes officiaes, e bombardeiros, e todolas monições, pera combates de campo e fortelezas, de petrechos de ferro e madeira.

E n'esta armada nobres fidalgos, de que nomearey alguns mais conhecidos, que forão estes, a saber: Heytor da Silueira, dom Antonio da Silueira, Diogo da Silueira, Antonio da Silueira de Meneses, Antonio de Saldanha, Manuel de Brito, Martim Afonso de Mello Jusarte, Martim de Crasto, Ruy Vaz Pereira, Vasco da Cunha, Francisco da Cunha, Manuel de Sousa, Antonio de Lemos, Fernão Rodrigues Barba, Anrique de Macedo, Nuno Fernandes de Macedo, Lopo de Mesquita, Fernão de Moraes, dom Fernando d'Eça, Francisco de Vasconcellos, Manuel de Vasconcellos, Ambrosio do Rego, Nuno Barreto, Francisco de Sá, Gonçalo Gomes d'Azeuedo, Fernão de Lima, dom Vasco de Lima, João da Silueira, Anrique de Sousa, Manuel d'Alboquerque, Tristão d'Atayde, Luiz Falcão, dom Manoel de Lima, Antonio de Sá, Jordão de Freitas, Tristão Gomes da Grã, Nuno Fernandes Freire, Joanne Mendes de Macedo, Diogo Botelho Pereira, Jorge Cabral, Lourenço Botelho, Antonio Pessoa, Antonio Correa, João Tição, Vicente Correa, Francisco de Brito, e eu Gaspar Correa, que ysto escreuo, que fuy em hum meu catur, e outros honrados fidalgos; e toda a gente muy luzida e armada mais do que nunqua se ajuntou na India. A qual armada fez muy grande gasto da fazenda d'ElRey, e muyto mais em dobro foy a despeza que fizerão as partes, porque os homens gastauão cada hum a quem podia lustrar e se auantejar, e mostrar seruidor do Gouernador, *e* os capitães por ajuntarem pera sy os mais honrados e lustrosos soldados que podião, a que fazião grandes auantages, e todos dauão grandes mesas, em modo que tudo foy em grande perfeição e sobejos gastos. E porque assy 'armada era grande o Gouernador a foy despachando e mandando que se fosse agardar a Chaul; e mandou Antonio de Saldanha, que era capitão da Taforea, que se fosse; com que foy muyta armada, e o Gouernador lhe deu dez catures de seu seruiço pera hirem a terra. E logo o Gouernador deu grande pressa a despedir de Goa toda' armada, e fez capitão de Goa Pero Lopes de Sampayo, deixando na cidade sómente os casados que ficarão por força, porque hião muytos n'armada, os mais abastados. E

o Gouernador partio per derradeyro com pouqa armada, porque já toda era partida.

O Gouernador chegou a Chaul em janeiro, e mandou recado 'Antonio da Silueira que com toda' armada se arrancasse de Chaul e se fosse á ilha de Bombaim, onde se auia d'ajuntar com toda' armada ; e elle passou de longo, e Antonio da Silueira logo partio após elle, ficando por capitão Pero Lopes de Sampayo, que era alcayde mór e feitor. E Antonio da Silueira leuou muyta armada de remo, carregando nos junqos e nas naos do Reyno os mantimentos que tinha juntos pera os remeiros e familia d'armada ; e leuou zambuqos e muytas cotias carregadas de caruão, e cal, madeira, cestos, gamelas *de* madeira, e muytos petrechos de fornição d'armada.

CAPITULO XXI.

DE COMO O GOUERNADOR NA ILHA DE BOMBAIM FEZ ALARDO DE TODA' ARMADA E CONTA DA GENTE QUE TINHA.

O Gouernador agardou na ilha de Bombaim até ajuntar tod'armada, de que fez alardo, recolhendo rol de cada capitão, dos homens d'armas e gente do mar portugueses, e escrauos catiuos homens que podião pelejar e ajudar, e quantos espingardeiros, e quanta outra gente de familia. E todo recolhido achou que auia em tod'armada tres mil quinhentos sessenta e tantos homens d'armas, contados capitães e fidalgos ; e mil quatrocentos cincoenta e tantos homens do mar portugueses, com pilotos *e* mestres ; *e* dous mil e tantos homens d'armas malauares e canarys de Goa ; e oito mil escrauos homens pera pelejar ; e antre estes nomeados achou passante de tres mil espingardeiros, e quatro mil marinheiros da terra remeiros, afóra os mareantes dos junqos, que passauão de oitocentos, que com molheres casadas e solteiras, e gente que hião com suas mercadarias e mantimentos a vender, e familia miuda, que toda se contou, se acharão em soma passante de trinta mil almas. De que o Gouernador ouve tamanho espanto, com medo que nom aueria tanto mantimento, qne determinou dar varejo e tornar a mandar pera Chaul toda a mór parte da familia, e o praticou no conselho ; ao que lhe forão á mão, certificandolhe que n'armada hia mantimento que cada hum leuaua pera mais de cinqo meses. Do que o Gouernador ouve prazer e fiqou descansado ; e mandou

aos capitães das naos do Reyno, que erão Heytor da Silueira, Ruy Vaz Pereira, Tristão Gomes da Grã, Manuel de Brito, Martim de Lemos, Fernão Rodrigues Barba, Lopo de Mesquita, dom Francisco d'Eça, que se fizessem prestes com toda a gente armada com suas espingardas. Ao que o Gouernador ao outro dia em hum catur, com o sacretario, e Antonio de Macedo ouvidor geral, e com Antonio de Saldanha, e com Bastião Pires, vigairo geral da India, correo todas as naos, entrando em todas, que estauão com muytas bandeyras fazendo suas saluas de gritas, que o Gouernador nom consentia que tirassem mais que a espingardaria. E a outro dia estauão já prestes os capitães dos galeões, que forão estes: dom Antonio da Silueira, Antonio de Miranda, Martim Afonso de Mello Jusarte, Antonio da Silueira, Diogo de Saldanha, Antonio da Silua, Manuel de Sousa Anriques, Antonio de Lemos, dom Afonso de Meneses, Fernão de Lima, João da Silueira, Anrique de Sousa, Luis Falcão; em que toda a gente deu grande mostra com suas gritas e espingardaria. Ao outro dia foy vêr as albetoças, que nom tinhão mais que bombardeiros e marinheiros, e os capitães, que erão Antonio de Sá, chamado Rume, e Jordão de Freitas; e foy vêr as galeaças, que erão d'ellas capitães Manuel d'Alboquerque e Diogo da Silueira. E ao outro dia foy vêr as carauellas latinas, de que erão capitães Francisco de Brito, Francisco de Vasconcellos, Francisco de Mello, Jorge de Sousa, Payo de Sousa, e Payo Rodrigues d'Araujo; e acabado as carauellas latinas foy correr os nauios redondos, de que erão capitães Ruy Pereira, André de Sousa, Gracia de Mello, Ruy de Mello Pereira, Antonio Mendes de Vasconcellos, Antonio de Sande, Ruy Dias da Silueira, Vasco da Cunha. Entrando o Gouernador em todos estes nauios, falando a toda a gente grandes honras e louvores, os capitães das galés e galeotas pedirão ao Gouernador que nom andasse em tanto trabalhos, que elles hirião a remo ao galeão darlhe vista. O que assy foy ordenado; que primeyro forão as galés huma e huma, de que erão capitães Jorge Cabral, que depois foy Gouernador da India, que leuaua hum junco seu carregado de mantimentos, Francisco da Cunha, Nuno Barreto, Francisco de Sá, Antão Nogueira Nobre, Anrique de Macedo, Ambrosio do Rego, Tristão d'Atayde, Nuno Fernandes Freire, Duarte de Mello, Joanne Mendes de Macedo, João Jusarte Tição; e das galeotas erão capitães Nuno Pereira, Gracia Coelho, Gracia de Mello, Francisco da Silua, Jeronymo de Sousa, Gonçalo d'Azeuedo, Diogo da

Silua, Francisco Ferreira, Artur de Sousa, Fernão de Mesquita, Grauiel de Brito, Francisco de Brito, Grauiel d'Atayde, Jorge de Crasto, Gonçalo de Sousa, Jordão de Sousa; que ao dia do alardo todos se fizerão á vela e remo com suas gentes armadas, bandeyras e estendartes, e toldos, e velas quarteadas e antretelhadas, com diuisas nas velas, e motos e letereiros, * em * tudo reluzindo as armas, cousa fremosa de vêr, saluando o Gouernador com seus tangeres e gritas, desparando sua espingardaria; e todos com tantos tangeres de trombetas atambores e pifaros, e tangeres da terra, e todos com tanta vontade como se a empresa fôra sua. Cousa forão estes alardos e mostras que se ElRey nosso senhor tal vira com seus olhos, e as vontades com que os homens por seu seruiço assy gastauão suas fazendas, arriscando as vidas tanto de grande vontade, eu me affirmo que nom aueria tanto mal que os homens na India aleijados de feridas os riscassem de soldo e mantimento, com que vão morrer polos espritaes. O Gouernador falou com os capitães que fizessem com os homens, que quando desembarcassem pera pelejar, que quem quer que tiuesse escrauo homem o leuasse comsigo, pera o desembarqar e ajudar a leuar suas armas e seu almorço, e pera que se o ferissem o ajudassem a leuar e curar: o qual auiso já os homens o tinhão bem cuidado e de tudo estauão prestes. Então o Gouernador fez repartição das fustas e catures, e deu a cada nao e galeão e junqos e galés duas fustas, pera o desembarcar da gente e [1] * os * seruiços da terra que ouvessem mester, e assy ás galés, * e * a todos os outros nauios a cada hum huma fusta ou catur, todos nomeados pelo Gouernador; e a demasia da fustalha fiqou derrador do seu galeão, que se chamaua São Mateus; o milhor que auia na India, que tiraua vinte e duas peças grossas.

O Gouernador na entrada d'este verão secretamente falou com [2] * Percoli *, mouro persiano muyto riqo, que auia muytos annos que estaua em Goa e seruia de lingoa, homem de muyto credito e confiança, a que o Gouernador encarregou que se fosse a Dio com mercadarias d'Ormuz; com que se foy a Dabul, e ahy se embarqou em huma cotia com outros mercadores, e foy endustriado do Gouernador que quando visse

[1] * dos * Autogr. [2] Encostados a Castanheda e a Barros, escrevemos assim este nome, que Gaspar Correa apresenta com as seguintes variantes: Perrycoly, Perocory, Perycory, e Perecory.

chegar nossa armada sobre Dio que aconselhasse a Melique Tocão que fizesse concerto com o Gouernador, e lhe désse forteleza com partidos que fossem sua honra e saluação de sua pessoa, e nom désse causa a lhe tomarem a cidade com tantas mortes e destroyções como os nossos farião; e lhe tiuesse dado grande enformação do grande poder que o Gouernador leuaua, segundo dizião em Dabul; e do que achasse em Melique Tocão, e de sua determinação, e do concerto e gornição da cidade, de dentro e de fóra, lhe mandasse auiso. O que o mouro fez muy verdadeyramente, como se depois soube.

O Gouernador, como era muy auisado, porque em tamanho feito lhe compria ter verdadeyros conselheiros, e n'armada auião de hir muytos capitães que tantos nom podião estar nos conselhos, ordenou d'escolher os principaes fidalgos, e mais antigos na India, pera serem seus conselheiros, e d'elles fez rol, e os [1] * ajuntou; com que * tratou que os enlegia pera seus conselheiros, lhe fazendo grande amoestação da grande confiança [2] * que * d'elles tinha por suas nobres fidalguias, e obrigação que tinhão ao seruiço de Deos e d'ElRey, porque sobre esta confiança e seu muyto saber auia de tomar seus conselhos n'este feito de Dio, e em todo o que comprisse. Aos quaes todos mandou dar o juramento e tomar as menagens; de que de todo o sacretario fez auto em que todos assinarão, que forão estes, a saber: Heytor da Silueira, Antonio de Saldanha, Martim de Crasto, Antonio da Silueira, dom Antonio da Silueira, dom Francisco d'Eça, Antonio de Lemos, Antonio de Miranda, Diogo da Silueira, Ruy Vaz Pereira, Manuel de Brito, Antonio da Silua de Meneses, dom Afonso de Meneses, [3] * Gabriel de Brito, Diogo Pereira, Martim Afonso de Mello Jusarte, Manuel d'Alboquerque, Manuel de Sousa, Jorge Cabral, Nuño Fernandes Freire, João Jusarte Tição, Francisco de Sá, Nuno Barreto, Payo Rodrigues de Sousa, Martim de Lemos Soares. O modo que o Gouernador tinha no tomar do conselho era este: o Gouernador prepunha a causa e a rezão que tinha pera fazer a cousa, e da maneyra que a queria fazer, e o que tinha pera a fazer, o que todo escreuia o sacretario per auto pubrico, perante o licenciado Antonio de Ma-

[1] * aiuntou em com que * Autogr. [2] * se * Id. [3] No autographo estava escripto Manuel; mas riscaram este nome, e por outra lettra escreveram * gabriel *.

cedo, ouvidor geral, a que o Gouernador fazia muyta honra; então os do conselho respondião por seus assinados, emendando o modo de se fazer a cousa; e assentado que se fizesse, ou não, ysso se assentaua, e tudo feito em hum processo o sacretario o gardaua, e daua ao Gouernador o trelado per estormento pubrico.

CAPITULO XXII.

DE COMO O GOUERNADOR PARTIO DE BOMBAIM, E DA ORDEM EM QUE LEUOU 'ARMADA, COM QUE CHEGOU AO LUGAR DE DAMÃO.

E esteue o Gouernador oito dias fazendo as cousas que dixe, e partio em fim de janeiro, e mandou aos nauios grossos que fossem largos pelo mar, e as galés e galeotas mais á terra; e a fustalha de sobresalente corrião a praya do mar, fazendo saltos na terra, queimando e destroyndo o que achauão, que era pouquo, porque toda a fralda do mar era recolhida pela terra dentro mais de dez legoas. As galés leuauão grande regimento que todas fossem em fio huma após outra, e assy as galeotas e bargantys, por resguardo das apelações, que as nom quebrassem tocando huma com outra. E assy nauegando foy tomar no lugar de Damão pera d'ahy atrauessar a Dio, que era hum rio pequeno, em que sómente entrou a fustalha; e o lugar e forteleza, de que já atrás faley, estaua tudo despejado, e os catures forão pelo rio acima, onde se achou hum masto que parecia cortado polo pé, e foy conhecido ser das naos que se perderão, que hião pera Ormuz.

N'este lugar esteue o Gouernador fazendo agoada seis dias, e hum domingo treze de feuereiro de 531, [1] além do rio, em hum bayleo de madeira cuberto de telha, que hy tinhão os mouros, Bastião Pires vigairo geral, disse missa solene officiada com muytos crelgos que hião n'armada, e frey Antonio, comissairo de São Francisco, prégou da paixão de Nosso Senhor e obrigação que os fieys christãos tinhão pera arriscarem as vidas contra os infiés, e mórmente no que lhe mandaua seu Rey; e esto com muy catholicas palauras de muyto esforço e confiança de saluação no feito em que hião. Foy a missa officiada com cantores, e or-

[1] No original vem apontado, por engano, o anno de 530.

gãos, e frautas, charamellas, trombetas, e atabales; e ao aleuantar do santo sacramento toda' armada fez salua com 'artelharia miuda. A qual missa acabada, onde estaua todo o pouo d'armada, o Gouernador mandou deitar hum pregão per hum homem gracioso, que chamauão o Pobre, que pera aquelle pregão o fez rey d'armas, que se pôs em cima de huma pipa em pé porque fosse visto e ouvido, e junto d'elle o alferez do Gouernador com sua guarda e bandeyra real, primeyro tangendo as trombetas e atabales; o que acabado, deitou o pregão em alta voz, dizendo: «Ouvide, ouvide, e seja notorio a toda' pessoa o mandado do muyto alto, eycilente, e poderoso ElRey dom João terceiro, nosso senhor, que elle manda tomar a cidade de Dio guerreada a fogo e sangue, por lhe nom querer obedecer, sendo elle senhor da India, sendolhe requerido com boa paz e amizade que lhe obedecesse; o que nom quis fazer, e está reuel e aleuantada. Polo que a manda tomar e destroyr polo seu Gouernador Nuno da Cunha; pera o que fez e ajuntou esta tão poderosa armada, que custou muytos mil cruzados, com muyta confiança na misericordia de Nosso Senhor lhe dar a vitoria contra os seus infiés. Polo que dá e faz mercê d'escala franca a todo o que cada hum tomar no mar e na terra; e mais ao primeyro homem que aleuantar pendão sobre o muro de Dio por ElRey nosso senhor lhe faz mercê de mil cruzados, e [1] * o * segundo que outro tanto fizer auerá quinhentos cruzados, e [2] * o * terceiro trezentos cruzados, e lhos darão viuendo, e morrendo no feito em dobro os darão a seus herdeiros, e tomados pera criados d'ElRey no fôro que cada hum merecer, afóra as mais mercês que Sua Alteza lhe fará, segundo o merecimento de suas pessoas e bom feito.» E o que assy tomassem de preza seria franqueado de todolos direitos reaes, assy na India como na Casa da India em Lisboa, fazendo certo que o tomara no feito da tomada de Dio.

[1] * ao * Autogr. [2] * ao * Id.

CAPITULO XXIII.

DE COMO O GOUERNADOR PARTIO DE DAMÃO ATRAUESSANDO PERA DIO, E FOY TOMAR NA ILHA DO BETE, QUE ORA SE CHAMA DOS MORTOS.

Sendo ysto acabado, o Gouernador se recolheo, e ao outro dia se fez á vela, e fez d'armada tres esquadrões. Mandou diante Manuel d'Alboquerque com trinta fustas, que fosse diante d'armada cinco legoas; e Tristão d'Atayde com vinte fustas ficasse apôs 'armada outras cinquo legoas, por resguardo que algum nauio ficasse espalhado, e o que achassem fosse tomado. Manuel d'Alboquerque leuaua homens que bem sabião a terra, e foy tomar em huma ilha que se chamaua Bete, que está pegada na costa; ilha pequena, que ao mais comprido teria hum tiro de berço; toda de penedia e alto rochedo da banda do mar, e antre ella e a terra fazia o porto bom sorgidoiro. Na qual ilha estaua hum rume com oitocentos rumes de peleja e mil homens trabalhadores, o qual com licença d'ElRey de Cambaya ally estaua fazendo huma forteleza de pedra sequa, laurada e junta, muyto bem assentada, que tinha muros muy largos e fortes, com huma porta grande, tudo da banda da terra; que ElRey mandaua que toda a ilha fizesse forteleza murada polos lugares baixos, onde tinha feitos muros e cubellos, tudo baixo, que inda nom estaua em sua altura, que da banda do mar era piçarra de pedra muy alta, mas os muros que estauão feitos erão tão largos e de cantaria tão grossa que nom aueria artelharia que lhe pudesse fazer damno; e sobre a porta huma torre, tudo bem feito quanto compria pera boa forteleza. Estes rumes, auendo noticia da nossa armada, que hia pera Dio, nom cuidarão que lá fosse ter, e derão grande pressa em sua obra, e tinhão boa vigia pera o mar, porque a penedia do rochedo era muy alto; e ouverão vista d'armada em se pondo o sol, muy longe; em modo que os nossos chegarão ante menhã, e vendo a ilha Manuel d'Alboquerque entrou no porto e cerqou a ilha da banda da terra, onde nom auia nenhuma embarcação, e as que auia, que erão cotias, o rume as mandou que se fossem dar a noua a Dio, e nom consentio que leuassem muytas molheres e filhos que tinhão comsigo, porque todos milhor pelejassem; mas fizerão huma jangada de

páos e tauoas em cima, grande e forte, em que puserão as molheres e filhos e familia, que erão mais de mil almas. Com seu fatinho as forão meter em huma grande furna, em que entraua a maré debaixo da penedia da ilha, lugar muy escondido, e sómente ficarão os rumes com a gente de peleja.

Manuel d'Alboquerque mandou hum catur chegar a terra e auer fala, mas de terra lhe responderão com espingardas e frechas; ao que Manuel d'Alboquerque logo mandou hum catur ao Gouernador, que inda vinha longe. Os rumes cuidarão que 'armada grossa do Gouernador hiria direita a Dio, que era d'ahy a oito legoas, mas quando a virão aparecer ouverão grande medo, e se queixarão com seu capitão porque ally agardarão como teue noua d'armada; que deuião de nom pelejar e darse a concerto. Dixe elle que assy o faria todo concerto, com tanto que nom fosse pera serem catiuos dos portugueses, porque milhor era huma morte com honra que muytas com deshonra. O Gouernador com o recado do catur foy sorgir na barra da ilha, e logo se meteo nas albetoças, e com toda a fustalha entrou no porto, a que os rumes nom tirarão porque nom tinhão artelharia. O Gouernador mandou a terra hum catur com bandeyra branca, capeando pera falar e lhe dizer que elle os nom vinha buscar, nem lhe faria mal se elles fossem homens de rezão; e lhe daua seguro em nome d'ElRey de Portugal que fossem falar com elles, e que seguros se tornarião pera mal e pera bem. Chegado o catur á praya veo hum rume a lhe falar, que ouvido o recado do Gouernador se tornou a seu capitão: o que ouvido por elle falou com os seus e disse que elle era o que queria hir falar com o Gouernador, e se foy meter no catur, de que tomou a bandeyra branqa e a entregou a hum rume, que com ella ficou na praya; e o catur o leuou á albetoça em que estaua o Gouernador; o qual entrando fez ao Gouernador grande cortezia segundo seu costume. A que o Gouernador mostrou gasalhado, e os capitães que estauão com o Gouernador o assentarão antre sy, e o Gouernador lhe perguntou que fazia ally. Elle respondeo que per mandado d'ElRey de Cambaya estaua ally com gente de trabalho cerqando aquella ilha pera a fazer em forteleza. O Gouernador lhe dixe: « Pois eu vou de guerra, » « com esta armada que vês, contra ElRey de Cambaya, [1] *a* lhe to- »

[1] *e* Autogr.

« mar a cidade de Dio por guerra, se nom se quiser entregar por paz »
« que com elle farey ; e se o tomar por guerra bem sey que a gente »
« que de lá fugir se hão de vir aquy pera se defenderem e aquy faze- »
« rem fortes, no que me ficará em trabalho vilos aquy buscar, polo que, »
« me compre que nom fiques aquy com esta obra que fazês. » O rume disse : « Senhor, tu vás a muy grande feito, que he tomar Dio, que he »
« d'ElRey de Cambaya, o mais poderoso em gente e dinheiro que * não * »
« ha nenhum em toda a India ; o que, senhor, terás bem sabido, que »
« se elle mandar secorro a Dio nem cinquo armadas como esta tomarão »
« Dio ; o qual se por força de guerra tomares toda a costa de Cambaya »
« he tua, e eu com esta gente que tenho logo ysto deixarey. E se ysto »
« nom quiseres agardar logo n'esta hora te largarey a ilha com quan- »
« tos n'ella estão, sem mais aquy tornar. » O Gouernador lhe dixe : « E »
« que fiança darás que como eu d'aquy passar nom tornarás á tua obra »
« muyto milhor do que agora fazes, e com muyta mais gente, com que »
« depois auerá mais trabalho ? » O rume respondeo : « Eu, senhor, farey »
« o que for rezão. » O Gouernador disse : « Dio ou per guerra ou paz »
« ha de ser meu, que se nom póde defender a este poder que leuo. E »
« por tanto tu com os teus te deues d'entregar em meu poder, pera de »
« ti e d'elles fazer minha vontade ; e vos seguro de mal. » O rume era homem auisado, e disse ao Gouernador : « Senhor, eu te falarey mais »
« rezão, se me quigeres ouvir. » O Gouernador dixe que si. O rume dixe : « Senhor, tu vás a hum tão grande feito que nom te deuias d'acu- »
« par em outra cousa, e mais em mim que somos aquy tão fraqa cou- »
« sa ; mas vai tu a Dio, e se o tomares eu te affirmo que te nom lem- »
« bres de nós. » O Gouernador dixe : « Ysso falas como que duvidas de »
« eu tomar Dio. E pois assy o cuidas, entregate em meu poder como di- »
« go, e te juro, por vida d'ElRey de Portugal meu senhor, que se nom »
« tomar Dio a ti e aos teus te largarey liuremente, e se tomar Dio en- »
« tão farey de ti e de todos minha vontade. » Dixe o rume : « Senhor, »
« bem crêo tua palaura, porque tomando Dio áuerás tanto prazer que »
« essa e outras móres mercês farás ; mas nom tomando nom crêo que »
« me soltasses. Mas agora assy me entregando, e * se * depois me lar- »
« gasses, em que terra hiria que me dessem de comer ? ou que rostro »
« teria eu pera o pedir ? » O Gouernador lhe disse : « Essa conta faze »
« como quiseres, porque d'aquy me nom hey de hir sem te leuar co- »

« migo, em que te pês ou que te praz. » O rume dixe: « Eu aquy es- »
« tou só, e nom sey a vontade de minha companha. Hirey falar com »
« elles, e darey conta do estremo em que estamos, e com suas repostas »
« tornarey. » Do que aprouve ao Gouernador, e o mandou leuar a terra. O qual sayndo do catur dixe: «Tornai, e dizey ao Gouernador que elle »
« venha a terra pola reposta, que lha daremos d'homens e não como »
« molheres, que elle diz que nos entreguemos. » E foy tomar a bandeyra branca e a rojou no chão, e se recolheo, e puserão muytas bandeyras e se fizerão prestes.

O catur tornou ao Gouernador com a reposta, e por ser já tarde logo ouve conselho no feito de dar na ilha; o que alguns contrariarão, dizendo que tal se nom deuia de fazer, por * que * na guerra auia desastres, e aquy acontecendo algum seria grande inconuiniente pera tamanho feito como estaua nas mãos; e por tanto com os mouros deuia d'auer algum concerto simulado, e os deixar, porque dando Nosso Senhor a vitoria de Dio tudo ficaua por nós. O Gouernador disse que essa era sua tenção, e o fizera se o rume se nom pusera tão forte, desistimando o tamanho poder que sobre sy via; polo que assy passando, e os deixando, logo em huma hora o farião saber a Melique Tocão, com que lhe faria grande coração pera nom temerem tamanha nossa armada, vendo que nom nos atreueramos com estes mouros, que [1] * erão * tão pouqos: pelo que por todolas vias lhe parecia que forçadamente compria que dessem na ilha. Com o que todos concordarão; pelo que o Gouernador mandou aos capitães que se fizessem prestes pera dar ante menhã. O rume em terra contou aos seus todo o que passara com o Gouernador, e a reposta que lhe mandara sayndo do catur; o que ouvido por todos, disserão que antes querião ser mortos que catiuos, e logo se concertarão o milhor que puderão, e o capitão e todos ajuntarão todo quanto fato tinhão, e mantimentos, [2] * e * tauoas e páos, * e * fizerão fogo em que tudo queimarão, que parecia muy grande; e logo os nossos entenderão que os mouros queimauão o que tinhão, determinados a morrer. E o rume mandou aos trabalhadores que nom tinhão armas que se fossem á jangada das [3] * molheres * e com a maré da noite se passassem a terra; o que elles nom puderão fazer, porque as nossas fustas tinhão todo o mar tomado.

[1] * são * Autogr. [2] * de * Id. [3] * mores * Id.

Sendo assentado que se désse na ilha, os capitães mandarão a seus nauios, que estauão fóra, que lhe trouxessem suas armas, e escadas; pelo que logo ouve grande aluoroço na gente [1] * em * se virem pera seus capitães com suas armas, e o Gouernador repartio aos capitães os lugares per que entrassem na forteleza, e deu o combate da porta a Heytor da Silueira, nobre e valente capitão, hum dos principaes da India, e com elle Jorge Cabral, e Ruy Vaz Pereira, que tinhão muyta e boa gente. E outra entrada que auia deu a Diogo da Silueira, com Antonio da Silua, e Francisco de Sá, Antonio de Brito, Nuno Barreto, Nuno Fernandes Freire. E outra entrada que auia deu a Martim Afonso de Mello Jusarte, com João Jusarte Tição, Francisco da Cunha, Anrique de Macedo, Payo Rodrigues de Sousa, Jorge de Sousa, com outros mais capitães que se ajuntarão com estes capitães das entradas. E o Gouernador tomou sua entrada per hum muro baixo que estaua defronte da desembarcação, e com elle Antonio de Saldanha, e Antonio da Silueira, Tristão d'Atayde, Manuel d'Alboquerque, Martim de Lemos, dom Francisco d'Eça, Manuel de Sousa, Antonio de Lemos, e outros capitães, que todos forão juntos nos combates, afóra dez capitães nomeados polo Gouernador, que ficarão em guarda da armada do mar com a mais gente, porque em terra sayrião até dous mil homens. E ouve capitães que com sua gente cometerão por outras partes e sobidas que os homens achauão, porque o Gouernador assy o mandou que os homens cometessem por todas partes que pudessem, pera que os mouros acodissem e se espalhassem por muytas partes.

E sendo duas horas ante menhã, dia da Purificação de Nossa Senhora, a gente começou a desembarcar em terra, que auia grande praya e muytas escadas. O Gouernador desembarcou tangendo trombetas, atabales, charamelas, com sua bandeyra real, que leuaua Ruy Barbudo, valente caualleiro, aleuantandose grandes gritas dos nossos no mar e na terra. Ao que todos os nossos cometerão a sobir e entrar; ao que os mouros acodião tirando alguns tiros de ferro que tinhão, e espingardões, e muytas frechas, e acodirão á porta, que tinhão de dentro atupida de pedra e terra, e assy ao muro per que o Gouernador cometia, que era mais baixo. Mas os fidalgos e caualleiros mancebos, porque era ante o

[1] * e * Autogr.

Gouernador cometião denodadamente, trepando polas lanças e paredes, que ás vezes esborrondauão a's pedras com que cayão abaixo. Os capitães de fóra falauão e esforçauão, nom temendo os nossos os espingardões e muytas frechas e pedras de funda, que tirauão muytas, que nom errauão, que tirauão a montão porque os nossos estauão juntos. O que assy sendo acertou de vir hum pilouro d'espingardão perdido, e per acerto de mofino desastre ferio a Heytor da Silueira em huma coxa da banda de dentro, que tomou na virilha pouqua cousa; mas logo foy leuado á nao, e a ferida foy impiorando, e morreo, que foy perda pera muytos que emparaua. E a Ruy Vaz Pereira tambem lhe toqou em huma mão huma frecha perdida, de que tambem esteue com pasmo, e escapou; e assy forão [1] *perdidas* dar a montão, que ferirão muytos homens; o que nom era sentido porque inda nom era dia craro, em que forão postas muytas escadas aos muros porque os nossos sobindo cometerão fortemente, e o Gouernador se deteue até que os mouros se espalharão ácudir, porque estauão muytos pera defender o muro baixo porque o Gouernador cometeo, onde lhe os mouros fizerão resistencia como homens que pelejauão como mortos sem nenhum temor, em que ouve grande peleja e mortos e feridos dos nossos, e todauia os nossos entrarão com os mouros ás cotiladas, porque inda nom ouve lugar pera tomar as lanças. Mas o capitão dos rumes aquy fazia diabruras vendo a bandeyra do Gouernador; mas como os nossos forão muytos, e já muytos mouros caydos, o capitão com setenta ou cento se foy retraendo; onde lhe deu Diogo da Silueira nas costas, que entrara por outra parte, com que o rume com os seus pelejando fortemente ás frechadas se forão meter dentro em huma mesquita de pedra, muy forte, que estaua no meo da ilha, que por sua feyção era muy defendauel, porque era d'aboboda de pedra, que nom tinha mais que huma só porta; onde de dentro os mouros tirauão taes frechadas que matauão ou derrubauão a quem acertauão, porque passauão coiraças e adargas e capacetes; e a porta era pequena e a casa dentro escura, que os nossos nom fazião senão tirarlhe dentro assy a montão; o que muyto durou, até que Diogo da Silueira mandou que ninguem parecesse ante a porta, e os deixou assy ençarrados e cerquados de muyta gente, e foy d'ysso dar recado ao Gouernador, que tanto que entrou o

[1] *perdidos* Autogr.

muro, vendo que os mouros hião fogindo, o Gouernador se deixou estar pera acodir onde comprisse, porque ouvia as gritas dos nossos por todas partes. Onde assy estando, veo ter com elle Diogo da Silueira ferido no rostro de huma frecha, que disse ao Gouernador como os mouros assy estauão na mesquita, e o Gouernador foy lá, e mandou trazer palhiço que os mouros tinhão em couas em que dormião, e o mandou chegar á porta da mesquita, e lhe mandou deitar panellas de poluora, que acendeo fogo que fez grande fumo dentro na casa, com que os mouros sayrão fóra tirando frechadas com que matauão ; a que os nossos remeterão e os abalroarão ás lançadas e estocadas, que todos forão mortos com seu capitão, atrauessado com huma lança d'arremesso, que nom podendo mais pelejar arrancou suas barbas e com ellas na mão cayo morto.

Quando ysto se acabou já todos os mouros erão mortos e catiuos, que serião os mortos oitocentos, e os catiuos mais d'outros tantos, com molheres e filhos que tinhão metidos em couas polas barrocas. E forão dar com a jangada que estaua escondida, que todos forão tomados ; onde se achou algum dinheiro e joyas das molheres, pouqa cousa. Eu no meu catur fuy rodeando a ilha, e fuy pera tomar quatro molheres que estauão sobre hum penedo no mar, a que ellas forão a nado ; mas hum mouro que com ellas estaua tinha huma adaga com que as começou a degolar, e eu as vy aparar a garganta que o mouro as degolasse ; a que nom pude tanto remar que primeyro degolou duas. As outras duas ficarão, porque hum tiro d'espingarda derribou o mouro ; e estas duas se deitarão ao mar por se matar e afogar, mas os remeiros se deitarão a nado e por força as meterão no catur, de que se tornauão a deitar no mar pera morrerem antes que serem catiuas. N'este feito morreo Heytor da Silueira, e dom Francisco, filho de dom Antão, capitão de Lisboa, e João Aluares Nogueira, e Antonio Furtado, mancebo fidalgo ; que os mortos per todos forão noue que ficarão enterrados, e feridos muytos, de que depois morrerão alguns.

CAPITULO XXIV.

DE COMO O GOUERNADOR SE CONCERTOU PERA O COMBATE DA CIDADE DE DIO, ONDE FOY, E SORGIO, E DEU COMBATE Á CIDADE, E O QUE N'YSSO PASSOU.

O Gouernador como chegou á ilha dos Mortos logo mandou Afonso Vaz e Lopo Fernandes, homens do mar que hião por mestres de nauios, que muyto sabião da costa de Dio de muytas vezes que n'ella andarão, e os mandou em dous catures muyto pequenos do arel de Porcá com sómente os remeiros, a que o Gouernador mandou que fossem de longo da terra tomar alguma cousa de que soubesse o que se passaua em Dio. Os quaes forão e acharão almadias de vigia que estauão no mar, que nom puderão tomar, e se tornarão sem nada; mas Percoli, mouro que o Gouernador mandara espiar Dio, teue bom cuidado que mandou hum homem christão abexim, casado em Goa, grande nadador, a que o Gouernador fizera mercê, * pera * que fosse a Dio com o mouro, que o mandou tanto que em Dio se dixe que o Gouernador estaua na ilha. O qual abexim sayo da cidade como pedinte que pedia por amor de Deos, e se foy á villa dos rumes, em que andou pedindo, e como foy noite se foy ao longo do mar até perto da ilha, que ouve medo que aueria mouros na terra; e polo mar metido a pé, e ás vezes a nado, chegou á ilha ao Gouernador ao outro dia depois da ilha tomada, e deu nouas ao Gouernador com que fiqou muy triste, que forão estas:

O Mustafa, capitão dos rumes, que estaua em Camarão, e Coje Çofar, tisoureiro, que tinha muyto dinheiro do capitão que matarão, [1] nom se ouverão por seguros em Camarão onde estauão, temendo que o Turquo os auia de mandar buscar; e auendo ambos seus acordos pera saluarem suas pessoas assentarão de se passarem á India e se meterem no seruiço d'ElRey de Cambaya, que era homem de guerra, a que farião taes seruiços que lhes fizesse mercês, porque o Coje Çofar era granady de nação e era muy sabido nos ardis das cousas da guerra em que sempre andara, e o [2] * Mustafa se * tinha em conta de grande caualleiro.

[1] V.e a nota pag. 379 [2] * Mostafa que se * Autogr.

Auido antre elles este conselho, o Coje Çofar nom se fiaua do Mustafá, que se temia que o matasse ou tomasse e désse tratos pera lhe tomar muyto dinheiro que elle trazia muyto bem escondido, e por ysso andaua sempre muyto guardado de sua gente; pelo que ambos n'ysto concertados, o Coje Çofar ouve medo que, hindo embarcado, no mar o Mustafá lhe tomasse duzentos mil cruzados que tinha, e por ysso fez huma nao pera sua embarcação com suas molheres e familia, e o Mustafá fez outra, e todauia com tenção, se pudesse, no mar abalroar o Coje Çofar e o roubar. O que Coje Çofar assy temeo; mas atreueose em seu saber, em modo que * se * desfizerão das galés, e fizerão cada hum sua nao, muy fortes e grandes e muyto armadas, que se defendessem dos nossos se os topassem; e recolherão das galés toda a melhor artelharia que tinhão de cobre, que erão basaliscos, e esperas, e camellos, e falcões, com que alastrarão as naos, e muyto mais o Mustafá. E s'embarcarão com suas [1] * molheres * e familias, e valentes lascarys, fartaqys, e abexis, e turqos: o Coje Çofar tresentos, e o Mustafá seiscentos. E se partirão ambos em conserua; mas sayndo das portas do Estreito logo na noite primeyra o Coje Çofar se apartou do Mustafá, metendo outras mais velas com que andou que mais o nom vio o Mustafá, e chegou a Dio primeyro oito dias; que Melique Tocão recebeo com muyto prazer, que já sabia quem elle era, e mór prazer ouve dizendolhe que tambem vinha o Mustafá e da muyta artelharia e gente que trazia; que logo d'ahy a oito dias chegou, que Melique Tocão recebeo com grandes honras, e o aposentou com toda' sua gente; a que logo deu conta do trabalho em que estaua agardando pelo Gouernador, que lhe hia tomar a cidade com armada de seis centas velas e dez mil homens; pedindolhe conselho * sobre * o concerto que faria com o Gouernador, porque elle se nom podia defender a tão grande poder, e nom queria arriscar a cidade que lha tomassem e destroyssem com tanta gente que dentro n'ella estaua; o que assy sendo a elle compria tambem ally morrer por nom hir ter á mão d'ElRey de Cambaya seu senhor, que lhe faria grandes cruezas. Pelo que tinha assentado com o Gouernador assentar pazes, e lhe mandar obediencia ao mar, e fazer com elle algum concerto com que saluasse a cidade; que depois aueria mil remedios.

[1] * molhes * Autogr.

Ouvido todo polo rume, mostrando muyta valentia, fazendo grandes feros trocendo os bigodes, lhe dixe: «Senhor honrado capitão do» «grão senhor Rey de Cambaya, o mór Rey da India. Nom aja medo» «de cousas de madeira estando tu na terra, que sómente a tua cadêa» «que tens no rio nom ha cousa no mundo que a rompa.» O Melique lhe dixe que a cadêa nom era nada, porque n'armada vinhão duas barqas que logo 'auião de quebrar; o que elle dizia polas albetoças que o mouro Percoli, que lá mandara o Gouernador, lhe tinha dito e metido em cabeça que auião d'entrar quebrando logo a cadêa com grossos tiros de pilouros de ferro que tirauão; e tantas cousas d'estas lhe tinha dito o Percóli que o Melique Tocão estaua com tanto medo, com o temor que tinha d'ElRey, que nada confiou nos esforços que lhe daua o rume. No que muyto debaterão, mas comtudo o Melique nom querendo mudar seu proposito, que ao mar auia de mandar ao Gouernador sua obediencia com riqa bandeyra, o rume, *que* era pratico e auisado, então lhe dixe: «Senhor, chama teus amigos de que confiares, e ante elles te quero» «dar hum conselho, e se for bom o toma, e senão faze tua vontade.» Melique disse que ally estauão todos os de que confiaua, que folgarião que lhe désse bom conselho. Então o rume propôs sua rezão, dizendo que nom tiuesse tamanho temor que fizesse tamanho erro como determinaua em s'entregar aos nossos; porque o que tinhamos feito e tomado na India era porque pelejauamos armados de ferro com gentios nús, e comtudo tinhão mortos muytos dos nossos, com quanto era gente fraqua; e em muytos lugares que achâramos homens de barba teza tornáramos atrás, que a hum Gouernador da India os mouros de Goa lhe tomarão a cidade, e todo hum inuerno esteue no rio de Goa com toda sua gente sem ousarem sayr a terra, estando morrendo de fome. «A gente que agora» «o Gouernador póde trazer eu sey bem que a todo podem ser até seis» «mil homens;» que era vergonha auerlhe medo estando em huma cidade que auia mester vinte mil homens pera a tomar, indaque pelejassem em terra; e que os nossos auião de pelejar do mar. «E mórmente» «que nem toda a gente que vem n'armada nom he toda boa, nem to-» «dos armados, e outros *são* pobres, e outros agrauados de seus ca-» «pitães, que trarão mais vontade de se vingarem e passar pera ti que» «pelejar.» E mais que os aquecimentos da guerra são grandes e da vontade da fortuna, porque muytas vezes se aquece cometerem pelejando e

tornarem fogindo. E por tanto que olhasse e lhe lembrasse que fôra filho de seu pay, tão nomeado caualleiro, que tantos bons feitos n'aquella cidade fizera; que lhe guardasse sua honra, pois estaua segura em tão forte cidade, com tanta e boa gente, com tanta artelharia que quanta armada chegasse a tiro toda meteria no fundo. O que assy ouvido de todos ouve muytos que lhe pareceo bem tudo o que dixe o rume; outros não, dizendo que Melique Tocão no que fazia seguraua o que na guerra estaua tão duvidoso. Com que antre todos ouve muytos debates; os mais d'elles concertando com o que dizia o rume.

Era presente a ysto hum caciz, velho muyto honrado, que era tio do Melique Tocão, irmão de sua mãy, em casa do qual s'estaua agasalhado Percoli, o mouro que o Gouernador mandara a Dio, que tinha muyto falado com este caciz. O qual velho falou com Melique Tocão, rogando que o ouvissem. O que o rume disse que era escusado os homens das orações e das igreijas fallarem nas cousas da guerra e da honra; mas o Melique, polo acatamento que lhe tinha, mandou que falasse, e fez calar todos e ouvir o que dizia.

O qual disse: «Filho Tocão, quero falar, porque te vejo que, co-»
«mo mancebo, estás ouvindo palauras que te nom falarão sem * desco-»
«nhecerem o * acatamento de quem tu hes; porque teu bom pay vinte»
«e oito annos foy capitão d'esta cidade depois que os portugueses vie-»
«rão de Portugal, e foy teu pay tão caualleiro, e tão sabido, que ne-»
«nhum * ha * aquy que chegue a seu pé. E eu lhe ouvi dizer muytas»
«vezes que elle tinha sabido muy certo que esta cidade auia de ser dos»
«portugueses. E por tanto elle com seu bom saber ordenaua suas cou-»
«sas com os portugueses, com que sostinha sua honra per boa paz com»
«os portugueses, e nom por guerra, que depois que a rompião tanto a»
«perseuerauão até final destroyção do que começauão. E porque com»
«temperança de bom siso se regeo n'esta cidade, que a gouernou tan-»
«tos tempos e te pôs n'esta honra em que estás; e este capitão honra-»
«do te dá conselho que pelejes com o Gouernador da India, que te vem»
«buscar com o mór poder que nunqua atégora se vio na India, que quan-»
«do partio de Goa já elle sabia quantas forças tinhas, e pera tudo vem»
«[1] * poderoso, te * dizem que nom faças com elle concerto, porque quem»

[1] * poderoso e te * Autogr.

« te aconselha tal nom tem sobre sua cabeça esta cidade, como tu tens, »
« com tanta riqueza e tantas almas de homens e molheres e mininos. »
« Natural he dos homens da guerra, que nom tem obrigação nenhuma, »
« buscarem sempre a guerra, e mórmente os estrangeiros que andão por »
« terras alhêas, onde nom arriscão nada, porque na terra nom tem na- »
« da, e andão a ganhar pera sy á custa alhêa : e com esta errada opi- »
« nião este homem honrado te diz que pelejes, e aponta os falecimentos »
« que podem vir n'armada, dos pobres, desarmados, e enjuriados ; o que »
« elle mal entende, porque quando os homens estão riqos e contentes »
« ninguem os faz pelejar senão por força, e a estes o medo lhe tira as »
« forças ; e os portugueses pobres tem corações, e forças dobradas, pera »
« ganhar a muyta riqueza que sabem que ha n'esta cidade, muy cobi- »
« çosos d'ella ; e os enjuriados, ante seu Gouernador pelejando, fazem »
« finezas por mostrar que são homens pera lhe nom fazerem enjurias »
« nem agrauos. E ysto he o natural dos que tem bom sangue, e os que »
« nom são taes na cobiça de roubar de todo se esquecem, e pelejão pera »
« ganhar, que he a principal causa com que os portugueses tem feito »
« n'estas partes da India o que vedes. Que nom se contentão com o que »
« tem n'esta costa, porque a guerra he com gentios desarmados e fra- »
« qos ; vão dentro ao estreito de Meca buscar que roubar, e nom esti- »
« mão os guerreiros que lá podem achar. E se das vezes que elles lá »
« forão este capitão honrado os quisera agardar em Adem, que estaua »
« combatendo com muyta gente, nom estiuera elle agora aquy a te dar »
« o conselho, em que elle nom auentura mais que sua pessoa vadia com »
« que vem buscar ventura. Eu te digo * ysto *, filho Tocão, e to digo »
« porque estão aquy alguns que com seus olhos virão, ante esta cidade, »
« tantos rumes mortos das mãos dos portugueses que o mar era cheo »
« d'elles, sendo os portugueses muyto poucos, menos ametade do que »
« erão os rumes. E os portugueses os vierão aquy buscar, e tomar d'el- »
« les vingança de hum desastre que lhe aqueceo no rio de Chaul, que »
« huma bombarda matou hum filho do Gouernador da India que então »
« era, do que os rumes muy soberbos vierão a esta cidade que querião »
« comer o mundo ; mas vendo aquy chegar os portugueses foy seu me- »
« do tamanho, que fogirão se lho nom tolhera Meliqueaz teu pay, que »
« quis vêr se suas mãos erão como suas palauras. Polo que na peleja »
« lhes aconteceo o que todos sabemos ; onde então o bom Meliqueaz com »

«seu muyto saber liurou esta cidade de lha tomar o Gouernador ven-»
«cedor, e tudo assentou em boa paz e amizade com elle, e com todo-»
«los outros que depois forão até seu finamento.»

«E porque do bem e mal que n'esta cidade aquecer a ti ha ElRey»
«de dar a culpa ou louvor, chegate a bom conselho, que as boas cou-»
«sas se acabão com a boa paz e não com guerra. E por tanto, meu fi-»
«lho, rogote que tomes conselho dos teus naturaes, que tem o sangue»
«e corações n'esta terra que he tua natureza; porque quando te saysse»
«auesso serás milhor julgado que acertando per conselho d'estrangeiros,»
«e estes * mórmente *, porque elles sabem que os portugueses com to-»
«dolas gentes terão paz senão com elles. Lembrote que os homens que»
«muyto falão fazem pouqo; polo que te amoesto, como filho, que com»
«o Gouernador faças todo bom concerto que puderes, saluando esta ci-«
«dade e o sangue d'este pouo. Olha que á cobiça dos portugueses por»
«roubar * tanto se lhe dá * huma peleja como vinte; polo que com»
«bom siso os deues mandar buscar ao mar e amansar da ira que tra-»
«zem; e nom queiras com elles contenda, porque nom vejas os males»
«que elles fazem.»

Como o caciz assy falou estas cousas, o rume muytas vezes se queria aleuantar e se hir; mas Melique Tocão o deteue, dizendo que acabaria o velho de falar então auerião seu conselho. Mas tudo o que o velho falou * foy * muyto á vontade de Melique, e de todos, que á huma voz assentarão com brados que ouvesse concerto e nom se falasse mais nada, e que ao mar fosse embaixador que tudo com o Gouernador assentasse; e mais porque ElRey estaua tão longe que nom auia tempo pera lhe mandar recado.

O rume, vendo o aluoroço e tamanha vontade em todos, nom ousou de mais falar; sómente disse a Melique: «Senhor, agora ouvi ao»
«velho o que nom tinha sabido; pelo que me parecem bem as rezões»
«do velho. Mas porque n'esta cousa, por resguardo de tua honra, nom»
«perquas o que sem trabalho podes [1] * ganhar, te * requeiro, pola ca-»
«beça d'ElRey de Cambaya, que de mim tomes este só conselho que»
«ante todos te dou; e se a todos parecer bem o faze, e senão não o fa-»
«ças. E he: que nom mandes messigeiro ao mar ao Gouernador. Está»

[1] * ganhar pelo que te * Autogr.

« comtudo prestes, e deixa chegar o Gouernador, e está de paz, e aguar- »
« da que elle te mande recado, e segundo te pedir tambem tu pedirás ; »
« e farás milhor teus concertos que estando já seu obedecido. E nom »
« creas que chegando de caminho te venhão combater sem saber tua »
« vontade, que se o fizessem, vindo assy cegos, de todo serão perdidos ; »
« e nom farão tal doudice, e a ysso obrigo minha cabeça. E quando tal »
« fosse, que assy te cometessem, então farás teus partidos, que elles fol- »
« garão d'aceitar, que nom ha ninguem que folgue de pelejar. E fazen- »
« do d'esta maneyra ficas com tua honra, e nom dirão que ouvestes me- »
« do antes que visses de que ; e em quanto ysto nom fizeres ficas muy »
« culpado em tua honra, e quem te aconselhar o contrairo tu sê o juiz »
« se erra ou acerta. E mais que póde ser que o Gouernador te pedirá »
« tão pouqa cousa que lhe dês. Tambem elle arreceará de arriscar aquy »
« todo seu poder, que o ha mester pera o peso da India, que tem so- »
« bre sy ; e tambem arreceará os desastres da guerra ; porque se já te »
« tiuera mandado pedir cousa que lhe nom deras, e com essa paixão elle »
« te viera buscar, fôra rezão nom agardar sua furia e lhe mandares a »
« obediencia ao caminho ; e sem ysto assy ser passado erras. Agora, se »
« determinas nom lhe mandar recado, manda ter grande vigia que d'esta »
« cidade nom saya pessoa, nem cousa, que vá dar noua ao Gouerna- »
« dor do que fazes. E olha quanto ysto te compre, porque mais te nom »
« falarey nada. E ysto que te dixe o fiz porque nom digas que te nom »
« aconselhey o que te cómpria. » O que a todos pareceo bem, e Melique se ouve por bem aconselhado, vendo que o que lhe mais compria era nom saber o que elle fazia ; e mandou apregoar que seria morta toda' pessoa que saysse da cidade, de dia nem de noite ; porque a mór riqueza da guerra he o segredo do que se ordena.

E com toda esta defeza se arriscou o abexim que mandou Percoli ; com que o Gouernador ouve muy grande paixão da desauentura de sua tardança, que foy a causa de perder Dio ; do que nom deu conta a ninguem, e se partio pera Dio sobre conselho tomado que daria bataria á cidade, e repartidos os nauios que a auião de dar. E primeyro que o Gouernador chegasse a Dio chegou a noua do que era feito na ilha dos Mortos, que pôs grande medo na gente. Do que o rume ouve muyto prazer, dizendo a Melique que já via que lhe tinha dado bom conselho e falado verdade, pois que o Gouernador, com seu tamanho poder, nom cometera

os da ilha sem primeyro lhe falar e pedir o que queria; o que assy faria chegando a Dio, pois era muy notorio que mór honra ganha o capitão a que obedecem que o que ganha por guerra.

E pois chegando o Gouernador a Dio diante de toda armada, ouve grande espanto na cidade vendo tamanha armada; e sorgio huma legoa da cidade, que estaua com muytas bandeyras; e vendo que assy sorgia ouverão por bom o conselho do rume, parecendo que o Gouernador mandaria seu recado, com que faria seu concerto. Com que perderão o medo que tinhão crendo que sómente as albetoças auião logo d'entrar á vela sem sorgir, e assy toda' armada, e que as albetoças logo auião de quebrar a cadêa. O rume andaua muyto soberbo e fonfarrão, acompanhado de sua gente armada e tambem a de Coje Çofar, que como desembarqou logo se foy a ElRey de Cambaya. O Melique assy com sua gente se ajuntou com o rume, que andaua prouendo a todas partes, apontando artelharia e os basaliscos que tinha assentados. E agardando grande espaço esperando que o Gouernador mandasse recado, e vendo que o nom mandaua, o rume falou com o Melique que queria tirar hum tiro a vêr o que o Gouernador respondia; e deu fogo a hum basalisco que apontou no galeão do Gouernador, que fez tão grande fumo que pareceo que se acendera fogo em alguma casa de poluora, que d'estes tinha o rume assentados tres que trouxera. O pilouro trouxe tão grande zonido polo ar que fez grande espanto, e cayo hum grande pedaço por popa do galeão do Gouernador, que aleuantou agoa como borrifo de balea; que nom tocara cousa que nom metera no fundo. E agardarão outro espaço, e vendo que 'armada nom mandaua recado, tornou a tirar outro segundo tiro, dizendo o rume a Melique: «Já agora o Gouernador sabe que tu os» «chamas, e nom ousa de mandar recado.» E emendou no segundo tiro que deu o pilouro mais perto do galeão; e d'ahy a outro espaço, parece que em quanto carregaua, tornou a tirar outro tiro, com que o pilouro cayo junto dos bateis que estauão por popa do galeão, que os encheo d'agoa, que fez grande medo á gente que estaua no galeão. Ysto foy em hum domingo vinte e seis de feuereiro, e as galés e nauios que auião de dar a bataria se estiuerão concertando até a quinta feira seguinte á noite, que sendo concertados, o Gouernador os mandou leuar á toa polos catures aos lugares em que auião d'estar. Ao que o Gouernador andaua em hum catur, e Antonio de Saldanha em outro, mandando o que com-

pria; e comtudo ouve tanta detença que já era dia craro quando se acabarão de pôr nos pousos. A repartição que per conselho fez o Gouernador n'esta bataria foy concertada na ilha dos Mortos como soube o aprecebimento que auia na cidade, a saber: que Francisco de Sá na galé bastarda, e Nuno Fernandes Freire em huma galé, e Antonio de Sá n'albetoça, que estes tres dessem bataria á torre da terra; e dom Vasco de Lima, fidalgo bom caualleiro, fosse em hum batel grande com sua manta, com hum espalhafato que deitaua hum pelouro de pedra de seis palmos de roda, e Jorge de Lima assy em outro batel grande, e Anrique de Macedo em outro com camellos, todos tres fossem bater o baluarte do mar; e que Antonio da Silueira com trinta fustas estiuesse na boca do rio, pera acodir a estes batés quando lhe comprisse; e Jorge Cabral, e Francisco de Vasconcellos, e Martim Afonso de Mello, e Manuel de Sousa, e Gomes de Soutomayor, estes em galés, e com elles Jordão de Freitas n'albetoça, e Manuel d'Alboquerque na galeaça, e Vasco da Cunha em hum batel grande com hum tirô grosso, todos fossem bater hum muro da cidade, que estaua do baluarte que se chama de Diogo Lopes de Sequeira até a praya, que derrubado este muro, e feita [1] *entrada*, a gente nos catures toda junta entrasse a cidade. E com ysto assy ordenado estes nauios hindo pera Dio se forão concertando, abatendo os mastos grandes, e fazendo arrombadas muy fortes, e [2] *nas* galés aos pés dos mastos grandes valados d'entulhos de maçame e cayro, pera os remeiros e gente estarem emparados, que tinhão os aparelhos pera çalhar os tiros quando tirassem, que todos leuauão mais de trinta peças grossas, em que entrauão tres basaliscos; porque do masto áuante nom auião de trabalhar mais que os bombardeiros.

O rume dentro na cidade regia e mandaua tudo, e vendo o aparato em que se punhão os nossos mandou que ninguem tirasse, e mandou pôr muytas mais bandeyras polos muros e torres; e de dentro da cadêa que atrauessaua o rio, que a sostinhão grandes barcaças, estauão junto d'ellas vinte fustas juntas que atrauessauão o rio, encadeadas e com bayleos, que todas se corrião; e detrás d'estas estauão outras muytas fustas com seus remeiros prestes e muyta gente, frecheiros e espingardeiros; e na torre da terra, pelo muro que corre pera dentro do rio, estauão muy-

[1] *entra* Autogr. [2] *as* Id.

tos tiros grossos e miudos; e no baluarte do mar por cima e por baixo muyta artelharia; e dentro no rio estaua a nao do rume com duas gaueas e bayleos, com muyta artelharia e gente de peleja. Ao longo do muro do baluarte de Diogo Lopes, que os nossos auião de derribar pera entrar a gente, nom auia artelharia, sómente de dentro ao longo do muro tinhão os mouros feitas muytas minas cheas de poluora pera quando os nossos entrassem.

Deixarão os mouros chegar nossos nauios, que virão que nom leuauão gente, porque toda fiqaua n'armada porque nom perigasse com os tiros. Os mouros em os nossos se andando concertando elles tambem assentarão muytos tiros apontados n'elles; e assentarão seis peças grossas em hum traués que fazia o muro com as galés da bataria. Os tres batés da barra, de noite, os catures lhe forão deitar fateixas junto da cadêa, a que tinhão dado toas, a que se alarão vendo os outros chegar a seus postos; e o dianteyro foy dom Vasco de Lima, que chegou muy perto da cadêa antre a torre e baluarte: sobre os quaes os mouros apontarão todos seus tiros, sem lhe tirarem, que o rume o tinha mandado que a hum sinal, que elle faria dentro na cidade com hum tiro, então todos dessem fogo. Os bateis se concertarão com outras toas, que deixauão por popa pera se alarem a ellas quando lhe comprisse.

Logo dom Vasco fez o primeyro tiro com o espalhafato, com que passou o baluarte do mar, em que matou muytos mouros, e fez tamanho buraco que se vião os que dentro estauão; e logo fez outro, e com os batés, que todos tirarão, que derão pola cadêa e fustas, em que fizerão grande destroyção. E n'este tempo tirarão todos os nauios da bataria; ao que o rume fez o sinal da bombarda, com que todos os mouros derão fogo em suas artelharias, que foy tanto que parecião muytas camaras juntas que desparauão, que se aleuantou tão grande fumaça que cobrio o sol, e o dia, que era craro, fiqou escuro, e se passou grande espaço primeyro que escrareasse. Da qual çurriada o batel de dom Vasco foy arrombado por muytos lugares, e elle páreceo morto, caydo de bruços sobre o tiro de hum pilouro que o passou polos peitos, e morto hum bombardeiro e tres remeiros, e feridos das rachas do batel casy todos. E assy nos outros bateis ouve mortos e feridos, e passados por muytas partes per que se alagauão. Os homens do batel de dom Vasco, como o virão morto e os outros mortos e feridos, e 'agoa que entraua no batel, logo

cortarão a toa da fateixa, que com a maré tornarão pera fóra ; o que assy fizerão os outros bateis, e se alarão ás toas que tinhão por popa ; sobre os quaes forão os pilouros tantos que inda matarão e ferirão homens. Ao que acodirão as fustas d'Antonio da Silueïra, que os tirarão pera fóra com catorze homens mortos e todos feridos, *e* se reformarão d'outra gente e remeiros, e se forão á outra bataria das galés.

Francisco de Sá, Nuno Fernandes Freire, Antonio de Sá, chegarãose tanto debaixo da barroca da cidade, por se saluarem dos tiros de cima, que nom puderão fazer nada e nom aproueitou seu trabalho. As galés dauão pilouradas no muro e baluarte de Diogo Lopes, que era mociço, em que se perdeo todo o trabalho ; e os mouros que [1] *tirauão* ás galés as tomauão atrauessadas, e 'albetoça, e a galeaça, em que matarão e ferirão muytos homens, porque todolos tiros empregauão ; o que durou todo o dia pola menhã até sol posto, em que nunqua pareceo o sol com a escoridão do fumo d'artelharia ; e no muyto tirar esquentarãose tanto os basaliscos e tiros de metal que arrebentarão muytos, e nom puderão derrubar o muro, porque era delgado e os pilouros passauão fazendo buracos redondos, e passauão.

Como foy noite os nauios todos se afastarão da bataria. E logo o Gouernador ajuntou a conselho, onde mostrou hum capitolo do regimento, em que lhe ElRey mandaua que fosse a Dio com o mór poder que podesse ajuntar, com grandes estrondos a espantar, a ver se poderia auer com o capitão da cidade algum bom concerto pera auer forteleza que custasse de sua fazenda quanto quigesse ; e *se* nom pudesse auer se tornasse, e n'ysso nom auenturasse a vida de hum só homem. O que assy mostrou o Gouernador porque soube que depois da ilha dos Mortos n'armada praguejauão d'elle ; dizendo a todos no conselho : « Senhores, ysto que ElRey meu senhor apontou assy em meu »
« regimento, como vêdes, o fez segundo a enformação que lhe derão »
« em Almeirim, que lhe fizerão a fegura de Dio, e como se podia »
« combater e tomar. Agor'aquy estamos presentes : tudo vêdes por vos- »
« sos olhos ; pelo que vos requeiro da sua parte, sô pena do caso »
« maior e sob o juramento que tendes, me digais o que deuo fazer ; por- »
« que estou prestes pera tudo fazer. E n'ysso cuideis muyto bem esta »

[1] *tirão* Autogr.

« noite que vos dou d'espaço, e á menhã me dai vossas repostas per vos- »
« sos assinados, porque os hey de guardar pera com elles dar conta a El- »
« Rey meu senhor quando ma pedir. » O que assy fizerão todos, e ao outro dia derão os assinados, de que o Gouernador tomou o conselho, de que o sacretario fez auto pubrico a que os acostou, que o Gouernador gardou, e logo mandou emmastear as galés e fazer prestes pera partir.

Os mouros estiuerão esperando que os nossos tornarião a dar outra bataria; mas vendo emmastear as galés, e 'armada que se afastaua, derão grandes gritas de zombaria, tangendo muytos tangeres, desparando toda' artelharia que auia na cidade com pilouros pera' armada, e muyta espingardaria. E porque foy ysto em anoitecendo fez grande aluoroço ∗em∗ toda a nossa armada, com medo, que lhe pareceo que as fustas sayão do rio a dar nos nossos; em que ouve grandes desacordos, e mórmente no galeão do Gouernador, que se armarão de todo pera pelejar, e querendo tirar ás nossas fustas cuidando que erão de mouros; porque o Gouernador nom tornara ao galeão, que se deixou estar na taforea com Antonio de Saldanha. E tal foy o desacordo em toda' armada, que se as fustas sayrão, os nauios da bataria, que inda estauão sem gente, correrão muyto risco de serem tomados. O que tudo fez o rume com a muyta soberba que tinha de fazer que se nom entregasse Dio; e como a nossa armada desapareceo da barra, o rume com sua gente se foy pera ElRey de Cambaya, e foy deuagar como grande senhor, e teue modo como, primeyro que elle chegasse, foy dito a ElRey que elle fòra causa de se nom entregar Dio ao Gouernador, como o determinaua fazer Melique Tocão; de maneyra que chegando o rume a ElRey, que lhe beijou o pé, ElRey o recebeo com gasalhado, dizendo o rume que cobiçara de o vir seruir por ser tão grande senhor, tão guerreiro contra seus imigos; e trouxera oitocentos homens, que ally tinha, e 'artelharia que deixara em Dio, milhor da que trouxe o Gouernador da India, que vinha pera tomar Dio com tamanha armada que Melique Tocão tinha medo, e ouvera d'entregar a cidade, se o eu nom ajudara a defender, « que com tres tiros que »
« mandey tirar ao galeão do Gouernador lhe meti tamanho medo que »
« nom ousou de chegar á cidade, sómente lhe mandou tirar com 'árte- »
« lharia, e se tornou. Da qual artelharia te faço seruiço, e de minha »
« pessoa, pera te seruir até que moira. » Ao que ElRey lhe deu seus agardicimentos, e lhe deu o nome de Cão, que he como honra de dom,

e d'ahy áuante se chamou Rumecão, a que ElRey deu grande renda pera elle e pagar sua gente, e o fez seu capitão, e fazia d'elle muyta conta. Do qual fiqou muyto imigo Melique Tocão, que se nom ouvera medo * d' * ElRey elle o mandara matar antes que partira de Dio, porque se nom fosse gabar a ElRey em desprezo de sua honra, como fez.

O Gouernàdor se deteue em Dio até o domingo seguinte, primeyro de março, e fazendose á vela, pela menhã amanheceo antre 'armada huma fusta grande malauar carregada de pimenta e drogas pera Çurrate, e nom acertou de noite * e * foy ter na barra de Dio; a qual achandose assy antre a nossa armada tomou por saluação colherse ao rio, pera onde foy remando quanto podia. Os nossos nom atentauão n'ella cuidando que era d'armada, senão conhecerãona quando a virão hir fogindo pera terra; e forão após ella, os mouros pelejando fortemente e se defendendo, e os remeiros remando quanto podião, que os nossos nom ousauão d'abalroar polo grande pelejar dos mouros. Ao que chegou Antonio Pessoa em hum seu catur, que depois foy védor da fazenda da India, e se atrauessou diante da fusta, com que a deteue e a entrou, onde foy derribado de huma frechada que lhe deu na boqua, e chegarão outras fustas e catures, que abalroarão, e os mouros pelejarão até todos morrerem a ferro, que lhe nom deitarão fogo por amor da fazenda, que foy recolhida por Gaspar Paes feitor d'armada, e a fusta foy queimada, porque era muyto quebrada dos tiros que lhe os nossos derão.

CAPITULO XXV.

COMO O GOUERNADOR SE PARTIO DE DIO, E DEIXOU ANTONIO DE SALDANHA NA ENSEADA COM GRANDE ARMADA FAZENDO GUERRA, E OUTRAS ARMADAS NA COSTA, E SE FOY A GOA.

O Gouernador se partio de Dio e se tornou á ilha dos Mortos pera tomar agoa, onde per conselho ordenou armadas que ficassem guerreando Cambaya, em que deixou Antonio de Saldanha com cincoenta velas, a saber: quatro galeões, e o mais galés, e galeotas, e nauios de remo d'ElRey, com alguns de partes que folgarão de ficar, cobiçosos de andarem ás prezas. E n'esta armada lhe ficarão mil homens com vontade do que auião de roubar, e muytos fidalgos honrados, capitães. O qual correndo

a enseada foy dar em huma cidade chamada Goga, pouoada de riqos mercadores; a qual *armada* entrou per hum rio e a destroyo a fogo e sangue, matando muyto pouo, e teue grande peleja com muyta gente que acodio a defender, e ajudar setecentos malauares que com muyta gente se fizerão fortes em tranqueiras polo rio dentro, onde tinhão doze paraos, que leuarão carregados de pimenta com muyta artelharia; onde os nossos tiuerão perigo d'artelharia até chegar ás tranqueiras, porque hião por hum campo raso, em que dos nossos forão alguns derrubados feridos dos tiros, que erão miudos. E chegando 'abalroar ouve muyto perigo, porque os mouros tinhão muytas espingardas e estauão muy armados; e durou a peleja bom espaço, porque tinhão muyta gente d'ajuda; mas os nossos lhe derão cabo matando muytos, e os outros fogindo polo campo, que Antonio de Saldanha nom consentio que os seguissem. Os paraos forão queimados. Aquy forão feridos mal Fernão Rodrigues Barba e Gomes de Soutomayor, que forão capitães dianteyros, e n'este feito mortos tres homens, muytos feridos. A cidade fiqou rasa do fogo; nem ouve muyto que roubar, porque tiuerão tempo pera a despejar, sabendo d'armada que hia. D'aquy se foy a outra cidade chamada Reynel, e foy a Çurrate, que tudo queimou por nom achar gente, que tudo era despejado, fogidos pela terra dentro; que assy o mandou ElRey em quanto durasse o verão que corressem as nossas armadas. Mas em todos estes lugares queimou muytas naos, e zambuqos, e paraos malauares, que lá forão com pimenta, e fez muyta destroyção correndo a costa até fim de março, que se foy a Chaul, onde deixou toda' armada entregue 'Antonio da Silueira, que assy o mandara o Gouernador, e elle na galé bastarda se foy a Goa onde estaua o Gouernador.

Tambem o Gouernador deixou Manuel d'Alboquerque com outra armada de doze velas miudas e huma galé, e lhe mandou que fizesse toda' guerra na costa, e mórmente tolhendo que pera Dio nom passasse madeira nem mantimentos, que era a mór guerra que se lhe podia fazer. O que Manuel d'Alboquerque muyto trabalhou, e fez muyto mal na terra, que achaua toda despouoada, onde andou até abril que se recolheo pera Goa, deixando as fustas em Chaul per regimento do Gouernador.

E tambem o Gouernador, de Chaul, mandou ao Estreito outra armada de oito velas grossas, e por capitão mór dom Antonio da Silueira, com boa gente, que folgarão de hir ás prezas, que as fizerão boas cor-

rendo do cabo de Guardafuy pera dentro per ambas as costas ; nom achando nada no porto d'Adem, per que passou com tempo forte e se foy caminho d'Ormuz, como leuaua por regimento até fim d'abril. E estiuerão em Mascate, que defendia o Gouernador no regimento que ally estiuessem até agosto ; onde estando faleceo de doença dom Antonio, e foy emleito antre os capitães por capitão mór Jorge de Lima, que deu a capitania do seu nauio de dom Antonio a dom João Lobo ; e meado agosto se partirão pera' India, onde no golfam tomarão huma nao de Meca, tão riqa que, sem embargo do muyto que roubarão, rendeo pera ElRey sessenta mil pardaos d'ouro, e duzentos escrauos pera as galés.

E o Gouernador, repartido estas armadas, proueo Chaul do que compria, porque ahy se auia de recolher toda' armada, e concertar pera sayr no verão a guerrear a costa de Cambaya ; pera o que fez capitão de Chaul Antonio da Silueira, seu cunhado, e se foy a Goa já na entrada de março, onde o Gouernador enuernou, prouendo tudo, porque Afonso Mexia mandara ElRey hir pera as cousas de Lopo Vaz de Sampayo, e mandou pera capitão de Cochym Francisco de Sá.

CAPITULO XXVI.

COMO FOY AMBROSIO DO REGO POR CAPITÃO A CHOROMANDEL TIRAR INQUIRIÇÃO DA CASA DE SÃO THOMÉ, POR APONTAMENTOS QUE ELREY MANDARA.

O Gouernador, prouendo o que compria, mandou por capitão á costa de Choromandel Ambrosio do Rego, em hum nauio e duas fustas, pera tirar deuassa da casa de são Thomé, per huns apontamentos que ElRey este anno mandára ; que o Gouernador lhe muyto encarregou que n'ysso fizesse muyta diligencia, porque ElRey lho muyto encarregaua. No que Ambrosio do Rego fez pouqo, porque se acupou em cousas de seu proueito, e deixou o encargo a Miguel Ferreira, cauallciro honrado que fôra ao Xequesmael por mandado d'Afonso d'Alboquerque, como contey no liuro primeyro ; o qual Miguel Ferreira na deuassa fez muyta diligencia, pelos apontamentos que ElRey mandara, segundo enformação que lhe dera hum padre que estiuera na dita * casa *, chamado Aluaro Penteado, de que já no segundo liuro fiz menção. No que Miguel Ferreira com muyta vontade e deuação buscou pola terra os mais antigos homens

que pôde auer, mouros e gentios, naturaes e estrangeiros, os quaes perguntados com seus juramentos, segundo seus costumes, todos testimunharão huma sostancia, como se todos falarão per huma boca; cousa que pareceo assy o ordenar Nosso Senhor polo merecimento do santo apostolo; dizendo que nom sabião mais que sómente ouvirem dizer a seus auós e bisauós, os quaes dizião que tambem o ouvirão dizer a seus bisauós e antepassados, e assy o tinhão assentado e crido antre sy per muyto credito que antre elles auia de geração em geração, em todos muy lembrados que aquella santa casa a fizera ally onde estaua, passaua de mil quatrocentos e tantos annos, hum homem santo que n'ella viueo; e afastado de casa hum espaço tinha outra casinha em que fazia oração, e agora estaua feita a capella de São João, e n'ella estaua enterrado hum criado d'este santo homem. E que d'outras terras vinhão homens fazer oração a esta casa, e se morrião os enterrauão derrador da casa. E que este homem santo, elle só, tirara fóra do mar hum páo tamanho que os alifantes o nom puderão tirar, que ElRey d'aquella terra lhe dera o páo pera fazer sua casa que inda nom era feita, e lhe dissera que trouxesse o páo, e onde o puzesse lhe daua o lugar que fizesse sua casa; e o santo foy ao mar, que era d'ahy doze legoas, e fòra muyta gente vêr como trazia o páo; o qual, chegando á borda d'agoa onde o páo estaua, em joelhos fez oração ao ceo, e tirou huma corda delgada com que se cingia, e [1] *a* atou no páo em huma azelha que tinha, e o benzeo com a mão e tirou pola corda, e o páo veo após elle, que tinha letras cortadas no páo, que dizião que d'elle fizesse casa d'oração. A gente, vendo como trazia o páo, dizião que era homem santo. E trouxe o páo até onde agora está, a esta casa, que era huma casa de huma cerqua grande, em que viuia hum jogue em que a gente da terra muyto cria. O santo deixou o páo e foy a ElRey, que já sabia que tinha ally o páo, e lhe dixe ElRey: «Vay embora, e faze tua casa onde quiseres ou onde tens o páo;» que era o chão do jogue, o qual com paixão, parecendolhe que ElRey faria mal ao santo, matou de noite hum seu filho com huma faca, e foy a ElRey gritar que o santo lhe matara seu filho porque se queixara de lhe tomar sua casa, e o apresentou a ElRey, o qual mandou chamar o santo e lhe dixe: «Que fizeste! Porque mataste esse moço?» Elle dixe: «Nom»

[1] *o* Autogr.

«matey.» O jogue dixe que elle o matara. O santo dixe a ElRey: «Se-» «nhor, pergunta ao moço quem o matou.» ElRey se rio como zombaria, e dixe: «Tu lho pergunta.» O santo se poz em joelhos e fez oração ao ceo com as mãos, e benzeo o moço, o qual se aleuantou e adorou ao santo, e disse a ElRey: «Senhor, a este homem seruem os anjos. Elle» «nom me matou, senão meu pay, pera tu fazeres mal a este homem» «santo.» Então o santo o benzeo e o fez christão deitandolhe agoa sobre a cabeça; e tornou a cayr morto. [1] E que então o Rey se fez christão com toda sua gente de casa; e que então o santo fez a casa com a madeira do páo, e o serraua e com o pó d'elle pagaua aos trabalhadores, e ás vezes lhe daua arêa que tomaua do chão, que se lhe tornaua em arroz quanto valia o seu trabalho; e na casa estiuera o santo em quanto viueo, e com elle estauão tres seus criados, que com elle forão das partes da India, e jazião sepultados nas casinhas de fóra, e segundo lhes dizia agora já estauão feitas igreijas dentro na cerqua da casa. E d'ahy longe, em hum outeiro, o santo tinha huma casinha em que fazia oração, em que ora estaua feita a casa de Nossa Senhora do Monte, sobre o qual monte sempre muyto tempo de noite parecia hum fogo, tão alto que o vião os que passauão polo mar; o qual sendo visto abaixauão as velas e fazião reuerencia. N'este monte, os nossos cauando pera fazer igreija, foy achada huma lagea que tinha figurada huma cruz, com hum letereiro que se nom soube lêr, e em huma parte da cruz estauão humas nodas como de gotas, que muyto trabalharão polas tirar rapando a pedra, que ficaua branca, mas d'ahy pouco tornauão as nodas a 'parcer; no que se tomou muyta deuação, e derão esmolas com que ally se fez huma casinha em que dizião missa ás vezes, o que foy no anno de 1546, de que ao diante mais direy. Os quaes testimunhos derão dez ou doze homens que Miguel Ferreira assy perguntou, que erão de idade de oitenta e nouenta annos, que assy testimunharão d'ouvida. Forão leuados a ElRey, que lhos mandou o Gouernador.

E digo que no meo do caminho da santa casa pera o monte estaua huma grande pedra, assy feita como monte, onde estaua huma lapa que tinha hum buraco onde tambem o santo oraua; onde estaua huma fonte

[1] Subintende-se aqui repetido que *os anciãos mouros e gentios, que foram interrogados, disseram mais que então etc.*

d'agoa, que se dizia que o santo fizera dando com o ferro de hum bordão que trazia, com que dera na pedra e se abrira a fonte pequena que muyto tempo correra. Junto d'esta fonte, em huma pedra, estaua figurada na pedra huma joelhada, e huma pegada tão fegurada como se estiuera feita em barro; que homens portugueses quebrarão e leuarão por reliquias. E eu, Gaspar Correa, que ysto escreuo, tiue hum pedaço d'esta pedra, que me derão, em que estaua figurado o dedo pollegar e os dous dedos de junto d'elle. E * disserão tambem * que estando o santo fazendo oração em cima do penedo estaua em fegura de pauão, em que se muytas vezes tresformaua; e que passando por acerto huns caçadores, cuidando que era pauão lhe tirarão com huma lança e o ferirão, e correrão acima pera o tomar e acharão o santo caydo com a lança atrauessada no corpo; do que elles com medo quiserão fogir, e o santo lhe disse que nom ouvessem medo, que o Deos dos ceos assy o quisera; mas que fossem chamar os seus criados que o leuassem e enterrassem no seu lugar que tinha feito. O que os caçadores assy fizerão, e o forão dizer, que logo forão com muytos christãos da terra, que o acharão morto e o leuarão e enterrarão dentro em sua capella, que estaua na capella mór á parte do auangelho, que era huma casinha que pera ysso fizera. E que sendo assy metido debaixo da terra, lhe ficara de fóra hum braço aleuantado, que lho nom puderão meter dentro; o que assy esteue hum tempo. E que hum gentio, parente do jogue, por vingança, entrando na santa casa onde nom estaua ninguem, com hum traçado que [1] * leuaua foy * por cortar o braço, e fiqou cego dos olhos, caydo em terra, onde logo bradou e se fez christão, contando o que fizera; e nunqua mais se foy da casa, e hy morreo de sua velhice, varrendo a casa e acendendo huma alampada que n'ella estaua. E que os criados do santo ally morrerão, e que depois ally se aleuantara tanta guerra, antre os christãos e gentios, que a cidade e toda a terra se destroyra, que era muy grande a cidade; e que sómente a santa casa ficara assy como estaua, sem nunqua cayr atégora. E que os moradores da terra sempre lhe tiuerão muyto acatamento, e que as molheres prenhes tomauão terra da casa, ou do monte onde matarão o santo, e com agoa da fonte fazião barro com que esfregauão a barriga, que logo parião; e que se tinhão dor de cabeça ou em alguma parte punhão assy

[1] * leuaua o foy * Autogr.

a terra molhada com agoa da fonte, e recebião saude: polo que todos tinhão esta lembrança da santa casa. E oje em dia, quando a gente da terra fazem suas festas a seus pagodes, trazem seus idolos com suas festas, e chegando, de longe que vêm a santa casa, com os idolos, os abaixão tres vezes até ao chão, fazendo reuerencia á santa casa, e se tornão. E que depois muyto tempo viera vêr esta casa hum homem da terra de Caná, e que achando a terra assy destroyda, em que nom pudera viuer porque era christão, se fôra pera' India, e que em Cranganor junto de Cochym achara hum criado d'este santo homem, e se agasalhou com elle, e que comprara ao Rey da terra * chão * em que fizera huma casa em nome do santo, e hy viueo até que morreo; que se chamara Tomé Caná, e hy s'enterrara. E que a igreija que estaua em Coulão que aueria setecentos annos que era feita, que a fizerão dous homens, hum chamado Aprelo e o outro Thór, que tomarão ensinança do santo, estiuerão hum tempo na casa, e que d'ahy ambos juntos se forão a Ceylão, que n'aquelle tempo tudo era terra de Comorym a Ceylão, onde prégauão, e querendo fazer huma casa em huma casa de hum pagode, de que tirarão dous páos em que estauão [1] * idolós, que * acodio a gente pera os matar, porque os diabos falarão polos pagodes, queixandose porque assy lhe tirauão os páos da sua casa; ao que os santos homens, assy em presença da gente, mandarão aos pagodes, da parte de Deos, que elles mesmos leuassem aquelles páos onde elles querião fazer casa pera oração de Deos; o qual idolo com os páos ao outro dia foy amanhecer em Coulão, onde fizerão igreija, que pedirão ao Rey por amor de Deos o chão em que fizerão a casa, e n'ella estiuerão ambos, andando pela terra prégando e fazendo muytos christãos; onde em Coulão, na praya do mar, está hum grande penedo onde ás vezes elles hião fazer oração; e pola terra fizerão milagres, e ahy morrerão e se enterrarão, e d'esta christindade, que estes santos homens fizerão, ha hoje em dia christãos por aquella terra, mas [2] * com * o muyto discurso do tempo, e nom tendo depois ensinança, já agora são casy gentios; sómente são apartados per suas gerações.

Ysto foy o geral que se soube pela inquirição que se tirou polos apontamentos, per treze testimunhas, da sorte que disse; o que todo assy está no credito da terra de geração em geração, e assy o tem por cren-

[1] idolos ao que * Autogr. [2] * o * Id.

ça. Alguns d'estes disserão que tudo o feito da santa casa estaua escrito na casa do [1] * pagode *, que se chama Camjauerão, que he vinte legoas d'esta santa casa; do qual contarey adiante, porque estiue dentro e vy cousas de que he muyto pera espantar. Depois Miguel Ferreira daua grande peita a quem lhe ouvesse esta lenda d'este santo dos escriuães d'este pagode, e nom pôde; antes matarão hum escriuão que perguntaua por ysso.

Hum bispo das terras do Preste, chamado Abuna, que andaua antre estes christãos do Malauar, testimunhou que tinha em suas lendas, e que os armenios o tinhão, que são Thomé, e são Bertolameu, e são Judas, todos tres sayrão de Jerusalem e forão ter a Baçora junto d'Ormuz, e ahy se apartarão, e são Bertolameu se fôra pera Armenia, onde fizera a christandade que tem, prégando o santo auangelho; e que são Judas se fôra pera' Arabia Persia, e per detrás do Monte Sinay andara fazendo sua obra; e que são Thomé passou de Çacotorá ao cabo de Gardafuy, em que fizera muyta christindade, o que o affirmão os de Çacotorá, onde tambem esteue; e d'ahy passou á China com hum criado de hum grande senhor chamado Abaneus, que per mandado de seu senhor lhe buscaua o milhor mestre que pudesse achar, pera lhe fazer as milhores casas que ouvesse no mundo. O qual Abaneus lhe leuara são Thomé, e com elle partira de Çacotorá e fora ao Rey da China, com o qual Rey lhe fizera o milagre dos paços, como se conta da sua lenda; e pola China fez muyta christindade, e da China se tornara á India, e da India fôra ter a Choromandel, onde acabou sua vida e tomou sepultura.

O Gouernador, vendo esta deuassa, tomou muyta deuação na casa, e mandou pera vigairo d'ella hum padre francês chamado Ugo Nycolay, auendo já muyta pouoação de portugueses e alguns casados; o qual bolio com as santas reliquias da ossada, e a meteo em outro cofre que escondeo em hum lugar da casa muyto secreto, que nunqua serão achadas se as nom descobrir quem o souber, que sómente he o vigairo, e hum homem de bem, o milhor da terra, com solene juramento que o nom descubrirão senão na hora da morte; que o que fica viuo o dirá a outro que lhe bem parecer, que ninguem saiba que lhe he dito. E ysto assy está secreto pera que se nom possão furtar ou tomar, se vier na terra

[1] * pagado * Autogr.

algum mal. E quando a casa se desfez pera se fazer a casa noua que ora está feita, toda a madeira que se tirou da casa, que sem duvida era toda de hum páo, e era muyta, se guardou em huma casa fechada, donde se deu por reliquias, em que toda se gastou.

CAPITULO XXVII.

QUE CONTA COUSAS QUE SE PASSARÃO NAS PARTES DE MALACA, E EM MALUCO, QUE CONTAREY POR NOM TORNAR ATRÁS.

Partido dom Jorge de Meneses de Ternate, logo o capitão Gonçalo Pereira quis acabar muyta obra que a forteleza tinha por acabar do tempo de Antonio de Brito, que nunqua os capitães depois o fizerão; e porque tinha necessidade de madeira, que a nom auia senão em Tidore, a mandou pedir ao Rey, e mandou a ysso Luis d'Andrade como embaixador, muyto concertado, com presente de pannos de seda; o que sabido do Rey lhe fez muyto recibimento de ruas e casas enramadas. O Rey era homem mancebo de vinte annos, homem branco e bem disposto, e muyto fantisioso, e assy estaua riqamente vestido, e a casa paramentada de pannos de figuras e verdura de Frandes, que lhe derão os castelhanos; e estaua muyto acompanhado de seus grandes e dous irmãos que tinha; e entrando o Luis d'Andrade o recebeo com muyto prazer que mostrou com o presente, falando castelhano, que aprendera com elles sendo menino; e esteue falando grande espaço, perguntando polo Emperador, e por ElRey de Portugal e polo Gouernador da India; a que todo lhe deu rezão Luis d'Andrade. E sabido ao que hia, respondeo que era grande amigo do capitão, e lhe daria a madeira, e quanto ouvesse mester, que estiuesse em sua terra, mandasse por tudo. Com que se tornou Luis d'Andrade com presente de peças pera o capitão, que lhe o Rey mandou. E depois d'ysto, porque o regedor de Maquiem estaua aleuantado polas pareas que lhe pusera dom Jorge, que as nom queria pagar, o capitão mandou Vicente da Fonseca com armada e gente ao tomar, e Cachilato com gente. O que sabido do regedor fogio pera o Rey de Geilolo, e lhe tomarão a terra; ao que acodio o Rey de Geilolo, e Fernão de la Torre que estaua com elle, e meterão n'ysso amizades, e o capitão o tornou a

seu estado, pelo que d'ally por diante todos ficarão muyto amigos com o capitão.

N'este tempo o capitão apertaua muyto em fazer o crauo pera El-Rey pelo regimento do Gouernador, que leuara; do que os portugueses andauão muy agrauados porque lhe tirauão muyto de seu proueito, e Luis d'Andrade, feitor, *era* n'ysso muyto fragueiro; com que os portugueses lhe dizião abertamente que se passarião pera os mouros ou pera os castelhanos, e que então o capitão e feitor defendessem a forteleza. E os que ysto mais atiçauão era o vigairo da forteleza, chamado Arthur Lopes, e Vicente da Fonseca, e Baltesar de Mello, e hum João Ferreira, grande reuoltoso, e hum Manuel Pinto, que como sabião a lingoa da [1] *terra o fallauão* á Raynha e a seus regedores porque todos recebião perda, com que os muyto indinauão, ordenando de se leuantarem e o prenderem, e fazerem outro capitão, que lhe largasse o crauo; pera o que cometerão Brás Pereira, porque estaua imigo do capitão; o que elle nom quis aceitar. Então o consultarão com Vicente da Fonseca, que estaua mal com o capitão, porque bradara com elle porque falara deshonras ao sobre rolda, porque dissera aos que estauão em sua casa que fossem á vigia, e falou ainda más palauras contra o capitão, pelo que o prendeo em ferros na forteleza, porque já tinha auiso do que reuoluia com os outros. Os quaes todos se ajuntarão e pedirão ao capitão que o soltasse; ao que elle respondeo que não, mas que nos ferros em que estaua, e outros que andauão soltos, auia de *o* mandar ao Gouernador. Do que se sentirão os que andauão na cousa, e se forão concertando de matarem o capitão antes da monção, que podia vir seu cunhado Anibal [2] *Cerniche*; e pera ysto conuocarão a Raynha e o regedor Cachilato, e os principaes, os quaes com a Raynha concordarão, com vontade, que matando o capitão matarião elles todos os portugueses e tomarião a forteleza; em modo que a Raynha mandou ao capitão muy apertadamente pedir ElRey seu filho, e com ella comprisse o que lhe tinha promettido e jurado, e o nom compria. O capitão trazia muyta acupação por acabar de çarrar hum cubello, que compria ter acabado pera estar seguro entregando o Rey. Mandou dizer á Raynha que lho entregaria tanto que acabasse esta obra; que nom desejaua senão de lhe fazer todos prazeres;

[1] *terra que a falauão* Autogr. [2] *Cyrnyge* Id.

que ella lhe désse mais gente, pera [1] * em * acabando a obra lhe dar ElRey. Da qual reposta a Raynha nom fiqou contente, crendo que nunqua lhe auia de dar o filho; pelo que foy assentado de matar o capitão, que o podião bem fazer porque ElRey estaua dentro da forteleza, onde entrauão a folgar com elle homens mancebos filhos dos fidalgos, que os nom buscauão se leuauão armas, e as poderião leuar escondidas, e mórmente quando lhe leuauão o comer.

E consultando matar o capitão, a Raynha lhe mandou agardicimentos á reposta, e lhe mandou a gente que lhe pedia, porque mais asinha se acabasse a obra e lhe désse seu filho. Com que o capitão andaua muy contente dando muyta pressa á obra. O gouernador de Geilolo, que estaua em Ternate, a que a Raynha meteo n'esta trayção, temia que o capitão o viesse a saber antes do feito, e que a elle faria mal mais que aos outros porque era seu amigo, e desejaua de o descobrir ao capitão em segredo, mas nom se atreuia, nom sabendo ó credito que lhe o capitão daria. Então falou em segredo com hum seu, de que se fiaua, que dissesse ao capitão muyto em segredo que olhasse por sua pessoa, porque os de Ternate com a Raynha fazião muytos conselhos contra sua vida. E ysto fez porque segundo o capitão o tomasse assy saberia se lho descobriria ou não. O capitão nom deu o entendimento a ysso, cuidando que tinha a Raynha e os seus contentes, e que a gente no trabalho andaua contente e trabalhauão sem os chamarem; do que alguns portugueses tomarão sospeita e o disserão ao capitão, porque elles dizião que trabalhauão como valentes homens caualleiros; e comtudo o capitão nom deitaua o coração a nada. E sendo ordenado o dia que quiserão matar o capitão, os da Raynba deitarão sortes qual seria o primeyro que cometeria, e cayo a sorte em hum valente mancebo, parente de Cachil Daroes, com outros dez que o auião d'ajudar. Pera o que ordenarão muyta gente que andaua dessimulada pola cidade, e tambem metida em hum mato aly perto, pera que, em fazendo sinal no sino da vigia os que matassem o capitão, acodindo os portugueses da pouoação á forteleza, os mouros [2] * dessem * sobre elles, e os matarem todos, e tomarem a forteleza; que os mouros entrarião pela banda do mar, que inda o muro estaua baixo. E sendo a festa do pinticoste, que a cousa auia de ser, auia d'entrar a

[1] * que * Autogr. [2] * darem * Id.

falar com o capitão o regedor, que entraua a qualquer ora que queria; e sendo depois de jantar, que o capitão estaua só repousando e a porta da forteleza fechada, como costumaua estar sempre pola sesta, bateo o regedor, e lhe abrirão e entrou com os da consulta, e sobio ao sobrado onde estaua ElRey e seus irmãos, e tambem hy estaua preso Vicente da Fonseca, e se assentarão a falar, esperando que o capitão acordasse e fosse onde elles estauão; o que Nosso Senhor nom quis, porque se nom perdesse aquella forteleza com todolos portugueses mortos, como tinhão ordenado. No que assy estando, hindo hum português pera' cidade, e passando por junto da mesquita, vio a gente armada aluoroçada; o qual fez volta de pressa. O que vendo os mouros, porque nom fosse dar auiso, o cometerão a matar; e andando com elles pelejando quis Deos que o vio huma escraua do capitão, da genella da camara em que o capitão dormia, que era escraua d'Africa, e bradou dizendo que os mouros matauão hum português. Ao que acordou o capitão e da genella vio a briga e bradou que acodissem, e tomou huma adarga e espada, e abrio a porta da camara pera sayr fóra, e vio o regedor e os outros com os crises arrancados, que remeterão á porta pera o matar; mas elle com adarga e espada ás estocadas se defendeo, que nunqua o puderão entrar; ao que o Vicente da Fonseca se diz, segundo depois se soube, que fez com os mouros que quebrarão o repartimento da camara, que era de canas e barro em cima, e entrarão com elle, e o ferirão, com que cayo. Ó que a escraua da genela fortemente gritaua trayção! trayção!

Á reuolta do sobrado acodirão seis criados do capitão com chussos, que entrarão com os mouros matando n'elles, com que se deitauão polas genelas fóra. O Vicente da Fonseca, porque o nom culpassem que nom fizera nada, de huma genela bradou que arrepicassem o sino. O que assy fazendo hum escrauo, acodirão os portugueses armados, e os da mesma consulta por dissimular, e Luis d'Andrade, que deu na porta da forteleza pancadas até que lha [1] * abrio * hum criado do capitão; e entrou em cima, onde acabou de matar alguns mouros que inda pelejauão, e tomou o regedor e o buscou se tinha armas e a ElRey e seus irmãos, e nom lhas achando os meteo em huma camara fechados até ver o que os mouros fazião, e foy á camara onde achou o capitão morto, e a escraua

[1] * abrirão * Autogr.

que o pranteaua, que lhe dixe que em lhe sayndo 'alma dissera que chamasse Luiz d'Andrade que gardasse a forteleza. Polo que elle logo tomou as chaues e se apossou d'ella.

* A * qual noua se dizendo por fóra, e nom sabendo o que se passaua dentro na forteleza, nem a Raynha nom sabia o que era feito d'ElRey e de seus filhos, nom ousou de mandar a gente que estaua junta, e a fez espalhar. Luiz d'Andrade pôs a bom recado a forteleza entregue da sua mão, deceo abaixo pera acodir á pouoação em que os mouros desmandados andauão pondo o fogo, e achou Brás Pereira que entraua 'acodir, a que Luis d'Andrade disse: « A forteleza está segura. Vamos aco- » « dir aos mouros que andão na pouoação. » Elle lhe respondeo: « Hyde » « vós, que eu som capitão d'esta forteleza e a quero guardar. » Ao que Luis d'Andrade respondeo: « Pois logo vós sabiês parte da trayção. » E lançou mão d'elle, e o prendeo em ferros e o mandou meter no sotão da forteleza, e mandou os portugueses acodir á pouoação, que derão nos mouros, * e * matando alguns fogirão todos. E porque era já noite fizerão vigia de noite, em que os da consulta, com o vigairo que era cabeça de todos, concertarão que nom consentissem que Luis d'Andrade fosse capitão, pelo odio que lhe tinhão, e * porque * sabião que se fosse capitão auia de seguir o regimento de tomar o crauo, e por ser muyto amigo do capitão auia de fazer muytas diligencias sobre sua morte; que por tanto nom consentissem que em nenhuma * maneyra * fosse capitão; e muyto menos o fosse Brás Pereira, que estaua preso, porque era parente do morto e auia de querer fazer as cousas de seu regimento, e que auia de fazer muytas diligencias sobre a morte do capitão, e aos que achasse culpados auia de fazer d'elles justiças grandes por ficar timido capitão; e por tanto ambos nom fosse nenhum d'elles capitão, mas que trabalhassem o possiuel porque o fosse Vicente da Fonseca, que fôra de sua consulta e lhes auia de fazer bem.

Ao outro dia, que era de pentycoste, foy solto Brás Pereira e juntos todos os portugueses pera enlegerem quem auia de ser capitão, porque Brás Pereira era capitão mór do mar, e Luis d'Andrade era feitor e alcayde mór, que pelo regimento d'ElRey socedia na capitania per falecimento do capitão; onde o vigairo tudo reuoluia e mexia porque o Vicente da Fonseca fosse capitão. Sendo presente Pero de Moreira, ouvidor, e Gracia da Costa e Vicente Carualho escriuães da feitoria, e os ho-

mens que auia pera ysso, que todos muyto debaterão cada hum como entendia, foy acordado que ambos jurassem e dessem as menagens de cada hum d'elles obedecer ao que fosse dado a voz de capitão. O que assy foy feito; do que se fez auto pubrico per João Botelho, tabalião pubrico, que tudo escreueo; e por * que * era da liga do vigario, pera que Vicente da Fonseca fosse capitão, meteo mais hum ponto que lhe nom mandarão, dizendo que elles Brás Pereira e Luiz d'Andrade obedecerião hum ao outro, qualquer d'elles que fosse feito capitão, assy propriamente como se fosse prouido por ElRey, ou a qualquer outro que fosse dado voz de capitão. O tabalião deu 'assinar o auto a Brás Pereira, que assinou sem lêr; mas Luiz d'Andrade leo primeyro que assinasse, e achando aquelle ponto nom quis assinar; o que vendo Brás Pereira tambem muyto bradou com o tabalião, dizendo que fizera falsidade; e foy riscado o ponto. O que sendo feito, meteose o ouvidor pera dentro da porta da forteleza com os officiaes e pessoas e vigairo que auião de determinar a causa, onde todos tratarão de seu proueito, dizendo que Luiz d'Andrade e Brás Pereira nenhum d'elles fosse capitão, que erão homens que auião de querer gardar o regimento do crauo, que era tanto sua perda de todos; mas fizessem capitão * Vicente da Fonseca *, que era caualleiro e bom homem, e amigo de todos, e lhe nom auia de tolher o crauo. No que o ouvidor muyto debateo que Vicente da Fonseca nom podia ser capitão, que per direito o era Luiz d'Andrade; mas como os mais d'elles forão da liga da morte do capitão, assentarão per vozes e fizerão capitão Vicente da Fonseca, dando rezões por antre ambos nom ficarem compitencias; e forão acima, e soltarão o Vicente da Fonseca, e lhe chamando capitão. No que elle fengidamente mostrou que tal nom aceitaua nem o auia de ser, porque de direito era capitão Luiz d'Andrade. No que debaterão contra elle, que mostrandose forçado disse que pois lho requerião, e auião que era pera seruiço d'ElRey, o aceitaua; mas por seu resguardo lhe dessem hum estormento, que lhe foy dado. Com que então abrirão as portas da forteleza com grandes brados, dizendo: «Viua o» «senhor capitão Vicente da Fonseca!» Ao que nom valeo brados que deu o ouvidor dizendo que tal cousa nom era valiosa, e Luiz d'Andrade dando grandes brados que lhe nom roubassem sua honra. Brás Pereira nom falou, vendo que o mal se fazia a Luiz d'Andrade, que per direito era sua a capitania, e que o capitão espirando lha entregara; o

que o Luiz d'Andrade muyto recramaua, dizendo que Vicente da Fonseca tal nom podia ser, pois fôra em consentimento da morte do capitão sendo presente; requerendo que fosse tornado aos ferros em que estaua preso. Mas nada lh'aproueitou, porque todos erão da parte de Vicente da Fonseca, por seu proueito que esperauão segundo todos os da liga o dizião; com que Luiz d'Andrade ficou com seus 'cramores embalde, tirando seus estormentos.

Então o nouo capitão mandou ao ouvidor que tomasse as chaues da forteleza a Luiz d'Andrade e lhas entregasse. Ao que o ouvidor nom ousou de responder, que temeo que lhe fizessem mal, e lhe dixe: «Se-» «nhor, com esta vara da justiça d'ElRey nosso senhor atéquy tenho» «seruido; d'agora a nom quero seruir mais, e a tome quem toma sua» «justiça; e as chaues tomeas a Luiz d'Andrade quem quiser, que per» «direito são suas e não d'outrem ninguem.» Ao que o Vicente da Fonseca mandou ao tabalião que as fosse tomar, e elle dixe que nom era seu officio. O que vendo o vigairo, que era o Judas n'este feito, foy ao Luiz d'Andrade e lhas pedio que lhas désse, e nom quigesse que lhas tomasse. Elle respondeo: «Quem me roubou minha justiça aquy me» «póde roubar a vida, que as chaues ninguem mas ha de tomar. E vós,» «como principal padrinho d'esta voda, manday fazer outras.» E se foy pera sua pousada, e á porta as mandou quebrar com hum machado. O que o Vicente da Fonseca dessimulou com zombaria, dizendo que era bem que Luiz d'Andrade tiuesse em que se vingar; e se recolheo pera a forteleza, e poz guarda na porta, onde com elle ficarão os de sua valia com o vigairo, que mandara buscar seus jantares, com que fizerão grande banquete e bebida, com trombetas. E o morto capitão foy enterrado por seus criados, que era cousa piadosa de vêr requerendo ao ouvidor que tirasse deuassa da morte do capitão, o que elle nom fez porque mais nom seruio a vara, e o capitão fez outro, chamado Duarte Lopes, christão nouo, que nom fez nada porque o Vicente da Fonseca lho nom mandou, porque sabia o que se acharia se a deuassa se tirasse, e soltou o regedor Cachilato, que era o principal que ferira o capitão, que elle vio por seus olhos e o consentio.

A Raynha ouve muyta paixão porque a trayção se nom acabara como ella quisera, mas contentouse por fiquar por capitão Vicente da Fonseca, de que tinha recado antes do feito que se elle ficasse capitão logo

lh'entregaria ElRey seu filho; e pera ella estar n'ysto mais segura mandou seu recado ás ilhas de Maquiem, onde andauão portugueses fazendo crauo, que os prendessem; o que assy fizerão, e inda matarão alguns. A Raynha mandou dizer a Vicente da Fonseca que folgaua de ser capitão, porque o tinha em conta de seu amigo e de suas cousas; que lhe rogaua que comprisse com ella em lhe dar seu filho, como elle tinha promettido; que por ysso lhe ficaria em muyta obrigação. Sobre o qual recado elle se aconselhou com Afonso Pires, que era seu muyto amigo, e d'elle muyto confiaua, o qual tinha hum filho dos presos que a Raynha tinha de Maquiem, onde tambem os mouros lhe tomarão setenta báres de crauo. Elle, por recobrar sua perda e seu filho, aconselhou ao capitão que concedesse á Raynha o que pedia, com tanto que soltasse os portugueses e entregassem os mouros o crauo que tinhão tomado. Da qual reposta a Raynha se mostrou agastada, e soltou hum dos presos, per que lhe mandou dizer que se espantaua muyto meterlhe condições a lhe dar seu filho que lhe tinha prometido; que indaque lho dera lhe ficauão em poder tres irmãos seus, e Cachilato regedor de seu Reyno; e nom compria com ella como lhe prometera; que por tanto, se lhe nom mandasse seu filho, lhe nom mandasse mais recado. E mandou ao Rey de Bachão que n'ysto a ajudasse; o que ElRey dessimulou, porque era elle muyto fiel amigo d'ElRey de Portugal. E o capitão nom respondeo á Raynha, por ella lhe nom [1] * responder a soltar * os portugueses e pagar seu crauo. Pelo que a Raynha, vendo que o capitão nom lhe mandaua reposta, se foy da cidade, e defendeo que se nom vendessem mantimentos na forteleza, e mandouse queixar ao Rey de Tidore, que era seu sobrinho, que o capitão nom compria com ella em lhe dar seu filho como lhe tinha prometido; pelo que estaua quebrada com elle: que tambem elle assy o fizesse. O que assy sendo chegou a Ternate o nauio d'Anibal Cerniche, de que veo por capitão hum Dinis de Paiua, porque Anibal Cerniche, de Bandá, se fôra pera Malaca; o qual nauio logo o capitão tornou a mandar que pola via de Borneo fosse a Malaca pedir secorro de gente, e de muytas cousas de monições de que estaua muyto falto; e mandou por capitão d'elle Aluaro das Neues, que era seu parente, mas [2] * tornoulho * a tirar e [3] * o * deu a Luis d'Andrade, que lho pedio, que nom

[1] * respondia soltar * Autogr. [2] * tornoulha * Id. [3] * a * Id.

seruio mais seus officios; e lhe deu o nauio porque tinha arreceo que na monção chegando os nauios aueria algum aluoroço a fazer capitão Luis d'Andrade. O qual foy seu caminho, onde teue paixões com homens do nauio sobre suas coúsas, e o quiserão matar, e se foy a Malaca e mostrou ao capitão Gracia de Sá os estormentos que leuaua, e contou o que era feito. Pelo que Gracia de Sá nom quis mandar o nauio nem secorro, auendo por trédor o Vicente da Fonseca; e no nauio mandou Luiz d'Andrade ao Gouernador a que contou estes tantos males. Mas todos huns e outros cada hum fiqou com *o* que tinha de bem de mal, sem auer nenhum castigo, como são todolos males da India, que todos nacem do pouquo temor que os homens tem das justiças, de que na India fazem os Gouernadores zombaria, e assy o fazem os officiaes d'ella.

A Raynha defendeo os mantimentos em tal maneyra que os portugueses forão em muyta necessidade e o capitão, vendo que nom vinha de Bandá hum junqo em que vinha hum Francisco de Sá, que estaua carregado de mantimentos e roupas, o qual nom veo porque ouvindo Francisco de Sá o que era feito em Maluco pareceolhe que o Vicente da Fonseca estaua aleuantado e lhe tomaria o junqo e a fazenda, e por ysso se foy ao porto de Tidore, onde a Raynha logo mandou seu recado, pelo que o Rey prendeo todos os portugueses e lhe tomou a fazenda e queimou o junqo. E a Raynha mandou d'ysto recado ao capitão; ao que elle fez feros, e perante o messigeiro prendeo ElRey e o meteo no sotão da forteleza, e aos irmãos e seus seruidores que com elles estauão, que erão filhos de grandes fidalgos, os mandou carregar de ferros, e assy ás molheres que com elles estauão; e polo messigeiro mandou dizer á Raynha que os portugueses, e as fazendas, e o junqo que ella mandara tomar em Tidore, elle tudo tinha em seu poder metido em ferros, que bem pago estaua. O que ouvido pela Raynha fiqou muy trouada, e mandou rogar ao Rey de Geilolo que concertasse esta deferença, porque ella nom queria guerra com os portugueses, sómente queria seu filho pera o casar e ter herdeiro de seu Reyno. Onde assy estando o messigeiro da Raynha, chegou ao porto Brás Pereira em huma galeota, que o mandou o capitão ao Rey de Geilolo rogar que lhe mandasse vender mantimentos, que a Raynha lhe defendia como molher que era; e por ysso com elle teria toda' boa amizade; e per sua carta rogando a Fernão de la Torre que n'ysso o ajudasse com ElRey. O Rey, ouvindo estas embaixadas, respondeo á Ray-

nha, per conselho de seu regedor e de Fernão de la Torre, que faria com o capitão que lhe désse seu filho, fazendo ella o que lhe o capitão pedia; e mandou vender mantimentos ao capitão, e lhe muyto rogar que désse á Raynha seu filho, e que elle lhe ficaua pelos portugueses presos e per todolas perdas que receberão depois da morte do capitão. Do que lhe mandou suas cartas, e n'ellas assinado tambem Fernão de la Torre, muyto obrigados a tudo comprir. Sobre o que o capitão teue conselho com todos os portugueses, que como cada hum tiraua a seu proueito de cobrarem suas perdas, e terem que comer, que padecião muyta necessidade, aconselharão todos a * o * capitão que fizesse o que lhe pedia o Rey de Geilolo, com tanto que a Raynha désse arrefens a comprir tudo o que [1] * lhes * ficauão o Rey de Geilolo e Fernão de la Torre, vista a necessidade em que estauão. Com a qual reposta mandou Brás Pereira; com que o Rey de [2] * Geilolo * fiqou muyto contente, e lhe mandou carregar a galeota de mantimentos, e outros barqos carregados em muyta abastança. Do qual concerto sendo sabedor o Rey de Tidore, mandou soltar os portugueses, entregar toda a fazenda, e aualiar o junqo pera se pagar. E o gouernador de Geilolo, per mando d'ElRey, com Fernão de la Torre, forão onde estaua a Raynha, onde lá foy tambem o capitão que leuou ElRey, que entregou á Raynha sua mãy; onde todos jurarão de comprirem o que estaua concertado, e os [3] * portugueses * forão entregues, e até pagar as perdas deu em arrefens tres homens principaes do Reyno, que logo tudo foy pago, e a Raynha e todos os pouos fizerão grandes festas com a soltura d'ElRey, com que os nossos ficarão em muyta paz.

CAPITULO XXVIII.

DO FAZIMENTO DA FORTELEZA NO RIO DE CHALE, JUNTO DO REYNO DE CALECUT, CHAMADA SANTA MARIA DO CASTELLO.

O Gouernador, recolhido a Goa pera enuernar, mandou pera capitão de Cochym Francisco de Sá, e Manuel de Sousa com armada de fustas e catures, que andasse na costa do Malauar até que se recolhesse a enuernar em Cochym, onde mandaua que se concertasse 'armada, que El-

[1] * elles * Autogr. [2] * Geylo * Id. [3] * portu * Id.

Rey tinha muyta em Goa e Chaul, porque o Gouernador tomou ás partes toda a que lhe quiserão dar, que lhe mandou pagar da fazenda d'El-Rey como se obrigara pera a hida de Dio, como já fiqua dito. E mandou no inuerno cartas a Francisco de Sá, em que lhe mandou que estiuesse toda 'armada prestes pera a entrada do verão, que com ella se fosse a Cananor. E passado a força do inuerno, na fim d'agosto, que o tempo deu jazigo, o Gouernador, que já estaua prestes, partio de Goa com muyta armada e toda a gente; onde tambem chegou Francisco de Sá, de Cochym, com toda 'armada e gente que tinha; onde com os capitães teue conselho em que lugar faria huma forteleza na costa do Malauar, nom sendo na cidade de Calecut, pera segurar e guardar a saqa da pimenta que os mouros tirauão da costa, e estiuesse segura d'aleuantamentos e guerra, porque cada dia nom quebrassem as pazes com o tirar da pimenta que [1] *passauão* pera Meca e Cambaya; porque com ter huma forteleza na costa perto de Calecut, onde sempre estaria nossa armada, que podia andar na costa nos tempos que os mouros partião, e se recolherião com menos perigo dos temporaes que auia na entrada do inuerno, o que seria com menos gasto e acupação da gente e armada, [2] *ficaria* o Gouernador desacupado com toda a mais gente e armada pera a guerra de Cambaya, que ElRey tanto encommendaua. Onde assy no conselho foy apontado que a tal forteleza fizesse no rio de Chale, que he junto ao Reyno de Calecut pera contra Cochym, duas legoas da cidade de Calecut; de que era Rey hum senhor de pouqas terras, sómente algumas pouoações, e era Rey sobre sy; o qual rio tinha boa entrada pera toda' armada. Do qual rio sayão as mais das nauegações que do Malauar tirauão pimenta; pelo que estando ally forteleza era milhor que em outra nenhuma parte, per todolas rezões que se apontauão, por assy estar no meo da costa. O que todo bem praticado foy assentado que ahy se fizesse a forteleza, que poderia fazer com aprazimento do Rey. No que deu muyta enformação Diogo Pereira, que em tempo do Visorey dom Francisco fora escriuão da feitoria em Cochym.

Logo o Gouernador se partio com tod'armada e foy sorgir sobre o rio de Chale, donde mandou Diogo Pereira ao Rey, que sabia falar a fala, e lhe mandou presente de peças de seda, e pedir licença pera na

[1] *passão* Autogr. [2] *e ficar* Id.

sua terra, na boca do rio, fazer huma casa pera n'ella ter feitoria pera comprar pimenta e gengiure e mercadarias da terra, a troquo de mercadarias do Reyno; de que lhe vimria grande proueito e rendimento, e ás suas gentes. Pera o que assentaria com elle pazes e boas amizades que durarião pera sempre, com muytas liberdades pera suas nauegações, com qûe acrecentaria suas rendas e honras, tendo 'amizade d'ElRey de Portugal; ao que a ysto era ally chegado, e ficaua esperando por sua reposta pera saber o que fosse sua vontade. O Rey folgou muyto com o presente, e com o recado fiqou muyto contente; e nom ousou logo de outorgar por temer que o Rey de Calecut por ysso lhe faria guerra, que tinha grande poder; mas com fengimento de negar mandou pedir ao Gouernador cousas muy fóra de rezão; do que de tudo mandaua dar rezão ao Rey de Calecut, polo comprazer como amigo e visinho. Ao *que* o Rey de Calecut mandou dizer que visse muyto bem o que fazia, porque a forteleza ally em seu rio lhe faria muyto mais perjuizo que na propia cidade de Calecut. Assy que com dessimulação que o Rey de Chale teue com o Rey de Calecut mandandolhe estes recados, tratou tudo que quis com o Gouernador; ao que muyto ajudou o Rey de Tanor, que era seu visinho da outra banda, que era nosso grande amigo. E Diogo Pereira corria *com* tudo; com que o Rey consentio no que o Gouernador pedia. E porque no lugar onde o Gouernador queria fazer a forteleza estaua hum grande palmar, que todo se auia de cortar pera se fazer a obra e ficar campo derrador da forteleza, ElRey toqou n'esta perda de seus moradores; ao que Diogo Pereira entendeo que queria dinheiro, que o Gouernador logo lhe mandou, que forão dous mil pardaos d'ouro, dizendo que elle pagasse os donos do palmar: com que o Rey muyto folgou, porque elle pagaria as palmeiras com pouca cousa e tudo lhe ficaria.

Em quanto estas cousas corrião, o Gouernador ouve saber que hy perto polo rio dentro estaua pedreira de que se podia tirar muyta e boa pedra; a que o Gouernador logo encarregou Pero de Faria que com cem homens guardasse a pedreira que nom se fizesse mal aos caboqueiros; em que logo mandou arranqar a pedra, que em batés se auia de trazer á obra. E tendo o Gouernador já bom recado de Diogo Pereira, entrou no rio com toda' armada, e sayo a terra, e com hum escriuão d'ElRey presente mandou cortar as palmeiras, que nom forão mais que quanto o lugar da forteleza, *acupaua*, com as quaes, e com vallados e madeira

que leuaua, fez huma larga tranqueira muy forte, em que logo assentou muyta artelharia, antre muytos bastiães de cestos de canas que pera ysso leuou, que cheos de terra fazião grande defensão. Na qual cerqua o Gouernador repartio estancias e capitanias de vigia, que encarregou aos fidalgos, em que se recolherão com suas gentes; com que se fez tão forte que se defendera a todo o poder que viera, porque donde tirarão a terra pera os vallados fiqou grande caua que se encheo d'agoa da chuva. Polo que logo começou a obra; que trouxera de Goa muytos pedreiros e cabouqueiros, e muyta cal que leuarão de Cananor e Cochym; e abrio os alicerces, que lhe logo veo muyta pedra, que tudo se fazia com peitas e dadiuas que daua ao Rey e aos seus officiaes porque o nom estoruassem. E na pedreira estaua Pero de Faria com sua gente, com estancia onde estaua de dia e de noite, e daua mesa, e estaua seguro na borda d'agoa, onde estauão os batés com berços, que sempre trazião. Os capitães em suas estancias tambem dauão mesas a suas gentes; e a cal se amassaua com barro da terra, que muyto liaua. A gente foy repartida ao trabalho pelas capitanias, que lhe cabia de quatro em quatro dias, e cada dia erão mais de mil homens de trabalho, com os capitães e gente do mar, e remeiros d'armada, e bragas das galés, com muytos veadores, que cada hum tinha seu cargo. Onde os fidalgos e todo homem carregaua ás costas a pedra e barro, e a primeyra pedra assentou no alicerce o Gouernador por sua mão, e Antonio de Saldanha outra após elle, e assy todos os principaes fidalgos; e todos tão prazenteiros e folgando como se a obra fôra de cada hum d'elles, ou por ysso cada hum tiuera certa mercê; cousa porque ElRey deuia dar a Nosso Senhor muytos louvores por este feruente amor com que os seus o seruem sob o mando de seus Gouernadores, tiranos cobiçosos, tão isentos de fazer mercês senão pera sy e pera os seus de que se esperão seruir e aproueitar; e se alguns cargos dão já vão vendidos com peitas que leuão seus criados, e sacretario, e priuados. E posto que ysto he muy noteficado a ElRey, por nossos pecados nunqua este mal vy emmendado, mas de cada vez impiorado de cada vez pior, e comtudo os portugueses tão incrinados a seruir nos trabalhos muyto milhor que escrauos que esperassem certa 'alforria. E digo eu d'esta cousa porque, agora que ysto escreuo, passa de cincoenta annos que ando n'este rodizio d'este seruiço, aleijado de feridas com que hirey á coua sem satisfação, porque nom tenho outro senhor senão Sua

Alteza, que comecey a seruir de moço da camara quando naceo em Abrantes o Infante dom Luiz, filho d'ElRey dom Manuel e da Raynha dona Maria, que todos estão em gloria.

A forteleza se fez quadrada, e nas tres esquinas feitos cubellos muy largos, redondos, e na outra esquina a torre da menagem de tres sobrados, e os cubellos mociços até o andar das amêas do muro, que per dentro fazia largo andaimo porque abordauão com elle as casas dos aposentos de dentro pera os homens, que forão pera cento e vinte. Em cada cubello se puserão tres peças grossas, e de hum cubello pera outro, no panno do muro, duas peças grossas e tres falcões. E a porta pera a praya com hum falso peyto com que ficaua guardada. Defronte da qual se fez a igreija e pouoação de portugueses, que logo ally se aposentarão e casarão. Na qual obra se deu tal pressa e auiamento que sem contraste algum foy toda acabada até fim de março, e foy começada em fim de outubro d'este presente anno de 531, e lhe pôs o Gouernador Santa Maria do Castello. Da qual fez capitão e feitor Diogo Pereira, em satisfação do muyto trabalho que leuou e porque o Rey o pedio; e fez alcayde mór a Francisco Dayora, e fez todolos outros officiaes, e proueo a feitoria e forteleza de todo o que compria em muyta abastança, e dinheiro e fazenda pera pagamento de tresentos homens, que hy ficarão n'este primeyro anno por resguardo d'algum aleuantamento. E fez capitão do mar Manuel de Sousa, com vinte fustas, com gente pera guarda da costa, e no inuerno fosse enuernar a Cochym, estando a forteleza de paz, deixando hy sómente seis fustas com a gente d'ellas. A qual forteleza nunqua atégora, o anno de 563 que ysto escreuo, se aleuantou; e a causa he porque os capitães som obedientes e amigos do Rey pera fazerem suas compras e vendas pera seus proueitos.

Estando o Gouernador no trabalho do fazer d'esta forteleza, na entrada d'outubro chegarão as naos do Reyno, que forão estas.